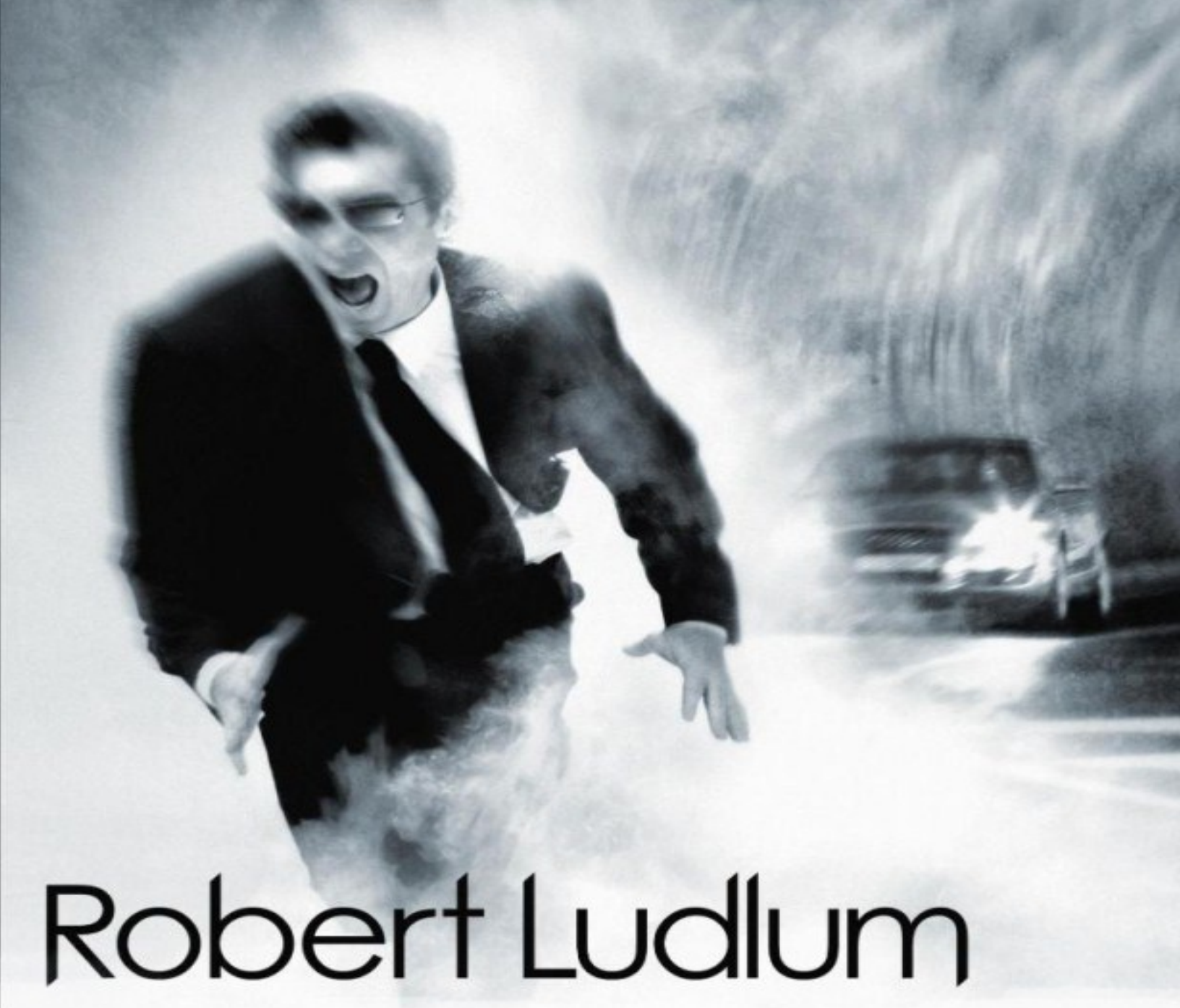




Robert Ludlum

**O ULTIMATO
DE BOURNE**



Robert Ludlum

O ULTIMATO DE BOURNE

Tradução de
AULYDE SOARES RODRIGUES

A stylized, handwritten-style logo for Rocco, featuring the word "Rocco" in a cursive script.

Título original THE BOURNE ULTIMATUM

Printed in Brazil/Impresso no Brasil

Preparação de originais

MARIA ALICE PAES BARRETO

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte. Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

L975u

Ludlum, Robert, 1927

O ultimato de Bourne / Robert Ludlum; tradução de Aulyde Soares Rodrigues. - Rio de Janeiro: Rocco, 1990.

Tradução de: The Bourne ultimatum.

ISBN 85-325-0062-5

I. Ficção estadunidense. I. Rodrigues, Aulyde Soares.

II. Título.

90-0614 CDD-813

CDU-820(73)-3

A Bobbi e Leonard Raichert,
duas pessoas adoráveis que
enriqueceram nossas vidas,
nosso muito obrigado.

PRÓLOGO

A NOITE ENVOLVIA Manassas, Virgínia, o campo com sua misteriosa vida noturna, quando Bourne atravessou silenciosamente o bosque próximo da propriedade do general Norman Swayne. Pássaros assustados fugiam dos seus esconderijos, corvos acordavam nas árvores, crocitavam e depois, verificando que se tratava de um companheiro conspirador à procura de alimento, calavam-se.

Manassas! Ali estava a chave de tudo! A chave da porta subterrânea que levava a Carlos, o Chacal, o assassino que desejava unicamente eliminar David Webb e sua família... Webb! *Afaste-se de mim, David!* exclamou Jason Bourne no silêncio de sua mente. *Deixe que eu seja o assassino que você não pode ser!*

Cada movimento do cortador de metal na cerca alta era uma evidência do inevitável, confirmado ainda pela respiração ofegante e pelo suor que descia da sua testa. Por melhor que fosse seu preparo físico, tinha cinquenta anos e não podia fazer com facilidade, o que fazia em Paris há 13 anos, quando, obedecendo ordens, tocaiava o Chacal. Era algo para pensar, não para ruminar. Agora havia Marie e as crianças — a mulher de David, os filhos de David — e não havia *nada* que não pudesse fazer desde que se resolvesse! David Webb começava a desaparecer de sua mente, dando lugar ao predador Jason Bourne.

Estava passando! Rastejou sob a abertura e ficou de pé no outro lado, verificando instintivamente o equipamento que carregava. Armas: uma automática, uma pistola com dardos de CO₂. Um binóculo Zeiss Ikon, uma faca de caça na bainha. Era tudo que o predador precisava, pois estava agora atrás das linhas do inimigo que o levaria a Carlos.

Medusa. O batalhão desgarrado do Vietnã, o bando errante, desautorizado, desconhecido, de matadores e desajustados, que assolava as selvas do Sudeste da Ásia sob as ordens do Comando Saigon, o primeiro esquadrão da morte que fornecia mais informações a Saigon do que todas as equipes de busca e destruição juntas. Quando Jason Bourne saiu de Medusa, David Webb era apenas uma lembrança — um professor com outra mulher, outros filhos, todos eliminados.

O general Norman Swayne era um membro da elite do Comando Saigon, o único provedor da antiga Medusa. E agora havia uma *nova* Medusa: diferente, maciça, a própria encarnação do mal sob o manto de uma respeitabilidade temporária, que procurava e destruía segmentos das economias globais em benefício de uns poucos, financiada pelo lucro adquirido por meio de um batalhão antigo e desgarrado, errante e desconhecido — completamente fora da história. Essa Medusa

moderna era a ponte para Carlos, o Chacal. Sem dúvida seria um cliente irresistível para o assassino e os dois lados exigiriam a morte de Jason Bourne. *Isso* tinha de acontecer! Para tanto, precisava descobrir os segredos guardados na propriedade do general Swayne, chefe de manutenção do Pentágono, um homem assustado, com uma tatuagem na parte interna do braço. Um membro da Medusa.

Silenciosamente e de surpresa, um dobermann negro saltou de dentro dos arbustos com fúria e força totais. Jason retirou a pistola de CO2 do coldre no momento em que o cão, salivando e com os dentes arreganhados, saltou para ele. Atirou na cabeça do animal e o dardo produziu efeito em poucos segundos. Jason Bourne ajeitou o cão inconsciente no chão.

Corte o pescoço dele! gritou Jason Bourne em silêncio.

Não, respondeu seu outro eu, David Webb. *A culpa é do treinador, não do animal.*

Afaste-se de mim, David!

A MULTIDÃO INVADIU o parque de diversões próximo do centro de Baltimore, num barulho descontrolado. Era uma noite quente de verão e o suor brotava dos pescoços e rostos, exceto dos que desciam e subiam gritando na montanha-russa ou mergulhavam com seus trenós como peixes nas águas rápidas das corredeiras. As luzes de cores vivas piscavam loucamente no centro do parque, ao som metálico e áspero da música dos inúmeros alto-falantes — *calliopes presto*, *marchas prestissimo*. Os homens nas portas das barracas gritavam, mais do que o vozerio, anunciando sua mercadoria em cantilenas monótonas, enquanto explosões momentâneas iluminavam o céu escuro, lançando cascatas de fagulhas brilhantes sobre o pequeno lago negro. Os fogos de artifício desenhavam arcos de brilho ofuscante.

Na frente da fileira de máquinas “acerte no gongo”, homens com rostos contorcidos e veias saltadas nos pescoços tentavam com insistência e frustração provar a própria masculinidade, batendo os martelos com força nas tábuas viciadas que se recusavam a mandar as bolinhas vermelhas até o sino. No outro lado, os motoristas dos “carros trombada” gritavam com entusiasmo ameaçador, atirando seus veículos sobre os outros, cada colisão um triunfo de agressiva superioridade, cada combatente um herói de cinema que supera todas as dificuldades. *Tiroteio no Curral O.K.* Às 9:27h da noite, num conflito sem nenhum significado.

Mais adiante havia um pequeno monumento à morte súbita, uma galeria de tiro que em nada se parecia com as galerias inocentes de calibre mínimo comum aos parques de diversões. Era um microcosmo do mais letal equipamento de armamentos modernos. Havia imitações das metralhadoras de mão MAC-10 e UZI, lançadores de mísseis com molduras de aço, bazucas antitanque, e, finalmente, uma réplica assustadora de um lança-chamas cuspidor seus raios mortais em linha reta entre enormes nuvens de fumaça. Ali, também, o suor pingava nos olhos frenéticos, descendo pelos pescoços esticados dos homens, mulheres e crianças que, com expressões grotescas nos rostos crispados, destruíam inimigos odiados — mulheres, maridos, pais e filhos. Todos presos com os grilhões de uma guerra sem fim, sem significado — às 9:29h da noite, num parque de diversões cujo tema era a violência. O homem, incansável e sem motivo, contra ele mesmo e contra todas as suas hostilidades, contra seus temores.

Um homem magro com uma bengala na mão direita passou mancando pelo stand onde dardos com pontas agudas eram atirados raivosamente nos balões com

desenhos dos rostos de figuras públicas. Quando um balão estourava começavam as discussões acaloradas sobre os méritos e os defeitos dos ídolos políticos reduzidos a frangalhos. O homem seguiu pela passagem central, com olhar atento, como quem procura um endereço num bairro barulhento e desconhecido. Estava vestido com simplicidade, com paletó e camisa esporte, como se não sentisse o calor e o paletó fosse, de certo modo, uma necessidade. Parecia um agradável homem de meia-idade, com rugas prematuras e olheiras profundas, resultado mais da vida que levava do que da idade. Chamava-se Alexander Conklin, oficial aposentado de operações de espionagem da CIA. Nesse momento era também um homem apreensivo e dominado pela ansiedade. Não queria estar ali, àquela hora, e não podia imaginar qual a catástrofe que o obrigara a ir ao parque de diversões.

Aproximou-se do pandemônio da galeria de tiro e de repente parou com uma exclamação abafada e os olhos fixos num homem alto e semicalvo, da sua idade, com um paletó esporte de algodão no ombro. *Morris Panov* vinha da direção oposta à sua e dirigia-se ao balcão barulhento da galeria! *Por quê?* O que estava *acontecendo?* Conklin olhou em volta rapidamente, examinando rostos e corpos, sabendo instintivamente que ele e o psiquiatra estavam sendo observados. Era tarde demais para impedir que Panov entrasse no centro da arena, mas talvez não fosse tarde para a fuga dos dois! O agente aposentado da Inteligência apanhou a Beretta sob o paletó, sua companheira inseparável, e investiu rapidamente, mancando, afastando o povo com a bengala, amassando rótulas, espetando barrigas, peitos e costas, até quase provocar uma desordem, entre gritos indignados. Atirou-se então sobre o corpo frágil do médico atônito, gritando, mais alto que os berros da multidão.

— Que diabo *você* está fazendo aqui?

— Suponho que o mesmo que *você*, David, ou devo dizer *Jason*? Era o que dizia o telegrama.

— É uma *cilada*!

Um grito estridente soou no meio do vozerio desordenado. Conklin e Panov olharam imediatamente para a galeria de tiro. Uma mulher obesa acabava de levar um tiro no pescoço. A multidão enlouqueceu. Conklin voltou-se, procurando descobrir a direção do tiro, mas no meio daquele pânico viu apenas vultos que fugiam. Agarrou Panov e conduziu-o para longe, mais uma vez enfrentando a multidão estridente e apavorada da passagem central até a outra multidão que corria em sentido contrário, do lado da montanha-russa, no fim do parque, em direção ao stand de tiro.

— Meu *Deus*! — gritou Panov. — Aquilo era para um de *nós*?

— Talvez sim... talvez não — respondeu Conklin ofegante, ouvindo as sirenes e os apitos da polícia ao longe.

— Você disse que era uma *cilada*!

— Porque nós dois recebemos um telegrama maluco de David usando o nome que não usa há cinco anos — *Jason Bourne*! E se não estou enganado, sua mensagem dizia também que *de modo algum* devia telefonar para a casa dele.

— Isso mesmo.

— É uma cilada... Você é mais rápido do que eu, Mo, portanto use suas pernas. Saia daqui — corra como um filho da mãe até o primeiro telefone. Um *telefone público*, nada que possa ser localizado!

— Para quê?

— Telefone para a casa dele! Diga a David que deve mandar Marie e as crianças para bem longe.

— *O quê?*

— Alguém nos descobriu, doutor! Alguém que está procurando Jason Bourne — que o procura há anos e só vai parar quando o tiver na mira da sua arma... Você se encarregou da mente abalada de David e eu usei toda a minha influência em Washington para tirar David e Marie vivos de Hong Kong... As regras foram violadas e eles nos descobriram, Mo. *Você e eu*! Somos a única ligação oficial com Jason Bourne, endereço e ocupação desconhecidos.

— Você sabe o que está dizendo, Alex?

— Pode estar certo que sim... É Carlos. Carlos, o *Chacal*. Saia daqui, doutor. Fale com seu ex-paciente e diga para ele desaparecer!

— Depois, o que ele deve fazer?

— Não tenho muitos amigos, nenhum em quem possa confiar, mas você tem. Dê a ele o nome de alguém — por exemplo, de um dos seus colegas que recebe chamados urgentes como os meus para você, naquele tempo. Mande David telefonar para ele — ou para ela — quando estiver em lugar seguro. Invente um código.

— Um *código*?

— Jesus Cristo, Mo, use a *cabeça*! Um pseudônimo, Jones ou Smith...

— São nomes muito comuns...

— Tom Schicklgruber ou Moskowitz, o que você *preferir*. Diga a ele para nos dizer onde está.

— Tudo bem.

— Agora, suma daqui e *não vá* para casa... Fique no Hotel Brookshire, em Baltimore, sob o nome de... Morris, Phillip Morris. Encontro-me com você lá, mais tarde.

— O que vai fazer?

— Uma coisa que detesto... Sem a minha bengala, vou comprar um bilhete para aquela maldita montanha-russa. Ninguém vai procurar um aleijado numa coisa daquelas. Eu morro de medo, mas é meu caminho lógico de fuga, nem que tenha de

ficar naquele carro a noite toda... Agora, suma daqui! *Depressa!*

A caminhonete seguia velozmente para o sul pela estrada secundária que atravessa as montanhas de New Hampshire, na direção da divisa de Massachusetts, dirigida por um homem alto, de traços marcantes e expressão intensa, com os músculos do rosto pulsando e os olhos azul-claros furiosos. A luz do painel acentuava os tons avermelhados dos cabelos castanhos da mulher extremamente atraente que estava ao seu lado, levando no colo uma menina de oito meses. No primeiro banco traseiro estava um menino louro de uns cinco anos adormecido sob o cobertor, protegido por uma grade portátil. O pai era David Webb, professor de estudos orientais, mas no passado membro da infame e nunca mencionada Medusa, duas vezes o lendário Jason Bourne — assassino.

— Sabíamos que ia acontecer — disse Marie St. Jacques Webb, de nacionalidade canadense, economista, que havia salvo a vida de David Webb por acidente. — Era só uma questão de tempo.

— *É loucura!* — disse David em voz baixa, para não acordar as crianças, sem que a tonalidade da voz diminuísse sua intensidade. — Tudo foi enterrado, arquivos de segurança máxima e toda aquela bobagem! Como foi que puderam *encontrar* Alex e Mo?

— Não sabemos, mas Alex vai procurar descobrir. Você mesmo disse que não existe ninguém melhor do que ele...

— Alex está marcado agora — é um homem morto — interrompeu Webb com voz sombria.

— É muito cedo para dizer isso, David. Ele é o “melhor que já existiu”, como você sempre disse.

— Só uma vez ele não foi o melhor. Em Paris, há 13 anos.

— Porque você era melhor do que ele...

— Não! Porque eu não sabia quem eu era, e ele estava operando baseado em informações anteriores que eu não conhecia. Ele pensou que era *eu*, mas eu não *me* conhecia, por isso não agi como ele esperava... Alex ainda é o melhor. Salvou nossas vidas em Hong Kong.

— Então você está dizendo o que eu estou dizendo, certo? Estamos em boas mãos.

— Alex talvez. Mo, não. Aquele pobre e belo homem está morto. Eles vão apanhá-lo e fazê-lo falar.

— Mo prefere morrer a dar qualquer informação a nosso respeito.

— Não terá escolha. Vão enchê-lo de amital e toda sua vida será um livro aberto. Então, eles o matam e vêm atrás de mim... atrás de nós. Por isso estou levando você e as crianças para o sul, *bem* para o sul. Para o Caribe.

— Vou mandar as *crianças*, querido. Eu não vou.

— Quer *parar* com isso? Concordamos quando Jamie nasceu. Por isso compramos aquela casa, por isso quase compramos a *alma* do seu irmão caçula para tomar conta dela... O que ele está fazendo muito bem. Hoje somos proprietários de metade de uma estalagem muito próspera numa estrada de terra, numa ilha, desconhecida até o dia em que um negociante canadense aportou em suas praias com um hidravião.

— Johnny sempre foi do tipo agressivo. Papai dizia que ele era capaz de vender uma vaca velha como vitela de primeira qualidade, que ninguém ia notar a diferença.

— O importante é que ele te ama... e ama as crianças. Estou contando também com aquele homem selvagem... Deixe para lá, confio em Johnny.

— Enquanto vai confiando em Johnny, não confie também no seu senso de direção. Acabou de passar a entrada para a casa na floresta.

— Droga! — exclamou Webb, freando e fazendo uma volta completa. — *Amanhã!* Você, Jamie e Alison embarcam no Aeroporto Logan. Para a ilha!

— Vamos conversar sobre isso, David.

— Não temos nada para conversar. — Webb respirou fundo, procurando se controlar. — Eu já passei por isto antes — disse em voz baixa.

Marie olhou passivamente para o rosto do marido, delineado pela luz fraca do painel. O que viu a assustou mais do que o espectro do Chacal. Não estava olhando para David Webb, o professor de fala macia. Olhava para um homem que os dois julgavam ter desaparecido para sempre de suas vidas.

ALEXANDER CONKLIN entrou na sala de conferências da Agência Central de Inteligência, Virgínia, apoiado na bengala. Parou na frente dos três homens sentados à mesa longa e maciça com lugar para 30 pessoas. Na cabeceira estava o grisalho diretor da CIA. Nem ele nem os dois assistentes mais graduados da Agência pareciam satisfeitos em vê-lo. Depois dos cumprimentos formais, Conklin, em vez de ocupar o lugar designado para ele, ao lado de um dos diretores, à direita do diretor geral, sentou-se na outra extremidade e bateu com a bengala na ponta da mesa.

— Agora que nos cumprimentamos, podemos excluir as amenidades, senhores?

— Não está sendo muito amistoso, Sr. Conklin — observou o diretor.

— Não estou pensando em amabilidade ou em cortesia neste momento, *senhor*. Só quero saber por que os regulamentos secretos Quatro Zero foram ignorados, permitindo o vazamento de informações ultra-sigilosas que colocam em perigo algumas vidas, incluindo a minha!

— Isso é uma *ofensa*, Alex — interrompeu um dos assistentes.

— Completamente incorreto! — acrescentou o outro. — Não pode acontecer e você sabe disso!

— Não, eu não sei se aconteceu e vou lhes dizer o que é ultrajantemente *correto* — disse Conklin furioso. — Um homem está lá fora com mulher e dois filhos, um homem a quem este país e grande parte do mundo devem mais do que podem pagar, fugindo, escondendo-se, apavorado com a idéia de que ele e sua família são agora alvos. Demos a ele nossa palavra, *nós* todos, de que nenhuma parte dos arquivos oficiais jamais seria revelada, até ser confirmada, sem sombra de *dúvida*, a morte de Ilich Ramirez Sanchez, conhecido também como Carlos, o Chacal... Tudo bem, ouvi os mesmos boatos que vocês ouviram, provavelmente das mesmas fontes ou de outras melhores, de que o Chacal fora morto aqui ou executado ali, mas ninguém — repito, *ninguém* — apresentou uma prova definitiva... Contudo, uma parte daquele arquivo foi vazada, uma parte de importância vital que me diz respeito muito de perto porque nela consta meu nome... O meu e o do Dr. Morris Panov, o psiquiatra. Somos as únicas pessoas — repito, as *únicas* — intimamente associadas com o homem que adotou o nome de Jason Bourne, considerado em todos os setores oficiais como o rival de Carlos no jogo da morte... Mas essa informação está enterrada nos cofres aqui em Langley. Como foi que vazou? Segundo as regras, quem desejar parte desses arquivos — seja a Casa Branca, o

Departamento de Estado ou os sagrados Chefes das Forças Armadas — tem de passar pelos escritórios do diretor e dos seus principais analistas — aqui em Langley. Devem ser informados sobre todos os detalhes da requisição, e depois disso tudo há um passo final. *Eu*. Qualquer requisição antes de ser aprovada tem de ter *meu* aval, ou, se eu não for encontrado, devem procurar o Dr. Panov, as únicas duas pessoas com poder legal para negar a requisição... É assim que funciona, senhores, e ninguém conhece as regras melhor do que eu porque ajudei a redigi-las — aqui mesmo em Langley, porque era o lugar que eu conhecia melhor. Depois de 28 anos nesta profissão difícil, foi minha última contribuição — com autoridade máxima do presidente dos Estados Unidos e o consentimento do Congresso, através dos comitês especiais de Inteligência do Senado e Câmara.

— Isso é artilharia pesada, Sr. Conklin — comentou o diretor grisalho sem fazer um movimento, com voz neutra.

— Havia razões pesadas para usar os canhões.

— Estou vendo. Um dos 16 polegadas me atingiu.

— Certo. Agora, temos a questão de responsabilidade. Quero saber como a informação veio à tona e a *quem* foi dada.

Os dois diretores assistentes começaram a falar ao mesmo tempo, tão furiosos quanto Alex, mas foram interrompidos pelo DCI que tocou de leve os braços deles com o cachimbo numa das mãos e o isqueiro na outra.

— Mais devagar e voltemos um pouco atrás, Sr. Conklin — disse ele com calma, acendendo o cachimbo. — Evidentemente conhece meus companheiros, mas nós dois nunca nos vimos antes, certo?

— Não. Deixei a Agência há quatro anos e meio e o senhor foi nomeado um ano depois.

— Como muitos outros — com toda razão, estou certo — acha que fui nomeado por nepotismo?

— Sem dúvida foi, mas isso não me perturbou. O senhor parecia qualificado para o posto. Ao que sei, sempre foi apolítico, almirante formado em Anápolis, chefe da Inteligência Naval que, por acaso, trabalhou com um coronel da marinha na guerra do Vietnã, que mais tarde chegou à presidência. Passou por cima de muitos outros, é verdade, mas isso acontece. Nada de bronca.

— Muito obrigado. Mas, por acaso tem alguma bronca com meus dois diretores assistentes?

— Isso já é história, mas não posso dizer que tenham sido os melhores amigos que um agente de campo já teve. Eram analistas, não homens de trabalho de campo.

— Não está falando de uma aversão natural, uma hostilidade convencional?

— É claro que estou. Eles analisavam situações a milhares de quilômetros de distância com computadores programados por homens que nós não conhecíamos e

dados não fornecidos por nós. É claro que se trata de uma aversão natural. Tratávamos com quocientes humanos, eles não. Trabalhavam com letrinhas verdes na tela do computador e tomavam decisões que nós jamais tomaríamos.

— Isso porque pessoas como você tinham de ser *controladas* — observou o diretor assistente à direita do chefe.

— Quantas vezes, mesmo hoje, homens e mulheres como você desconhecem o quadro total de uma missão? A estratégia *total* e não apenas a *sua* parte nela?

— Então deviam nos dar um quadro geral, ou pelo menos uma idéia geral, para podermos dizer o que fazia sentido e o que não estava certo.

— Onde termina uma visão geral, Alex? — perguntou o assistente à esquerda do diretor. — Quando é que devemos dizer, “podemos revelar isto... para o bem de todos”?

— Não sei, os analistas são vocês, não eu. De acordo com cada caso, eu suponho, mas de qualquer modo com uma comunicação mais completa do que eu recebia em campo... Esperem um pouco. *Eu* não estou em discussão, *vocês* estão. — Alex olhou para o diretor. — Muito hábil, *senhor*, mas não vou deixar que mudem de assunto. Estou aqui para descobrir quem conseguiu a informação e como. Se preferem, levo minhas credenciais à Casa Branca ou ao Congresso e algumas cabeças vão rolar. Quero respostas. Quero saber o que vou *fazer*!

— Eu não estava tentando mudar de assunto, Sr. Conklin, apenas desviá-lo um pouco para reforçar minha opinião. O senhor, obviamente, era contra os métodos e acordos usados por meus companheiros, mas algum destes homens alguma vez o enganou, mentiu para o senhor?

Alex olhou rapidamente para os dois diretores assistentes.

— Só quando precisaram mentir para mim, o que nada teve a ver com a operação de campo.

— Uma estranha observação.

— Se eles não lhe contaram, deviam ter contado... Cinco anos atrás eu era alcoólatra — ainda sou, mas não bebo mais. Eu estava encurtando o tempo da minha aposentadoria e ninguém me informou disso, o que foi a coisa certa.

— Para sua informação, o que todos disseram foi que o senhor ficou doente, não estava funcionando ao nível da sua capacidade real, até o fim do seu serviço.

Conklin olhou outra vez para os dois assistentes, balançando a cabeça afirmativamente para ambos enquanto dizia:

— Obrigado, Casset, e a você também, Valentino, mas não precisavam fazer isso. Eu era um bêbado e isso não deve ser segredo, tratando-se de mim ou de qualquer outro. É a maior bobagem que podem fazer por aqui.

— Ao que sabemos, você fez um belo trabalho em Hong Kong, Alex — disse Casset, em voz baixa. — Não queríamos privá-lo do que merecia.

— Você foi uma pedra no sapato desde o começo — acrescentou Valentino. — Mas não podíamos deixá-lo dependurado como um acidente da bebida.

— Esqueça. Voltemos a Jason Bourne. Por isso estou aqui, por isso vocês concordaram em falar comigo.

— Esse foi um dos motivos que me fizeram mudar de assunto por um momento, Sr. Conklin. O senhor tem certas diferenças profissionais com meus assistentes, mas estou certo de que não questiona sua integridade.

— De outros sim, mas não de Casset e Val. No que me diz respeito, eles fizeram seu trabalho e eu fiz o meu. O sistema era falho — mergulhado na neblina. Mas agora *não está, hoje* não está mais. As regras são claras e absolutas, assim, uma vez que não fui procurado, elas foram quebradas e *eu* enganado, para dizer a verdade, *mentiram* para mim. Repito. Como aconteceu e *quem* obteve as informações?

— Era tudo que eu queria ouvir — disse o diretor, apanhando o telefone. — Por favor, chame o Sr. DeSole no outro lado do corredor e peça para vir à sala de conferências. — Desligou e voltou-se para Conklin. — Suponho que sabe quem é Steven DeSole.

— DeSole, a toupeira muda.

— Como disse?

— Uma velha piada na agência — explicou Casset. — Steve sabe onde estão enterrados os corpos, mas quando chega a hora ele não conta nem para Deus, se não tiver a ordem de liberação Quatro Zero.

— Posso dizer então que os três, especialmente o Sr. Conklin, consideram o Sr. DeSole um profissional perfeito.

— Deixem que eu respondo — disse Alex. — Ele diz tudo o que a pessoa precisa saber e nada mais. Além disso, ele não mente. Fica de boca fechada ou diz que não pode revelar, mas não mente.

— Essa é outra coisa que eu queria ouvir.

Bateram na porta e o diretor mandou entrar. Um homem gorducho, de estatura média, com os olhos aumentados pelas lentes dos óculos de aro de metal entrou na sala e fechou a porta. Olhou casualmente para os três homens sentados na cabeceira da mesa e só depois, com espanto evidente, viu Alexander Conklin. Num instante sua expressão passou para uma de surpresa agradável e aproximou-se do antigo agente com a mão estendida.

— É bom ver você, velho amigo. Faz uns dois ou três anos, certo?

— Quase quatro, Steve — disse Alex, apertando a do recém-chegado. — Como vai o analista dos analistas, o guardião das chaves?

— Sem muita coisa para analisar ou para guardar hoje em dia. A Casa Branca é uma peneira e o Congresso não fica atrás. Eu devia estar recebendo metade do que

recebo, mas não conte a ninguém.

— Ainda guardamos alguns segredos, certo? — interrompeu o diretor com um sorriso. — Pelo menos de operações antigas. Talvez naquele tempo você merecesse o dobro do ordenado.

— Sim, acho que merecia. — DeSole fez um gesto afirmativo e bem-humorado, soltando a mão de Conklin. — Porém, acabaram os dias de guardiões dos arquivos e transferências com guardas armados para os armazéns subterrâneos. Hoje tudo é feito com análises de computadores alimentados pelas máquinas mais especializadas. Não faço mais aquelas longas viagens com escolta militar, fingindo que podia ser deliciosamente atacado por alguma Mata Hari. Não sei há quanto tempo não prendo uma valise ao pulso com a corrente e cadeado.

— Muito mais seguro — disse Alex.

— Mas pouco para contar aos meus netos, companheiro... “O que você fez como um Grande Espião, vovô?”... “Na verdade, nos últimos anos, muitas palavras cruzadas”.

— Tenha cuidado, Sr. DeSole — advertiu o diretor, sorrindo. — Posso recomendar o corte do seu ordenado pela metade... Pensando bem, não posso fazer isso porque não acredito nem um pouco no que está dizendo.

— Eu também não — disse Conklin, zangado e sem erguer a voz. — Isto é uma farsa — continuou, olhando fixamente para o gordo analista.

— Uma observação contundente, Conklin. Não quer explicar? — disse DeSole.

— Você sabe por que estou aqui, não sabe?

— Eu não sabia que você *estava* aqui.

— Compreendo. Só aconteceu de estar convenientemente “no outro lado do corredor” à espera de ser chamado.

— Meu *escritório* fica no outro lado do corredor. Bem mais adiante, devo acrescentar.

Conklin olhou para o diretor.

— Foi outra vez muito hábil, *senhor*. Três homens com os quais nunca tive contatos importantes fora do sistema, três homens nos quais sabia que eu confio piamente, garantindo assim que vou acreditar no que quer que disserem.

— Basicamente está certo, Sr. Conklin, porque o que vai ouvir é a pura verdade. Sente-se, Sr. DeSole... Talvez nesta ponta da mesa, onde seu ex-colega pode nos estudar enquanto explicamos. Ouvi dizer que é uma técnica usada pelos agentes de campo.

— Eu não tenho de dar *nenhuma* explicação — disse o analista, dirigindo-se para a cadeira ao lado de Casset. — Mas, considerando as observações um tanto grosseiras do meu ex-colega, gostaria de poder *estudá-lo*... Você está *bem*, Alex?

— Ele está bem — respondeu o assistente Valentino. — Está rosnando para as

sombras erradas, mas está bem.

— Aquela informação não podia ter sido liberada sem o consentimento e a cooperação das pessoas que estão nesta sala!

— Que informação? — perguntou DeSole, arregalando os olhos para o diretor.
— Ah, sei, aquela coisa ultra-secreta sobre a qual me falou esta manhã?

O diretor fez um gesto afirmativo e depois olhou para Conklin.

— Voltemos a esta manhã... Sete horas atrás, um pouco depois das nove, recebi um telefonema de Edward McAllister, ex-funcionário do Departamento de Estado, hoje presidente da Agência de Segurança Nacional. Disseram-me que McAllister esteve com o senhor em Hong Kong, Sr. Conklin, isso é correto?

— O Sr. McAllister estava conosco — concordou Conklin secamente. — Voou sob disfarce com Jason Bourne para Macau, onde foi gravemente ferido a bala e quase morreu. É um intelectual excêntrico e um dos homens mais bravos que já conheci.

— Ele não mencionou as circunstâncias, disse apenas que esteve lá e que nem que fosse preciso rasgar minha agenda, esta conversa com o senhor devia ter prioridade máxima... Artilharia pesada, Sr. Conklin.

— Repito. Temos razões pesadas para os canhões.

— É o que parece... O Sr. McAllister deu-me os códigos ultra-secretos exatos para identificar o arquivo do qual o senhor está falando — o registro da operação em Hong Kong. Passei a informação ao Sr. DeSole, portanto vou deixar que ele lhe conte o que descobriu.

— Não foi tocado, Alex — disse DeSole com calma, olhando para Conklin. — Até as 9:30h desta manhã, o arquivo permaneceu num buraco negro há quatro anos, cinco meses, vinte e um dias, onze horas e quarenta e três minutos, sem ter nenhuma penetração. E há uma boa razão para que esse status seja puro, mas não sei se você tem ou não conhecimento dele.

— No que diz respeito a esse relatório, eu sei *tudo*!

— Talvez sim, talvez não — disse DeSole suavemente. — Todos sabiam que você tinha um problema e o Dr. Panov não tem tanta experiência em assuntos de segurança.

— Aonde, diabo, quer chegar?

— Foi acrescentado um terceiro nome aos procedimentos de liberação daquele relatório oficial sobre Hong Kong... Edward Newington McAllister, por insistência dele próprio e com autorização do presidente e do Congresso. Ele providenciou tudo.

— Oh, meu *Deus* — disse Conklin em voz baixa e hesitante. — Ontem à noite telefonei para ele, de Baltimore, e McAllister disse que era *impossível*. Depois disse que eu teria de compreender por mim mesmo, por isso marcou este encontro... Jesus,

o que *aconteceu*?

— Eu diria que temos de procurar em outro lugar — disse o diretor. — Mas antes disso, o senhor precisa tomar uma decisão. O senhor compreende, nenhum de nós sabe o que havia naquele arquivo ultra-secreto... É claro que conversamos e como o Sr. Casset disse, sabemos que fez um trabalho magnífico em Hong Kong, mas não sabemos *o quê*. Ouvimos alguma coisa dos nossos postos no Extremo Oriente que, para ser franco, achamos que devia ser exagero e em todos os relatos seu nome e o de Jason Bourne apareciam com destaque. O que diziam era que os dois eram responsáveis pela captura e execução do assassino que conhecemos *como* Bourne, porém, há pouco o senhor disse “o homem desconhecido que *adotou* o nome de Jason Bourne”, declarando que ele está vivo e escondido. Para ser específico, estamos perdidos — pelo menos *eu* estou.

— Vocês não retiraram os arquivos?

— Não — respondeu DeSole. — A decisão foi minha. Como você deve ou não saber, qualquer invasão de um arquivo de sigilo máximo é automaticamente marcada com a hora e a data da penetração... Desde que o diretor me informou da reclamação da Agência de Segurança sobre uma entrada ilegal, resolvi deixar tudo exatamente como estava. Sem nenhuma penetração durante quase cinco anos, portanto sem que ninguém tivesse lido ou mesmo soubesse da sua existência, conseqüentemente, não entregue a pessoas mal-intencionadas, sejam elas quais forem.

— Você estava protegendo seu traseiro até o último milímetro.

— Pode estar certo disso, Alex. Aqueles dados têm uma bandeira da Casa Branca. No momento as coisas estão relativamente estáveis por aqui e não convém a ninguém passar a mão no sentido contrário dos do Escritório Oval. Temos um homem novo na chefia, mas o ex-presidente está ainda muito vivo e atuante. Ele seria consultado, portanto, por que arriscar?

Conklin examinou os quatro rostos à sua frente e disse em voz baixa:

— Então vocês na verdade *não* conhecem a história, certo?

— Essa é a verdade, Alex — disse o diretor assistente Casset.

— Nada mais do que a verdade, seu chato — disse Valentino, permitindo-se um leve sorriso.

— Dou minha palavra — acrescentou Steven DeSole com os olhos claros fixos em Conklin.

— E se você quiser nossa ajuda, precisamos saber algo mais do que rumores vagos — continuou o diretor, recostando-se na cadeira. — Não sei se *podemos* ajudar, mas sei que assim, no escuro, nada podemos fazer.

Alex olhou novamente para cada um deles, as linhas no rosto cansado mais profundas do que nunca, como se a decisão fosse uma agonia para ele.

— Não vou dizer o nome dele porque dei minha palavra — mais tarde talvez,

agora não. E ele não consta do relatório, é um nome secreto — dei minha palavra sobre isso também. O resto eu vou contar porque preciso da sua ajuda e quero que o arquivo continue no seu buraco negro... Por onde devo começar?

— Por esta reunião, talvez? — sugeriu o diretor. — O que a motivou?

— Muito bem, vai ser rápido. — Conklin olhou pensativamente para a mesa, apertando o cabo da bengala e então ergueu os olhos. — Ontem à noite uma mulher foi assassinada num parque de diversões perto de Baltimore...

— Li o caso no *Post* esta manhã — interrompeu DeSole com um gesto afirmativo, sorrindo de leve. — *Meu Deus*, você estava...

— Eu também li — disse Casset, com os olhos castanhos fixos em Alex. — Aconteceu na frente de uma galeria de tiro, que foi fechada.

— Eu vi a notícia e pensei que se tratava de um acidente terrível. — Valentino balançou a cabeça. — Não li os detalhes.

— Eu recebi os recortes costumeiros dos jornais, o que é jornalismo suficiente para qualquer um, logo de manhã — disse o diretor. — Não me lembro de ter visto esse caso.

— *Você* estava envolvido, meu velho?

— Se não estava, foi um horrível desperdício de vida humana... eu diria, se nós não estávamos envolvidos.

— *Nós?* — Casset franziu a testa, alarmado.

— Morris Panov e eu recebemos telegramas idênticos de Jason Bourne pedindo que estivéssemos no parque de diversões às 9:30h da noite de ontem. Era urgente e devíamos nos encontrar com ele na frente da galeria de tiro, mas não devíamos, sob qualquer circunstância, telefonar para a casa dele ou para qualquer outra pessoa... Tivemos a mesma intuição. Ele não queria assustar a mulher, não queria que ela soubesse o que ia nos dizer pessoalmente... Chegamos na mesma hora, mas eu vi Panov primeiro e deduzi que alguma coisa estava errada. O certo seria nos encontrarmos antes para conversar, mas fomos advertidos para não fazer isso. A coisa cheirava mal, por isso fiz tudo para que pudéssemos sair dali o mais depressa possível. O único modo era usando uma tática de diversão.

— Então você atacou — disse Casset em tom afirmativo.

— Foi a única coisa que me veio à mente, e uma das poucas que esta bengala sabe fazer bem, além de me ajudar a ficar de pé. Parti todas as canelas e joelhos que estavam na minha frente e espetei algumas barrigas e seios. Saímos do círculo, mas a pobre mulher foi assassinada.

— O que você acha que aconteceu, chegou a alguma *conclusão*? — perguntou Valentino.

— Simplesmente não sei, Val. Era uma cilada, disso estou certo, mas que tipo de cilada? Se o que pensei então e penso agora estiver certo, como um atirador

experiente podia ter errado daquela distância? O tiro partiu da minha esquerda, do alto — não que eu tenha necessariamente ouvido — mas a posição da mulher e o sangue no seu pescoço indicavam que quando ela se virou foi atingida. Não podia ter vindo da galeria, as armas são presas com correntes e a hemorragia maciça no pescoço foi provocada por uma arma de calibre muito maior do que todas elas. Se o assassino queria acertar Mo Panov ou a mim, sua mira telescópica não podia estar tão afastada do alvo. Não se o que estou pensando estiver certo.

— Tem razão, Sr. Conklin — disse o diretor —, está pensando no assassino Carlos, o Chacal.

— *Carlos?* — exclamou DeSole. — Que diabo o Chacal tem a ver com aquela morte em *Baltimore*?

— Jason Bourne — respondeu Casset.

— Sim, sei disso, mas é extremamente confuso! Bourne era um reles assassino profissional, que foi da Ásia para a Europa para desafiar Carlos e perdeu. Como o diretor acaba de dizer, ele voltou para o Extremo Oriente e foi morto quatro ou cinco anos atrás, porém Alex fala como se ele estivesse vivo, dizendo que ele e um homem chamado Panov receberam telegramas de Bourne... Que diabo um degenerado e o mais misterioso assassino têm a ver com o que aconteceu a noite passada?

— Você não estava aqui há alguns minutos, Steven — respondeu outra vez Casset com voz calma. — Aparentemente eles têm muita coisa em comum com o que aconteceu a noite passada.

— *Desculpe*, mas não entendi.

— Acho que deve começar do começo, Sr. Conklin — disse o diretor. — Quem é Jason Bourne?

— Como o mundo o conhece, um homem que jamais existiu — respondeu o ex-agente da Inteligência.

— O VERDADEIRO JASON BOURNE era lixo, um paranóico errante da Tasmânia que conseguiu tomar parte numa operação da guerra do Vietnã, sobre a qual ninguém gosta de falar até hoje. Era um grupo de assassinos, desajustados, contrabandistas e ladrões, a maior parte deles criminosos fugidos, vários sentenciados à morte, mas conheciam cada milímetro de terreno do Sudeste da Ásia e operavam atrás das linhas inimigas — patrocinados por nós.

— Medusa — murmurou Steven DeSole. — Está tudo enterrado. Eram animais que matavam por matar, sem razão nem autorização e que roubaram milhões. *Selvagens*.

— A maioria, não todos — disse Conklin. — Mas o Bourne verdadeiro correspondia a todos os adjetivos pejorativos que se pode imaginar, incluindo o fato de ter traído seus próprios homens. O chefe de uma missão especialmente perigosa — mais do que isso, *suicida* — surpreendeu Bourne transmitindo sua posição para os norte-vietnamitas e o executou sumariamente, lançando o corpo num pântano, para apodrecer na selva de Tam Quan. Jason Bourne desapareceu da face da terra.

— Evidentemente ele reapareceu, Sr. Conklin — observou o diretor, inclinándose para a frente.

— Em outro corpo — concordou Alex, com um gesto afirmativo. — Para outro fim. O homem que executou Bourne em Tam Quan adotou seu nome e concordou em ser treinado para uma operação chamada Pedra Rolante Setenta e Um, porque foi num prédio da Rua Setenta e Um, em Nova York, que ele foi submetido ao mais brutal programa de doutrinação. No papel era uma estratégia brilhante, mas na prática acabou falhando por causa de algo que ninguém podia prever, nem mesmo imaginar. Depois de viver o papel do segundo assassino mais letal do mundo durante três anos e de se mudar para a Europa — como Steven notou, corretamente — para desafiar o Chacal no seu próprio território, nosso homem foi ferido e perdeu a memória. Foi encontrado semimorto no Mediterrâneo e levado por um pescador para a ilha de Port Noir. Ele não sabia quem, nem o que era — apenas que era um mestre em várias artes marciais, que falava algumas línguas orientais e que era, evidentemente, um homem muito instruído. Com a ajuda de um médico britânico, um alcoólatra, exilado em Point Noir, nosso homem começou a reconstituir sua vida — sua identidade — por meio de fragmentos da memória física e mental. Foi uma jornada infernal... e nós, que havíamos montado a operação, que inventamos o mito, não podíamos ajudá-lo. Sem saber o que havia acontecido, pensamos que ele havia

se transformado no assassino mítico criado por nós para apanhar Carlos. Tentei matá-lo em Paris, mas quando ele teve oportunidade de estourar meus miolos não conseguiu. Finalmente voltou para nós, graças apenas ao talento de uma mulher canadense que conheceu em Zurique e que é hoje sua mulher. Essa mulher tem mais coragem e mais inteligência do que qualquer outra que já conheci. Agora ela, o marido e os dois filhos mergulharam novamente no pesadelo, fugindo para salvar suas vidas.

Com expressão de espanto no rosto aristocrático, o cachimbo seguro na altura do peito, o diretor disse:

— Está dizendo que o assassino que conhecemos como Jason Bourne era uma *invenção*? Que ele *não era* o matador que nós todos julgávamos?

— Ele matou quando foi preciso, para não ser morto, mas não era assassino. Criamos um mito como um desafio extremo para Carlos, a fim de atraí-lo para o campo aberto.

— *Jesus Cristo!* — exclamou Casset. — *Como?*

— Desinformação maciça em todo o Extremo Oriente. Sempre que havia um crime importante, fosse em Tóquio, Hong Kong, Macau ou Coréia — em qualquer lugar — Bourne era levado de avião ao local e reivindicava o crédito, falsificando provas, provocando as autoridades, até se tornar uma lenda. Durante três anos nosso homem viveu num mundo imundo — drogas, chefes de quadrilhas, crime, fazendo seu caminho subterrâneo para o objetivo único. Chegar à Europa e servir de isca para Carlos, ameaçar seus contratos, obrigar o Chacal a sair para campo aberto nem que fosse por um momento, o tempo suficiente para pôr uma bala na sua cabeça.

Um silêncio elétrico envolvia a sala. DeSole o quebrou com um murmúrio.

— Que tipo de homem aceita uma missão desse tipo? Conklin voltou-se para o analista e respondeu com voz inexpressiva:

— Um homem que tinha pouca razão para viver, um homem dominado pelo desejo da morte, talvez... um ser humano decente levado ao grupo Medusa por sentimentos de ódio e frustração. — Conklin calou-se, visivelmente angustiado.

— Ora, vamos, Alex — disse Valentino suavemente. — Não pode nos deixar só com isso.

— Não, é claro que não — Conklin piscou os olhos várias vezes, voltando ao presente. — Eu estava pensando como deve ser horrível para ele agora — as lembranças, tudo que ele pode recordar ainda. Eu não havia pensado num terrível paralelo. A mulher, os filhos.

— Que paralelo? — perguntou Casset, inclinando-se para a frente com os olhos pregados em Conklin.

— Anos atrás, durante a guerra do Vietnã, nosso homem era um jovem membro do Ministério das Relações Exteriores em Phnom Penh, um erudito casado com uma

mulher tahi, que conheceu no curso de graduação. Tinham dois filhos e moravam na margem alta de um rio... Certa manhã, quando a mulher e os filhos estavam nadando, um avião a jato de Hanói, fora da sua rota, metralhou a área, matando os três. Nosso homem enlouqueceu. Largou tudo, foi para Saigon e entrou para a Medusa — onde era considerado o líder guerrilheiro mais eficiente de toda a guerra, lutando tanto contra as ordens do Comando Saigon quanto contra o inimigo com esquadrões mortais.

— Ainda assim, evidentemente ele suportou a guerra — observou Valentino.

— A não ser o fato de não gostar de Saigon e do ARVN, acho que ele não ligava para nada. Tinha sua guerra particular muito atrás das linhas inimigas, quanto mais perto de Hanói, melhor. Acho que no subconsciente ele estava procurando o piloto que havia eliminado sua família... Esse é o paralelo. Anos atrás tinha mulher e dois filhos que foram eliminados na sua frente. Agora tem outra mulher e dois outros filhos e o Chacal está apertando o cerco, caçando-os. Isso pode levá-lo a algo muito próximo da loucura. *Que droga!*

Os quatro homens na outra extremidade da mesa entreolharam-se brevemente, esperando passar aquele momento de emoção. Então, o diretor falou, com voz tranqüila e baixa.

— Considerando o intervalo de tempo — disse ele —, a operação montada para atrair Carlos deve ter acontecido há mais de dez anos, porém, o que houve em Hong Kong foi muito mais recente. Há alguma relação entre os dois fatos? Sem dizer nomes, o que acha que pode contar sobre Hong Kong?

Com as juntas dos dedos esbranquiçadas pela força com que apertava a bengala, Alex respondeu:

— A operação de Hong Kong foi a mais imunda e negra jamais realizada naquela cidade e sem dúvida a mais extraordinária que já vi. E para meu alívio profundo, nós, aqui de Langley, nada tivemos a ver com a estratégia inicial, para o diabo com os aplausos. Eu cheguei mais tarde e o que encontrei revirou meu estômago. McAllister também ficou chocado, pois ele viu o começo. Por isso estava disposto a arriscar a própria vida, por isso quase acabou morto no outro lado da fronteira chinesa, em Macau. Sua moralidade intelectualizada não lhe permitia deixar que um homem fosse morto pela estratégia.

— É uma acusação danada — observou Casset. — O que aconteceu?

— Nossa gente providenciou o rapto da mulher de Bourne, a mulher que nos devolvera a memória daquele homem. Deixaram pistas que o obrigaram a procurá-la em Hong Kong.

— Jesus, *por quê?* — exclamou Valentino.

— A estratégia. Era perfeita e também abominável... Eu disse que o assassino chamado Jason Bourne tornara-se uma lenda na Ásia. Ele desapareceu na Europa,

mas nem por isso deixou de ser uma lenda no Oriente Médio. Então, surge de lugar nenhum um assassino sediado em Macau que faz reviver a lenda. Adotou o nome de “Jason Bourne” e as mortes contratadas recomeçaram. Raramente passava uma semana, geralmente alguns dias, sem que outro crime fosse cometido, as mesmas provas falsificadas, a mesma provocação contra a polícia. Um falso Bourne estava de volta ao trabalho e conhecia cada truque do verdadeiro Bourne.

— Portanto, quem melhor do que o homem que inventou os truques — o original, o *seu* original, para descobrir o falso? — observou o diretor. — E o melhor modo para obrigar o Bourne original a se lançar na caçada era raptar sua mulher. Mas *por quê?* Por que Washington estava tão empenhado? Não havia mais nada que o ligasse a *nós*.

— Havia algo muito pior. Entre os clientes do novo Jason Bourne estava um louco de Beijing, um traidor do Kuomintang no governo que estava para transformar o Extremo Oriente numa tempestade de fogo. Ele queria destruir os Acordos Sino-Britânicos de Hong Kong, fechar a colônia e lançar o território no caos.

— *Guerra* — disse Casset em voz baixa. — Beijing marcharia sobre Hong Kong e a conquistaria. Teríamos de optar por um dos lados... *Guerra*.

— Na era nuclear — acrescentou o diretor. — Até onde esse plano já havia chegado, Sr. Conklin?

— Um vice-premiê da República Popular foi morto num massacre privado em Kowloon. O impostor deixou seu cartão de visitas. “Jason Bourne”.

— Meu Deus, esse homem *precisava* ser detido! — explodiu o diretor, crispando os dedos no cachimbo.

— Ele foi — disse Alex, relaxando a mão no cabo da bengala. — Pelo único homem capaz de seguir sua pista e encontrá-lo. Nosso Jason Bourne... Isso é tudo que vou lhes contar por enquanto, mas quero repetir que aquele homem está lá fora com a mulher e os filhos e Carlos está fechando o cerco. O Chacal não descansará enquanto não tiver certeza de que a única pessoa no mundo capaz de identificá-lo está morta. Portanto, comecem a cobrar tudo que nos devem em Paris, Londres, Roma, Madri. — especialmente em *Paris*. Alguém tem de saber *alguma coisa*. Onde está Carlos *agora*? Quem são seus contatos *aqui*? Ele tem espiões aqui em Washington e esses espiões encontraram Panov e a mim! — O ex-agente de campo apertou outra vez os dedos na bengala e olhou para a janela. — Vocês não percebem? — acrescentou em voz baixa, como se estivesse falando sozinho. — Não podemos deixar que isso aconteça. Oh, *meu Deus*, não podemos deixar que *aconteça*!

Mais uma vez o momento de emoção passou em silêncio enquanto os homens da Agência Central de Inteligência trocavam olhares. Como se tivessem chegado a um consenso tácito, três pares de olhos voltaram-se para Casset. Balançando a

cabeça afirmativamente, ele aceitou a escolha, como o homem mais chegado a Conklin e disse:

— Alex, concordo que tudo parece apontar para Carlos, mas antes de ligarmos nossas engrenagens na Europa, precisamos ter certeza. Não podemos nos dar o luxo de um alarme falso porque estaremos entregando ao Chacal uma presa que ele terá de perseguir, se demonstrarmos nossa vulnerabilidade no que diz respeito a Bourne. Pelo que você diz, Carlos vai partir de uma antiga operação chamada Pedra Rolante Setenta e Um, porque nenhum dos nossos agentes esteve perto dele nos últimos dez anos.

Conklin olhou por um momento o rosto sério de traços fortes de Charles Casset.

— Você está dizendo que se eu estiver enganado e não se tratar do Chacal, estaremos reabrindo um ferimento de 13 anos e dando a ele, de presente, uma presa irresistível.

— Sim, acho que é isso que estou dizendo.

— Pois eu acho que é um raciocínio perfeito, Charlie... Estou operando com pontos externos, certo? Estão ativando meus instintos, mas continuam sendo externos.

— Eu confiaria nos seus instintos muito mais do que em qualquer polígrafo...

— Eu também — interrompeu Valentino. — Você salvou nossa equipe em cinco ou seis crises setoriais, quando tudo indicava que estava errado. Entretanto, a dúvida de Charles é válida. Suponhamos que não seja Carlos? Não só estaremos enviando a mensagem errada para a Europa, como também, o que é mais importante, vamos perder tempo.

— Então, deixem a Europa — disse Alex pensativamente e em voz baixa. — Pelo menos por enquanto... Procurem os miseráveis *aqui*. Tirem *todos* da toca. Apanhem todos e descubram tudo que eles sabem. Eu sou o alvo, deixem que venham atrás de mim.

— Isso exigiria uma proteção muito mais intensa do que havíamos programado para o senhor e para o Dr. Panov — disse o diretor com firmeza.

— Então faça outra programação, senhor. — Alex olhou para Casset, para Valentino e de repente ergueu a voz.

— Podemos *fazer* se vocês dois ouvirem o que eu digo e deixarem que eu organize o plano!

— Estamos numa área delicada — afirmou Casset. — A coisa pode ser passada no estrangeiro, mas pertence ao nosso campo interno. O FBI deve tomar parte...

— De jeito *nenhum* — exclamou Conklin. — *Ninguém* mais. Apenas nós cinco!

— Ora, vamos, Alex — disse Valentino suavemente, balançando a cabeça. — Você está aposentado. Não pode dar ordens aqui.

— Muito bem! *Ótimo!* — gritou Conklin, erguendo-se da cadeira com dificuldade, apoiado na bengala. — *Próxima* parada, a Casa Branca, para falar com um certo presidente da Agência de Segurança Nacional, chamado McAllister.

— *Sente-se!* — disse o diretor com firmeza.

— Estou aposentado! Não pode me dar ordens.

— Eu nem pensaria nisso, estou simplesmente preocupado com sua vida. Do modo que vejo as coisas, sua sugestão baseia-se na suposição questionável de que a pessoa que atirou em você a noite passada errou de propósito, sem se importar com quem podia atingir, com o objetivo de apanhá-lo vivo no meio da confusão.

— Está se adiantando muito em suas conclusões...

— Baseadas numa dúzia de operações em que tomei parte aqui e no Departamento da Marinha e em lugares cujos nomes você nem saberia pronunciar e dos quais jamais ouviu falar. — O diretor apoiou os cotovelos nos braços da cadeira e continuou com voz áspera e autoritária. — Para sua informação, *Conklin*, eu não desabrochei de repente como um almirante de galões dourados para o comando da Inteligência Naval. Fiz parte dos SEALs durante algum tempo e tomei parte em incursões em Kaesong, onde chegávamos de submarino e, mais tarde, no porto de Haiphong. *Conheci* alguns daqueles miseráveis da Medusa e não me lembro de nenhum que não merecesse uma bala na cabeça! Agora está me dizendo que *havia* um, que se tornou o *seu* Jason Bourne e que está disposto a dar tudo que tem e mais ainda, para mantê-lo vivo e fora do alcance do Chacal... Portanto, vamos deixar de conversa fiada, *Alex*. Quer trabalhar comigo ou não? Conklin voltou a sentar lentamente, com um sorriso.

— Eu disse que não tinha nenhuma bronca contra sua indicação, *senhor*. Era apenas intuição, mas agora eu sei por quê. O senhor foi um agente de campo... Vou trabalhar com o senhor.

— Muito bom. *Ótimo* — disse o diretor. — Vamos trabalhar com uma vigilância controlada e espero que a teoria de que eles o querem pegar vivo esteja certa, porque não temos nenhum meio de cobrir todas as janelas e todos os telhados. Acho melhor que compreenda o risco que está correndo.

— Eu compreendo. E uma vez que duas iscas funcionam melhor do que uma só, num tanque de piranhas, quero falar com Mo Panov.

— Não pode pedir a ele que tome parte nisto — observou Casset. — Ele não é dos nossos, Alex. Por que acha que aceitaria?

— Porque *é* dos nossos e *é melhor* falar com ele. Do contrário Panov pode me dar uma injeção contra a gripe cheia de estricnina. Vocês compreendem, ele esteve em Hong Kong também — por motivos muito diferentes dos meus. Anos atrás tentei

matar meu melhor amigo em Paris por pensar que ele havia se tornado um assassino, quando na verdade ele havia perdido a memória. Alguns dias depois, apresentaram a Morris Panov, um dos maiores psiquiatras do país, um médico que não suporta as bobagens da psicanálise tão populares atualmente, um perfil psiquiátrico “hipotético” ao qual ele reagiu imediatamente. Panov descreveu um perigoso agente da Inteligência, uma bomba ambulante com milhares de segredos na cabeça, que havia sofrido um colapso nervoso... Com base na avaliação imediata de Mo daquele perfil “hipotético” — o qual, algumas horas depois ele estava certo de que nada tinha de hipotético — um homem inocente sofrendo de amnésia quase foi eliminado numa cilada armada pelo governo na Rua Setenta e Um, em Nova York. Quando o que restou do homem conseguiu sobreviver, Panov pediu para ser designado como seu *único* psiquiatra. Ele jamais se perdoou. Se vocês estivessem no lugar dele, o que fariam se eu não tivesse contado o que contei agora?

— Diria que era uma injeção contra a gripe e o enchia de estricnina, meu velho — concluiu DeSole, balançando afirmativamente a cabeça.

— Onde está Panov agora? — perguntou Casset.

— No Hotel Brookshire, em Baltimore, registrado como Morris, Phillip Morris. Avisou que não ia trabalhar hoje — está com gripe.

— Então vamos ao trabalho — disse o diretor, apanhando um bloco de notas. — A propósito, *Alex*, um agente de campo competente não dá nenhuma importância a patentes, e não confia num homem incapaz de chamá-lo naturalmente pelo primeiro nome. Como deve saber, meu sobrenome é Holland e meu nome é Peter. Daqui por diante somos Alex e Peter, certo?

— Certo, Peter. Você deve ter sido um filho da mãe no SEAL.

— Uma vez que estou aqui — geograficamente, não nesta cadeira — pode-se supor que eu fui competente.

— Um agente de campo — resmungou aprovadoramente Conklin.

— Além disso, já que abandonamos as inutilidades diplomáticas inerentes ao meu cargo, deve compreender que eu fui um filho da mãe muito teimoso. Quero cooperação profissional, Alex, não emotiva. Está claro?

— Não opero de outro modo, Peter. A missão pode ser baseada em emoção, não há nada errado nisso, mas a execução da estratégia é fria como gelo... Nunca estive no SEAL, seu teimoso filho da mãe, mas também estou aqui geograficamente, mancando e tudo o mais, o que indica que fui competente.

A juventude do sorriso de Holland, contrastando com os cabelos grisalhos, revelava um profissional momentaneamente liberado dos problemas executivos, para voltar ao que ele conhecia melhor.

— Podemos até nos dar bem — disse o diretor. Depois, Como para eliminar os últimos vestígios da imagem de diretor, pôs o cachimbo sobre a mesa, tirou do bolso

um maço de cigarros e acendeu um, começando a escrever no bloco de notas. — Para o diabo com o FBI — continuou. — Vamos usar apenas nossos homens, depois de examinar cada um no mais potente microscópio.

Charles Casset, o esbelto e inteligente herdeiro aparente do posto de diretor da CIA, recostou-se na cadeira com um suspiro.

— Por que tenho a impressão de que vou ter de tomar conta dos dois cavalheiros?

— Porque você é essencialmente um analista, Charlie — respondeu Holland.

O objetivo da vigilância controlada é expor aqueles que estão seguindo alguém, a fim de estabelecer suas identidades ou detê-los, dependendo da estratégia. Neste caso, a finalidade era apanhar os agentes do Chacal que haviam atraído Conklin e Panov ao parque de diversões em Baltimore. Trabalhando a noite toda e grande parte do dia seguinte, os homens da CIA formaram uma equipe de oito agentes de campo experientes, definiram e redefiniram os caminhos que Conklin e Panov deviam seguir, separados ou juntos, nas 12 horas seguintes — caminhos cobertos por profissionais armados, em revezamentos progressivos — e finalmente determinaram um ponto de encontro irresistível, único em termos de hora e local. As primeiras horas da manhã no Instituto Smithsonian. Era a *Dionaea muscipula*, a teia de Vênus.

Conklin parou no saguão estreito e mal iluminado do seu prédio de apartamentos e consultou o relógio de pulso. Eram exatamente 2:30h da manhã. Abriu a porta pesada e, mancando, saiu para a rua aparentemente deserta. De acordo com o plano, foi para a esquerda, mantendo o passo combinado. Devia chegar na esquina o mais próximo possível das 2:38h. De repente, um susto. Na sombra de uma porta estava parado um homem. Alex disfarçadamente segurou sua Beretta automática sob o paletó. Nada no plano determinava a presença de alguém naquela parte da rua! Mas então, com a mesma presteza, relaxou, com um misto de culpa e alívio. O homem encostado na porta era um mendigo, um velho mal-ajambrado, um dos destituídos daquela terra de fartura. Alex continuou seu caminho. Chegou à esquina e ouviu um estalido de dedos. Atravessou a avenida e caminhou pela calçada, passando por um beco. No beco, outro vulto... outro velho andrajoso chegando vagorosamente até a rua e voltando para o beco. Outro mendigo, protegendo sua caverna de concreto. Em qualquer outra ocasião, Conklin teria se aproximado do homem para lhe dar alguns dólares, mas não naquele momento. Tinha um longo caminho a percorrer e um plano para executar.

Morris Panov aproximou-se do cruzamento, intrigado ainda com a estranha conversa que acabava de ter no telefone, tentando lembrar cada detalhe do plano, com medo de consultar o relógio para ver se tinha chegado ao lugar determinado na hora certa — fora aconselhado a *não* consultar o relógio quando estivesse na rua... e por que não podiam ter dito “aproximadamente às tantas horas” em vez de usar a

expressão enervante “intervalo de tempo”, como se se tratasse de uma iminente invasão a Washington. Continuou a andar, atravessou a rua que tinham mandado atravessar, esperando que algum relógio invisível o mantivesse relativamente sintonizado com os malditos “intervalos de tempo”, calculados por várias idas e vindas entre dois marcos no jardim de um prédio de apartamentos em Vienna, Virgínia... Panov faria qualquer coisa por David Webb — *qualquer coisa!* — mas isto era loucura... Não, é claro que não era. Se fosse, não pediriam a ele para fazer o que estava fazendo.

O que era *aquilo*? Um rosto no escuro, olhando atentamente para ele, como os outros *dois!* Este, inclinado para a sarjeta, com os olhos injetados erguidos para ele. Velhos — castigados pelo tempo, homens velhos, *velhos* que mal podiam se mover — *olhando fixamente* para ele! Agora estava se deixando dominar pela imaginação — as cidades estavam repletas desses mendigos, pessoas completamente inofensivas cujas psicoses de pobreza as levavam para as ruas. Por mais que desejasse ajudá-los, a única coisa que podia fazer era culpar a indiferença de Washington... Lá estava *outro!* No espaço entre duas lojas, ladeado por portões de ferro — ele também o *observava!* *Pare com isso!* Está sendo irracional... Ou não? É *claro* que sim. Continue, mantenha-se dentro do horário, é isso que tem de fazer... Meu Deus! *Mais um!* No outro lado da rua... Continue *andando!*

Os dois vultos convergindo de caminhos que se cruzaram pareciam insignificantes na vasta área do Instituto Smithsonian, iluminada pela lua. Encontraram-se e dirigiram-se para um banco. Conklin sentou-se com a ajuda da bengala enquanto Mo Panov olhava nervosamente em volta, atento como quem espera o inesperado. Eram 3: 28h da madrugada e só se ouviam o trilar dos grilos e a brisa de verão entre as árvores. Sempre de sobreaviso, Panov sentou-se.

— Aconteceu alguma coisa no seu caminho? — perguntou Conklin.

— Não estou bem certo — respondeu o psiquiatra. — Estou tão perdido quanto em Hong Kong, só que lá sabíamos para onde estávamos indo e quem esperávamos encontrar. Seu pessoal *é* louco.

— Está se contradizendo, Mo — disse Alex. — Disse que eu estava curado.

— Oh, aquilo? Era apenas um caso maníaco-depressivo muito perto de demência precoce. Mas isto é *loucura!* São quase 4:00h da manhã. Só gente louca faz brincadeiras às 4:00h da manhã.

Alex observou Panov à luz fraca de um holofote distante que iluminava a estrutura maciça do Instituto.

— Você disse que não estava bem certo. O que significa isso?

— Quase tenho vergonha de dizer — sabe que muitos pacientes inventam imagens estranhas para justificar seu pânico, seus temores.

— Que diabo quer dizer com isso?

— É uma forma de transferência...

— Ora, vamos, Mo! — interrompeu Conklin. — Qual foi o caso? O que você viu?

— Vultos... alguns inclinados para a frente, andando devagar, com dificuldade — não como você, Alex, por causa de um antigo ferimento, mas incapacitados pela idade. Abatidos, velhos, escondendo-se nas sombras das fachadas e dos becos. Eu vi uns quatro ou cinco do meu apartamento até aqui. Por duas vezes quase parei e chamei um dos nossos homens, mas depois pensei, meu Deus, *doutor*, está reagindo exageradamente, confundindo alguns patéticos mendigos com o que eles não são, vendo coisas que não existem.

— *Exatamente!* — murmurou enfaticamente Conklin.

— Você viu exatamente aquilo que *estava* lá, Mo. Porque eu vi a mesma coisa, o mesmo tipo de pessoas que *você* viu, todas elas *patéticas*, andrajosas, com movimentos mais lentos do que os meus... O que significa isso? O que *eles* significam? Quem são?

Passos lentos. Hesitantes, e das sombras do caminho deserto, surgiram dois homens baixos — velhos. À primeira vista pareciam sem dúvida membros do crescente exército de indigentes desabrigados, mas com uma diferença, uma aparência de quem tem um objetivo, talvez. Pararam a uns seis metros do banco, seus rostos invisíveis no escuro. O velho da esquerda falou com voz fina e sotaque estranho.

— É uma hora estranha e um lugar pouco comum para o encontro de dois cavalheiros tão bem vestidos. Acham justo ocupar o espaço que devia ser reservado aos menos afortunados?

— Há muitos bancos vazios — disse Alex delicadamente.

— Este está reservado?

— Não há lugares reservados aqui — respondeu o outro homem, em bom inglês, que evidentemente não era sua língua nativa. — Mas por que *vocês* estão aqui?

— Para que quer saber? — perguntou Conklin. — É um encontro particular e não é da sua conta.

— Tratando de negócios a esta hora, neste lugar? — perguntou o primeiro velho, olhando em volta.

— Eu já disse — respondeu Alex. — Não é da sua conta e acho que devem nos deixar em paz.

— Negócios são negócios — disse o segundo homem.

— De que diabo estão *falando*? — murmurou Panov surpreso.

— Campo zero — disse Alex em voz baixa. — Fique quieto. — Voltou-se para os dois homens. — Muito bem, companheiros, por que não vão embora?

— Negócio é negócio — repetiu o velho andrajoso, olhando de soslaio para o companheiro, ambos sempre com os rostos na sombra.

— Vocês não têm negócio nenhum conosco...

— Não esteja tão certo disso — interrompeu o primeiro homem, balançando a cabeça. — Suponha que lhe dissesse que trazemos uma mensagem de Macau?

— *O quê!* — exclamou Panov.

— *Cale a boca!* — murmurou Conklin, sem tirar os olhos do mensageiro. — O que Macau significa para nós? — perguntou com voz inexpressiva.

— Um grande taipan quer conversar com vocês. O grande taipan em Hong Kong.

— Por quê?

— Ele vai lhe dar muito dinheiro. Por seus serviços.

— Pergunto outra vez, por quê?

— Devemos dizer que um assassino voltou. Ele quer que você o encontre.

— Já ouvi essa história antes, não pega mais. Além disso, é muito repetitiva.

— Isso é entre o grande taipan e vocês, senhor. Não conosco. Ele está à sua espera.

— Onde?

— Num grande hotel, senhor.

— Qual?

— Devemos dizer que tem um grande saguão sempre cheio de gente, e seu nome refere-se ao passado deste país.

— Só existe um *assim*, o Mayflower — Conklin falou com a boca perto do microfone costurado na lapela do seu paletó.

— Como quiser.

— Ele está registrado com qual nome?

— Registrado?

— Como nos bancos reservados, só que estou falando de quartos. Quem devemos procurar?

— Ninguém, senhor. O secretário do taipan falará com os senhores no saguão.

— Esse mesmo secretário falou com vocês?

— Como disse?

— Quem os contratou para nos seguir?

— Não temos permissão para falar nesse assunto, portanto não falaremos.

— *É isso!* — gritou Alexander Conklin olhando por sobre o ombro quando os holofotes acenderam-se, iluminando a área em volta do caminho deserto, revelando que os dois homens espantados eram orientais.. Nove homens da CIA surgiram rapidamente no círculo de luz, vindos de todas as direções, com as mãos dentro dos paletós. Como aparentemente não precisavam delas, não tiraram as armas dos

coldres.

De repente tornaram-se necessárias, mas só perceberam tarde demais. Dois tiros de rifle de longo alcance, vindos do escuro, esfacelaram os pescoços dos dois mensageiros orientais. Os homens da CIA atiraram-se no chão, rolando à procura de proteção, enquanto Conklin agarrava Panov puxando-o para baixo, na frente do banco. A unidade de Langley, formada por antigos combatentes, entre eles o ex-comando diretor Peter Holland, levantou-se imediatamente e todos correram, ziguezagueando, um depois do outro, na direção de onde tinham vindo os tiros, empunhando suas armas, procurando se proteger. Depois de alguns momentos um grito furioso cortou o silêncio.

— *Droga!* — berrou Holland, dirigindo a luz de sua lanterna para as árvores.
— Conseguiram fugir!

— Como sabe?

— A grama, filho, as marcas dos pés. Aqueles filhos da mãe eram superqualificados. Chegaram, cada um deu um tiro e foram embora — veja as marcas no gramado. Esses pés estavam correndo. Esqueçam! Não adianta mais nada agora. Se tivessem parado para uma segunda posição nos teriam pregado nas paredes do Instituto.

— Um agente de *campo* — disse Alex, levantando-se com a ajuda da bengala, com o assustado Panov ao seu lado.

Então o médico voltou-se rapidamente e, com olhos arregalados, correu para os dois orientais.

— Oh, meu Deus, estão *mortos!* — exclamou, ajoelhando ao lado dos corpos, olhando para os pescoços destroçados.

Jesus! O parque de diversões! *A mesma coisa!*

— Uma mensagem — concordou Conklin, balançando a cabeça afirmativamente e fazendo uma careta. — Pedras de SAL na trilha — acrescentou enigmaticamente.

— O que quer dizer? — perguntou o psiquiatra, voltando-se rapidamente para o ex-agente da Inteligência.

— Não tomamos as precauções necessárias.

— *Alex!* — rugiu Holland, correndo para o banco. — Eu ouvi seu recado, mas isto elimina o hotel — disse, ofegante.

— Não pode ir lá agora, não posso permitir.

— Elimina — neutraliza — mais do que o hotel. Isto não é o Chacal. Isto é *Hong Kong!* Os sinais externos estavam certos, mas meus instintos estavam errados. Errados!

— Que caminho quer seguir agora? — perguntou o diretor em voz baixa.

— Não sei — respondeu Conklin, com voz lamentosa.

— Eu me *enganei*... Entrar em contato com nosso homem, é claro, o mais depressa possível.

— Eu falei com David — falei com *ele* mais ou menos há uma hora — disse Panov, corrigindo-se imediatamente.

— Você *falou* com ele? — exclamou Alex. — É tarde e você estava em casa. *Como?*

— Você já viu minha secretária eletrônica — disse o médico. — Se eu atender todos os chamados malucos depois da meia-noite, jamais chegarei ao consultório de manhã. Por isso, deixei tocar e enquanto me preparava para este encontro com você, ouvi o chamado. Tudo que ele disse foi “Entre em contato comigo”, e quando peguei o fone já tinha desligado. Então, telefonei para ele.

— Telefonou para *ele*? Do *seu* telefone?

— Bem... sim — respondeu Panov, hesitando. — Ele falou muito depressa, com muito cuidado. Só queria saber o que estava acontecendo, que “M” — ele a chamou de “M” — ia viajar com as crianças esta manhã. Só isso, e desligou.

— A esta hora eles têm o nome e o endereço do seu homem — disse Holland. — Provavelmente a mensagem também.

— Um local, sim. A mensagem, talvez — disse Conklin, falando depressa e em voz baixa. — Nenhum endereço, nenhum nome.

— De manhã eles terão...

— De manhã ele estará a caminho da Terra do Fogo, se for preciso.

— Cristo, o que eu *fiz*? — exclamou o psiquiatra.

— Nada que qualquer outra pessoa, no seu lugar, não teria feito — respondeu Alex. — Recebe o recado de um amigo com problemas às 2:00h da madrugada. Naturalmente telefona para ele o mais depressa possível. Agora temos de alcançá-lo imediatamente. Não é Carlos, mas alguém com muito poder de fogo está fechando o cerco, fazendo coisas que julgávamos impossíveis.

— Use o telefone do meu carro — disse Holland. — Vou passá-lo para chamada direta, assim nada será gravado nem registrado.

— Vamos! — Com toda a rapidez possível Conklin atravessou o gramado, mancando, na direção do carro da Agência.

— David, é Alex.

— Escolheu uma hora estranha, amigo, estamos de saída. Se Jamie não precisasse ir ao banheiro estaríamos no carro agora.

— A esta hora?

— Mo não lhe disse? Ninguém atendeu na sua casa, por isso telefonei para ele.

— Mo está um pouco chocado. Diga você mesmo. O que está acontecendo?

— Este telefone é seguro? Eu não tinha certeza quanto ao do Mo.

— Perfeitamente seguro.

— Estou mandando Marie e as crianças para o sul — *bem* para o sul. Ela está reclamando à beça, mas aluguei um jato Rockwell que sai do Aeroporto de Logan, perfeitamente seguro, graças às providências tomadas por você há quatro anos. Os computadores funcionaram e todo mundo cooperou. Devem partir às 6:00h, antes de o sol nascer — quero que fiquem *fora* disto.

— E você, David? O que vai fazer?

— Para falar a verdade, pensei em ir para Washington e ficar com você. Se o Chacal está à minha procura, depois de tantos anos, quero saber o que vocês vão fazer. Talvez até possa ajudar... chego ao meio-dia.

— Não, David. Não hoje e não aqui. Vá com Marie e as crianças. Saia do país. Fique com sua família e Johnny St. Jacques na ilha.

— Não posso fazer isso, Alex, e no meu lugar você também não faria. Minha família jamais estará *livre* — realmente *livre* — enquanto Carlos não sair das nossas vidas...

— Não é Carlos — interrompeu Conklin.

— *O quê?* Ontem você disse...

— Esqueça o que eu disse, eu estava errado. Isto vem de Hong Kong, de Macau.

— Não faz sentido, Alex! Hong Kong está acabado, *Macau* está acabado. Mortos e esquecidos e não há ninguém vivo com motivo para vir atrás de mim.

— Existe em algum lugar. Um grande taipan, “o maior taipan de Hong Kong”, segundo a fonte mais recente e exterminada.

— Eles *desapareceram*. Todo aquele castelo de cartas do Kuomintang ruiu. Não sobrou ninguém!

— Repito, existe alguém, em algum lugar.

David Webb ficou em silêncio por um momento e então Jason Bourne disse com voz fria.

— Conte-me tudo que sabe, com todos os detalhes. Aconteceu alguma coisa esta noite. O que foi?

— Tudo bem, com detalhes — disse Conklin.

Descreveu então a vigilância controlada da CIA. Explicou como ele e Morris Panov perceberam que estavam sendo seguidos por velhos andrajosos que se revezavam na perseguição, até chegarem ao Instituto onde o mensageiro falou de Macau e Hong Kong e de um grande taipan. Finalmente, descreveu os tiros que silenciaram os dois velhos orientais.

— É de Hong Kong, David. A referência a Macau confirma isso. Era a base do homem que se fazia passar por você.

David ficou outra vez em silêncio e só se ouvia a respiração calma de Jason Bourne.

— Está enganado, Alex — disse afinal com voz distante que parecia flutuar. — É o Chacal — via Hong Kong e Macau, mas é o Chacal.

— David, agora *é você* que não faz sentido. Carlos não tinha nada a ver com taipans, Hong Kong ou mensagens de Macau. Os velhos eram *chineses*, não franceses, alemães ou qualquer outra coisa. Isto vem da Ásia, *não* da Europa.

— Ele só confia nos velhos — continuou David Webb com voz baixa e fria, a voz de Jason Bourne. — “Os velhos de Paris”, como são chamados. Eles eram a sua rede de informações, seus mensageiros por toda a Europa. Quem vai suspeitar de homens velhos, mendigos que mal podem se mover? Ninguém vai pensar em interrogá-los, muito menos torturá-los. Mas mesmo que fizessem, eles nada diriam. Seus negócios estavam feitos — *estão* feitos — e movimentam-se com impunidade. Para Carlos.

Ouvindo a voz estranha e distante do amigo, Conklin por um momento olhou para o painel do carro, sem saber o que dizer.

— David, eu não compreendo. Sei que está perturbado, mas nós todos estamos. Não pode ser mais claro?

— O quê?... Desculpe, Alex, eu estava voltando ao passado. Carlos procurava por toda Paris homens velhos que estavam morrendo ou que sabia que tinham pouco tempo de vida, todos fichados na polícia e com pouco ou nada para mostrar como resultado de suas vidas, dos seus crimes. Em geral esquecemos que esses homens têm pessoas queridas e filhos, legítimos ou não, a quem amam. O Chacal prometia tomar conta dessas pessoas que seus mensageiros condenados à morte deixavam para trás, desde que eles jurassem dedicar o resto da vida a ele. No lugar deles, sem nada para legar aos nossos sobreviventes a não ser suspeita e pobreza, não faríamos o mesmo?

— *Acreditavam* nele?

— Tinham boas razões para acreditar — têm ainda. Todos os meses, bancos da Suíça enviam cheques de diferentes contas secretas aos herdeiros, do Mediterrâneo ao Báltico. É impossível descobrir a origem desses pagamentos, mas as pessoas que os recebem sabem por ordem de quem são enviados e por quê. Esqueça seu arquivo enterrado, Alex. Carlos procurou em Hong Kong. Foi de lá que partiu essa penetração, foi lá que ele encontrou seu nome e o de Mo.

— Então vamos fazer também um trabalho de penetração. Podemos infiltrar todos os bairros orientais, todos os banqueiros de jogo chineses, todos os restaurantes, em todas as cidades, num raio de 80 quilômetros de Washington, D. C.

— Não faça nada até eu chegar aí. Vocês não sabem o que devem procurar, eu sei... Na verdade, é notável. O Chacal não sabe que ainda não consigo me lembrar de muita coisa, mas presumiu que eu me esqueci dos velhos de Paris.

— Talvez não, David. Talvez esteja contando com o fato de você se lembrar.

Talvez tudo isto seja um prelúdio da verdadeira armadilha que montou para você.

— Então ele cometeu outro erro.

— Qual?

— Sou melhor do que isso. Jason Bourne é melhor do que isso.

DAVID WEBB saiu do Aeroporto Nacional para a plataforma cheia de gente. Depois de verificar as setas indicadoras, seguiu para o estacionamento rotativo. De acordo com o plano, devia ir até a última passagem da direita, virar para a esquerda e continuar, seguindo a fila de carros estacionados até encontrar o Pontiac cinza-metálico 1986, com um crucifixo dependurado no retrovisor interno. O motorista estaria com um boné branco e com o vidro abaixado. Webb devia aproximar-se dele e dizer, “O vôo foi muito tranqüilo”. Se o homem tirasse o boné e ligasse o motor, David entraria no banco de trás. Nada mais devia ser dito.

Nada mais *foi* dito, nada entre David e o motorista. Porém, este apanhou um microfone sob o painel e falou em voz baixa e clara, “Nossa carga está a bordo. Por favor comecem a movimentar a cobertura do veículo”.

Para David, tudo era quase ridículo, mas uma vez que Alex Conklin se dera o trabalho de localizá-lo no Aeroporto Logan, na área de decolagem do jato Rockwell, e o que era mais, usando o telefone particular e direto do diretor Peter Holland, preferia achar que os dois sabiam o que estavam fazendo. Sem dúvida, pensou, tinha algo a ver com o telefonema de Mo Panov, nove horas atrás. Tudo foi confirmado quando o próprio Holland, no telefone, insistiu para que ele fosse de carro até Hartford e embarcasse no vôo comercial de Bradley para Washington, acrescentando enigmaticamente que não queria mais nenhuma comunicação telefônica de avião particular ou do governo.

O carro particular-do-governo apressou-se em sair do aeroporto nacional. David teve a impressão de que em apenas poucos minutos estavam atravessando os campos e, em tempo um pouco menor, os subúrbios da Virgínia. Chegaram aos portões de um elegante complexo de prédios de apartamentos chamado Vienna Villas, no distrito do mesmo nome. O guarda evidentemente reconheceu o motorista e ergueu a barra, dando passagem. Só então o homem falou diretamente com David Webb.

— Este complexo tem cinco alas separadas, construídas num grande terreno, senhor. Quatro são condomínios normais, com proprietários normais, mas a quinta, a mais distante dos portões, pertence à Agência e tem entrada e segurança próprias. Não podia ser mais saudável, senhor.

— Não estou me sentindo nada doente.

— Não podia estar. O senhor é responsabilidade direta do diretor da CIA e sua saúde é muito importante para ele.

— É bom saber disso, mas como é que você sabe?

— Faça parte da equipe, senhor.

— Nesse caso, como se chama?

O homem ficou calado por um momento e quando respondeu, David teve a estranha sensação de estar voltando ao passado, um passado que, ele sabia, tinha de reviver.

— Não temos nomes, senhor. O senhor não tem e eu não tenho.

Medusa.

— Compreendo — disse Webb.

— Chegamos.

O carro fez a volta na entrada circular de veículos e parou na frente de uma construção colonial de dois andares com colunas que pareciam de mármore de Carrara.

— Desculpe, senhor, só notei agora. O senhor não tem bagagem.

— Não, não tenho — disse David, abrindo a porta do carro.

— Que tal meu refúgio provisório? — perguntou Alex, estendendo as duas mãos para a sala elegantemente decorada.

— Muito arrumado e muito limpo para um velho solteirão rabugento — respondeu David. — Desde quando você gosta de cortinas com motivos florais de margaridas cor-de-rosa e amarelas?

— Espere até ver o papel de parede do meu quarto com rosas miúdas.

— Acho que não quero ver.

— Seu quarto tem jacintos.. E claro que eu não reconheceria um jacinto nem que ele pulasse na minha garganta, mas foi o que a empregada disse.

— A empregada?

— Quase cinquenta anos e parece um lutador de sumô. Tem também duas armas de ar comprimido sob a roupa e, segundo os boatos, várias navalhas.

— Uma empregada e tanto.

— Uma patrulha poderosa. Não permite a entrada de um sabonete ou de um rolo de papel que não venham de Langley. Você sabe, o ordenado dela é grau *dez* e alguns palhaços deixam gorjetas.

— Será que estão precisando de garçons?

— Essa é muito boa. Nosso erudito, Webb, o garçom.

— Jason Bourne foi garçom.

Depois de uma pausa, Conklin disse, sério:

— Vamos falar sobre isso. — Foi mancando até uma cadeira. — A propósito, você teve um dia atribulado e não é ainda meio-dia, portanto, se quiser um drinque, há um bar completo atrás daquelas portas arroxeadas ao lado da janela... Não olhe para mim, nossa Brunhilde negra me *disse* que são arroxeadas.

Com uma risada franca e descontraída, Webb olhou para o amigo.

— Não faz nenhuma diferença para você, faz, Alex?

— Não, que diabo, você sabe muito bem. Alguma vez escondeu bebida de mim quando os visitei em sua casa?

— Não estávamos sob tensão...

— Tensão não tem nada a ver com isso — interrompeu Conklin. — Tomei a decisão porque não tinha escolha. Tome seu drinque, David. Precisamos conversar e quero que você esteja calmo. Seus olhos me dizem que está pegando fogo.

— Uma vez você disse que tudo está nos olhos — observou Webb, abrindo as portas de madeira arroxeadas e apanhando uma garrafa. — Ainda pode ver, certo?

— Eu disse que estava *atrás* dos olhos. Não aceite nunca o primeiro plano... Como estão Marie e as crianças? Espero que tenham partido sem problemas.

— Estudei *ad nauseam* o plano de vôo, até o piloto dizer para deixá-lo em paz ou tomar o lugar dele. — Webb serviu-se de bebida e sentou na poltrona de frente para Conklin.

— Onde estamos, Alex? — perguntou.

— Exatamente onde estávamos a noite passada. Nada se moveu e nada mudou, exceto o fato de Mo recusar-se a abandonar seus pacientes. Esta manhã eles o apanharam no seu apartamento, que é agora em Fort Knox, e uma escolta o levou até o consultório. Mais tarde vão trazê-lo para cá com quatro mudanças de veículos, todas realizadas em estacionamentos subterrâneos.

— Então é proteção ostensiva, ninguém está mais se escondendo?

— Seria inútil. Armamos uma cilada no Instituto e nossos homens foram óbvios demais.

— Por isso talvez funcione, certo? O inesperado? Reservas de uma unidade de proteção instruídos para cometer enganos.

— O inesperado funciona, David, não os “autômatos”.

— Conklin balançou a cabeça rapidamente. — Retiro o que disse. Bourne pode transformar autômatos em homens eficientes, mas não uma equipe de vigilância oficialmente montada. As complicações são muitas.

— Não compreendo.

— Por melhores que sejam, esses homens só se preocupam em proteger vidas, talvez salvá-las, mas têm também de trabalhar, em conjunto e fazer relatórios. São homens de carreira, não atiradores com pagamento adiantado, não ralé com uma faca assassina no pescoço, se cometerem um erro.

— Isso parece muito melodramático — disse Webb em voz baixa, recostando-se na cadeira e tomando um gole da bebida. — Acho que eu operava assim, não é mesmo?

— Era mais imagem do que realidade, mas era real para as pessoas que você

usava.

— Pois então vou procurar essas pessoas e usá-las outra vez. — David inclinou-se para a frente, segurando o copo com as duas mãos. — Ele está me obrigando a sair, Alex. O Chacal pagou para ver meu jogo e tenho de mostrar.

— Ora, cale a boca — disse Conklin, irritado. — Agora é você quem está sendo melodramático. Fala como se estivesse num filme de faroeste grau Z. Você se mostra e Marie fica sem marido e seus filhos, sem pai. *Essa* é a realidade, David.

— Está errado — Webb balançou a cabeça, olhando para o copo. — Ele está atrás de mim, portanto tenho de sair atrás dele. Ele está tentando me fazer “sair”, portanto tenho de tirá-lo da toca primeiro. É a única coisa que pode acontecer, o único modo de tirá-lo das nossas vidas. Em última análise é Carlos contra Bourne. Estamos no ponto em que paramos há 13 anos. “Alfa, Bravo, Cain, Delta... Cain é de Carlos e Delta é de Cain. “

— Um código maluco de Paris, há 13 anos! — disse Alex secamente. — *Delta* de Medusa e seu poderoso desafio ao Chacal. Mas isso *não é* Paris e são 13 anos *mais tarde*.

— E daqui a cinco anos serão 18, cinco anos depois, 23. Que diabo quer que eu faça? Quer que viva com o fantasma daquele filho da mãe pairando sobre minha família, apavorando-me cada vez que minha mulher ou meus filhos saírem de casa, tremendo de medo pelo resto da vida?... Não, cale a boca *você*, agente de campo! Está cansado de saber. Os analistas podem apresentar dezenas de estratégias, usamos pedacinhos de seis delas, mais ou menos, e agradecemos, mas quando se trata do negócio sujo é entre mim e o Chacal... E eu estou com vantagem. Tenho você do meu lado.

Conklin engoliu em seco e piscou rapidamente os olhos.

— Isso é muito lisonjeiro, David, talvez até demais. Funciono melhor no meu elemento, algumas milhas longe de Washington. Sempre me senti um tanto abafado aqui.

— Não quando me viu desembarcar daquele avião de Hong Kong, há cinco anos. Naquele tempo você já havia armado quase metade da equação.

— Foi fácil. Era uma operação suja típica de D. C. que fedia a bacalhau podre, tão podre que ofendeu meu olfato. Isto é diferente, isto é Carlos.

— Exatamente, Alex. *É* Carlos, não uma voz desconhecida no telefone. Estamos tratando com uma quantidade conhecida, com uma pessoa previsível.

— *Previsível?* — exclamou Conklin, franzindo a testa. — Isso também é loucura. De que modo?

— Ele é o caçador. Vai se guiar pelo faro.

— Mas antes vai examinar com um nariz muito experiente, depois verificar os rastros com um microscópio.

— Nesse caso, precisamos ser autênticos, certo?

— Prefiro a coisa segura. O que você tem em mente?

— No evangelho segundo Santo Alex está escrito que para atrair a presa precisamos usar uma grande parte da verdade, mesmo que seja uma quantidade perigosa.

— Esse capítulo e versículo referem-se a um alvo microscópico. Acho que eu apenas os mencionei. Qual é a ligação com o caso?

— Medusa — disse Webb em voz baixa. — Quero usar a Medusa.

— Agora *você* está louco — disse Conklin, sem erguer a voz. — Esse nome é assunto tão proibido quanto você — vamos ser francos, muito mais.

— Houve boatos, Alex, histórias em todo o sudeste da Ásia que atravessavam o Mar da China até Kowloon e Hong Kong, segundo os quais a maioria daqueles filhos da mãe fugiu com o dinheiro. Medusa não era exatamente a organização maléfica que você pensa.

— Boatos, certo, histórias, é claro — interrompeu o ex-agente. — Qual daqueles animais não encostou uma faca ou uma arma na cabeça de dezenas ou *centenas* de vítimas, naquilo que eles chamavam de “excursões”? Noventa por cento de assassinos, ladrões, os esquadrões da morte originais. Peter Holland disse que quando era um SEAL, nas operações do norte, jamais conheceu um membro daquele grupo que não merecesse um tiro na cabeça.

— E sem eles, as 58 mil baixas poderiam ter sido mais de sessenta mil. Reconheça o mérito dos animais, Alex. Eles conheciam cada milímetro do território, cada centímetro quadrado da selva do triângulo. Eles — *nós* — enviaram mais informações importantes do que todas as unidades de Saigon juntas.

— David, estou procurando *acentuar* o fato de que jamais poderá haver ligação entre a Medusa e o governo dos Estados Unidos. Nosso envolvimento jamais foi registrado oficialmente, muito menos reconhecido. O próprio nome foi mantido em segredo na medida do possível. Não existe um estatuto de limitações para crimes de guerra, e Medusa era essencialmente uma organização privada, um grupo de desajustados violentos com o objetivo de fazer com que o sudeste da Ásia voltasse ao estado de corrupção que eles conheciam e usavam. Se fosse descoberta a ligação de Washington com Medusa, a reputação de muita gente da Casa Branca e do Departamento de Estado seria arruinada. Hoje eles são representantes do poder global, mas vinte anos atrás eram homens impulsivos subordinados ao Comando Saigon... Podemos aceitar táticas questionáveis em tempo de guerra, mas nunca a cumplicidade no extermínio de não-combatentes e a diversidade de fundos que representavam milhões, tudo isso pago pelo povo, sem saber o que estava pagando. É como aqueles arquivos selados, que descrevem com detalhes o financiamento dos nazistas por nossos banqueiros. Existem coisas que não queremos jamais retirar dos

seus buracos negros e a Medusa é uma delas.

Webb recostou-se outra vez na cadeira — agora, porém, tenso, olhando fixamente para o amigo que, no passado e por um momento, fora seu inimigo mortal.

— Se não me engano, Bourne foi identificado como ex-membro da Medusa.

— Foi uma explicação perfeitamente aceitável e um disfarce perfeito — concordou Conklin, retribuindo o olhar intenso de Webb. — Voltamos a Tam Quan e “descobrimos” que Bourne era um aventureiro paranóico da Tasmânia que desapareceu nas selvas do Vietnã do Norte. Em nenhuma parte daquele dossiê criado por nós existe qualquer insinuação de uma conexão com Washington.

— Mas é tudo mentira, não é, Alex? Havia uma conexão e o Chacal *sabe* disso agora. Ele sabia quando descobriu você e Mo em Hong Kong — quando encontrou seus nomes nas ruínas daquela casa segura em Victoria Peak onde Jason Bourne supostamente foi liquidado. O fato de enviar mensageiros a você e a Mo confirma isso, mais o que você disse há pouco, que “nossos homens foram óbvios demais”. O Chacal teve finalmente a certeza do que desconfiava há 13 anos. O membro da Medusa chamado Delta era Jason Bourne, e Jason Bourne era uma criação da Inteligência americana — e ainda está vivo. Vivo, escondido e protegido por seu governo.

Conklin bateu no braço da cadeira com a mão fechada.

— Como foi que ele nos encontrou, como *me* encontrou? Tudo, *tudo* estava perfeitamente e secretamente escondido. McAllister e eu nos certificamos disso!

— Posso imaginar vários meios, mas podemos adiar a solução desse problema, não temos tempo agora. Precisamos agir baseados naquilo que sabemos que Carlos sabe... *Medusa*, Alex.

— O quê? Agir como?

— Se Bourne era membro da Medusa, segue-se logicamente que nossas operações secretas estavam trabalhando com ela — com eles. Caso contrário, como poderiam ter feito a substituição de Bourne? O que o Chacal não sabe, ou não deduziu ainda, é até que ponto este governo — especialmente certas pessoas deste governo — está disposto a chegar para manter o segredo da sua conexão com Medusa. Como você disse, muita gente na Casa Branca e no Departamento de Estado podia ser queimada, e colocariam etiquetas muito pejorativas nas testas dos representantes do poder global, acho que foi essa a expressão que você usou.

— Então, de repente temos nossos Waldenheim — Conklin balançou afirmativamente a cabeça com a testa franzida, absorto em pensamentos.

— *Nuy Dap Rahn* — disse Webb em voz muito baixa. Alex ergueu os olhos rapidamente para ele e David continuou. — Essa é a chave, não é? *Nuy Dap Rahn*

— A Mulher Serpente.

— Você lembrou.

— Só esta manhã — respondeu Jason Bourne com olhar frio. — Quando o avião com Marie e as crianças desapareceu na neblina sobre o porto de Boston, de repente eu estava lá. Em outro avião, em outro tempo, as palavras soando no rádio, no meio da estática. “Mulher Serpente, Mulher Serpente, abortar... Mulher Serpente, está me ouvindo? *Abortar!*” Respondi desligando a maldita coisa e depois olhei para os homens na cabine do avião que parecia prestes a se partir ao meio com a turbulência. Observei cada homem imaginando, eu acho, qual deles sairia vivo, imaginando se eu sairia vivo e se não conseguíssemos, como íamos morrer... Então, vi dois deles erguendo as mangas das camisas, comparando aquelas feias tatuagens, aqueles símbolos horríveis que os obcecava...

— *Nuy Dap Rahn* — disse Conklin com voz inexpressiva. — Um rosto de mulher com cabelo feito de cobras. Mulher Serpente. Você se recusou a fazer a tatuagem...

— Nunca achei que era uma marca de distinção — interrompeu David Webb, piscando rapidamente os olhos. — Na verdade, para mim, era o contrário.

— No começo, era uma identificação, não um estandarte ou uma bandeira que pudessem conferir qualquer distinção. Uma tatuagem complexa na parte interna do antebraço, desenho e cores exclusivos de um único artista de Saigon. Ninguém era capaz de imitá-lo.

— Aquele velho ganhou muito dinheiro naqueles anos. Ele era especial.

— Todos os oficiais do Centro de Comando ligados à operação Medusa tinham uma. Eram como garotos maníacos que tivessem encontrado um código secreto numa caixa de flocos de milho.

— Não eram garotos, Alex. Maníacos, pode apostar que eram, mas não garotos. Estavam contaminados por um vírus nojento chamado irresponsabilidade e aquele onipresente Comando Saigon fez muitos milionários. Os verdadeiros garotos estavam sendo inutilizados e mortos nas selvas, enquanto uma porção de oficiais elegantes, impecavelmente fardados, no sul, tinham mensageiros pessoais na Suíça para tratar de seus negócios nos bancos da Bahnhofstrasse, em Zurique.

— Cuidado, David. Pode estar falando de gente muito importante no nosso governo.

— Quem? — perguntou Webb em voz baixa.

— Depois da queda de Saigon providenciei para que desaparecessem discretamente todos os que estavam enterrados no lixo até o pescoço. Mas estive fora, trabalhando por uns dois anos antes disso, e ninguém fala muito sobre esse tempo e nada sobre a Mulher Serpente.

— Assim mesmo, deve ter uma idéia.

— Tenho, mas nada concreto, nada que possa ser provado. Apenas possibilidades baseadas em modos de vida, em propriedades que eles não podiam

ter, viagens que não poderiam fazer normalmente ou cargos que ocupavam ou ocupam em companhias, que justificam altos salários e direitos de acionistas, quando nada em sua carreira justificava ou justifica esses empregos.

— Você está descrevendo uma rede de operação — disse David, com voz tensa, a voz de Jason Bourne.

— Se é uma rede, é muito fechada — concordou Conklin. — Muito exclusiva.

— Faça uma lista, Alex.

— Vai ser uma lista cheia de furos.

— Então, para começar, limite-se às pessoas importantes do nosso governo que tenham alguma ligação com o Comando Saigon. Talvez possa relacionar depois todos os que possuem propriedades que não deviam possuir ou que têm empregos civis muito bem pagos, que não deviam ter.

— Repito, seria uma lista inútil.

— Não com seus instintos.

— David, que *diabo* isso tem a ver com Carlos?

— Uma parte da verdade, Alex. Uma parte perigosa, pode estar certo, mas genuína e irresistível para o Chacal.

Alex olhou atônito para o amigo.

— Como?

— É aí que entra sua criatividade. Digamos que, entre 15 ou vinte nomes, você acerta em três ou quatro alvos contra os quais podemos conseguir provas de um modo ou de outro. Quando tivermos certeza de quem são, começamos a aplicar diversas formas de pressão com a mensagem básica: um ex-membro da Medusa enlouqueceu, um homem que está detido há anos está disposto a estourar a cabeça da Mulher Serpente e ele tem a munição necessária — nomes, crimes, localização exata das contas nos bancos suíços, a salada mista completa. Então — e isto será um teste para os talentos do velho Santo Alex que nós todos conhecemos e respeitamos — fazemos correr o rumor de que alguém está muito mais interessado do que eles em pôr as mãos nesse traidor perigoso e rebelde.

— Ilich Ramirez Sanchez — completou Conklin em voz baixa. — Carlos, o Chacal. E o que se segue é igualmente impossível. De algum modo — só Deus sabe como — espalha-se a informação de que as duas partes interessadas vão se encontrar. Isso quer dizer, interessadas num assassinato conjunto no qual uma das partes não pode participar ativamente, devido à natureza sensível de sua posição oficial, é isso?

— Quase. Faltou dizer que esses homens poderosos de Washington podem ter acesso à identidade e paradeiro dessa tão desejada futura vítima.

— Mas é claro — concordou Alex, balançando a cabeça com incredulidade. — Para eles, basta erguer a varinha de condão para anular todas as restrições aplicáveis

aos arquivos de sigilo máximo e obter a informação.

— Exatamente — disse David com firmeza. — Porque a pessoa — ou pessoas — designada para falar com Carlos tem de ocupar uma posição tão alta, tem de ser tão autêntica que o Chacal não terá escolha senão aceitá-la. É preciso que ele não tenha nenhuma dúvida, que não possa sequer desconfiar de uma cilada.

— Gostaria também que eu fizesse desabrochar rosas durante uma tempestade de neve em Montana?

— Quase isso. Tudo deve acontecer dentro de um ou dois dias, enquanto Carlos ainda está se recuperando do que aconteceu no Instituto.

— *Impossível!*... Tudo bem, vou tentar. Vou instalar aqui meu centro de trabalho e pedir a Langley tudo que preciso. Segurança Quatro Zero, é claro... Detesto a idéia de perder quem quer que esteja hospedado no Mayflower.

— Talvez não seja preciso. Seja quem for, não vai desistir tão depressa. O Chacal não costuma deixar nenhum furo tão óbvio,

— O Chacal? Você acha que é Carlos?

— Não ele, é claro, mas alguém pago por ele, alguém tão improvável que pode pendurar um cartaz no pescoço com o nome do Chacal que ninguém vai acreditar.

— Chinês?

— Pode ser. Ele pode usar isso, e pode não usar. O Chacal é geométrico, tudo que faz é lógico e até sua lógica parece ilógica.

— Ouço a voz de um homem do passado, um homem que jamais existiu.

— Ah, mas ele *existiu*, Alex. Existiu realmente. E agora está de volta.

Conklin olhou para a porta do apartamento, com uma nova idéia provocada pelas palavras de Webb.

— Onde está sua mala? — perguntou. — Trouxe algumas roupas, não trouxe?

— Nenhuma e estas vão ser jogadas num esgoto de Washington logo que me derem outras. Mas antes disso, preciso ver outro velho amigo, outro gênio, que mora no lado errado da cidade.

— Deixe-me adivinhar — disse o ex-agente. — Um homem negro e idoso com o nome incrível de Cactus, um gênio no ramo de papéis falsos, como passaportes e cartões de crédito.

— Isso mesmo. Ele.

— A Agência pode tratar disso.

— Não tão bem e com muita burocracia. Não quero nada cuja origem possa ser descoberta, mesmo com segurança Quatro Zero. Este é um trabalho pessoal.

— Tudo bem. E depois?

— Comece a trabalhar, agente de campo. Amanhã cedo quero que uma porção de gente desta cidade esteja apavorada.

— *Amanhã cedo...? Isto é impossível!*

— Não para você. Não para Santo Alex, o príncipe da operação secreta.
— Pode dizer o que quiser, eu estou destreinado.
— Isso volta depressa, como sexo e andar de bicicleta.
— E você? O que *você* vai *lazer*?
— Depois da minha consulta com Cactus, vou reservar um quarto no Mayflower Hotel — respondeu Jason Bourne.

Culver Parnell, magnata de hotéis de Atlanta, nomeado para o cargo de chefe do protocolo da Casa Branca em virtude dos vinte anos de reinado no ramo hoteleiro, desligou furioso o telefone, enquanto escrevia o sexagésimo palavrão no seu bloco de notas. Com a eleição e a mudança do pessoal da Casa Branca, Parnell tinha agora uma administradora de boa família, que não sabia coisa alguma das implicações políticas dos 1.600 nomes da lista de convidados. Depois, para sua profunda irritação, viu-se em estado de guerra com sua primeira assistente, uma mulher de meia-idade, também formada por uma das elegantes universidades do leste e, para piorar as coisas, uma dama muito popular na sociedade de Washington, que contribuía com parte do seu salário para uma companhia de dança muito exclusiva cujos membros andavam por toda a parte com suas roupas de baixo, quando as usavam.

— *Droga! Porcaria!* — esbravejou Parnell, passando a mão no cabelo grisalho. Apanhou o telefone, digitou quatro números no seu console e disse, exagerando o sotaque já bastante acentuado da Geórgia: — Ligue para o Ruivo, coisinha doce.

— Sim, *senhor* — respondeu a secretária, lisonjeada. — Ele está em outra linha, mas vou interromper. Por favor, espere um segundo, Sr. Parnell.

— Você é a coisinha mais linda do mundo, criança.

— Nossa! *Muito* obrigada! Agora, só um segundo.

Nunca falhava, pensou Culver. Um pouco do óleo suave de magnólia funcionava muito melhor do que a casca de um velho carvalho. Aquela cadela da sua primeira assistente devia aprender com seus superiores do sul. Ela falava como se um dentista ianque acabasse de soldar seus dentes com cimento permanente.

— É você, Cull? — disse o Ruivo no telefone, interrompendo o pensamento de Parnell, que escrevia o septuagésimo palavrão no bloco de notas.

— Está mais do que certo, garoto, e temos um *problema!* A cadela fricassê está fazendo outra das suas. Marquei os nomes dos nossos amigos de Wall Street para uma mesa na recepção que ofereceremos ao embaixador francês, no dia 25, e *ela* disse que temos de substituí-los por uns frescos *core-dee-balé* — dizendo que ela e a *primeira dama* são loucas por eles. *Meeer-da!* Os homens do dinheiro têm muitos investimentos na França e essa recepção na Casa Branca pode ser muito importante. Todas as “rãs” da Bolsa de Valores vão pensar que eles têm influência junto ao governo!

— Esqueça, Cull — disse o ansioso Ruivo. — Acho que temos um problema maior e não sei ainda o que significa.

— Que problema?

— Quando voltamos a Saigon, por acaso ouviu falar de alguma coisa ou de alguém chamada Mulher Serpente?

— Ouvi falar muito em “olhos de cobra⁴¹” — disse Parnell com uma risada — mas nada de Mulher Serpente. Por quê?

— O cara com quem acabo de falar — vai telefonar novamente dentro de cinco minutos — parece que estava me ameaçando. Quero dizer, *ameaçando* de verdade, Cull! Mencionou Saigon, insinuou que aconteceu algo terrível naquela época e repetiu várias vezes Mulher Serpente, como se esperasse que eu saísse correndo de medo...

— Deixe esse filho da mãe *comigo!* — rugiu Parnell, interrompendo. — Sei *exatamente* sobre o que o miserável está falando! É aquela empertigada cadela da minha primeira assistente — *ela* é a droga da Mulher Serpente! Dê meu telefone para o verme e diga que sei tudo sobre sua merda!

— Quer fazer o favor de *me* contar, Cull?

— Que diabo, você estava lá, Ruivo... Muito bem, tínhamos alguns jogos em funcionamento, até mesmo alguns minicassinos e alguns palhaços perderam as camisas no jogo, mas nada que os soldados não tenham feito desde que atiraram estrume nas *roupas* de Cristo!... Só que fizemos a coisa num nível mais alto e contratamos algumas donas que de qualquer modo estariam se oferecendo na rua... Não, Ruivo, aquela bunda elegante, chamada de primeira assistente, pensa que tem alguma coisa contra mim — por isso foi primeiro a você, porque todos sabem que somos amigos... Mande essa porcaria me telefonar que *eu* acerto a cara dele e a daquela cadela idiota! Ora, ora, ela fez o jogo errado! Meus homens de Wall Street estão dentro e seus bichas estão *fora!*

— Tudo bem, Cull, então eu simplesmente mando falar com você — disse o Ruivo, conhecido também como Vice-presidente dos Estados Unidos, desligando o telefone.

Quatro minutos depois o telefone tocou e o que Parnell ouviu foi:

— *Mulher Serpente*, Culver, estamos todos fritos!

— Não, escute aqui, seu cabeça-de-bagre, vou dizer quem está frito! Ela não é uma mulher, é uma puta. Um dos seus trinta ou quarenta maridos eunucos deve ter tirado um “olho de cobra” nos dados, era Saigon, e perdeu algum daquele dinheiro fácil que ela anuncia tão bem, mas ninguém deu a mínima e ninguém está dando a mínima agora. Especialmente um coronel da marinha que gostava de um jogo de pôquer alto uma vez ou outra, e neste momento ele está sentado no Escritório Oval. Além disso, seu escroto sem saco, quando ele souber que ela está tentando difamar

mais ainda os bravos rapazes que só queriam um pequeno descanso no meio de uma guerra ingrata...

Em Vienna, Virgínia, Alexander Conklin desligou o telefone. *Tiro fora do alvo um, fora do alvo dois...* e ele jamais ouvira falar em Culver Parnell.

O presidente em exercício da Comissão Federal do Comércio, Albert Armbruster, desligou o chuveiro e praguejou em voz alta quando ouviu a voz estridente da mulher no banheiro cheio de vapor.

— Que diabo está acontecendo, Mamie? Não posso nem tomar um banho de chuveiro sem ouvir seus *berros*?

— Pode ser da Casa Branca, Al! Você sabe como é que eles falam, tão baixo e devagar e sempre dizendo que é urgente.

— *Meerda!* — gritou o presidente, abrindo a porta de vidro e caminhando nu para o telefone na parede. — Armbruster falando. O que é?

— Uma crise que exige sua atenção imediata.

— É o 1600?

— Não, e espero nunca chegar a tanto,

— Então, quem diabo é *você*?

— Alguém tão preocupado quanto o senhor vai ficar. Depois de tantos anos — oh, *Cristo!*

— Preocupado com *o quê*? Do que você está falando?

— Da Mulher Serpente, senhor presidente.

— Oh, *meu Deus!* — A voz baixa de Armbruster era um grito instintivo de pânico. Logo se controlou, mas era tarde demais. *Primeiro tiro na mosca.* — Não tenho idéia do que está falando... O que é essa serpente não sei o quê? Nunca ouvi falar nisso.

— Pois então, ouça agora, Sr. *Medusa*. Alguém conseguiu todas as informações. Datas, desvios de material, bancos em Genebra e em Zurique — até os nomes de uma meia dúzia de mensageiros em Saigon — e coisa pior... Jesus, *o pior!* Outros nomes — desaparecidos em ação que nunca entraram em combate... oito investigadores do escritório do inspetor geral. *Tudo.*

— Nada disso faz sentido! Está dizendo asneiras!

— E seu nome está na lista, Sr. *presidente*. O homem deve ter passado 15 anos colhendo material e agora quer o pagamento de todos esses anos de trabalho, do contrário vai expor tudo — tudo e *todos*.

— Quem? Pelo amor de Deus, quem é *ele*?

— Estamos investigando. Tudo que sabemos é que estive no programa de proteção durante dez anos e ninguém fica rico desse modo. Com certeza foi excluído da ação em Saigon e agora quer recuperar o tempo perdido. Fique alerta. Logo entraremos em contato outra vez.

Com um clique, o homem desligou,

Com todo o calor e vapor que o envolviam, Albert Armbruster, presidente em exercício da Comissão Federal de Comércio, nu ainda, estremeceu de frio com o suor escorrendo pelo rosto. Desligou o telefone e examinou a tatuagem pequena e feia na parte interna do seu braço.

Em Vienna, Virgínia, Alex Conklin ficou olhando para o telefone.

Tiro na mosca número um.

O general Norman Swayne, chefe de manutenção do Pentágono, recuou um pouco, satisfeito com sua longa tacada no extenso gramado. A bola ia rolar para uma ótima posição, permitindo um bom lançamento com o taco número cinco para o sétimo campo.

— Acho que isso resolve — disse, voltando-se para seu parceiro de golfe.

— Sem dúvida, Norman — respondeu o jovem vice-presidente da Calco Technologies. — Esta tarde você está tirando minha camisa. Vou acabar devendo uns trezentos mangos. A vinte dólares o buraco, só tenho mais quatro.

— É a sua bola curva, amigo, precisa melhorar.

— Certo, Norman — concordou o executivo da Calco, encarregado do marketing, aproximando-se do suporte da bola.

De repente ouviram o som áspero da buzina de um carro de golfe e o veículo de três rodas apareceu na rampa da passagem número 16 em velocidade máxima.

— É o seu chofer, general — disse o vendedor de armamentos, imediatamente arrependido de ter usado o título formal do companheiro de jogo.

— Tem razão. É estranho. Ele nunca interrompe meu jogo. — Swayne caminhou para o carro que se aproximava rapidamente, encontrando-se com ele a uns nove metros de onde estava o executivo. — O que é? — perguntou ao sargento de meia-idade com divisas na túnica, que há 15 anos era seu chofer.

— Acho que é alguma coisa muito podre — respondeu o sargento carrancudo, segurando com força a direção do pequeno carro.

— Isso é um tanto espetacular...

— Tanto quanto o filho da mãe que telefonou. Tive de atender dentro do clube, num telefone *público*. Eu disse que não ia interromper seu jogo e ele respondeu que era muito melhor para mim tratar de interromper. É claro, perguntei quem estava falando, sua patente e toda essa bobagem, mas o que ele disse me assustou mais do que qualquer coisa. “Diga ao general que estou telefonando para falar sobre Saigon e sobre alguns répteis que se arrastavam pela cidade há quase vinte anos”. Foi isso exatamente o que ele disse...

— Jesus *Cristo*! — interrompeu Swayne. *Serpente...?*

— Disse que vai telefonar outra vez dentro de meia hora — 18 minutos, agora. Entre aí, Norman, estou também nesse negócio, lembra-se?

Atônito e assustado, o general balbuciou.

— Eu... preciso arranjar uma desculpa. Não posso sair assim, sem mais nem menos.

— Pois seja rápido. E, *Norman*, você está de mangas curtas, seu maldito idiota! Dobre o braço.

Swayne olhou arregalado para a pequena tatuagem e imediatamente dobrou o braço contra o peito como um brigadeiro britânico, voltando com passos hesitantes para o parceiro, fingindo uma calma que não sentia.

— Que droga, meu jovem, o exército me chama.

— Ora, que droga, Norman, mas tenho de pagar o que lhe devo. *Eu insisto!*

Atordado, o general aceitou o pagamento sem contar o dinheiro, sem perceber que era muito mais do que o homem devia. Agradeceu confusamente e caminhou depressa para o carro de golfe, sentando-se ao lado do sargento.

— Lá se vai meu anzol, soldadinho — disse o executivo da firma de armamentos para o suporte da bola, e com uma tacada precisa mandou a pequena bola num vôo direto muito adiante da bola do general e para uma posição muito melhor.

— Um negócio de 400 milhões, seu chefão filho da mãe.

Segundo tiro na mosca.

— Mas afinal de que diabo você está *falando*? — perguntou o senador com uma risada. — Ou devo dizer o que Armbruster está armando? Ele não precisa do meu apoio para o novo projeto de lei e não teria se precisasse. Foi um asno em Saigon e é um asno agora, mas tem a maioria dos votos.

— Não estamos falando de votos, senador. Estamos falando sobre *Mulher Serpente*.

— As únicas serpentes que conheci em Saigon eram idiotas como Alby, que rastejava pela cidade fingindo saber todas as respostas quando não existia nenhuma... Quem diabo é *você*, afinal?

Em Vienna, Virgínia, Alex Conklin desligou o telefone. *Terceiro tiro fora do alvo.*

Phillip Atkinson, embaixador junto à Corte de St. James, atendeu o telefone, em Londres, supondo que o homem anônimo, código “mensageiro D. C. “ trazia alguma instrução extremamente confidencial do Departamento de Estado e automaticamente, obedecendo às ordens, ligou seu “misturador” raramente usado. O aparelho provocava estática nas linhas da Inteligência e mais tarde ele ia sorrir complacentemente para os amigos no bar Connaught quando perguntassem se havia alguma novidade de Washington, sabendo que um ou outro tinha “parentes” no MI-Cinco.

— Sim, mensageiro do distrito?

— Sr. embaixador, suponho que esta conversa não pode ser ouvida por mais ninguém — disse a voz baixa e tensa em Washington.

— Está certo, a não ser que eles tenham inventado um novo tipo de Enigma, o que é pouco provável;

— Ótimo... quero que o senhor volte mentalmente a Saigon, a uma operação que nunca é citada ou comentada...

— *Quem* está falando? — interrompeu Atkinson, inclinando-se para a frente com um gesto brusco.

— Os homens naquele grupo nunca usavam nomes, senhor embaixador, e não costumávamos revelar nossos compromissos, certo?

— Que diabo, quem é *você*? Eu o *conheço*?

— Nada disso, Phil, mas estou surpreso por não reconhecer minha voz.

Os olhos arregalados de Atkinson percorreram rapidamente a sala, sem ver nada, só tentando lembrar, procurando desesperadamente pôr um rosto naquela voz.

— É você, Jack — *acredite*, estamos no misturador!

— Está quente, Phil...

— A Sexta Frota, Jack. Um simples código Morse invertido. Depois, coisas maiores, *muito* maiores. É *você*, não é?

— Digamos que é possível, mas isso não vem ao caso. A questão é que estamos no meio de um temporal, um temporal *muito* pesado...

— É você!.

— Cale a boca e ouça. Uma fragata filha da mãe soltou-se das amarras e está batendo por todo lado, atingindo muitos bancos de areia.

— Jack, eu funcionava em terra, não no mar. Não estou entendendo.

— Algum miserável deve ter sido afastado da ação em Saigon e, ao que me disseram, estive sob proteção não sei por que, e agora juntou todos os pedaços. Ele tem *tudo*, Phil. *Tudo*.

— *Santo Deus!*

— Ele está pronto para o lançamento...

— *Pare* o homem!

— Esse é o problema. Não sabemos ao certo quem ele é. O segredo foi muito bem protegido em Langley.

— Meu Deus, homem, na sua posição você pode mandar parar tudo! Diga que é um arquivo morto do Departamento da Defesa, que nunca foi completado — isto é, foi feito para espalhar *desinformação*! É um documento *falso*!

— Isso podia ser o mesmo que enfrentar uma artilharia...

— Já falou com Jimmy T. em Bruxelas? — interrompeu o embaixador. — Ele é muito amigo do chefe de Langley.

— No momento não quero que a coisa passe adiante. Não antes de fazer um

pouco de trabalho missionário.

— Você é quem sabe, Jack. Você está dirigindo o espetáculo.

— Mantenha suas adriças esticadas, Phil.

— Se quer dizer que devo ficar de boca fechada, não se preocupe! — disse Atkinson, dobrando o cotovelo, imaginando se existia alguém em Londres capaz de tirar a feia tatuagem do seu braço.

No outro lado do Atlântico, em Vienna, Virgínia, Alex Conklin desligou e recostou-se na cadeira muito assustado. Estava seguindo seus instintos como havia feito durante vinte anos de trabalho de campo, palavras que levavam a outras palavras, frases a outras frases, insinuações agarradas no ar para confirmar suposições, até mesmo conclusões. Conklin sabia que era um profissional competente nesse jogo de xadrez de invenção instantânea — às vezes, competente demais. Certas coisas deviam permanecer nos seus buracos negros, como um câncer não diagnosticado enterrado na história, e o que ele acabava de descobrir talvez estivesse nessa categoria.

Tiros certos Três, Quatro e Cinco.

Phillip Atkinson, embaixador na Grã-Bretanha. James Teagarten, comandante supremo da OTAN. Jonathan “Jack” Burton, ex-almirante da Sexta Frota atualmente presidente do Estado-Maior das Forças Armadas.

Mulher Serpente. Medusa.

Uma rede de operações.

ERA COMO se nada tivesse mudado, pensou Jason Bourne, consciente de que seu outro eu, David Webb, estava retrocedendo. O táxi o levou ao bairro outrora elegante, agora empobrecido, no nordeste de Washington e, como há cinco anos, o motorista recusou-se a esperar. Passou pelo caminho de lajes coberto de mato que levava à velha casa que, como da primeira vez, lhe pareceu muito velha, muito frágil e precisando de reparos. Tocou a campainha, imaginando se Cactus estaria vivo ainda. Sim, estava. O homem negro e magro de rosto amigável e olhos bondosos apareceu na porta exatamente como há cinco anos, semicerrando os olhos protegidos pela pala do boné. Até suas primeiras palavras foram uma pequena variação das que havia usado naquele tempo.

— Tem calotas no seu carro, Jason?

— Sem carro, sem táxi, ele não quis esperar.

— Deve ter ouvido as mentiras da imprensa fascista. Eu tenho lança-torpedos nas janelas só para impressionar esta vizinhança amistosa e gentil. Entre, penso muito em você. Por que não telefonou para este velho?

— Seu telefone não consta da lista, Cactus.

— Certamente por descuido. — Bourne entrou e o velho fechou a porta. — Você tem alguns fios de cabelos brancos, Br'er Rabbit — acrescentou, examinando o amigo. — Fora isso, não mudou muito. Talvez uma ou duas linhas a mais no rosto, mas isso dá mais personalidade.

— Tenho também mulher e dois filhos, Tio Remus. Um menino e uma menina.

— Sei disso. Mo Panov me mantém informado, embora não soubesse dizer onde você está morando — o que eu não quero saber, Jason.

Bourne piscou os olhos, balançando lentamente a cabeça.

— Eu ainda me esqueço das coisas, Cactus. Desculpe. Esqueci que você e Mo são amigos.

— Oh, o bom doutor me telefona pelo menos uma vez por mês e diz, “Cactus, seu patife, vista um dos seus ternos Pierre Cardin, calce seus sapatos Gucci e vamos almoçar”. Então eu digo, “Onde este velho negro vai arranjar essas coisas?” E ele diz, “Provavelmente você é dono de um shopping center no melhor ponto da cidade...” Ora, isso é exagero, Deus sabe. Tenho um ou dois pedacinhos de imóveis, mas nunca chego perto deles.

Os dois riram e Jason examinou o rosto escuro e os olhos negros e afetuosos.

— Acabo de me lembrar de outra coisa. Há 13 anos, naquele hospital, na

Virgínia... você foi me visitar. Além de Marie e daqueles filhos da mãe do governo, foi a única visita que recebi.

— Panov compreendeu, Br'er Rabbit. Quando trabalhei em você na Europa, na minha qualidade não oficial, eu disse a Morris que não se estuda o rosto de um homem com lentes sem aprender alguma coisa sobre aquele rosto, sobre aquele homem. Eu queria que você falasse de coisas que eu não encontrava nas lentes e Morris gostou da idéia... Agora que passou a hora da confissão, tenho de dizer que é muito *bom* vê-lo outra vez, Jason, mas para dizer a verdade, não estou muito *feliz* por vê-lo, se é que me entende.

— Preciso da sua ajuda, Cactus.

— Esse é o motivo da minha infelicidade. Você já passou por muita coisa e não estaria aqui se não estivesse à procura de mais encrencas, e se quer minha opinião profissional de perscrutador com lentes, não se trata de coisa muito saudável.

— Você precisa me ajudar.

— Então, é melhor que tenha um bom motivo, aprovado pelo bom doutor, porque não vou me meter em nada que possa trazer mais prejuízo para você... Encontrei sua encantadora mulher de cabelos ruivos algumas vezes no hospital — ela é especial, Br'er, e seus filhos devem ser também, portanto, compreende que não posso tomar parte em alguma coisa que possa fazer mal a eles. Perdoe-me, mas vocês são como parentes de um outro tempo, de um tempo sobre o qual não falamos, mas que está no meu pensamento.

— Por causa deles preciso de sua ajuda.

— Seja mais claro, Jason.

— O Chacal está fechando o cerco. Ele nos descobriu em Hong Kong e eu e minha família estamos na sua mira de fogo. Por favor, *ajude-me*.

Os olhos do velho arregalaram-se sob a pala do boné com uma fúria tremenda nas pupilas dilatadas.

— O bom doutor sabe disso?

— Ele está nisso também. Talvez não aprove o que estou fazendo, mas se for franco com ele mesmo, sabe que o final disto tudo será o Chacal e eu. *Ajude-me*, Cactus.

O velho observou por um momento seu cliente nas sombras do fim de tarde.

— Você está em boa forma, Br'er Rabbit? — perguntou. — Ainda tem boa disposição física?

— Eu corro dez quilômetros todas as manhãs e levanto peso pelo menos duas vezes por semana no ginásio da universidade...

— Não ouvi nada disso. Não quero saber nada sobre colégios ou universidades...

— Então você não ouviu.

— É claro que não. Mas posso dizer que você parece em boas condições.

— Procuro me manter assim, Cactus — disse Jason em voz baixa. — Às vezes é apenas a campainha do telefone, ou Marie está atrasada ou saiu com as crianças e não sei onde encontrá-la... ou um desconhecido me faz parar para perguntar onde fica uma rua, e tudo volta — *ele* volta. O Chacal. Enquanto houver uma possibilidade de ele estar vivo preciso estar preparado porque não vai desistir de me procurar. A ironia disso tudo é que a caçada baseia-se numa suposição que pode ou não ser verdadeira. O Chacal pensa que eu posso identificá-lo, mas eu não tenho certeza disso. Na verdade, nada está perfeitamente em foco ainda.

— Já pensou em enviar um recado para ele?

— Com todo o dinheiro que ele tem, posso pôr um anúncio no *Wall Street Journal*. “Querido Velho Amigo Carlos: Garoto, tenho novidades para você...”

— Não brinque, Jason, não é impossível. Seu amigo Alex talvez encontre um jeito. A perna não afeta em nada a mente dele. Acho que a palavra elegante é serpentina.

— Exatamente por isso, se ele não tentou ainda, deve ter um bom motivo.

— Acho que não posso negar isso... Então, vamos ao trabalho, Br'er Rabbit. O que você quer?

Passando por uma arcada e por uma porta, Cactus o conduziu à sala de estar cheia de móveis velhos e colchas amareladas.

— Meu estúdio não é tão elegante quanto era antes, mas todo o equipamento está aqui. Você compreende, estou meio aposentado. Os meus planejadores financeiros criaram um diabo de programa de aposentadoria com grandes vantagens de isenção de impostos; assim, a pressão não é muito intensa.

— Você é simplesmente incrível — disse Bourne.

— É, acho que alguns podem pensar isso, todos que não estão cumprindo pena na cadeia. O que você tem em mente?

— Na verdade, eu mesmo. Não Europa nem Hong Kong, é claro. Só papéis.

— Então o Camaleão recua para outro disfarce. Ele mesmo.

Jason parou perto da porta.

— Outra coisa que eu tinha esquecido. Era assim que eles me chamavam, não era?

— Camaleão?... Sim, chamavam, e não sem motivo, como eles dizem. Seis pessoas podiam ver o rosto do nosso homem Bourne e teríamos seis descrições diferentes. E sem um vidro de maquilagem.

— Tudo começa a voltar, Cactus.

— Sinceramente, eu preferia que não fosse preciso, mas se tem de ser, *certifique-se* de que tudo voltou... Venha para a sala mágica.

Três horas e vinte minutos depois a mágica estava feita. David Webb, mestre de

assuntos orientais e durante três anos Jason Bourne, assassino, tinha mais dois nomes no seu passaporte, nas carteiras de motorista e nos títulos eleitorais, para confirmar a identificação. E uma vez que nenhum táxi se aventurava no “campo de operações” de Cactus, um vizinho desempregado, com vários cordões de ouro no pescoço e nos pulsos, levou o cliente de Cactus para o centro de Washington no seu novo Cadillac Allanté.

Do telefone público da loja de departamentos Garfinkel, Jason ligou para Alex, na Virgínia, informando-o sobre seus dois novos nomes e escolheu um para o Hotel Mayflower. Conklin ia reservar oficialmente um quarto para o caso de haver poucas vagas na temporada de verão. Langley ia ativar um imperativo Quatro Zero para fornecer a Bourne todo material necessário, entregando-o no seu quarto, no hotel, o mais depressa possível. A estimativa era de no mínimo mais três horas, sem garantia de tempo nem de autenticidade. Mesmo assim, pensou Jason, enquanto Alex reconfirmava a informação com a CIA, numa segunda linha direta, só poderia estar no hotel dentro de três horas. Precisava comprar roupas. O Camaleão voltava à atividade.

— Steven DeSole disse que vai começar a trabalhar no computador, fazendo uma coleta remissiva de informações entre os bancos de dados do exército e da Inteligência naval — disse Conklin, voltando a falar com ele. — Peter Holland pode fazer isso, ele é chapa do presidente.

— Chapa? Nunca ouvi você usar essa palavra antiga.

— Como em acordo de chapa.

— Oh?... Obrigado, Alex. E você? Algum progresso? Conklin ficou calado por um momento e quando respondeu havia medo em sua voz, controlado, mas era medo.

— Digamos que... não estou equipado para o que descobri. Acho que estive afastado durante muito tempo, Jason — desculpe... David.

— Disse o nome certo na primeira vez. Já conversou sobre...

— Não diga nenhum *nome* — interrompeu o ex-agente de campo rapidamente, com voz firme.

— Compreendo.

— Não pode compreender — contrariou Alex. — *Eu* não compreendi. Entrarei em contato. — Com essas palavras enigmáticas, Conklin desligou bruscamente. Bourne desligou o telefone devagar, franzindo a testa. Era Alex quem estava sendo melodramático agora, e isso não combinava com ele. Sua palavra-chave era controle, descrição era sua persona. Fosse o que fosse, estava profundamente abalado com o que havia descoberto... a ponto de dar a impressão de que não confiava mais nos procedimentos que ele próprio havia determinado e nem nas pessoas com quem estava trabalhando. Se não fosse assim, teria sido mais claro,

mais explícito. Por razões que Jason não conhecia, Alexander Conklin não queria falar sobre Medusa e nem sobre o que havia descoberto quando começou a erguer o manto de vinte anos de trapanças... Seria *possível*?

Não temos tempo! Não adianta agora, pensou Bourne, passando os olhos pelo saguão da loja de departamentos. Alex não era apenas cumpridor da sua palavra, ele vivia para ela, desde que não se tratasse de um inimigo. Com uma risada discreta, Jason lembrou-se de Paris, 13 anos antes. Conhecia aquele *lado* de Alex também. Se não fosse a proteção das lajes dos túmulos no cemitério em Rambouillet, seu melhor amigo o teria assassinado. Mas isso foi naquele tempo, não agora. Conklin disse que ia “manter contato”. Certamente faria isso. E a essa altura o Camaleão já teria criado vários disfarces protetores. De dentro para fora, da roupa de baixo ao terno e tudo que ficava no meio. Sem o perigo de uma marca de lavanderia, de nenhuma prova química microscópica de um detergente de uso local — *nada*. Tinha dado muito. Se precisava matar para proteger a família de David... Oh, *meu Deus!* a *minha* família!... recusava-se a viver com as conseqüências dessa morte ou dessas mortes. No lugar para onde ia agora não havia regras. O inocente podia morrer vítima do fogo cruzado. Tinha de ser. David Webb se oporia a isso ardentemente, mas Jason Bourne não dava a menor importância. Estivera lá antes, conhecia as estatísticas. Webb não sabia de nada.

Marie, eu vou *acabar com ele*. *Prometo* que vou tirá-lo das nossas vidas para sempre. Apanharei o Chacal e deixarei um homem morto. Ele jamais poderá tocá-la outra vez — você ficará *livre*.

Oh, *Cristo*, quem *sou eu?* Mo, ajude-me!... Não, Mo, *não faça isso!* Eu sou o que tenho de ser. Estou frio e ficando mais frio. Logo serei gelo... gelo claro e transparente, tão puro que poderei me movimentar em qualquer parte sem ser visto. Não compreende, Mo — e você também, Marie — *tenho* de fazer isso! David tem de desaparecer. Não pode mais ficar ao meu lado.

Perdoe-me, Marie, e você, doutor, perdoe-me, mas estou pensando na verdade. Uma verdade que precisa ser encarada neste momento. Não sou tolo nem estou me enganando. Vocês dois querem que eu elimine Jason Bourne da minha vida, que o liberte para o infinito, mas o que tenho de fazer agora é o *contrário*. David tem de partir, pelo menos por um tempo.

Não me aborreça com essas considerações! Tenho *muito* que fazer.

Onde diabo fica o departamento de roupas masculinas? Quando terminasse as compras, tudo pago em dinheiro a tantos vendedores diferentes quanto fosse possível, trocava toda a roupa no banheiro dos homens. Depois, ia procurar nas ruas de Washington uma grade discreta de entrada de esgoto. O Camaleão também estava de volta.

Às 7:35h da noite Bourne terminou o trabalho com a navalha. Tinha retirado

todas as etiquetas das novas roupas. Dependurou tudo no closet, exceto as camisas que umedeceu com vapor, no banheiro, para tirar o cheiro de tecido não usado. Foi até a mesa onde estavam a garrafa de scotch, soda e o balde de gelo que havia pedido. Quando passou pelo telefone, parou. Desejava intensamente falar com Marie, na ilha, mas não era prudente, não do quarto do hotel. O mais importante era saber que tinham chegado bem, como garantiu John St. Jacques, quando David ligou de outro telefone público na Garfinkel.

— Oi, Davey, eles estão exaustos. Tiveram de esperar quase quatro horas na ilha grande até o tempo abrir. Posso acordar a mana, se você quiser, mas depois de amamentar Alison ela simplesmente apagou.

— Tudo bem, telefone mais tarde. Diga que estou bem e tome conta deles, Johnny.

— Certo, amigão. Agora, *eu* quero saber. Você está bem?

— Já disse que estou.

— Eu sei, você pode dizer isso e ela pode dizer também, mas além de ser a única, Marie é minha irmã favorita, e sei muito bem quando está abalada.

— Por isso você vai tomar conta dela.

— Vou também conversar com ela.

— Vá com calma, Johnny.

Por alguns momentos fora David Webb outra vez, pensou Jason, preparando um drinque. Não gostava disso, parecia errado. Porém uma hora depois, Jason Bourne estava de volta. Quando chegou ao hotel, naquela noite, o recepcionista do Mayflower apressou-se a chamar o gerente.

— Ah, sim, Sr. *Simon* — cumprimentou o homem com entusiasmo. — Sabemos que está aqui para fazer oposição às terríveis restrições dos impostos sobre viagens de negócios e diversão. Boa sorte. Esses políticos querem nos arruinar!... Não tínhamos quartos com duas camas, portanto tomamos a liberdade de reservar uma suíte, sem nenhum preço adicional, é claro.

Tudo isso fora há duas horas e desde então ele havia removido as etiquetas, umedecido as camisas e esfregado as solas de borracha dos sapatos no peitoril da janela. Com o copo na mão, Bourne sentou-se olhando para a parede. Agora era só esperar e pensar.

A espera terminou em poucos minutos com uma discreta batida na porta. Jason atravessou o quarto rapidamente e fez entrar o homem que o havia encontrado no aeroporto. O agente da CIA entregou a Bourne a pasta que trazia.

— Está tudo aí, incluindo uma arma e uma caixa de balas.

— Obrigado.

— Quer verificar?

— Tenho a noite toda para fazer isso.

— São quase 8:00h — disse o agente. — Seu controle deve chegar por volta das 11:00h. Isso lhe dará tempo para se preparar.

— Meu controle...?

— É isso que ele é, certo?

— Sim, tem razão — respondeu Jason em voz baixa. — Tinha me esquecido. Obrigado.

Quando o homem saiu, Bourne abriu a maleta. Tirou primeiro a automática e a caixa de munição, depois centenas de folhas de impressos de computador dentro de uma pasta de arquivo. Em algum lugar, naquelas páginas, estava o nome que ligava um homem ou uma mulher a Carlos, o Chacal. Eram informações sobre todos os hóspedes do hotel, incluindo os que haviam partido nas últimas 24 horas. Continham tudo que constava no banco de dados da CIA, do G2 do Exército e na Inteligência naval. Havia probabilidade de que fosse inútil, mas era um lugar para começar. Começava a caçada.

A oitocentos quilômetros de distância, em outra suíte de hotel, no terceiro andar do Ritz-Carlton, alguém bateu discretamente na porta. O homem enorme, com um terno elegante listra-de-giz, que o fazia parecer maior do que seu metro e noventa, saiu apressadamente do banheiro. A cabeça calva, com uma franja de cabelos grisalhos perfeitamente penteados sobre as orelhas, parecia o crânio sagrado de uma eminência parda cuja palavra, sem dúvida proferida com olhar de águia e a voz retumbante de um profeta, era aceita e seguida por reis, príncipes e pretendentes ao trono. A ansiedade dos seus movimentos em nada diminuía a impressão de domínio e superioridade. Ele era importante e poderoso e sabia disso. Tudo isso contrastava com o homem mais velho que estava na porta. Não havia nada de impressionante naquele homem idoso, pequeno e emaciado, a verdadeira imagem do vencido.

— Entre. *Depressa!* Trouxe a informação?

— Oh, sim, é claro — respondeu o homem pálido. Seu terno amarrotado e o colarinho largo tinham visto dias melhores há muito tempo. — Você está ótimo, Randolph — continuou com voz fraca, observando o outro homem e a suíte opulenta. — E que lugar magnífico este aqui, tão apropriado para um famoso professor.

— Por favor, a informação — insistiu o Dr. Randolph Gates, de Harvard, especialista em lei antitruste e consultor muito bem pago de inúmeras indústrias.

— Dê-me um momento, meu velho amigo. Há muito tempo não entro numa suíte de hotel, e nem me hospedo em uma... Como as coisas mudaram. Leio sempre a seu respeito e o vejo na televisão. Você é tão — erudito, Randolph, essa é a palavra, mas não diz tudo. É o que eu disse antes, “grande”, é o que você é. Grande e erudito. Tão alto e imperioso.

— Você podia estar na mesma posição, sabe disso — disse Gates com

impaciência. — Infelizmente procurou atalhos que não existiam.

— Oh, existem muitos. Só que não escolhi os certos.

— Suponho que as coisas não foram muito bem para você...

— Não “supõe”, Randy, você *sabe*. Se seus espiões não o informaram, sem dúvida você pode ver.

— Eu estava apenas tentando encontrá-lo.

— Sim, foi o que você disse no telefone, o que muita gente me disse, na rua — pessoas que fizeram uma porção de perguntas que nada tinham a ver com minha residência, por assim dizer.

— Eu tinha de saber se você era capaz. Não pode me culpar por isso.

— Deus me livre, é claro que não. Especialmente considerando o que me pediu para fazer, o que eu *penso* que me obrigou a fazer.

— Apenas ser um mensageiro confidencial, nada mais. Sem dúvida não tem objeção ao dinheiro.

— Objeção? — disse o visitante com uma risada trêmula e estridente. — Vou dizer uma coisa, Randy. Você pode ser expulso da advocacia aos trinta ou 32 anos e ainda conseguir alguma coisa, mas quando é expulso aos cinquenta anos num julgamento de âmbito internacional, com uma sentença de prisão, é chocante verificar como as opções desaparecem — mesmo para um homem instruído. Você passa a ser intocável, e eu nunca fui muito bom para vender qualquer coisa que não fossem meus conhecimentos. A propósito, dei uma prova disso nestes últimos vinte e tantos anos. Alger Hiss saiu-se melhor com cartões-postais.

— Não tenho tido tempo para reminiscências. A informação, por favor.

— Oh, sim, é claro... Muito bem, recebi a primeira quantia na esquina da Commonwealth com Dartmouth e é claro, anotei os nomes e as especificações que você me deu por telefone...

— Você *escreveu*? — perguntou Gates asperamente.

— Queimei logo que consegui decorar — *aprendi* algumas coisas entre minhas dificuldades. Entrei em contato com o engenheiro de uma companhia telefônica que ficou encantado com a sua — perdoe — a *minha* generosidade e transmitiu a informação a aquele detetive particular repulsivo, o mais vulgar que já vi, Randy, e considerando seus métodos, alguém que na verdade pode fazer uso dos meus talentos.

— *Por favor* — interrompeu o famoso especialista legal. — Os fatos, não sua opinião.

— Opiniões geralmente contêm fatos importantes, professor. Certamente compreende isso.

— Se eu quiser elaborar um caso, peço sua opinião. Mas não agora. O que o homem descobriu?

— Baseado no que você me contou, uma mulher sozinha com filhos — não sabemos quantos — e com dados fornecidos por um mecânico mal pago da companhia telefônica, a saber, uma área limitada pelo código e os três primeiros números de telefone, o detetive vulgar e sem nenhuma ética começou a trabalhar a um preço absurdo por hora. Para meu espanto, foi um trabalho produtivo. Na verdade, com o que sobrou dos meus conhecimentos de direito, podemos formar uma sociedade discreta e sem nada no papel.

— Vamos com isso, o que foi que ele *descobriu*?

— Bem, como eu disse, seu preço por hora era incrível, quero dizer, praticamente invadiu o corpus da minha reserva de fundos muito merecida; portanto, acho que devemos conversar sobre uma compensação, você não concorda?

— Quem diabo você pensa que *é*? Eu mandei lhe entregar 3 mil dólares! Quinhentos para o homem da companhia telefônica e 1.500 para aquele miserável espião de buracos de fechadura que se diz detetive particular...

— Só porque ele não está mais na folha de pagamento do departamento de polícia, Randolph. Como eu, ele caiu em desgraça, mas sem dúvida faz um ótimo trabalho. Negociamos ou eu vou embora?

O quase calvo professor de direito olhou furioso para o velho advogado expulso da profissão.

— Como *se atrevei*

— Ora, ora, Randy, você acredita mesmo na imprensa, não é? Muito bem, vou lhe dizer como eu me atrevo, meu velho e arrogante amigo. Tenho lido o que você escreve, tenho visto sua imagem expondo suas interpretações esotéricas de assuntos legais complexos, atacando todas as coisas decentes que os tribunais deste país decretaram nos últimos trinta anos, quando não tem a menor idéia do que é ser pobre, sentir fome ou ter no estômago uma massa indesejável e não esperada, para a qual não pode conseguir uma vida. Você é o queridinho dos realistas, meu superficial amigo, e vai acabar obrigando o cidadão comum a viver num país onde a privacidade tornou-se obsoleta, o livre pensamento foi eliminado pela censura, onde os ricos ficam mais ricos e onde os mais pobres têm de abandonar todo início de potencial de vida para sobreviver. E você expõe esses conceitos medievais e sem originalidade só para se promover, para criar a imagem de um defensor brilhante — do desastre. Quer que eu continue *Dr. Gates*? Francamente, acho que escolheu o perdedor errado para fazer seu trabalho sujo.

— Como... *se atreve*? — repetiu o professor atônito e furioso, dirigindo-se para a janela. — Não tenho de ouvir isso!

— Não, é claro que não, Randy. Mas quando eu lecionava na faculdade de direito e você era um dos meus alunos — um dos melhores, mas não o mais brilhante — você tinha de ouvir. Portanto, eu sugiro que ouça agora.

— Que diabo você *quer*? — rugiu Gates, voltando-se para o outro homem.

— O que *you* quer, certo? A informação pela qual pagou muito pouco. É importante para você, não é?

— Preciso dela.

— Você sempre ficava excessivamente ansioso antes de uma prova...

— *Pare com isso!* Eu *paguei*. Exijo a informação.

— Nesse caso, tenho de exigir mais dinheiro. Seja quem for que está pagando, pode gastar mais.

— Nem mais um dólar!

— Então já vou.

— *Espere!*... Mais quinhentos, é tudo.

— Cinco mil ou vou agora.

— *Ridículo!*

— Eu o vejo daqui a outros vinte anos...

— Tudo bem... Tudo *bem!* Cinco mil.

— Oh, Randy, você é tão transparente! Por isso nunca foi dos mais brilhantes, apenas alguém que sabe fazer uso da linguagem para parecer brilhante, e acho que nestes últimos dias tenho visto e ouvido mais do que o suficiente dessa linguagem... *Dez mil*, Dr. Gates, ou vou para o tribunal mais sensacionalista que encontrar.

— Não pode fazer *isso!*

— É claro que posso. Agora sou consultor legal confidencial. *Dez mil dólares*. Como prefere fazer o pagamento? Imagino que não tem tanto dinheiro com você, portanto, como vai honrar sua dívida — pela informação?

— Minha palavra...

— *Esqueça*, Randy.

— Muito bem. Mando enviar para o Boston Five, de manhã. No seu nome. Um cheque.

— Muita delicadeza sua. Mas se seus superiores tiverem a idéia de sustar o pagamento do cheque, por favor diga a eles que uma pessoa desconhecida, um velho amigo meu das ruas, tem uma carta onde descrevo tudo que se passou entre nós, que será enviada ao Promotor Público de Massachusetts, com pedido de recibo, se eu sofrer algum acidente.

— Isso é absurdo. A informação, *por favor*.

— Certo. Muito bem, acho que, em resumo, precisa saber que está envolvido no que parece ser uma operação muito sensível do governo... Baseado na suposição de que qualquer pessoa que deseja ir de um lugar a outro com grande urgência faz uso do meio de transporte mais rápido, nosso estranho detetive foi ao Aeroporto Logan, não sei sob que disfarce. Seja como for, conseguiu uma relação de todas as partidas de Boston, na manhã de ontem, desde o primeiro voo, às 6:30h, até o das

dez. Como deve estar lembrado, isso corresponde aos parâmetros das suas instruções — “partida às primeiras horas da manhã”.

— E *então*?

— Paciência, Randolph. Você me disse para não escrever nada, por isso preciso ir aos poucos. Onde eu estava?

— A *relação*.

— Ah, sim. Bem, de acordo com o Detetive Vulgar, 11 crianças desacompanhadas seguiram em vários vôos, e oito mulheres, duas delas freiras, que tinham reservas para menores. Dessas oito, incluindo as freiras, que levavam nove órfãos para a Califórnia, as outras seis foram identificadas do seguinte modo. — O homem tirou do bolso, com mão trêmula, uma folha de papel datilografado. — Obviamente, eu não escrevi isto. Não sei escrever a máquina. É obra do Führer Vulgar.

— Dê-me a lista! — ordenou Gates, adiantando-se para o homem com a mão estendida.

— Certo — disse o advogado de setenta anos, expulso da profissão, entregando o papel ao seu antigo aluno. — Não vai adiantar muito — acrescentou. — Nosso Vulgar verificou todos os nomes, mais para poder cobrar mais horas de trabalho do que por qualquer outra coisa. Não só estão todas “limpas” como também ele fez o trabalho depois de termos conseguido a informação *real*.

— O quê? — exclamou Gates, desviando os olhos da lista. — Que informação?

— Uma informação que nem o Vulgar, nem eu escreveríamos em lugar algum. A primeira pista foi dada pelo recepcionista da manhã da Pan American Air Lines. Ele disse ao nosso detetive ignorante que entre os seus problemas, no dia anterior, estava um político poderoso, ou um homem de igual prepotência, que precisou de fraldas alguns minutos antes do nosso recepcionista entrar de serviço, às 5:45h. Você sabia que fraldas têm tamanhos diferentes e ficam trancadas no estoque de material de emergência das companhias aéreas?

— O que está tentando dizer?

— Todas as lojas do aeroporto estavam fechadas. Só abrem às 7:00h.

— E daí?

— Daí que alguém, na pressa, tinha esquecido alguma coisa. Uma mulher com um menino de cinco anos e um bebê iam sair de Boston num jato particular na pista próxima ao balcão de aluguel da Pan Am. O recepcionista atendeu o pedido e a mãe agradeceu pessoalmente. Sabe, ele é um pai jovem e compreende a importância das fraldas. Conseguiu três pacotes de tamanhos diferentes.

— Pelo amor de Deus, quer ir direto ao *assunto*, juiz?

— Juiz? — Os olhos do velho arregalaram-se no rosto emaciado. — Muito

obrigado, Randy. Com exceção dos meus amigos em vários bares de segunda categoria, há muitos anos ninguém me chama de juiz. Deve ser a aura que me envolve.

— Foi a lembrança do seu circunlóquio *tedioso* que usava tanto no tribunal quanto na sala de aula.

— A impaciência sempre foi seu ponto fraco. Eu a atribuía ao aborrecimento que lhe causavam as opiniões que interferiam em suas conclusões... Bem, seja como for, nosso Major Vulgar é capaz de reconhecer uma fruta podre quando um verme cospe no seu nariz; assim, correu para a torre de controle do Aeroporto Logan, onde encontrou um controlador de tráfego venal que verificou os horários da manhã de ontem. O jato em questão tinha leitura de computador de Quatro Zero, o que, foi dito ao nosso assombrado Capitão Vulgar, significa autorização do governo e sigilo máximo. Nada de manifesto, nada de nomes dos passageiros ou da tripulação, apenas a rota indicada para evitar aviões comerciais e o lugar de destino.

— Que *era*?

— Blackburne, Montserrat.

— Que diabo é isso?

— O Aeroporto Blackburne, na ilha de Montserrat, no Caribe.

— O avião foi para lá? É *isso*?

— Não necessariamente. De acordo com o Cabo Vulgar, que, devo dizer, faz seus raciocínios, há uma pequena conexão aérea para uma dúzia ou mais de ilhas ao largo da costa.

— *Isso* é tudo?

— Isso é tudo, professor. Considerando o fato de que o jato em questão tinha uma classificação Quatro Zero do governo, o que, diga-se de passagem, eu acentuei na minha carta ao Promotor Público, acho que ganhei meus 10 mil dólares.

— Seu *lixo* bêbado...

— Errado outra vez, Randy — interrompeu o juiz. — Alcoólatra, sem dúvida, bêbado, quase nunca. Permaneço na fronteira da sobriedade. É a minha única razão de viver. Sabe, com todo meu conhecimento, sempre me divirto — com homens como você.

— Saia daqui — disse o professor ameaçadoramente.

— Não vai nem me oferecer um drinque para ajudar este meu hábito horrível?... Meu Deus, deve haver meia dúzia de garrafas fechadas naquela mesa.

— Apanhe uma e vá embora.

— Muito obrigado. Vou fazer isso. — O velho juiz foi até a mesa de cerejeira encostada na parede com duas bandejas de prata cheias de garrafas de uísque e *brandy*. — Vejamos — disse ele, enrolando duas garrafas em vários guardanapos brancos e depois uma terceira. — Se eu levar debaixo do braço podem pensar que

estou carregando roupa para lavar.

— Quer se *apressar*?

— Quer, por favor, abrir a porta para mim? Eu detestaria derrubar uma destas garrafas. Se uma delas se quebrar não vai ser muito bom para sua imagem, também. Se bem me lembro, ninguém jamais o viu beber.

— Saia *daqui*! — insistiu Gates, abrindo a porta para o velho juiz.

— Muito obrigado, Randy — disse ele, saindo para o corredor e voltando-se para a porta. — Não se esqueça do cheque no Boston Five amanhã cedo. Quinze mil.

— *Quinze...?*

— Já imaginou o que o Promotor Público vai dizer quando souber que você teve negócios comigo? Adeus, Conselheiro.

Randolph Gates bateu a porta com força e correu para o telefone ao lado da cama. O quarto menor era mais tranquilizador, evitando que ficasse exposto ao escrutínio próprio das grandes áreas — o quarto era mais privativo, mais pessoal, menos aberto à invasão. Estava tão nervoso com a ligação que ia fazer que mal compreendeu as instruções para a ligação internacional. Na sua ansiedade, discou chamando a telefonista.

— Quero fazer uma ligação para Paris — disse ele.

COM OS OLHOS doloridos pelo esforço, Bourne estudava os papéis espalhados na mesa ao lado do sofá. Inclinado para a frente, analisou os dados durante quase quatro horas, esquecendo o tempo, esquecendo que o seu “controle” já devia ter chegado, absorto na procura de alguma coisa que ligasse o Hotel Mayflower ao Chacal.

O primeiro grupo que a princípio ele deixou de lado era de estrangeiros, britânicos, italianos, suecos, da Alemanha Oriental, japoneses e taiwaneses. As credenciais de todos haviam sido examinadas, bem como os motivos pessoais ou profissionais da sua entrada no país. O Departamento de Estado e a CIA tinham feito um bom trabalho. Cada pessoa tinha o aval pessoal e profissional de no mínimo cinco indivíduos ou companhias acima de qualquer suspeita. Todas elas há muito tempo mantinham comunicação com essas pessoas e com firmas de Washington. Não havia registro de nenhuma declaração falsa da parte delas. Se o homem do Chacal estava entre esses estrangeiros — e podia estar — precisariam de muito mais informação do que aquelas fornecidas pelos computadores, antes de Jason examinar a lista. Talvez fosse preciso voltar ao seu grupo, mas no momento precisava continuar a leitura. Tinha tão pouco tempo!

Dos cerca de quinhentos hóspedes restantes, 212 estavam registrados nos bancos de dados da Inteligência, quase todos por terem negócios com o governo. Entretanto, 78 tinham folhas corridas nos arquivos. Trinta e um eram casos do Serviço de Renda Interna, o que significava que eram suspeitos da destruição ou falsificação de documentos financeiros e/ou tinham seus paraísos sem impostos nas contas bancárias na Suíça ou nas Ilhas Caimã. Eram zero, nada, apenas ladrões ricos e não muito inteligentes, e além disso, o tipo de “mensageiro” que Carlos evitaria como se fossem leprosos.

Desse modo, restavam 47 possibilidades. Homens e mulheres — em 11 casos, ostensivamente maridos e mulheres — com extensas conexões na Europa, em sua maioria trabalhando com firmas tecnológicas e relacionadas com a indústria nuclear e do espaço, todos sob o microscópio do Serviço de Inteligência como possíveis vendedores de informações sigilosas aos agentes do bloco oriental e, portanto, para Moscou. Dessas 47 possibilidades, incluindo dois dos 11 casais, 12 haviam estado recentemente na União Soviética — estão *todos* fora. O Komitet Gosudarstvennoi Bezopasnosti, também conhecido como KGB, tinha menos interesse no Chacal do que o Papa. Ilich Ramirez Sanchez, mais tarde Carlos o assassino, fora treinado num

complexo americano em Novgorod, com inúmeras bombas de gasolina americanas, armazéns, butiques e lanchonetes e onde todos falavam inglês americano com diversos dialetos — não era permitido falar russo — e só os que eram aprovados no curso podiam passar para o nível seguinte de infiltradores. O Chacal fora sem dúvida aprovado, mas quando o Komitet descobriu que o jovem revolucionário venezuelano resolvia tudo e todos que o desagradavam, eliminando-os violentamente, foi demais até mesmo para os herdeiros da brutal OGPU. Sanchez foi expulso e nasceu Carlos, o Chacal. Esqueça as quarenta pessoas que estiveram na União Soviética. O assassino não os tocava nem com uma vara de quilômetros, pois havia uma ordem geral em todos os ramos da Inteligência russa para eliminá-lo se ele aparecesse. Novgorod devia ser protegido a qualquer custo.

Assim, as possibilidades ficaram reduzidas às 35 registradas no hotel como nove casais, quatro mulheres solteiras e 13 homens solteiros. Os impressos do banco de dados descreviam com detalhes os fatos e as sugestões que levavam à avaliação negativa de cada indivíduo. Na verdade, as suposições eram em número muito maior do que os fatos e geralmente baseadas em comentários hostis de inimigos ou competidores, mas cada uma precisava ser estudada, pois entre as informações podia haver uma palavra ou uma frase, um lugar ou um ato que era o elo de ligação com Carlos.

O telefone tocou, interrompendo sua concentração. Jason piscou os olhos como que procurando localizar a fonte do barulho áspero e estridente, depois levantou-se indo até a mesa, atendeu no terceiro toque.

— Sim?

— Alex. Estou telefonando aqui da rua.

— Vai subir?

— Não pelo saguão. Fiz uns arranjos com a entrada de serviço com um guarda temporário designado esta tarde.

— Está cobrindo todas as bases, certo?

— Não tanto quanto eu queria — respondeu Conklin. — Este não é seu jogo normal. Nós vemos em alguns minutos. Bato uma vez na porta.

Bourne desligou o telefone e voltou aos documentos, separando três que haviam chamado sua atenção, não que tivessem qualquer coisa que pudesse envolver o Chacal. Havia algumas informações aparentemente sem importância que talvez significassem uma ligação entre três pessoas que à primeira vista nada tinham a ver entre si. De acordo com seus passaportes, esses três americanos haviam desembarcado no Aeroporto Internacional de Filadélfia com um espaço de tempo de seis dias entre eles, há oito meses. Duas mulheres e um homem, as mulheres de Marrakesh e Lisboa, o homem da Alemanha Oriental. A primeira mulher era uma decoradora de interiores em viagem de pesquisa profissional na velha cidade do

Marrocos, a segunda era executiva do Chase Bank, Departamento do Exterior, o homem era um engenheiro espacial emprestado à Força Aérea pela McDonnell-Douglas. Por que três pessoas com profissões tão diferentes convergiam para a mesma cidade com o espaço de seis dias entre elas? Coincidência? Perfeitamente possível, mas considerando o número de aeroportos internacionais do país, incluindo os de maior movimento — Nova York, Chicago, Los Angeles, Miami — a coincidência de Filadélfia parecia pouco plausível. Mais estranho ainda era o fato de estarem os três hospedados no mesmo hotel em Washington, na mesma época, oito meses mais tarde. Jason imaginou o que Alex Conklin diria a isso.

— Estou investigando os três — disse Alex, sentando-se na poltrona na frente do sofá e dos documentos do computador.

— Você *sabia*?

— Não foi difícil. É claro que foi muito mais fácil com o computador fazendo a triagem.

— Devia ter incluído uma nota! Estou trabalhando nestas coisas desde as 8:00h.

— Eu só descobri depois das nove e não queria telefonar da Virgínia.

— É uma história diferente não é? — perguntou Bourne, sentando no sofá, inclinando-se para a frente, ansioso.

— Sim, é. Uma história medonha.

— Medusa?

— É pior do que eu pensei e nada pode ser pior do que isso.

— Um tanto dramático.

— Mais do que isso. Por onde começo... Fornecimentos ao Pentágono? A Comissão de Comércio Federal? Nosso embaixador em Londres, ou prefere o comandante supremo da OTAN?

— *Meu Deus...!*

— Posso subir mais ainda. O que acha do presidente da Junta dos Chefes Supremos?

— Cristo, o que é isso? Uma espécie de *cabala*?

— Está sendo muito acadêmico, Sr. professor. Agora, que tal uma conspiração, profundamente enterrada mas viva ainda, respirando ainda hoje? Eles mantêm contato nos postos mais altos. Por quê?

— Qual é o objetivo? Qual o propósito?

— Exatamente o que acabo de dizer, ou melhor, de perguntar.

— Tem de haver uma *razão*!

— Falemos em motivo. Eu já disse isso também e pode ser tão simples como esconder pecados do passado. Não é exatamente o que estamos procurando? Uma coleção de exmedusianos que fugiram e se esconderam ante a possibilidade de ver

exposto seu passado?

— Então é isso.

— Não, não é. Isto são os instintos de Santo Alex procurando a palavra certa. As reações foram imediatas demais, ativas demais, carregadas demais com o presente, não com vinte anos passados.

— Agora eu me perdi.

— Eu também estou perdido. É algo diferente do que eu esperava e estou mais do que farto de cometer enganos... Mas isto não é um engano. Quando você disse, esta manhã, que parecia uma rede de operação, achei que estava muito distante da realidade. Pensei que talvez pudéssemos achar algumas pessoas importantes que não queriam ser prejudicadas por coisas que haviam feito há vinte anos, ou que não queriam causar embaraços ao governo, pessoas cujo medo coletivo podia ser usado para revelar coisas que queríamos saber. Mas isto é diferente. Isto é *hoje*, e eu não compreendo. É mais do que medo, é pânico, estão loucos de pavor... Sem querer tropeçamos em alguma coisa, Sr. Bourne, e para usar a linguagem de menestrel do seu rico amigo Cactus, “No centro, pode ser maior do que nós dois”.

— Para mim, não existe *nada* maior do que o Chacal! O resto pode ir para o inferno!

— Estou do seu lado e morro afirmando isso. Só queria que soubesse o que penso... A não ser por um intervalo de tempo muito breve e muito sujo, nunca tivemos segredos um para o outro, David.

— Atualmente prefiro Jason.

— Sim, eu sei — disse Conklin. — Detesto isso, mas compreendo.

— *Compreende* mesmo?

— Sim — disse Alex em voz baixa, fechando os olhos. — Eu faria qualquer coisa para que não fosse assim, mas não posso fazer nada.

— Então *escute*. Com sua mente serpentinada — a definição é de Carlos — procure imaginar o pior cenário possível, encoste esses miseráveis na parede, diga para ficarem de boca fechada à espera de suas instruções, quem devem procurar e como.

Conklin olhou preocupado para o amigo, sentindo-se culpado.

— Pode haver um cenário já armado que está fora do meu alcance — disse Alex, em voz baixa. — Não vou cometer outro erro, não nessa área. Preciso mais do que tenho agora.

Bourne cruzou as mãos com força, num gesto de frustração. Com a testa franzida e os músculos do rosto tensos olhou para os papéis espalhados na mesa à sua frente. Porém, logo em seguida, relaxado, recostou-se na poltrona e disse com voz calma:

— Tudo bem. Vai ter o que precisa. Rapidamente.

— Como?

— Eu vou conseguir isso para você. Preciso de nomes, endereços, horários e sistemas de segurança, restaurantes favoritos, hábitos. Ponha seus homens para trabalhar. Esta noite. A noite toda se for preciso.

— Que diabo você pensa que vai *fazer*? — exclamou Conklin, lançando o corpo frágil para a frente, na poltrona.

— Invadir suas casas? Enfiar agulhas nos seus traseiros entre o aperitivo e o prato principal?

— Não tinha pensado nessa última possibilidade — disse Jason, sorrindo sombriamente. — Você tem mesmo uma imaginação fantástica.

— E você é um *louco*!... Desculpe, não quis dizer isso...

— Por que não? — interrompeu Jason calmamente.

— Não estou dando uma aula sobre a ascensão das dinastias Manchu e Ching. Considerando o estado real da minha mente e da minha memória, cabe muito bem uma alusão à saúde mental. — Depois de uma pausa, continuou, inclinando-se um pouco para a frente. — Mas vou dizer uma coisa, Alex. Talvez não me lembre de tudo, mas a parte de minha mente criada por você e por Treadstone está *completa*. Provei isso em Hong Kong, em Beijing e em Macau, e vou provar outra vez. *Preciso*. Não restará nada mais para mim se não fizer isso agora... Muito bem, consiga a informação. Você mencionou algumas pessoas que devem estar aqui em Washington. Fornecimento ou provisões do Pentágono...

— Intendência — corrigiu Conklin. — É muito mais extensa e mais dispendiosa e está a cargo de um general chamado Swayne. Temos depois Armbruster, chefe da Comissão Federal de Comércio, e Burton, no...

— Presidente interino da Junta de Comando — completou Bourne. — Almirante “Joltin” Jack Burton, comandante da Sexta Frota.

— O próprio. No passado, o flagelo do Mar do Sul da China, hoje o mais poderoso entre os militares.

— Repito — disse Jason. — Ponha seus homens para trabalhar. Peter Holland providenciará toda a ajuda necessária. Descubra tudo sobre cada um deles.

— Não posso.

— *O quê?*

— Posso conseguir informação sobre nossos três de Filadélfia porque fazem parte do projeto Mayflower — isto é, o Chacal. Não posso tocar nos cinco — cinco por enquanto — herdeiros da Medusa.

— Pelo amor de Deus, *por que* não? *Tem* de fazer isso. Não podemos perder tempo.

— O tempo não vai significar coisa alguma se estivermos mortos. Não vai ajudar Marie nem as crianças.

— De que diabo você está falando?

— Estou falando do motivo do meu atraso. Por que não quis telefonar da Virgínia. Por que me comuniquei com Charles Casset para me apanhar na propriedade em Vienna e por que, até o momento em que ele chegou, eu não tinha certeza de que sairia vivo dali.

— Troque isso em miúdos, agente de campo.

— Muito bem... Eu não contei a ninguém que estava investigando os antigos membros da Medusa — só nós dois sabíamos, ninguém mais.

— Eu estranhei. Quando falamos esta tarde você estava muito misterioso. Muito cuidadoso, considerando o lugar em que estava e o equipamento que estava usando.

— O lugar e o equipamento eram seguros. Casset disse-me depois que a Agência não quer nenhum registro do que se passa ali e essa é a melhor garantia que podemos ter. Nada de microfones, nem interceptadores nas linhas telefônicas, nada. Acredite, respirei melhor quando me disseram isso.

— Então, qual é o problema? Por que você está *parando*?

— Porque tenho de verificar outro almirante antes de penetrar mais no território da Medusa... Atkinson, nosso impecável embaixador WASP junto à Corte de St. James em Londres foi muito claro. No seu pânico, ele desmascarou Burton e Teagarten em Bruxelas.

— E daí?

— Ele disse que Teagarten podia controlar a Agência se alguma coisa sobre Saigon viesse à tona — porque ele é amigo íntimo do chefe em Langley.

— *E então?*

— Chefe é como chamam, em Washington, segurança confidencial máxima, e em Langley o encarregado é o diretor da Central de Inteligência... Que é também Peter Holland.

— Esta manhã você disse que ele não teria nenhum problema para *destruir* um membro da Medusa.

— Qualquer um pode dizer qualquer coisa. Mas fará o que diz?

Do outro lado do Atlântico, no antigo subúrbio de Neuilly-sur-Seine, em Paris, um homem velho, com um terno surrado, caminhava pelo caminho de concreto que levava à catedral do século XVI, chamada Igreja do Santíssimo Sacramento. Na torre, os sinos badalaram o Angelus, o homem parou sob o sol da manhã e fez o sinal-da-cruz com os olhos erguidos para o céu.

“*Angelus domini nuntiavit Mariae*”, murmurou ele. Com a ponta dos dedos atirou um beijo para o crucifixo em baixo-relevo, no arco de entrada, e seguiu para as imensas portas da catedral, percebendo os olhares desaprovadores de dois padres. “*Peço perdão por profanar sua rica paróquia, seus esnobes cretinos*”, pensou ele,

acendendo uma vela que colocou entre as outras, *“mas Cristo deixou bem claro que prefere a mim e não a vocês. ‘Os mansos herdarão a terra’ — ou o que vocês não roubarem dela”*.

O velho caminhou lentamente pela passagem central, apoiando a mão direita nos encostos dos bancos, enquanto com a esquerda verificava o colarinho grande demais e o nó da gravata. Sua mulher estava tão fraca que mal podia dobrar sua roupa mas, como nos velhos tempos, insistia em dar os últimos toques na sua aparência, quando ele saía para o trabalho. Era ainda uma boa mulher e os dois riam lembrando aquele dia, há vinte anos, quando ela ficou furiosa por ter posto goma demais na camisa do marido. Naquela noite, há tanto tempo, ela queria que ele parecesse um perfeito burocrata quando saiu para o quartel-general do Oberführer na rue Ste. Lazare, com sua pasta de executivo — a pasta que, deixada no quartel, havia explodido meio quarteirão. E vinte anos depois, uma tarde de inverno, foi com dificuldade que ela ajeitou o sobretudo caro e roubado nos ombros dele, quando se preparava para assaltar o Grande Banque Louis XI, na Madeleine, dirigido por um antigo membro da Resistência, educado mas ingrato, que lhe havia recusado um empréstimo. Bons tempos aqueles, seguidos de tempos maus e saúde péssima, que conduziam a tempos piores — na verdade, tempos de extrema pobreza. Até aparecer um homem estranho com uma missão estranha e um contrato escrito mais estranho ainda. Depois disso, o respeito voltou sob a forma de dinheiro para uma alimentação decente e um vinho aceitável, para roupas do tamanho certo, que faziam sua mulher parecer bela outra vez e, o mais importante, para os médicos que a faziam sentir-se melhor. O terno e a camisa que ele estava usando tinham saído de um closet especial. De certa forma, ele e a mulher eram atores numa companhia provinciana ambulante. Tinham trajes diferentes para vários papéis. Era a sua profissão... O que estava fazendo hoje era trabalho. Nessa manhã, com os sinos do Angelus, ele estava trabalhando.

Com gestos parcialmente hesitantes e desajeitados, o velho fez a genuflexão na frente da cruz e ajoelhou no primeiro banco da sexta fila a partir do altar, com os olhos no relógio. Dois minutos e meio mais tarde, ergueu a cabeça e olhou em volta com a maior descrição possível. Sua vista fraca já havia se ajustado à pouca luz da catedral e ele podia ver, não perfeitamente, mas o bastante. Não havia mais de vinte fiéis espalhados pela igreja, alguns rezando, outros meditando com os olhos no enorme crucifixo de ouro do altar. Mas não eram o que ele procurava. Então viu o que esperava ver e teve certeza de que estava tudo de acordo com os planos. Um padre com terno negro sacerdotal passou pela passagem lateral esquerda e desapareceu atrás das cortinas vermelhas depois do altar-mor.

O velho consultou outra vez o relógio, pois agora tudo dependia do cálculo exato do tempo. Era assim que o monsenhor trabalhava — era esse o método do

Chacal. Mais dois minutos passaram e o velho mensageiro levantou-se com dificuldade do banco, saiu para a passagem central, fez a genuflexão na medida em que permitia seu velho corpo e caminhou com passos trôpegos para o segundo confessionário da esquerda. Abriu a cortina e entrou na cabine.

— Angelus Dominum — murmurou, ajoelhando e repetindo as palavras que havia dito centenas de vezes nos últimos 15 anos.

— Angelus Dominum, filho de Deus — respondeu o vulto invisível atrás da grade. As palavras foram acompanhadas por uma tosse áspera e baixa. — Seus dias têm sido bons?

— Muito melhorados por um amigo desconhecido... meu amigo.

— O que o médico disse sobre sua mulher?

— Para mim ele diz o que não conta a ela, graças à misericórdia de Cristo. Ao que parece, contra todas as expectativas, vou sobreviver a ela. A doença está progredindo.

— Meus sentimentos. Quanto tempo ela tem de vida?

— Um mês, não mais de dois. Logo não poderá mais sair da cama... Logo o nosso contrato será anulado.

— Por quê?

— Não terá mais nenhuma obrigação para comigo e eu compreendo isso. O senhor tem sido bom para nós, economizei um pouco e não sou exigente. Para ser franco, sabendo o que me espera, sinto-me extremamente fraco...

— Que grande *ingrato!* — murmurou a voz do outro lado do confessionário. — Depois de tudo que eu fiz de tudo que prometi!

— Do que está falando?

— Você *morreria* por mim?

— É claro, está no contrato.

— Então, ao contrário, você vai *viver* por mim!

— Se é o que deseja, é claro que vou. Só queria que soubesse que logo não serei mais um peso para o senhor. Posso ser substituído facilmente.

— Nunca faça suposições, *nunca* a meu respeito! — A fúria explodiu numa tosse cavernosa que parecia confirmar os rumores ouvidos nas ruas escuras de Paris. O Chacal estava doente, talvez mortalmente doente.

— O senhor é a nossa vida, nosso respeito. Por que eu faria uma coisa dessas?

— Pois acaba de fazer... Mesmo assim tenho uma missão para você que facilitará a separação iminente de vocês dois. Vão passar alguns dias num belo lugar do mundo, os dois juntos. Apanhe os documentos e o dinheiro no lugar de costume.

— Posso perguntar para onde vamos?

— Para a Ilha de Montserrat, no Caribe. Receberá instruções no Aeroporto de Blackburne. Devem ser seguidas à risca.

- É claro... Posso perguntar mais uma vez, qual é meu objetivo?
- Encontrar e fazer amizade com uma mulher e seus dois filhos.
- E depois?
- Matar os três.

Brendan Prefontaine, ex-juiz federal da corte do primeiro circuito de Massachusetts, saiu do banco Boston Five, na rua School, com 15 mil dólares no bolso. Era uma experiência embriagadora para um homem que vivera frugalmente nos últimos trinta anos. Desde que havia saído da prisão, raramente tinha mais de cinquenta dólares. Era um dia muito especial.

Porém, era mais do que muito especial. Era também muito perturbador, porque jamais havia pensado que Randolph Gates ia pagar o que ele havia pedido. Atendendo à sua exigência, Gates cometera um grande erro, pois revelava assim a importância da missão. Tinha passado da ganância rude, mas não fatal, para algo potencialmente letal. Prefontaine não tinha idéia da identidade da mulher e das crianças, nem qual o seu relacionamento com Randolph Gates, mas fossem quem fossem e onde quer que estivessem, as intenções de Randolph, o Almofadinha, não eram nada boas. Uma imagem de Zeus no mundo legal, como era Gates, não pagava uma quantia absurda a um “lixo” expulso da profissão, desacreditado e alcoólatra como Brendan Patrick Pierre Prefontaine porque sua alma estava com os anjos do céu. Ao contrário, aquela alma estava com os discípulos de Lúcifer. E uma vez que esse era o caso, sem dúvida seria proveitoso para o pobre ex-juiz procurar obter alguma informação, pois como diz o velho ditado, saber um pouco é perigoso — quase sempre mais aos olhos do observador do que para quem possui escassos itens de informação, tão imprecisos que parecem valer muito mais. Quinze mil hoje podiam se transformar em 50 mil amanhã se — se um “lixo humano” voasse para a Ilha de Montserrat e começasse a fazer perguntas.

Além disso, pensou o juiz, com sua ironia irlandesa, com todo o apoio da sua parte francesa, há anos não tirava umas férias. *Cristo*, mal conseguia se manter vivo, quem poderia imaginar uma suspensão não forçada daquela luta?

Assim, Brendan Patrick Pierre Prefontaine chamou um táxi, o que não fazia há pelo menos dez anos, e mandou que o levasse à loja de roupas masculinas Louis's, em Faneuil Hall.

— Você tem grana, velho? — perguntou o motorista, desconfiado.

— Mais do que o suficiente para te pagar um corte de cabelo e um tratamento para a acne do teu rosto imberbe, meu jovem. Vá em frente, Ben Hur. Estou com pressa.

Eram confecções, mas confecções caras e depois de ver um maço de notas de cem dólares, o vendedor de lábios arroxeados demonstrou extrema boa vontade. Com as compras na mala de couro de tamanho médio, Prefontaine trocou a roupa

que usava por outra completamente nova. Dentro de uma hora parecia outra vez o homem que fora há anos: o Meritíssimo Brendan P. Prefontaine. (Por razões óbvias, havia eliminado o segundo *P*, de Pierre).

Outro táxi levou-o à pensão em Jamaica Plains, onde apanhou alguns objetos essenciais, incluindo o passaporte que mantinha sempre atualizado para saídas rápidas — para evitar os muros da prisão — e depois o deixou no Aeroporto Logan, dessa vez sem que o motorista se preocupasse com o pagamento da corrida. É claro que a roupa não faz o homem, pensou Brendan, mas sem dúvida ajuda a convencer certas pessoas inferiores. No aeroporto foi informado de que três linhas aéreas faziam a rota Boston-Montserrat. Perguntou onde ficava o balcão mais próximo e comprou uma passagem para o primeiro voo. Brendan Patrick Pierre Prefontaine, naturalmente, viajou de primeira classe.

O comissário da Air France empurrou lenta e cuidadosamente a cadeira de rodas pela rampa, até a porta do jato 747 no Aeroporto Orly, em Paris. A mulher na cadeira era frágil e velha, com excesso de ruge no rosto e um enorme chapéu com penas de arara australiana. Seria uma caricatura se não fosse pelos olhos grandes sob a franja de cabelo grisalho mal tingido de vermelho — olhos muito vivos e atentos, repletos de humor. Era como se dissessem a todos que a observavam, “Esqueçam, *mes amis*, ele gosta de mim assim e isso é tudo que importa. Não dou nem um punhado de *merde* por suas opiniões”. *Ele* era o velho que caminhava cautelosamente ao lado da cadeira, tocando o ombro da mulher uma vez ou outra, tanto por carinho quanto para manter o próprio equilíbrio, mas naquele toque havia um volume inteiro de poesia que pertencia somente aos dois. Um exame mais apurado revelava lágrimas esporádicas nos olhos do homem, que ele enxugava rapidamente.

Il est ici, mon capitaine, anunciou o comissário. O primeiro piloto, que esperava os dois passageiros na porta do avião, levou a mão da mulher aos lábios e depois, empertigando-se, saudou o velho quase calvo que ostentava a medalha da Legião de Honra na lapela.

— É uma honra, *monsieur* — disse o capitão. — Este avião é meu comando, mas o senhor é meu comandante. — Trocaram um aperto de mãos e o capitão continuou. — Se eu e minha tripulação pudermos fazer qualquer coisa para tornar mais confortável sua viagem, é só dizer, *monsieur*.

— É muita bondade sua.

— Nós todos lhe devemos muito — nós todos, toda a França.

— Não foi nada na verdade...

— Não pode dizer que não é nada ser escolhido pelo próprio Charles como um verdadeiro herói da Resistência, senhor. A idade não pode tirar o brilho dessa glória. — O capitão estalou os dedos para as três comissárias que estavam na cabine ainda

vazia da primeira classe. — Rápido, *mademoiselles!* Providenciem para que tudo seja perfeito para um bravo guerreiro da França e sua dama.

Assim, o assassino com vários nomes falsos foi conduzido para o lado esquerdo do avião, onde a mulher foi delicadamente passada da cadeira de rodas para a poltrona ao lado da passagem. O homem sentou-se perto da janela. As bandejas foram instaladas e foi aberta uma garrafa de champanhe em honra do casal. O capitão brindou os dois e voltou para a cabine de vôo. A mulher piscou um olho para seu homem, com uma expressão divertida e maliciosa. Logo começaram a chegar os passageiros e alguns olhavam apreciadoramente para “o casal” na primeira fila, pois o rumor havia se espalhado na sala de espera da Air France. *Um grande herói... O próprio grande Charles... Nos Alpes, ele repeliu o ataque de seiscentos boches — ou foram mil?*

Quando o jato enorme correu na pista e com um baque surdo ergueu-se do solo, o velho “herói da França” — cujos únicos atos heróicos na Resistência haviam sido roubo, sobrevivência, revidar insultos à sua mulher, e a arte de evitar toda e qualquer força de trabalho que pudesse requerer seus serviços — tirou do bolso os documentos que havia recebido. O passaporte tinha sua fotografia, mas era a única coisa real. O resto — nome, data e local do nascimento, profissão — tudo era novo para ele, mais a lista das honrarias recebidas que era simplesmente *formidable*, absurda mesmo, mas convinha estudá-la com cuidado, para poder responder com a devida modéstia se alguém se referisse a elas. Havia garantido que o indivíduo em questão não tinha nenhum parente vivo e poucos amigos, e que havia desaparecido do seu apartamento em Marselha supostamente numa viagem sem volta.

O mensageiro do Chacal leu o nome — *precisava* lembrar e responder quando chamassem por ele. Não seria difícil, pois era um nome extremamente comum. Mesmo assim, repetiu várias vezes em silêncio.

Jean Pierre Fontaine, Jean Pierre Fontaine, Jean Pierre...

Um som! Agudo, áspero. Estranho, não um som *normal*, não comum aos sons noturnos de um hotel. Bourne apanhou a arma ao lado do seu travesseiro e rolou para fora da cama, encostando-se na parede. Outra vez! Uma batida sonora e única na porta da suíte. Sacudiu a cabeça, tentando lembrar... Alex? *Vou bater só uma vez.* Não de todo acordado, Jason encostou o ouvido na porta.

— *Sim?*

— Abra esta maldita porta antes que me vejam! — disse a voz abafada de Conklin no corredor.

Bourne obedeceu e o ex-agente de campo entrou rapidamente no quarto, apoiado na bengala como se ela fosse um objeto odioso.

— Cara, *você* está mesmo destreinado! — exclamou, sentando na beirada da cama. — Estou batendo há quase dois minutos.

— Eu não ouvi.

— Delta teria ouvido. Jason Bourne também. David Webb não ouviu.

— Dê-me mais um dia e não vai encontrar mais David Webb.

— *Você só fala!* Quero mais do que isso!

— Então pare de falar e diga por que está aqui — seja qual for a hora da noite.

— Da última vez que olhei estava me encontrando com Casset, na rua, às 3:20h. Tive de claudicar por um bom pedaço de bosque e saltar uma maldita cerca...

— *O quê?*

— Isso mesmo. Uma cerca. Tente fazer isso com seu pé preso a um bloco de cimento... Você sabe, no ginásio eu ganhei a prova de cinquenta metros.

— Esqueça a história. O que aconteceu?

— Oh, acho que estou ouvindo Webb outra vez.

— *O que aconteceu?* E por falar nisso, quem é esse tal de Casset?

— O único homem em quem posso confiar na Virgínia. Ele e Valentino.

— Quem?

— São analistas, mas são legais.

— *O quê?*

— Deixe pra lá. *Jesus!* Às vezes eu gostaria de poder explodir...

— *Alex*, por que você está aqui?

Conklin ergueu os olhos e segurou com força a bengala.

— Consegui as informações sobre nossos homens de Filadélfia.

— Então é *por isso*? Quem são eles?

— Não, não é por isso. Quero dizer, é interessante, mas não é por isso que estou aqui.

— Então, por quê? — perguntou Jason, sentando na cadeira ao lado da janela, com a testa franzida. — Meu amigo erudito do Camboja e outros lugares mais distantes não pula cerca com um pé no cimento às 3:00h da manhã se não achar que é absolutamente necessário.

— Foi necessário.

— O que não me diz nada. Por favor, conte.

— É DeSole.

— O que tem a sola?

— Não a sola. DeSole.

— Ligação cortada.

— Ele é o guardião das chaves em Langley. Não acontece nada que ele não saiba e nada se faz na área de pesquisa sem ordem dele.

— Continuo perdido.

— Estamos na merda até o pescoço.

— Isso não me ajuda em nada.

— Webb outra vez.
— Prefere que eu extraia um nervo do seu pescoço?
— Tudo bem, tudo bem. Deixe-me respirar primeiro. — Conklin deixou cair a bengala no tapete. — Não confiei nem no elevador de carga. Desci dois andares antes e subi pela escada.

— Porque estamos afundados na merda?

— Isso mesmo.

— Por quê? Por causa desse DeSole?

— Correio, Sr. Bourne. Steven DeSole. O homem que tem o dedo em cada computador de Langley. A única pessoa que pode fazer girar os discos e jogar sua virginal tia Grace na cadeia como prostituta, se lhe der na cabeça.

— Qual é o caso?

— Ele é a conexão com Bruxelas, com Teagarten, na OTAN. Casset soube nos porões que ele é a *única* conexão — eles têm até um código de acesso que ultrapassa todos os outros.

— O que significa isso?

— Casset não sabe, mas está furioso.

— Quanto você contou a ele?

— O mínimo. Que eu estava trabalhando em algumas possibilidades e o nome Teagarten apareceu de um modo estranho — mais como uma manobra diversionista usada por alguém para impressionar alguém —, mas eu queria saber com quem ele falou na Agência, quase certo de que teria sido com Peter Holland. Pedi a Charlie para jogar no escuro.

— O que, suponho, significa confidencialmente.

— Dez vezes isso. Casset é a lâmina mais afiada de Langley. Não precisei dizer nada mais. Ele recebeu a mensagem. Agora ele também tem um problema que não tinha ontem.

— O que ele vai fazer?

— Pedi para não fazer nada por uns dois dias e foi exatamente o tempo que ele me deu. Quarenta e oito horas, para ser exato, e depois ele vai enfrentar DeSole.

— Não pode fazer isso — disse Bourne com firmeza. — Seja o que for que essa gente está escondendo, podemos usar para tirar o Chacal da toca. Use *esses homens* para atraí-lo como outros iguais a eles fizeram comigo há 13 anos.

Conklin olhou para o chão, depois para Jason Bourne.

— Tudo se resume no ego todo-poderoso, certo? — disse ele. — Quanto maior o ego, maior o medo...

— Quanto maior a isca, maior o peixe — interrompeu Jason. — Há muito tempo você disse que a “espinha” do Chacal era tão grande quanto sua cabeça, que tinha de estar extrema e desproporcionalmente inchada para que ele fizesse o que

fazia. Isso era verdade então e é verdade agora. Se pudermos fazer com que um desses homens importantes do governo envie uma mensagem — isto é, para vir atrás de mim, para me *matar* —, ele vai agarrar a oportunidade. Sabe por quê?

— Acabei de dizer. Ego.

— Certo, isso também, mas tem mais uma coisa. É o respeito que ele tenta conquistar há trinta anos, desde que Moscou o expulsou, com ordem de desaparecer. Ele ganhou milhões, mas seus clientes sempre foram o esterco da terra. Com todo o medo que ele inspira, continua sendo um psicopata sujo. Nenhuma lenda foi criada com seu nome, só o desprezo e, a esta altura, isso deve estar levando-o à loucura. O fato de vir em minha perseguição depois de 13 anos confirma isso... Sou vital para ele — tirar a minha vida é vital para ele — porque eu sou o produto de nossas operações secretas. Ele quer mostrar que é melhor do que nós todos juntos.

— Pode ser também porque ele ainda pensa que você pode identificá-lo.

— Também pensei isso, no começo, mas depois de 13 anos sem que eu tenha feito nada — bem, tive de pensar em outra coisa.

— Então, você passou para o campo de Mo Panov e descobriu um perfil psiquiátrico.

— É um país livre.

— Sim, comparado com a maioria dos países, mas aonde isso nos leva?

— Porque eu sei que estou certo.

— Isso não é resposta.

— *Nada* pode ser falso ou fabricado — insistiu Bourne, inclinando-se para a frente na poltrona, os cotovelos apoiados nos joelhos, as mãos cruzadas. — Carlos descobriria o logro. Seria a primeira coisa que ele iria procurar. Nossos medusianos têm de ser genuínos e seu pânico tem de ser genuíno.

— Eu já disse, esse é o caso.

— A ponto de realmente *considerarem* a conveniência de fazer contato com alguém como o Chacal.

— Isso eu não sei...

— Nunca saberemos — interrompeu Jason — enquanto não descobrirmos o que estão escondendo.

— Mas se pusermos para girar os discos em Langley, DeSole vai descobrir. *E* se ele faz parte do que quer que seja em que estão envolvidos, vai alertar os outros.

— Então, não vai haver pesquisa em Langley. Já tenho o bastante para agir. Quero só os endereços e os números dos telefones não listados. Pode fazer isso, não pode?

— É claro, isso é nível inferior. O que você vai fazer? Com um sorriso, Bourne disse em voz baixa e calma:

— Que tal invadir as casas deles ou enfiar agulhas nos seus traseiros entre os

aperitivos e o prato principal?

— Agora estou ouvindo Jason Bourne.

— Pois que seja assim.

MARIE ST. JACQUES Webb recebeu a manhã no Caribe espreguiçando-se na cama e olhando para o berço, na outra extremidade do quarto. Alison dormia profundamente, ao contrário de quatro ou cinco horas atrás. A garotinha havia feito um barulho dos diabos, a ponto de o irmão de Marie, Johnny, encher-se de coragem, bater na porta e entrar, perguntando se podia fazer alguma coisa, desejando ardentemente que ela dissesse que não.

— Que tal sua prática para trocar uma fralda suja?

— Não quero nem pensar nisso — disse St. Jacques, saindo apressadamente.

Agora, Marie ouvia a voz do irmão lá fora e sabia que a intenção dele era que ela ouvisse. Johnny desafiava o filho dela, Jamie, para uma corrida na piscina, em altos brados, como se estivesse desafiando toda a Ilha de Montserrat. Marie saiu da cama, foi para o banheiro, e quatro minutos depois, completadas suas abluções matinais, com o cabelo ruivo escovado e envolta num robe, saiu para o pátio que dava para a piscina.

— Oi, Marie! — gritou seu jovem irmão, bronzeado de sol, belo, de cabelos negros, ao lado de Jamie. — Espero não ter acordado você. Só queríamos dar uma nadada.

— Então resolveu informar do fato as patrulhas costeiras britânicas, em Plymouth.

— Ora, deixe disso, são quase 9: 00h. Já é muito tarde aqui nas ilhas.

— Oi, mamãe. O tio John estava me ensinando a espantar tubarões com uma vara!

— Seu tio tem um enorme cabedal de informações importantes que, eu espero, você nunca precise pôr em prática.

— Tem um bule de café na mesa, Mare. E a Sra. Cooper faz o que você quiser agora.

— Café é o bastante, Johnny. Ouvi o telefone a noite passada. — Foi David?

— O próprio — disse Johnny. — E nós vamos ter uma conversa... Vamos, Jamie, vamos subir. Segure a escada.

— E os tubarões?

— Você apanhou todos, meu chapa. Sirva-se de um drinque.

— *Johnny!*

— Suco de laranja. Tem uma jarra na cozinha.

John St. Jacques deu a volta na piscina e subiu até a varanda do quarto de

Marie, enquanto Jamie entrava na casa.

Marie o observou, notando as semelhanças entre ele e seu marido. Eram ambos altos e musculosos, os dois tinham um modo de andar descontraído, mas onde David geralmente vencia, Johnny, na maior parte das vezes, perdia, e ela não sabia por quê. Também não sabia por que David confiava tanto no seu irmão mais moço, quando os dois mais velhos pareciam muito mais responsáveis. David — ou seria Jason Bourne? — jamais havia falado seriamente no assunto. Apenas ria dizendo que Johnny tinha alguma coisa que lhe agradava — que agradava a Bourne?

— Vamos falar claro — disse o St. Jacques mais moço, sentando ao lado dela, com a água escorrendo do corpo molhado. — Em que encrenca David está agora? Ele não podia falar no telefone e você estava muito cansada ontem à noite. O que aconteceu?

— O Chacal... O Chacal, foi isso que aconteceu.

— *Cristo!* — explodiu Johnny. — Depois de todos esses *anos*?

— Depois de todos esses anos — repetiu Marie.

— Até onde aquele filho da mãe chegou?

— David está em Washington tentando descobrir. Só sabemos que ele descobriu os nomes de Alex Conklin e de Mo Panov entre os horrores de Hong Kong e Kowloon. — Marie contou dos telegramas e da cilada no parque de diversões, em Baltimore.

— Suponho que Alex os tenha colocado sob proteção ou seja lá como eles chamam.

— Vinte e quatro horas por dia, tenho certeza. Além de nós e McAllister, Alex e Mo são as únicas pessoas vivas que sabem que David era — oh, *Jesus*, não posso nem dizer esse *nome*! — Marie bateu com o fundo da xícara na mesa.

— Calma, mana — St. Jacques pôs a mão sobre a dela.

— Conklin sabe o que está fazendo. David me disse que Alex era o melhor — “agente de campo”, como o chamou — que já trabalhou para os americanos.

— Você não *compreende*, Johnny! — exclamou Marie, tentando controlar a voz e as emoções reveladas pelos grandes olhos. — David nunca disse isso, David Webb jamais *soube* disso! Jason Bourne disse, e ele está de volta!... Aquele monstro frio e calculista que eles criaram na cabeça de David. Você não imagina o que é isso! Basta olhar para aqueles olhos distantes que vêem coisas que eu não posso ver — ou ouvir a voz calma e *gelada* que eu não conheço — para me sentir na presença de um estranho.

St. Jacques ergueu a mão.

— Vamos, pare com isso — disse ele suavemente.

— As crianças? Jamie...? — Olhou em volta, apavorada.

— Não, você. O que espera que David faça? Que se esconda dentro de um

vaso da dinastia Ming ou Wing e finja que sua mulher e seus filhos não correm perigo — que ele é o único visado? Queiram vocês ou não, nós, os homens, ainda achamos que é nossa obrigação manter os animais predadores longe da caverna. Acreditamos piamente que somos melhor equipados para isso. Retrocedemos àquele tipo de força, a mais feia que existe, é claro, porque é preciso. É isso que David está fazendo.

— Desde quando o irmãozinho começou a filosofar assim? — perguntou Marie, olhando atentamente para o rosto de Johnny.

— Nada de filosofia, garota, apenas sei das coisas. Quase todos os homens sabem — pedindo desculpas às feministas.

— Não se desculpe. A maioria das mulheres prefere assim. Você acredita que sua irmã estudiosa, com diversos trabalhos sobre economia em Ottawa, ainda grita histericamente quando vê um camundongo na cozinha da casa de campo, e entra em pânico quando vê um rato?

— Algumas mulheres brilhantes são mais francas do que outras.

— Eu aceito o que você diz, Johnny, mas a questão não é essa. David estava indo tão bem nos últimos cinco anos, melhorando a cada mês. Sabemos que ele jamais ficará completamente curado — o dano foi muito extenso — mas as fúrias, suas fúrias particulares tinham quase desaparecido. As caminhadas solitárias no bosque, das quais voltava com as mãos feridas de tanto atacar as *árvores*, as lágrimas disfarçadas e silenciosas na sala de trabalho, altas horas da noite, quando não conseguia lembrar quem era nem o que tinha feito, pensando o pior de si mesmo — tudo isso tinha *desaparecido*, Johnny! Já estava aparecendo a verdadeira luz do sol, sabe o que quero dizer?

— Sim, eu sei — afirmou Johnny, solene.

— O que está acontecendo agora pode trazer tudo de volta, por isso estou tão assustada!

— Então, espero que acabe logo!

Mais uma vez Marie observou o irmão atentamente.

— Espere um pouco, irmãozinho, eu o conheço muito bem. Você está escondendo alguma coisa.

— Não estou escondendo nada.

— Sim, está... Você e David — eu nunca compreendi. Nossos dois irmãos mais velhos, tão sólidos, tão bem-sucedidos, talvez não intelectualmente, mas sem dúvida pragmaticamente. No entanto, ele se voltou para você. Por que, Johnny?

— Não vamos falar disso agora — disse St. Jacques secamente, soltando a mão da irmã.

— Mas eu *tenho* de falar. Isto é a minha vida. *Ele* é a minha vida! Não pode haver mais segredos para mim a respeito dele — eu não *agüento* mais!... Por que

você?

St. Jacques recostou-se na cadeira com a mão na testa. Ergueu os olhos com uma súplica muda.

— Tudo bem, eu sei de onde você está vindo. Lembra-se de seis ou sete anos atrás, quando deixei nossa fazenda, dizendo que queria fazer alguma coisa sozinho?

— É claro. Acho que partiu os corações de mamãe e de papai. Vamos ser francos, você sempre foi o favorito...

— Eu sempre fui o *caçula*! — interrompeu o mais jovem St. Jacques. — Fazendo o papel de um *Bonanza* retardado onde meus irmãos com mais de trinta anos obedeciam cegamente às ordens de um franco-canadense preconceituoso e autoritário, cujo único mérito era seu dinheiro e sua terra.

— Havia mais do que isso nele, mas não vou discutir agora — do ponto de vista de um “garoto”.

— Não pode discutir, Mare. Você fez a mesma coisa, e às vezes ficava mais de um ano sem aparecer em casa.

— Eu estava ocupada.

— Eu também.

— O que você fez?

— Matei dois homens. Dois animais que mataram minha amiga — eles a estupraram e a mataram.

— *O quê?*

— Fale baixo...

— Meu Deus, o que *aconteceu*?

— Eu não quis pedir ajuda em casa, por isso procurei seu marido... meu amigo David, que não me tratava como um garoto retardado. Na ocasião parecia a coisa mais lógica e foi a melhor decisão que já tomei na minha vida. O governo devia favores a David. Uma equipe discreta de homens brilhantes de Washington e Ottawa voou para St. James Bay e eu fui absolvido. Autodefesa, e foi *exatamente* o que aconteceu.

— Ele nunca me disse *nada*.

— Eu pedi para não dizer.

— Então é por isso... Mas ainda não compreendo!

— Não é difícil, Mare. Uma parte dele sabe que sou capaz de matar, que *posso* matar se for preciso.

O telefone tocou no interior da casa e antes que Marie, atônita, tivesse tempo de dizer alguma coisa, uma mulher negra idosa apareceu na porta da cozinha.

— É para o senhor, Sr. John. É aquele piloto da ilha grande. Ele disse que é importante, *mon*.

— Obrigado, Sra. Cooper — disse St. Jacques, levantando rapidamente e

caminhando até a extensão ao lado da piscina. Falou por alguns momentos, ergueu os olhos para Marie, desligou o telefone e voltou para a irmã.

— Faça as malas. Vocês vão sair daqui.

— *Por quê?* Era o piloto que nos trouxe...?

— Acaba de voltar da Martinica e ficou sabendo que alguém andou fazendo perguntas no aeroporto, ontem à noite. Sobre uma mulher e duas crianças. Ninguém da tripulação disse nada, mas isso pode não durar. Depressa.

— Meu Deus, para onde vamos?

— Para o hotel, até eu pensar em outra coisa. Tem só uma estrada e meus Tontons Maçoutes particulares a vigiam. Ninguém entra nem sai. A Sra. Cooper a ajudará com Alison. *Depressa!*

Marie correu para o quarto e o telefone começou a tocar outra vez. St. Jacques voltou para a extensão ao lado da piscina alcançando-a quando a Sra. Cooper mais uma vez saía da cozinha.

— É da casa do governo em Serrat, Sr. John.

— Que diabo *eles* querem...?

— Quer que eu pergunte?

— Pode deixar, eu atendo. Ajude minha irmã com as crianças e leve toda a bagagem dela para o Rover. Estão saindo agora mesmo!

— Oh, um mau tempo é uma pena, *mon*. Eu estava começando a conhecer as crianças.

— Mau tempo é uma pena, tem razão — murmurou St. Jacques, apanhando o telefone. — Sim?

— Como vai, John? — disse o ajudante-de-ordens do governador da Coroa, um homem que havia ajudado o canadense a se instalar na ilha, facilitando os processos exigidos pelos Regulamentos Territoriais.

— Posso telefonar depois, Henry? Estou um pouco apressado no momento.

— Acho que não vai dar, meu caro. Isto vem direto do Ministério do Exterior. Querem nossa cooperação imediata e não vai ser nada mau para você também.

— Do que se trata?

— Parece que um velho e a mulher chegam no vôo da Air France das 10: 30h, vindo de Antigua, e Whitehall quer tratamento vip para os dois. Aparentemente o velho tem uma esplêndida ficha de guerra, com uma coleção de condecorações, e trabalhou com vários dos nossos amigos do outro lado do canal.

— Henry, estou realmente com muita pressa. O que tudo isso tem a ver *comigo?*

— Bem, eu pensei que você talvez entendesse mais disso do que nós. Provavelmente um dos seus ricos hóspedes canadenses, talvez um francês de Montreal que esteve na Resistência e que pensou em você...

— Com insultos só vai ganhar uma garrafa de vinho franco-canadense superior. O que você *quer*?

— Hospede o herói e sua dama nas melhores acomodações do seu hotel, com um quarto para a enfermeira que fala francês, que destacamos para eles.

— Com uma hora de *aviso prévio*?

— Ora, meu caro, nossos homens podem entrar numa greve coletiva, se sabe o que quero dizer — e seu serviço de telefone tão vital e errático depende de um certo grau de intervenção da Coroa, se sabe também o que quero dizer.

— Henry, você é um negociador fantástico. Sabe acertar delicadamente o pontapé no lugar que dói mais. Como se chama seu herói? *Depressa*, por favor!

— Somos Jean Pierre e Regine Fontaine, *Monsieur le Directeur*, e aqui estão nossos passaportes — disse o homem de fala macia, na cabine de vidro da imigração, com o ajudante-de-ordens do governador da Coroa ao seu lado. — Podem ver minha mulher daqui — acrescentou, apontando para a janela de vidro. — Está conversando com a *mademoiselle* de uniforme branco.

— Por favor, *Monsieur Fontaine* — protestou o funcionário da imigração, um homem negro e atarracado, com um forte sotaque britânico. — É apenas uma formalidade informal, um processo de registro, se quiser. Também para evitar o assédio dos seus admiradores. Correu a notícia de que ia chegar um grande homem.

— É mesmo? — Fontaine sorriu agradavelmente.

— Oh, mas não se preocupe, senhor. A imprensa já foi barrada. Sabemos que deseja completa privacidade e vai ter.

— É mesmo? — O sorriso desapareceu dos lábios do homem. — Eu devia me encontrar com alguém aqui, um sócio, digamos assim, com quem preciso conversar confidencialmente. Espero que suas providências bem-intencionadas não me impeçam de encontrá-lo.

— Um grupo pequeno e selecionado com credenciais genuínas o receberá na sala dos hóspedes de honra, *Monsieur Fontaine* — disse o ajudante do governador da Coroa. — Podemos ir? Posso garantir que a fila de recepção não será muito longa.

— É mesmo? Muito curta?

Na verdade não demorou mais de cinco minutos, mas cinco segundos teriam sido suficientes. A primeira pessoa que o mensageiro-assassino do Chacal encontrou foi o próprio governador da Coroa. Quando o representante da rainha abraçou o herói à moda francesa, murmurou no ouvido de Jean Pierre Fontaine:

— Sabemos para onde foram levadas a mulher e as crianças. Nós estamos mandando vocês para lá. A enfermeira tem suas instruções.

O resto foi de certa forma um anticlímax para o velho, especialmente a ausência da imprensa. Jamais tivera sua fotografia nos jornais, a não ser na seção de crimes.

Morris Panov, médico, estava muito zangado. Sempre procurava controlar seus acessos de fúria porque nunca ajudavam a ele nem a seus clientes. Porém, naquele momento, sentado à sua mesa no consultório, estava tendo dificuldade para dominar suas emoções. Não tinha notícias de David Webb. *Precisava* saber dele, precisava *falar* com ele. O que estava acontecendo podia invalidar 13 anos de terapia, será que não *compreendiam* isso?... Não, é claro que não podiam compreender. Não estavam interessados, tinham outras prioridades e não queriam se preocupar com problemas que não eram da sua esfera. Mas *ele* tinha de se preocupar. A mente danificada era tão frágil, tão sujeita a recaídas, os horrores do passado podiam dominar o presente. Isso não devia acontecer com David! Ele estava tão perto da normalidade quanto era possível (e quem pode dizer o que é “normal” neste mundo maluco?). David podia funcionar maravilhosamente como professor, tinha recobrado quase totalmente a lembrança dos seus conhecimentos acadêmicos, e a cada ano lembrava mais. Porém tudo isso poderia ser destruído com um único ato de violência, pois a violência era o meio de vida de Jason Bourne. *Droga!*

Já era prejudicial o fato de permitirem que David tomasse parte na ação. Panov tentou explicar a Alex as possibilidades de dano, mas Conklin deu uma resposta irrefutável, *Não podemos detê-lo. Pelo menos assim podemos vigiá-lo, protegê-lo.* Talvez. “Eles” não faziam nenhuma economia quando se tratava de proteção — os guardas no corredor do seu consultório e no telhado do prédio, para não falar na recepcionista armada e com um computador estranho. Porém, seria muito melhor para David tomar alguns sedativos e ser levado de avião para seu refúgio na ilha, deixando a caçada ao Chacal para os profissionais... Panov parou de repente seu raciocínio, assaltado pela idéia de que não existia nenhum profissional melhor do que Jason Bourne.

O telefone interrompeu seus pensamentos. Esperou que os processos de segurança fossem ativados para atender. Um rastreador era ligado para localizar a chamada, um analisador verificava se havia interferências na linha, e finalmente a identidade da pessoa que chamava era aprovada pelo próprio Panov. O intercom no seu console zumbiu e ele apertou o botão.

— Sim?

— Todos os sistemas estão verificados, senhor — anunciou a recepcionista provisória, a única pessoa no consultório que podia saber disso. — O homem disse que se chama Treadstone, Sr. D. Treadstone.

— Eu atendo — disse Mo Panov com voz firme. — *E pode remover qualquer outro sistema dessa sua máquina. Esta é uma conversa confidencial entre médico e paciente.*

— Sim, senhor. Monitor terminado.

— Monitor o quê? Ora... deixa pra lá. — O psiquiatra apanhou o telefone e a

custo se controlou para não gritar. — Por que não me telefonou *antes*, seu filho da mãe!

— Não queria provocar uma parada cardíaca, isso é suficiente?

— Onde você está e o que está fazendo?

— No momento?

— Sim, pode ser.

— Vejamos, aluguei um carro e agora estou a meio quarteirão de uma casa na cidade de Georgetown, de propriedade do presidente da Comissão Federal de Comércio, falando com você de um telefone público.

— Pelo amor de Deus, *por quê?*

— Alex lhe dará os detalhes, mas eu quero que você telefone para Marie na ilha. Tentei algumas vezes depois que saí do hotel, mas não consigo. Diga que estou bem, que estou perfeitamente *bem* e para ela não se preocupar. Entendeu?

— Entendi, mas não me convenci. Você nem parece você mesmo.

— Não pode dizer isso a ela, doutor. Se é meu amigo, não pode dizer nada parecido.

— *Pare* com isso, David. Essa bobagem de médico-e-monstro não funciona mais.

— Se é meu amigo, não diga isso a ela.

— Você está *entrando em parafuso*, David. Não deixe que isso aconteça. Venha até aqui, *fale* comigo.

— Não há tempo, Mo. A limusine do gato gordo está parada na frente da casa dele. Preciso trabalhar.

— *Jason!* Bourne desligou.

Brendan Patrick Pierre Prefontaine desceu a escada de metal do jato para o sol escaldante do Caribe, no Aeroporto Blackburne, em Montserrat. Passava um pouco das três da tarde, e se não fosse pelos dólares que levava, teria se sentido perdido. Era notável como um estoque de notas de cem, espalhadas por vários bolsos, dava tanta segurança. Na verdade, precisava estar sempre lembrando que o dinheiro menor — cinquenta, vinte e dez — estava no bolso da frente da calça, para não se enganar e parecer ostensivo ou chamar a atenção de algum oportunista. Acima de tudo, devia manter uma atitude discreta, procurando se anular ao máximo. Havia feito, de modo insignificante, perguntas significativas, no aeroporto, sobre uma mulher e duas crianças pequenas que haviam chegado naquela tarde, no vôo anterior. Por isso foi com espanto e alarme que ouviu a adorável funcionária negra da imigração dizer, depois de desligar um telefone:

— Quer ter a bondade de me acompanhar, senhor, por favor?

O rosto bonito, a voz melodiosa e o sorriso perfeito em nada contribuíram para aliviar o medo do ex-juiz. Muitos criminosos extremamente culpados possuíam essas

qualidades.

— Alguma coisa errada com meu passaporte, senhorita?

— Não que eu saiba, senhor.

— Então, por que a demora? Por que não carimbar simplesmente e me deixar sair?

— Oh, está carimbado e com permissão de entrada, senhor. Nenhum problema.

— Então, *por quê?*

— Por favor, venha comigo, senhor.

Chegaram a um grande cubículo envidraçado com letras douradas na janela da esquerda indicando tratar-se do escritório do DIRETOR ASSISTENTE DO SERVIÇO DE IMIGRAÇÃO. A bela funcionária abriu a porta e, sorrindo outra vez, com um gesto convidou o visitante a entrar. Prefontaine entrou, de repente apavorado com a idéia de que ia ser revistado, iam encontrar o dinheiro e acusá-lo de todo tipo de contravenção. Ele não sabia quais as ilhas que estavam envolvidas com narcóticos, mas se esta era uma delas, os milhares de dólares nos seus bolsos faziam dele um suspeito ideal. Mil explicações passaram por sua mente enquanto a funcionária entregava seu passaporte ao atarracado diretor de imigração. Com um sorriso cintilante ela saiu da sala e fechou a porta.

— Sr. Brendan Patrick Pierre Prefontaine — leu o diretor com voz cantada, olhando para o passaporte.

— Não que seja importante — disse Brendan com delicadeza, mas com autoridade evidente. — Entretanto, o “senhor” geralmente é substituído por “juiz” — como já disse, não creio que seja importante, dadas as circunstâncias, ou talvez seja, na verdade, eu não sei. Um dos meus funcionários cometeu algum erro? Nesse caso, mando vir de avião toda a minha equipe de conselheiros legais para pedir desculpas.

— Oh, de modo algum, senhor *juiz* — respondeu o negro de uniforme e cinto largo e apertado, com um acentuado sotaque britânico, levantando-se e estendendo a mão por sobre a mesa. — Na verdade, o engano foi meu.

— Ora, vamos, coronel, nós todos erramos uma vez ou outra. — Brendan apertou a mão do diretor assistente. — Então, talvez eu possa ir embora? Tem alguém à minha espera.

— Foi exatamente o que *ele* disse! Brendan soltou a mão do homem.

— Perdão?

— Acho que eu devo pedir perdão... O sigilo, é claro. — O quê? O senhor quer ir direto ao assunto, por favor?

— Compreendo que a privacidade — continuou o funcionário, pronunciando a palavra como *privissy* — é da maior importância — isso nos foi explicado — mas sempre que podemos, tentamos agradar a Coroa.

— Extremamente louvável, brigadeiro, mas acho que não entendo.

O homem baixou o tom de voz, desnecessariamente.

— Esta tarde chegou aqui um grande homem, p senhor sabia disso?

— Estou certo de que muita gente importante vem à sua bela ilha. Na verdade, ela me foi altamente recomendada.

— Ah, sim, a *privissy*!

— Sim, é claro, a *privissy* — concordou o ex-juiz convicto, imaginando se o funcionário tinha todos os parafusos bem apertados. — Podia ser mais claro?

— Bem, *ele* disse que ia se encontrar com alguém, um sócio com quem precisava conversar, mas depois de uma pequena fila de recepção — sem a imprensa, é claro — foi levado diretamente para o *charter* que o levou para a outra ilha, e ao que parece não encontrou a pessoa que devia encontrar confidencialmente. *Agora* estou sendo claro?

— Como o porto de Boston sob uma tempestade, general.

— Muito bem. Eu compreendo. *Privissy*... Assim, todo o nosso pessoal está alertado para o fato de que o amigo do grande homem devia procurar por ele aqui, no aeroporto — confidencialmente, é claro.

— É claro. — *Nem um parafuso apertado*, pensou Brendan.

— Então, eu considerei outra possibilidade — disse o funcionário com um leve ar de triunfo. — E se o amigo do grande homem estivesse também voando para a nossa ilha, para o *encontro secreto* com o grande homem?

— Brilhante.

— Não de todo desprovido de lógica. *Então*, tive a idéia de obter a relação dos passageiros que desembarcaram na ilha, concentrando-me, é claro, na primeira classe, o que seria mais apropriado para um amigo do grande homem.

— Clarividência — resmungou o ex-juiz. — E o senhor me escolheu?

— O *nome*, meu bom homem! Pierre Prefontaine!

— Minha piedosa e falecida mãe sem dúvida ficaria ofendida com a omissão do “Brendan Patrick”. Como os franceses, os irlandeses são muito sensíveis nesses assuntos.

— Mas estava tudo em *família*. Compreendi isso imediatamente!

— Compreendeu mesmo?

— Pierre *Prefontaine*!... Jean *Pierre Fontaine*. Sou especialista em procedimentos de imigração, estudei o método em vários países. Seu nome é um exemplo fascinante, meritíssimo juiz. Ondas após ondas de imigrantes entraram nos Estados Unidos, o cadinho das nações, das raças e das línguas. No processo, nomes foram mudados, combinados ou simplesmente mal compreendidos por um verdadeiro exército de funcionários confusos e assoberbados de trabalho. Mas as raízes geralmente sobreviveram, como no seu caso. A família Fontaine tornou-se *Prefontaine* na América e o sócio do grande homem é na realidade um membro

muito honrado do ramo americano!

— Positivamente espantoso — murmurou Brendan, olhando para o homem como se esperasse ver surgir uma horda de enfermeiros musculosos, com camisas-de-força. — Mas não é possível que seja mera coincidência? Fontaine é um nome muito comum em toda a França, mas ao que sei, os Prefontaine vêm essencialmente da região da Alsácia-Lorena.

— Sim, é claro — disse o diretor, abaixando outra vez a voz em vez de dar uma piscadela. — Contudo, sem nenhum aviso prévio, recebemos um telefonema do Quay d'Orsay, em Paris, depois o Ministério do Exterior da Grã-Bretanha também telefona com instruções — um grande homem está para cair do céu, Receba-o condignamente, com todas as honras, conduza-o a um hotel retirado conhecido por sua privacidade — pois isso também é da maior importância. O grande homem deve ter *privissy* total... Contudo o próprio grande guerreiro está preocupado. Devia se encontrar confidencialmente com um amigo e não o encontra. Talvez o grande homem tenha segredos — todos os grandes homens *têm*, o senhor sabe.

De repente, os milhares de dólares nos bolsos de Prefontaine ficaram muito pesados. Segurança Quatro Zero de Washington, em Boston, o Quay d'Orsay, em Paris, o Ministério do Exterior, em Londres — Randolph Gates pagando desnecessariamente uma enorme quantia por puro pânico. Havia um padrão de estranha convergência, sendo a mais estranha a inclusão de um advogado inescrupuloso e muito assustado chamado Gates. Ele seria uma inclusão ou uma aberração? O que significava tudo isso?

— O senhor é um homem extraordinário — disse Brendan, rapidamente para disfarçar seus pensamentos. — Sua percepção é simplesmente brilhante, mas compreende que a privacidade é da maior importância.

— Não precisa dizer mais nada, meritíssimo juiz! — exclamou o diretor. — Exceto para me garantir que sua apreciação às minhas habilidades chegará ao conhecimento dos meus superiores.

— Isso vai ficar bem claro, pode estar certo... Exatamente para onde foi meu primo não muito distante e muito distinto?

— Para uma pequena ilha onde os hidraviões descem na água. Chama-se Ilha Tranqüilidade e o hotel chama-se Hotel Tranqüilidade.

— Seus superiores transmitirão pessoalmente seus agradecimentos, pode estar certo.

— E eu providenciarei pessoalmente sua passagem pela alfândega.

Quando saiu do Aeroporto de Blackburne, com sua valise de couro brilhante, Brendan Patrick Pierre Prefontaine estava vagamente confuso. Vagamente confuso era pouco, Brendan estava atônito! Não sabia se tomava o primeiro voo de volta para Boston ou se ia para... seus pés aparentemente estavam decidindo por ele. De

repente estava na frente do balcão sob as letras brancas que diziam PONTE AÉREA ENTRE-ILHAS. Não faria nenhum mal perguntar, pensou, *depois* compraria a passagem para Boston.

Na parede atrás do balcão havia uma lista das ilhas ao largo da costa, ao lado dos nomes mais conhecidos das ilhas de sotavento e ilhas de barlavento, desde St. Kitts e Nevis, ao sul das Granadinas. Tranqüilidade estava entre Canada Cay e Turtle Rock. Dois funcionários, ambos jovens, uma mulher negra e um homem louro conversavam ao lado do balcão. A mulher perguntou:

— Posso ajudá-lo, senhor?

— Não estou bem certo — disse Brendan, hesitando. — Meus planos estão um tanto desorganizados, mas parece que tenho um amigo na Ilha Tranqüilidade.

— No hotel, senhor?

— Sim, acho que sim. É uma viagem muito demorada?

— Com tempo claro, não mais de 15 minutos de vôo num avião anfíbio. Acho que não temos nenhum vôo até amanhã de manhã.

— É claro que temos, meu bem — interrompeu o jovem louro com as asas douradas presas na camisa branca. — Devo fazer uma entrega para Johnny St. Jay dentro de alguns momentos.

— *Ele* não está marcado para hoje.

— Está, desde uma hora atrás. Entrega imediata.

Nesse momento Prefontaine viu com espanto duas pilhas de caixas de papelão movendo-se no carrossel das bagagens Entre-Ilhas, na direção da área externa de carga. Mesmo que tivesse tempo para pesar os prós e os contras, sabia que a decisão estava tomada.

— Se for possível, quero uma passagem nesse vôo — disse ele, olhando para as caixas de comida infantil e de fraldas tamanho médio que desapareciam no fim do carrossel.

Acabava de encontrar a mulher desconhecida e as duas crianças.

UMA INVESTIGAÇÃO de rotina na Comissão Federal de Comércio confirmou o fato de que seu presidente, Albert Armbruster, sofria de úlcera e de pressão alta e, por ordens médicas, deixava o escritório e ia para casa quando não se sentia bem. Por isso Alex Conklin telefonou para ele depois de um almoço bastante demorado — o que a investigação confirmava também como um hábito — com uma “atualização” das notícias sobre a crise da Mulher Serpente. Como havia dito no primeiro telefonema, quando Armbruster estava no chuveiro, Alex, sem se identificar, disse que alguém entraria em contato com ele mais tarde, naquele mesmo dia — no escritório ou em sua casa. O contato se identificaria simplesmente como Cobra (“Use as palavras de código mais banais que puder lembrar”, era parte do evangelho segundo São Conklin). Até lá, Armbruster não devia falar com ninguém. *“São ordens da Sexta Frota”*.

— *Oh, Cristo!*

Assim, Albert Armbruster mandou chamar seu carro e foi levado para casa, sentindo-se mal. Esperava-o um desconforto maior. Jason Bourne estava à sua espera.

— Boa tarde, Sr. Armbruster — disse o estranho amavelmente, quando o presidente da comissão desceu da limusine.

— Sim, *o quê?* — a reação de Armbruster foi imediata e hesitante.

— Eu disse apenas “boa tarde”. Meu nome é Simon. Fomos apresentados na recepção oferecida na Casa Branca aos Chefes das Forças Armadas há alguns anos...

— Eu não estava *lá* — interrompeu Armbruster enfaticamente.

— Não mesmo? — O estranho ergueu as sobrancelhas com ar de dúvida.

— Sr. Armbruster? — O chofer fechou a porta do carro e voltou-se cortesmente para o patrão. — O senhor vai precisar...

— Não, *não* — disse Armbruster, interrompendo-o. — Não vou precisar mais de você hoje... esta noite.

— A mesma hora amanhã, senhor?

— Sim, amanhã — será avisado se eu mudar de idéia. Não estou me sentindo muito bem. Telefone antes para meu escritório.

— Sim, senhor. — Levando dois dedos à pala do boné, o homem entrou no carro.

— Sinto muito que não esteja se sentindo bem — disse o estranho, quando a

limusine se afastou.

— *O quê?*... Oh, você. Eu não estive naquela maldita recepção na Casa Branca!

— Talvez eu tenha me enganado...

— Sim, tudo bem, foi um prazer revê-lo — disse Armbruster ansioso e impaciente, dirigindo-se para os degraus na frente da sua casa em Georgetown.

— Porém, tenho certeza de que fomos apresentados pelo almirante Burton...

— *O quê?* — Armbruster voltou-se rapidamente. — O que foi que disse?

— Estamos perdendo tempo — continuou Jason Bourne, toda a amabilidade desaparecendo da sua voz e dos seus olhos. — Eu sou Cobra.

— Oh, *Jesus!*... Não estou me sentindo muito bem — disse Armbruster num murmúrio rouco, olhando rapidamente para as janelas e a porta da sua casa.

— Vai se sentir muito pior se não conversarmos — disse Jason, acompanhando o olhar do homem. — Pode ser lá dentro, na sua casa?

— *Não!* — exclamou Armbruster. — Ela está sempre querendo saber de tudo sobre todo mundo, depois tagarela pela cidade inteira, exagerando tudo que ouve.

— Suponho que está falando de sua mulher.

— De todos eles! Não sabem quando devem ficar de boca fechada!

— Parece que estão famintos por uma boa conversa.

— O quê...?

— Esqueça. Tenho um carro logo adiante. Quer dar um passeio?

— Acho melhor mesmo. Podemos parar na farmácia da esquina. Eles têm a minha receita... Quem diabo é você?

— Eu já disse — respondeu Bourne. — Cobra. É uma serpente.

— Oh, *Jesus!* — gemeu Albert Armbruster.

O farmacêutico aviou a receita rapidamente e Jason seguiu para um bar próximo que havia escolhido uma hora atrás. Era um lugar escuro, cheio de sombras, com reservados discretos. O ambiente era importante, pois Jason queria olhar com frieza e autoridade nos olhos do presidente da comissão, quando fizesse suas perguntas. Delta estava de volta, Cain também. Jason Bourne estava no comando, David Webb, esquecido.

— Precisamos nos proteger — disse o Cobra em voz baixa, quando chegaram os drinks pedidos. — Em termos de controle de danos, precisamos saber qual o prejuízo que cada um de nós pode causar sob o amital.

— Que diabo *significa* isso? — perguntou Armbruster, tomando um gole generoso de gim-tônica e depois, levando a mão à altura do estômago, com uma careta de dor.

— Drogas, soro da verdade,

— *O quê?*

— Não se trata do seu jogo normal — disse Bourne, lembrando-se das palavras de Conklin. — Temos de descobrir todas as bases porque não há nenhum direito constitucional nesta série.

— Então, quem é *você*? — O presidente da Comissão Federal de Comércio arrotou e levou o copo aos lábios com mão trêmula. — Uma espécie de equipe de *execução* formada por um só homem? Fulano sabe alguma coisa, por isso é assassinado num beco?

— Não seja ridículo. Qualquer coisa desse tipo seria contraprodutiva. Só serviria para dar mais força aos que estão à nossa procura, deixaríamos um rastro para ser seguido...

— Então, do *que* você está falando?

— Estou falando em salvar nossas vidas, o que inclui nossa reputação e nosso estilo de vida.

— Você é um cara frio. Como vamos fazer isso?

— Vejamos seu caso, certo?... Não está bem de saúde, como acaba de afirmar. Pode pedir demissão por ordem médica e nós cuidamos de você — *Medusa* toma conta de você. — A imaginação de Jason flutuava, com rápidas incursões alternadas na realidade e na fantasia, procurando as palavras do evangelho segundo Santo Alex. — Todos sabem que você é um homem rico, portanto, podemos comprar uma vila no seu nome, ou talvez uma ilha no Caribe, onde estará completamente seguro. Ninguém poderá alcançá-lo, ninguém poderá falar com você sem seu consentimento, o que significaria entrevistas predeterminadas e a garantia de resultados inofensivos, até mesmo favoráveis. Essas coisas não são impossíveis.

— Uma existência completamente estéril, na minha opinião — disse Armbruster. — Eu e aquela mulher, só nós dois? Eu a mataria.

— Nada disso — continuou o Cobra. — Haveria distrações constantes. Convidados escolhidos por você seriam levados de avião de qualquer parte do mundo. Outras mulheres também — escolhidas por você ou por pessoas que respeitam seus gostos. A vida continua como antes, algumas inconveniências, algumas surpresas agradáveis. O caso é que estará protegido, inacessível, portanto *nós* também estaremos protegidos, todos nós... Mas, como eu disse, é uma opção apenas hipotética nestas circunstâncias. No meu caso, francamente, é uma necessidade porque sei quase tudo. Devo partir dentro de alguns dias. Até então terei determinado quem vai e quem fica... Quanto o senhor sabe, Sr. Armbruster?

— Não estou envolvido com as operações do dia-a-dia, é claro. Lido com o quadro geral. Como os outros, recebo um telex mensal, em código, dos bancos de Zurique com a relação dos depósitos e das companhias que passamos a controlar — isso é tudo.

— Por enquanto não merece uma vila.

— Que diabo, eu não quero vila nenhuma, e quando quiser, eu mesmo compro. Tenho cerca de cem milhões, americanos, em Zurique.

Controlando seu espanto, Bourne simplesmente olhou fixamente para o homem.

— Eu não repetiria isso — disse ele.

— Para quem vou contar? Para a tagarela?

— Quantos dos outros conhece pessoalmente? — perguntou o Cobra.

— Praticamente ninguém da equipe de trabalho, mas eles também não me conhecem. Diabo, eles não conhecem ninguém... E já que estamos falando nisso, veja você, por exemplo, nunca ouvi falar de você. Imagino que trabalha para a diretoria porque disseram-me para esperar sua visita, mas eu não o *conheço*.

— Fui contratado numa base muito especial. Minha especialidade é segurança confidencial.

— Como eu disse, achei que...

— E a Sexta Frota? — interrompeu Bourne, desviando a conversa da própria pessoa.

— Eu o vejo uma vez ou outra, mas acho que, ao todo, não trocamos mais de uma dúzia de palavras. Ele é militar, eu sou civil — muito civil.

— Mas não foi sempre assim. Não quando tudo começou.

— Uma ova que não. Nenhum uniforme jamais fez um soldado e foi exatamente assim comigo.

— O que me diz dos dois generais, um em Bruxelas, o outro no Pentágono?

— Eram militares de carreira, ficaram em suas armas. Eu não era e não fiquei.

— Temos de prever vazamentos de informação, rumores — disse Bourne, um tanto vagamente, olhando inquieto em volta. — Mas não podemos permitir a menor insinuação de orientação militar.

— Quer dizer como no estilo da junta?

— *Nunca* — disse Bourne, olhando outra vez para Armbruster. — Esse tipo de coisa provoca redemoinhos...

— *Esqueça!* — murmurou o presidente da Comissão Federal de Comércio, interrompendo, furioso. — A Sexta Frota, como você o chama, dá as ordens só *aqui* e por uma questão de conveniência. Ele é um almirante de corpo e alma com uma folha de serviços magnífica e muita influência nos lugares que nos interessam, mas isso é em *Washington*, em nenhum outro lugar.

— Eu sei disso e você sabe — disse Jason enfaticamente, procurando disfarçar seu espanto —, mas alguém que esteve no programa de proteção nos últimos 15 anos está criando seu próprio cenário e *isso* vem diretamente de Saigon — *Comando Saigon*.

— Pode ter saído de Saigon, mas certamente não ficou lá. Os soldados não vão fazê-lo funcionar, nós *todos* sabemos disso... Mas sei o que você quer dizer. Você

liga os grandes do Pentágono com uma coisa como nós, e logo os monstros estão na rua e aquelas bichas sensíveis do Congresso fazem uma verdadeira festa. De repente forma-se uma dúzia de subcomitês.

— O que não podemos permitir — disse Bourne.

— Concordo — observou Armbruster. — Temos alguma pista para o nome do filho da mãe que está armando o cenário por conta própria?

— Estamos mais perto, mas não perto. Ele entrou em contato com Langley mas não sabemos em que comprimento de onda.

— *Langley?* Pelo amor de Deus, *temos* alguém lá dentro. Ele pode descobrir quem é o filho da mãe.

— DeSole? — arriscou o Cobra simplesmente.

— Isso mesmo — Armbruster inclinou-se para a frente. — Você sabe quase tudo. É uma conexão muito discreta. O que DeSole disse?

— Nada. Não podemos tocá-lo — respondeu Jason, procurando uma resposta lógica. Há muito tempo estava vivendo como David Webb! Conklin estava certo, tinha dificuldade para pensar depressa. Então encontrou as palavras... parte da verdade, uma parte perigosa, mas que podia ser aceita e ele não podia perder a credibilidade. — Ele acha que está sendo vigiado e devemos ficar longe dele, não procurar nenhum contato até que ele nos dê permissão.

— O que *aconteceu?* — Armbruster segurou o copo com força e arregalou os olhos.

— Alguém nos porões descobriu que Teagarten, em Bruxelas, tem um código em fax direto com DeSole, ultrapassando o tráfego confidencial de rotina.

— Malditos estúpidos *soldadinhos!* — vociferou Armbruster. — Assim que recebem as divisas douradas, começam a se pavonear como debutantes e querem todos os brinquedos novos que aparecem na cidade!... *Faxes*, códigos de *acesso!* Jesus, provavelmente ele apertou os números errados e ligou para a ANDPC, a Associação Nacional para Desenvolvimento das Pessoas de Cor.

— DeSole diz que está criando um bom disfarce de cobertura e pode dar conta do recado, mas não está na hora de começar a fazer perguntas, especialmente nesta área. Vai verificar discretamente tudo que for possível, se descobrir alguma coisa nos informa, mas nós não devemos procurá-lo.

— Imagine só, tinha de ser um soldadinho cretino para estragar tudo. Se não fosse por aquele asno com seu código de *acesso*, não teríamos nenhum problema. Tudo seria controlado.

— Mas ele existe e o problema — a crise — não vai se resolver sozinho — disse Bourne secamente. — Repito, precisamos nos proteger. Alguns devem partir — desaparecer por algum tempo, pelo menos. Para o bem de todos.

O presidente da Comissão Federal de Comércio recostou-se no banco com

expressão desagradável e pensativa.

— É isso, muito bem, vou lhe dizer uma coisa, Simon, ou seja lá como se chama. Você está investigando as pessoas erradas. Somos homens de negócios, alguns suficientemente ricos ou suficientemente egoístas, ou por outros motivos dispostos a trabalhar para o governo, mas acima de tudo somos *homens de negócios* com investimentos por toda parte. Somos também nomeados, não eleitos, o que significa que ninguém exige declaração completa de bens de nossa parte. Percebe onde quero chegar?

— Não estou bem certo — disse Jason, temendo estar perdendo controle, perdendo a força da sua ameaça. *Estive afastado muito tempo...* e Albert Armbruster não era nada tolo. Deixou-se vencer pelo pânico, a princípio, mas agora está mais controlado, muito mais analítico. — Onde quer chegar?

— Livre-se dos soldadinhos. Compre vilas para *eles* ou umas duas ilhas no Caribe e coloque *todos* fora de alcance. Dê a eles suas pequenas cortes e deixe que brinquem de reis. Afinal, é exatamente o que eles fazem.

— Operar sem eles? — perguntou Bourne, tentando disfarçar seu espanto.

— Você disse e eu concordo. Qualquer vestígio de alta patente e temos problemas. O título é “complexo industrial militar”, o que, traduzido livremente, quer dizer conluio comercial-militar. — Armbruster inclinou-se para a frente, sobre a mesa. — Não precisamos mais deles. Livre-se dos soldadinhos.

— Pode haver objeções muito estridentes.

— *Impossível*. Nós os temos pelos testículos de suas patentes!

— Tenho de pensar nisso.

— Não tem nada para pensar. Em seis meses teremos os controles de que precisamos, na Europa.

Jason Bourne olhou para o presidente da Comissão Federal de Comércio. *Que controles?* pensou. *Por que motivo? Por quê?*

— Eu o levo para casa — disse Jason.

— Falei com Marie — disse Conklin no apartamento da Agência na Virgínia. — Ela está no hotel, não na sua casa.

— *Por quê?* — perguntou Jason no telefone de um posto de gasolina perto de Manassas.

— Ela não explicou muito bem... Acho que era hora do almoço, ou hora da sesta — um desses momentos em que as mães ficam um tanto vagas. Eu ouvi as vozes dos seus filhos. Cara, eles são barulhentos!

— O que foi que ela disse, Alex?

— Parece que foi decisão do seu cunhado. Ela não entrou em detalhes e a não ser pelo fato de parecer exatamente uma mamãe muito ocupada, era a Marie normal que eu conheço e que amo — o que significa que tudo que ela queria saber era se

você estava bem.

— O que significa que você disse que estou perfeitamente bem, certo?

— Que diabo, claro que sim! Eu disse que você está escondido e muito bem guardado, examinando uma porção de impressos de computador, uma espécie de variação da verdade.

— Johnny deve ter conversado com ela. Marie contou o que aconteceu e ele os levou para seu *bunker* exclusivo.

— Seu o quê?

— Você nunca viu o Hotel Tranqüilidade, viu? Francamente, não me lembro se você esteve lá ou não.

— Panov e eu vimos só as plantas e o local, há quatro anos. Não voltamos depois disso, pelo menos eu não voltei. Ninguém me convidou.

— Vou deixar passar essa observação porque você tem convite permanente desde que construímos o hotel... Seja como for, você sabe que fica na praia e o único acesso, a não ser por água, é uma estrada de terra tão cheia de rochas que nenhum carro normal consegue passar. Tudo é transportado por avião ou por barco. Quase nada da cidade.

— E a praia é patrulhada — interrompeu Conklin. — Johnny não quer arriscar nada.

— Por isso eu os mandei para lá. Telefone para ela mais tarde.

— E o que me diz de agora? — perguntou Alex. — O que me diz de Armbruster?

— Bem, digamos o seguinte — respondeu Bourne, erguendo os olhos para o teto de plástico da cabine telefônica. — O que significa um homem que tem centenas de milhões de dólares me dizer que a Medusa — ponto de origem do Comando Saigon, com ênfase em “comando”, que nada tem de civil — deve se livrar dos militares porque a Mulher Serpente não precisa mais deles?

— Eu não *acredito* — disse o ex-agente em voz baixa — Ele não *disse* isso.

— Ah, disse sim. Até os chamou de soldadinhos, e não com a intenção de eternizá-los em uma canção. Qualificou os almirantes e os generais de debutantes com divisas douradas que querem todos os brinquedos novos que aparecem na cidade.

— Alguns senadores do Comitê das Forças Armadas concordarão com essa avaliação — observou Alex.

— Tem mais. Quando eu lembrei que a Mulher Serpente veio de Saigon — *Comando* Saigon — ele foi muito claro. Disse que talvez tenha vindo mas certamente não ficou por lá porque — e estou citando literalmente — “os soldadinhos não sabiam como dirigi-la”.

— Uma declaração provocadora. Ele disse por que eles não sabiam como

dirigi-la?

— Não e eu não perguntei. Supostamente eu devia saber a resposta.

— Gostaria que tivesse perguntado. Cada vez gosto menos do que estou ouvindo. É grande e é muito feio... Como foi que ele falou nos 100 milhões?

— Eu disse que Medusa podia comprar uma vila para ele, fora do país, onde não pudesse ser encontrado, se fosse necessário. Ele não pareceu muito interessado e disse que se quisesse uma vila podia comprar. Tem 100 milhões em dinheiro americano em Zurique — um fato que eu acho que ele esperava que eu soubesse também.

— Isso é tudo? Apenas 100 milhões?

— Não. Ele disse que como todos os outros recebe um telex mensal — em código — dos bancos de Zurique com a relação dos depósitos. Obviamente eles estão crescendo.

— Grande, feio e crescendo — acrescentou Conklin. — Mais alguma coisa? Não que eu queira ouvir realmente, já estou bastante assustado.

— Mais duas coisas e acho melhor você ter algum medo em reserva... Armbruster disse que com os telexes dos depósitos recebe também uma lista das companhias sobre as quais estão ganhando controle.

— Que companhias? Do *que* ele estava falando?... Meu Deus!

— Se eu tivesse perguntado, minha mulher e meus filhos teriam de comparecer a um enterro sem caixão, porque eu não estaria presente.

— Conte-me o resto.

— Nosso ilustre presidente da Comissão Federal de Comércio disse que o “nós” onipresente pode se livrar dos militares porque em seis meses “nós” teremos todos os controles de que precisamos, na Europa... Alex, que controles? Com o que estamos lidando?

Jason Bourne não interrompeu o silêncio na linha. David Webb queria gritar, frustrado e confuso, mas não adiantava. Ele não existia como pessoa. Finalmente, Conklin falou.

— Acho que estamos tratando com alguma coisa que não podemos resolver — disse em voz muito baixa. — Isso tem de ir a um nível mais alto, David. Não podemos guardar só para nós.

— Que droga, Alex. Você não está falando com David! — Bourne não ergueu a voz. Não precisava. — Isto não vai a lugar nenhum enquanto eu não der ordem e talvez isso nunca aconteça. Trate de compreender, agente de campo, não devo nada a ninguém, especialmente não aos mandachuvas desta cidade. Eles sacudiram bastante minha mulher e a mim para que eu possa fazer qualquer concessão a respeito das nossas vidas e as dos nossos filhos. Pretendo descobrir tudo que for possível para um *único* fim. Tirar o Chacal da toca e matá-lo, para que possamos sair deste inferno

particular e viver nossas vidas... Sei agora que *este* é o modo de fazer isso. Armbruster falou duro, e provavelmente ele é durão, mas na verdade está assustado. Todos eles estão assustados — em pânico, como você disse e estava certo. Dê a eles a idéia do Chacal, que não vão recusar a *solução*. Dê a Carlos um cliente tão rico e poderoso quanto a nossa Medusa atual, que ele não poderá *resistir* — vai conseguir o respeito dos grandes, não apenas do esterco do mundo, dos fanáticos da direita ou da esquerda... Não fique no meu caminho, *não* faça isso, pelo amor de Deus!

— É uma ameaça, não é?

— *Pare* com isso Alex. Não quero falar desse modo.

— Mas falou. É o inverso de Paris há 13 anos, não é? Só que agora você *me* matará porque eu sou o que não tem memória, a lembrança do que fizemos a você e a Marie.

— Estou falando da minha *família* — exclamou David Webb com voz tensa, a testa molhada de suor, os olhos cheios de lágrimas. — Está a milhares de quilômetros daqui e *escondida*. Não pode ser de outro modo porque não quero que corra nenhum risco!... Não quero que minha mulher e meus filhos sejam *assassinados*, Alex, porque é isso que o Chacal fará se os descobrir. Esta semana é uma ilha, o que será na *próxima*? Quantos quilômetros a mais de distância? Depois disso, para onde irão — para onde *iremos*? Sabendo o que sabemos, não podemos parar — ele está atrás de mim, aquele maldito psicopata imundo está *atrás* de mim e tudo que sabemos sobre ele indica que vai exigir o sacrifício máximo. Seu ego exige e isso inclui minha família!... Não, agente de campo, não me sobrecarregue com problemas que não me interessam — não quando interferem com Marie e as crianças —, eu mereço isso.

— Estou ouvindo — disse Conklin. — Não sei se estou ouvindo David ou Jason Bourne, mas estou ouvindo. Tudo bem, nada do inverso de Paris, mas temos de agir depressa e estou falando com Bourne agora. O que faremos? Onde você está?

— Calculo que a uns nove ou dez quilômetros da casa do general Swayne — disse Jason, respirando fundo, a angústia controlada, a frieza voltando. — Você deu o telefonema?

— Há duas horas.

— Ainda sou o Cobra?

— Por que não? É uma serpente.

— Foi o que eu disse para Armbruster. Ele não gostou muito.

— Swayne vai gostar menos ainda, mas tenho uma intuição que não sei explicar.

— O que quer dizer?

— Não estou certo, mas tenho a impressão de que ele presta conta a alguém.

— No Pentágono? Burton?

— Acho que sim, mas não sei. Na sua paralisia parcial, ele reagiu como se fosse um mero observador, alguém que está envolvido, mas não no meio do jogo. Ele se traiu algumas vezes dizendo coisas como, “Temos de pensar no assunto”, e “Precisamos consultar”. Consultar *quem*? Era uma conversa particular, com minha advertência habitual de que ele não devia falar com *ninguém*. Sua resposta foi um indecísivo “nós” editorial, significando que o ilustre general precisava consultar a si mesmo. Eu não engoli essa.

— Eu também não — concordou Jason. — Vou trocar de roupa. Tenho tudo no carro.

— O quê? Bourne voltou-se para a parede de plástico da cabine e olhou para o posto de gasolina. Viu o que procurava, o banheiro de homens.

— Você disse que Swayne mora numa fazenda grande a oeste de Manassas...

— Correção — interrompeu Alex. — *Ele* chama de fazenda. Os vizinhos e as tabelas de impostos chamam de uma propriedade de 28 acres. Nada mau para um soldado de carreira, de uma família humilde de Nebraska que se casou com uma cabeleireira no Havaí há trinta anos, e que supostamente comprou a mansão há dez anos com a herança de um benfeitor misterioso, um tio rico e obscuro que eu não consegui localizar. Foi isso que despertou minha curiosidade. Swayne comandou o Corpo Quartermaster em Saigon e deu apoio à Medusa... O que tem a ver a casa dele com sua troca de roupa?

— Quero dar uma olhada. Vou chegar antes da noite para ver como é, vista da estrada, depois, quando estiver escuro, vou fazer uma visita de surpresa.

— Muito eficiente. Mas por que dar uma olhada primeiro?

— Gosto de fazendas. São tão extensas, tanta terra. Não posso imaginar como um oficial de carreira, que pode ser mandado para qualquer lugar de um momento para outro, arrisca um investimento tão grande e definitivo.

— Exatamente o que pensei, só que eu estava preocupado com o “como”, não com o “por que”. Sua abordagem talvez seja mais interessante.

— Veremos.

— Tenha cuidado. Pode haver alarmes e cães, coisas assim.

— Estou preparado — disse Jason Bourne. — Fiz algumas compras quando saí de Georgetown.

O sol de verão estava baixo a oeste, quando ele diminuiu a marcha do carro alugado e abaixou o visor para não ser ofuscado pela luz do globo de fogo. Logo ele ia desaparecer atrás das montanhas Shenandoah e viria a transição de luz incerta, prenúncio da noite. Jason Bourne esperava a noite, sua amiga e aliada, a escuridão dentro da qual ele se movia rapidamente, com passos seguros e mãos que eram

sensores contra os impedimentos da natureza. No passado, a selva o havia recebido, sabendo que, embora fosse um intruso, ele a respeitava e a usava como uma parte dele mesmo. Jason não tinha medo da selva e a abraçava, pois ela o protegia e permitia sua passagem na execução do seu objetivo. Ele e a selva eram um só — como teria de ser com os bosques fechados que flanqueavam a propriedade do general Norman Swayne.

A casa principal ficava a uma distância de dois campos de futebol da estrada. Uma paliçada separava a entrada, à direita, da saída, à esquerda, ambas com portões de ferro, dando para a longa entrada para veículos em forma de U, ladeada por uma profusão de árvores e arbustos que era uma extensão natural da paliçada, tanto à esquerda quanto à direita. Só faltavam as casas da guarda na entrada e na saída.

Jason lembrou-se da China, de Beijing, e do santuário de pássaros silvestres onde ele havia encurralado o assassino que se fazia passar por Jason Bourne. Havia uma casa da guarda e uma série de patrulhas armadas na floresta densa... e um louco, um açougueiro que controlava um exército de assassinos, sendo o mais importante deles Jason Bourne. Ele havia penetrado naquele santuário mortal, inutilizado uma pequena frota de caminhões e automóveis enfiando a lâmina da sua faca nos pneus, depois foi tomando de assalto cada patrulha na floresta de Jing Shan, até encontrar a clareira iluminada por tochas, onde estava o maníaco e sua brigada de fanáticos. Poderia fazer a mesma coisa hoje? pensou Bourne, passando pela terceira vez, bem devagar, pela frente da casa de Swayne, observando os menores detalhes. Cinco anos mais tarde, 13 anos depois de Paris? Tentou avaliar a realidade. Não era mais o jovem de Paris, nem o homem maduro de Hong Kong, Macau e Beijing. Agora sentia seus cinquenta anos, cada um deles. Não queria mais pensar nisso. Tinha outras coisas para resolver e os 28 acres do general Norman Swayne não eram a floresta primitiva do santuário de Jing Shan.

Contudo, como havia feito nos arredores primitivos de Beijing, levou o carro para um abrigo de relva alta e folhagem. Desceu e cobriu o veículo com galhos partidos. A noite que chegava rapidamente ia completar a camuflagem e então ele começaria a agir. No banheiro do posto de gasolina Jason havia trocado de roupa e vestia agora calça preta, um pulôver justo de mangas compridas, tênis preto de sola grossa. Era sua roupa de trabalho. Espalhou no chão o equipamento comprado depois que saiu de Georgetown. Uma faca com lâmina longa, cuja bainha ele prendeu no cinto. Uma pistola de CO₂, tambor duplo, num coldre de náilon, cujos dardos imobilizavam qualquer animal, como cães de guarda. Dois sinalizadores para motoristas perdidos na estrada com carros enguiçados, um binóculo Zeiss Ikon 8 x 10, preso à calça por uma tira de velcro. Uma lanterna tipo caneta, tiras de couro cru e, finalmente, cortadores de arame tamanho de bolso, para o caso de haver alguma cerca de metal. Com a automática fornecida pela CIA, todo o equipamento foi preso

ao seu cinto ou escondido sob a roupa. A noite chegou e Jason Bourne entrou no bosque.

O lençol branco de espuma explodiu contra o recife de coral e ficou suspenso no ar, sobre o fundo da água azul-escura do mar do Caribe. Era a hora do começo da noite, com o longo pôr-do-sol se anunciando, quando a Ilha Tranqüilidade era banhada ora por cores tropicais, ora por sombras que variavam de formato constantemente com o movimento do sol que descia no céu cor de laranja. O complexo do Hotel Tranqüilidade parecia cortado na pedra da montanha acima da praia longa, emoldurada por enormes pontões naturais de coral. Duas fileiras de vilas cor-de-rosa com terraços e telhados vermelhos de terracota estendiam-se nos dois lados do prédio principal, grande e circular, feito de pedra pesada e vidro espesso. Todas as estruturas davam para o mar e as vilas eram ligadas a ele por uma passagem de cimento branco ladeada de arbustos e iluminada por várias lâmpadas. Garçons com paletós amarelos empurravam mesinhas sobre rodas, servindo bebidas com gelo e canapés aos hóspedes do Tranqüilidade, quase todos sentados nos terraços de suas vilas, saboreando o fim do dia no Caribe. Com a descida da noite, outros vultos apareceram discretamente na praia e no longo embarcadouro que entrava mar adentro. Não eram hóspedes, nem empregados do hotel, mas guardas armados, com uniformes tropicais marrons e — também discretamente — com suas metralhadoras portáteis MAC-10 presas nos cintos de couro. No outro lado da túnica, preso ao tecido, tinham um binóculo Zeiss Ikon 8 x 10 que usavam constantemente para vigiar a escuridão. O dono do Tranqüilidade estava disposto a fazer jus ao nome do hotel.

No grande terraço circular da vila mais próxima do prédio principal e do restaurante envidraçado, a mulher idosa e doente, na cadeira de rodas, tomava lentamente seu Château Carbonnieux '78, enquanto desfrutava o esplendor do pôr-do-sol. Distraidamente tocou na franja do cabelo mal tingido de vermelho, enquanto escutava. Ouviu a voz do seu homem falando com a enfermeira dentro da vila, depois o som dos passos hesitantes dele caminhando para o terraço.

— Meu Deus! — disse ela. — Acho que vou ficar biruta.

— Por que não? — disse o mensageiro do Chacal. — Este é o lugar ideal para isso. Eu mesmo estou vendo tudo através de uma névoa de descrença.

— Ainda não me disse por que o monsenhor o mandou — nos mandou para cá.

— Já disse. Sou apenas um mensageiro.

— Não acredito.

— Pode acreditar. É importante para ele, mas não significa nada para nós. Aproveite, minha bela.

— Você sempre me chama assim quando não quer explicar as coisas.

— Então, já devia saber por experiência que não deve insistir, certo?

— Não, *não* é certo, meu querido. Eu estou morrendo...

— Não quero ouvir nada disso!

— Mas é verdade, não pode mais esconder de mim. Não me preocupo por mim, é o fim da dor, mas me preocupo com você. *Você*, sempre melhor do que as circunstâncias, Michel.

— Não, *não*, você é *Jean Pierre*, não devo esquecer... Mas, tenho de me preocupar. Este lugar, este hotel extraordinário, toda esta *atenção*. Acho que vai pagar um preço terrível, meu querido.

— Por que diz isso?

— Alguma coisa está errada.

— Você se preocupa demais.

— Não, você se engana facilmente. Meu irmão, Claude, sempre disse que você aceita muita coisa do monsenhor. Algum dia vai receber a conta.

— Seu irmão Claude é um doce velhinho com teias de aranha na cabeça. Por isso o monsenhor só dá a ele as missões mais insignificantes. Você o manda comprar jornal em Montparnasse e ele acaba em Marselha, sem saber o que está fazendo lá.

— O telefone tocou dentro da vila, interrompendo o homem do Chacal. — Nossa nova amiga vai atender.

— É uma mulher estranha. Não confio nela.

— Trabalha para o monsenhor.

— É mesmo?

— Não tive tempo de lhe dizer. Ela vai nos transmitir as instruções dele.

A enfermeira uniformizada, com o cabelo castanho-escuro preso sob a touca, apareceu na porta do terraço.

— *Monsieur*, é de Paris. — Os olhos grandes expressavam a urgência que não se ouvia em sua voz.

— Obrigado. — O mensageiro do Chacal entrou e acompanhou a enfermeira até o telefone que ela apanhou da mesa e entregou a ele. — Fala Jean Pierre Fontaine.

— Abençoado seja, filho de Deus — disse a voz, a milhares de quilômetros de distância. — Tudo está bem?

— Além de qualquer descrição — respondeu o velho. — É tão... maravilhoso, muito mais do que merecemos.

— Vai merecer.

— Como posso servi-lo?

— Seguindo as ordens dadas pela mulher. Siga ao pé da letra, sem nenhuma modificação, compreende?

— Certamente.

— Minha bênção. — Um clique e a ligação foi cortada.

Fontaine voltou-se para falar com a enfermeira, mas a mulher não estava mais ao seu lado e sim na outra extremidade da sala, abrindo com uma chave a gaveta da mesa. Ele aproximou-se e olhou para dentro da gaveta. Viu um par de luvas cirúrgicas, uma pistola com silenciador e uma navalha reta com a lâmina retrátil.

— Esses são seus instrumentos — disse a mulher, estendendo a chave, com os olhos penetrantes fixos no homem — e os alvos estão na última vila desta ala. Você deve se familiarizar com a área dando longos passeios, como fazem os velhos para ativar a circulação, e depois deve matá-los. Vai fazer isso usando as luvas e dando um tiro na cabeça de cada um. *Tem* de ser na cabeça. Depois, deve cortar os pescoços...

— Mãe de Deus, das *crianças*?

— Essas são as ordens.

— É uma coisa bárbara!

— Quer que eu transmita essa opinião?

Fontaine olhou para a porta do terraço, para a mulher na cadeira de rodas.

— Não, não, é claro que não.

— Foi o que pensei... Há uma instrução final. Com o sangue deve escrever o seguinte, na parede: “Jason Bourne, irmão do Chacal”.

— Oh, meu Deus! Vou ser apanhado, é claro.

— Isso depende de você. Coordene a execução comigo e vou jurar que um grande guerreiro da França estava nesta vila na hora do crime.

— Na hora?... Que hora? Quando devo fazer isso?

— Dentro de 36 horas.

— E *depois*?

— Pode ficar aqui até sua mulher morrer.

BRENDAN PATRICK PIERRE PREFONTAINE ficou atônito outra vez. Não tinha reserva nenhuma, mas a recepção do Hotel Tranqüilidade o tratou como se fosse uma celebridade. Momentos depois de ele pedir uma vila, foi informado de que já tinha uma *vila* e perguntaram se fizera uma boa viagem de Paris. Houve um momento de confusão porque não encontravam o dono do Tranqüilidade para esclarecer as coisas. Ele não estava na residência e, ao que parecia, nem no hotel. Finalmente, mãos se ergueram em frustração e o ex-juiz de Boston foi conduzido à casa em miniatura com vista para o mar do Caribe. Por acaso, não por determinação prévia, Brendan enfiou a mão no bolso errado e deu ao gerente da recepção uma nota de cinquenta dólares americanos. Imediatamente Prefontaine tornou-se um homem digno de atenção. Dedos estalaram e mãos desceram sobre as campainhas. Nada era esplêndido demais para o magnífico estranho que acabava de desembarcar do hidravião, vindo de Montserrat... Foi o *nome* que criou a confusão na recepção do Tranqüilidade. Seria possível tamanha coincidência?... Porém, o governador da Coroa achou melhor errar do lado mais seguro. Arranje uma vila para o homem.

Uma vez instalado, suas roupas guardadas no closet e na cômoda, a loucura continuou. Chegou uma garrafa de Château Carbonnieux '78 gelada com flores recém-colhidas e uma caixa de bombons belgas. Logo o criado voltou confuso, para retirar as dádivas, pedindo desculpas, dizendo que o champanhe, as flores e os chocolates eram para outra vila naquela ala — ou na outra — ele não tinha certeza, *mon*.

O juiz vestiu uma bermuda, com uma careta para as pernas finas, e uma camisa discretamente estampada. Tênis e boné branco de pano completavam o conjunto. Logo ia escurecer e ele queria caminhar um pouco. Por diversos motivos.

— Eu sei quem é Jean Pierre Fontaine — disse John St. Jacques, lendo o registro na recepção. — É o homem recomendado pelo governador da Coroa, mas quem diabo é B. P. Prefontaine?

— Um juiz ilustre dos Estados Unidos — informou o subgerente negro com seu forte sotaque britânico. — Meu tio, o assistente do diretor da imigração, telefonou do aeroporto há umas duas horas. Infelizmente eu estava lá em cima quando houve a confusão, mas nosso pessoal fez a coisa certa.

— Um juiz? — perguntou o dono do Tranqüilidade, quando o subgerente tocou no seu braço, afastando-o do balcão e dos empregados. — O que disse seu tio?

— Total *privissy* deve ser garantida a esses dois hóspedes.

— E por que não teriam? O que significa isso?

— Meu tio foi muito discreto, mas contou que viu o juiz comprar a passagem no balcão dos vôos entre-ilhas. Disse também que sabia que estava certo. O juiz e o francês herói de guerra são parentes e devem se encontrar para tratar de assuntos altamente confidenciais.

— Nesse caso, por que o honrado juiz não tinha reserva?

— Aparentemente há duas explicações possíveis, senhor. Segundo meu tio, eles deviam se encontrar no aeroporto, mas o comitê de recepção do governador impediu que o encontro se realizasse.

— Qual é a segunda possibilidade?

— Cometeram um engano no escritório do juiz, em Boston, Massachusetts. Segundo meu tio, houve uma breve conversa sobre o pessoal que trabalha para o juiz, e ele disse que se tivessem cometido algum erro com seu passaporte traria todos de avião para se desculpar.

— Então os juízes ganham muito mais nos Estados Unidos do que no Canadá. Ele teve sorte de termos uma vila vaga.

— É a temporada de verão, senhor. Geralmente temos vagas nesses meses.

— Não precisa me dizer... Tudo bem, então temos dois parentes ilustres que desejam se encontrar confidencialmente, mas fazem as coisas de modo muito estranho. Talvez seja melhor telefonar para o juiz e informar em que vila está Fontaine. Ou Prefontaine — seja lá o que for.

— Senhor, sugeri essa cortesia ao meu tio e ele foi decisivo. Não devemos fazer absolutamente nada. De acordo com meu tio, todos os grandes homens têm segredos e ele não gostaria que sua brilhante dedução fosse revelada, especialmente às partes interessadas.

— Como disse?

— Se déssemos o telefonema, o juiz ficaria sabendo que a informação só podia ter partido do meu tio, o assistente do diretor da imigração, em Montserrat.

— Cristo, faça o que quiser, tenho outras coisas para resolver... A propósito, mandei dobrar as patrulhas na estrada e na praia.

— Vamos ficar com pouca segurança no hotel, senhor.

— Retirei alguns dos caminhos internos. Eu sei quem está *aqui*, mas não sei quem vai querer *entrar*.

— Esperamos problemas, senhor?

John St. Jacques olhou para o assistente da gerência.

— Não agora — disse ele. — Estive verificando cada centímetro da praia e do terreno. Por falar nisso, vou ficar com minha irmã e meus sobrinhos na Vila Vinte.

O herói da Resistência da Segunda Guerra, conhecido como Jean Pierre Fontaine, caminhou lentamente pela passagem de concreto na direção da última vila

com frente para o mar. Era igual às outras, com paredes pintadas de rosa e telhado vermelho, mas o gramado era maior, a cerca viva mais alta e mais espessa. Um lugar para primeiros-ministros e presidentes, secretários estrangeiros e secretários de Estado, homens e mulheres de estatura internacional à procura de paz e isolamento requintados.

Fontaine chegou ao fim do caminho onde erguia-se um muro branco com um metro e vinte de altura e atrás dele a floresta impenetrável, na encosta da montanha que descia até a praia. O muro estendia-se nas duas direções, fazendo uma curva em volta da colina, abaixo dos terraços das vilas, servindo de demarcação e de proteção. O portão de ferro da Vila Vinte era pintado de rosa. Lá dentro, o homem viu uma criança de calção de banho, correndo no gramado. Então apareceu uma mulher na porta da frente.

— Venha, Jamie — chamou ela. — Está na hora do jantar.

— Alison já comeu, mamãe?

— Já comeu e já dormiu, querido. Ela não vai gritar com você.

— Gosto mais da nossa casa. Por que não podemos voltar para casa, mamãe?

— Porque o tio John quer que fiquemos aqui... Os barcos estão aqui, Jamie. Você pode ir pescar e velejar com ele como nas últimas férias de abril.

— Mas nas férias estávamos em casa.

— Sim, bem, papai estava conosco...

— E nos divertimos tanto passeando de caminhão!

— *Jantar*, Jamie. Venha agora.

Mãe e filho entraram na casa e Fontaine estremeceu pensando nas ordens do Chacal, na execução sangrenta que ele havia jurado perpetrar. Então, lembrou-se das palavras do garoto, *Por que não podemos voltar para casa, mamãe?... Nas férias estávamos em casa*. E as respostas da mãe, *Porque tio John quer que fiquemos aqui... Sim, bem, papai estava conosco*.

Podia haver várias explicações para essas palavras, mas Fontaine tinha o dom de pressentir o perigo com mais certeza do que a maioria dos homens, pois sua vida fora sempre repleta de situações perigosas. Sentiu o perigo agora e por esse motivo um velho faria várias caminhadas noturnas para “ativar a circulação”.

Dando as costas para o muro branco voltou pela passagem de concreto tão absorto nos seus pensamentos que quase colidiu com um hóspede mais ou menos da sua idade, com um boné branco idiota e tênis brancos.

— Desculpe-me — disse o estranho, afastando-se para o lado.

— *Pardon, monsieur* — exclamou o embaraçado herói da França, usando sua língua natal sem sentir. — *Je regrette* — quero dizer, sou eu quem deve pedir desculpas.

— Oh! — O estranho olhou para ele rapidamente, como se estivesse

procurando disfarçar o fato de tê-lo reconhecido.

— De modo nenhum.

— *Pardon*, já nos conhecemos, *monsieur*?

— Não creio — respondeu o homem com o boné idiota.

— Mas nós todos ouvimos a novidade. Um grande herói francês está entre os hóspedes.

— Bobagem. Acidentes da guerra, quando nós todos éramos muito mais moços. Meu nome é Fontaine. Jean Pierre Fontaine.

— O meu é... Patrick. Brendan Patrick...

— É um prazer conhecê-lo, *monsieur*. — Trocaram um aperto de mãos. — É um lindo lugar, não acha?

— Simplesmente maravilhoso. — O estranho parecia estudá-lo outra vez, pensou Fontaine, porém evitando o contato direto dos olhos. — Bem, vou indo — disse o hóspede de tênis branco novo. — Ordens do médico.

— *Moi aussi* — disse Jean Pierre em francês, o que, evidentemente causou alguma impressão. — *Toujours le médecin a notre âge, n'est-ce-pas?*

— Verdade, verdade — respondeu o homem de pernas finas, e acenando uma despedida, caminhou rapidamente pela passagem.

Fontaine ficou imóvel observando o homem que se afastava, esperando, sabendo o que ia acontecer. E então aconteceu. O estranho parou e lentamente se voltou. De longe seus olhos se encontraram. Foi o bastante. Jean Pierre sorriu, depois voltou para sua vila.

Outro aviso, pensou ele, e muito mais letal. Pois três coisas eram evidentes. Primeira, o homem com o boné idiota falava francês. Segunda, ele sabia que “Jean Pierre Fontaine” era na verdade outra pessoa — enviada por alguém a Montserrat. Terceira... ele tinha a marca do Chacal nos olhos. *Mon Dieu!* Típico do monsenhor. Planejar o crime, garantir sua execução, depois remover tudo que pudesse trair seu método de operação, especialmente seu exército particular de homens velhos. Não era de admirar o que a enfermeira havia dito. Que podiam ficar naquele paraíso até a morte da mulher, uma data extremamente imprecisa. A generosidade do Chacal não era tão grande quanto parecia. A morte da mulher, bem como a sua, estavam com data marcada.

John St. Jacques atendeu o telefone no seu escritório.

— Sim?

— Eles se *encontraram*, senhor! — disse o assistente eufórico, falando da recepção.

— Quem se encontrou?

— O grande homem e seu parente ilustre de Boston, Massachusetts. Eu teria telefonado imediatamente, mas houve uma confusão com uma caixa de chocolates

belgas...

— Do *que* você está falando?

— Eu os vi pela janela há alguns minutos, senhor. Estavam conversando no caminho. Meu estimado tio, o diretor assistente, estava certo em tudo!

— Isso é ótimo.

— O escritório do governador da Coroa vai ficar satisfeito e eu certamente vou ser elogiado, bem como meu tio brilhante, é claro.

— Ótimo para todos nós — disse St. Jacques, cansado. — Agora não precisamos mais nos preocupar com eles, certo?

— De um modo geral, eu diria que não, senhor... Só que, enquanto estamos falando, o juiz caminha para o hotel com passos apressados. Acho que vai entrar.

— Acho que ele não morde, provavelmente quer agradecer. Faça o que ele pedir. Uma tempestade aproxima-se de Basse-Terre e vamos precisar do serviço de comunicação da guarda costeira se nossos telefones enguiçarem.

— Atenderei pessoalmente qualquer pedido dele, senhor!

— Bem, dentro de certos limites. Não escove os dentes dele.

Brendan Prefontaine entrou rapidamente no saguão envidraçado do hotel. Só depois que o velho francês entrou na primeira vila daquela ala, deu meia-volta e dirigiu-se apressadamente para o prédio central. Como havia feito tantas vezes nos últimos trinta anos, precisava pensar rapidamente enquanto andava — geralmente, enquanto corria — inventando explicações plausíveis para certas possibilidades óbvias e outras não tão óbvias. Acabava de cometer um erro inevitável, mas assim mesmo estúpido. Inevitável porque não estava preparado para dar um nome falso ao registro do hotel, se fosse necessária identificação, e estúpido porque dera um nome falso ao herói da França... Bem, não tão estúpido, a similaridade dos seus sobrenomes podia provocar complicações indesejáveis para o objetivo da sua viagem a Montserrat, que era simplesmente extorsão — descobrir o que havia assustado Randolph Gates a ponto de ele pagar uma quantia absurda, e depois de descobrir, talvez conseguir muito mais. Não, a burrice não estava na precaução que ia tomar agora. Aproximou-se do balcão de recepção e do homem magro atrás dele.

— Boa noite, *senhor* — quase gritou o recepcionista, fazendo com que o juiz olhasse em volta, agradecendo o fato de haver poucos hóspedes por perto. — Seja o que for, pode estar certo da perfeição do meu atendimento!

— Preferia que falasse mais baixo, meu jovem.

— Vou *murmurar* — disse o homem, com voz inaudível.

— O que foi que disse?

— No que posso ajudá-lo? — disse o recepcionista, agora *sotto voce*.

— Vamos apenas conversar com calma, certo?

— É claro. Sinto-me lisonjeado.

— É mesmo?

— É claro!

— Muito bem — disse Prefontaine. — Quero pedir um favor...

— Qualquer coisa!

— Shhh!

— Naturalmente.

— Como a maioria dos homens da minha idade, geralmente eu me esqueço das coisas, você compreende isso, não compreende?

— Duvido que um homem com sua sabedoria esqueça alguma coisa.

— O quê?... Deixe pra lá. Estou viajando incógnito, você *sabe* o que quero dizer.

— Certamente, senhor.

— Eu me registrei com meu nome, Prefontaine...

— Sem dúvida registrou-se, senhor — interrompeu o homem. — Eu *sei*.

— Foi um engano. Meu escritório e as pessoas que devem me procurar vão perguntar pelo “Sr. Patrick”, meu segundo nome. É um subterfúgio inocente para garantir meu descanso muito necessário.

— Eu *compreendo* — disse o homem confidencialmente, inclinando-se sobre o balcão.

— Compreende?

— É claro. Se souberem que uma pessoa eminente como o senhor está hospedada aqui, não vão deixá-lo descansar. Como *outra pessoa*, pode ter *privissy* completa! Pode ter certeza de que eu compreendo.

— *Privissy*? Oh, Deus todo-poderoso!...

— Eu pessoalmente vou corrigir o livro de registros, juiz.

— Juiz?... Eu não disse que era juiz.

O homem ficou completamente transtornado. — Um descuido devido ao entusiasmo de bem servi-lo, senhor.

— E servir outra coisa — *outra* pessoa.

— Dou minha palavra, ninguém aqui, além do dono do hotel, sabe do caráter confidencial da sua visita, senhor — murmurou o homem, inclinando-se outra vez sobre o balcão. — Tudo é *privissy* total!

— Santa Maria, aquele cretino no aeroporto...

— Meu astuto tio — continuou o recepcionista, sem ouvir as palavras de Prefontaine ditas em voz baixa — deixou bem claro que é um grande privilégio para nós receber homens ilustres que exigem discrição total. O senhor compreende, ele me telefonou para isso.

— Tudo bem, tudo bem, meu jovem, eu compreendo agora e agradeço tudo que estão fazendo. Não se esqueça de mudar o nome para Patrick no registro e se

alguém perguntar por mim, deve dar esse nome. Estamos entendidos?

— Com clarividência, meritíssimo juiz!

— Espero que não.

Quatro minutos mais tarde o recepcionista nervoso atendeu o telefone.

— Recepção — disse com voz cantada como se estivesse dando uma bênção.

— Aqui é *Monsieur* Fontaine na Vila Onze.

— Sim, senhor. A honra é minha... nossa... de todo mundo!

— *Merci*. Será que pode me ajudar? Conheci um americano encantador há uns 15 minutos, um homem mais ou menos da minha idade, com um boné branco. Pensei em convidá-lo para um aperitivo num destes dias, mas acho que não ouvi seu nome corretamente.

Estão me testando, pensou o recepcionista. *Os grandes homens* não só têm segredos, mas se preocupam com aqueles que os compartilham.

— Pela descrição, senhor, eu diria que se trata do encantador Sr. Patrick.

— Ah, sim, acho que foi esse o nome que ele deu. Um nome irlandês, mas ele é americano, não é?

— Um americano muito *erudito*, senhor, de Boston, Massachusetts. Está na Vila Quatorze. Basta ligar para sete-um-quatro.

— Sim, muito bem, obrigado. Se vir o Sr. Patrick, não diga nada. Como sabe, minha mulher não está muito bem e devo esperar que se sinta melhor para fazer o convite.

— Nunca direi *nada*, grande senhor, a não ser que receba ordens. No que diz respeito ao senhor e ao erudito Sr. Patrick, seguimos ao pé da letra as instruções confidenciais do governador da Coroa.

— É mesmo? Isso é muito louvável... *Adieu*.

Eu consegui!, pensou o recepcionista, desligando o telefone. Os grandes homens entendem as sutilezas e ele fora sutil de um modo que seu brilhante tio ia gostar. Não só dando imediatamente o nome Patrick, como também usando a palavra *erudito*, que indicava um homem culto — ou um *juiz*. E finalmente, dizendo que não diria nada sem instruções prévias do governador da Coroa. Sutilmente ele havia se insinuado na intimidade dos dois grandes homens. Era uma experiência de tirar o fôlego e ele precisava telefonar para o tio e compartilhar esse triunfo.

Sentado na cama com o telefone no colo, imóvel, Fontaine olhava para a mulher no terraço. Ela estava na cadeira de rodas, de perfil para ele, o copo de vinho na mesinha, a cabeça inclinada num acesso de dor... *Dor!* Todo este mundo horrível estava cheio de dor! E ele era responsável por uma parte dela. Compreendia isso. Não esperava misericórdia, mas sua mulher nada tinha a ver com isso. Não fazia parte do contrato. *Sua* vida, é claro, mas não a dela, não enquanto ela tivesse uma centelha de vida no corpo frágil, *Non, monseigneur. Je refus! Ce n'est pas le*

contrat!

Então o exército de homens velhos do Chacal estendia-se agora à América — era de se esperar. E um velho irlandês com um boné idiota, um homem *culto* que, por algum motivo, havia abraçado o terrorismo, seria seu executor. Um homem que o havia observado com cuidado, fingindo não compreender francês, que tinha a marca do Chacal nos olhos. *No que diz respeito ao senhor e ao culto Sr. Patrick, seguimos as instruções do governador da Coroa.* O governador da Coroa que recebia instruções do seu mestre da morte, em Paris.

Há dez anos, depois de cinco anos muito produtivos com monsenhor, haviam lhe dado um número de telefone em Argenteuil, oito quilômetros ao norte de Paris, que só devia ser usado em caso de extrema urgência. Ele o usara apenas uma vez antes, e ia usá-lo agora. Examinou os códigos internacionais, apanhou o telefone e discou. Depois de quase dois minutos, atenderam.

— Le Coeur du Soldat — disse uma voz masculina inexpressiva, com música marcial no fundo.

— Preciso falar com um melro — disse Fontaine, em francês. — Minha identidade é Paris Cinco.

— Se for possível atender seu pedido, onde o pássaro pode encontrá-lo?

— No Caribe. — Fontaine deu o código da área, o número do telefone e da extensão da Vila Onze. Desligou e esperou imóvel e cabisbaixo. Sabia, no íntimo, que aquelas podiam ser as últimas horas de vida dele e de sua mulher. Nesse caso, poderiam enfrentar seu Deus e dizer a verdade. Sim, tinha matado, mas jamais fizera mal a pessoas que não tivessem praticado um ou outro crime — com exceção de uns poucos inocentes apanhados entre dois fogos ou mortos numa explosão. Toda a vida é dor, não é o que dizem as escrituras?... Por outro lado, que espécie de Deus podia permitir tanta brutalidade? *Merde!* Não pense nessas coisas! Estão além da sua compreensão.

O telefone tocou e Fontaine o levou ao ouvido.

— Aqui é Paris Cinco — disse ele.

— Filho de Deus, o que pode ser tão urgente para você usar o número que só usou uma vez antes?

— Sua generosidade tem sido absoluta, monsenhor, mas acho que precisamos redefinir nosso contrato.

— De que modo?

— Minha vida é sua para fazer o que bem quiser, com misericórdia, se desejar, mas isso não inclui minha mulher.

— O quê?

— Há um homem aqui, um homem culto da cidade de Boston que me observa com olhar estranho, com olhos que me dizem que ele tem más intenções.

— O idiota arrogante foi a Montserrat *por conta própria*. Ele não sabe *nada*.

— Obviamente ele sabe, e eu peço, vou obedecer às suas ordens, mas deixe-nos voltar para Paris... Eu *imploro*. Deixe que ela morra em paz. Não peço nada mais.

— Você me *implora*? Eu lhe dei minha palavra!

— Então, por que esse homem culto da América está aqui me seguindo com seu rosto inexpressivo e olhos curiosos, monsenhor?

A tosse cavernosa e áspera encheu o silêncio e então o Chacal falou.

— O grande professor de direito transgrediu minha lei, intrometeu-se onde não devia se intrometer. Ele é um homem morto.

Edith Gates, mulher do famoso professor e advogado, abriu silenciosamente a porta da sala de trabalho da sua elegante casa na cidade, em Louisburg Square. Seu marido estava sentado, imóvel, na pesada poltrona de couro, na frente da lareira, olhando para o fogo crepitante, um fogo que ele insistia em manter, apesar da noite quente de Boston lá fora e do ar condicionado central dentro de casa,

Olhando para ele, a Sra. Gates mais uma vez pensou com tristeza que havia... *certas coisas*... a respeito do marido que ela jamais entenderia. Vazios em sua vida que jamais seriam preenchidos, vazios no pensamento dele que ela não podia compreender. Sabia apenas que em certos momentos ele sentia uma dor terrível que não compartilhava com ninguém. Há 33 anos, uma mulher relativamente atraente, com algum dinheiro, casara-se com um homem muito alto, desajeitado, brilhante mas pobre, que acabava de se formar em direito e cuja ansiedade e desejo de agradar haviam fechado para ele as portas das maiores e mais conceituadas firmas, na época fria e contida dos anos 50. O verniz da sofisticação e a procura da segurança tinham mais valor do que uma mente brilhante, mas desorganizada, especialmente quando pertencia a um homem despenteado, com roupas que eram imitações baratas de J. Press e Brooks Brothers, que pareciam piores porque sua conta no banco não lhe permitia pagar qualquer reforma necessária e seu tamanho era difícil de encontrar nas lojas.

Entretanto, a nova Sra. Gates tinha muitas idéias para melhorar a vida dos dois. Entre elas estava o marido abandonar imediatamente a carreira de advogado — era melhor não trabalhar em nenhuma firma do que pertencer a uma firma inferior, ou, o que era pior, ter um escritório particular com os clientes que ele na certa atrairia, ou seja, aqueles que não podiam pagar bons advogados. Era melhor usar seus dons naturais, sua altura e uma inteligência ágil, seu grande poder de compreensão que, combinados com um espírito ativo, facilitavam qualquer trabalho acadêmico. Usando suas modestas economias, Edith construiu a moldura externa do seu homem. Comprou as roupas certas e contratou um professor de dicção que ensinava a falar e a se apresentar em público. O desajeitado novo advogado logo adquiriu uma aura

lincolniana com lampejos de John Brown. Além disso, estava a caminho de se tornar um especialista em leis. Continuou a frequentar a universidade, colecionando diplomas e certificados, enquanto lecionava no curso de graduação, até adquirir um conhecimento profundo e incontestável de áreas específicas do direito. E então, começou a ser procurado pelas firmas que o haviam rejeitado antes.

A estratégia levou quase dez anos para apresentar resultados concretos, que, embora não fossem notáveis a princípio, em nível de dinheiro, representavam progresso. As revistas especializadas começaram a publicar seus artigos que provocavam certa controvérsia, tanto pelo estilo quanto pelo conteúdo, pois o jovem professor substituto sabia como usar a palavra escrita, sendo ao mesmo tempo interessante e esotérico, delicado e incisivo. Mas o que chamou a atenção da comunidade foram suas opiniões inovadoras. O espírito da nação estava mudando, a crosta da Sociedade Benevolente começava a se partir, seguindo a primeira rachadura provocada pelo código criado pelos “garotos” de Nixon, tais como Maioria Silenciosa e Mendigos Sustentados pelo Governo e o pejorativo *eles*. Uma maldade mesquinha erguia-se do solo e se espalhava, sem que o perceptivo e decente Ford pudesse detê-la, enfraquecido como estava pelos ferimentos de Watergate. Forte demais também para o brilhante Carter, muito preocupado com minúcias para exercer uma liderança compreensiva. A frase “... o que você pode fazer por seu país”, saiu de moda e foi substituída por “o que posso fazer por *mim*”.

O Dr. Randolph Gates descobriu uma onda implacável para navegar, uma voz melíflua, e um vocabulário cada vez mais acerbo que combinava com a nova era que surgia. Em sua opinião agora eruditamente refinada — legal, econômica e socialmente — *maior* era melhor, e mais sempre preferível a menos. Atacava as leis que apoiavam a competição no mercado, definindo-as como empecilhos para a agenda mais extensa do crescimento industrial, do qual fluíam todos os tipos de benefícios para todos — bem, praticamente para todos. Afinal, era um mundo darwiniano e, gostassem ou não, o mais apto sempre sobreviveria. Os tambores rufaram e os címbalos badalaram e os manipuladores financeiros encontraram um campeão, um *estudioso* do direito, que dava respeitabilidade aos seus sonhos honestos de fusão e consolidação. Comprar, levar para fora, e vender, tudo pelo bem da maioria, é claro.

Randolph Gates foi convocado e correu para os braços deles com alacridade, assombrando um tribunal depois do outro com sua ginástica elocutória. Ele havia conseguido, mas Edith Gates não estava bem certa do que isso significava. Havia sonhado com uma vida confortável, é claro, mas não com milhões, nem com jatos particulares voando pelo mundo todo, de Palm Springs ao sul da França. Nem sentia-se muito bem quando os artigos e palestras do marido eram usados para apoiar causas que ela considerava contraditórias ou claramente injustas. Randolph dava

pouca atenção aos argumentos da mulher, afirmando que os casos em questão eram legítimos paralelos intelectuais. Acima de tudo, há mais de seis anos que não compartilhavam a mesma cama, nem o mesmo quarto.

Edith entrou na sala e parou de repente ouvindo a exclamação abafada e o olhar de espanto e surpresa do marido.

— Desculpe, não quis assustá-lo.

— Você sempre bate na porta. Por que não bateu? Sabe como sou quando estou me concentrando.

— Já pedi desculpas. Eu estava pensando em alguma coisa e não pensei.

— Isso é uma contradição.

— Não pensei em bater na porta, quero dizer.

— O que estava *pensando*? — perguntou o famoso advogado, como se duvidasse de que ela fosse capaz de pensar.

— Por favor, não banque o esperto comigo.

— O que *há*, Edith?

— Onde você esteve a noite passada?

Gates ergueu as sobrancelhas com surpresa irônica.

— Meu Deus, suspeita de mim? Já disse onde estive. No Ritz. Em conferência com alguém que conheci há alguns anos, alguém que eu não quis trazer aqui para casa. Se, na sua idade, quer confirmação, telefone para o Ritz.

Edith Gates ficou em silêncio por alguns momentos, olhando para o marido.

— Meu caro — disse ela. — Não importa a mínima se você foi se encontrar com a prostituta mais voluptuosa da Zona de Combate. Provavelmente alguém teve de dar uma bebida forte a ela para restaurar sua confiança.

— Nada mau, sua cadela.

— Nesse departamento, você não é exatamente um garanhão, seu filho da mãe.

— Há algum objetivo neste colóquio?

— Acho que sim. Mais ou menos há uma hora, um pouco antes de você chegar do escritório, um homem bateu na porta. Denise estava limpando a prataria, por isso fui atender. Devo confessar que era uma figura impressionante, com roupas muito caras e seu carro era um Porsche negro...

— *E então?* — interrompeu Gates, inclinando-se para a frente na poltrona com os olhos arregalados, o corpo rígido.

— Mandou dizer a você que *le grand professeur* deve a ele 20 mil dólares e que “ele” não esteve onde disse que ia estar na noite passada, que eu suponho, devia ser o Ritz.

— Não estava. Aconteceu uma coisa inesperada... Oh, Cristo, ele não *compreende*. O que foi que você disse?

— Não gostei da linguagem nem da atitude dele. Disse que não tinha idéia de

onde você podia estar. Ele sabia que eu estava mentindo, mas não podia fazer nada.

— Ótimo. Mentir é uma coisa que ele conhece bem.

— Não posso imaginar que 20 mil sejam um grande problema para você...

— Não é o dinheiro, é a forma de pagamento.

— De quê?

— *Nada*.

— Acho que isso é o que você chama de contradição, Randy.

— Ora, cale a boca!

O telefone tocou. Gates levantou de um salto, mas ficou parado, olhando para o aparelho. Disse para a mulher, com voz rouca.

— Seja quem for, diga que não estou... Estou viajando, fora da cidade... não sabe quando vou voltar.

Edith foi até o telefone.

— É sua linha particular — disse ela, apanhando o fone no terceiro toque. — Residência Gates — disse ela, um truque que usava há anos. Os amigos sabiam que era ela, os outros não importavam mais. — Sim... Sim? Sinto muito, ele está viajando e não sabemos quando vai voltar. — Edith olhou para o fone e depois desligou. — Era a telefonista em Paris... É estranho. Alguém queria falar com você, mas quando eu disse que você não estava nem perguntou onde podia encontrá-lo. Ela simplesmente desligou — muito bruscamente.

— Oh, meu *Deus!* — exclamou Gates, visivelmente abalado. — Aconteceu alguma coisa... Alguma coisa saiu errada, alguém *mentiu*! — Com essas palavras enigmáticas, o advogado voltou-se de repente e começou a andar pela sala, procurando alguma coisa no bolso da calça. Chegou a uma parte da estante de livros que ia até o teto, transformada num pequeno armário com a porta de madeira trabalhada encaixada na armação de aço marrom. Em pânico, como se só então se lembrasse, voltou-se para a mulher e gritou:

— *Saia* daqui! Saia, saia, fora daqui!

Edith Gates caminhou lentamente para a porta e então voltou-se e disse, com voz calma:

— Tudo volta a Paris, não é, Randy? Há sete anos, em Paris. *Foi lá* que alguma coisa aconteceu, certo? Você voltou apavorado, um homem com um sofrimento que não pode compartilhar.

— *Saia daqui!* — gritou estridentemente o famoso professor de direito, transtornado.

Edith saiu e fechou a porta, mas ficou segurando a maçaneta. Momentos mais tarde, ela a abriu um pouco e observou o marido.

O choque foi muito além de tudo que ela podia imaginar. O homem com quem vivia há 33 anos, o gigante legal que não fumava nem bebia uma gota de álcool,

estava enfiando uma agulha hipodérmica no braço.

A NOITE ENVOLVIA Manassas, Virgínia, o campo com sua misteriosa vida noturna, quando Bourne atravessou silenciosamente o bosque próximo da propriedade do general Norman Swayne. Pássaros assustados fugiam dos seus esconderijos, corvos acordavam nas árvores, crocitavam e depois, verificando que se tratava de um companheiro conspirador à procura de alimento, calavam-se.

Bourne alcançou-a imaginando se na verdade *ela* estaria ali. Uma cerca — alta, com elos entrecruzados embebidos em plástico verde, mais os rolos de arame farpado inclinando-se para a frente. Entrada proibida. *Beijing*. O Santuário Jing Shan. *Havia coisas escondidas dentro daquela reserva oriental da vida selvagem, por isso era protegida por uma barreira oficial impenetrável. Mas por que um general de escritório, que vivia do soldo militar, precisava de uma paliçada como aquela em volta da sua “fazenda” em Manassas, Virgínia, uma obstrução que devia ter custado milhares de dólares? Não era para cercar o gado, mas para impedir a entrada de vida humana.*

Como no santuário da China, não devia haver alarmes elétricos entre os elos da cerca pois os animais e os pássaros os fariam soar incessantemente. Nem haveria os raios de luz invisível pela mesma razão. Eles deviam estar rente ao solo perto da casa e na altura da cintura, se houvesse algum. Bourne tirou os pequenos cortadores de arame do bolso da calça e começou a cortar os elos mais baixos.

Cortando os elos de metal, Jason mais uma vez compreendia a mensagem da sua respiração pesada e do suor que brotava na sua testa. Por mais que se esforçasse — não fanaticamente, mas com uma certa constância — para se manter em forma, tinha cinquenta anos e seu corpo sabia disso. Era algo que devia ser reconhecido mas não considerado como um problema. O importante eram Marie e as crianças, sua *família*. Por eles, seria capaz de fazer qualquer coisa que fosse necessária. David Webb não estava mais com ele, somente o predador Jason Bourne.

Estava passando! Os elos paralelos verticais estavam cortados, bem como os fios estendidos no solo. Jason segurou a cerca com as duas mãos e puxou-a para fora, cada centímetro de espaço aberto uma verdadeira luta. Arrastou-se para dentro daquele estranho terreno fortificado e ficou de pé com os ouvidos atentos, os olhos perscrutando a escuridão quase completa. Viu — filtrados através do emaranhado de galhos dos pinheiros altos que cercavam o terreno — um lampejo de luz vindo da casa principal. Vagarosamente caminhou para a entrada circular de veículos, na frente da casa. Chegou na borda do asfalto e deitou de bruços sob a proteção de um

pinheiro, retomando o fôlego e reorganizando os pensamentos, enquanto estudava o terreno à sua frente. De repente uma luz cintilou a distância, à sua direita, no fim de um caminho de cascalho que saía da entrada circular de veículos.

Uma porta se abriu no que parecia ser uma grande cabana ou uma casa pequena e ficou aberta. Dois homens e uma mulher saíram da casa conversando... não, não estavam conversando, estavam discutindo acaloradamente. Bourne levou o binóculo aos olhos. Focalizou o trio, cujas vozes tornavam-se cada vez mais altas. Não distinguia as palavras, mas a fúria era evidente. Jason observou as três pessoas, percebendo imediatamente que o homem de altura média e porte empertigado era o general Swayne do Pentágono e a mulher de seios volumosos, cabelo escuro com reflexos era sua esposa, mas o que chamou sua atenção — o que o fascinou — foi o homem enorme que ficou perto da porta aberta. Jason o *conhecia!* Não podia lembrar de onde ou quando, o que era natural, mas sua reação visceral à vista do homem *não* era natural. Era um sentimento de ódio profundo e ele não sabia por quê. Nenhuma lembrança o ajudava, apenas a sensação de nojo e repulsa. Onde estavam as imagens, os breves lampejos de tempo ou de circunstância que freqüentemente iluminavam a tela da sua mente? Nada. Jason sabia apenas que o homem focalizado pelo binóculo era seu inimigo.

Então, o homem enorme fez uma coisa extraordinária. Com um gesto protetor, passou o braço esquerdo musculoso pelos ombros da mulher de Swayne e com o dedo da mão direita em riste falou asperamente com o general. Swayne reagiu com um misto de decisão estóica e fingida indiferença. Deu meia-volta e com passo militar dirigiu-se para a porta dos fundos da casa, desaparecendo no escuro da noite. Bourne voltou o binóculo para os dois vultos iluminados. O homem grande e obeso tirou a mão do ombro da mulher de Swayne e disse alguma coisa. Com um gesto afirmativo, ela beijou de leve os lábios dele e correu atrás do marido. O homem entrou na pequena casa, bateu a porta com força e apagou a luz.

Jason prendeu o binóculo novamente na perna da calça e parou para pensar no que acabava de ver. Era como um filme silencioso sem legendas, com gestos genuínos e não exageradamente teatrais. Era evidente que dentro daquela fortaleza funcionava um *ménage à trois*, mas isso não explicava a medida de segurança. Havia outra razão, uma razão que ele precisava descobrir.

Seu instinto dizia que, fosse o que fosse, estava relacionado com o homenzarrão que acabava de entrar, furioso, na casa pequena. Jason tinha de chegar àquela casa, chegar ao homem que fora uma parte do seu passado esquecido. Levantou-se devagar e, protegendo-se atrás dos troncos dos pinheiros, alcançou o fim da entrada circular para veículos e continuou seguindo a estreita passagem de cascalho.

Parou, atirando-se rapidamente no chão ao ouvir um som que não pertencia ao murmúrio do bosque. Era o som de rodas amassando e deslocando o cascalho. Jason

rolou para o abrigo dos galhos baixos e espalhados de um pinheiro, girando o corpo para localizar a origem do ruído.

Logo, saindo das sombras, apareceu na estrada de cascalho um estranho veículo. Era um misto de moto com três rodas e um carro de golfe em miniatura, com pneus largos, um veículo capaz de rodar com grande velocidade e com equilíbrio perfeito. Era também, de certo modo, ameaçador, pois, além da antena comprida e flexível, um escudo de vidro à prova de balas protegia o motorista que ao mesmo tempo podia alertar quem estivesse dentro da casa, no caso de invasão ou assalto. A “fazenda” do general Norman Swayne era sem dúvida estranha... Então, de repente, tornou-se macabra.

Outro triciclo igual ao primeiro apareceu das sombras, atrás da casa de madeira — pois *era* uma casa feita de troncos de árvores — e parou ao lado do primeiro, no caminho de cascalho. Os dois motoristas giraram as cabeças para a pequena casa como robôs numa galeria pública e então soaram as palavras num alto-falante invisível.

— Tranquem os portões — disse a voz ampliada e autoritária. — Soltem os cães e continuem sua ronda.

Numa coreografia perfeita, os dois veículos fizeram meia-volta, cada um para um lado, os motores roncaram em uníssono e os carros estranhos mergulharam rapidamente na noite. Ao ouvir falar em cães, Jason instintivamente apanhou a pistola de CO2 do bolso da calça e rastejou com movimentos rápidos, entre os arbustos, até a distância de um ou dois metros da continuação da cerca. Se os cães estivessem todos juntos, seria obrigado a saltar para o outro lado da cerca de arame farpado. A pistola de dardos podia paralisar dois animais de uma vez, e isso era tudo, não teria tempo para recarregá-la. Esperou agachado, pronto para saltar a cerca, com uma visão relativamente clara entre os galhos entrelaçados.

De repente, um dobermann negro apareceu no caminho de cascalho, avançando sem nenhuma hesitação, sem parecer estar seguindo o faro, mas apenas dirigindo-se a um lugar determinado. Então apareceu outro, um pastor-alemão de pêlo longo. Ele diminuiu o passo, num gesto instintivo e, como se estivesse programado para isso, parou no meio do caminho de cascalho. De pé, imóvel, Bourne compreendeu. Eram cães treinados para o ataque, cada um com seu território determinado, marcado pela urina do animal, sempre agindo no seu próprio campo. Tratava-se de uma disciplina comportamental, adotada pelos camponeses orientais e pequenos proprietários de terras que sabiam muito bem quanto custava alimentar os animais que guardavam seus pequenos feudos de sobrevivência. Treinavam uns poucos, o menor número possível para proteger suas propriedades dos ladrões e, quando o alarme era ativado, todos convergiam para o mesmo ponto. Oriente. Vietnã... Medusa. Começava a lembrar! Traços vagos, obscuros — *imagens!* Um jovem forte de uniforme na

direção de um jipe. Desce do jipe e — através da névoa da lembrança de Jason — começa a gritar para o que restou de um grupo de assalto que voltava depois de interditar uma via de acesso de material bélico paralela à Trilha Ho Chi Minh. O *mesmo homem*, mais velho, mais gordo, ele havia visto com seu binóculo há poucos instantes. E anos atrás, esse mesmo homem havia prometido *suprimentos*. Munição, morteiros, granadas, *rádios*. Mas não voltou com *coisa alguma*. Apenas reclamações do Comando Saigon de que “você, seus ilegais de merda, nos deram informações erradas!” Mas não era verdade. Saigon agira tarde demais, *reagira* tarde demais e 26 homens foram mortos ou capturados, para nada!

Como se tudo tivesse acontecido há uma hora, há um minuto, Bourne lembrou. Tirou seu 45 do coldre e, sem nenhum aviso, golpeou a testa do sargento com o cano da arma.

— Mais uma palavra e é um homem morto, sargento! — O homem era sargento. — Traga nossas requisições amanhã, às 5:00h da manhã ou eu vou a Saigon e pessoalmente espalho seus pedaços pela parede do bordel que você frequenta. Estou falando claro ou prefere evitar minha viagem à cidade da publicidade? Francamente, considerando nossas perdas, eu preferia acabar com você aqui mesmo.

— Vai ter o que precisa.

— *Très bien!* — gritou o francês mais velho do grupo Medusa, o mesmo que anos mais tarde salvou sua vida num santuário de vida selvagem, em Beijing. — *Tu es formidable, mon fils!*

Ele estava absolutamente certo. E agora absolutamente morto. D’Anjou, um homem lendário.

As recordações de Jason foram interrompidas violentamente. O cão de ataque, de pêlo comprido, começou a dar voltas na estrada, rosnando cada vez mais alto, as narinas farejando a presença de um ser humano. Em poucos segundos, assim que identificou a direção exata, o animal entrou em ação. Correu para a folhagem com os dentes arreganhados, rosnando agora o aviso rouco do ataque mortal. Bourne encostou na cerca, tirando a pistola de CO2 do coldre de náilon com a mão direita, o braço esquerdo dobrado na frente do corpo, preparado para o contra-ataque que, se não fosse executado com perfeição, lhe custaria a vida. O animal saltou furioso, uma massa vibrante de raiva. Jason atirou, primeiro um dardo, depois o outro e ao mesmo tempo, com um golpe do braço esquerdo girou a cabeça do cão para o lado, atacando o meio do corpo dele violentamente com o joelho, para evitar as unhas afiadas. Em poucos instantes estava tudo acabado — instantes de fúria, de pânico, finalmente de desintegração — sem os ganidos que seriam ouvidos na casa do general. O corpo do animal narcotizado, com os olhos abertos, amoleceu nos braços de Bourne. Jason o colocou no chão e esperou, imóvel, até certificar-se de que nenhum aviso de alarme fora enviado aos outros animais.

Nada, a não ser o murmúrio constante da floresta no outro lado da cerca. Jason guardou a pistola de CO2 no coldre e voltou de rastro para o caminho de cascalho com o rosto coberto de suor. *Estava* afastado há muito tempo. Anos atrás, silenciar um cão teria sido apenas *un exercice ordinaire*, como diria o lendário D’Anjou — mas não era mais tão simples. O que sentia era medo. *Medo* puro e real. Onde estava o homem que existia antes? Porém, Marie e as crianças estavam em perigo e aquele homem tinha de ser convocado. *Chame-o agora!*

Bourne levou outra vez o binóculo aos olhos. Nuvens baixas e rápidas cobriam e descobriam a luz da lua, mas a claridade amarelada era suficiente. Observou a cerca viva que ladeava a estrada externa. Andando de um lado para o outro na trilha de terra, como uma pantera furiosa e impaciente, o dobermann negro parava uma vez ou outra para urinar e farejar os arbustos com o focinho comprido. Como fora programado para fazer, ele caminhava de um lado para o outro, entre os portões da entrada circular de veículos. Em cada ponto determinado parava, rosnava e girava o corpo várias vezes, como que esperando o detestado choque elétrico que receberia através da coleira se transgredisse as ordens. Era também o método de treinamento adotado no Vietnã. Os soldados disciplinavam os cães que guardavam os depósitos de munições por meio de aparelhos de controle remoto. Jason focalizou o binóculo na outra extremidade do imenso gramado na frente da casa. Lá estava o terceiro animal, um imenso weimaraner, de aparência dócil, mas letal no ataque. O cão hiperativo corria de um lado para o outro, excitado talvez com o movimento de esquilos ou coelhos nas moitas, mas não com a presença de um ser humano, pois não estava rosnando baixinho, o sinal do ataque mortal.

Jason procurou analisar o que estava vendo, pois disso dependia o sucesso da sua missão. Devia supor a presença de mais um ou dois cães, talvez um terceiro, patrulhando a propriedade de Swayne. Mas por que separados? Por que não uma matilha, o que seria muito mais assustador? O custo da manutenção, que limitava o número de cães de guarda dos orientais, não era o caso... Então, Jason compreendeu. Uma explicação básica e óbvia. Movimentou o binóculo focalizando ora o dobermann, ora o weimaraner, com a imagem do pastor de pêlo longo muito viva ainda em sua mente. Além de cães treinados para o ataque, aqueles animais eram alguma coisa mais. Eram campeões das suas raças, tratados, escovados e penteados com perfeição — animais assassinos, fazendo o papel de cães premiados durante o dia e de predadores violentos, à noite. É *claro*. A “fazenda” do general Norman Swayne não era uma propriedade ilegal, não registrada ou escondida, mas completamente aberta e sem dúvida visitada por amigos, vizinhos e colegas. Durante o dia, os convidados podiam admirar os campeões dóceis nos seus canis sem desconfiar do que eles eram realmente. Norman Swayne, chefe da intendência do Pentágono e ex-aluno de Medusa, era apenas um amante de cães, o que provava com

a pureza da raça dos seus animais. Talvez cobrasse uma taxa para ceder seus animais para reprodução mas nada no código de ética militar proibía isso.

Um disfarce. Se esse aspecto da “fazenda” do general era uma impostura, certamente toda a propriedade encobria alguma coisa, era toda tão falsa quanto a suposta “herança” com a qual fora comprada. Medusa.

Um dos triciclos estranhos apareceu na outra extremidade do gramado, saindo da sombra da casa e seguindo a pista de saída do caminho circular. Bourne, com o binóculo, viu o weimaraner correr alegremente ao lado do veículo, latindo, procurando chamar a atenção do motorista. O *motorista*. Os motoristas eram os controladores! O cheiro conhecido dos seus corpos acalmava os cães, transmitindo segurança. Essa observação completou a análise e a análise determinou sua tática. Precisava se movimentar com maior liberdade do que estava se movendo agora. Para isso precisava estar na companhia de um dos controladores. Precisava apossar-se de um dos carros. Voltou para o lugar em que havia cortado a cerca.

O veículo mecanizado à prova de bala parou na trilha estreita entre os dois portões quase escondidos pelos arbustos. Jason ajustou o binóculo. Aparentemente o dobermann negro era um favorito. O homem no veículo abriu o escudo da direita e o animal saltou para a frente, apoiando as patas enormes no assento do carro. O homem estendeu biscoitos ou pedaços de carne para a boca aberta do cão, depois afagou o pescoço do animal.

Bourne compreendeu que tinha poucos instantes para executar sua estratégia incerta. Tinha de deter o carro e obrigar o homem a sair dele, sem alarmá-lo, sem dar qualquer motivo para usar o rádio e pedir ajuda. O *cão*? Colocá-lo no meio do caminho? Não. O homem podia pensar que alguém havia atirado nele do outro lado da cerca e daria o alarme. O que podia *fazer*? Olhou para a escuridão, sentindo o pânico da incerteza, sua ansiedade crescendo a cada segundo. Então, mais uma vez descobriu o óbvio.

A vasta extensão de gramado, a cerca viva aparada com perfeição, a entrada circular para veículos — ordem era a palavra-chave dos domínios do general. Jason podia ouvir Swayne mandando os guardas “policiar a área”.

Olhou para o carro e para o dobermann. O homem empurrava o cão, como quem brinca, pronto para fechar o escudo protetor. Apenas alguns segundos agora. O quê. *Como*?

Viu o contorno de um galho de árvore no chão, um galho apodrecido caído do pinheiro. Jason apanhou o galho e o levou para o caminho asfaltado. Deixá-lo no meio do caminho ia indicar claramente uma armadilha, mas se colocasse *só uma parte* do galho na estrada — seria uma quebra da ordem que imperava na propriedade — sem dúvida o guarda pensaria em tirá-lo do caminho agora, antes que o general passasse por ali e visse aquela desordem. Os homens da fortaleza de

Swayne deviam ser soldados ou ex-soldados, ainda sob autoridade militar. Na certa evitavam repreensões, especialmente por coisas sem importância. A vantagem estava do lado de Jason. Segurou a ponta do galho e o arrastou para um lado da entrada de veículos. Ouviu a porta do carro sendo fechada e o barulho do motor em movimento. Bourne voltou para seu esconderijo entre as árvores.

O veículo entrou na estrada circular. Com a mesma rapidez com que havia acelerado, diminuiu a marcha quando o seu único farol iluminou a obstrução de parte do caminho. Aproximou-se cautelosamente, como se não estivesse certo do que se tratava. Depois, vendo o que era, chegou mais perto. Sem hesitar, abriu a porta lateral do veículo, erguendo-a para fora, e caminhou para o galho na beira do caminho.

— Big Rex, você é um cachorro muito malcomportado — disse o homem em voz alta, com forte sotaque sulino. — O que você arrastou para a estrada, seu filho da mãe? O cretino do chefão pode esfolar você vivo por fazer desordem na sua propriedade... Rex? *Rex*, venha cá, seu animal miserável! — Segurou a ponta do galho e o arrastou para perto de uma árvore, no escuro. — *Rex*, venha cá! Seu idiota, seu garanhão assanhado!

— Não se mova e ponha as mãos na frente do corpo — disse Jason Bourne, surgindo do escuro.

— Droga de merda! Quem é você?

— Alguém que não se importa se você vive ou morre — respondeu o intruso com voz calma.

— Está armado!

— Você também. Mas sua arma está no coldre. A minha está apontada para sua cabeça.

— O cachorro! Onde diabo está o cachorro?

— Está adoentado. — O *quê*?

— Parece um bom cachorro. Pode ser o que o treinador quiser que ele seja. Não culpe o animal, culpe o homem que o treinou.

— Do que está falando?

— Para resumir, acho que estou dizendo que prefiro matar o homem do que o animal, está claro para você?

— Nada está claro! Só sei que *este* homem não quer ser morto.

— Então vamos conversar, certo?

— Tenho muitas palavras, mas só uma vida, cara.

— Abaixе o braço direito e tire a arma do coldre — com a ponta dos dedos, *cara*.

O guarda obedeceu, segurando a arma com o polegar e o indicador.

— Jogue para mim, por favor.

O homem fez o que ele mandou e Bourne apanhou a arma.

— Que diabo está *acontecendo*? — exclamou o guarda em tom de súplica.

— Quero informação. Para isso me mandaram aqui.

— Digo tudo que sei se me deixar sair daqui! Não quero nada mais com este lugar! Sempre achei que isso ia acontecer, pode perguntar para Barbie Jo. Eu disse, algum dia vai aparecer alguém fazendo perguntas. Mas não deste jeito, não do *seu* jeito! Não com uma arma apontada para a minha cabeça.

— Suponho que Barbie Jo seja sua mulher.

— Mais ou menos.

— Então vamos começar com “por que” as pessoas iam aparecer fazendo perguntas. Meus superiores querem saber. Não se preocupe, não vai se meter em nenhuma encrenca, ninguém está interessado em você. Você é apenas um guarda de segurança.

— É *tudo* que eu sou, cara! — confirmou o homem, apavorado.

— Então por que disse aquilo para Barbie Jo? Que algum dia ia aparecer alguém fazendo perguntas?

— Diabo, não tenho certeza... É só que vejo tanta coisa louca, sabe como é?

— Não, não sei. Como é?

— Bem, como aquele milico que só vive gritando, o general. Ele é importante, certo? Usa carros do Pentágono com motorista e helicópteros sempre que precisa, certo? É dono deste lugar, certo?

— E daí?

— Daí que aquele grande cretino do sargento — uma porcaria de *sargento* — manda nele como numa criança que não sabe ainda ir ao banheiro, sabe o que quero dizer? E aquela mulher peituda dele — tem um caso com o monstro e não esconde de ninguém. É tudo loucura, entende o que quero dizer?

— Vejo uma confusão doméstica, mas acho que não é da conta de ninguém. Por que pessoas viriam fazer perguntas?

— Por que *você* está aqui, cara? Sabia que ia haver uma reunião esta noite, certo?

— Uma reunião?

— Aquelas limusines de luxo com choferes e os caras importantes, certo? Pois bem, escolheu a noite errada. Os cachorros estão soltos e sempre ficam presos quando há uma reunião.

Depois de um momento, Bourne disse, aproximando-se do guarda.

— Vamos continuar a conversa no carro — disse com autoridade. — Eu fico abaixado e você faz exatamente o que eu mandar.

— Prometeu que vai me deixar sair daqui!

— Pode sair e vai sair. Você e o outro cara que faz a ronda. Aqueles portões

têm alarme?

— Não quando os cachorros estão soltos. Se eles virem alguma coisa estranha na estrada, saltam sobre os portões e ligam o alarme.

— Onde fica o painel de alarme?

— São dois. Um na casa do sargento, o outro no hall de entrada da casa. Com os portões fechados podem ser ligados.

— Vamos então.

— Para onde?

— Quero ver todos os cães que estão por aí.

Vinte minutos mais tarde, com os cinco cães restantes anestesiados e presos nos canis, Bourne abriu o portão e fez sair os dois guardas. Deu trezentos dólares para cada um.

— Isto é pelo ordenado que não vão receber.

— Ei, e o meu carro? — perguntou o segundo guarda. — Não é grande coisa, mas me serve muito bem. Eu e Willie costumamos vir juntos para o trabalho no meu carro.

— Está com as chaves?

— Sim, no bolso. O carro está atrás dos canis.

— Apanhe amanhã.

— Por que não agora?

— Ia fazer muito barulho e meus superiores devem chegar a qualquer momento. É melhor que eles não os vejam. Acredite em mim.

— Que droga! O que foi que eu disse, Jim-Bob? Exatamente o que eu disse para Barbie Jo. Este lugar é de arrepiar, cara.

— Trezentos mangos não são de arrepiar, Willie. Vamos, a gente pede carona. Não é tarde e ainda tem gente na estrada... Ei, cara, quem vai tomar conta dos cachorros quando eles acordarem? Precisam fazer exercício e comer antes da chegada da turma da manhã e estraçalham qualquer estranho que chegue perto deles.

— Que tal o sargento do Swayne? Ele pode tratar deles, não pode?

— Não gostam muito dele — disse Willie —, mas obedecem às suas ordens. Gostam mais da mulher do general, os garanhões sem-vergonha.

— E do general? — perguntou Bourne.

— Ele se mija todo quando chega perto deles — disse Jim-Bob.

— Obrigado pela informação. Vão agora, andem um bom pedaço antes de começar a pedir carona. Meus superiores devem vir da outra direção.

— Quer saber de uma coisa? — disse Jim-Bob, entrecerrando os olhos e observando Jason à luz da lua. — Esta é a noite mais maluca que eu podia imaginar. Você entra aqui vestido como um maldito terrorista, mas fala e age como um oficial do exército. Fica falando nos seus superiores, põe os cachorros para dormir e nos

paga trezentos mangos para ir embora. Não estou entendendo nada.

— Não é para entender. Por outro lado, se eu fosse mesmo um terrorista vocês provavelmente estariam mortos, certo?

— Ele tem razão, Jim-Bob. Vamos *dar o fora* daqui! — Que diabo vamos *dizer*?

— Se alguém perguntar, digam a verdade. Descrevam o que aconteceu esta noite. Podem também acrescentar que meu nome de código é Cobra.

— Meu *Deus*! — gritou Willie.

Os dois homens correram para a estrada.

Bourne trancou o portão e voltou para o Carro certo de que qualquer coisa que acontecesse ainda naquela noite contribuiria para criar um estado de extrema ansiedade num ramo da Medusa. Perguntas históricas seriam feitas — para as quais não havia respostas. Nada. Enigma.

De pé ao lado da janela, com o rosto encostado no vidro, ele olhou para dentro. O sargento obeso assistia televisão sentado na poltrona, com os pés numa banquetela. Pelo som que se ouvia de fora, especialmente o ritmo acelerado da voz do apresentador, o ajudante do general estava vendo um jogo de beisebol. Jason examinou com cuidado tudo que podia ver da sala, o estilo rústico, com uma profusão de tons de marrom e vermelho, móveis escuros, cortinas xadrez, confortável e masculina, uma casa de campo agradável. Não viu nenhuma arma, nem o típico rifle antigo sobre a lareira, nenhuma automática 45 comum com o sargento ou perto da poltrona. O ajudante não estava preocupado com sua segurança imediata, o que era fácil de entender. A propriedade do general Norman Swayne era totalmente segura — cerca, portões, patrulhas e os cães treinados para ataque em todos os pontos de entrada. Bourne examinou o rosto gordo do sargento. Que segredos escondia aquela cabeça enorme? Ia descobrir. Delta Um da Medusa ia descobrir, nem que tivesse de abrir aquele crânio. Jason afastou-se da janela e foi até a porta da casa. Bateu duas vezes com a mão esquerda, segurando na direita a automática não registrada, fornecida por Alex Conklin, o príncipe coroado das operações secretas.

— Está *aberta*, Rachel! — gritou a voz áspera. Bourne girou a maçaneta e empurrou com força a porta que bateu na parede. Entrou na sala.

— Jesus *Cristo*! — rugiu o sargento, tirando as pernas pesadas da banquetela e erguendo o corpo maciço da poltrona. — *Você!... Você é um maldito fantasma! Você está morto!*

— Tente outra vez — disse Delta Um da Medusa. — O nome é Flannagan, certo? É o nome que me vem à mente.

— *Você está morto!* — repetiu o ajudante do general, aos berros, com os olhos arregalados de pânico. — *Você foi morto em Hong Kong!... há quatro, cinco anos!*

— Vejo que tem seus registros...

— Nós sabemos... *eu sei*.

— Então tem contatos nos lugares certos.

— Você é Bourne!

— Evidentemente ressuscitado, pode dizer assim.

— Eu não *acredito!*

— Acredite, Flannagan. Vamos falar sobre o “nós”. Sobre a Mulher Serpente, para ser mais exato.

— É *você!* O homem que Swayne chama de Cobra!

— Uma serpente.

— Eu não *entendo...*

— É confuso.

— Você é *um* dos nossos!

— Eu era. Também fui expulso. Podemos dizer que voltei como uma cobra.

O sargento olhou apavorado para a porta, depois para as janelas.

— Como entrou aqui? Onde estão os guardas? Os *cães?* *Jesus!* Onde *eles* estão?

— Os cães estão dormindo nos canis, por isso dei a noite de folga para os guardas.

— Você deu...? Os cães estão soltos?

— Não estão mais. Foram convencidos a repousar um pouco.

— Os guardas — os malditos *guardas!*

— Foram convencidos a ir embora. O que eles pensam que está acontecendo aqui esta noite é mais confuso ainda.

— O que você fez — o que está *fazendo?*

— Acabei de dizer. Vamos conversar, sargento Flannagan. Quero notícias recentes sobre antigos companheiros. O homem apavorado afastou-se da poltrona.

— Você é o maníaco que eles chamavam de Delta antes de começar a agir por conta própria! — exclamou ele, num murmúrio rouco. — Havia uma fotografia — você estava deitado numa laje, coberto por um lençol todo manchado de sangue dos ferimentos de bala. O rosto estava descoberto, os olhos abertos, os orifícios de bala sangrando ainda na sua testa e no pescoço... Eles me perguntaram quem era e eu disse, “É Delta. Delta Um dos ilegais”, e eles disseram, “Não, não é. É Jason Bourne, o matador, o assassino”, então eu disse, “Então os dois são a mesma pessoa porque esse homem é *Delta* — eu o conheci”. Eles me agradeceram e me mandaram voltar para os outros.

— “Eles” quem?

— Um pessoal de Langley. O que falou era manco, e anda com uma bengala.

— E “os outros” — para os quais o mandaram voltar?

— Uns 25 ou trinta do antigo grupo de Saigon.

— Comando Saigon?

— Isso mesmo.

— Homens que trabalhavam com *nosso* grupo, os “*ilegais*”?

— A maioria, sim, isso mesmo.

— Quando foi isso?

— Pelo amor de Deus, eu já *disse!* — rugiu o ajudante em pânico. — Há quatro ou cinco *anos!* Eu vi a fotografia — você estava *morto*.

— Apenas uma fotografia — disse Bourne em voz baixa, olhando fixamente para o sargento. — Você tem boa memória.

— Você encostou uma arma na minha cabeça. Trinta e três anos, duas guerras e 12 missões de combate e ninguém jamais fez isso comigo — ninguém a não ser você... E, pode crer, eu tenho boa memória.

— Acho que compreendo.

— Pois eu não entendo droga nenhuma! Você estava morto!

— Já disse isso. Mas não estou, o que acha? Ou talvez esteja. Talvez isto seja um pesadelo que o atormenta depois de vinte anos de mentiras.

— Que conversa idiota é essa? Que *diabo*...

— Não se mexa!

— *Não* estou me mexendo!

De repente ouviram um estampido ao longe. *Um tiro!* Jason girou o corpo... e o instinto o fez continuar girando! Uma volta *completa!* O enorme ajudante do general lançou-se sobre ele, e suas mãos imensas atingiram o ombro de Delta Um como aríetes. Jason acertou um pontapé na altura dos rins do brutamontes, a ponta do seu sapato penetrando na carne, e ao mesmo tempo acertou o pescoço do homem com o cano da automática. Flannagan caiu para a frente e esparramou-se no chão. Jason deu um pontapé na cabeça do homem caído, silenciando-o.

O silêncio foi quebrado pelos gritos histéricos e contínuos da mulher que corria para a casa do sargento. A mulher do general Norman Swayne entrou na sala e parou atordoada, agarrando o espaldar da poltrona, sem poder controlar o pânico.

— Ele está *morto!* — exclamou ela com voz estridente, caindo para a frente e derrubando a cadeira, com os braços estendidos para o amante. — Ele *se matou*, Eddie. Oh, meu Deus, ele *se matou!*

Jason Bourne, que estava agachado, levantou-se e caminhou para a porta daquela casa estranha que guardava tantos segredos. Calmamente, olhando para seus dois prisioneiros, ele a fechou. A mulher chorava e tremia, mas não de dor, de medo. O sargento piscou os olhos e ergueu a cabeça enorme. Se havia alguma expressão no seu rosto era um misto de fúria e confusão.

— NÃO TOQUEM em nada — ordenou Bourne a Flannagan e Rachel Swayne, quando entraram na sala do general, com as paredes cobertas de fotografias. Vendo o corpo do velho soldado caído para trás, na cadeira, arma ainda na mão estendida, e o horror da parte de trás da cabeça arrancada pela bala, a mulher caiu de joelhos, com convulsões, como se fosse vomitar. O sargento a segurou por um braço, com os olhos esgazeados fixos nos restos do general Norman Swayne.

— Cretino maluco — murmurou Flannagan com voz tensa e quase inaudível. Depois, imóvel, com os músculos do rosto pulsando, rugiu. — Seu louco filho de uma *cadela*! Para que fez isso, *por quê*? O que fazemos *agora*?

— Você chama a polícia, sargento — respondeu Jason.

— O quê? — berrou o homem, voltando-se para Bourne.

— *Não!* — gritou a Sra. Swayne, levantando-se. — Não podemos fazer isso!

— Acho que não têm escolha. Vocês não o mataram. Podem tê-lo levado ao suicídio, mas não o mataram.

— De que diabo está falando? — perguntou Flannagan zangado.

— É melhor uma suja tragédia doméstica do que uma investigação mais ampla, não acha? Não é segredo que vocês têm um caso que — bem, que não é segredo para ninguém.

— Ele não ligava a mínima para o “nosso caso” e isso também não era segredo para ninguém.

— Ele nos encorajava sempre que podia — disse Rachel Swayne, com um gesto hesitante ajeitando a saia do vestido e aos poucos recuperando a calma. Disse para Bourne com os olhos fixos no amante. — Ele estava sempre nos incentivando, deixando-nos a sós às vezes durante dias... *Temos* de ficar aqui? Meu *Deus*, estive casada com esse homem durante 26 anos. Na certa deve compreender... isto é *horrível* para mim!

— Precisamos acertar umas coisas — disse Bourne.

— Não *aqui*, por favor. Na sala de estar. É no outro lado do corredor. Podemos falar na sala.

A Sra. Swayne, de repente controlada, saiu da sala de trabalho. O ajudante do general olhou para o corpo ensangüentado, fez uma careta e saiu também.

Jason os observava.

— Fiquem no corredor, onde eu possa vê-los e não se movam! — gritou ele, aproximando-se da mesa, examinando um objeto depois do outro, anotando

mentalmente as últimas coisas que Swayne havia visto antes de levar a automática à boca. Alguma coisa estava errada. À direita da folha verde de mata-borrão havia um bloco de notas do Pentágono, com o nome e a patente de Swayne impressos sob as armas do Exército dos Estados Unidos. À esquerda da borda de couro do mata-borrão estava uma caneta de ouro, que parecia usada recentemente, mas sem recolher a ponta de prata. Bourne inclinou-se sobre a mesa, sentindo o cheiro acre da pólvora e da carne queimada, e examinou o bloco de notas. Não havia nada escrito, mas Jason retirou as três primeiras folhas e as guardou no bolso da calça. Recuou, achando ainda que havia algo estranho... O que era? Olhou em volta e nesse momento o sargento Flannagan apareceu na porta.

— O que está fazendo? — perguntou ele, desconfiado. — Estamos à sua espera.

— Sua amiga pode achar difícil ficar aqui, mas eu não acho. Não posso achar, tenho de examinar muita coisa.

— Pensei que disse para não tocarmos em nada.

— Olhar não é tocar, sargento. A não ser que tire alguma coisa, e nesse caso ninguém vai saber, porque ela não estará aqui. — Bourne aproximou-se de uma mesa de centro com tampo de cobre, do tipo que se compra nos bazares da Índia e do Oriente Médio. A mesa estava entre duas poltronas na frente da pequena lareira e sobre ela havia um cinzeiro de cristal cheio de pontas de cigarro. Jason apanhou o cinzeiro e voltou-se para Flannagan. — Por exemplo, sargento, este cinzeiro. Eu toquei nele, minhas impressões digitais estão no vidro, mas ninguém vai saber porque vou levá-lo comigo.

— Para quê?

— Porque senti o cheiro de alguma coisa... quero dizer, realmente senti o cheiro, nada a ver com instintos.

— De que diabo está falando?

— Fumaça de cigarro, é disso que estou falando. Fica no ar muito mais tempo do que se pensa. Pergunte a alguém que tentou deixar de fumar várias vezes.

— E daí?

— Daí que vamos ter uma conversa com a mulher do general. Vamos todos conversar. Venha, Flannagan, vamos brincar de mostrar e dizer.

— Sente-se muito corajoso com essa arma no bolso, certo?

— *Andando*, sargento!

Rachel Swayne empertigou-se na cadeira e com um movimento da cabeça lançou para trás o cabelo escuro com reflexos.

— Isto é uma ofensa — disse ela, fixando os olhos acusadores em Bourne.

— Sem dúvida — concordou Jason, balançando a cabeça afirmativamente. — Acontece que é também verdade. Há cinco pontas de cigarro no cinzeiro, todas com

batom. — Sentado de frente para ela, pôs o cinzeiro na mesa ao lado da cadeira. — Você estava lá quando ele se matou, quando ele levou a arma à boca e puxou o gatilho. Talvez tenha pensado que ele não iria até o fim, que era mais uma das suas ameaças históricas — seja como for, não fez nada para impedi-lo. Por que faria? Para você e *Eddie* era a solução lógica e sensata.

— *Absurdo!*

— Quer saber, Sra. Swayne, para ser franco, essa não é a palavra certa. Não convence, como não convence quando diz “é uma ofensa”... Nenhuma dessas frases combina com você, Rachel. Está imitando outras pessoas — provavelmente pessoas ricas, freguesas fúteis do cabeleireiro onde trabalhava há muitos anos, em Honolulu.

— Como se *atreve*...?

— Ora, vamos, isso é ridículo, Rachel. Nem tente essa de “como se atreve”, não funciona. Com sua fala arrastada e nasal vai mandar cortar minha cabeça por um decreto real?

— Deixe-a em *paz!* — gritou Flannagan, de pé ao lado da Sra. Swayne. — Você tem a arma, mas não precisa fazer isso!... Ela é uma boa mulher, uma mulher *danada* de boa e era tratada como lixo por todos os artistas de merda desta cidade.

— Como é possível? Ela era a mulher do *general*, a dona da mansão, não era? Não é?

— Ela foi *usada*...

— Sempre me ridicularizaram, sempre riram de mim, Sr. Delta — exclamou Rachel Swayne, segurando com força o braço da poltrona. — Quando não estavam procurando me conquistar. O que *acha* de ser um pedaço especial de carne oferecida como sobremesa *muito* especial no fim do jantar?

— Acho que não gostaria nem um pouco. Acho que me recusaria.

— Pois eu *não podia* recusar! Ele me obrigava.

— Ninguém pode obrigar alguém a fazer uma coisa, dessas.

— É claro que pode, Sr. Delta — disse a mulher do general, inclinando-se para a frente, com a fazenda da blusa esticada pelos seios fartos, o cabelo escondendo em parte o rosto não mais jovem, mas ainda sensual e suave. — Imagine uma jovem que não terminou o curso primário, no oeste da Virgínia, quando as companhias fecharam as minas de carvão e ninguém não tinha comida — perdão, ninguém *tinha* comida. A gente pega o que pode e foge e foi o que eu fiz. Dormi com dezenas de homens, de Aliquippa até o Havaí, mas cheguei lá e aprendi uma profissão. Foi onde conheci o Grande Homem e me casei com ele, mas nunca tive nenhuma ilusão, *nunca*. Especialmente depois que ele voltou do Vietnã, compreende?

— Não estou muito certo, Rachel.

— Você não precisa explicar *nada*, garota! — rugiu Flannagan.

— Não, mas eu quero, Eddie! Estou cheia de toda essa merda, *certo?*

— Veja como fala!

— O caso é que não sei de *nada*, Sr. Delta. Mas posso perceber as coisas, se é que me compreende.

— *Pare* com isso, Rachel! — exclamou o ajudante do general.

— Ora, Eddie, foda-se! Você também não é muito inteligente. Este Sr. Delta pode achar uma saída para nós... Voltar para as ilhas, *certo*?

— Absolutamente certo, Sra. Swayne.

— Você sabe o que é este lugar...?

— Cale a boca! — berrou Flannagan, interrompendo o movimento desajeitado para a frente quando uma bala raspou o assoalho entre seus pés.

A mulher gritou. Quando se calou, Bourne disse:

— O que é este lugar, Sra. Swayne?

— *Pare* com isso — interrompeu outra vez o sargento, mas sem gritar. Era uma súplica, a súplica de um homem forte. Olhou para a mulher e depois para Jason. — Escute, Bourne ou Delta, ou seja lá quem for, Rachel está certa. Você pode ser a nossa salvação — não há nada mais para nós aqui — portanto, o que tem para oferecer?

— Em troca do quê?

— Digamos que podemos lhe contar tudo que sabemos sobre este lugar... e *eu* digo onde pode saber muito mais. Como pode nos ajudar? Como podemos sair daqui e voltar para as ilhas do Pacífico sem que nossos nomes e nossos retratos apareçam em todos os jornais?

— Está pedindo muito, sargento.

— Que diabo, ela não *o* matou — *nós* não o matamos, você mesmo disse!

— Certo; e pouco me importa se o mataram ou não, se foram responsáveis ou não. Tenho outras prioridades.

— Assim como “rever velhos companheiros” ou seja lá o que for?

— Isso mesmo. Tenho de cobrar umas dívidas.

— Eu não compreendo...

— Não precisa compreender.

— Você estava morto! — disse Flannagan, confuso, falando rapidamente. — Delta Um dos ilegais era *Bourne* e Bourne estava *morto*. Langley nos provou isso! Mas você *não está* morto!

— Fui *apanhado*, sargento! É tudo que precisa saber — isso e o fato de que estou trabalhando sozinho. Tenho de cobrar algumas dívidas, mas estou completamente sozinho. Preciso de informação e rapidamente!

Flannagan balançou a cabeça, atônito.

— Bem... talvez eu possa ajudar nisso — disse em voz baixa e hesitante — melhor do que ninguém. Fui designado para uma missão especial, tive de tomar

conhecimento de muita coisa, coisas que normalmente jamais revelariam a alguém como eu.

— Isso parece as primeiras notas da canção de um condenado, sargento. Qual é sua missão especial?

— De ama-seca. Há dois anos, Norman começou a se desintegrar. Eu o controlei e me deram um número de telefone em Nova York para o caso de ter algum problema.

— Sendo que esse número faz parte da informação que pode me dar.

— Isso e algumas placas de carros que anotei, para o caso de precisar.

— Para o caso de alguém resolver que seus serviços de ama-seca não eram mais necessários — completou Bourne.

— Mais ou menos isso. Esses emproados jamais gostaram de nós — Norman não percebia, mas eu sim.

— Nós? Você e Rachel Swayne?

— O *uniforme*. Eles nos olham do alto da sua condição de civis como se fôssemos um lixo necessário, e não há dúvida de que somos necessários. Eles precisavam de Norman. Todos o desprezavam, mas precisavam dele.

Os soldadinhos não poderiam dirigir a coisa. Albert Armbruster, presidente da Comissão Federal de Comércio. Medusa — os herdeiros civis.

— Quando diz que anotou os números das placas, significa que não tomava parte nas reuniões que se realizavam — se realizam — aqui regularmente. Quero dizer, você não era um dos convidados.

— Está *louco*? — exclamou Rachel Swayne com voz estridente, respondendo à pergunta de Jason. — Sempre que havia uma reunião de verdade, e não uma droga de jantar de bêbados, Norman me mandava ficar lá em cima, ou, se quisesse, ir assistir televisão na casa de Eddie. Eddie não podia sair de casa. Não éramos bastante *bons* para seus amigos emproados e cretinos! Sempre foi assim, há muitos anos... Como eu disse, ele nos atirava um para o outro.

— Começo a compreender — pelo menos acho que compreendo. Mas você tem os números das placas, sargento. Como conseguiu? Se ficava confinado em sua casa?

— Não consegui, meus guardas anotaram para mim. Eu dizia que era um procedimento confidencial de segurança. Nenhum deles se opôs.

— Compreendo. Você disse que Swayne começou a se desintegrar há alguns anos. Como? De que modo?

— Como esta noite. Sempre que acontecia alguma coisa fora do comum, ele ficava imobilizado. Não queria tomar decisões. Qualquer referência, por mais distante que fosse, à Mulher Serpente e ele enfiava a cabeça na areia até passar o perigo.

— E *esta* noite? Eu vi vocês dois discutindo... pareceu-me que o sargento estava dando ordens ao general.

— Está certo. Eu estava. Norman entrou em pânico — por sua causa, por causa do homem que ele chamava de Cobra, que estava revivendo o que tinha acontecido em Saigon, há vinte anos. Ele queria que eu estivesse com ele quando você chegasse, e eu me neguei. Disse que eu não era louco e só faria isso se fosse.

— Por quê? Por que um ajudante precisa estar louco para ficar ao lado do seu general?

— Pela mesma razão que os sargentos não são convidados para as salas de situação, onde as altas patentes elaboram suas estratégias. Estamos em níveis diferentes, é isso.

— O que significa que há limites ao que você sabe.

— Isso mesmo.

— Mas você fez parte de Saigon há vinte anos, parte da Mulher Serpente — que diabo, sargento, você era *Medusa*, você é *Medusa*.

— Isso não vale nada, Delta. Eu limpo o chão e eles tomam conta de mim. Sou apenas um faxineiro de uniforme. Quando chegar a hora de tirar este uniforme, vou silenciosamente para a aposentadoria com a boca fechada, ou saio daqui num saco de plástico. Tudo é muito claro. Sou descartável.

Bourne observava o sargento atentamente, notando os olhares rápidos que ele lançava para a mulher de Swayne, como se esperasse ser aplaudido ou receber a ordem silenciosa de calar a boca. O ajudante do general estava dizendo a verdade ou era um ótimo ator.

— Então parece-me — disse Jason, finalmente — que esta é a hora de você se aposentar. Posso fazer isso, sargento. Você pode desaparecer rapidamente com a boca fechada e com tudo que ganhou por seu trabalho de faxineiro. Um devotado ajudante de general, com mais de trinta anos de serviço, resolve se aposentar quando seu superior e amigo tragicamente comete suicídio. Ninguém vai lhe fazer perguntas... Essa é a minha oferta.

Flannagan olhou outra vez para Rachel Swayne. Ela balançou a cabeça afirmativamente e voltou-se para Bourne.

— Que garantia temos de que podemos fazer nossas malas e ir embora? — perguntou.

— Não precisam tratar da baixa do sargento e a fixação da sua pensão?

— Fiz Norman assinar os papéis há 18 meses — disse o sargento. — Fui designado para o posto permanente no escritório dele no Pentágono e cedido para trabalhar em sua residência. Só falta datar, assinar e indicar um endereço de caixa postal que Rachel e eu já decidimos onde será.

— Isso é tudo?

— Talvez mais três ou quatro telefonemas. Para o advogado de Norman que vai tratar de tudo aqui, telefonar para o canil para que venham apanhar os cães, para a seção de veículos do Pentágono — e um último para Nova York. Depois disso, o Aeroporto Dulles.

— Deve estar pensando nisso há muito tempo, há muitos anos...

— Não temos pensado em outra coisa, Sr. Delta — confirmou a mulher do general. — Como ele disse, estamos quites.

— Porém, antes de assinar os papéis e dar os telefonemas — acrescentou Flannagan — tenho de saber que estaremos livres para sair agora.

— Quer dizer sem polícia, nem jornais, nenhum envolvimento com o que aconteceu esta noite — simplesmente vocês não estavam aqui.

— Você disse que eu estava pedindo muito. Qual a força das cobranças que vai fazer?

— Vocês simplesmente não estavam aqui — repetiu Bourne em voz lenta e baixa, olhando para o cinzeiro de cristal com as pontas de cigarro manchadas de batom. Voltou-se para o ajudante do general. — Vocês não tocaram em nada. Nada os liga fisicamente a este suicídio... Estão realmente preparados para partir — digamos, dentro de duas horas?

— Trinta minutos, Sr. Delta — respondeu Rachel.

— Meu Deus, vocês *viviam* aqui, os dois...

— Não queremos nada desta vida além do que temos — disse Flannagan com voz firme.

— Esta propriedade é sua, Sra. Swayne.

— Nada disso. Vai passar para uma fundação. Pergunte ao advogado. O que eu receber, *se* receber alguma coisa, ele manda para mim. Só quero sair — sair daqui.

Jason olhou para aquele casal tão estranhamente combinado.

— Então, nada os impede de sair.

— Como vamos *saber* disso? — insistiu Flannagan, dando um passo para a frente.

— Vão ter de confiar em mim, mas, acreditem, posso fazer isso. Por outro lado, vejam a alternativa. Digamos que fiquem aqui. Não podem fazer com que *ele* compareça em Arlington amanhã nem nunca. Mais cedo ou mais tarde alguém virá procurá-lo. Vai haver perguntas, investigações e podem estar certos, a mídia vai cair em cima de vocês com suas suposições perigosas. Seu “caso” vai ser descoberto — que diabo, até os guardas comentavam — e os jornais, as revistas e a televisão vão se fartar... Vocês querem isso? Ou tudo vai acabar dentro do saco de plástico que você mencionou?

O sargento e sua amada entreolharam-se.

— Ele tem razão, Eddie. Com ele temos uma chance, sem ele, não temos

nenhuma.

— Parece tão fácil — disse Flannagan ofegante, olhando para a porta. — Como vai arranjar tudo?

— Isso é assunto meu — respondeu Bourne. — Dê-me todos os telefones, assim só terá de telefonar para Nova York e no seu lugar eu telefonaria da tal da ilha do Pacífico para onde pretendem ir.

— Você está *louco*! Assim que souberem de tudo, eu estou no tapete de Medusa — Rachel também! Vão querer saber o que aconteceu.

— Conte a verdade, pelo menos uma variação da verdade, e é capaz de ganhar um prêmio.

— Você é doido!

— Não estava doido no Vietnã, sargento. Nem em Hong Kong e também não estou agora... Você e Rachel chegaram em casa; viram o que tinha acontecido, fizeram as malas e partiram — porque não queriam ser interrogados e porque os mortos não podem falar. Assine seus papéis com a data de ontem, ponha no correio e deixe o resto comigo.

— Eu não...

— Não tem *escolha*, sargento — disse Jason irritado, levantando-se. — E não quero perder mais tempo! Se quer que eu vá embora, eu *vou* — vocês que se arranjem. — Bourne caminhou para a porta.

— Não, Eddie, *não o deixe* ir! Temos de fazer as coisas do modo dele, temos de arriscar! Do contrário estamos mortos, você sabe disso.

— Está *bem*! Está bem... Fique calmo, Delta. Vamos fazer o que você quer.

Jason parou e voltou-se para ele.

— *Tudo* que eu mandar, sargento, ao pé da letra.

— Está certo.

— Primeiro, eu e você vamos até sua casa, enquanto Rachel vai fazer as malas. Você me dá toda a informação que possui — números de telefones e placas, todos os nomes que puder lembrar, tudo que eu pedir. Está certo?

— Está.

— Vamos então. Sra. Swayne, sei que vai querer levar muita coisa, mas...

— *Esqueça*, Sr. Delta. Não tenho nada que queira lembrar. Tudo que eu realmente queria já foi tirado deste buraco e está guardado a milhares de quilômetros daqui.

— Vocês estavam mesmo preparados!

— É claro que estávamos. Você compreende, a hora tinha de chegar, de um modo ou de outro, sabe o que quero dizer? — Rachel passou rapidamente pelos dois homens e saiu para o corredor. Parou e voltou para o sargento Flannagan com um sorriso, os olhos brilhantes, e encostou a mão no rosto dele. — Ei, Eddie — disse

ela em voz baixa. — Vai mesmo acontecer. Vamos *viver*, Eddie. Sabe o que quero dizer?

— Sei, meu bem, eu sei.

Quando caminhavam no escuro para a casa de Flannagan, Bourne disse:

— Falei sério quando disse que não posso perder tempo, sargento. Comece a falar. O que vai me dizer sobre esta fortaleza de Swayne?

— Está pronto?

— O que quer dizer? É claro que estou pronto. — Mas não estava. Parou de repente no gramado, quando Flannagan começou a falar.

— Para começar, é um cemitério.

Alex Conklin recostou-se na cadeira atrás da sua mesa, com o telefone na mão, atônito, com a testa franzida, sem achar uma resposta racional para a espantosa informação de Jason. Tudo que pôde dizer foi:

— Eu não *acredito*!

— Em que parte você não acredita?

— Não sei. Em tudo, eu acho... o cemitério. Mas tenho de acreditar, certo?

— Você não queria acreditar em Londres ou Bruxelas também, nem no comandante da Sexta Frota ou no guardião dos códigos secretos em Langley. Estou só acrescentando à lista... A questão é, quando você descobrir quem são eles. podemos *agir*.

— Você tem de voltar ao começo, minha cabeça está uma confusão. O número do telefone em Nova York, as placas...

— O *corpo*, Alex! Flannagan e a *mulher* do general! Eles estão a caminho, esse foi o trato e você tem de providenciar sua segurança.

— Assim, sem mais nem menos? Swayne comete suicídio e dizemos tchau para as únicas duas pessoas capazes de responder algumas perguntas. É mais lunático do que tudo que me contou!

— Não temos tempo para negociações — além disso, ele não pode mais responder a nenhuma pergunta. Agiam em níveis diferentes.

— Puxa, cara, isso é realmente muito esclarecedor.

— Faça o que eu disse. Deixe que vão embora. Podemos precisar dos dois mais tarde.

Conklin suspirou, com evidente indecisão.

— Tem certeza? É muito complicado.

— *Faça isso!* Alex, não dou a mínima para complicações ou violações, nem para todas as manipulações que você pode imaginar! Eu quero *Carlos*! Estamos estendendo uma rede e podemos pescá-lo — eu posso pescá-lo!

— Tudo bem, tudo bem. Há um médico em Falls Church que já trabalhou para nós em operações especiais. Vou procurá-lo. Ele sabe o que deve fazer.

— Ótimo — disse Bourne com a mente funcionando a mil. — Agora ligue o gravador. Vou dizer tudo que Flannagan me contou. Depressa, tenho muito que fazer.

— Está ligado, Delta Um.

Lendo a lista que havia feito na casa de Flannagan, Jason falou rapidamente, enunciando com cuidado para que não houvesse nenhuma confusão na gravação. Havia sete nomes de convidados freqüentes aos jantares do general, sem nenhuma garantia quanto à veracidade ou à grafia, mas com amplas e detalhadas descrições. Vinham depois os números das placas dos carros, todos anotados durante as reuniões quinzenais mais sérias na casa de Swayne. Em seguida, os números dos telefones do advogado de Swayne, de todos os guardas da propriedade, dos abrigos dos cães e da extensão do Pentágono encarregada de ceder os veículos. Finalmente, o número não catalogado do telefone em Nova York, sem nome, apenas uma secretária eletrônica,

— Isso tem de ser prioridade número um, Alex.

— Vamos descobrir — disse Conklin, entrando na gravação. — Vou telefonar para os canis e falar pentagonês — o general vai partir para um posto secreto e pagaremos o dobro para tirar os animais da propriedade amanhã bem cedo. A propósito, abra os portões... As placas não são problema e vou pedir a Casset para examinar os nomes no computador, sem que DeSole saiba.

— E Swayne? Temos de manter segredo sobre o suicídio por algum tempo.

— Quanto tempo?

— Como diabo vou saber? — disse Jason irritado. — Até descobrirmos quem são eles e eu puder alcançá-los — ou você os alcance — e juntos poderemos fazer rolar a onda de pânico. Nesse ponto imaginamos a solução para Carlos.

— Palavras — disse Conklin sem entusiasmo. — Você pode estar falando de dias, uma semana talvez, talvez mais.

— Então é sobre isso que estou *falando*.

— Então é melhor falarmos com Peter Holland...

— Não, ainda não. Não sabemos o que ele pode fazer e não vou lhe dar a chance de ficar no meu caminho.

— Tem de confiar em alguém além de mim, Jason. Posso enganar o doutor durante 24 ou 48 horas — *talvez* — mas não mais do que isso. Ele vai exigir autorização do alto. Não esqueça, vou ter Casset reclamando por causa de DeSole.

— Dê-me dois dias, *consiga* dois dias!

— Enquanto procuro esclarecer toda esta informação e seguro Charlie, e invento uma porção de mentiras para Peter, dizendo que estamos fazendo progresso, localizando os possíveis mensageiros do Chacal no Mayflower Hotel — nós *achamos*... É claro que não estamos fazendo nada disso porque estamos arriscando nossas credenciais tratando de uma conspiração completamente maluca engendrada

há vinte anos em Saigon, que envolve só Deus sabe *o quê*, embora o *quem* seja impressionante. Sem tocar em “statusses” — ou será *statae* — ficamos sabendo agora que eles têm um cemitério particular no terreno da casa do general chefe da intendência do Pentágono, que acaba de dar um tiro nos miolos, um incidente de menor importância que estamos escondendo... *Jesus*, Delta, vá devagar! Os mísseis estão colidindo!

Embora estivesse ao lado do corpo do general Swayne. Jason sorriu.

— É com isso que eles estão contando, não é? Um cenário que podia ter sido criado pelo próprio nosso amado Santo Alex.

— Só estou nisso pelo passeio, não estou dirigindo o carro...

— E o que me diz do médico? — interrompeu Bourne. — Você está fora das operações há quase cinco anos. Como sabe que ele está ainda na ativa?

— Eu o vejo uma vez ou outra. Somos fanáticos por museus. Há uns dois meses, na Galeria Corcoran, ele queixou-se de não ter muito que fazer ultimamente.

— Corrija isso esta noite.

— Vou tentar. O que você vai fazer?

— Vou examinar delicada e exaustivamente esta sala.

— Luvas?

— Cirúrgicas, é claro.

— Não toque no corpo.

— Só nos bolsos — com muito cuidado... A mulher de Swayne está descendo a escada. Telefone outra vez quando eles partirem. Entre em contato com aquele *médico*!

Ivan Jax, formado pela Faculdade de Medicina da Universidade de Yale, com residência e prática cirúrgica no Massachusetts General, Colégio de Cirurgias, nascido na Jamaica e “consultor” da CIA por indicação de um amigo negro com o estranho nome de Cactus, passou com o carro pelos portões da propriedade do general Swayne em Manassas, Virgínia. Havia certos momentos, pensou Jax, em que desejava jamais ter conhecido Cactus, e este era um deles, mas fora isso, jamais lamentava o fato de Cactus ter entrado em sua vida. Graças aos “papéis mágicos” do velho homem, Jax conseguira tirar o irmão e a irmã da Jamaica durante os anos de opressão do governo de Manley, quando os profissionais liberais eram proibidos de deixar o país, e ainda mais levando algum dinheiro. Cactus, por meio de permissões artisticamente falsificadas, havia tirado os dois adultos do país, ao mesmo tempo transferindo seu dinheiro para um banco em Lisboa. O velho falsário só precisou de vários formulários em branco roubados, incluindo conhecimentos de embarque de importação-exportação, os passaportes das duas pessoas, fotografias separadas e cópias de várias assinaturas de homens que ocupavam cargos importantes — facilmente conseguidas por meio dos milhares de editos burocráticos

publicados pela imprensa controlada pelo governo. O irmão de Ivan era agora um rico advogado em Londres e a irmã trabalhava em pesquisas, em Cambridge.

Sim, ele devia a Cactus, pensou o Dr. Jax parando sua caminhonete na frente da casa, e quando o velho amigo lhe pediu para “ser consultor” de Langley, há sete anos, ele aceitou. Um ótimo trabalho de consultoria! Porém, havia outros pontos altos resultantes da associação silenciosa de Ivan com a Agência. Quando sua ilha derrubou Manley e Seaga tomou o poder, umas das primeiras propriedades “confiscadas” devolvidas aos donos foram as da família Jax, em Mondego Bay e em Port Antonio. Foi obra de Conklin, mas sem Cactus, Conklin jamais faria parte do círculo de amigos de Ivan... Mas por que Alex tinha de chamá-lo *nesta noite*? Era seu 12º aniversário de casamento e as crianças estavam na casa de amigos para que o casal pudesse ficar sozinho, comemorando com as costeletas grelhadas, à moda da Jamaica — preparadas pelo único que sabia, ou seja, o Chefe Ivan — muito rum escuro Overton e um banho erótico, sem roupa, na piscina. *Droga* de Alex! O maldito solteirão que só podia reagir a um aniversário de casamento dizendo, “Que diabo! Vocês completaram mais um ano, que importância tem um dia ou dois a mais ou a menos? Comemore amanhã, preciso de você esta noite”.

Assim, Ivan mentiu para a mulher, ex-enfermeira chefe do Massachusetts General. Disse que a vida de um paciente estava na balança — estava, mas já pendia para o lado errado. Ela respondeu que talvez seu próximo marido tivesse mais consideração pela vida *dela*, mas o sorriso e o olhar compreensivo negavam as palavras. Ela conhecia a morte. *Vá depressa, meu querido!* Jax desligou o motor, apanhou a maleta de médico e saiu do carro. A porta se abriu e apareceu a silhueta de um homem alto com roupa escura sem brilho.

— Sou seu médico — disse Ivan, subindo os degraus da entrada. — Nosso amigo comum não me disse seu nome, mas acho que não devo saber.

— Acho que não — concordou Bourne, estendendo a mão coberta pela luva cirúrgica.

— E acho que nós dois estamos certos — disse Jax, apertando a mão do estranho. — A luva que está usando não me é estranha.

— Nosso amigo comum não me disse que você era negro.

— Isso é problema para você?

— Cristo, não! Gosto mais do nosso amigo por isso. Provavelmente nem lhe ocorreu falar no assunto.

— Acho que vamos nos dar bem. Vamos então, sem-nome.

Bourne ficou a três metros da mesa enquanto Jax hábil e rapidamente fazia o que tinha de fazer no corpo, depois de enfaixar a cabeça de Swayne com gaze. Sem explicar, cortou pedaços da roupa do general para examinar certas partes do corpo. Finalmente rolou o corpo da cadeira para o chão.

— Você já terminou o que tinha de fazer aqui? — perguntou, olhando para Jason.

— Fiz uma limpeza, doutor, se é isso que quer saber.

— Geralmente é o que se faz... Quero esta sala selada. Ninguém entra depois que sairmos daqui, até nosso amigo dar ordem em contrário.

— Eu não posso garantir isso — disse Bourne.

— Então ele terá de garantir.

— Por quê?

— Seu general não cometeu suicídio, sem-nome. Ele foi assassinado.

— A MULHER — disse Alex Conklin, no telefone. — De tudo que me contou, tem de ser a mulher de Swayne. *Jesus!*

— Isso não muda nada, mas parece que é verdade — concordou Bourne, sem entusiasmo. — A mulher tinha motivos para matá-lo. Mas se o matou, não contou para Flannagan. e isso não faz sentido.

— Não, não faz... — Depois de uma pausa, Conklin disse, rapidamente: — Quero falar com Ivan.

— Ivan? O seu médico? O nome dele é Ivan?

— E daí?

— Nada. Ele está lá fora empacotando a “mercadoria” como ele disse.

— Na caminhonete?

— Isso mesmo. Carregamos o corpo...

— Por que ele está tão certo de que não foi suicídio? — interrompeu Alex.

— Swayne estava drogado. Ele disse que telefona depois para você e explica tudo. Quer sair daqui e deu ordens para que ninguém entre nesta sala depois que sairmos — depois que eu sair — até você contar para a polícia. Vai lhe dizer isso também.

— Cristo, deve ser um espetáculo horrível.

— Não é bonito. O que você quer que eu faça?

— Feche as cortinas, se existe alguma, verifique as janelas e, se for possível, tranque a porta. Se não puder trancar, procure...

— Encontrei um chaveiro no bolso de Swayne — interrompeu Jason. — Uma das chaves serve na porta.

— Ótimo. Quando sair limpe todas as impressões digitais da porta. Procure algum polidor de móveis ou um spray para poeira.

— Isso não vai impedir que entrem aqui.

— Não, mas se alguém entrar, podemos conseguir algumas digitais.

— Você caprichando nas minúcias...

— É claro que estou — concordou o ex-agente. — Tenho também de arranjar um jeito de selar toda a propriedade sem usar os homens de Langley, e, além disso, driblar o Pentágono, no caso de um daqueles 20 mil e tantos tentar falar com Swayne e isso inclui o pessoal do escritório dele e provavelmente uma centena de compradores e vendedores que tratavam de negócios com ele *todo dia*... Cristo, é impossível!

— É perfeito — observou Bourne e viu o Dr. Ivan Jax aparecer na porta. — Nosso pequeno jogo de “desestabilização” vai começar aqui mesmo na “fazenda”. Você tem o telefone de Cactus?

— Não aqui. Acho que está guardado numa caixa de sapatos, em casa.

— Telefone para Mo Panov. Ele tem. Depois diga a Cactus para ligar para cá de um telefone público.

— Em que diabo está pensando? Cada vez que ouço o nome daquele velho fico nervoso.

— Você disse que eu precisava confiar em alguém mais, além de você. Estou fazendo isso. Fale com ele, Alex. — Jason desligou o telefone. — Desculpe, doutor... ou talvez, dadas as circunstâncias eu possa usar seu nome. Como vai, Ivan?

— Como vai, sem-nome. Prefiro continuar assim. Especialmente agora que o ouvi dizer um outro nome.

— Alex?... Não, é claro que não foi Alex, não nosso amigo comum. — Bourne riu baixinho, afastando-se da mesa. — Cactus, certo?

— Eu só entrei para perguntar se quer que eu feche os portões — disse Jax, ignorando a pergunta.

— Ficaria ofendido se eu dissesse que só me lembrei dele quando você apareceu na porta?

— Certas associações são bastante óbvias. Os portões, por favor?

— Deve a Cactus tanto quanto eu devo, doutor? — Jason não se moveu, olhando fixamente para o jamaicano.

— Devo tanto a ele que jamais poderei pensar em envolvê-lo numa situação como esta. Pelo amor de Deus, ele é um velho, e por mais que Langley queira forjar uma conclusão para o que aconteceu, trata-se de *assassinato*, um crime com requintes de brutalidade. Não, eu não o envolveria nisto.

— Mas eu não sou você. Compreenda, tenho de fazer isso. Cactus jamais me perdoaria se eu não fizesse.

— Não dá muito valor a você mesmo, certo?

— Por favor, feche os portões, doutor. Quando estiverem fechados posso ativar o alarme no painel de controle.

Jax hesitou, como se não tivesse certeza do que ia dizer.

— Escute — começou, falando devagar —, a maioria das pessoas normais tem razões para dizer coisas — para fazer coisas. Minha opinião é que você é mentalmente são. Telefone para Alex se precisar de mim — se o velho Cactus precisar de mim. — Jax afastou-se apressadamente.

Bourne voltou-se e examinou a sala. Depois da partida de Rachel e Flannagan, há três horas, ele havia revistado cada centímetro da sala de trabalho do general, bem como o quarto de dormir do velho soldado, no andar superior. Examinou

atentamente tudo que pretendia levar e que estava agora sobre a mesa de centro. Três cadernos de espiral com capas de couro marrom, um conjunto de mesa de trabalho. O primeiro era um calendário e agenda, o segundo um livro particular de telefone com nomes e números escritos a tinta. O último era um diário de despesas, quase sem uso. Havia também 11 recados do escritório, anotados em papel comum de bloco de avisos, que Jason encontrara no bolso de Swayne, um marcador de golfe e vários memorandos redigidos no Pentágono. Finalmente havia a carteira do general com uma profusão incrível de credenciais e pouco dinheiro. Bourne pretendia entregar tudo para Alex, na esperança de encontrarem novas pistas, mas pelo que podia ver, não havia nada muito importante, nada dramaticamente ligado à moderna Medusa. Isso o preocupava. Tinha de haver *alguma coisa*. Aquela era a casa do velho soldado, seu *sanctum sanctorum* tinha de estar ali dentro! Jason sabia, sentia, mas não encontrava! Recomeçou a revista, não centímetro por centímetro agora, mas milímetro por milímetro.

Quatorze minutos mais tarde, quando estava retirando e virando as fotografias na parede atrás da mesa, à direita da janela curva que dava para o gramado, lembrou-se do que Conklin havia dito sobre verificar as janelas e fechar as cortinas para que ninguém de fora pudesse ver o interior da sala.

Cristo, deve ser horrível!

Não é muito bonito.

Não era. Os vidros da janela central estavam manchados de sangue e matéria craniana. E o... pequeno *fecho* de metal? Estava aberto e a janela também — só um pouco, mas *estava aberta*. Ajoelhado no sofá na frente da janela, Bourne examinou atentamente a moldura brilhante de cobre e os vidros. Parecia que alguém passara a mão entre os filetes de sangue e tecido secos, alargando e afinando as manchas para formar desenhos irregulares. Então viu, logo abaixo do parapeito, o que impedia que a janela se fechasse. A ponta da cortina da esquerda estava puxada para fora. Jason recuou, intrigado, mas não surpreso. Era exatamente o que estava procurando, a peça que faltava ao complexo quebra-cabeças que era a morte de Norman Swayne.

Alguém tinha saído por aquela janela, *depois* do tiro que estourou a cabeça do general. Alguém que não podia se arriscar a ser visto saindo pela porta da frente. Alguém que conhecia a casa e o terreno... e os cães. Um assassino brutal da Medusa. *Malditos!*

Quem? Quem estava ali? Flannagan... a mulher de Swayne! Eles deviam saber, *tinham* de saber! Bourne estendeu a mão para o telefone, que começou a tocar antes que ele o alcançasse.

— *Alex?*

— Não, Br'er Rabbit, só um velho amigo, e eu não sabia que estamos dizendo nomes com tanta liberdade.

— Não estamos, não devemos estar — disse Jason rapidamente, controlando-se com dificuldade. — Aconteceu uma coisa há poucos momentos — encontrei uma coisa.

— Calma, garoto. O que posso fazer por você?

— Preciso de você — aqui, onde estou. Pode vir?

— Bem, vejamos — Cactus falou com uma risada zombeteira. — Eu devia comparecer a várias reuniões de diretoria, além da Casa Branca que me convidou para o café da manhã dos poderosos... Quando e onde, Br'er Rabbit?

— Não sozinho, amigo. Quero mais três ou quatro com você. É possível?

— Não sei. No que está pensando?

— Aquele cara que me levou para a cidade. Não há outros cidadãos iguais a ele nas vizinhanças?

— Para ser franco, a maioria está cumprindo pena, mas acho que posso dar uma espiada no lixo e descobrir alguns. Para quê?

— Serviço de guarda. Na verdade, muito simples. Você se encarrega do telefone e eles ficam atrás dos portões trancados, dizendo que se trata de uma propriedade privada, que visitantes não são bem-vindos. Especialmente certos figurões em suas limusines.

— Ora, isso acho que vai agradar os irmãos.

— Telefone depois, que eu digo como chegar até aqui. Bourne desligou e imediatamente tirou o fone do gancho outra vez. Digitou o número do telefone de Conklin, em Vienna.

— Sim? — atendeu Alex.

— O doutor estava certo e eu deixei escapar nosso assassino contratado pela Mulher Serpente.

— Quer dizer a mulher de Swayne?

— Não, mas ela e seu sargento esperto sabem quem foi — tinham de saber quem estava *aqui!* Apanhe os dois e os detenha. Mentiram para mim, portanto o acordo está cancelado. Quem armou o cenário para este “suicídio” sangrento estava obedecendo ordens do alto escalão de Medusa. Quero esse homem. Ele é o nosso atalho para onde queremos chegar.

— Está também fora do nosso alcance.

— Do que está falando?

— O sargento e sua amada estão fora do nosso alcance. Eles desapareceram.

— Isso é loucura! Se conheço Santo Alex — e eu conheço —, você os manteve sob vigilância desde que saíram daqui.

— Eletrônica, não física. Lembre-se, você insistiu para mantermos Langley e Peter Holland longe da Medusa.

— O que foi que você fez?

— Enviei um alerta geral para os computadores centrais de todos os transportes aéreos internacionais. Às 8:20h desta noite os dois tinham reservas no voo da Pan Am, das 10:00h, para Londres...

— *Londres!* — interrompeu Bourne. — Eles iam para o outro lado, para o Pacífico. Para o Havaí!

— Pois provavelmente é para onde estão indo, porque não apareceram na Pan Am. Quem sabe?

— Droga, *você* devia saber.

— Como? Dois cidadãos americanos que voam para o Havaí não precisam de passaporte para entrar no nosso quinquagésimo estado. Uma carteira de motorista ou o título de eleitor é suficiente. Você disse que eles estavam preparando essa fuga há muito tempo. Um sargento com mais de 30 anos de serviço não teria dificuldade nenhuma para conseguir algumas carteiras de motorista com nomes diferentes.

— Mas *por quê?*

— Para despistar quem estivesse atrás deles — como nós, ou talvez alguns medusianos muito poderosos.

— *Merda!*

— Quer fazer o favor de não apelar para a vulgata, professor? É vulgata, certo?

— Cale a boca, preciso pensar.

— Então pense que estamos com os traseiros mergulhados no Ártico sem nenhum aquecedor. Está na hora de procurar Peter Holland, precisamos dele. Precisamos de Langley.

— Não, *ainda* não! Você está esquecendo uma coisa. Holland fez um juramento, e tudo que sabemos dele nos diz que o leva muito a sério. Ele pode se desviar de uma regra, aqui ou ali, mas se tiver de enfrentar a Medusa, com centenas de pessoas em Genebra comprando seja lá o que eles comprem na Europa, ele é capaz de dizer, “Parem, agora chega!”

— É um risco que temos de correr. *Precisamos* dele, David.

— David *não, que diabo!* Eu sou Bourne, Jason Bourne, *sua* criação, e sou seu credor! Minha família também! Não vou aceitar nada diferente!

— E me matará se eu fizer qualquer coisa contra você.

Silêncio. Afinal, Delta Um da Medusa de Saigon disse:

— Sim, Alex, eu o matarei. Não porque você tentou me matar em Paris, mas por causa das mesmas suposições cegas que você fez naquela época, que o levaram à decisão de me liquidar. Você compreende?

— Compreendo — disse Conklin em voz quase inaudível. — A arrogância da ignorância, seu tema favorito sobre Washington. Você sempre o faz parecer tão oriental. Mas vai chegar o tempo em que você terá também de ser menos arrogante. Há um limite para o que podemos fazer sozinhos.

— Por outro lado, muita coisa pode ser destruída se *não* estivermos sozinhos. Veja o progresso que fizemos. De zero a números de dois algarismos, em quanto tempo — 48, 72 horas? Dê-me dois dias, Alex, *por favor*. Estamos muito perto do que queremos descobrir, do que queremos saber sobre Medusa. Um golpe de sorte e podemos apresentar a eles a solução perfeita para me eliminar. O Chacal.

— Vou fazer o melhor possível. Cactus telefonou?

— Telefonou. Vai ligar outra vez e vir até aqui. Explico depois.

— Eu devia ter dito. Ele e o nosso doutor são amigos.

— Eu sei. Ivan me contou... Alex, quero mandar umas coisas para você — o livro de telefones de Swayne, a agenda, coisas assim. Vou fazer um embrulho e pedir a um dos homens de Cactus para entregar aí, para o segurança do portão. Ponha tudo no seu computador e veja o que pode descobrir.

— Homens de Cactus? O que você está fazendo?

— Obedecendo um item da sua agenda. Estou selando este lugar. Ninguém pode entrar e veremos quem vai tentar.

— Pode ser interessante. O pessoal do canil vai apanhar os cães mais ou menos às 7:00h da manhã, portanto não cole demais os selos.

— Isso me lembra que você tem de agir oficialmente outra vez. Telefone para os guardas dos outros turnos. Diga que seu trabalho não é mais necessário, mas que cada um receberá um mês de salário pelo correio, em vez de ser despedido.

— Quem diabo vai pagar? Não temos Langley, lembra-se? Nem Peter Holland, e eu não sou rico.

— Eu sou. Vou telefonar para meu banco, no Maine, e mandar expedir uma ordem de pagamento no seu nome. Peça ao seu amigo Casset para apanhá-la no seu apartamento amanhã cedo.

— É engraçado — disse Conklin pensativamente —, tinha me esquecido do seu dinheiro. Na verdade, nunca penso nele. Acho que a idéia foi bloqueada em minha mente.

— É possível — disse Bourne, com uma sugestão de ironia. — O que há de oficial em você pode imaginar um burocrata dizendo para Marie: “A propósito, Sra. Webb ou Bourne, ou seja lá o que for, quando trabalhava para o governo do Canadá, a senhora desapareceu com cinco milhões de dólares que me pertencem”.

— Ela foi simplesmente brilhante, David — Jason. Eles deviam a você mais do que isso.

— Não insista nesse ponto, Alex. *Ela* garantiu que era pelo menos o dobro.

— E estava certa. Por isso todos ficaram de boca fechada... O que vai fazer agora?

— Esperar o telefonema de Cactus e depois fazer uma ligação particular.

— *Particular?*

— Para minha mulher.

Sentada no terraço da vila no Hotel Tranqüilidade olhando para o mar do Caribe iluminado pela lua, Marie procurava controlar ao máximo seus instintos para não enlouquecer de medo. Estranhamente, talvez idiota ou perigosamente, o que sentia não era medo de um ataque físico. Vivera na Europa e no Extremo Oriente com a máquina de matar que era Jason Bourne. Sabia do que aquele estranho era capaz e conhecia sua eficiência brutal. Não, não era Bourne, era David — o que Jason Bourne estava fazendo para David Webb. Tinha de *pôr um ponto-final* nisso!... Podiam ir para algum lugar distante, para um refúgio seguro e começar nova vida, com outros nomes, criar um mundo que Carlos jamais pudesse invadir. Tinham todo o dinheiro de que precisavam, podiam *fazer* isso! Tanta gente fazia — centenas de homens, mulheres e crianças eram protegidas por seus governos. E se havia alguém que merecia a proteção do governo, esse alguém era David Webb... Pensamentos criados pelo desespero, pensou Marie, levantando-se e caminhando até a grade da varanda. Nada disso ia acontecer porque David jamais aceitaria tal solução. Quando se tratava do Chacal, David Webb era dirigido por Jason Bourne e Bourne era capaz de destruir o corpo que o hospedava. Oh, Deus, o que está *acontecendo* conosco?

O telefone tocou. Marie ficou rígida, depois correu para o quarto e atendeu.

— Sim?

— Oi mana, é Johnny.

— *Oh...*

— O que significa que não tem notícias de David.

— Não, e acho que estou ficando louca, Johnny.

— Ele vai telefonar logo que puder, você sabe.

— Mas você não telefonou para me dizer isso.

— Não, estou apenas verificando se tudo está em ordem. Estou preso aqui na ilha grande e acho que vou demorar um pouco. Estou no palácio do governo com Henry, esperando o agradecimento pessoal, do governador da Coroa por atender ao pedido do Ministério do Exterior.

— Não estou entendendo nada...

— Oh, desculpe. Henry Skyes é o ajudante-de-ordens do governador da Coroa. Ele pediu-me para tomar conta daquele herói de guerra francês que está na vila perto da sua. Quando o governador quer agradecer a alguém, a gente espera até que ele agradeça — quando os telefones enguiçam, caubóis como eu precisam da ajuda do governo.

— Continuo sem entender nada, Johnny.

— Uma tempestade, vinda de Basse-Terre, chegará aqui dentro de algumas horas.

— Vinda de *quem*?

— De onde, não de quem, mas devo estar de volta antes disso. Mande a criada preparar o sofá para mim.

— John, você não precisa ficar aqui. Está cheio de homens armados do outro lado da cerca, na praia e não sei mais onde.

— E é exatamente onde eles devem ficar. Vejo você mais tarde, e dê um abraço nas crianças por mim.

— Estão dormindo — disse Marie, quando o irmão desligou. Ela olhou para o telefone e, desligando-o lentamente, disse em voz alta: — Sei tão pouco sobre você, irmãozinho... nosso favorito e incorrigível Johnny. E meu marido sabe muito mais. Vocês *dois* me deixam furiosa!

O telefone tocou outra vez, sobressaltando-a.

— Alô?

— Sou eu.

— Graças a *Deus*!

— *Ele* está fora da cidade, mas tudo está ótimo. Eu estou ótimo e estamos fazendo progressos.

— Você não precisa *fazer* isso! *Nós* não precisamos!

— Sim, precisamos — disse Jason Bourne, sem nenhum sinal de David Webb.

— Quero que saiba que eu a amo, que *ele* a ama...

— *Pare* com isso! Está *acontecendo*!...

— Desculpe. Peço desculpas — *perdoe-me*.

— Você é *David*!

— É claro que sou David. Estava brincando...

— Não, *não estava*.

— É que estive falando com Alex, só isso. Nós discutimos, *nada* mais.

— Não, *não é*! Quero que você volte. Quero você *aqui*!

— Então não posso falar mais. Eu a amo.

Jason desligou e Marie atirou-se na cama, abafando no cobertor os soluços inúteis.

Com os olhos congestionados de cansaço, Alexander Conklin trabalhava no computador, digitando os dados contidos nos livros enviados por Bourne da casa do general Norman Swayne. Dois apitos agudos cortaram o silêncio da sala. A máquina anunciava que acabava de calcular outra referência dupla. Conklin verificou a resposta apresentada. *R.G.* O que significava? Voltou a digitar e nada. Continuou a bater nas teclas bege, cada vez mais depressa. *Quatro bips... cinco... seis.* Voltar atrás — parar — ir para a frente. *R.G. R.G. R.G. R.G.* Que diabo era *R.G.*?

Comparou os dados com os três livros enviados por Bourne. Um número comum apareceu em verde, na tela: *617-202-0011*. Um telefone. Conklin apanhou o

telefone de Langley, ligou para o vigia da noite e mandou o telefonista da CIA localizar o número.

— Não está no catálogo, senhor. É um dos números da mesma residência em Boston, Massachusetts.

— O nome, por favor.

— Gates, Randolph. A residência é...

— Tudo bem, telefonista — interrompeu Alex, certo de ter conseguido a informação essencial. Randolph Gates, professor, advogado dos privilegiados, defensor do quanto maior melhor, o maior é o melhor. Não era de admirar que estivesse envolvido com centenas de milhões de dólares, na Europa, controlados por interesses americanos... Não, espere um pouco. Não estava certo, estava *errado*! Era completamente ilógica qualquer ligação do grande advogado com uma operação extremamente duvidosa, na verdade ilegal, como a Medusa. Não fazia sentido! Não era preciso admirar o famoso consultor jurídico para saber que tinha uma ficha completamente limpa e honesta na profissão. Era conhecido seu rigor em tudo que se relacionava com a lei. Muitas vezes usava os ardis da profissão para obter decisões favoráveis, mas ninguém jamais ousou duvidar da sua integridade. Sua filosofia era tão contrária aos princípios dos mais brilhantes advogados liberais, que teria sido desacreditado há muito tempo se conseguissem descobrir o menor deslize na sua vida.

Contudo, seu nome aparecia seis vezes na agenda de um medusiano responsável por milhões de dólares gastos para a defesa da nação. Um membro instável da Medusa cujo suicídio aparente fora, na verdade, assassinato.

Conklin verificou na tela que a data da última anotação de Swayne referente a R. G. era dois de agosto, há menos de uma semana. Apanhou o diário com capa de couro e abriu nesse dia. Até ali estava concentrando-se em nomes, não em compromissos, a não ser que a informação fosse relevante — para quê, não tinha certeza, mas confiava nos próprios instintos. Se tivesse descoberto antes quem era R.G., teria notado a anotação abreviada e escrita a mão ao lado do nome.

R.G. não aceita desig. do Maj. Crft. Precisa Crft na sua equipe. Abrir. Paris — sete anos atrás. Dois tirar arquivo e enterrar.

A referência a *Paris* devia ter chamado sua atenção antes, pensou Alex. Mas as anotações de Swayne continham diversos nomes de lugares exóticos ou estranhos, como se o general quisesse impressionar quem por acaso se interessasse por suas observações particulares. Além disso, reconheceu Conklin, estava extremamente cansado. Se não fosse pelo computador, provavelmente não teria descoberto o Dr. Randolph Gates, o deus do Olimpo jurídico.

Paris — sete anos atrás. Dois tirar arquivo e enterrar.

A primeira parte era clara, a segunda, obscura, mas não indecifrável. “Dois”

referia-se a uma seção da Inteligência. G-2 e “arquivo” significavam um fato ou uma revelação descoberta pelo pessoal da Inteligência em *Paris — sete anos atrás* e retirada dos bancos de dados. Era a tentativa de um amador de usar a linguagem da Inteligência de modo errado. “Abrir” significava *chave — Jesus*, Swayne era um idiota! Alex escreveu a anotação por extenso.

“Randolph Gates não quer levar em consideração a designação do major Craft, ou Croft, ou até mesmo Christopher, pois o f podia ser um s. Mas nós precisamos Crft na sua equipe. A chave é usar a informação contida no nosso arquivo G-2 sobre Gates em Paris há sete anos, arquivo que foi removido e está em nosso poder”.

Se não era a tradução exata, era bastante aproximada para entrar em ação, pensou Conklin, consultando o relógio. Eram 3:20h da manhã, uma hora em que o toque do telefone sobressalta a pessoa mais controlada. Por que não? David — *Jason* — tinha *razão*. Cada hora contava agora. Alex apanhou o telefone e digitou o número da casa em Boston, Massachusetts.

O telefone não parava de tocar e a *cadela* não atenderia no seu quarto! Então Gates olhou para a luz no aparelho e o sangue gelou em suas veias. Era seu número que não constava da lista, um número que poucos conheciam. Agitou-se na cama, com os olhos arregalados. Quanto mais pensava no estranho telefonema de Paris, mais nervoso ficava. Era sobre Montserrat, ele sabia! A informação que ele havia passado estava *errada*... Prefontaine mentira para ele e agora Paris queria acertar as coisas. Meu *Deus*! Eles viriam atrás dele, eles o denunciariam! Não, havia uma saída, uma explicação perfeita, a *verdade*. Ele entregaria os mentirosos a Paris, ao homem de Paris ali em Boston. Obrigaria o bêbado Prefontaine e o sujo detetive a confessarem suas mentiras ao único homem que podia absolvê-los... O telefone! Precisava atender. Não devia deixar que pensassem que estava escondendo alguma coisa! Levou ao ouvido o fone do instrumento insistente.

— Sim?

— Sete anos atrás, conselheiro — começou a dizer a voz tranqüila. — Preciso lembrá-lo de que temos todos os dados. O Deuxième Bureau foi muito cooperativo, muito mais do que o senhor.

— Pelo amor de Deus, *mentiram* para mim! — exclamou Gates, com voz rouca, sentando na beirada da cama. — Não pode acreditar que eu tivesse passado a informação *errada*! Nem que eu fosse louco!

— Sabemos que pode ser muito teimoso. Fizemos um simples pedido...

— Eu *atendi*, juro que atendi. Cristo, paguei 15 mil dólares para garantir que tudo fosse feito em silêncio, sem deixar nenhuma pista — não que o dinheiro seja importante, é claro...

— Você *pagou*...? — interrompeu a voz calma.

— Posso mostrar o comprovante de retirada!

- Pagou o quê?
 - A informação, é claro. Contratei um ex-juiz que tem contatos...
 - A informação sobre Craft?
 - O quê?
 - Croft... Christopher.
 - *Quem?*
 - Nosso major, conselheiro. *O* major.
 - Se é esse seu nome de código, então sim, eu paguei!
 - Nome de código?
 - A mulher. As duas crianças. Elas voaram para a Ilha de Montserrat. Juro que foi o que me *disseram!*
- Gates ouviu um estalido e o telefone foi desligado no outro lado da linha.

COM A MÃO ainda no telefone, Conklin começou a suar. Levantou-se da cadeira, afastou-se mancando, olhando para o computador como se ele fosse uma coisa monstruosa que o havia conduzido a uma terra proibida onde nada era o que parecia ser, nem o que *devia* ser. O que *aconteceu*? Como era que Randolph Gates sabia sobre Montserrat, sobre Marie e as crianças? *Por quê*?

Alex sentou-se na poltrona com o coração disparado, seus pensamentos uma confusão sem respostas, apenas o caos. Segurou o pulso direito com a mão esquerda, enfiando as unhas na carne. Precisava se controlar, *pensar* — precisava agir! Pela mulher de David e pelas crianças!

Associações de idéias. Quais eram as associações possíveis? Já era difícil considerar Gates como um membro da Medusa — mesmo que fosse contra sua vontade — mas era impossível pensar que estivesse ligado a Carlos, o Chacal. *Impossível!* Porém, essa parecia ser a verdade. A ligação existia! Carlos faria também parte da Medusa de Swayne? Tudo que sabiam sobre o Chacal negava essa hipótese. A força do assassino estava no fato de jamais associar-se a nenhuma entidade estruturada. Jason Bourne havia provado isso há 13 anos, em Paris. Nenhum grupo podia chegar até ele. Só podiam enviar mensagens e ele os procurava. A única organização que o assassino internacional aceitava era seu exército de homens velhos, do Mediterrâneo ao Báltico, desajustados, perdidos, criminosos cuja pobreza era aliviada pela generosidade do assassino, que exigia lealdade até a morte. Onde um homem como Randolph Gates se encaixava nesse esquema?

Não se encaixava, concluiu Alex Conklin, enquanto os limites mais distantes da sua imaginação exploraram velhos territórios... Desconfie das aparências. O famoso advogado não tinha nada a ver com Carlos, nem com Medusa. Ele era a aberração, o defeito nas lentes, um homem honrado com uma única fraqueza que fora descoberta por duas partes separadas, ambas com imensos recursos. Todos sabiam que o Chacal tinha meios de penetrar na Sûreté e na Interpol e não precisava ser clarividente para saber que Medusa podia penetrar no G-2 do Exército. Era a única explicação *possível*, pois Gates era por demais combativo, muito poderoso para funcionar espetacularmente como funcionava, se fosse fácil descobrir sua vulnerabilidade. Não, seria preciso um predador como o Chacal e como a Medusa para penetrar as profundezas de um segredo tão devastador a ponto de transformar Randolph Gates numa valiosa peça de xadrez. Evidentemente, Carlos o havia

apanhado primeiro.

Conklin pensou na verdade que sempre era confirmada. O mundo dos corruptos era na realidade um pequeno bairro com muitas camadas, de desenho geométrico, com as avenidas irregulares da corrupção se entrecruzando. Como podia ser de outro modo? Os residentes daquelas ruas letais tinham serviços para oferecer, seus clientes eram especiais — o lixo desesperado da humanidade. Extorsão, compromisso, assassinato. O Chacal e os homens da Medusa pertenciam à mesma ordem fraternal. A Irmandade do Tenho de Ter o Meu.

Uma descoberta. Uma descoberta que Jason Bourne podia usar — mas não David Webb — e Webb era ainda uma parte muito importante de Bourne. Além disso, ambas as partes do mesmo homem estavam a mais de mil quilômetros de Montserrat, as coordenadas da morte determinadas por Carlos. *Montserrat?*... Johnny St. Jacques! O “irmãozinho” que havia provado do que era capaz numa cidadezinha do norte do Canadá, sem o conhecimento e a compreensão da própria família, especialmente da irmã querida. Um homem capaz de matar quando provocado — que havia matado num momento de fúria — e que mataria outra vez se visse a irmã e os sobrinhos ameaçados pelo Chacal. David acreditava nele — Jason Bourne também, o que era muito mais importante agora.

Alex olhou para o console do telefone, depois levantou-se rapidamente. Sentou atrás da mesa e apertou o botão do gravador até chegar ao ponto que queria. Andando de um lado para o outro, ouviu a voz apavorada de Gates.

“... *Cristo, paguei 15 mil...*”

Não era aí, pensou Conklin. Mais adiante.

“... *posso mostrar o comprovante da retirada...*”

Mais adiante!

“... *contratei um ex-juiz que tem contatos...*” Era isso. Um juiz.

“*Elas voaram para a Ilha de Montserrat...*”

Alex tirou da gaveta a folha de papel onde havia anotado todos os números de telefones que tinha usado nos dois últimos dias. Viu o número do Hotel Tranqüilidade, no Caribe, apanhou o telefone e discou. Depois de tocar muitas vezes, uma voz cheia de sono atendeu.

— Tranqüilidade...

— Isto é uma emergência — interrompeu Conklin. — Preciso falar urgentemente com John St. Jacques. Depressa, por favor.

— Sinto muito, senhor, mas o Sr. St. Jacques não está aqui.

— Preciso encontrá-lo. Repito, é urgente. Onde ele está?

— Na ilha grande...

— Montserrat?

— Sim...

— *Onde?* Meu nome é Conklin. Ele quer falar comigo — ele *precisa* falar comigo. *Por favor!*

— Um vento muito forte está soprando de Basse-Terre e todos os vôos foram cancelados até amanhã de manhã.

— Um o quê?

— Uma depressão tropical...

— Ah, uma tempestade.

— Preferimos uma DT, senhor. O Sr. Jacques deixou um número de telefone em Plymouth.

— Qual é o seu nome? — interrompeu Alex. O homem disse Pritchard e Conklin continuou. — Vou fazer uma pergunta muito delicada, Sr. Pritchard. É importante que me dê a resposta certa, mas se não der, deve fazer o que eu mandar. O Sr. St. Jacques confirmará tudo que eu disser quando eu puder falar com ele. Porém, não posso perder tempo. Está entendendo?

— Qual é a sua pergunta? — perguntou o homem com dignidade. — Não sou criança, *mon*.

— Desculpe. Não tive intenção de...

— A pergunta, Sr. Conklin. O senhor tem pressa.

— Sim, é claro... A irmã do Sr. St. Jacques e os filhos estão em lugar seguro? O Sr. St. Jacques tomou algumas precauções?

— Assim como guardas armados na vila e nossos guardas de sempre na praia? — disse o homem. — A resposta é sim.

— É a resposta certa. — Alex respirou fundo, ainda nervoso. — Agora, qual é o número do telefone do Sr. St. Jacques?

O homem disse e acrescentou:

— Muitos telefones estão enguiçados, senhor. Seria conveniente deixar um telefone onde possa ser encontrado. O vento ainda está forte, mas o Sr. St. Jay estará aqui com a primeira luz do dia, se puder.

— Certo. — Alex disse o número do telefone “estéril” no apartamento em Vienna e fez o homem repetir. — É isso — disse ele. — Vou tentar ligar para Plymouth agora.

— Como se escreve seu nome, por favor. É C-o-n-c-h...

— *C-o-n-k* — interrompeu Alex, desligando e ligando imediatamente para o número em Plymouth, capital de Montserrat.

Mais uma vez uma voz sobressaltada, sonolenta e quase incoerente atendeu.

— Quem está falando? — perguntou Conklin, impaciente.

— Quem diabo *é isto* — *você?* — respondeu um inglês furioso.

— Quero falar com John St. Jacques. É uma emergência e o recepcionista do Hotel Tranquilidade me deu este número.

— Ainda bem que os telefones deles estão bons...

— É o que parece. *Por favor*, John está aí?

— Está, está, é claro. No outro lado do corredor. Vou chamá-lo. Quem quer...

— “Alex”, não precisa mais.

— Só “Alex”?

— Depressa, por favor!

Vinte segundos depois ouviu a voz de St. Jacques.

— *Conklin*, é você?

— Escute. Eles sabem que Marie e as crianças foram de avião para Montserrat.

— Soubemos que alguém andou fazendo perguntas no aeroporto sobre uma mulher com duas crianças...

— Por isso você os levou para o hotel.

— Exatamente.

— Quem andou fazendo perguntas?

— Não sabemos. Foram feitas por telefone... Eu não queria deixá-los, mas recebi ordem para me apresentar ao governador e quando o filho da mãe do governador apareceu, a tempestade estava aqui.

— Eu sei. Falei com seu recepcionista que me deu este número.

— Já é um consolo saber que os telefones ainda estão funcionando. Geralmente, com uma tempestade, eles não funcionam, por isso temos de tratar bem a Coroa.

— Seu homem disse que você colocou guardas...

— Pode apostar que sim! — exclamou St. Jacques. — O problema é que não sei do que devo me defender, a não ser de estranhos, em algum barco na praia. Se não atenderem à ordem de parar e se identificar, meus homens atiram.

— Talvez eu possa ajudar...

— Então fale!

— Conseguimos uma informação — não me pergunte como. Parece inacreditável, mas pode estar certo que é real. O homem que descobriu que Marie foi para Montserrat contratou um juiz que tem contatos, supostamente na ilha.

— *Um juiz!* — explodiu o dono do Hotel Tranquilidade. — Meu Deus, ele está lá! Eu vou matar aquele filho da mãe, aquele lixo...

— *Pare*, Johnny! Controle-se. Quem está lá?

— Um juiz que insiste em usar um *nome* diferente! Não achei que era importante — dois velhos idiotas com nomes parecidos...

— *Velhos...?* Devagar, Johnny, isto é importante. Que dois velhos?

— Esse de quem você falou, de Boston...

— *Isso mesmo!* — confirmou Alex.

— O outro veio de Paris...

— *Paris?* Jesus Cristo. Os velhos de Paris!

— O quê...?

— O Chacal! Carlos tem seus *velhos* na ilha!

— Agora, vá você mais devagar, Alex — disse St. Jacques ofegante. — Agora *você* tem de falar mais claro.

— Não temos tempo, Johnny. Carlos tem um *exército* — *seu* exército — de velhos que morrerão por ele, que matam por *ele*. Não haverá nenhum estranho na praia, *eles* já estão *lá*! Você pode voltar para a ilha?

— De um certo modo, sim! Vou telefonar para meu pessoal. Aqueles dois montes de lixo serão atirados na cisterna!

— *Depressa*, Johnny!

St. Jacques apertou o gancho do velho telefone, soltou-o e ouviu o ruído de linha. Discou o número do Hotel Tranquilidade.

“*Desculpe*”, disse a voz gravada. “*Devido ao mau tempo, as linhas estão com defeito na área que está chamando. O governo está trabalhando arduamente para restaurar as comunicações. Por favor, tente ligar mais tarde. Um bom dia*”.

John St. Jacques desligou com tanta força que quebrou o fone em dois pedaços.

— Um *barco*! — gritou ele. — Arranjem-me um barco veloz!

— Você está louco — disse o ajudante do governador da Coroa, no outro lado da sala. — Com essas ondas?

— Um barco para mar alto, Henry! — disse o irmão devotado, tirando uma automática do cinto. — Ou serei obrigado a fazer algo em que nem quero pensar. Quero um barco.

— Não posso acreditar, meu chapa.

— Eu também não, Henry... Mas estou falando sério.

A enfermeira de Jean Pierre Fontaine ajeitou o cabelo louro na frente do espelho da penteadeira, prendendo-o sob o chapéu preto impermeável. Consultou o relógio, lembrando cada palavra do estranho telefonema que havia recebido há algumas horas de Argenteuil, França, do grande homem que tornava tudo possível.

— Um advogado americano que se diz juiz está hospedado perto de vocês.

— Não sei nada sobre essa pessoa, monsenhor.

— Mas ele está aí. Nosso herói queixou-se da presença dele, com muita razão, e um telefonema para sua casa, em Boston, confirmou sua presença na ilha.

— Quer dizer que essa presença não é desejável?

— Essa presença é abominável para mim. Ele diz que deve muito a mim — uma dívida enorme, um fato que pode destruí-lo — mas suas ações me dizem que é um ingrato, que pretende cancelar essa dívida com uma traição e me traindo ele está traindo vocês também.

— Ele é um homem morto.

— Exatamente. No passado ele foi útil para mim, mas o passado não existe mais. Encontre e mate esse homem. Faça com que pareça um acidente trágico... Finalmente, como não vamos mais nos comunicar até você voltar para a Martinica, está tudo preparado para o último ato que ordenei?

— Está, monsenhor. As duas injeções foram preparadas pelo cirurgião do hospital em Fort-de-France. Ele pediu-me para lhe transmitir sua devoção.

— E está certo. Ele está vivo, ao contrário de dezenas de seus pacientes.

— Não sabem nada sobre sua outra vida na Martinica.

— Estou ciente disso... Administre as doses dentro de 48 horas, quando o caos começar a diminuir. Sabendo que o herói foi invenção minha — o que vou providenciar que saibam — faria inveja a um camaleão.

— Tudo será feito. Estará aqui em breve?

— A tempo para as ondas de choque. Vou partir dentro de uma hora e logo estarei em Antigua e antes do meio-dia em Montserrat, amanhã. Se tudo se processar como calculei, devo chegar a tempo de observar a extrema agonia de Jason Bourne antes de deixar minha assinatura, uma bala na sua garganta. Os americanos saberão então quem venceu. *Adieu.*

A enfermeira, como uma suplicante em êxtase, abaixou a cabeça na frente do espelho lembrando as palavras místicas do senhor onisciente. Estava quase na hora, pensou ela, apanhando entre seus colares na gaveta da cômoda, o garrote de metal com diamantes incrustados, presente do seu mentor. Ia ser tão simples. Já sabia quem era o juiz e onde estava hospedado — o velho extremamente magro, na terceira vila depois da sua. Tudo dependia agora da precisão, o “acidente trágico” seria o prelúdio para o horror que ocorreria na Vila Vinte em menos de uma hora. Todas as vilas do Tranqüilidade tinham lampiões de querosene para quando faltava luz e o gerador enguiçava. Um velho assustado com o intestino solto, ou em pânico, numa tempestade como a dessa noite, podia tentar acender o lampião para se sentir mais seguro. Tragicamente podia cair sobre o querosene derramado e queimar completamente o pescoço, eliminando as marcas do garrote. *Faça isso*, diziam as vozes em sua mente. *Deve obedecer. Sem Carlos você seria um corpo sem cabeça, na Argélia.* Ia fazer — ia fazer agora.

A batida constante e forte da chuva no telhado e nas janelas e o rugido do vento foram interrompidos por um relâmpago cegante e pelo trovão ensurdecedor.

“Jean Pierre Fontaine” chorava silenciosamente, ajoelhado ao lado da cama, com o rosto quase encostado no da mulher, as lágrimas caindo na carne fria do braço dela. Ela estava morta e o bilhete na mão direita, rígida, dizia: *Maintenant nous deux sommes libres, mon amour.*

Estavam ambos livres. Ela da dor terrível, ele do preço exigido pelo monsenhor, um preço que ele não havia contado, mas que a mulher tinha certeza de que seria

terrível. Há meses sabia que sua mulher tinha acesso a comprimidos que podiam acabar com sua vida rapidamente se a dor se tornasse insuportável. Muitas vezes ele os havia procurado exaustivamente, mas nunca conseguiu encontrar. Agora compreendia por que, vendo a latinha das pastilhas favoritas da mulher, as balas que há anos ela levava à boca com um sorriso satisfeito.

— Você deve agradecer, *mon cher*. Podia ser caviar ou uma dessas drogas caras que os ricos usam!

Não era caviar, mas eram drogas, drogas letais.

Ouviu passos. A enfermeira! Ela não devia ver sua mulher! Fontaine levantou-se, enxugou os olhos e correu para a porta. Quando a abriu, a mulher estava com o braço erguido e o punho fechado, pronta para bater.

— *Monsieur!*... O senhor me assustou!

— Acho que nós dois nos assustamos. — Jean Pierre saiu do quarto, fechando a porta rapidamente. — Regine dormiu afinal — murmurou, levando o indicador aos lábios. — Esta tempestade horrível a impediu de dormir grande parte da noite.

— Mas é uma dádiva do céu para nós — para o senhor — não é? Às vezes eu penso que o monsenhor manda na natureza.

— Então, duvido que seja uma dádiva do céu. O céu não é a fonte da influência dele.

— Vamos ao trabalho — disse a enfermeira, sem achar graça, afastando-se da porta. — Está preparado?

— Estarei dentro de alguns minutos — respondeu Fontaine, dirigindo-se para a mesa onde estavam seus instrumentos de morte. Tirou a chave do bolso. — Quer repassar o que devo fazer? — perguntou, voltando-se para a mulher. — Por mim, é claro. Na minha idade, às vezes os detalhes ficam um tanto confusos.

— Sim, eu quero, porque houve uma pequena mudança.

— É *mesmo*? — O velho ergueu as sobrancelhas. — Mudanças de última hora também não são boas na minha idade.

— É só uma questão de tempo, não mais do que um quarto de hora, talvez menos.

— Uma eternidade neste tipo de trabalho — disse Fontaine quando outro relâmpago cortou o céu, acompanhado quase imediatamente pelo trovão, interrompendo a batida da chuva no telhado e nas janelas. — É perigoso sair esta noite. Esse relâmpago foi bem perto.

— Se pensa assim, imagine como devem se sentir os guardas.

— Por favor, a “pequena mudança”. E também uma explicação.

— Não vou dar nenhuma explicação. Direi apenas que é uma ordem de Argenteuil e que você é o responsável.

— O *juiz*?

— Tire suas próprias conclusões.

— Então ele *não* foi mandado para...

— Não vou dizer mais nada. A mudança é a seguinte. Em vez de correr até os guardas da Vila Vinte e pedir assistência urgente para sua mulher, vou dizer que estava voltando da recepção, onde fui reclamar o telefone, e vi fogo na Vila Quatorze, a quarta depois da nossa. Sem dúvida vai haver grande confusão, com a tempestade e todo mundo pedindo socorro. Esse será seu sinal. Aproveite a confusão, entre na vila e faça sair quem quer que ainda esteja lá. Não esqueça do silenciador. Então, volte para dentro e faça o que jurou fazer.

— Então, espero o fogo, e espero que você e os guardas voltem para o número 11.

— Exatamente. Fique na varanda, com a porta fechada, é claro.

— É claro.

— Posso demorar cinco minutos ou talvez vinte, mas você *fica* aqui.

— Naturalmente... Posso perguntar, madame — ou talvez seja mademoiselle, embora eu não veja nenhuma prova...

— O que *é*?

— Vai levar cinco ou vinte minutos para fazer o quê?

— Você é um velho idiota. Fazer o que tem de ser feito.

— É claro.

A mulher abriu a porta, que bateu na parede com a força do vento, saiu para a chuva torrencial, fechando-a. Atônito e confuso, o velho francês ficou imóvel, tentando entender o inexplicável. Tudo estava acontecendo muito depressa para ele, no meio da agonia da morte da sua mulher. Não tinha tempo para chorar, nem tempo para sentir... Só pensar e pensar rapidamente. Uma coisa sobrepunha-se a outra, deixando perguntas sem respostas, perguntas que *tinham* de ser respondidas para que o todo fosse compreendido — para que Montserrat fizesse sentido!

A enfermeira era mais do que mensageira das instruções de Argenteuil. O anjo de misericórdia era na verdade o anjo da morte, uma assassina. Então, *por que* o haviam feito viajar toda aquela distância para fazer o que a outra podia fazer, sem as complicações do seu disfarce de herói e tudo o mais? Um velho herói da França... tudo tão desnecessário. E quanto à sua idade, havia outro — outro homem velho que não era assassino. Talvez tivesse cometido um erro terrível, pensou o falso Jean Pierre Fontaine. Talvez o outro homem, em vez de ter vindo para matá-lo, estivesse ali para *avisá-lo* do perigo que corria!

“*Mon Dieu*”, murmurou o francês. “Os velhos de Paris! O exército do Chacal! Muitas perguntas sem resposta!” Fontaine caminhou rapidamente para o quarto da enfermeira e entrou. Com a rapidez eficiente adquirida em anos de prática, prejudicada apenas um pouco por sua idade, começou a revistar metodicamente o

quarto — mala, armário, roupas, travesseiros, colchão, penteadeira, cômoda, escrivaninha... a escrivaninha. Uma gaveta trancada na escrivaninha — uma gaveta trancada na sala. O “equipamento”. Nada importava agora! Sua mulher estava morta e ele precisava de muitas respostas!

Apanhou o abajur de bronze pesado, que estava sobre a mesa, puxou o fio, desligando-o da tomada, e bateu com ele na gaveta até quebrar a madeira e a fechadura. Abriu a gaveta e olhou para dentro dela com um misto de horror e compreensão.

Numa caixa de plástico forrada estavam duas seringas de injeção com um líquido amarelo. Fontaine não precisava saber que composto químico era aquele. Existiam muitos, bastante eficientes. Morte líquida nas veias.

Não precisava também que lhe dissessem a quem se destinavam. *Côte a côte dans le lit*. Dois corpos lado a lado na cama. Ele e sua mulher, num pacto de morte. O monsenhor havia planejado tudo muito bem! Ele seria morto! Um velho do exército do Chacal, depois de superar todas as medidas de segurança, matava e mutilava as pessoas mais queridas do inimigo de Carlos, Jason Bourne. E naturalmente, atrás de todo esse plano diabólico estava o próprio Chacal!

Ce n'est pas le contrat! Eu, *sim*, mas minha mulher, não! O senhor prometeu! *A enfermeira*. O anjo, não de misericórdia, mas da morte! O homem conhecido no Hotel Tranqüilidade como Jean Pierre Fontaine voltou rapidamente para a sala. Para apanhar seu equipamento.

A enorme lancha de corrida com os dois grandes motores navegava no mar revolto, a maior parte das vezes na crista das ondas e não dentro delas. No pequeno convés inferior, John St. Jacques manobrava o barco entre os recifes perigosos de coral, cuja localização ele sabia de cor, ajudado pelo holofote que iluminava as águas turbulentas, ora a cinco, ora a quinhentos metros da proa. Johnny gritava no microfone que balançava na frente do seu rosto molhado, tentando desesperadamente, contra toda a lógica, comunicar-se com alguém na Ilha Tranqüilidade.

Estava agora a uns quatro quilômetros da ilha, cuja proximidade era anunciada por uma elevação vulcânica coberta de arbustos no meio do mar. A Ilha Tranqüilidade ficava mais próxima de Plymouth do que do Aeroporto de Blackburne e para quem conhecia os recifes e bancos de areia, era alcançada mais rapidamente de barco do que de hidavião, que tinha de sair da parte leste de Blackburne para aproveitar os ventos de oeste que lhe permitiam amerissar perto da ilha. Johnny não sabia por que esses cálculos interferiam agora com sua concentração, a não ser pelo fato de lhe darem a certeza de estar fazendo o melhor possível. *Droga!* Por que tinha de ser sempre o melhor possível e não simplesmente *o melhor*? Não podia falhar mais, não agora, não *nessa noite!* Cristo, ele devia tudo a Mare e David! Talvez mais

ao maluco filho da mãe que era seu cunhado, do que à sua irmã. David, *David* o incrível, um homem cuja existência Johnny às vezes pensava que Marie nem conhecia!

“Você fica quieto, irmãozinho. Eu trato disto”.

“Não pode, David. Eu fiz isso. Eu os matei!”

“Faça o que eu disse. Não interfira”.

“Pedi sua ajuda, não para me tomar o meu lugar”.

“Mas, não está vendo, eu sou você. Eu teria feito a mesma coisa, portanto, para mim, eu sou você”.

“Isso é loucura!”

“Uma parte é. Algum dia eu talvez o ensine a matar limpamente, no escuro. Enquanto isso, ouça os advogados”.

“Suponha que eles percam a causa?”

“Eu o tiro dessa. Eu o levo para longe”.

“Como?”

“Eu mato outra vez”.

“Eu não acredito! Um professor, um homem culto — não acredito, não quero acreditar — você é o marido da minha irmã”.

“Pois então não acredite, Johnny. Esqueça tudo que eu disse, e nunca conte nada à sua irmã”.

“É aquela outra pessoa que existe em você, certo?”

“Marie o ama muito”.

“Isso não é resposta! Aqui, agora, você é Bourne, certo? Jason Bourne!”

“Jamais, em tempo algum, falaremos sobre esta conversa, Johnny. Você compreende?”

Não, ele nunca compreendeu, pensou St. Jacques, enquanto o vento sibilante e os estalidos dos relâmpagos pareciam envolver o barco. Nem quando Marie e David apelaram para seu ego que se desintegrava rapidamente, sugerindo uma nova vida nas ilhas. Capital inicial, haviam dito. Construa uma casa para nós e depois resolva o que quer fazer mais. Dentro de certos limites, nós o financiaremos. Por que eles fizeram isso? Por quê?

Mas não era “eles”, era ele. Jason Bourne.

John St. Jacques havia compreendido na manhã em que o piloto da ilha telefonou avisando que alguém estava fazendo perguntas no aeroporto sobre uma mulher com duas crianças.

Algum dia talvez eu o ensine a matar limpamente, no escuro. Jason Bourne.

Luzes! Estava vendo as luzes de Tranqüilidade. Estava a menos de um quilômetro da praia.

O velho francês cambaleando com as rajadas de vento gelado caminhou sob a

chuva intensa para a Vila Quatorze. Com a cabeça abaixada, os olhos entrecerrados, enxugava o rosto com a mão esquerda, segurando a arma com silenciador na direita. Mantinha a arma atrás do corpo como fazia há muitos anos quando corria pelos trilhos do trem, com as bananas de dinamite numa das mãos, uma Luger alemã na outra, preparado para soltar tudo se aparecesse uma patrulha nazista.

Fosse quem fosse que o esperava agora, eram os boches, para ele. Todos eram boches! Servira aos outros durante muito tempo! Sua mulher estava morta. De agora em diante seria seu próprio patrão, pois nada mais restava além das suas decisões, seus *sentimentos*, seu critério particular do que era certo e errado... E o Chacal estava errado! O apóstolo de Carlos podia aceitar o assassinato da mulher. Podia justificar aquela dívida, mas não as crianças, e certamente não a mutilação dos corpos. Eram atos contra Deus, e ele e sua mulher logo iriam enfrentá-Lo. Precisava criar algumas circunstâncias atenuantes.

Deter o anjo da morte! O que ela estaria *fazendo*? O que *significava* o fogo que ela havia mencionado?... Então, ele viu — uma enorme labareda na Vila Quatorze. Numa das janelas! A janela do quarto da vila cor-de-rosa.

Fontaine chegou ao caminho de lajotas que levava à porta quando uma descarga elétrica do relâmpago fez tremer o solo sob seus pés. Ele caiu, ergueu-se sobre os joelhos e se arrastou para a varanda cor-de-rosa com a porta iluminada pelo clarão das chamas do andar superior. Por mais que puxasse e virasse a maçaneta, não conseguiu abrir a porta. Com dois tiros destruiu a fechadura. Ficou de pé e entrou.

Lá dentro. Os gritos vinham do quarto de dormir. O velho francês lançou-se escada acima, com as pernas trêmulas, a arma na mão direita. Com as forças que lhe restavam, abriu a porta com um pontapé e observou a cena planejada no inferno.

A enfermeira, com o garrote de metal em volta do pescoço do velho, procurava lançar sua vítima sobre o querosene que queimava no chão.

— *Arretez!* — gritou o homem chamado Jean Pierre Fontaine. — *Assez! Maintenant!*

No meio das labaredas que se erguiam e se alastravam, soaram tiros e corpos caíram.

As luzes da praia de Tranqüilidade aproximavam-se e St. Jacques continuava a gritar no microfone.

— Sou *eu*. É St. Jay, atracando! Não atirem!

Mas o elegante barco de corrida foi recebido com uma rajada de metralhadoras automáticas. St. Jacques deitou-se no convés e continuou a gritar.

— Vou atracar — vou subir *na praia!* Suspendam esse maldito fogo!

— É o senhor, *mon?* — disse uma voz apavorada no rádio.

— Quer receber seu ordenado na próxima semana?

— Quero sim, Sr. St. Jay. — Os alto-falantes na praia interrompiam

erraticamente o sibilar do vento e o troar dos trovões que vinham de Basse-Terre. — Todos aí na praia, parem de atirar! O *barco* é dos nossos, *mon*! É do nosso *patrão*, *mon*, o Sr. St. Jay.

O barco saltou da água para a praia escura, os motores rugindo, as hélices atolando na areia molhada, o casco em ponta partindo-se com o impacto. St. Jacques ergueu-se da posição fetal protetora e saltou para a praia.

— *Vila Vinte!* — bradou ele, correndo sob a chuva para os degraus de pedra que levavam ao caminho das vilas. — Todos os homens, para a Vila Vinte!

Quando subia correndo a escada castigada pela chuva e pelo vento, parou de repente com uma exclamação abafada, uma galáxia de estrelas explodindo ante seus olhos com milhares de estrelas de fogo. *Tiros!* Um depois do outro! Na ala oeste! St. Jacques continuou a subir saltando de dois em dois degraus e como um homem possesso correu para a Vila Vinte, virando a cabeça para a direita, confuso, completamente em pânico. Viu várias pessoas — homens e mulheres do hotel — na frente da Vila Quatorze!... Quem estava hospedado lá?... Meu Deus, o juiz! Com os pulmões a ponto de explodir, cada músculo, cada tendão das suas pernas no limite máximo da tensão, St. Jacques chegou à casa da irmã. Passou pelo portão e lançou o corpo contra a porta abrindo-a. Com os olhos arregalados, primeiro de horror, depois com uma dor incalculável, St. Jacques caiu de joelhos, gritando. Na parede branca estava escrito em vermelho vivo, com terrível clareza:

Jason Bourne, irmão do Chacal.

— JOHNNY! JOHNNY, pare com isso! — A voz da irmã vibrou em seus ouvidos. Marie embalava a cabeça dele em um dos braços e com a outra mão segurava seus cabelos, quase arrancando-os. — Você está me *ouvindo*? Nós estamos *bem*, Johnny. As crianças estão em outra vila — estamos *bem*!

Aos poucos conseguiu focalizar os rostos que o rodeavam. Entre eles estavam os dois velhos, um de Boston, o outro de Paris.

— Aí estão *eles*! — gritou St. Jacques, lançando-se para a frente, mas detido por Marie. — Eu mato esses miseráveis!

— *Não*! — exclamou Marie, segurando-o, ajudada pelo guarda negro que o segurava pelo ombro. — Neste momento, são os melhores amigos que nós temos.

— Você não sabe quem eles *são*! — exclamou St. Jacques, tentando se livrar das mãos que o detinham.

— Sim, nós sabemos — disse Marie, em voz mais baixa, com a boca encostada no ouvido dele. — O bastante para que nos levem ao Chacal...

— Eles *trabalham* para o Chacal!

— Um deles trabalhava — disse Marie. — O outro nunca ouviu falar em Carlos.

— Você não compreende — murmurou St. Jacques.

— São os velhos — os velhos de Paris, o *exército* do Chacal! Conklin telefonou para Plymouth e explicou tudo... eles são assassinos!

— Eu já disse, um deles era, mas não é mais. Não tem nenhum motivo para matar, agora. O outro... bem, o outro é um engano, um erro estúpido e ridículo, isso á tudo, e graças a Deus — para ele.

— Tudo isso é loucura...!

— Sim, é loucura — concordou Marie, com um gesto mandando o guarda ajudar o irmão a se levantar. — Venha, Johnny, precisamos conversar.

A tempestade afastou-se como um intruso violento, fugindo na noite, deixando para trás a carnificina da sua fúria. A luz da manhã surgiu no horizonte, revelando através da neblina as ilhas verde-azuladas ao largo de Montserrat. Os primeiros barcos rumaram cautelosamente para as áreas de pesca, pois o que pudessem apanhar significava mais um dia de sobrevivência. Marie, o irmão e os dois velhos estavam sentados à mesa na varanda de uma das vilas. Há quase uma hora estavam ali, tomando café e conversando, dissecando friamente os fatos, falando de coisas horríveis. Havia prometido ao velho falso herói da França cuidar da sua mulher

logo que os telefones voltassem a funcionar. Ele queria enterrá-la na ilha, se fosse possível. Sua mulher na certa compreenderia. Nada mais lhes restava na França a não ser a ignomínia da vala comum. Se fosse possível...

— É possível — disse St. Jacques. — Graças a você minha irmã está viva.

— Graças a mim, meu jovem, ela devia estar morta.

— Seria capaz de me matar? — perguntou Marie, olhando atentamente para o velho francês.

— Não depois que vi o que Carlos tinha planejado para mim e para minha mulher. *Ele* violou o contrato, não eu.

— Antes, então.

— Antes de ver as agulhas, de compreender o que era tão óbvio?

— Sim.

— É difícil dizer. Um contrato é um contrato. Porém, minha mulher estava morta e em parte porque pressentiu o preço terrível que eu teria de pagar. Obedecer às ordens seria negar esse aspecto de sua morte, compreende? Contudo, mesmo ela estando morta, eu não podia deixar de cumprir uma ordem do monsenhor — graças a ele tivemos alguns anos de felicidade relativa... Eu simplesmente não sei. Talvez pensasse que devia a ele a sua vida — sua morte — mas certamente não as duas crianças... e sem dúvida nenhuma a maior parte do resto.

— Que resto? — perguntou St. Jacques.

— É melhor não perguntar.

— Eu acho que você teria me matado — disse Marie.

— Estou dizendo que simplesmente não sei. Não era nada pessoal. Para mim, você não era uma pessoa, mas um item de um contrato comercial... Porém, como já disse, minha mulher estava morta e eu sou um homem velho com pouco tempo para viver. Talvez um olhar seu, uma súplica pela vida dos seus filhos — quem sabe, eu podia virar a arma contra meu peito. Mas, não sei, talvez não.

— Jesus, você é um assassino — disse Johnny em voz baixa.

— Sou muitas coisas, *monsieur*. Não espero perdão neste mundo, mas no outro a coisa é diferente. Sempre houve circunstâncias...

— Lógica dos franceses — observou Brendan Patrick Pierre Prefontaine, ex-juiz do tribunal de primeiro circuito de Boston, num gesto instintivo levando a mão ao ferimento no pescoço, logo abaixo do cabelo branco chamuscado. — Graças a Deus eu nunca tive de argumentar perante *les tribunaux*. Nenhum lado jamais está errado. — O advogado riu baixinho. — Estão vendo aqui um violador da lei, julgado com justiça e com justiça condenado. O único aspecto atenuante dos meus crimes foi o fato de que eu fui apanhado e muitos outros jamais foram e jamais serão.

— Talvez sejamos parentes mesmo, *monsieur le juge*.

— Comparada com a sua, senhor, minha vida se parece muito mais com a de

Santo Tomás de Aquino...

— Chantagem — interrompeu Marie.

— Não, na verdade a acusação foi de conduta ilegal. Aceitar propina para dar decisões favoráveis, esse tipo de coisa... Meu Deus, somos muito rigorosos em Boston! Em Nova York isso é mais do que comum. Deixa-se o dinheiro com o meirinho, para a distribuição.

— Não estou me referindo a Boston. Estou falando do motivo de sua presença aqui. Chantagem, certo?

— Supersimplificada, mas a verdade. Como eu já disse, o homem que me pagou para saber onde a senhora estava me pagou muito mais para guardar a informação em segredo. Nessas circunstâncias, como não tenho uma agenda muito apertada, achei que seria lógico fazer umas investigações. Afinal, se o pouco que eu sabia valia tanto, quanto podia pedir se descobrisse muito mais?

— Está falando com lógica francesa, *monsieur* — observou o francês.

— Uma simples progressão de interrogatório — respondeu o ex-juiz, olhando rapidamente para Jean Pierre antes de se voltar outra vez para Marie. — Entretanto, cara senhora, eu podia ter descoberto uma coisa de grande valor para as negociações com meu cliente. Para falar claro, sua identidade estava sendo guardada em segredo e protegida pelo governo. Um fato de grande força que assustou um homem muito forte e influente.

— Quero o nome dele — disse Marie.

— Nesse caso preciso também de proteção — respondeu Prefontaine.

— O senhor terá...

— E talvez alguma coisa mais — continuou o velho ex-advogado. — Meu cliente não sabe que estou aqui, não tem idéia do que aconteceu. Tudo isso vai reforçar a chama da sua generosidade quando eu lhe contar. Vai morrer de medo só de pensar que pode estar ligado a esses fatos. Além disso, considerando que quase fui morto por aquela amazona teutônica, na verdade, mereço mais.

— Então eu devo ser recompensado por salvar sua vida, *monsieur*?

— Se eu tivesse algo de valor — além do meu conhecimento das leis, que é todo seu —, teria o maior prazer em dividir com o senhor. Se eu receber alguma coisa, isso continua valendo, primo.

— *Merci bien*, primo.

— *D'accord, mon ami*, mas não deixe que as freiras irlandesas nos ouçam.

— O senhor não me parece um homem pobre, juiz — disse John St. Jacques.

— As aparências enganam tanto quanto o título há muito esquecido, que o senhor usou tão generosamente... Devo acrescentar que sou um homem de gostos simples, pois vivo sozinho e meu conforto não exige luxo.

— Então, também perdeu sua mulher?

— Não que seja da sua maldita conta, mas minha mulher me deixou há nove anos, e meu filho de 38 anos, hoje um advogado bem-sucedido de Wall Street, usa o sobrenome dela e quando lhe perguntam, diz que jamais me conheceu. Não o vejo desde que ele tinha dez anos. Compreendem, não convinha a ele.

— *Quelle tristesse.*

— *Quel* bobagem, primo. Aquele garoto herdou minha inteligência, não a cabeça oca da mãe... Porém, estamos divagando. Meu puro sangue francês aqui tem suas razões — obviamente baseadas em traição — para cooperar com vocês. Tenho também fortes motivos para ajudá-los, mas preciso pensar em mim primeiro. Meu idoso novo amigo pode voltar e acabar sua vida em Paris, ao passo que eu só posso voltar para Boston e para as poucas oportunidades que consegui nestes anos para sobreviver. Assim, meus motivos muito válidos para ajudá-los devem ficar em segundo lugar. Com o que sei agora eu não viveria cinco minutos nas ruas de Boston.

— Temos uma pista importante — disse John St. Jacques, olhando fixamente para Prefontaine. — Eu sinto muito, *juiz*, mas não precisamos do senhor.

— *O quê?* — Marie inclinou-se para a frente na cadeira. — Por favor, mano, precisamos de toda ajuda que nos queiram dar.

— Não neste caso. Sabemos quem o contratou.

— *Sabemos?*

— Conklin sabe, e ele disse que é uma brecha, uma abertura. Disse que o homem que a localizou usou um juiz para isso. — St. Jacques balançou a cabeça afirmativamente na direção do ex-juiz de Boston. — Ele. Por isso inutilizei um barco de centenas de milhares de dólares para chegar aqui. Conklin sabe quem é o homem:

Prefontaine olhou para o francês.

— Agora é a hora de dizer *quelle tristesse*, senhor herói. Fiquei sem nada. Minha persistência rendeu-me apenas um pescoço machucado e o couro cabeludo chamuscado.

— Não necessariamente — disse Marie. — O senhor é advogado, portanto não preciso lhe dizer. Corroboração é cooperação. Podemos precisar do senhor para dizer tudo que sabe para certas pessoas em Washington.

— Corroboração pode ser obtida com uma intimação judicial, minha cara. Sob juramento, num tribunal, aceite minha palavra pessoal e profissional.

— Não iremos aos tribunais. Nunca.

— Oh!... Compreendo.

— Não, não compreende, juiz, não neste caso. Entretanto, se concordar em nos ajudar será bem pago... Há pouco disse que tinha fortes motivos para nos ajudar, motivos que deviam ser secundários ao seu bem-estar...

— Por acaso é advogada, minha cara?

— Não, economista.

— Santa Maria, isso é pior... Sobre minhas razões?

— Referem-se ao seu cliente, o homem que o contratou para nos encontrar?

— Exatamente. Sua augusta pessoa — como em César Augusto — devia ser chicoteada. Pondo de lado seu intelecto escorregadio, ele é uma prostituta. Ele foi um jovem promissor, muito mais do que eu jamais lhe disse, mas jogou tudo fora com a procura espalhafatosa do seu próprio Graal.

— De que diabo ele está falando, Mare?

— De um homem com muita influência e poder que não merece, eu acho. Nosso criminoso condenado aqui está falando de moralidade pessoal.

— Palavras de uma economista — observou Prefontaine, mais uma vez tocando a pele esfolada do pescoço. — Uma economista pensando na sua última projeção mal calculada que levou a uma compra ou a uma venda desastrosa na Bolsa de Valores, tendo como resultado perdas que poucos podem enfrentar.

— Minha voz jamais foi tão importante, mas garanto que é um reflexo de muitas outras cujas projeções deram errado, porque jamais arriscaram, ficaram apenas na teoria. É uma posição segura... A sua não é, juiz. Pode precisar da proteção que podemos lhe dar. O que diz?

— Jesus, Maria e José, é uma mulher decidida...

— Tenho de ser — disse Marie, olhando com firmeza para o homem de Boston. — Quero o senhor do nosso lado, mas não vou implorar. Simplesmente deixo-o livre e pode voltar para as ruas de Boston.

— A senhora é ou não advogada — ou talvez o juiz supremo de um grande senhor?

— A escolha é sua. Quero apenas uma resposta.

— Será que alguém pode me dizer que diabo está acontecendo aqui? — exclamou John St. Jacques.

— Sua irmã — disse Prefontaine, olhando ternamente para Marie — conseguiu um recruta. Deixou bem claras as opções, uma coisa que qualquer advogado entende, e a inevitabilidade da sua lógica, além do seu rostinho bonito, coroado por esse cabelo escuro, torna a minha decisão também inevitável.

— O quê...?

— Ele escolheu o nosso lado, Johnny. Esqueça.

— Para que precisamos dele?

— Sem um tribunal, para várias coisas, meu jovem — respondeu o juiz. — Em certas situações, oferecer-se como voluntário não é a melhor coisa, a não ser que se esteja completamente protegido, além do poder dos tribunais.

— Isso está certo, Marie?

— Não está errado, mas depende de Jason — *droga* —, de David.

— Não, Mare — disse John St. Jacques, olhando fixamente para a irmã. — Depende de Jason.

— Esses são os nomes que devo conhecer? — perguntou Prefontaine. — O nome “Jason Bourne” estava escrito na parede da sua vila.

— Minhas instruções, primo — disse o falso — mas não tão falso — herói da França. — Foi necessário.

— Não compreendo... assim como não conheço o outro nome, “Chacal” ou “Carlos”, sobre o qual vocês me interrogaram com tanta brutalidade quando eu nem sabia ainda se estava vivo ou morto. Pensei que o “Chacal” fosse um personagem de ficção.

O velho chamado Jean Pierre Fontaine olhou para Marie e ela balançou a cabeça afirmativamente.

— Carlos, o Chacal, é uma lenda, mas não é ficção. É um assassino profissional agora com uns sessenta anos, doente, segundo dizem, mas dominado ainda por um ódio terrível. É um homem de muitas caras, muitos lados, alguns deles amados por aqueles que têm razão para isso, outros, detestados por aqueles que o consideram a própria essência do mal — e dependendo do ponto de vista todos têm suas razões para estar certos. Eu sou um exemplo do homem que conheceu todos esses lados, mas meu mundo é muito diferente do seu, como você sugeriu. Santo Tomás de Aquino.

— *Merci bien.*

— Mas o ódio que domina Carlos cresce como um câncer no seu cérebro envelhecido. Um homem o obrigou a se expor, um homem o enganou, usurpou seus crimes, roubou o crédito do trabalho do Chacal, uma morte depois da outra, enlouquecendo Carlos quando ele estava tentando corrigir esse engano, tentando manter sua supremacia como o mais perfeito assassino. Esse mesmo homem é responsável pela morte da sua amante — muito mais do que isso, a mulher que era seu ponto de apoio, a amada da sua infância na Venezuela, sua companheira em tudo. Esse homem foi o único, entre as centenas, talvez milhares de outros, enviados por vários governos do mundo, que viu o rosto de Carlos — *como* o Chacal. O homem que fez tudo isso era um produto do Serviço de Inteligência americano, um homem estranho que viveu uma mentira mortal durante três anos. E Carlos não descansará enquanto ele não for punido... e morto. Esse homem é Jason Bourne.

Entrecerrando os olhos, abalado com a história do francês, Prefontaine inclinou-se para a mesa.

— Quem é Jason Bourne? — perguntou.

— Meu marido, David Webb — disse Marie.

— Oh, meu *Deus* — murmurou o juiz. — Quer por favor me dar um drinque?

John St. Jacques chamou:

— Ronald!

— Sim, patrão-mon! — disse de dentro da vila o guarda cujas mãos fortes haviam segurado seus ombros há uma hora na Vila Vinte.

— Por favor, traga uísque e *brandy*. Deve haver bastante no bar.

— É pra já, senhor.

O sol cor de laranja, a leste, incendiou-se de repente, penetrando com seus raios o que restava da neblina da madrugada. O silêncio foi quebrado pelas palavras do francês, ditas em voz baixa com forte sotaque.

— Não estou acostumado a esse tipo de tratamento — disse, olhando para as águas claras do Caribe. — Quando pedem alguma coisa, sempre penso que eu devo servir.

— Isso acabou — disse Marie. E depois de uma pequena hesitação, acrescentou: — Jean Pierre.

— Acho que é possível viver com esse nome...

— Por que não aqui?

— *Qu'est-ce que vous dites, madame?*

— Pense no assunto. Paris não deve ser menos perigoso para o senhor do que as ruas de Boston para nosso juiz.

O citado juiz estava perdido nos seus devaneios. As garrafas e o gelo foram postos sobre a mesa. Sem hesitação, Prefontaine serviu-se de uma dose alentada.

— *Tenho* de fazer uma ou duas perguntas — disse ele. — É possível?

— Vá em frente — respondeu Marie. — Não posso garantir a resposta, mas pergunte.

— Os tiros, as palavras escritas com tinta na parede — meu primo aqui diz que foram escritas por sua ordem...

— Foram, *mon ami*. Os tiros também.

— Por quê?

— Tudo devia ser como eles esperavam. Os tiros foram um elemento adicional para chamar atenção para o que ia acontecer.

— Por quê?

— Uma coisa que aprendemos na Resistência — não que eu tenha sido jamais um “Jean Pierre Fontaine”, mas desempenhei um pequeno papel. Era o que chamavam de *accentuation* —, uma declaração positiva de que o movimento subterrâneo era responsável pela ação. Todos conheciam esse sinal.

— Por que *aqui*?

— A enfermeira do Chacal está morta. Não sobrou ninguém para dizer que suas ordens foram cumpridas.

— Lógica francesa. Incompreensível.

— Bom-senso francês. Incontestável.

— *Por quê?*

— Carlos estará aqui amanhã ao meio-dia,

— Oh, meu *Deus!*

O telefone tocou dentro da vila. John St. Jacques ergueu-se de um salto, mas Marie estendendo o braço na frente do rosto dele, correu para atender.

— *David?*

— É Alex — disse a voz ofegante. — Cristo, estou com este maldito telefone em chamada permanente há três horas! Vocês estão bem?

— Estamos vivos, mas não devíamos estar.

— Os velhos! Os velhos de Paris! Johnny...

— Sim, Johnny *conseguiu*, mas eles estão do nosso lado.

— Quem?

— Os velhos...

— É absurdo o que está dizendo.

— Não, não é. Tudo está sob controle aqui. E *David?*

— Eu não sei! As linhas telefônicas foram cortadas. Tudo está numa confusão! Mande a polícia para lá...

— *Esqueça* a polícia, Alex! — exclamou Marie. — Chame o exército, os fuzileiros, a droga da CIA! Eles nos *devem* isso!

— Jason não permitiria. Não posso ir contra ele agora.

— Muito bem, então veja o que acha disto. O Chacal estará aqui *amanhã*.

— Oh, Jesus! Preciso arranjar um jato para ele, em algum lugar.

— Você tem de fazer *alguma coisa!*

— Você não compreende, Marie. A antiga Medusa reapareceu...

— Pois diga ao meu marido que a Medusa é *história*. O Chacal *não é*, e ele vai chegar aqui amanhã!

— David estará aí. Você sabe disso.

— Sim, eu sei... Porque ele agora é Jason Bourne.

— Br'er Rabbit, isto não está acontecendo trinta anos atrás e você tem trinta anos a mais. Não só vai ser inútil, como um risco se não descansar, se não dormir um pouco. Apague as luzes e tire uma soneca naquele sofá enorme na sala de estar. Eu me encarrego dos telefones, que não vão tocar porque ninguém vai telefonar às 4:00h da manhã.

Jason deixou de ouvir a voz de Cactus quando entrou na sala com as pernas pesadas, as pálpebras fechando-se como portas de chumbo. Deixou-se cair no sofá, erguendo as pernas lentamente, com esforço, uma de cada vez para as almofadas macias. Olhou para o teto. *O descanso é uma arma, batalhas ganhas e perdidas...* Philippe D'Anjou. Medusa. Sua tela interior de imagens se apagou e ele adormeceu.

O som estridente e repetido, ensurdecador e incessante ecoou pela casa como

um furacão de som. Bourne levantou-se de um salto, a princípio desorientado, sem saber onde estava, e por um terrível momento... quem era.

— *Cactus!* — gritou ele, correndo para o corredor.

— *Cactus!* — chamou outra vez, ouvindo a própria voz se perder no ritmo crescente da sirena de alarme. — Onde você *está*?

Nada. Correu para a porta da sala de trabalho, e segurou a maçaneta. Estava trancada! Recuando, investiu com o ombro contra a porta, uma, duas vezes, na terceira com toda a velocidade e força possíveis. A porta rachou, depois cedeu e Jason a derrubou aos pontapés; entrou e o que viu fez com que a máquina assassina, produto de Medusa e de outros fatores, parasse imóvel com uma fúria gelada. À luz da única lâmpada, Cactus estava com metade do corpo sobre a mesa, na mesma cadeira onde havia morrido o general, e seu sangue formava uma poça vermelha no mata-borrão verde — um cadáver... Não, *não* um cadáver! A mão direita se moveu. Cactus estava vivo!

Bourne correu para a mesa e ergueu com cuidado a cabeça do velho homem. O alarme estridente e extremamente forte impedia qualquer comunicação — se é que alguma comunicação era possível. Cactus abriu os olhos escuros e sua mão direita ensangüentada moveu-se sobre o mata-borrão com o dedo indicador curvado batendo sobre a mesa.

— O que *é*? — gritou Jason.

A mão continuou a bater na borda do mata-borrão, mais rapidamente agora.

— Embaixo? Debaixo?

Com movimentos quase imperceptíveis da cabeça, Cactus fez um gesto afirmativo.

— *Debaixo* da mesa! — gritou Bourne, começando a compreender. Ajoelhou no lado direito de Cactus e passou a mão sob a primeira gaveta, depois dos lados. Encontrou! Um botão. Cuidadosamente empurrou a cadeira pesada um pouco para a direita e examinou o botão. Abaixo dele havia uma tira de plástico negro com pequenas letras brancas. A resposta.

Alarme Aux.

Jason apertou o botão e o pandemônio cessou. O silêncio era quase ensurdecedor, a adaptação do ouvido a ele, quase apavorante.

— Como o atacaram? — perguntou Bourne. — Há quanto tempo?... Se não pode falar, apenas murmure, não gaste energia, entendeu?

— Oh, Br'er, você é demais — murmurou Cactus dolorosamente. — Fui um chofer de praça negro em Washington, cara. Já passei por isto antes. Não é fatal, garoto. Tenho uma bala na parte superior do peito.

— Vou chamar um médico imediatamente — nosso amigo Ivan —, mas se você puder, diga-me o que aconteceu, enquanto eu o deito no chão e verifico o ferimento.

— Lenta e cuidadosamente Jason tirou Cactus da cadeira e o deitou sobre o tapete ao lado da janela. Rasgou a camisa e viu o ferimento no ombro esquerdo. Com movimentos rápidos Bourne fez a camisa em tiras e passou ataduras firmes sob o braço e sobre o ombro do homem ferido.

— Não é grande coisa — disse Jason — mas vai servir por algum tempo. Conte agora.

— Ele está *lá* fora, Br'er. — Com uma tosse fraca, ele continuou. — Tem uma maldita Magnum 57 com silenciador. Ele atirou através da janela, depois quebrou o vidro e entrou... Ele... ele...

— Calma! Não fale, está tudo bem...

— Preciso. Os irmãos lá fora não estão armados. Ele vai pegar um por um!... Fingi que estava morto e ele estava com pressa — oh, com uma pressa *daquelas*! Olhe ali — Jason virou a cabeça na direção indicada por Cactus. Uns dez ou mais livros tinham sido tirados da estante e jogados no chão. O velho continuou com voz cada vez mais fraca.

— Ele revistou a estante de livros em pânico, até encontrar o que procurava... depois foi para a porta, com aquela 57 pronta para o que desse ou viesse, se entende o que quero dizer... Pensei que estava atrás de você, que tinha visto pela janela quando você foi para a sala, e pode crer, eu comecei a empurrar meu joelho direito como um animal assustado porque tinha visto aquele botão e sabia que tinha de deter o homem...

— Calma!

— Tenho de contar... Se eu movesse as mãos ele veria, mas meu joelho bateu naquele botão e o alarme quase me fez pular da cadeira... O filho da mãe se descontrolou. Bateu a porta, trancou, e saiu correndo pela janela. — Cactus inclinou a cabeça para trás, dominado pela dor e pelo cansaço.

— Ele está lá fora, Br'er Rabbit...

— Isso é o bastante! — ordenou Bourne. Com gestos lentos, apagou a lâmpada da mesa, deixando a sala iluminada apenas pela luz fraca que vinha do corredor. — Vou chamar Alex para que ele mande o médico...

De repente, em algum lugar lá fora soou um grito estridente, um rugido de espanto e de angústia que Jason conhecia muito bem. Cactus também sabia o que era e murmurou, de olhos fechados.

— Ele pegou um. Aquele filho da mãe pegou um dos meus irmãos!

— Vou falar com Conklin — disse Jason, apanhando o telefone. — Depois vou lá fora *pegá-lo*... Oh, Cristo! O telefone está mudo! A linha foi cortada!

— Aquele bandido conhece bem a casa.

— Eu também conheço, Cactus. Fique o mais quieto possível. Volto para tirá-lo daqui...

Outro grito, mais baixo, mais brusco, mais uma explosão de ar do que um rugido.

— Que o doce Jesus me perdoe — murmurou o velho negro penosamente. — Só falta um irmão.

— Se alguém deve ser perdoado sou *eu* — exclamou Bourne com voz rouca, embargada. — *Malditos!* Eu juro, Cactus, jamais pensei que pudesse acontecer uma coisa destas.

— É claro que não. Eu o conheço dos velhos tempos, Br'er, e nunca o vi pedir a ninguém para se arriscar por você... Sempre foi o contrário...

— Vou levar você para perto da mesa — interrompeu Jason, começando a puxar o tapete e colocando Cactus de modo a alcançar com a mão esquerda o botão de alarme. — Se ouvir ou vir qualquer coisa, ou se *sentir* algo, aperte o botão.

— Onde você vai? Quero dizer, como?

— Para outra sala. Vou sair por outra janela.

Bourne passou pela porta em pedaços e correu para a sala de estar. Na outra extremidade havia uma porta de vidro que abria para um pátio externo. Lembrou-se de ter visto móveis de jardim brancos, de ferro, no lado sul da casa quando estava com os guardas. Abriu a porta e saiu, tirando a automática do cinto. Fechou uma folha da porta de vidro e agachado dirigiu-se para a cerca viva na borda do gramado. Tinha de se movimentar *rapidamente*. Não só uma vida estava em perigo, a vida de um desconhecido, que nada tinha a ver com o que estava acontecendo, como também lá fora estava um assassino que podia servir de atalho para Jason chegar à nova Medusa, e esses crimes eram sua isca para o Chacal! Uma diversão, um ímã, uma armadilha — foguetes *sinalizadores* —, parte do seu equipamento. As duas *velas* de emergência estavam no bolso esquerdo traseiro da sua calça. Tinham 12 centímetros de comprimento e sua luz podia ser vista a quilômetros de distância. As duas juntas, acesas uma depois da outra, dariam para iluminar toda a propriedade de Swayne como poderosos holofotes. Uma no lado sul, outra ao lado dos cães, talvez acordando os cães drogados, assustando-os, enfurecendo-os. — Faça isso! *Depressa!*

Jason atravessou o gramado olhando atento para todos os lados, imaginando onde estaria o assassino e como a presa inocente trazida por Cactus estava fugindo dele. Um tinha experiência, o outro não, e Bourne não podia permitir que a vida dele fosse desperdiçada sem nenhum motivo.

Aconteceu! Foi descoberto! Duas balas da arma com silenciador zumbiram no ar, uma de cada lado dele. Jason chegou à parte sul da entrada circular de veículos e mergulhou na folhagem. Tirou um sinalizador do bolso, pôs a arma no chão, acendeu o pavio com o isqueiro e atirou o bastão crepitante para a direita. O sinalizador caiu no caminho aberto. Dentro de segundos começaria a soltar sua chama cegante. Jason

correu para a esquerda sob os pinheiros, na direção dos fundos da propriedade com o isqueiro e o segundo sinalizador numa das mãos e a automática na outra. Estava paralelo aos canis. O sinalizador no caminho explodiu com chamas branco-azuladas. Jason acendeu o segundo e o atirou para a frente. O foguete caiu a quarenta metros dos canis. Bourne esperou.

O segundo sinalizador explodiu e duas bolas de luz clara iluminaram a casa e o terreno no lado sul. Três cães começaram a gemer baixinho, depois tentaram uivar. Logo sua fúria e sua confusão seriam ouvidas. Uma *sombra*. Contra o muro do lado oeste da casa branca — estava *se movendo*, iluminada pela luz do sinalizador, entre os canis e a casa. O vulto correu para a proteção da cerca viva. Agachou e ficou imóvel, sua silhueta nitidamente delineada entre a folhagem. Seria o assassino ou o seu alvo, o último “irmão” recrutado por Cactus?... Só tinha um meio de saber e no caso de ser o assassino e se ele fosse bom atirador, não era a melhor tática, mas era a mais rápida.

Bourne saltou do meio dos arbustos, gritando e expondo-se completamente, atirando-se para a direita. No último instante, firmou o pé na terra macia e girou o corpo, abaixando-se e mergulhando para a esquerda. Teve a sua resposta. Mais dois tiros, dois estalidos no ar e as balas enterraram-se na terra à sua direita. O assassino era bom, talvez não um especialista, mas era bom. Um 357 tem seis balas. Cinco já haviam sido usadas, mas ele tivera tempo suficiente para recarregar. Outra estratégia... *Depressa!*

De repente apareceu outro vulto. Um homem corria pelo caminho na direção dos fundos da casa de Flannagan. Estava em campo aberto — podia ser morto!

— Aqui, seu filho da mãe! — gritou Jason, saltando e atirando às cegas na cerca viva ao lado da casa. Então teve outra resposta, esta mais satisfatória. Um único tiro com silenciador, um único estalido no ar e nada mais. O assassino não havia recarregado a arma! Talvez não tivesse mais munição — *fosse o que fosse*, o alvo principal estava agora a salvo. Bourne saiu apressadamente dos arbustos e atravessou o gramado na direção da luz dos sinalizadores. Agora os cães estavam acordados e os ganidos e rosnados de ataque ficavam cada vez mais altos. O assassino saiu da cerca viva para o caminho, correndo de uma sombra para outra na direção dos portões. O miserável estava em suas mãos, Jason *sabia*. Os portões estavam fechados, o medusiano encurralado. Bourne rugiu.

— Não tem saída, Mulher Serpente! Facilite as coisas para você...

Um zumbido, um estalo. O homem tinha recarregado enquanto corria! Jason atirou e o homem caiu no caminho. Nesse momento o silêncio intermitente da noite foi rasgado pelo som de um motor de alta potência e o veículo apareceu na estrada no outro lado dos portões com as luzes vermelhas e azuis girando na noite. A *policial* O alarme devia ter chegado ao quartel da polícia em Manassas, uma

possibilidade que não havia ocorrido a Bourne. Pela lógica, tal medida não combinava com as atividades de Medusa. A segurança era *interna*, a Mulher Serpente não admitiria intrusão de qualquer força externa. Havia muita coisa escondida naquela propriedade, muita coisa que devia ser mantida em segredo — era um *cemitério*!

O assassino retorcia-se no caminho, rolando para a fila de pinheiros, segurando alguma coisa. Jason aproximou-se dele quando dois policiais desceram da radiopatrulha no outro lado do portão. Com um pontapé Bourne fez o homem soltar o que segurava e abaixou-se para apanhar. Era um livro encadernado com couro, parte de uma coleção, como um volume de Dickens ou Thackeray, com as letras em ouro, mais para adorno do que para ser lido. Era *loucura*! Então virou uma página e viu que não se tratava de loucura nenhuma. Não havia nada impresso no livro, apenas notas escritas a mão. Era um diário, um *livro razão*!

A polícia não devia entrar nisso. Especialmente agora. Não podia saber que ele e Conklin haviam invadido a Medusa. O livro que tinha na mão não devia ser visto por ninguém. O Chacal era *tudo*! Tinha de se *livrar* dos policiais.

— Recebemos um chamado — disse o patrulheiro de meia-idade, caminhando para o portão, acompanhado do outro policial mais jovem. — O homem estava nervoso à beca. Estamos atendendo, mas como eu disse ao homem da seção de chamados, sempre há festas barulhentas por aqui, sem querer criticar, *senhor*. Nós todos gostamos de nos divertir um pouco uma vez ou outra, certo?

— Absolutamente certo — respondeu Jason, tentando controlar a respiração ofegante e dolorosa. Olhou de soslaio para o assassino ferido — o homem tinha *desaparecido*! — Tivemos falta de luz por alguns instantes, o que de algum modo interferiu nas linhas telefônicas.

— Acontece sempre — confirmou o policial mais moço. — Chuvas repentinas e relâmpagos de verão. Algum dia vão resolver colocar os cabos sob a terra. Minha família tinha uma casa...

— O caso — interrompeu Bourne — *é* que tudo já voltou ao normal. Como podem ver, algumas luzes da casa já estão acesas.

— Não vejo nada com a luz daqueles sinalizadores — disse o jovem.

— O general sempre toma as maiores precauções — explicou Jason. — Acho que considera seu dever — acrescentou. — Seja como for, tudo já está — como eu disse — voltando ao normal. Certo?

— Tudo bem para mim — respondeu o mais velho —, mas tenho um recado para alguém chamado Webb. Ele está aí?

— Eu sou Webb — disse Jason, alarmado.

— Isso facilita as coisas. Deve telefonar imediatamente para um “Senhor Conk”. É urgente.

— Urgente?

— Uma emergência, foi o que nos disseram. Recebemos a mensagem pelo rádio do carro.

Jason ouviu o barulho da cerca de metal no limite da propriedade de Swayne. O assassino estava fugindo!

— Bem, os telefones estão ainda enguiçados... Tem um no seu carro?

— Não para uso pessoal, senhor, sinto muito.

— Mas acabou de dizer que é uma emergência.

— Bem, acho que, como o senhor é hóspede do general, posso permitir. Porém, se for interurbano, acho bom ter o número do seu cartão de crédito.

— Oh, meu *Deus* — Bourne abriu o portão e correu para a radiopatrulha quando o alarme foi ativado novamente dentro da casa — ativado e imediatamente desligado. Aparentemente o irmão sobrevivente havia encontrado Cactus.

— Que diabo foi *aquilo*? — gritou o policial mais jovem.

— *Esqueça!* — gritou Jason, saltando para dentro do carro e tirando o tão conhecido telefone de patrulha do gancho. Deu o número de Alex na Virgínia para o telefonista da polícia e ficou repetindo. *É uma emergência, é uma emergência.*

— Sim? — atendeu Conklin, falando com o telefonista da polícia.

— Sou eu!

— O que *aconteceu*?

— Muito complicado para contar agora. Qual é a emergência?

— Seu jato particular está no Aeroporto de Reston.

— Reston? Isso fica ao norte daqui...

— O campo em Manassas não tem equipamento necessário. Estou mandando um carro para você.

— *Por quê?*

— Tranquilidade. Marie e as crianças estão bem, estão *bem!* Ela está controlando tudo.

— Que diabo *significa* isso?

— Vá para Reston que eu explico.

— Quero saber *mais!*

— O Chacal chega hoje em Montserrat, de avião.

— Jesus Cristo!

— Arrume as coisas aí e espere o carro.

— Vou usar este mesmo!

— *Não!* A não ser que queira estragar tudo. Temos tempo. Termine as coisas aí, primeiro.

— Cactus... está ferido — levou um tiro.

— Vou telefonar para Ivan. Ele vai voltar correndo.

— Só sobrou um irmão — só *um*, Alex. Eu matei os outros dois — fui responsável por suas mortes.

— Pare com isso. *Pare!* Faça o que tem de fazer.

— Para o diabo com você! Eu *não posso!* Alguém tem de estar aqui e eu não *estarei!*

— Tem razão. Há muita coisa nessa casa que não queremos que ninguém saiba e você tem de estar em Montserrat. Eu vou com o carro e fico no seu lugar.

— Alex, diga-me o que aconteceu em *Tranqüilidade*.

— Os velhos... seus velhos de Paris, foi isso que aconteceu.

— Eles estão mortos — disse Jason Bourne em voz baixa e inexpressiva.

— Não se apresse. Eles mudaram de lado — pelo menos foi o que entendi. O verdadeiro mudou de lado e o outro foi um engano mandado por Deus. Estão do nosso lado agora.

— Eles estão sempre de um só lado, o lado do Chacal! Você não os conhece.

— Você também não. Escute o que sua mulher tem para contar. Mas agora volte para casa e escreva tudo que eu preciso saber... E, Jason, preciso dizer uma coisa. Espero em Deus que você encontre a solução do seu problema — do *nosso* problema — em *Tranqüilidade*. Porque, considerando tudo, incluindo a minha vida, não posso manter este caso da Medusa somente ao nosso nível por muito tempo. Acho que você sabe disso.

— Você *prometeu*.

— Trinta e seis horas, Delta.

No bosque, do outro lado da cerca, um homem ferido estava agachado com o rosto encostado no metal azul. À luz dos faróis ele viu o homem alto entrar no carro da polícia, depois sair e agradecer nervosamente aos policiais. Mas não permitiu que eles entrassem na propriedade.

Webb. O assassino ouvira o nome. *Webb*.

Era tudo que eles precisavam saber. Tudo que a Mulher Serpente precisava saber.

— MEU DEUS, como eu te amo! — disse David Webb, no telefone público do Aeroporto de Reston, na Virgínia. — O pior foi a espera. Esperar para falar com você, para ouvir de *você* que estava bem.

— O que acha que eu senti, querido? Alex disse que as linhas telefônicas tinham sido cortadas e que ele ia mandar a polícia. Eu disse que ele devia mandar o exército inteiro.

— Não podemos permitir nem a intervenção da polícia, nada oficial no momento. Conklin me prometeu pelo menos mais 36 horas... Talvez nem precisemos de tanto agora. Não com o Chacal em Montserrat.

— David, o que aconteceu? Alex falou em Medusa...

— É uma confusão, e ele está certo, temos de procurar ajuda de cima. *Ele*, não nós. Nós ficamos de fora. Bem longe.

— O que *aconteceu*? — repetiu Marie. — O que a velha Medusa tem a ver com tudo isto?

— Há uma nova Medusa — na verdade, uma extensão da antiga — e é grande, feia e assassina, eles matam. Eu vi esta noite. Um dos seus assassinos tentou me matar, depois de pensar que tinha liquidado Cactus e de assassinar dois homens inocentes.

— Meu *Deus*! Alex me falou de Cactus, mas sem detalhes. Como está seu tio Remus?

— Vai viver. O médico da Agência levou Cactus e o irmão sobrevivente com ele.

— Irmão?

— Conto quando chegar aí... Conklin está lá agora. Vai tomar conta de tudo e mandar consertar o telefone. Ligo para ele de Tranqüilidade.

— Você está exausto.

— Estou cansado, mas não sei por quê. Cactus insistiu para que eu dormisse um pouco e acho que apaguei por uns 12 minutos.

— Deve estar muito cansado, meu pobre querido.

— Gosto do tom da sua voz, das palavras mais ainda. Só que não sou pobre. Você se encarregou disso em Paris, há 13 anos. — O silêncio de Marie o alarmou. — O que foi? Você está bem?

— Não sei — respondeu Marie com uma suavidade que desmentia seus sentimentos. — Você diz que esta nova Medusa é grande e feia e que tentou matá-lo

— eles tentaram matá-lo.

— Mas não mataram.

— Mas eles, ou a Medusa, querem a sua morte. Por quê?

— Porque eu estava lá.

— Você não mata um homem só por ele estar na *casa* de alguém...

— Muita coisa aconteceu naquela casa esta noite. Alex e eu penetramos no círculo de segredos deles e eu fui visto. A idéia era atrair o Chacal, fazendo com que alguns bandidos ricos e muito famosos da velha Saigon o contratassem para me matar. Era uma estratégia perfeita, mas ultrapassou nosso controle.

— Meu Deus, David, você não compreende? Você é um homem marcado! Eles *próprios* vão procurar eliminá-lo.

— Como? O assassino de Medusa que estava na casa não viu meu rosto, e *eles* não têm idéia de quem eu sou. Sou uma pessoa inexistente que desaparece de um momento para o outro... Não, Marie, se Carlos aparecer e eu puder fazer o que *sei* que posso, em Montserrat, estaremos livres. Para usar uma frase feita, “finalmente livres”.

— Sua voz também muda.

— O quê?

— Muda sim, estou percebendo.

— Não sei do que está falando — disse Jason Bourne. — Estão me chamando. O avião chegou. Diga ao Johnny para manter os dois velhos sob vigilância!

A notícia rolou por Montserrat como neblina levada pelo vento. Acontecera alguma coisa horrível na Ilha da Tranqüilidade.

“Maus tempos, *mon...*” “O malvado *obeah* veio da Jamaica, passando pelas Antilhas, trazendo morte e loucura...” “E sangue nos muros da morte, *mon*, uma maldição sobre a família de um animal...” “*Shh!* Havia uma gata e dois gatinhos...!”

E outras vozes diziam... “Senhor, faça com que a notícia não se *espalhe*. Pode arruinar o turismo que criamos!...” “Nunca aconteceu nada parecido antes — um acidente isolado, sem dúvida relacionado com drogas, trazidas de outras ilhas!...” “Verdade, *mon!* Ouvi dizer que era um homem louco, com o corpo cheio de drogas...” “Disseram que um barco veloz como o vento o levou para o mar. Ele se foi!...” “Fiquem calados, estou dizendo! Lembram-se das Virgens? O massacre de Fountainhead? Levaram anos para se refazer dos prejuízos. *Quietos!*”

E uma voz isolada. “É uma armadilha, senhor, e se der certo, como acreditamos que dará, seremos as grandes figuras das Antilhas, os heróis do Caribe. Será positivamente maravilhoso para a nossa imagem. Lei e ordem e tudo o mais”.

— Graças a Deus! Alguém morreu?

— Uma pessoa, e ela estava no ato de tirar a vida de um homem.

— *Ela?* Meu Deus, não quero ouvir mais qualquer palavra até que tudo esteja

terminado.

— É melhor o senhor evitar qualquer comentário.

— Ótima idéia. Vou sair de barco, está dando muito peixe depois da tempestade.

— Excelente, senhor. E eu o informo dos acontecimentos pelo rádio.

— Talvez seja melhor não fazer isso. Podem interceptar a transmissão.

— Minha intenção era poder aconselhá-lo quando voltar — para que possa aparecer no momento mais vantajoso. Eu o informarei, é claro.

— Sim, é claro. Você é um bom homem, Henry.

— Muito obrigado, governador da Coroa.

Às 10:00h da manhã estavam todos reunidos, mas com pouco tempo para conversar. Bastava o consolo de estarem juntos, a salvo e juntos, certos de que sabiam coisas que o Chacal ignorava e que isso representava uma vantagem enorme. Porém, era apenas uma vantagem, não uma garantia, não quando se tratava de Carlos. Jason e St. Jacques decidiram que Marie e as crianças deviam ir de avião para a Ilha de Guadalupe em Basse-Terre. Ficariam com a governanta, a Sra. Cooper, sob guarda rigorosa, até serem chamadas de volta a Montserrat. Marie foi contra a idéia, mas suas objeções encontraram apenas o silêncio. As ordens do marido foram dadas de forma brusca e fria.

— Vocês vão partir porque tenho um trabalho para fazer. Não discutiremos mais o assunto.

— É a Suíça outra vez... Zurique de novo, não é, *Jason*?

— Pode ser o que você quiser — respondeu Bourne, preocupado com a demora dos três na ponte de embarque, com os dois hidraviões esperando na água. Jason viajara num deles diretamente de Antigua para Tranqüilidade. O outro estava abastecido para a viagem a Guadalupe e a Sra. Cooper e as crianças já haviam embarcado.

— Apresse-se, Marie — acrescentou Bourne. — Quero organizar as coisas com Johnny e depois interrogar aqueles dois montes de lixo.

— Não são montes de lixo, David. Graças a eles estamos vivos.

— Por quê? Porque falharam e tiveram de mudar de lado para salvar a pele?

— Isso não é justo.

— É justo até eu resolver o contrário e eles são lixo até me convencerem de que não são. Você não conhece os velhos do Chacal. Eu conheço. São capazes de dizer qualquer coisa, mentir e se humilhar, e se você olha para o outro lado, enfiam uma faca nas suas costas. Ele os *possui* — corpo, mente e o que resta das suas almas... Agora, entre naquele avião, estão à sua espera.

— Você não quer ver as crianças, dizer ao Jamie que...

— *Não*. Não há tempo! Leve-a daqui, Johnny. Quero verificar a praia.

— Eu já verifiquei tudo, David — disse St. Jacques quase como um desafio.

— *Eu* vou dizer se você verificou ou não — respondeu Bourne asperamente, caminhando furioso para a extensão de areia e acrescentando em voz alta, sem olhar para trás: — Vou lhe fazer uma porção de perguntas e espero que tenha a resposta!

St. Jacques ficou tenso, deu um passo à frente, mas a irmã o deteve.

— Esqueça, Johnny — disse ela com a mão no braço do irmão. — Ele está assustado.

— Está o *quê*? Ele é um maldito filho da mãe, isso é o que ele é!

— Sim, eu sei.

John olhou para Marie.

— O estranho de quem você falou ontem à noite?

— Isso mesmo, mas muito pior agora. Por isso ele está assustado.

— Não compreendo.

— Ele está mais velho, Johnny. Tem cinquenta anos agora e não está certo de poder fazer as coisas que fazia antes, anos atrás — durante a guerra, em Paris, em Hong Kong. Tudo isso o está atormentando porque ele sabe que tem de ser melhor do que nunca.

— Acho que pode.

— Sei que será, pois tem um motivo muito forte. A mulher e dois filhos foram tirados dele uma vez. Jason mal se lembra deles, mas são o ponto central do seu tormento. Mo Panov acredita nisso e eu também... Agora, anos mais tarde, outra mulher e outros filhos são ameaçados. Cada nervo do seu corpo deve estar em chamas.

De repente a voz de Bourne soou a dez metros de distância, através das brisas do mar.

— Droga, eu mandei andar *depressa!*... E você, *Sr. Entendido*, estou vendo um recife de coral lá adiante com a sombra de um banco de areia atrás dele. Já *pensou* nisso?

— Não responda, Johnny. Vamos para o avião.

— Um banco de areia? De que diabo ele está falando?... Oh, meu Deus, *eu sei!*

— Pois eu não — disse Marie, enquanto caminhavam rapidamente pelo pontão de embarque.

— Oitenta por cento da ilha são circundados por recifes de coral. No que se refere a esta praia, são 95%. Eles servem como quebra-ondas, por isso chama-se Tranquilidade. Não temos ondas na praia.

— E daí?

— Daí que se alguém estiver usando um tanque de ar debaixo d'água não vai se arriscar a bater num recife de coral, mas pode subir num banco de areia que esteja na frente do recife. Pode observar a praia e os guardas e aproximar-se quando

o campo estiver livre, esperando dentro d'água, a poucos metros da praia, até poder dominar um guarda. Nunca pensei nisso.

— *Ele* pensou, Johnny.

Bourne estava sentado numa ponta da mesa, com os dois homens no sofá à sua frente, John de pé ao lado da janela que dava para a praia.

— Por que eu, por que *nós* íamos mentir para o senhor? — perguntou o herói da França.

— Porque tudo isso parece uma farsa clássica francesa. Nomes semelhantes, mas diferentes, uma porta abrindo-se enquanto a outra se fecha, pessoas parecidas que desaparecem e reaparecem no momento certo. Isso fede, cavalheiros.

— O senhor é por acaso estudioso de Molière ou Racine...?

— Sou *estudioso* de coincidências estranhas, especialmente quando se trata do Chacal.

— Não acho que haja qualquer semelhança entre nós dois — disse o juiz de Boston. — A não ser, talvez, nossas idades.

O telefone tocou e Jason o atendeu imediatamente.

— Sim?

— Tudo confere em Boston — disse Conklin. — O nome dele é Prefontaine, Brendan Prefontaine. Era juiz federal do primeiro circuito e foi apanhado durante uma devassa do governo e condenado por conduta ilegal na profissão — o que significa o recebimento de subornos muito altos. Foi condenado a 21 anos e cumpriu dez, o suficiente para arrasar com sua vida sob todos os aspectos. É o que chamam de alcoólatra funcional, uma figura conhecida nas áreas mais desprivilegiadas de Bean's Town, mas inofensivo — na verdade, muita gente gosta dele, de um modo um tanto deturpado. É considerado um homem brilhante quando está sóbrio e muitos acusados não teriam sido absolvidos e outros estariam cumprindo penas mais longas se não fosse por seus conselhos profissionais. Pode-se dizer que é advogado não oficial dos salões de bilhar, bares e provavelmente de armazéns... Uma vez que estive no mesmo barco, no que se refere à bebida, posso dizer que me parece um homem correto. Está enfrentando a situação muito melhor do que eu enfrentei.

— Você desistiu.

— Se eu tivesse sucesso naquela zona intermediária, não teria desistido. Em muitas ocasiões o álcool ajuda muito.

— E o cliente dele?

— Impressionante, e nosso ex-juiz era assistente da cadeira de direito em Harvard, e foi professor de Gates em duas matérias. Não há dúvida alguma. Prefontaine conhece o homem... Confie nele, Jason. Não tem motivo para mentir. Estava simplesmente atrás de mais dinheiro.

— Você está vigiando o cliente?

— Com toda a munição silenciosa do meu arsenal particular. Ele é nosso elo com Carlos... A conexão Medusa era uma pista falsa, uma tentativa idiota de um general idiota do Pentágono de colocar alguém dentro do círculo legal de Gates.

— Tem certeza disso?

— Agora tenho. Gates é um consultor muito bem pago de uma firma de advocacia encarregada da megadefesa de um construtor que está sendo investigado pela comissão antitruste. Ele nunca retribuía os telefonemas de Swayne. Se o fizesse seria mais burro do que o general e isso ele não é.

— Amigo, esse problema é seu, não meu. Se tudo sair como eu espero por aqui, não quero nem ouvir falar na Mulher Serpente. Na verdade, não me lembro de *ter ouvido* nada a esse respeito.

— Obrigado por jogar para cima de mim — e de certo modo, acho que agradeço mesmo. A propósito, o caderno de escola primária que você tirou do atirador em Manassas tem algumas coisas interessantes.

— Sim?

— Lembra-se daquelas três pessoas que há oito meses chegaram a Filadélfia de avião no mesmo dia e por coincidência hospedaram-se no Mayflower na mesma ocasião?

— Sim, eu me lembro.

— Os nomes estão no caderninho espiral de Swayne. Não tinham nada a ver com Carlos. São da Medusa. O caderno é uma verdadeira mina de informações esparsas.

— Não estou interessado. Use todas com bastante saúde.

— Vamos usar e muito discretamente. Aquele caderninho logo vai estar na lista da literatura mais procurada.

— Fico feliz por você, mas tenho muito que fazer.

— E recusa qualquer ajuda?

— Definitivamente. Estou esperando por isso há dez anos. É como eu disse no começo, um contra um.

— *High Noon*, seu grande idiota.

— Não, a extensão lógica de um jogo de xadrez muito intelectual. O jogador com a melhor armadilha ganha, e eu tenho essa armadilha porque *estou usando a dele*. Carlos perceberia qualquer coisa diferente.

— Nós o treinamos bem demais, professor.

— E eu agradeço por isso.

— Boa caçada, Delta.

— Adeus.

Bourne desligou o telefone e olhou para os dois velhos patéticos no sofá.

— Você passou num teste superficial, juiz — disse ele para Prefontaine. —

Quanto a você, “Jean Pierre”, o que posso dizer? Minha mulher, admitindo que você a teria matado sem a menor hesitação, diz que devo confiar em você. Nada disso faz muito sentido, certo?

— Eu sou o que sou e fiz o que fiz — disse o ex-advogado com dignidade. — Mas meu cliente foi longe demais. Sua pessoa magisterial deve acabar em cinzas.

— Minhas palavras não são tão bonitas como as do meu culto e novo amigo — disse o velho herói da França. — Mas sei que os assassinatos devem parar. Foi o que minha mulher tentou me dizer. É claro que pareço hipócrita, pois o assassinato não me é estranho, portanto só posso dizer que *este* tipo de assassinato deve parar. Não há qualquer contrato de negócio nele, qualquer ganho com o crime, existe apenas a vingança de um homem doente e louco que exige a morte desnecessária de uma mulher e dos seus filhos. Qual o lucro nisso tudo?... Não, o Chacal foi longe demais. Ele também deve ser exterminado.

— É o raciocínio mais frio que já *ouvi!* — exclamou John St. Jacques, ao lado da janela.

— Acho que escolheu muito bem as palavras — disse o ex-juiz para o bandido de Paris. — *Très bien.*

— *D'accord.*

— Pois eu acho que estou completamente doido ao me unir a vocês — disse Jason Bourne. — Mas no momento não tenho escolha... São 11:35h, cavalheiros. Nosso tempo está passando.

— Nosso tempo? — perguntou Prefontaine.

— O que vai acontecer, seja lá o que for, acontecerá nas duas, cinco, dez ou 24 horas seguintes. Vou voltar para o Aeroporto de Blackburne, onde pretendo representar o papel do marido e pai ensandecido pela perda da mulher e dos filhos. Não vai ser difícil, eu garanto, vai ser um espetáculo e tanto... Vou exigir um vôo imediato para Tranqüilidade e quando chegar aqui haverá caixões de pinho no cais, supostamente contendo minha mulher e meus filhos.

— Tudo como devia ser — disse o francês. — *Bien.*

— Muito *bien* — concordou Bourne. — Então eu insisto para que abram um dos caixões, dou um grito, desmaio ou faço as duas coisas, dependendo do momento. Quem estiver observando não vai se esquecer. St. Jacques vai procurar me controlar — seja duro, Johnny, convincente —, e finalmente me levam para outra vila, a mais próxima da escada que leva à praia no lado leste... Então começa a espera.

— Pelo tal de Chacal? — perguntou o homem de Boston. — Ele vai saber onde você está?

— É claro. Muita gente, incluindo o pessoal do hotel, vai ver para onde Johnny me leva. O Chacal vai descobrir, é brincadeira de criança para ele.

— Então vai esperar por ele, *monsieur*? Acha que o monsenhor vai cair nessa armadilha? *Ridicule!*

— De modo nenhum, *monsieur* — respondeu Jason com calma. — Para começar, não estarei lá, e quando ele descobrir isso, eu o terei encontrado.

— Pelo amor de Deus, *como?* — St. Jacques quase gritou.

— Porque sou melhor do que ele — respondeu Jason Bourne. — Sempre fui.

O cenário foi armado de acordo com os planos. O pessoal no Aeroporto de Montserrat fervia ainda de raiva por causa das ofensas gritadas pelo americano histórico que os acusou de assassinato, de permitir que sua mulher e seus filhos fossem mortos por terroristas — de serem *negros* cúmplices de assassinos sujos! Além de silenciosamente furioso, o povo da ilha estava também ofendido. Silenciosos porque compreendiam sua angústia, ofendidos porque não entendiam como ele podia culpá-los com palavras tão agressivas, palavras que ele jamais usara antes. Seria aquele o bom *mon* que conheciam, o rico irmão do sociável St. Jay, o amigo muito rico que havia investido tanto dinheiro na Ilha de Tranquilidade, ou um lixo branco que os acusava de coisas terríveis só porque eram negros? Era um cruel enigma, *mon*. Era parte da loucura, do *obeah* das montanhas da Jamaica que havia atravessado as águas para enfeitiçar suas ilhas. *Fiquem atentos*, irmãos. *Vigiem cada movimento dele*. Talvez outra tempestade, nem do sul nem do leste, mas com ventos muito mais destruidores. *Vigiem, mon*. Sua fúria é perigosa. Assim, ele foi vigiado. Por muitos — homens de uniforme, civis e autoridades —, enquanto o nervoso Henry Sykes, no palácio do governo, cumpria sua palavra. Era o único encarregado da investigação oficial. Uma investigação discreta, completa — e inexistente.

Bourne fez muito pior no cais de Tranquilidade, atacando fisicamente o próprio cunhado, o amável St. Jay, até o jovem conseguir acalmá-lo, levando-o para a vila mais próxima. Os criados iam e vinham servindo comida e bebida na varanda. Um ou outro visitante escolhido tinha permissão para dar os pêsames, incluindo o ajudante do governador da Coroa que apareceu com seu uniforme de gala, um símbolo do interesse da Coroa. E um velho que conhecera a morte durante a guerra, que insistiu em ver o marido e pai — estava acompanhado por uma mulher com uniforme de enfermeira com chapéu e véu encobrindo seu rosto. E dois hóspedes canadenses, amigos íntimos do dono, que haviam conhecido o homem desconsolado por ocasião da inauguração festiva do Hotel Tranquilidade, há vários anos — pediram para prestar seus respeitos e oferecer todo o consolo que podiam dar. John St. Jacques concordou, sugerindo que a visita fosse breve e avisando que seu cunhado estava num canto não iluminado da sala, com as cortinas fechadas.

— É tudo tão horrível, tão sem sentido! — disse o visitante de Toronto, em voz baixa para o homem sentado no escuro na outra extremidade da sala. — Espero que seja religioso, David. Eu sou. A fé ajuda em momentos como este. Seus entes

queridos estão nos braços de Cristo, agora.

— Obrigado.

Uma brisa leve vinda do mar agitou as cortinas, permitindo a entrada de uma estreita faixa de luz. Foi o suficiente.

— Espere um pouco — disse o outro canadense. — Você não é — meu Deus, *você não é Dave Webb? Dave tem...*

— Quietos — ordenou St. Jacques, de pé na porta, entre os dois visitantes.

— Johnny, passei sete horas num barco de pesca com Dave e sei muito bem como ele é.

— Cale a boca — disse o dono do Tranqüilidade.

— Oh, meu *Deus!* — exclamou o ajudante do governador da Coroa com seu forte sotaque britânico.

— Escutem, vocês dois — disse St. Jacques, adiantando-se entre os dois canadenses e ficando na frente da poltrona.

— Não devia ter permitido que vocês entrassem, mas agora está feito... Pensei que seria um ponto a nosso favor, mais dois observadores, para o caso de alguém fazer perguntas, o que na certa farão, e isto é o que vão dizer, exatamente. Vocês conversaram com David Webb. Consolaram *David Webb*. Compreenderam?

— Não estou entendendo nada — disse o visitante atônito que havia falado sobre o consolo da fé. — Quem diabo é ele?

— Ele é o primeiro ajudante do governador da Coroa — respondeu St. Jacques. — Estou dizendo isso para que vocês compreendam...

— Quer dizer a alta patente do exército que apareceu uniformizado e com uma escolta de soldados negros? — perguntou o canadense que havia pescado com David Webb.

— Ocupa o cargo também de primeiro ajudante militar de campo. É brigadeiro...

— Nós vimos o filho da mãe ir embora — protestou o pescador. — Do restaurante nós vimos o homem *ir embora!* Ele estava com o velho francês e com a enfermeira...

— Vocês viram outra pessoa deixando a ilha. Com óculos escuros.

— Webb...?

— *Cavalheiros!* — O ajudante do governador levantou-se da cadeira com o paletó que Jason Bourne tinha usado no vôo do Aeroporto de Blackburne para Tranqüilidade. — Os senhores são hóspedes bem-vindos na nossa ilha, mas devem aceitar as decisões da Coroa numa emergência. Do contrário, como se trata de caso extremamente sério, seremos obrigados a mantê-los sob custódia.

— Ora vamos, Henry. Eles são amigos...

— Amigos não chamam brigadeiros de filhos da mãe...

— O senhor chamaria se tivesse sido alguma vez um cabo, general — disse o homem religioso. — Meu amigo aqui não teve qualquer intenção de ofender. Muito antes de o exército canadense precisar dos engenheiros da sua companhia, ele foi um soldado raso da infantaria. Por coincidência, na sua *própria* companhia. Não foi muito feliz na Coréia.

— Vamos deixar de conversa — disse o companheiro de pesca de Webb. — Então, estivemos conversando com Dave, certo?

— Certo. E isso é tudo que eu posso dizer.

— Isso basta. Dave está com problemas, Johnny. O que podemos fazer para ajudar?

— Nada — absolutamente nada a não ser o que consta da agenda do hotel. Todos receberam uma cópia em suas vilas há uma hora.

— Acho melhor você explicar — disse o homem religioso. — Nunca leio esses programas alegres do hotel.

— O hotel vai oferecer um bufê especial, por conta da casa, e um meteorologista do Controle Meteorológico das Ilhas Leeward vai falar durante alguns minutos sobre o que aconteceu ontem à noite.

— A tempestade? — perguntou o pescador, o ex-cabo sofredor e atual dono da maior companhia de engenharia do Canadá. — Nestas ilhas, uma tempestade é uma tempestade. O que há para explicar?

— Bem, coisas assim: como elas acontecem e por que terminam tão depressa. Como se deve agir — dominar o medo.

— Quer todos os hóspedes na palestra, é isso?

— Exatamente.

— Isso vai ajudar Dave?

— Sim, vai.

— Então, todo mundo estará lá. Conte comigo.

— Eu agradeço, mas como vai conseguir?

— Vou circular o aviso de que Angus MacPherson McLeod, presidente da firma de engenharia Canadá, dará um prêmio de 10 mil dólares a quem fizer a pergunta mais inteligente. O que acha disso, Johnny? Os ricos sempre querem ganhar mais por nada, essa é a nossa fraqueza profunda.

— Acredito na sua palavra — murmurou St. Jacques.

— Vamos — disse McLeod ao amigo religioso de Toronto. — Vamos circular com lágrimas nos olhos e espalhar as novas. Então seu coronel idiota — é isso que você é, seu filho da mãe — dentro de uma hora mais ou menos mudamos de conversa e começamos a falar dos 10 mil dólares e do jantar por conta da casa. Com a praia e o sol, as pessoas concentram a atenção em alguma coisa durante uns dois minutos e meio. No inverno, não mais do que quatro. Acredite, mandei fazer os

cálculos no computador... Você vai ter uma festa completa esta noite, Johnny — McLeod voltou-se e caminhou para a porta.

— *Scotty* — exclamou o homem religioso, acompanhando o pescador. — Você está fantasiando coisas outra vez! Tempo de atenção, dois minutos, quatro minutos, pesquisa de computador — não acredito em qualquer palavra!

— Não mesmo? — disse Angus com a mão na maçaneta da porta. — Você acredita em 10 mil dólares, não acredita?

— É claro que sim.

— Pois fique observando, essa é a minha pesquisa de mercado... Por isso também sou o dono da companhia. E agora pretendo ficar com os olhos cheios de lágrimas. É outra das razões pelas quais sou dono da companhia.

Num quarto escuro de depósito, no terceiro andar do prédio principal do Tranqüilidade, Bourne, que já havia tirado a túnica militar, estava sentado com o velho francês, cada um numa banqueta na frente da janela de onde se avistavam os caminhos de leste e de oeste. As vilas estendiam-se nos dois lados dos degraus de pedra que levavam à praia e ao cais. Cada um deles, com um binóculo de longo alcance, controlava as pessoas que andavam pelo caminho e subiam as escadas de pedra. Um rádio portátil com a frequência privada do hotel estava no parapeito na frente de Jason.

— Ele está perto de nós — disse Fontaine em voz baixa.

— *O quê?* — exclamou Bourne, tirando o binóculo dos olhos e voltando-se para o homem. — Onde? Diga-me, *onde?*

— Não podemos vê-lo, *monsieur*, mas ele está perto de nós.

— O que quer dizer com isso?

— Eu sinto. Como um animal que sente a aproximação do trovão distante. Está dentro de mim, é o medo.

— Não está sendo muito claro.

— Para mim é bastante claro. Talvez você não entenda. O desafiador do Chacal, o homem de muitas aparências, o Camaleão — o assassino conhecido como Jason Bourne — não sabe sentir medo, é o que dizem, só uma grande coragem louca que vem da sua força. Jason sorriu sombriamente.

— Pois então, ouviu uma mentira — disse em voz baixa. — Uma parte desse homem vive com uma espécie de medo profundo que poucas pessoas já sentiram.

— Acho difícil acreditar nisso, *monsieur*...

— Acredite. Eu sou esse homem.

— É mesmo, Sr. Webb? Não é difícil deduzir as coisas. Obriga-se a assumir essa outra identidade por causa do medo?

David Webb olhou fixamente para o francês.

— Que outra escolha acha que eu tenho?

— Podia desaparecer por algum tempo, com sua família. Podia viver tranqüilamente, em segurança completa. Seu governo se encarregaria disso.

— Ele viria atrás de mim — de nós — onde quer que estivéssemos.

— Por quanto tempo? Um ano? Dezoito meses? Certamente menos de dois anos. Ele está muito doente. Toda Paris — minha Paris — sabe disso. Considerando a enorme despesa e complexidade desta situação — esses planos destinados a apanhá-lo numa armadilha —, minha idéia é de que será a última tentativa de Carlos. Deixe tudo isso, *monsieur*. Junte-se à sua mulher em Basse-Terre e voem para milhares de quilômetros de distância. Deixe que ele volte para Paris para morrer de frustração. Isso não basta?

— Não. Ele virá atrás de mim, atrás de nós! Tudo tem de ser resolvido aqui, *agora*.

— Logo estarei com minha mulher, se é assim que deve ser, portanto posso discordar de certas pessoas, homens como você, por exemplo, *Monsieur le Caméléon*, com quem, no passado, eu teria concordado imediatamente. Pois discordo agora. Acho que *pode* ir para longe. Acho que sabe que *pode* meter o Chacal no seu bolso e continuar com sua vida, apenas com uma pequena alteração passageira, mas não quer fazer isso. Alguma força interior o impede. Não pode se permitir a estratégia da retirada, não menos honrosa quando significa evitar violência. Sua família está a salvo, mas outros podem morrer, porém nem isso o detém. Você tem de *vencer*...

— Acho que chega dessa psicologia barata — interrompeu Bourne, levando o binóculo aos olhos e concentrando-se no que via lá embaixo.

— É isso, não é? — disse o francês, observando Le Caméléon, com os binóculos ainda na mão. — Eles o treinaram muito bem, criando exatamente a pessoa que devia ser. Jason Bourne contra Carlos, o Chacal, e Bourne deve vencer, é imperativo que ele *vença*... Dois leões de meia-idade, lançados um contra o outro há muitos anos, ambos com um ódio candente criado por estrategistas que não tinham idéia das conseqüências desse ato. Quantas pessoas perderam a vida por cruzar seus caminhos convergentes? Quantos homens e mulheres, que nada tinham a ver com vocês, foram mortos...

— *Cale a boca!* — exclamou Jason, enquanto imagens de Paris, outras, periféricas de Hong Kong, Macau e Beijing — e a noite anterior, em Manassas — tomavam de assalto sua tela interior. Tantas mortes!

A porta do quarto escuro abriu-se de repente e o juiz Brendan Prefontaine entrou apressado e ofegante.

— Ele está aqui — disse o homem de Boston. — Uma das patrulhas de três homens de St. Jacques que estava a três quilômetros na costa não respondeu à chamada do rádio. St. Jacques mandou um guarda à procura deles. O homem voltou

— tendo conseguido fugir. Os três homens foram mortos, cada um com uma bala na garganta.

— O Chacal! — exclamou o francês. — É sua *carte de visite* — seu cartão de visita. Ele anuncia assim sua chegada.

O SOL DA TARDE, suspenso e imóvel, queimava o céu e a terra, um globo de fogo interessado apenas em chamuscar tudo que tocava. E a suposta “pesquisa de computador” do industrial Angus McLeod parecia confirmada. Embora vários aviões tivessem pousado na água para levar hóspedes assustados, a atenção coletiva da média das pessoas que ficaram, depois dos acontecimentos terríveis, foi sem dúvida superior a dois minutos e meio, mas não duraria certamente mais do que algumas horas. Uma coisa terrível tinha acontecido durante a tempestade daquela noite, um horrível ato de vingança. Envolvia um único homem com uma *vendetta* contra antigos inimigos, um assassino que há muito tempo fugira da ilha. Com a remoção dos feios caixões de pinho, bem como da lancha de corrida encalhada e avariada, na praia, e as palavras tranquilas do governo no rádio, ao lado da presença intermitente e discreta dos guardas armados, tudo voltou à normalidade — não completa, é claro, pois havia entre eles um homem de luto, mas não o viam agora e, segundo haviam dito, logo partiria também. Além disso, os horrores — exagerados desproporcionalmente pela superstição dos nativos — não eram *seus* horrores. Era um ato de violência que nada tinha a ver com eles, e afinal, a vida tinha de continuar. Sete casais ficaram no hotel.

“Cristo, estamos pagando seiscentos dólares por dia...”

“Ninguém está *nos* ameaçando...”

“Que droga, cara, na semana que vem voltamos à rotina, portanto vamos aproveitar...” “Sem problema, Shirley, não estão revelando nomes, eles me *prometeram*...”

Com o sol da tarde imóvel e escaldante, aquele pequeno pedaço do Caribe recuperou sua característica de *playground*, a morte e o horror distanciando-se a cada aplicação de Bain de Soleil e outra dose de rum. Nada era como antes, mas a água verde-azulada acariciava a praia, atraindo alguns banhistas que mergulhavam no ritmo frio e líquido do movimento constante. Uma paz cada vez menos hesitante voltou à Ilha de Tranqüilidade.

— Lá está! — disse o herói de França.

— *Onde?* — gritou Bourne.

— Os quatro padres. Caminhando em fila no caminho das vilas.

— São negros.

— A cor não significa nada.

— Ele era padre na última vez que o vi em Paris, em Neuilly-sur-Seine.

Fontaine tirou o binóculo dos olhos e voltou-se para Jason.

— A Igreja do Santíssimo Sacramento? — perguntou em voz baixa.

— Não me lembro... Qual deles é o Chacal?

— Você o viu com o hábito?

— E o filho da mãe me viu. Sabe que eu o *reconheci*. Qual *deles*?

— Ele não está lá, *monsieur* — disse Jean Pierre, levando o binóculo lentamente aos olhos. — É outra *carte de visite*. Carlos antecipa. É um mestre na geometria. Não existem linhas retas para ele, somente muitos lados, muitos níveis.

— Isso me parece extremamente oriental.

— Então você compreende. Ele desconfiou que você pode não estar na vila, e se não estiver, quer que você saiba que ele sabe.

— Neuilly-sur-Seine...

— Não, não realmente. Ele não pode ter certeza neste momento. Ele *estava* certo na Igreja do Santíssimo Sacramento.

— Como devo reagir?

— Como o Camaleão acha que deve agir?

— O óbvio é não fazer nada — respondeu Bourne, sem tirar os olhos da cena lá embaixo. — E ele não aceitaria isso porque está muito incerto. Ia pensar, “ele é melhor do que isso. Posso explodi-lo com um foguete, portanto deve estar em outro lugar”.

— Acho que está certo.

Jason apanhou o rádio no peitoril da janela, apertou um botão e falou.

— Johnny?

— Sim?

— Está vendo aqueles quatro padres negros no caminho? — Estou.

— Mande um guarda levá-los para o saguão do hotel, dizendo que o proprietário quer falar com eles.

— Veja, eles não estão indo para a vila, apenas passando e orando pelo homem que está lá dentro. O vigário da cidade me telefonou e eu dei permissão. Eles estão limpos, David.

— Uma ova que estão — respondeu Jason Bourne. — Faça o que mandei.

O Camaleão voltou-se na banquetta, examinando os objetos do quarto de depósito. Caminhou até uma cômoda com tampo de vidro. Tirou a automática do cinto, quebrou o vidro, apanhou um pedaço e levou para Fontaine.

— Cinco minutos depois que eu sair, comece a sinalizar uma vez ou outra com este vidro contra o sol.

— Vou fazer isso encostado na parede ao lado da janela, *monsieur*.

— Boa idéia. — Jason permitiu-se um breve sorriso. — Gostei porque não precisei sugerir isso.

— E o que vai fazer?

— O que ele está fazendo agora. Serei um turista em Montserrat, um “hóspede” do Tranqüilidade.

Bourne apanhou o rádio outra vez e deu suas ordens.

— Vá até a loja de artigos masculinos no hotel e compre três paletós *guayaberas* diferentes, um par de sandálias, dois ou três chapéus de palha de abas largas e shorts cinzentos ou bege. Depois mande alguém à loja de artigos de pesca para comprar um carretel de linha, resistência cinqüenta quilos, uma faca de pesca — e dois sinalizadores. Encontro-me com você na escada aqui na frente. *Depressa!*

— Então não vai me ouvir — disse Fontaine, tirando o binóculo dos olhos e voltando-se para Jason. — *Monsieur le Caméléon* entra em ação.

— Ele entra em ação — respondeu Bourne, pondo o rádio outra vez no parapeito da janela.

— Se você ou o Chacal for morto, ou os dois, outros podem morrer, gente inocente sacrificada...

— Não por minha causa.

— Isso importa? Isso importa para as vítimas ou para suas famílias?

— Não escolhi as circunstâncias, meu velho, foram escolhidas para mim.

— Mas pode mudá-las, alterá-las.

— Ele também pode.

— Ele não tem consciência...

— Você é uma grande autoridade no *assunto*, não é?

— Aceito a crítica, mas eu perdi uma coisa que valia muito para mim. Talvez por isso perceba a consciência em você — numa parte de você.

— Tome cuidado com o reformado santarrão. — Bourne caminhou para o cabide onde estavam a túnica militar e o quepe. — Entre outras coisas, ele é um chato.

— Você não devia estar vigiando o caminho enquanto o guarda detém os padres? St. Jacques vai levar algum tempo para comprar tudo que pediu.

Bourne parou e voltou-se olhando friamente para o velho francês tagarela. Queria *sair*, afastar-se daquele homem velho, *muito velho*, que falava demais — que dizia demais! Mas Fontaine tinha razão. Seria estupidez não ver o que ia acontecer lá embaixo. Uma reação diferente da parte de alguém, um olhar brusco e assustado para algum ponto da praia — pequenas coisas involuntárias, movimentos imprecisos que geralmente revelam o fio escondido, o pavio que leva à armadilha explosiva. Jason voltou para a janela em silêncio, apanhou o binóculo e observou.

Um policial de Montserrat, com o uniforme bege e escarlate, aproximou-se dos padres que caminhavam em fila. Com atitude respeitosa, balançou a cabeça afirmativamente, com cortesia, quando os quatro pararam para ouvir, e apontou para

a porta do hotel. Bourne observou atentamente cada rosto, um depois do outro, em rápida sucessão. Disse em voz baixa para o francês.

— Está vendo o que eu vejo?

— O quarto homem, o padre que caminhava atrás dos outros — respondeu Fontaine. — Ele está assustado, mas os outros não. Ele está com medo.

— Foi comprado.

— Trinta moedas de prata — concordou o francês. — Você vai descer e falar com ele, é claro.

— É claro que não — corrigiu Jason. — Ele está exatamente onde eu quero. — Apanhou o rádio. — Johnny.

— Sim?... Estou na loja. Acabo em poucos minutos.

— Você conhece aqueles padres?

— Só o que diz ser “vigário”. Aparece por aqui pedindo contribuições para a igreja. E não são padres de verdade, David, apenas “pastores” de uma ordem religiosa. Muito religiosa e muito local.

— O vigário está lá?

— Sim. É sempre o primeiro da fila.

— Ótimo... Umas pequenas mudanças nos planos. Leve as roupas para seu escritório, depois vá falar com os padres. Diga que um funcionário do governo quer conversar com eles e fazer uma contribuição em troca de suas orações.

— *O quê?*

— Explico depois. Agora, apresse-se. Nos encontramos no saguão.

— Quer dizer, no meu escritório, certo. As roupas estão comigo, lembra-se?

— Isso fica para depois — um minuto mais tarde, logo que eu me livrar deste uniforme. Você tem uma máquina fotográfica no escritório?

— Umas três ou quatro. Os hóspedes sempre esquecem algumas no hotel...

— Deixe todas com as roupas — interrompeu Jason. — Vá em frente.

Bourne pôs o rádio no cinto, depois mudou de idéia e o entregou a Fontaine.

— Tome, fique com isto. Arranjo outro e manteremos contato... O que está acontecendo lá embaixo?

— Nosso padre assustado olha para todos os lados enquanto caminham para a porta do hotel. Está apavorado agora.

— Para onde está olhando? — perguntou Bourne, apanhando o binóculo.

— Isso não ajuda. Olha para todas as direções.

— *Droga!*

— Estão na porta agora.

— Vou me preparar...

— Eu ajudo. — O velho francês levantou da banqueta e foi até o cabide. Apanhou a túnica e o quepe. — Se vai fazer o que estou pensando, procure ficar

perto de uma parede e não se volte. O ajudante do governador é um pouco mais gordo do que você e precisamos apertar esse paletó nas costas.

— Você é bom nessas coisas, não é? — disse Jason, estendendo os braços para vestir a túnica.

— Os soldados alemães eram sempre muito mais gordos do que nós, especialmente os cabos e sargentos — você sabe, toda aquela salsicha. Tínhamos nossos truques. — De repente, como se tivesse levado um tiro ou estivesse tendo uma convulsão, Fontaine, com uma exclamação abafada, parou na frente de Bourne. — *Mon Dieu!... C'est terrible! O governador...*

— O quê?

— O *governador da Coroai*

— O que tem ele?

— No aeroporto, foi tudo tão rápido! — exclamou o velho francês. — E tudo que aconteceu, a minha mulher, os crimes. — Mesmo assim, é *imperdoável* eu não ter dito antes!

— Do que está falando?

— Que o homem na vila, o oficial militar cujo uniforme você está usando. Ele é seu *ajudante*!

— Sabemos disso.

— O que não sabe, *monsieur*, é que minhas primeiras instruções foram dadas pelo próprio governador.

— Instruções?

— Do Chacal! Ele é um homem do Chacal.

— Oh, meu Deus — murmurou Bourne, correndo para a banquetta onde estava o rádio. Respirou fundo e com a mente a mil, chamou com voz imperiosa.

— Johnny!

— Que diabo, estou com os braços cheios, a caminho do meu escritório e aqueles malditos monges estão me esperando no saguão! Que diabo você quer agora?

— Vá com calma e escute com atenção. Você conhece bem Henry?

— Sykes? O ajudante do governador?

— Esse mesmo. Estive com ele algumas vezes, mas não o conheço, Johnny.

— Eu o conheço muito bem. Você não teria uma casa e eu não teria Tranquilidade se não. fosse por ele.

— Ele está em contato com o governador? Quero dizer, neste momento, está informando o governador de tudo que está acontecendo? *Pense*, Johnny. É importante. Há um telefone naquela vila, ele pode estar em contato com o palácio do governo. Ele *está*?

— Quer dizer com o governador, pessoalmente?

— Com qualquer *pessoa* do palácio.

— Acredite, ele não está. Tudo está tão quieto que nem a polícia sabe o que está acontecendo. E no que se refere ao governador, ele foi informado muito vagamente, sem nomes, nada, apenas sabe que é uma armadilha. Além disso está no seu barco e só vai saber o que aconteceu quando tudo acabar... Essas foram suas ordens.

— Aposto que foram.

— Por que está perguntando?

— Explico depois. Ande *depressa!*

— Quer parar de dizer isso? Jason voltou-se para Fontaine.

— Estamos livres. O governador não é um dos velhos do exército do Chacal. É um tipo diferente de recruta, como o advogado Gates, em Boston — comprado ou ameaçado, nada mais.

— Tem certeza? Seu cunhado tem certeza?

— O homem está no mar, no seu barco. Sabe de pouca coisa, e deu ordens para não ser informado de nada até tudo acabar.

Q francês suspirou.

— É uma pena que minha mente seja tão velha e tão cheia de sal. Se eu tivesse lembrado antes, podíamos ter usado o governador. Venha, vista a túnica.

— Usado como? — perguntou Bourne, estendendo outra vez os braços.

— Ele retirou-se para os *gradins* — como se chama?

— Para as arquibancadas. Está fora do jogo, só observando.

— Conheci muitos como ele. Querem que Carlos perca. *Ele* quer que Carlos perca. É sua única saída, mas está apavorado demais para erguer um dedo contra o Chacal.

— Então como podemos usá-lo? — Jason abotoou a túnica, enquanto Fontaine colocava o cinto, franzindo o tecido nas costas.

— Como *Le Caméléon* faz uma pergunta dessas?

— Estou meio sem prática.

— Ah, sim — disse o velho francês, afivelando o cinto com firmeza. — O homem a quem estou confiando minha vida.

— Ora, cale a boca... Como?

— *Três simples, monsieur*. Dizemos a ele que o Chacal já sabe que ele mudou de lado — *eu* direi a ele. Quem melhor do que o mensageiro do monsenhor?

— Você é bom. — Bourne encolheu a barriga, enquanto Fontaine o fazia dar meia-volta, passando as mãos nas lapelas e nas divisas da túnica.

— Sou um sobrevivente, nem melhor, nem pior do que tantos outros — exceto com minha mulher. Com ela eu era melhor que a maioria.

— Você a amava muito, não amava?

— Amar? Oh, imagino que sim, embora nem sempre fosse expresso em palavras. Talvez seja o conforto de uma pessoa muito conhecida, porém sem grande paixão. Não precisamos completar uma frase para sermos compreendidos e um olhar nos faz rir sem trocar uma palavra. Acho que se consegue isso com o passar do tempo.

Jason ficou imóvel por um momento, olhando intrigado para o francês.

— Eu quero os anos que você teve, meu velho, eu os desejo muito. Os anos que tive com minha... mulher... estão cheios de cicatrizes que não se fecham nunca completamente, que não podem desaparecer enquanto alguma coisa dentro de nós não for mudada, purificada ou eliminada. Assim é que são as coisas para nós.

— Então vocês são muito fortes, ou muito teimosos, ou talvez muito *tolos*... Não olhe desse jeito para mim. Eu já disse, não tenho medo de você, não tenho medo de ninguém agora. Mas se o que disse é verdade, se as coisas são realmente assim com vocês, então sugiro que abandone todo pensamento de amor e se concentre no ódio. Uma vez que não posso convencê-lo, David Webb, devo tentar Jason Bourne. Um Chacal cheio de ódio deve morrer, e só Bourne pode matá-lo... Aqui está o quepe e os óculos escuros. Fique perto de uma parede que vai parecer um pavão militar, com a cauda cáqui erguida para passar a *merde*.

Sem uma palavra, Bourne ajeitou a pala do quepe, os óculos escuros e saiu. Desceu rapidamente a escada de madeira, quase colidindo com um empregado negro de paletó branco que saía do segundo andar, carregando uma bandeja. Quando o homem recuou para lhe dar passagem, Bourne percebeu um movimento e ouviu um ruído deslizante. Voltou-se rapidamente. O garçom estava tirando um bip eletrônico do bolso! Jason atirou-se sobre o homem, derrubou-o e arrancou o aparelho de suas mãos, derrubando a bandeja. Montou sobre o homem caído, apertando sua garganta com uma das mãos e com o bip na outra.

— Quem o mandou fazer isto? *Diga!* — ordenou Jason, ofegante, em voz baixa.

— Ei, *mon*, eu *luto* com o senhor — gritou o jovem, contorcendo-se, livrando uma das mãos e acertando um murro no rosto de Jason. — Não queremos nenhum *mon* malvado aqui! Nosso patrão-mon é o melhor! Você não me assusta. — O homem acertou a virilha de Jason com o joelho.

— Seu filho da mãe! — gritou *Le Caméléon*, esbofeteando o rosto do homem e ao mesmo tempo agarrando seus testículos com a outra mão. — Sou amigo dele, *irmão* dele! Quer parar com *isso*?... Johnny St. Jay é meu irmão! Meu cunhado, se *isso* faz diferença!

— *Oh?* — disse o jovem grande e musculoso, com uma expressão de ressentimento e embaraço nos grandes olhos escuros. — Você é o *mon* com a irmã do patrão St. Jay?

— Sou marido dela. Quem diabo é você?

— Sou chefe dos garçons do segundo andar, *senhor!* Logo estarei no primeiro andar, porque sou muito bom. Sou também um bom lutador — meu pai me ensinou, só que ele está velho agora, como o senhor. Quer lutar mais? Acho que posso ganhar! O senhor já tem alguns cabelos brancos...

— Ora, *cale a boca!*... Que negócio é esse de bip? — perguntou Jason, erguendo o pequeno aparelho de plástico e saindo de cima do garçom.

— Não sei, *mon* — senhor! Coisas ruins aconteceram. Disseram que se virmos homens correndo nas escadas devemos apertar os botões.

— Por quê?

— Os elevadores, senhor. — Nossos elevadores são muito rápidos. Por que um hóspede ia querer usar a escada?

— Como se chama? — perguntou Bourne, ajeitando os óculos e o quepe.

— Ishmael, senhor.

— Como em *Moby Dick*?

— Não conheço essa pessoa, *senhor*.

— Talvez vá conhecer.

— Por quê?

— Não estou bem certo. Você é um bom lutador.

— Não vejo nenhuma ligação, *mon* — senhor.

— Eu também não — Jason levantou-se. — Quero que me ajude, Ishmael. — Vai ajudar?

— Só se seu irmão deixar.

— Ele deixa. Ele *é* meu irmão.

— Quero ouvir isso dele, senhor.

— Ótimo. Então duvida de mim.

— Sim, duvido, senhor — disse Ishmael, ajoelhando e apanhando o que tinha caído da bandeja, separando os pratos quebrados dos outros inteiros. — O senhor acreditaria na palavra de um homem forte com fios brancos nos cabelos que desce correndo a escada e me ataca e diz coisas que qualquer um pode dizer?... Se quer lutar, o perdedor terá de dizer a verdade. Quer lutar?

— Não. Não quero lutar e não insista. Não sou tão velho e você não é tão bom. Deixe a bandeja e venha comigo. Eu explico ao Sr. St. Jacques que, não se esqueça, é meu irmão — o irmão da *minha* mulher.

— O que quer que eu faça, senhor? — perguntou o garçom levantando-se e acompanhando Jason.

— Escute — disse Bourne, parando nos degraus e voltando-se para o homem. — Entre no saguão na minha frente e caminhe para a porta. Esvazie cinzeiros, ou coisa assim, procure parecer ocupado, mas fique atento. Eu entro depois de alguns momentos e vou falar com o Sr. Jay e com os quatro padres, que estão com ele...

— Padres? — repetiu Ishmael atônito. — Homens da igreja, senhor? *Quatro?* O que estão fazendo aqui, *mon?* Mais coisas ruins aconteceram? O *obeah!*

— Vieram rezar para que não aconteçam mais coisas ruins — nada mais de *obeah*. Mas o importante é que eu possa falar com um deles, a sós. Quando eles saírem do saguão, esse padre deve separar-se dos outros para ficar sozinho, ou talvez para se encontrar com alguém. Acha que pode segui-lo sem que ele o veja?

— O Sr. St. Jay vai me mandar fazer isso?

— Suponhamos que eu o mande olhar para você e fazer um gesto afirmativo com a cabeça.

— Então eu posso fazer. Sou mais rápido do que o mangusto, e como o mangusto conheço todas as trilhas de Tranqüilidade. Se ele for para um lado, eu sei para onde está indo e chego lá primeiro... Mas como vou saber qual padre devo seguir? Mais de um pode querer ficar sozinho.

— Vou falar com os quatro separadamente. Ele será o último.

— Então vou saber.

— Você pensa depressa — disse Bourne. — Tem razão, mais de um pode querer ficar sozinho.

— Eu penso muito bem, *mon*. Sou o quinto da minha classe na Academia Técnica de Serrat. As quatro primeiras são mulheres, por isso não precisam trabalhar.

— Uma observação interessante...

— Em cinco ou seis anos, terei dinheiro para a Universidade de Barbados!

— Talvez antes disso. Agora, vá. Entre no saguão e vá para a porta. Mais tarde, depois que os padres saírem, vou procurá-lo, mas não estarei usando este uniforme. De longe você não vai me reconhecer. Se eu não o encontrar, esteja dentro de uma hora... Onde? Onde há um lugar sem movimento?

— A capela de Tranqüilidade, senhor. A trilha acima da praia de leste. Ninguém vai lá, nem nos domingos.

— Sim, eu me lembro. É uma boa idéia.

— Ainda falta uma coisa, senhor...

— Cinquenta dólares americanos.

— *Muito obrigado*, senhor!

Jason esperou noventa segundos ao lado da porta, depois abriu-a apenas alguns centímetros. Ishmael estava perto da entrada e ele via St. Jacques conversando com os quatro padres a um ou dois metros à sua direita, na recepção. Bourne ajeitou a túnica, empertigou-se militarmente e entrou no saguão, dirigindo-se para os padres e o dono de Tranqüilidade.

— É uma honra e um privilégio, padres — disse para os quatro homens negros, sob o olhar surpreso e curioso de John St. Jacques. — Sou novo aqui nas ilhas e

devo dizer que estou impressionado. O governo está muito satisfeito com sua oferta de acalmar nossas águas revoltas — continuou Jason com as mãos cruzadas nas costas. — Como recompensa por sua boa vontade, o governo autorizou o Sr. St. Jacques a lhes entregar um cheque no valor de cem libras para sua igreja — que será reembolsado pelo tesouro, é claro.

— É um gesto tão magnífico que nem sei o que dizer — o vigário exclamou, com voz cantante e sincera.

— Pode me dizer de quem foi a idéia? — perguntou o Camaleão. — Muito tocante, realmente tocante.

— Não posso ter o crédito, senhor — respondeu o vigário. Ele e os outros dois olharam para o quarto padre. — Foi idéia de Samuel. Um bom e honesto líder do nosso rebanho.

— Ótimo, Samuel. — O olhar penetrante de Bourne fixou-se por um momento no quarto homem. — Mas eu gostaria de agradecer a cada um pessoalmente. E saber seus nomes. — Jason apertou as mãos dos três primeiros com palavras de cortesia. Chegou ao último padre que insistia em não olhar diretamente para ele. — Seu nome eu já sei, Samuel — observou em voz baixa, quase inaudível. — E gostaria de saber de quem foi a idéia antes de lhe atribuir o crédito.

— Eu não compreendo — murmurou Samuel.

— É claro que compreende — um homem tão bom e honesto —, deve ter recebido outra contribuição generosa.

— Está me confundindo com outra pessoa, senhor —, murmurou o quarto padre, seus olhos, por um momento, cheios de medo.

— Eu não cometo erros, seu amigo sabe disso. Eu vou encontrá-lo, Samuel. Talvez não hoje, mas certamente amanhã ou depois. — Bourne soltou a mão do padre e ergueu a voz. — Mais uma vez, sinceros agradecimentos do governo, padres. A Coroa fica muito grata. Agora preciso ir. Tenho de dar uma dezena de telefonemas... Seu escritório, Sr. St. Jacques?

— Sim, certamente, *general*.

No escritório, Jason tirou a automática do bolso e despiu o uniforme, escolhendo entre as peças de roupa compradas por St. Jacques. Vestiu uma bermuda cinzenta, uma jaqueta *guayabera* listrada de branco e vermelho e pôs na cabeça o chapéu de palha com abas largas. Tirou as meias e os sapatos, calçou a sandália, e reclamou, *Drogai* Tirou a sandália e tornou a calçar os sapatos de sola grossa de borracha. Examinou as várias máquinas fotográficas e acessórios e escolheu a mais leve e menos complicada, dependurando-a no pescoço com as tiras cruzadas na frente do peito. John St. Jacques entrou no escritório com um pequeno rádio portátil.

— De onde diabo você veio? Miami Beach?

— Na verdade, um pouco mais ao norte — digamos, Pompano. Não estou tão

espalhafatoso. Não vou chamar atenção de ninguém.

— Sim, tem razão. Muita gente vai jurar que você é um velho conservador de Key West. Aqui está o rádio.

— Obrigado. — Jason guardou o aparelho no bolso da camisa.

— Agora para onde?

— Atrás de Ishmael, o garoto para quem pedi que você fizesse um gesto afirmativo.

— *Ishmael?* Eu não fiz nenhum gesto afirmativo para Ishmael, você disse apenas que eu devia balançar a cabeça afirmativamente na direção da porta.

— É a mesma coisa. — Bourne pôs a automática no cinto, sob a *guayabera* e olhou para o equipamento de pesca. Apanhou o carretel de linha com resistência para cinquenta quilos e a faca, guardando tudo no bolso. Depois abriu a máquina fotográfica vazia e guardou os sinalizadores dentro dela. Não era tudo que precisava, mas bastava. Não era o mesmo homem de 13 anos atrás e mesmo nesse tempo já não era tão jovem. Sua mente tinha de funcionar melhor e com maior rapidez do que seu corpo, um fato que Jason aceitava com relutância. *Droga!*

— Ishmael é um bom garoto — disse o irmão de Marie. — É inteligente e forte como um touro Saskatchewan premiado. Estou pensando em treiná-lo para guarda, daqui a um ano mais ou menos. O ordenado é melhor.

— Tente Harvard ou Princeton, se ele fizer um bom trabalho esta tarde.

— Opa! *Isso* é grande! Sabia que o pai dele foi campeão de luta livre da ilha? É claro que agora está...

— Saia do meu caminho — interrompeu Jason, dirigindo-se para a porta. — Você também não tem exatamente 18 anos — acrescentou, voltando-se por um momento, antes de sair.

— Eu nunca disse que tinha. Qual é o seu problema?

— Talvez seja o banco de areia que você não viu, Sr. *Segurança*. — Bourne bateu a porta e saiu para o corredor.

— Muito sensível, muito mesmo. — St. Jacques balançou a cabeça e abriu seu punho cerrado de 34 anos.

Duas horas tinham passado e Ishmael não estava em parte alguma! Andando com uma perna dura, como se fosse aleijado, Jason ia de uma extremidade à outra do terreno do hotel, olhando através das lentes da máquina fotográfica, vendo tudo, mas nenhum sinal do jovem Ishmael. Duas vezes foi pela trilha do bosque até a construção quadrada de troncos de árvore, teto de palha e vitrais coloridos que era a capela ecumênica do hotel, um santuário construído para meditação mais por, sua aparência delicada do que para ser usado. Como havia dito o garçom negro, era raramente visitado, mas aparecia nos folhetos de propaganda do hotel.

O sol do Caribe tinha agora uma cor alaranjada mais intensa e descia

lentamente para a água, no horizonte. Logo as sombras se espalharam por Montserrat e pelas outras ilhas. Logo a noite chegaria e o Chacal gostava do escuro da noite. Mas o Camaleão também gostava.

— Quarto de depósito, alguma novidade? — Bourne perguntou no rádio.

— *Rien, monsieur.*

— Johnny?

— Estou no telhado com seis atiradores. Nada.

— E o jantar, a festa desta noite?

— Nosso meteorologista chegou de barco, há dez minutos, de Plymouth. Ele tem medo de avião... E Angus pregou um cheque de 10 mil dólares no quadro de aviso, sem assinatura e sem destinatário. Scotty estava certo, os sete casais estarão presentes. Somos uma sociedade de quem-se-importa, depois de alguns minutos de silêncio.

— Conte-me alguma coisa que eu não saiba, irmão... Câmbio. Agora estou indo para a capela.

— Fico satisfeito em saber que alguém vai lá. Um filho da mãe da agência de turismo em Nova York disse que era uma boa idéia mas nunca mais ouvi falar dele. Mantenha contato, David.

— Certo, Johnny.

A trilha para a capela começava a escurecer, o ritmo da natureza acelerado pelas altas palmeiras e a folhagem que bloqueavam os raios do sol poente. Jason ia dar meia-volta e dirigir-se para a loja de artigos de pesca quando de repente, como se tivessem acionado uma célula fotoelétrica, clarões vermelhos e azuis dançaram no ar, lançando seus largos círculos de luz do chão para as copas das palmeiras. Por um momento, Bourne teve a impressão de estar penetrando um túnel em technicolor, aberto na floresta tropical. Uma sensação desorientadora a princípio, depois ameaçadora. Ele era um alvo móvel e iluminado numa galeria de cores fortes.

Rapidamente procurou abrigo entre os arbustos, fora do círculo de luz, arranhando as pernas no meio da folhagem. Na semi-escuridão, continuou seu caminho para a capela, lentamente, com dificuldade, com os galhos úmidos e as trepadeiras enrolando-se nas suas mãos e nos seus pés. Instinto. Fique longe da luz, das luzes de cores vivas que eram mais próprias para um *carnivale* nas ilhas. Um som surdo! Um som que não pertencia à floresta. Depois, um gemido que se transformou em convulsão — interrompido, cortado... suprimido? Agachado, Jason passou pelas sucessivas barreiras de arbustos até ver a porta estilo catedral da pequena igreja. Estava entreaberta e a luz trêmula e suave das “velas” elétricas penetrava o mar de azul e vermelho da trilha lá fora.

Pense. Use a memória. *Lembre-se!* Jason estivera na capela apenas uma vez antes, quando em tom de brincadeira disse ao cunhado que havia gasto dinheiro

numa coisa sem utilidade para o hotel.

“Pelo menos é bonitinha”, dissera St. Jacques.

“Não é, irmão”, respondeu Marie. *“Não combina. Isto não é um lugar de retiro”*.

“Suponha que alguém tenha uma má notícia. Você sabe, muito má...”

“Então você lhe oferece um drinque”, disse David Webb.

“Vamos entrar. Tenho símbolos de cinco religiões diferentes nos vitrais, incluindo Shinto”.

“Não mostre para sua irmã as faturas que pagou por isto”, murmurou David para o cunhado.

Havia outra porta? Outra saída?... Não, não havia. Só cinco ou seis fileiras de bancos, depois uma espécie de grade na frente de um palanque, sob os vitrais das janelas feitos por artesãos nativos.

Lá dentro. Havia alguém lá dentro. Ishmael? Um hóspede de Tranquilidade? Uma recém-casada com arrependimento tardio? Jason tirou o rádio do bolso e falou em voz baixa.

— Johnny?

— Aqui, no telhado.

— Estou na capela. Vou entrar.

— Ishmael está aí?

— Não sei. Mas alguém está.

— Qual o problema, Dave? Você parece...

— Nenhum problema — interrompeu Bourne —, estou só verificando... O que há atrás da capela? No lado leste?

— Mais floresta.

— Alguma trilha?

— Havia uma, há muitos anos, está cheia de mato agora. Os operários que construíram a capela costumavam ir por ela até o mar... Vou mandar dois guardas...

— *Não!* Se eu precisar de você, eu chamo. Câmbio — Jason guardou o rádio no bolso e, sempre agachado, olhou para a porta da capela.

Silêncio. Nenhum som vinha de dentro, nenhum movimento, nada a não ser a luz trêmula das velas elétricas. Bourne foi até a margem da trilha, tirou o equipamento fotográfico e o chapéu e abriu a caixa que continha os sinalizadores. Guardou um no cinto e apanhou a automática. Tirou o isqueiro do bolso esquerdo da *guayabera*, levantou-se e caminhou silenciosa e rapidamente para um dos cantos da pequena capela — daquele santuário deslocado na floresta tropical, acima da praia tropical. O uso dos sinalizadores era anterior ao episódio de Manassas, Virgínia, pensou Jason, enquanto se dirigia para a entrada da capela. Remontava a Paris — trinta anos atrás, em Paris, e no cemitério de Rambouillet. E Carlos... Chegou perto da porta

entreaberta e cautelosamente olhou para dentro.

Jason abafou uma exclamação de horror, invadido por uma fúria terrível e incrédula. Na plataforma, na frente dos bancos de madeira brilhante estava o jovem Ishmael, seu corpo dobrado, os braços pendentes, o rosto escuro marcado e lacerado, o sangue pingando da boca. O sentimento de culpa, brusco, completo e devastador apossou-se de Jason. As palavras do velho francês soavam em seus ouvidos: *Outros podem morrer, pessoas inocentes massacradas*.

Massacradas! Uma criança fora *massacrada*! Promessas feitas e substituídas pela morte. Oh, *Cristo, o que eu fiz?... O que posso fazer?*

Com o suor escorrendo pelo rosto, os olhos cheios de lágrimas, Bourne tirou o sinalizador do bolso, acendeu o isqueiro e com mão trêmula levou-o ao pavio vermelho. Imediatamente a chama branca subiu no calor branco, sibilando como uma centena de serpentes furiosas. Jason atirou o sinalizador para a outra extremidade da capela, saltou sobre as chamas, girou o corpo e fechou a porta pesada. Atirou-se no chão, atrás da última fila de bancos, tirou o rádio do bolso e apertou o botão transmissor.

— Johnny, a capela! Mande *cercar* a capela!

Não esperou a resposta de St. Jacques. Ouvira uma voz, e isso era o bastante. A chama sibilante e contínua erguia-se em lâminas de cor, devolvidas pelos vitrais coloridos. Bourne, com a automática na mão, correu para a passagem, olhando para os lados, procurando tudo que não lembrava do interior da capela do Tranquilidade. Só não olhava para a plataforma com o corpo da criança que ele havia mandado para a morte... Nos dois lados da plataforma havia portas em arco com cortinas, como passagens de um palco para diminutos bastidores, entradas à direita e à esquerda. Apesar da angústia, cresceu dentro dele uma estranha satisfação, uma alegria quase mórbida. O jogo letal era todo seu agora. Carlos havia montado uma armadilha complicada e o Camaleão fez com que virasse em proveito próprio, Delta de Medusa havia invertido o jogo! Atrás de uma daquelas portas em arco estava o assassino de Paris.

Bourne levantou-se e, encostando na parede, ergueu a arma. Atirou duas vezes na porta da direita, fazendo estremecer as cortinas com cada tiro, caminhou sempre atrás da última fileira de bancos para o outro lado e atirou duas vezes na porta da esquerda.

Um vulto saiu em pânico da pequena porta, cambaleando, arrancando a cortina que se enrolara nos seus ombros, e caiu. Bourne correu para a frente gritando o nome de Carlos, atirando sem parar até esvaziar o tambor da automática. De repente, uma explosão destruiu uma parte dos vitrais na parede da esquerda. Enquanto os fragmentos de vidro caíam como chuva colorida, um homem apareceu numa saliência externa no centro do espaço aberto sobre o sinalizador ofuscante.

— Você não tem mais balas — disse Carlos para o atônito Jason Bourne. — Treze anos, Delta, 13 anos odiosos. Mas agora vão saber quem venceu.

O Chacal ergueu a arma e atirou.

O CALOR SIBILANTE e gelado raspou seu pescoço e Bourne atirou-se para a frente, caindo entre a segunda e a terceira fila de bancos, batendo com força a cabeça e o quadril na madeira marrom brilhante, antes de chegar ao chão. Uma nuvem escura o envolveu. Ao longe, muito, muito longe, ouvia vozes histéricas. Depois, a completa escuridão.

“*David*”. Não havia gritos agora, só a voz baixa e urgente, usando o nome que ele não queria reconhecer.

— David, pode me ouvir?

Bourne abriu os olhos, consciente no mesmo instante de dois fatos. Seu pescoço estava envolto em ataduras e ele estava numa cama, completamente vestido. À direita viu o rosto ansioso de John St. Jacques. À esquerda estava um homem que ele não conhecia, de meia-idade, com um olhar penetrante.

— Carlos — Jason conseguiu dizer. — Era o *Chacal*!

— Então ele ainda está na ilha — nesta ilha — disse St. Jacques. — Há menos de uma hora que tudo aconteceu e Henry mandou cercar Tranqüilidade. As patrulhas estão na praia, todas com contato visual e por rádio. Henry disse que era um exercício “contra drogas”, muito discreto e muito oficial. Alguns barcos entraram, mas nenhum saiu e nenhum vai sair.

— Quem é *ele*? — perguntou Bourne, olhando para o homem à sua esquerda.

— Um médico — respondeu John. — Está hospedado no hotel e é meu amigo. Ele me tratou em...

— Acho que devemos ser discretos aqui — interrompeu o médico canadense com voz firme. — John, você me pediu ajuda e segredo, e eu concordei, porém considerando a natureza dos acontecimentos e o fato de que seu cunhado não vai ser tratado por mim, vamos dispensar nossos nomes.

— Concordo, doutor — disse Jason com uma careta de dor. Então, ergueu a cabeça de repente com uma expressão de pânico e súplica nos olhos. — *Ishmael*! Ele está morto! Eu o matei.

— Ele não está morto e você não o matou — disse St. Jacques com calma. — Está péssimo, mas não está morto. É um garoto duro, como o pai, e vai ficar bom. Vamos mandá-lo de avião para o hospital na Martinica.

— *Cristo*! Ele estava morto!

— Foi espancado selvagememente — explicou o médico. — Os dois braços quebrados, lacerações e contusões múltiplas, provavelmente lesões internas e

concussão grave. Entretanto, como John disse muito bem, é um garoto durão.

— Quero o melhor para ele.

— Essas foram minhas ordens.

— Ótimo. — Bourne olhou para o médico. — Como é que estou?

— Sem uma radiografia e observando seus movimentos — isto é, sintomaticamente — só posso dar um diagnóstico muito vago.

— Pois faça isso.

— Além do ferimento, eu diria, especialmente choque traumático.

— Esqueça. Isso não está no programa.

— Quem disse? — perguntou o médico com um sorriso.

— Eu digo e não estou fazendo piada. O corpo, não a mente. Eu faço o diagnóstico da mente.

— Ele é um nativo? — perguntou o médico, olhando para St. Jacques. — Um Ishmael branco e mais velho? Estou certo que não é médico.

— Responda à pergunta dele, por favor.

— Tudo bem. A bala atravessou o lado esquerdo do seu pescoço, a milímetros de vários pontos vitais que se fossem atingidos certamente o deixariam sem voz e provavelmente morto. Limpei e suturei o ferimento. Vai ter dificuldade para mover a cabeça por algum tempo, mas essa é só uma opinião superficial.

— Resumindo, estou com o pescoço duro, mas se posso andar... bem, eu posso andar.

— Em poucas palavras, é mais ou menos isso.

— Afinal, foi o sinalizador que me salvou — disse Jason em voz baixa, movendo o pescoço cuidadosamente no travesseiro. — A luz o ofuscou o suficiente.

— O quê? — St. Jacques inclinou-se sobre a cama.

— Nada, nada... Vamos ver se posso andar bem — sintomaticamente, quero dizer.

Com movimentos lentos Bourne sentou na beirada da cama, com os pés no chão, balançando a cabeça para o cunhado, que estendeu o braço para ajudá-lo.

— Não, obrigado, irmão. Tenho de fazer isso sozinho.

Ficou de pé, sentindo cada vez mais intenso o desconforto da atadura no pescoço. Deu alguns passos, sentindo a dor das contusões nos quadris, mas eram apenas contusões, nada importante. Um banho quente diminuiria a dor e medicamentos, aspirina extraforte e linimentos permitiriam uma mobilidade melhor. Mas aquela maldita atadura no pescoço, além de quase sufocá-lo, o obrigava a mover os ombros quando queria olhar para os lados... Porém, pensou ele, estava muito melhor do que podia estar — para um homem da sua idade. *Droga.*

— Não podemos desapertar um pouco o colar, doutor? Está me estrangulando.

— Um pouco, não muito. Não quer abrir os pontos, quer?

— Que tal uma atadura tipo elástica? Ela cede com o movimento.
— É demais para um ferimento no pescoço. Você logo vai se acostumar.
— Prometo não me acostumar.
— O senhor é muito engraçado.
— Não me sinto nada engraçado.
— É o seu pescoço.
— Exatamente. Pode me arranjar uma Johnny?
— Doutor? — St. Jacques olhou para o médico.
— Acho que não podemos pará-lo.
— Vou mandar alguém à loja especializada.
— Desculpe, doutor — disse Bourne, quando John foi até o telefone. — Quero fazer algumas perguntas ao Johnny e tenho certeza de que o senhor não quer ouvir.
— Já ouvi mais do que queria. Espero na sala.
O médico atravessou o quarto e saiu.

Enquanto St. Jacques estava no telefone, Jason caminhou pelo quarto, levantando e abaixando os braços, balançando as mãos para verificar seu controle motor. Abaixou e se levantou quatro vezes seguidas, com rapidez crescente. Ele precisava estar preparado — *tinha* de estar!

— Vai demorar alguns minutos — disse St. Jacques, desligando o telefone. — Pritchard tem de abrir a loja. Vai trazer tamanhos diferentes da atadura.

— Obrigado. — Bourne ficou imóvel. — Quem era o homem em quem eu atirei, Johnny? Ele caiu enrolado na cortina e não vi seu rosto.

— Ninguém que eu conheça, e pensei que conhecesse todos os homens brancos destas ilhas que podem usar ternos caros. Devia ser um turista — um turista com uma missão... para o Chacal. É claro que não tinha nada que o identificasse. Henry o mandou para “Serrat”.

— Quantas pessoas sabem agora o que está acontecendo?

— Além do pessoal do hotel, só temos 14 hóspedes e ninguém ficou sabendo. Mandeí fechar a capela — disse que foi danificada pela tempestade. Mesmo aqueles que tiveram de saber alguma coisa — como o médico e os dois caras de Toronto — não sabem a história toda, apenas pedaços, e são amigos. Eu confio neles. Os outros estão cheios de rum da ilha.

— E os tiros na capela?

— O que me diz da pior e mais barulhenta banda das ilhas? Além disso, você estava no meio do bosque a uns trezentos metros do hotel... Escute, David, quase todos foram embora, mas alguns teimosos não teriam ficado se não fossem velhos amigos do Canadá que desejavam provar sua amizade e alguns outros que provavelmente passarão as férias em Teerã. O que mais posso dizer, além de garantir que o bar está faturando como nunca?

— É como um jogo estranho — murmurou Bourne, virando cautelosamente o rosto para o teto. — Silhuetas movendo-se separadamente, atos de violência atrás de telas brancas, nada fazendo sentido, tudo pode ser qualquer coisa.

— É um pouco demais para mim, professor. O que está querendo dizer?

— Terroristas não nascem, Johnny, eles são feitos, treinados num currículo que você não encontra em nenhuma escola. Deixando de lado as razões que os levam a ser o que são — que podem ir de uma causa justificável à megalomania psicopata do Chacal — mantemos viva a charada porque *ela* tem vida própria.

— E daí? — St. Jacques franziu a testa, intrigado.

— Daí você pode controlar os atores, dizendo o que devem fazer, mas não por quê.

— É o que estamos fazendo aqui e o que Henry está fazendo no mar que circunda Tranqüilidade.

— Está mesmo? Estamos mesmo fazendo isso?

— Que diabo, é claro que sim.

— Eu pensei que também estava, mas me enganei. Superestimei um garoto forte e inteligente para uma tarefa simples e inofensiva e subestimei um padre humilde e assustado que recebeu trinta moedas de prata.

— Do *que* está falando?

— De Ishmael e do irmão Samuel. Samuel deve ter assistido à tortura de uma criança com os olhos de Torquemada.

— Torque quem?

— O caso é que na verdade não conhecemos os atores. Os guardas, por exemplo, os que você levou à capela.

— Não sou tolo, David — interrompeu St. Jacques. — Quando você mandou cercar a capela, tomei uma pequena liberdade e escolhi dois homens, os únicos que eu escolheria, achando que um par de Uzis podia substituir um homem e os quatro pontos da bússola. São os melhores que eu tenho e ex-membros do Comando Real. Estão encarregados de toda segurança da ilha e confio neles como confio em Henry.

— Henry? É um bom homem, certo?

— Às vezes é um chato, mas é o melhor das ilhas.

— E o governador da Coroa?

— É um cretino.

— Henry sabe disso?

— É claro que sabe. Ele não chegou a brigadeiro por sua beleza, com aquela barriga e tudo o mais. Além de bom soldado, é um bom administrador. Cuida de muita coisa por aqui!

— E você tem certeza de que ele não se comunicou com o governador.

— Ele disse que me avisaria antes de entrar em contato com o idiota pomposo

e eu acredito nele.

— Espero que você esteja certo — porque aquele idiota pomposo é o contato do Chacal em Montserrat.

— *O quê? Eu não acredito!*

— Pode acreditar. Eu confirmei.

— Mas é incrível!

— Não, não é. É típico do Chacal. Ele descobre uma vulnerabilidade e a recruta a peso de ouro. Poucos homens que vivem à margem da lei não podem ser comprados por ele.

Atônito, St. Jacques caminhou até as portas da varanda, procurando aceitar o inacreditável.

— Acho que isso responde à pergunta que muitos de nós estamos fazendo. O governador é de uma família de fidalgos proprietários de terras, tem um irmão num alto posto do Ministério do Exterior, que é muito amigo da primeira-ministra. Por que foi mandado para cá, na sua idade ou, melhor, por que aceitou este posto? Na sua posição era de esperar que recusasse qualquer coisa que não fossem as Bermudas ou as Ilhas Virgens britânicas. Plymouth pode ser um degrau, mas não um posto para fim de carreira.

— Ele foi exilado, Johnny. Carlos provavelmente descobriu por que há muito tempo e o colocou na lista. Há anos ele faz isso. Muita gente lê jornais, revistas e livros por diversão. O Chacal estuda volumes de relatórios e informações secretas de todas as origens possíveis, e tem descoberto mais coisas do que a CIA, a KGB, os MI-Cinco e Seis, Interpol e todos os outros serviços gostariam de saber... Os hidraviões chegaram à ilha cinco ou seis vezes depois que voltei de Blackburne. Quem veio neles?

— Pilotos — respondeu St. Jacques, voltando-se para Jason. — Estavam levando os hóspedes do hotel, não trazendo ninguém, eu já disse isso.

— Sim, você me disse. E vigiou o tempo todo?

— Vigiei quem?

— Cada avião que chegava.

— Ora, vamos! Você me mandou fazer mil coisas.

— O que me diz dos dois comandos negros? Aqueles nos quais confia tanto?

— Estavam controlando e posicionando os outros guardas, pelo amor de Deus.

— Então não sabemos quem pode ter vindo naqueles aviões, certo? Talvez descendo na água enquanto o avião passava entre os recifes — talvez antes do banco de areia.

— Pelo amor de Deus, David. Conheço esses pilotos há anos. Não iam permitir nada disso. De jeito nenhum!

— Quer dizer que é uma coisa incrível.

— Pode acreditar.

— Como o contato do Chacal em Montserrat. O governador da Coroa.

O dono do Hotel Tranqüilidade olhou para Jason.

— Em que mundo você vive?

— Um mundo no qual eu sinto muito que você tenha entrado. Mas agora é parte dele e tem de jogar de acordo com as regras, com as minhas regras.

Um *lampejo* rápido, uma faixa infinitesimal de luz vermelha na noite lá fora! *Infravermelho!* Bourne estendeu os braços e saltou sobre St. Jacques, empurrando-o para longe da janela da varanda.

— Saia daí! — rugiu Jason, quando os dois caíram no chão e três estalidos sucessivos cortaram o espaço e as balas penetraram as paredes da vila.

— Que *diabo*...

— Ele está lá fora e quer que eu *saiba* — disse Bourne, empurrando o cunhado para a parte mais baixa, arrastando-se ao lado dele e enfiando a mão no bolso da *guayabera*. — Ele sabe quem você é, por isso deve ser o primeiro a morrer, para me torturar, porque sabe que você é irmão de Marie — é parte da minha *família* e é essa sua arma principal. Minha *família!*

— Jesus Cristo. O que vamos *fazer*?

— Eu vou *fazer* — respondeu Jason, tirando o segundo sinalizador do bolso. — Vou mandar uma mensagem dizendo que estou vivo e *por que* estarei vivo quando ele estiver morto. Fique onde está! — Bourne arrastou-se para a varanda e atirou para a noite o míssil aceso e sibilante. Dois tiros vieram imediatamente. As balas ricochetearam no teto e esfacelaram o espelho de uma penteadeira. — Ele tem uma MAC-dez com silenciador — disse Delta da Medusa, rolando ao lado da parede, segurando o pescoço. — Preciso sair daqui!

— David, você está *ferido*!

— Isso é ótimo. — Jason Bourne levantou-se, saiu do quarto batendo a porta e correu para a sala de estar da vila, onde encontrou o médico canadense com a testa franzida.

— Ouvi um barulho lá dentro — disse o médico. — Está tudo bem?

— Tenho de sair. Deite no *chão*!

— Ora, escute aqui! Estou vendo sangue nas suas ataduras, os pontos...

— Deite no chão!

— O senhor não tem mais 21 anos, Sr. Webb...

— Saia da minha *vida*! — gritou Bourne, saindo da vila e correndo para o prédio principal, só então ouvindo o barulho ensurdecido da banda, amplificado por uns vinte alto-falantes colocados nas árvores.

A cacofonia era insuportável, mas não deixava de ser uma ajuda, pensou Jason. Angus McLeod estava cumprindo sua palavra. Os poucos hóspedes restantes e um

número menor de empregados do hotel estavam no enorme restaurante circular envidraçado, o que significava que o Camaleão devia mudar de cor. Conhecia o pensamento do Chacal como o seu e isso significava que o assassino ia fazer exatamente o que Jason Bourne faria nessas circunstâncias. O lobo faminto entrou babando de fome na caverna da sua presa confusa e apavorada e tirou o melhor pedaço de carne. Ele faria a mesma coisa, trocando a pele do mítico camaleão, mostrando uma presa muito maior — digamos, um tigre de Bengala — capaz de fazer um chacal aos pedaços com seus dentes... Por que as imagens eram tão importantes? *Por quê?* Jason sabia a resposta e ela significava uma sensação de vazio, o desejo de alguma coisa que ficara no passado — ele não era mais Delta, o temido guerrilheiro de Medusa, não era Jason Bourne de Paris e do Extremo Oriente. David Webb, mais velho do que ambos, muito mais velho, invadia seus pensamentos, tentando encontrar razão dentro da insanidade e da violência.

Não! Afaste-se de mim! Você é nada, eu sou tudo!... Afaste-se, David, pelo amor de Deus, vá embora.

Bourne deu meia-volta e correu pelo gramado na direção da entrada do hotel. Ofegante, diminuiu o passo ao ver alguém na porta. Depois, tendo reconhecido o homem, continuou a correr. Era um dos poucos membros do Tranqüilidade da qual se lembrava e um dos poucos que queria esquecer.. O assistente do gerente, o insuportavelmente esnobe Pritchard, um tagarela tedioso que não deixava ninguém esquecer a importância da sua família em Montserrat — especialmente um tio que era assistente do diretor da imigração, na opinião de David, sem dúvida uma vantagem não para o Tranqüilidade.

— Pritchard! — gritou Bourne, aproximando-se do homem. — Você arranjou as ataduras?

— Ora, *senhor* — exclamou o subgerente surpreso. — O senhor está *aqui*. Disseram que havia partido esta tarde...

— Oh, merda!

— Senhor?... Meus lábios sofrem ao transmitir minhas condolências...

— Mantenha-os fechados, Pritchard. Está entendendo?

— É claro, eu não estava aqui esta manhã para recebê-lo, nem esta tarde para vê-lo partir e expressar meus profundos sentimentos, porque o Sr. St. Jay me pediu para trabalhar esta noite, na verdade, toda a noite...

— Pritchard, estou com pressa. Dê-me as ataduras e não conte a ninguém — *ninguém* — que me viu. Quero que isso fique bem claro.

— Oh, está claro, senhor — disse Pritchard, entregando a Jason os três rolos de tamanhos diferentes de atadura elástica. — Essa informação privilegiada está segura comigo, bem como o fato de saber que sua mulher e seus filhos estavam hospedados aqui — oh, Deus *me perdoei Perdoe-me*, senhor.

— Eu e Ele o perdoamos se ficar de boca fechada.

— Selada. Está selada! É um enorme privilégio.

— Vai ser fuzilado se abusar do privilégio. Está *claro*?

— *Senhor*?

— Não desmaie, Pritchard. Vá até a vila e diga ao Sr. St. Jay que logo me comunico com ele e para ele ficar aqui. Entendeu? Ele deve *ficar* aqui... E você também.

— Talvez eu possa...

— Esqueça. Saia daqui agora.

O subgerente atravessou correndo o gramado na direção das vilas da ala leste e Bourne entrou no hotel. Subiu a escada de dois em dois degraus — poucos anos atrás, teria sido de três em três — e outra vez ofegante chegou ao escritório de St. Jacques. Entrou, fechou a porta e foi até o closet onde sabia que o cunhado guardava algumas roupas. Os dois tinham aproximadamente o mesmo tamanho — tamanho grande, como dizia Marie — e muitas vezes Johnny havia usado paletós de David quando os visitava. Jason escolheu a combinação de cores mais discreta. Calça esporte cinza-clara e um blazer azul-escuro de algodão, a única camisa que encontrou, também de algodão, marrom, de mangas curtas. Nada que pudesse refletir a luz.

Começou a se despir e sentiu uma pontada aguda no lado esquerdo do pescoço. Olhou no espelho, primeiro alarmado, depois furioso com o que viu. Uma mancha vermelho-viva alastrava-se na atadura muito apertada. Abriu a caixa da maior atadura elástica. Era tarde demais para trocar o curativo. Só podia reforçá-lo, na esperança de estancar a hemorragia. Enrolou a nova atadura no pescoço, cortou as sobras e prendeu as pontas com os ganchos. Seus movimentos estavam agora mais inibidos do que nunca. Precisava não pensar nessa desvantagem.

Trocou de roupa, disfarçou a atadura, erguendo a gola da camisa marrom, pôs a automática no cinto e o rolo de linha de pesca no bolso do blazer... *Passos que se aproximavam!* Encostou na parede, com a mão na arma, e a porta se abriu. O velho Fontaine entrou, olhou para Bourne por um momento, depois fechou a porta.

— Estava à sua procura, sem saber se ainda estava vivo — disse o francês.

— Só estamos usando os rádios em caso de extrema necessidade. — Jason afastou-se da parede. — Pensei que tivesse recebido a mensagem.

— Recebi e estava certa. A esta altura, Carlos deve ter um rádio também. Você sabe, ele não está sozinho. Por isso andei por aí à sua procura. Depois me ocorreu que você e seu cunhado deviam estar aqui, no quartel-general, por assim dizer.

— Não é muito prudente andar por aí sem se proteger.

— Não sou idiota, *monsieur*. Se fosse, estaria morto há muito tempo. Faço tudo com muita cautela... Na verdade, foi por isso que resolvi encontrá-lo, desde que não

estivesse morto.

— Não estou e você me encontrou. O que há? Você e o juiz deviam estar numa vila vazia, não andando por aí.

— Nós estamos, nós estávamos. O caso é que eu tenho um plano, um *estratagema* que talvez o interesse. Conversei a respeito com Brendan...

— Brendan?

— É o nome dele, *monsieur*. Ele acha que meu plano tem algum mérito e ele é um homem brilhante, muito *sagace*...

— Esperto? Sim, tenho certeza disso, mas não está no nosso ramo de negócio.

— Ele é um sobrevivente. Sob esse ponto de vista, estamos todos no mesmo negócio. Ele acha que há um certo risco, mas dadas as circunstâncias, qualquer plano representa risco.

— Qual é o plano?

— O objetivo é apanhar o Chacal com o mínimo de perigo para as outras pessoas que estão aqui.

— Isso o preocupa de verdade, não é?

— Eu já disse, portanto não preciso repetir. Lá fora estão homens e mulheres...

— Continue — interrompeu Bourne, irritado. — Qual é a sua estratégia? Quero que entenda que pretendo tirar o Chacal do seu esconderijo nem que tenha de manter a ilha toda como refém. Não estou disposto a ceder nada. Já cedi demais.

— Então você e Carlos tocaiam um ao outro no escuro da noite? Dois caçadores de meia-idade, enlouquecidos, obcecados pela idéia de matar, sem se importar com quem é morto, ferido ou inutilizado para o resto da vida por causa dessa luta particular.

— Se quer compaixão, vá à igreja e implore ao seu Deus que urine neste planeta. Ou ele tem um senso de humor muito estranho, ou é sádico. *Agora* comece a dizer coisas com sentido ou vou-me embora daqui.

— O que eu imaginei foi...

— *Fale!*

— Conheço o monsenhor, sei como ele pensa. Ele planejou a morte da minha mulher e a minha, mas não ao mesmo tempo que a sua, para não tirar o suspense do drama de sua vitória total. Ficaria para depois. A revelação de que eu, o chamado herói de França era na realidade instrumento do Chacal, sua criação, seria a prova final do seu triunfo. Não compreende?

Jason observou o velho em silêncio e depois disse:

— Sim, compreendo. Não que eu jamais pudesse imaginar alguém como você, mas esse modo de agir é a base de tudo em que acredito. Ele é megalomaniaco. Na sua fantasia, ele é o rei dos infernos e quer que sua pessoa e seu trono sejam reconhecidos pelo mundo todo. Para ele, seu gênio foi ignorado até agora, relegado

ao nível dos assassinos comuns e dos atiradores da Máfia. Ele quer clarins e tambores, e só ouve sereias cansadas e perguntas de rotina dos policiais.

— *C'est vrai*. Certa vez ele se queixou para mim de que ninguém o conhece na América.

— É verdade. Quem já ouviu seu nome pensa que é um personagem fictício de romances ou filmes. Ele tentou compensar seu fracasso quando há 13 anos voou de Paris para Nova York para me matar.

— Correção, *monsieur*. Você o atraiu a Nova York.

— Isso é história. Porém, o que tem a ver com nossa situação... com seu plano?

— É o meio de obrigar o Chacal a vir atrás de *mim*, de se encontrar *comigo*. Agora. Esta noite.

— Como?

— Basta eu começar a andar por aí abertamente, de modo que ele ou um dos seus homens me veja e me ouça.

— Por que isso o faria procurar falar com você?

— Porque não estarei com a enfermeira que ele me arranjou. Estarei com outra pessoa, que ele não conhece, uma pessoa que não tem nenhum motivo para me matar.

Novamente Bourne olhou pensativo e em silêncio para o velho francês.

— Isca — observou ele, finalmente.

— Uma isca tão provocadora que ele não vai descansar enquanto não conseguir apanhá-la — ter-me nas mãos para um interrogatório... Você compreende, eu sou vital para ele — ou melhor, minha morte é vital — e para o Chacal tudo se resume em fazer as coisas no momento certo. A precisão é sua... sua *diction*, como se diz?

— Seu lema, seu método de operação, eu acho.

— A isso ele deve sua sobrevivência, desse modo tirava a maior vantagem de cada assassinato, reforçando sua fama de *assassin suprême*. Até um homem chamado Jason Bourne aparecer no Extremo Oriente... O Chacal jamais foi o mesmo. Mas você sabe de tudo isso...

— E não me interessa — disse Jason. — O “momento certo”. Continue.

— Depois da minha morte ele pode revelar quem era na verdade Jean Pierre Fontaine, o herói de França. Um impostor, *seu* impostor, *sua* criação, o instrumento de morte que serviu de isca para Jason Bourne. Que triunfo para ele!... Mas só pode fazer isso depois que eu estiver morto, porque seria muito inconveniente. Eu sei demais, tenho muitos amigos nas sarjetas de Paris. Não, preciso estar morto para que ele tenha seu triunfo.

— Nesse caso ele o matará assim que o vir.

— Não antes de ter as respostas, *monsieur*. Onde está a enfermeira assassina? O que aconteceu com ela? O Caméléon a encontrou, a recrutou, acabou com ela? A

mulher está em poder das autoridades britânicas? Está a caminho de Londres e do MI-Seis com todos seus produtos químicos, para ser finalmente entregue à Interpol? Tantas perguntas... Não, ele não me matará antes de saber o que precisa saber. Talvez não seja preciso mais de alguns minutos para satisfazer todas as dúvidas do Chacal, mas muito antes disso espero que esteja ao meu lado para garantir minha sobrevivência, embora não a dele.

— A enfermeira? Onde quer que esteja, será morta.

— De modo nenhum. Eu a mandarei embora, fora da minha vista ao primeiro sinal de contato. Caminhando com ela, vou lamentar a ausência da minha querida e nova amiga, o anjo de misericórdia que cuida tão bem da minha mulher, perguntando em voz alta: O que aconteceu com ela? Para onde terá ido? Por que não a vi durante *todo o dia*? É claro que estarei com o rádio ligado escondido sob a roupa. Para onde quer que me levem — pois certamente um dos homens de Carlos fará contato primeiro — farei as perguntas próprias de um homem velho e fraco. Por que estão me trazendo para este lugar? Por que estamos aqui?... Você me acompanhará, com força total, eu espero sinceramente. Se fizer isso, apanhará o Chacal.

Com a cabeça erguida, o pescoço rígido, Bourne sentou-se na ponta da mesa de St. Jacques.

— Seu amigo, o juiz Brendan não sei do quê, tem razão...

— Prefontaine. Embora Fontaine não seja meu nome verdadeiro, resolvemos que somos da mesma família. Quando os primeiros membros da família saíram da Alsácia-Lorena para a América, no século XVIII, com Lafayette, acrescentaram o *Pre* para diferenciá-los dos vários Fontaine da França.

— Ele disse isso?

— É um homem brilhante. Um ex-meritíssimo juiz.

— Lafayette era da Alsácia-Lorena?

— Não sei, *monsieur*, nunca estive lá.

— Ele é um homem brilhante... E o melhor, está com a razão. Seu plano tem muito mérito, mas também um risco considerável. Vou ser franco com você, Fontaine. Não me importo a mínima com o risco que você pode correr, ou a suposta enfermeira. Eu quero o Chacal e se isso custar sua vida ou a vida de uma mulher que eu não conheço, pouco me importa. Quero que compreenda isso.

O velho francês olhou para Jason com expressão irônica e riu baixinho.

— Você é uma contradição tão aparente. Jason Bourne jamais teria dito o que acaba de dizer. Ele teria ficado em silêncio, aceitando minha proposta sem comentários, reconhecendo as vantagens. O marido da Sra. Webb, entretanto, precisa dizer alguma coisa. *Ele é contra e deve ser ouvido.* — A voz de Fontaine ficou ríspida de repente. — *Livre-se dele, monsieur Bourne. Ele não é a minha proteção, nem instrumento da morte do Chacal. Livre-se dele.*

— Ele se foi, posso garantir, ele *se foi*. — O Camaleão levantou-se do canto da mesa com o pescoço rígido e dolorido. — Vamos começar.

O barulho ensurdecedor da banda limitava-se agora ao saguão envidraçado e ao restaurante adjacente. Por ordem de St. Jacques, os alto-falantes nas árvores foram desligados. O dono do Tranqüilidade saiu da vila escoltado pelos dois ex-comandos armados com Uzis, acompanhado pelo médico canadense e pela tagarelice incessante do Sr. Pritchard. O subgerente recebeu ordens para voltar à recepção e não dizer nada sobre o que tinha visto durante aquela última hora.

— Absolutamente nada, senhor. Se me perguntarem, eu estava falando no telefone com as autoridades de “Serrat”.

— Sobre *o quê*? — objetou St. Jacques.

— Bem, eu pensei que...

— Não pense. Você estava verificando o serviço das camareiras na ala oeste, isso é tudo.

— Sim, senhor. — Desapontado, Pritchard dirigiu-se para a porta do escritório, aberta há poucos momentos pelo anônimo médico canadense.

— Duvido que o que ele pode dizer faça muita diferença — disse o médico, quando Pritchard saiu. — Lá dentro temos um perfeito zoológico. A combinação dos acontecimentos da noite passada, com muito sol e muito álcool, nos faz prever um sentimento coletivo de culpa amanhã. Minha mulher acha que seu meteorologista não vai ter muito para dizer, John...

— Por quê?

— Ele está enchendo a cara também e mesmo que esteja semilúcido, não há ninguém suficientemente sóbrio para ouvi-lo.

— Acho melhor eu ir até lá. Vamos transformar isto num pequeno *carnivale*. Scotty economizará 10 mil dólares e quanto mais distração, melhor. Vou falar com os homens da banda e com os do bar e volto já.

— Talvez não nos encontre aqui — disse Bourne, quando o cunhado saiu e uma mulher com uniforme completo de enfermeira apareceu na porta do banheiro particular de St. Jacques. O velho Fontaine aproximou-se dela.

— Muito bem, minha filha, está ótima — disse o francês.

— Agora, lembre-se, vou segurai seu braço enquanto caminhamos e conversamos, e quando eu o apertar e erguer a voz, mandando que me deixe sozinho, você obedece imediatamente, certo?

— Certo, senhor. Devo me afastar do senhor rapidamente, muito zangada com sua indelicadeza.

— É isso. Não precisa ter medo, é só uma brincadeira. Queremos falar com uma pessoa muito tímida.

— Como está o pescoço? — perguntou o médico, olhando para Jason sem ver a

nova atadura sob a gola da camisa marrom.

— Tudo bem — respondeu Bourne.

— Vamos dar uma olhada — disse o canadense, adiantando-se na direção de Bourne.

— Obrigado, mas agora não, doutor. Sugiro que desça e faça companhia à sua mulher.

— Sim, achei que ia dizer isso, mas posso dizer uma coisa, rapidamente?

— *Muito* rapidamente.

— Sou médico e já tive de fazer muitas coisas contra a minha vontade e estou certo de que esta é uma delas. Mas quando penso naquele jovem e no que fizeram com ele...

— *Por favor* — interrompeu Jason.

— Sim, eu compreendo. Mesmo assim, estarei aqui, se precisar de mim. Só queria que soubesse disso... Não me orgulho muito do que disse antes. Vi o que vi e tenho um nome e estou perfeitamente disposto a prestar depoimento nos tribunais. Em outras palavras, retiro minha relutância em me envolver.

— Não haverá tribunais, doutor, nem depoimentos.

— Não? Mas trata-se de *crimes* graves!

— *Sabemos* do que se trata — interrompeu Bourne.

— Agradeço muito a sua ajuda, mas nada mais tem a fazer.

— Compreendo — disse o médico olhando intrigado para Jason. — Então eu já vou — o médico canadense foi até a porta e voltou-se. — Acho melhor deixar que eu veja esse pescoço, mais tarde. Se ainda tiver pescoço para mostrar. O médico saiu e Bourne disse para Fontaine:

— Estamos prontos?

— Estamos. — O francês sorriu para a jovem negra, grande e imponente, que parecia intrigada. — O que vai fazer com todo o dinheiro que ganhar esta noite, minha cara?

A jovem sorriu encabulada, mostrando os dentes muito brancos.

— Tenho um bom namorado. Vou comprar um belo presente para ele.

— Isso é formidável. Como se chama seu namorado?

— Ishmael, senhor.

— Vamos — disse Jason, com voz firme.

A idéia do plano era simples e, como a maioria das boas estratégias, por mais complexas que sejam, de simples execução. O passeio do velho Fontaine fora mapeado com precisão. Começava com Fontaine e a jovem voltando para sua vila, supostamente para ver como estava sua mulher, antes da caminhada diária receitada pelos médicos. Andaram na parte iluminada do caminho principal, atravessando uma vez ou outra o gramado, mas sempre bem à vista. Um homem velho e rabugento,

andando ao acaso, para aborrecimento da sua acompanhante. Era uma cena comum, um septuagenário irascível, provocando a pessoa que tomava conta dele.

Os dois ex-comandos, um baixo, ou outro bem alto, guardavam todo o trajeto entre o início da caminhada e onde o francês e sua “enfermeira” se separavam. À medida que Fontaine e a mulher se adiantavam, um comando passava pelo outro, colocando-se no ponto seguinte, usando passagens que só eles conheciam, como a trilha além do muro que seguia a costa acima dos arbustos tropicais cerrados, que levava à praia abaixo das vilas. Os guardas negros eram como duas aranhas enormes no meio da selva, passando com facilidade de galho em galho, de pedra em pedra, acompanhando o casal que vigiavam. Bourne acompanhava o segundo homem com seu rádio ligado, e as palavras indignadas de Fontaine chegavam até ele no meio da estática. *Onde está aquela outra enfermeira? Aquela moça adorável que toma conta da minha mulher? Onde está ela? Não a vi o dia todo!* O velho repetia as frases com ênfase e hostilidade crescente.

Jason escorregou atrás do muro e seus pés se prenderam em fortes cipós. Não podia se soltar — não tinha força! Moveu a cabeça — os ombros — e a dor queimou seu pescoço como agulhas em brasa. Não é *nada*. Puxe, com força, *rasgue esses cipós!* Com os pulmões a ponto de estourar e o sangue empapando agora a camisa, conseguiu se livrar e arrastou-se para a frente.

De repente, luzes. Luzes *coloridas* envolveram o muro. Estavam na trilha que levava à capela, com os holofotes vermelhos e azuis que iluminavam a entrada do santuário de Tranquilidade, fechado à visitação. Era o último ponto da caminhada antes da volta para a vila de Fontaine, escolhido mais para dar ao velho francês oportunidade de descansar do que por outro motivo qualquer. St. Jacques havia colocado um guarda ali para evitar a entrada na capela em ruínas. Não havia nenhum contato previsto para aquele ponto. Então Bourne ouviu as palavras no rádio — as palavras que mandavam a jovem enfermeira afastar-se correndo do seu companheiro.

— *Afaste-se de mim!* — gritou Fontaine. — Não gosto de você. Onde está a nossa enfermeira? O que você fez com ela?

Acima dele e um pouco na frente, os dois comandos estavam agachados, lado a lado perto do muro. Voltaram-se e olharam para Jason, e seus olhos na luz fantasmagórica e colorida diziam o que ele já sabia. A partir daquele momento, todas as decisões eram dele. Os homens haviam-no escoltado até o inimigo. O resto dependia dele.

Uma coisa rara aconteceu. O inesperado abalou Bourne. Fontaine ter-se-ia enganado? Teria esquecido a presença do guarda, tomando-o por um dos contatos do Chacal? Seus olhos idosos teriam interpretado uma reação de surpresa dos guardas como a abordagem do inimigo? Qualquer coisa era possível, porém, considerando o passado do francês — a vida de um sobrevivente — e sua mente sempre alerta, um

engano desse tipo não era provável.

Jason pensou então em outra possibilidade assustadora. Teriam assassinado o guarda e posto outra pessoa no lugar dele? Carlos era mestre nessas táticas. Diziam que ele havia cumprido o contrato para assassinar Anwar Sadat sem dar um tiro, apenas substituindo os guardas pessoais do presidente por recrutas inexperientes — o dinheiro distribuído no Cairo foi reembolsado em cem vezes mais pelas irmandades anti-Israel do Oriente Médio. Se era verdade, a Ilha Tranquilidade era brinquedo de criança para ele.

Jason levantou-se, segurou na parte superior do muro, lenta e dolorosamente, saltou a cerca viva, e apoiando-se com um braço depois do outro, avançou. Ficou assombrado com o que viu.

Fontaine estava imóvel, com a boca aberta, os olhos arregalados e incrédulos fixos no homem com terno de gabardine bege que se aproximou e o abraçou. O velho herói de França empurrou o homem, com pânico e espanto. As palavras soaram rápidas no rádio de Jason.

— *Claude! Quelle secousse! Vous êtes ici!*

O velho amigo respondeu em francês, com voz trêmula.

— Um privilégio concedido por monsenhor. Para ver minha irmã pela última vez e para consolar meu amigo, seu marido. Estou aqui e estou com *você!*

— Comigo? Ele o trouxe para cá? Mas é claro!

— Devo levá-lo a ele. O grande homem quer falar com você.

— Sabe o que está fazendo? O que acaba de *fazer*?

— Estou com você, com ela. Nada mais importa.

— Ela está *morta!* Suicidou-se a noite passada! *Ele* pretendia nos matar.

Desligue seu rádio! gritou Bourne no silêncio de sua mente. *Desligue o rádio!* Tarde demais. A porta da esquerda da capela abriu-se e a silhueta de um homem saiu para o corredor iluminado por luzes coloridas. Era um homem jovem, forte e louro, com traços marcados e gestos rígidos. O Chacal estaria treinando alguém para tomar seu lugar?

— Venha comigo, por favor — disse o homem louro em francês, em tom delicado mas autoritário. — Você — disse, dirigindo-se ao homem com terno de gabardine — fique onde está. Ao menor ruído, atire para o ar... Tire a arma do bolso, fique com ela na mão.

— *Oui monsieur.*

Jason, sem poder fazer nada, viu Fontaine ser conduzido para a porta da capela. O rádio no seu bolso emitiu uma tempestade de estática seguida por um estalido. O rádio de Fontaine fora encontrado e destruído. Sim, alguma coisa estava errada, fora de centro, desequilibrada — ou talvez simétrica demais. Não era lógico Carlos usar pela segunda vez o local de uma armadilha fracassada. Não fazia sentido! O

aparecimento do irmão da mulher de Fontaine era um movimento excepcional, digno do Chacal, um movimento realmente inesperado dentro da confusão, mas não isto, não outra vez a capela supérflua de Tranqüilidade. Era muito previsível, muito repetitivo, óbvio demais. *Errado*.

E por isso mesmo certo?, pensou Bourne. Seria a lógica ilógica do assassino que já havia enganado centenas de departamentos especiais da comunidade internacional de Inteligência durante quase trinta anos? “Ele não faria isso... é loucura!” “...Oh sim, podia fazer porque sabe que achamos que é loucura”. O Chacal estaria ou não na capela? Se não estava, onde *estaria*? Onde havia preparado sua armadilha?

O jogo letal de xadrez não era só extremamente complexo, como também de uma intimidade sublime. Outros podiam morrer, mas só um *dos dois* viveria. Era o único fim possível. Morte ao vendedor de morte ou morte ao seu desafiante, um procurando a preservação de uma lenda, o outro procurando preservar sua família e a própria vida. A vantagem era de Carlos. Ele arriscaria tudo, pois, como Fontaine havia informado, estava morrendo e nada mais importava. Bourne tinha tudo para querer viver, Bourne, o caçador de meia-idade com a vida indelevelmente marcada, dividida com a morte de outra mulher e dois filhos vagamente lembrados, há muito tempo no distante Camboja. Não ia acontecer, não *podia* acontecer outra vez!

Jason desceu do muro para o precipício íngreme a seus pés. Arrastou-se até os dois ex-comandos e murmurou:

— Eles levaram Fontaine para dentro.

— Onde *está* o guarda? — perguntou o homem mais próximo dele, em voz baixa. — Eu mesmo o deixei ali, com instruções específicas. *Ninguém* deveria entrar. Ele devia comunicar pelo rádio assim que visse *alguém*!

— Então, acho que ele não o viu.

— Quem?

— Um homem louro que fala francês.

Os comandos entreolharam-se rapidamente, depois um deles voltou-se para Jason.

— Descreva o homem, por favor.

— Altura média, peito e ombros largos...

— Não precisa dizer mais — interrompeu o primeiro guarda. — Nosso homem o viu, senhor. Ele é terceiro preposto da polícia do governo, um oficial que fala diversas línguas e é chefe da investigação de narcóticos.

— Mas, onde está ele, *mon*? — perguntou o outro guarda. — O Sr. St. Jay disse que a polícia da Coroa não foi informada de tudo, não faz parte desta ação.

— Sir Henry, *mon*. Ele tem barcos da Coroa, uns seis ou sete, entrando e saindo, com ordens para deter qualquer pessoa que saia de Tranqüilidade. São

barcos de drogas, *mon*. Sir Henry diz que é um exercício de patrulha, portanto, naturalmente o chefe de investigações deve ser... — O antilhano parou de falar e olhou para o companheiro —... Então por que ele não está lá fora, na água, *mon*?

— Vocês gostam dele? — perguntou Bourne, surpreso com a própria pergunta instintiva. — Quero dizer, vocês o respeitam? Talvez eu esteja enganado, mas tive a impressão de ouvir uma certa...

— Não está enganado, senhor — interrompeu o primeiro guarda. — O preposto é um homem cruel e não gosta dos *punjabis*, que é como ele nos chama. Está sempre nos acusando disto e daquilo, e muitos já foram despedidos por causa disso.

— Por que não se queixam, não se livram dele? Os britânicos vão ouvir o que vocês têm a dizer.

— Não o governador da Coroa, senhor — explicou o segundo guarda. — Ele é muito parcial no que se refere ao seu severo chefe de narcóticos. São grandes amigos e sempre saem juntos para pesca de oceano.

— Compreendo. — Jason compreendia e de repente ficou assustado, *muito* assustado. — St. Jay disse que havia uma trilha atrás da capela. Disse que talvez esteja cheia de mato, mas que ainda deve estar lá.

— Sim, está — confirmou o primeiro comando. — Os empregados do hotel ainda a usam para descer até a praia nos dias de folga.

— É muito extensa?

— Trinta e cinco, quarenta metros de comprimento. Vai até uma descida, com degraus feitos na pedra, que levam à praia.

— Qual de vocês dois é o mais rápido? — perguntou Bourne, tirando do bolso o carretel de linha de pescar.

— Sou eu.

— Sou *eu*.

— Escolho você — disse Jason para o mais baixo, entregando a ele o carrete — Desça ao lado da trilha e sempre que for possível atravesse esta linha no caminho, amarrando-a a galhos e troncos fortes. Você não deve ser visto, portanto fique alerta, veja no escuro.

— Não é problema, *mon*.

— Tem uma faca?

— Está perguntando se tenho olhos?

— Ótimo. Dê-me a sua Uzi. *Depressa!*

O guarda afastou-se apressadamente e desapareceu entre a folhagem espessa. O segundo Comando Real disse:

— Na verdade, senhor, sou muito mais rápido porque tenho pernas mais compridas.

— Por isso eu o escolhi e acho que você sabe. Pernas compridas não são uma

vantagem aqui, e até atrapalham, o que eu sei. Além disso, ele é muito menor e mais difícil de ser visto.

— Os menores sempre ficam com as melhores coisas. Eles *nos* colocam na frente nas paradas e *nos* põem nos ringues de boxe com regras que não entendemos, mas os soldados menores ficam com as sopas.

— Sopas? Os melhores trabalhos?

— Isso mesmo, senhor.

— Os mais perigosos?

— Sim, *mon!*

— Procure viver com isso, grandão.

— O que fazemos agora, senhor?

Bourne olhou para as luzes coloridas no outro lado do muro.

— É o que chamamos de jogo de espera — sem nenhuma alusão a canções de amor, apenas o ódio que sentimos quando outra pessoa quer nos matar. Não há nada parecido, porque não se pode *jazer* nada. Só pensar no que o inimigo pode estar fazendo, e se ele pensou em alguma coisa na qual você não pensou. Como alguém disse certa vez, eu preferia estar em Filadélfia.

— Onde, *mon?*

— Nada. Não é verdade.

De repente um grito prolongado e doloroso encheu o ar acompanhado de palavras pronunciadas em meio a terrível sofrimento. *Non, non, vous êtes monstrueux!... Arrêtes, arrêtes, je vous supplie!*

— *Agora!* — exclamou Jason, passando a correia da Uzi pelo ombro e, saltando para o muro, segurou a parte de cima. O sangue começou a correr do seu pescoço com o movimento brusco. Ele não podia *subir!* Não podia *saltar!* Então, mãos fortes o puxaram e ele caiu do outro lado.

— *As luzes!* — gritou Jason. — Atire nelas!

O comando ergueu sua Uzi, e os holofotes explodiram nos dois lados do caminho da capela. Outra vez, mãos fortes o puxaram para o abrigo das sombras. Então um facho isolado de luz amarela moveu-se de um lado para o outro. A potente lanterna de halogênio do comando. O velho com terno de gabardine estava deitado na trilha, coberto de sangue, com a garganta cortada.

— *Parem!* Em nome de Deus todo-poderoso, parem onde estão! — disse Fontaine dentro da capela, cuja porta entreaberta deixava ver a luz trêmula das velas elétricas.

Os dois homens aproximaram-se da porta com as armas na mão, preparados para uma rajada contínua... mas não para o que Viram. Bourne fechou os olhos, era demais para ele. O velho Fontaine, como o jovem Ishmael, estava deitado sobre a plataforma, sobre os vitrais quebrados da parede esquerda, com o rosto coberto de

sangue e presos ao seu corpo havia fios finos que levavam a várias caixas negras colocadas nos dois lados da capela.

— *Para trás!* — gritou Fontaine. — *Corram*, seus loucos! Isto é uma bomba...

— Oh, *Cristo!*

— Não me lamente, *monsieur Le Caméléon*. Vou alegremente ao encontro da minha mulher! Este mundo é feio demais, até mesmo para mim. Não é mais divertido. *Corram!* A bomba vai explodir — eles estão observando!

— O senhor, *mon!* *Agora!* — rugiu o segundo comando, segurando o paletó de Jason e correndo com ele para o muro, amparando-o nos braços quando saltaram para a folhagem espessa no outro lado.

Foi uma explosão maciça, cegante e ensurdecadora. Era como se aquele cantinho da pequena ilha tivesse sido arrancado por um míssil nuclear rastreador de calor. As chamas subiram para o céu noturno, mas a massa candente logo foi transformada pelo vento em brasas cintilantes.

— *A trilha!* — gritou Jason com voz rouca e abafada, erguendo-se com dificuldade entre a folhagem. — Vá para a trilha!

— O senhor não está bem, *mon...*

— Posso tomar conta de *mim*, você toma conta de *você*.

— Acho que tomei conta de nós dois.

— Muito bem, então ganhou uma droga de medalha e eu acrescento muito dinheiro a ela. Agora, vamos para a *trilha!*

Empurrando, puxando, e finalmente com os pés de Bourne movendo-se como uma máquina descontrolada, chegaram à trilha a uns dez metros das ruínas em brasa da capela. Entraram pelo mato e dentro de alguns segundos o primeiro comando os encontrou.

— Eles estão naquele grupo de palmeiras ao sul — disse ele, ofegante. — Esperaram um pouco para ver se alguém estava vivo, mas não podiam ficar muito tempo.

— Você estava *lá?* — perguntou Jason. — Com eles?

— Sem problema, *mon*, como eu disse, senhor.

— O que está acontecendo? Quantos são?

— Eram quatro, senhor. Eu matei um homem e tomei o lugar dele. Era negro, e no escuro não fez diferença. Foi tudo rápido e silencioso. A garganta.

— Quem sobrou?

— O chefe dos narcóticos de “Serrat”, é claro, e dois outros...

— Descreva os dois!

— Não vi muito bem, mas um acho que era negro, alto com pouco cabelo. O terceiro eu não vi, porque ele — ou ela — estava com roupas estranhas, com um pano na cabeça como um lenço de mulher ou um véu contra insetos.

— Uma *mulher*?

— É possível, senhor.

— Uma mulher...? Eles têm de sair daqui... *ele* tem de sair daqui!

— Logo vão passar por esta trilha a caminho da praia, onde se esconderão no bosque até chegar o barco. Não têm escolha. Não podem voltar para o hotel, e mesmo de longe, e com o barulho da banda, os guardas devem ter ouvido a explosão. Eles informarão o hotel.

— Escutem — disse Bourne com voz rouca e tensa. — Uma daquelas três pessoas é o homem que eu quero, o homem que eu quero *para mim*! Portanto, não atirem porque eu o reconhecerei logo que o vir. Não me importo a mínima com os outros, eles podem ser tirados do esconderijo mais tarde.

Uma rajada de tiros soou na direção da floresta tropical acompanhada de gritos vindos do corredor antes iluminado, atrás das ruínas da capela. Então, um atrás do outro, os vultos saíram dos arbustos e correram para a trilha. O primeiro a ser apanhado pela linha de pesca estendida na altura da cintura foi o policial louro de Montserrat, que caiu no chão. O segundo homem, magro, alto, moreno com apenas uma franja de cabelos em volta da cabeça, abaixou-se e ajudou o primeiro homem a se levantar. O instinto, ou a certeza, fez com que o segundo assassino girasse sua automática num arco aberto, atirando para os lados da trilha. Apareceu o terceiro vulto. *Não* era uma mulher. Era um homem vestido de monge. Um padre. Era *ele*. O *Chacal*!

Bourne ergueu-se e com passo incerto saiu dos arbustos para a trilha, com a Uzi na mão. A vitória era sua, sua a *liberdade*, sua a *família*! Quando o homem vestido de padre chegou no primeiro degrau da escada primitiva cortada na pedra, Jason apertou o gatilho e uma rajada fuzilante brotou da arma.

O monge curvou o corpo, depois caiu e rolou pelos degraus cortados na rocha vulcânica, estatelando-se na areia lá embaixo. Bourne desceu correndo a escada irregular com os dois comandos atrás dele. Chegou à areia, correu para o corpo e tirou o capuz encharcado de sangue do rosto do homem. E com horror viu o rosto negro de Samuel, o padre da Ilha Tranqüilidade, o Judas que vendera a alma para o Chacal por trinta moedas de prata.

Então soou distante o ronco de dois motores potentes e um enorme barco de corrida saiu de um recôncavo da baía na direção de uma abertura entre os recifes de coral. Um holofote iluminou as barreiras de pedra que apareciam acima da superfície da água escura e agitada, e o emblema do barco do governo da patrulha contra drogas. *Carlos*!... O Chacal não era camaleão, mas estava mudado! Estava envelhecido, mais magro e careca — não era mais a figura grande e musculosa da lembrança de Bourne. Só restavam os traços latinos, com o rosto e a calva queimados de sol. O Chacal estava *fugindo*!

Os motores do barco roncaram quando passaram pela pequena abertura para o mar aberto. Então, as palavras em inglês com forte sotaque soaram metálicas no alto-falante, ecoando pela baía.

— *Paris*, Jason Bourne! Paris, se tiver coragem! Ou deverá ser numa pequena universidade no Maine, *Dr. Webb*?

Bourne, com as ataduras do pescoço abertas, desmaiou na beira da água, e um filete de sangue correu para o mar.

O GORDO STEVEN DESOLE, guardião dos segredos mais profundos da CIA, saiu do carro com alguma dificuldade. Ficou de pé no estacionamento deserto do shopping center, em Anápolis, Maryland, onde a única fonte de luz era o luminoso de um posto, de gasolina fechado, com um grande pastor-alemão dormindo na janela. DeSole ajustou os óculos com aros de metal e consultou o relógio, mal conseguindo ver os ponteiros luminosos. O cálculo mais aproximado era entre 3:15h e 3:20h da manhã, o que significava que tinha chegado muito cedo, o que era bom. Precisava coordenar seus pensamentos e não podia fazer isso quando estava dirigindo porque sua grave cegueira noturna exigia que concentrasse toda a atenção na estrada, e estava fora de cogitação tomar um táxi ou contratar um motorista.

A princípio a informação foi... bem, apenas um nome... um nome bastante comum. *O nome dele é Webb*, havia dito o homem no telefone. *Obrigado*, respondeu DeSole. Foi dada uma descrição superficial que se adaptava a milhões de homens. Ele agradeceu novamente ao informante e desligou. Mas então, nos recônditos recessos de sua mente analítica, por profissão e prática de armazenagem de dados essenciais e incidentais, soou um alarme. Webb, Webb... *amnésia*? Uma clínica em Virgínia, há muitos anos. Um homem, mais morto do que vivo, levado de avião de um hospital em Nova York, o arquivo médico de sigilo tão extremo que não podia nem ser mostrado ao Escritório Oval. Porém ele ouviu comentários de especialistas em interrogatório, nos cantos escuros, na maioria das vezes mais para aliviar a frustração do que para impressionar o ouvinte, e ficou sabendo de um paciente difícil, um caso de amnésia, um homem a que chamavam de “Davey”, e às vezes, com hostilidade, apenas de “Webb”, ex-membro da infame Medusa de Saigon, um homem que, eles suspeitavam, estava fingindo ter perdido a memória... Perda de memória? Alex Conklin havia dito que o medusiano treinado para caçar secretamente Carlos, o Chacal, um agente provocador a quem chamavam de Jason Bourne, tinha perdido a *memória*. Perdeu a memória e quase perdeu a vida porque seus controles não acreditaram naquele tipo de *amnésia*! Era o homem que eles chamavam de “Davey”... David. David Webb era o Jason Bourne de Conklin! Não podia haver erro!

David Webb! E ele estava na casa de Norman Swayne na noite em que a Agência foi informada do suicídio daquele pobre idiota, um fato que não foi publicado pelos jornais por motivos que DeSole não compreendia! David Webb. O antigo medusiano Jason Bourne. Conklin. *Por quê?*

Os faróis de uma limusine cortaram a noite na outra extremidade do estacionamento, aproximando-se do analista da CIA num círculo largo, obrigando-o a fechar os olhos — a luz refletida nas lentes espessas era dolorosa para seus olhos. Precisava explicar para aqueles homens a seqüência do raciocínio de sua descoberta. Eles eram seu meio de vida e sua mulher sonhava com — *dinheiro*. Não o dinheiro burocrático e insignificante, mas *dinheiro* de verdade. As melhores universidades para os netos, não as faculdades estaduais nem as bolsas de estudo suplicadas que vinham com seu salário de burocrata — um burocrata tão superior a todos os outros que trabalhavam com ele! *DeSole, a Toupeira Muda*, eles o chamavam, mas não pagavam mais por sua habilidade superior, a mesma habilidade que o impedia de trabalhar no setor privado, onde as inúmeras proibições legais o impediam de funcionar. Algum dia Washington ia aprender. Não seria durante sua vida, portanto seus seis netos haviam tomado a decisão por ele. A simpática nova Medusa acenou com grande generosidade e ele, em sua revolta, atendeu correndo.

Justificava-se pensando que não era uma decisão menos ética do que a que tomavam todos os anos vários membros do Pentágono, quando saíam de Arlington para os braços dos velhos amigos, os comerciantes da defesa. Como havia dito certa vez um coronel do exército, “É trabalhar agora e ser pago mais tarde”, e Deus sabia que Steven DeSole trabalhava como um escravo para seu país, mas o país não reconhecia seu esforço. Porém, detestava o nome de Medusa e raramente o usava porque era o símbolo de outra era, de um tempo aterrador e confuso. As grandes companhias de petróleo e estradas de ferro nasceram da desonestidade e venalidade dos barões, mas eles não eram hoje o que eram antes. A Medusa podia ter tido origem na corrupção de Saigon destruída pela guerra, podia ser um resultado disso, mas aquela Medusa não existia mais. Fora substituída por uma dezena de nomes e companhias diferentes.

Não somos puros, Sr. DeSole, nenhum conglomerado internacional controlado pela América jamais foi — disse o homem que o recrutou —, e é verdade que procuramos o que muitos podem chamar de vantagem econômica injusta, baseada em informações privilegiadas. Segredos, se preferir. O senhor compreende, temos de fazer isso porque é o que fazem nossos competidores em toda a Europa e no Extremo Oriente. A diferença é que eles têm o apoio dos seus governos — nós não temos... Comércio, Sr. DeSole, comércio e lucro. Os mais saudáveis objetivos nesta vida. A Chrysler pode não gostar da Toyota, mas o astuto Sr. Iacocca não pede um ataque aéreo contra Tóquio. Pelo menos, ainda não. Ele descobre meios de unir forças com os japoneses.

Sim, pensou DeSole, quando a limusine parou a três metros dele. O que estava fazendo pela “corporação”, como ele preferia chamar, comparado ao que havia feito pela Companhia, podia até ser considerado como um ato de benevolência. Afinal,

lucros eram muito melhores do que bombas... e seus netos iriam para as melhores escolas e universidades do país. Dois homens desceram da limusine e aproximaram-se dele.

— Como é esse Webb? — perguntou Albert Armbruster, presidente da Comissão Federal de Comércio, enquanto andavam pelo estacionamento.

— A única descrição que eu tenho foi feita pelo jardineiro que estava escondido atrás de uma cerca, a dez metros de distância.

— O que ele disse? — perguntou o outro homem não identificado, baixo e atarracado, com olhos penetrantes. — Seja preciso.

— Ora, esperem um pouco — disse o analista, na defensiva, mas com firmeza. — Sou preciso em tudo que digo e francamente, seja lá quem for, não gosto nada do seu tom de voz.

— Ele está nervoso — disse Armbruster, como se seu companheiro não tivesse nenhuma importância. — É uma cabeça de espaguete de Nova York e não confia em ninguém.

— Em quem se pode confiar em Nova *Iauque*? — perguntou o homem moreno e atarracado, rindo e enfiando o cotovelo na barriga de Albert Armbruster. — Vocês, os WASPs, são os piores, vocês são donos dos bancos, *amico!*

— Vamos continuar assim e fora dos tribunais... A descrição, por favor? — Armbruster olhou para DeSole.

— É incompleta, mas *há* uma ligação muito antiga com a Medusa que vou descrever — *com precisão*.

— Vá em frente, companheiro — disse o homem de Nova York.

— É um homem grande — alto, quero dizer — de quase cinquenta anos e...

— Grisalho nas têmporas? — perguntou Armbruster, interrompendo.

— Bem, sim, acho que o jardineiro falou nisso — grisalho, ou coisa parecida. Evidentemente por isso calculou sua idade em quase cinquenta anos.

— É Simon — disse Armbruster, olhando para o homem de Nova York.

— *Quem?* — DeSole parou de andar e os outros pararam também, olhando para ele.

— Ele disse que se chamava Simon e sabia tudo a seu respeito, Sr. CIA — disse Armbruster. — Sobre você e Bruxelas e outras coisas.

— Do que está *falando*?

— Para começar, sua maldita máquina fax, usada exclusivamente entre você e aquela bicha de Bruxelas.

— É uma linha anônima, “dedicada”! Está fechada a sete chaves!

— Pois alguém encontrou as chaves, Sr. Precisão — disse o homem de Nova York, sem sorrir.

— Oh, meu Deus, isso é *horrível!* O que devo *fazer*?

— Combine uma história com Teagarten, mas faça isso de um telefone público — disse o mafioso. — Um dos dois pode pensar em alguma coisa.

— *Você* sabe sobre Bruxelas?

— Há pouca coisa que eu não sei.

— Aquele filho da mãe me enganou, fazendo-me pensar que era um dos nossos e me pegou pelo saco! — disse Armbruster zangado, continuando a andar, acompanhado pelos outros dois, DeSole hesitante, preocupado. — Ele parecia saber tudo, mas pensando bem, só falou em coisas esparsas — malditas “coisas” esparsas como Burton e você e Bruxelas — e eu, como um cretino idiota dei uma porção de informação. *Merda!*

— Escute, espere um pouco! — exclamou o homem da CIA, mais uma vez fazendo-os parar. — Eu não compreendo — sou um estrategista e não estou *entendendo*. O que David Webb — Jason Bourne, se é que ele é Jason Bourne — estava fazendo na casa de Swayne naquela noite?

— Quem diabo é *Jason Bourne*? — rugiu Armbruster.

— É a ligação com a Medusa de Saigon de que eu falei. Treze anos atrás a Agência deu a ele o nome de Jason Bourne — o verdadeiro Bourne estava morto — e o enviaram numa missão especial Quatro Zero — isto é, uma missão de extermínio total...

— Um contrato, se você quer falar inglês, *paisan*.

— Isso, isso... Mas as coisas saíram erradas. Ele perdeu a memória e a operação fracassou. Porém, o homem sobreviveu.

— Santo Cristo, que monte de *zucchini*!

— O que pode nos dizer sobre esse tal Webb... ou Bourne — esse Simon ou “Cobra”? Jesus, o homem é ura teatro ambulante!

— Aparentemente foi o que ele fez antes. Assumia nomes diferentes, rostos diferentes, personalidades diferentes. Foi treinado para fazer isso quando o mandaram desafiar o assassino chamado Chacal — atraí-lo e matá-lo.

— O *Chacal*? — perguntou atônito o capo supremo da Cosa Nostra. — Como no cinema?

— Não, não no cinema nem no livro, seu idiota...

— Ei, vai devagar, *amico*.

— Ora, cale a boca... Ilich Ramirez Sanchez, conhecido também como Carlos, o Chacal, é uma pessoa real, um assassino profissional que as autoridades do mundo todo vêm caçando há mais de meio século. Além das centenas de assassinatos confirmados, muitos acham que ele foi a fumaça no verde prado de Dallas, o verdadeiro assassino de John Kennedy.

— Está me gozando.

— Pode estar certo que não. Fomos informados na Agência, em nível de

segurança máxima, que, depois de todos esses anos, Carlos descobriu o paradeiro do único homem vivo capaz de identificá-lo, Jason Bourne — ou, como estou firmemente convencido, David Webb.

— Essa *informação* deve ter vindo de alguém — explodiu Armbruster. — De quem?

— Oh, sim. Tudo tão de repente, tão espantoso... É um agente de campo aposentado, com uma perna aleijada, um homem chamado Conklin... Alexander Conklin. Ele é um psiquiatra — Panov, Morris Panov — são amigos íntimos de Webb... ou Jason Bourne.

— Onde estão eles? — perguntou o capo supremo com voz ameaçadora.

— Não podem encontrá-los, nem falar com eles. Estão ambos sob segurança máxima.

— Não perguntei sobre as regras do noivado, *paisan*, perguntei onde eles estão.

— Bem, Conklin está num condomínio em Vienna, uma propriedade impenetrável da CIA e o apartamento e o consultório de Panov estão sendo vigiados noite e dia.

— Vai me dar os endereços, certo?

— Certo, mas garanto que eles não vão falar.

— Isso seria uma pena. Estamos só procurando um cara com uma porção de nomes, fazendo perguntas, oferecendo ajuda.

— Não vão acreditar.

— Talvez eu os convença.

— Que diabo, *por quê?* — exclamou Armbruster, e imediatamente abaixou a voz. — Por que esse Webb, ou Bourne, ou seja lá quem for, estava na casa de Swayne?

— É um espaço que não posso preencher — disse DeSole.

— Um o quê?

— Um termo empregado pela Agência que significa sem resposta.

— Não admira que o país esteja neste mar de merda.

— Isso não é verdade...

— Agora, você *cale a bocal* — mandou o homem de Nova York, tirando do bolso um pequeno bloco e uma caneta.

— Escreva os endereços do fantasma aposentado e do judeu psicanalista. *Agora!*

— Eu quase não estou enxergando — disse DeSole, erguendo o pequeno bloco para a claridade do luminoso do posto de gasolina. — Pronto. O número do apartamento talvez não esteja certo, mas é alguma coisa parecida, e o nome de Panov deve estar na caixa de correspondência. Mas repito, ele não vai falar com vocês.

— Nesse caso, pedimos desculpas por incomodá-lo.

— É, acredito. Pelo que sei, ele é muito dedicado aos seus pacientes.

— Como aquela linha de telefone no seu *fax*?

— Não, isso é um termo técnico. Linha Número Três, para ser mais preciso.

— E você é sempre preciso, não é, *paisan*?

— E você é muito irritante...

— Precisamos ir — interrompeu Armbruster, vendo o nova-iorquino guardar o bloco no bolso. — Fique calmo, Steven — acrescentou, controlando a raiva, e voltou para a limusine. — Lembre-se, não há nada que não possamos resolver. Quando falar com Jimmy T., em Bruxelas, veja se inventam uma explicação razoável, certo? Se não encontrarem, não se preocupe, nós encontraremos.

— Claro, Sr. Armbruster. Posso fazer uma pergunta? Minha conta em Berna está pronta para ser liberada imediatamente — no caso de... o senhor compreende... no caso de...

— É claro que está, Steven. Tudo que tem a fazer é tomar um avião e escrever o número da sua conta pessoalmente. É a sua assinatura, a que está arquivada, lembra-se?

— Sim, sim, eu me lembro.

— Deve estar em mais de um milhão, agora.

— Obrigado, senhor. *Muito obrigado...* senhor.

— Você mereceu, Steven. Boa noite.

A tensão não diminuiu quando os dois homens sentaram no banco de trás da limusine. Armbruster olhou para o mafioso quando o chofer, no outro lado da divisória de vidro, ligou o motor.

— Onde está o outro carro?

O italiano ligou a luz interna e consultou o relógio.

— Neste momento está estacionado a menos de dois quilômetros do posto de gasolina. Vai apanhar DeSole na volta e ficar com ele até que tudo esteja acertado.

— Seu homem sabe exatamente o que deve fazer?

— Ora, vamos, ele não é nenhuma virgem. Tem um holofote tão forte naquele carro que pode ser visto em Miami. Ele se aproxima, liga o holofote e gira a luz na direção certa. Seu idiota de dois milhões de dólares fica cego e fora do jogo, e nós estamos cobrando só um quarto dessa quantia por nosso trabalho. É o seu dia, Alby.

O presidente da Comissão Federal de Comércio recostou-se no banco do carro e olhou para as imagens escuras que passavam atrás do vidro fumê, lá fora.

— Quer saber de uma coisa — observou, em voz baixa —, há vinte anos, se alguém me dissesse que hoje eu estaria aqui sentado com um homem como você, dizendo o que estou dizendo, eu diria que era impossível.

— É isso que nós gostamos em vocês, da classe alta. Nos olham de cima e nos

desprezam até precisarem de nós. Então, de repente somos sócios. Viva e passe bem, Alby, estamos eliminando mais um dos seus problemas. Volte para a sua importante comissão federal e decida quais as companhias que estão limpas e quais não estão — decisões não necessariamente baseadas em água e sabão, certo?

— Ora, cale a boca — rugiu Armbruster, batendo com a mão aberta no braço do banco. — Esse Simon — esse *Webb*! De onde ele vem? Por que está atrás de nós? O que ele *quer*?

— Talvez tenha alguma coisa a ver com aquele cara, o Chacal.

— Isso não faz sentido. Não temos nada com o Chacal.

— Para que iam ter? — disse o mafioso. — Vocês têm a nós, certo?

— É uma associação muito precária, não esqueça... *Webb* — *Simon*, *que droga*, seja lá quem for, temos de encontrá-lo! O que ele já sabia, mais o que eu contei, o homem é uma merda de *ameaça*!

— É um item muito importante, não é?

— Da maior importância — concordou Armbruster, olhando para fora com o punho direito fechado e tamborilando furiosamente com os dedos da mão esquerda no braço do banco.

— Quer fazer negócio?

— *O quê?* — disse Armbruster bruscamente, voltando-se para o rosto calmo do siciliano.

— Você ouviu, só que usei a palavra errada e peço desculpas por isso. Posso lhe dar um número *não* negociável e você aceita ou não.

— Um... contrato? Para Simon — *Webb*?

— Não — disse o mafioso, balançando lentamente a cabeça. — Para um cara chamado Jason Bourne. É mais limpo matar alguém que já está morto, não acha?... Já que acabamos de economizar meio milhão para você, o preço do contrato é cinco.

— Cinco *milhões*?

— O custo dos problemas de eliminação está na categoria dos itens mais importantes. Ameaças são mais caras ainda. Cinco milhões, Alby, a metade na ocasião do contrato dentro de 24 horas, como é de praxe.

— Isso é absurdo!

— Então não aceite. Se me procurar depois, são sete e meio e se voltar pela terceira vez, é o dobro. Quinze milhões.

— Qual a garantia de que vocês podem *encontrá-lo*? Ouviu o que DeSole disse. O homem é Quatro Zero, o que significa que está fora do alcance de qualquer um, enterrado.

— Ora, nós podemos desenterrar o homem e replantar.

— Como? Dois milhões e meio é muito dinheiro só por sua palavra. *Como?*

Com um sorriso, o capo supremo da máfia tirou do bolso o bloco de notas onde

DeSole havia escrito os endereços.

— Amigos íntimos são as melhores fontes, Alby. Pergunte aos idiotas que escrevem todos esses livros de mexericos. Tenho dois endereços.

— Não vai nem chegar perto deles.

— Qual é, pensa que está tratando com o velho Chicago e os animais? Com Capone, o Cão Danado e Nitti, o dedo nervoso? Temos gente sofisticada na folha de pagamento. *Gênios*. Cientistas, garotos mágicos da eletrônica — médicos. Quando terminarmos com o fantasma e o judeu, nem vão saber o que aconteceu. Mas teremos Jason Bourne, o cara que não existe porque já está morto.

Albert Armbruster balançou a cabeça afirmativamente e voltou-se para a janela.

— Vou fechar o hotel por seis meses, mudar o nome, depois começar uma campanha promocional nas revistas, antes de reabrir — disse John St. Jacques, de pé ao lado da janela, enquanto o médico tratava seu cunhado.

— Não tem mais ninguém? — perguntou Bourne com uma careta de dor, sentado na poltrona, de robe, enquanto o médico dava o último ponto no seu pescoço.

— Tem. Sete casais canadenses malucos, incluindo meu velho amigo que está bordando seu pescoço neste momento. Acredite ou não, eles queriam formar uma brigada, Renfrews da Polícia Montada, para caçar os bandidos.

— Foi idéia de Scotty — disse o médico, concentrado no seu trabalho. — Eu estou fora. Estou velho demais para isso.

— Scotty também está, mas não sabe. Depois ele queria oferecer uma recompensa de 100 mil dólares por qualquer informação que nos levasse ao *et cétera*! Eu o convenci de que quanto menos se falar no assunto, melhor para nós.

— O melhor é não dizer nada — observou Jason. — É assim que tem de ser.

— Um pouco radical, David — disse St. Jacques, sem entender o olhar de *Bourne*. — Sinto muito, mas é. Estamos procurando desviar a curiosidade local com uma história sobre vazamento maciço de gás propano, mas nem todos estão acreditando. É claro que, para o mundo lá fora, um terremoto nas ilhas não teria mais do que seis linhas nas últimas páginas do caderno de classificados, mas os boatos estão voando pelas Leewards.

— Você disse a curiosidade local... e o resto do mundo? Noticiaram alguma coisa?

— Vão noticiar, mas não sobre nossa ilha, não sobre Tranqüilidade. Montserrat sim, a notícia vai ter uma coluna no *Times* de Londres e talvez um centímetro de espaço nos jornais de Nova York e Washington, mas não acredito que toquem na ilha.

— Deixe de ser tão misterioso.

— Conversaremos mais tarde.

— Pode dizer o que quiser, John — disse o médico. — Estou terminando, e não estou prestando muita atenção. E de qualquer modo, tenho direito de ouvir.

— Vou ser breve — disse St. Jacques, colocando-se à direita da poltrona. — O governador da Coroa. Você estava certo, pelo menos tenho de supor que estava certo.

— Por quê?

— A notícia chegou quando você estava tomando banho. Encontraram o barco do governador esfacelado num dos mais perigosos recifes de Antigua, a caminho de Barbuda. Nenhum sinal de sobreviventes. Plymouth supõe que foi uma daquelas tempestades de vento que vêm do sul, de Nevis, mas isso é difícil de acreditar. Não no vento, necessariamente, mas nas circunstâncias.

— Quais?

— Os dois marinheiros que saem sempre com ele não estavam no barco. Ele disse no iate clube que não precisava deles, que queria sair sozinho, mas para Henry disse que ia fazer pesca de oceano.

— O que significa que ia precisar dos marinheiros — interrompeu o médico canadense. — Oh, desculpe.

— Sim, é isso mesmo — concordou o dono do Tranquilidade. — Não se pode pegar peixe grande e pilotar o barco ao mesmo tempo — pelo menos, o governador não podia. Tinha medo de tirar os olhos das cartas.

— Mas sabia ler as cartas, não sabia? — perguntou Jason.

— Como navegador, não era nenhum Pedro Álvares Cabral, guiando-se pelas estrelas do Pacífico, mas era suficientemente bom para evitar problemas.

— Recebeu ordens para sair sozinho — disse Bourne. — Tinha encontro marcado com um barco em águas que o obrigavam a ficar com os olhos nas cartas. — Jason percebeu que os dedos ágeis não estavam mais tocando seu pescoço, substituídos agora por uma atadura muito apertada e o médico de pé, ao seu lado, observava o próprio trabalho. — Como vamos? — perguntou Bourne com um sorriso.

— Terminamos — disse o canadense.

— Muito bem... então acho melhor nos encontrarmos mais tarde, para um drinque, certo?

— Puxa, agora que estávamos chegando no melhor pedaço.

— Não tem nada de bom, doutor, nada de bom, e eu seria um paciente muito ingrato — o que não sou — se, mesmo por descuido, o deixasse ouvir coisas que não deve saber.

O velho canadense olhou para Jason.

— Fala sério, não fala? Apesar de tudo que aconteceu, não quer mesmo me envolver mais. E não está fazendo drama, segredo só pelo segredo — por falar nisso,

uma velha artimanha de médicos inferiores, mas está preocupado de verdade, certo?

— Sim, acho que estou.

— Considerando o que aconteceu com você, e não estou falando só das últimas horas das quais participei, mas do que me contam as cicatrizes no seu corpo, é realmente notável que se preocupe por outra pessoa que não seja você mesmo. Sr. Webb, é um homem muito estranho. Às vezes parece dois homens num só.

— Não sou estranho, doutor — disse Jason Bourne, fechando os olhos por um breve momento. — Não quero ser estranho, diferente nem exótico. Quero ser tão normal e comum como qualquer homem, sem *jogos* nem nada. Sou apenas um professor, e é tudo que eu quero ser. Mas, nas atuais circunstâncias, tenho de fazer as coisas a meu modo.

— O que significa que devo sair para meu próprio bem?

— Isso mesmo.

— E se eu algum dia souber de todos os fatos, vou compreender que suas aulas foram muito proveitosas.

— Espero que sim.

— Aposto que é um professor e tanto. Sr. Webb.

— *Doutor* Webb — disse St. Jacques, como se fosse obrigatório elucidar o fato. — Meu cunhado é também doutor. Como minha irmã, tem um PhD. Fala algumas línguas orientais e é catedrático. Universidades como Harvard, Yale e McGill há anos procuram atraí-lo, mas ele não está interessado...

— Quer ficar quieto, por favor — disse Bourne, contendo o riso. — Meu jovem amigo empresário dá muito valor a qualquer letra do alfabeto depois do nome, apesar do fato de que com o que ganho eu não posso me hospedar mais de dois dias numa das suas vilas.

— Isso é bobagem.

— Eu disse, com o que ganho.

— Certo.

— Tenho mulher rica... desculpe, doutor, é uma antiga discussão de família.

— Não só um bom professor — disse o médico — mas, sob esse exterior durão, um homem muito interessante. — O canadense foi até a porta, voltou-se e disse: — Aceito aquele drinque mais tarde, será um prazer.

— Obrigado — disse Jason. — Obrigado por tudo.

O médico balançou a cabeça afirmativamente e saiu, fechando a porta.

— Um bom amigo, Johnny.

— Na verdade, é frio como um peixe, mas um ótimo médico. Esta foi a única vez que me pareceu humano... Então, você acha que o Chacal combinou um encontro com o governador em algum lugar ao largo de Antigua, conseguiu a informação que queria, matou o governador e o atirou para os tubarões.

— Encalhando o barco convenientemente nos recifes — completou Jason. — Talvez ligando o afogador e fixando o curso em alta velocidade para os recifes. Uma tragédia no mar e desaparece a ligação do governador com Carlos — isso é de importância vital para ele.

— É também um problema para mim — disse St. Jacques. — Eu não estive lá, mas aquela parte do recife, ao norte de Falmouth, onde o barco encalhou é chamada Boca do Diabo, e não é muito citada em lugar nenhum. Os barcos de aluguel nem chegam perto, assim ninguém pode falar do número de vidas e de barcos destruídos pelos recifes.

— E daí?

— Supondo que o lugar marcado para o encontro fosse esse, perto da Boca do Diabo como é que o Chacal sabia?

— Seus dois comandos não contaram?

— Contaram o quê? Eu os mandei diretamente a Henry, para um relatório completo, enquanto cuidávamos de você. Não tivemos tempo para conversar.

— Então agora Henry sabe e provavelmente está em estado de choque. Perdeu dois barcos de corrida em dois dias, e só um tem probabilidades de ser pago. Além disso, ele ainda não sabe que seu patrão, o honrado governador da Coroa, era lacaio do Chacal, que enganou a todos no Ministério do Exterior apresentando um assassino de segunda classe, de Paris, como herói de guerra da França. As linhas de comunicação vão funcionar a noite toda entre o palácio do governo e Whitehall.

— Outro barco de *corrida*? Do que está falando? O que Henry sabe agora — o que meus guardas podem contar a ele?

— Há pouco você perguntou como o Chacal podia saber da existência do recife ao largo de Antigua, chamado Boca do Diabo.

— Acredite, *Doutor* Webb, lembro de ter perguntado. Como?

— Ele tinha um terceiro homem aqui. É isso que seus comandos devem ter contado a Henry. Um louro filho da mãe chefe das patrulhas contra drogas em Montserrat.

— *Ele?* Rickman? A Ku Klux Klan britânica de um só homem? Rickman o ditador de regras, o flagelo de todos que não tinham coragem de enfrentá-lo? *Cristo!* Henry não vai acreditar.

— Por que não? Você acaba de descrever um possível discípulo de Carlos.

— Sim, tem razão, mas parece tão improvável. O homem é o típico santarrão. Orações matinais antes do trabalho, pedindo a Deus para ajudá-lo na luta contra Satã, nada de álcool, nada de mulheres...

— Savonarola?

— Eu diria que sim — do que me lembro das aulas de história.

— Pois então, garanto que é um prato fino para o Chacal. E Henry vai acreditar

quando seu barco patrulha não voltar de Plymouth e os corpos da tripulação aparecerem na praia ou simplesmente não aparecerem para as preces matinais.

— Foi assim que Carlos fugiu?

— Foi — Bourne fez um gesto afirmativo e apontou para o sofá no outro lado da mesa de centro. — Sente-se, Johnny. Precisamos conversar.

— O que estamos fazendo?

— Não sobre o que *aconteceu*, irmão, mas sobre o que vai acontecer.

— O que vai acontecer? — perguntou St. Jacques, sentando.

— Vou embora.

— *Não!* — exclamou John, levantando-se de um salto como que atingido por um choque elétrico. — *Não pode!*

— Preciso. Ele sabe nossos nomes, sabe onde moramos. Tudo.

— Para onde vai?

— Paris.

— Que droga, *não!* Não pode *fazer* isso com Marie! Nem com as crianças, pelo amor de Deus. Não vou *permitir*.

— Não pode me deter.

— Pelo amor de Deus, David, escute! Se Washington é mesquinho, ou não liga a mínima, acredite, Ottawa tem gente melhor. Minha irmã trabalhou para o governo e *nosso* governo não abandona as pessoas por causa de uma inconveniência ou para não gastar dinheiro. Conheço pessoas — como Scotty, o médico e outros. Uma palavra deles e você vai para uma fortaleza em Calgary. Ninguém vai poder tocá-lo.

— Pensa que o meu governo não faria o mesmo? Vou lhe dizer uma coisa, irmão, tem gente em Washington que arriscaria a vida para proteger a minha, a de Marie e das crianças. Sem pensar em nenhuma recompensa para eles ou para o governo. Se eu quisesse um lugar seguro, onde ninguém pudesse nos tocar, provavelmente me dariam uma propriedade na Virgínia, com cavalos e criados e um pelotão de soldados armados para nos proteger noite e dia.

— Então essa é a resposta. *Aceite*.

— Para quê, Johnny? Para viver numa prisão particular? As crianças sem poder visitar os amigos, guardas com eles *se* forem à escola, se não estudarem só com professores particulares, nada de passar a noite na casa de amigos, nada de guerra de travesseiros — nada de vizinhos? Marie e eu olhando um para o outro, olhando para o holofote no jardim, ouvindo os passos dos guardas, uma tosse ou um espirro, ou o tiro de um rifle porque um coelho entrou no jardim? Isso não é vida, isso é prisão. Sua irmã e eu não suportaríamos.

— Eu também não, não do modo que você descreve. Mas o que Paris vai resolver?

— Posso encontrá-lo. Posso vencê-lo.

— Em Paris ele tem mais força.
— Eu tenho Jason Bourne — disse David Webb.
— Não acredito nessa bobagem!
— Eu também não, mas parece que funciona... Estou cobrando sua dívida, Johnny. Proteja minha retaguarda. Diga a Marie que estou bem, não estou ferido e que tenho uma pista do Chacal que só Fontaine podia ter dado — o que é verdade. Um café em Argenteuil, chamado Le Coeur du Soldat. Diga a ela que estarei com Alex Conklin e toda a ajuda que Washington pode me dar.

— Mas não é verdade, certo?
— Não. O Chacal descobriria. Ele tem espiões em todo o Quai d’Orsay. O único jeito é eu ir sozinho.

— Não acha que Marie vai saber disso?
— Vai desconfiar, mas não pode ter certeza. Vou pedir para Alex telefonar, confirmando que está em contato com todo o poder de fogo secreto de Paris. Mas você deve ser o primeiro a dizer.

— Por que a mentira?
— Não devia perguntar isso, irmão. Eu já a fiz sofrer bastante.
— Tudo bem, digo o que você quer, mas Marie não vai acreditar. Ela sempre sabe quando estou mentindo. Desde que éramos pequenos, aqueles olhos castanhos olhavam para mim, quase sempre zangados, mas não como os dos meus irmãos — oh, eu não sei —, não com desprezo porque o “garoto” era um trapalhão. Você entende?

— Isso se chama gostar. Ela sempre se preocupou com você — mesmo quando você era um “trapalhão”.

— Eu sei, Mare é legal.
— Um pouco mais do que isso, eu acho. Telefone para ela dentro de duas horas e diga que pode voltar. É o lugar mais seguro agora para os três.

— E você? Como vai chegar a Paris? Os vôos de Antigua e Martinica são dificílimos, às vezes lotados com dias de antecedência.

— De qualquer modo, não posso usar essas companhias. Preciso sair secretamente, disfarçado. Um homem em Washington tem de arranjar isso. De algum modo. Ele *tem* de conseguir.

Alexander Conklin saiu da pequena cozinha do apartamento da CIA em Vienna com o rosto e o cabelo molhados. Antigamente, antes dos velhos tempos terem mergulhado num tanque de destilaria, ele deixava o escritório calmamente — não importa onde fosse — quando as coisas ficavam muito pesadas e muito rápidas e dava-se o luxo de um ritual. Ia à melhor churrascaria — estivesse onde estivesse —, tomava dois martinis secos e pedia o bife mais grosso e mais malpassado que havia no menu, acompanhado de batatas com bastante gordura. A solidão, aliada à

pequena dose de bebida, o bife quase cru e especialmente as batatas engorduradas, tinham um efeito tão calmante que todas as complicações, os conflitos, a aceleração do dia eram finalmente ordenados de modo racional. Voltava para o escritório — um apartamento elegante em Belgravia Square, Londres, ou os quartos nos fundos de um bordel, em Katmandu — com inúmeras soluções. Foi assim que ganhou o apelido de Santo Alex Conklin. Certa vez mencionou a Mo Panov esse fenômeno gastronômico, e o médico respondeu simplesmente: “Se sua cabeça maluca não o matar, o estômago o mata”.

Hoje, porém, com o vácuo do ex-alcoólatra e vários outros inconvenientes, tais como colesterol alto e os idiotas ácidos glicéricos, fossem o que fossem, tinha de encontrar a solução de modo diferente. Encontrou por acaso. Certa manhã, durante as audiências do Irã-contra, que, para ele era o melhor programa humorístico da televisão, o aparelho pifou. Conklin ficou furioso e ligou o rádio portátil que não usava há meses, talvez anos, porque sua televisão tinha rádio conjunto — também enguiçado naquele momento —, mas a pilha do rádio portátil estava derretida há muito tempo. Sentindo dor no pé artificial, foi até o telefone na cozinha, certo de que um telefonema para o técnico de televisão, que lhe devia vários favores, traria o homem correndo à sua casa. Infelizmente, só ouviu um discurso furioso da mulher do técnico, contando que o marido, o “conquistador de freguesas” acabava de fugir com a “cadela rica, negra e assanhada de Embassy Row!” (Zaire, como foi publicado mais tarde nos jornais de Puerto Vallarta). Conklin, quase apoplético, correu para seus comprimidos contra estresse e pressão alta que estavam no parapeito da janela, acima da pia e abriu a torneira de água fria. A torneira explodiu, lançando um forte jato d’água direto na cabeça de Conklin. *Caramba!* Acalmado pelo choque, lembrou-se que a televisão a cabo ia retransmitir a audiência completa naquela noite. Feliz agora, chamou o encanador e depois saiu para comprar outra televisão.

Assim, desde aquela manhã, sempre que suas fúrias ou a situação do mundo o perturbavam — do mundo que ele conhecia —, punha a cabeça sob a torneira e deixava a água fria correr livremente. Acabava de fazer isso nessa manhã. Na droga dessa maldita manhã!

DeSole! *Morto* num acidente numa estrada deserta de Maryland, às 4:30h da manhã. Que diabo Steven DeSole, cuja carteira de motorista dizia claramente que ele sofria de cegueira noturna, estava fazendo numa estrada secundária nos arredores de Anápolis, às 4:30h da manhã? Depois o telefonema de Charlie Casset, furioso, às 6:00h, berrando descontrolado, dizendo que ia pôr o comandante da OTAN no fogo e exigir uma explicação para a comunicação *fax* secreta entre o general e o falecido chefe de relatórios clandestinos, que não fora vítima de acidente mas de assassinato! Além disso, era melhor que o agente aposentado chamado Conklin contasse tudo que sabia sobre DeSole e Bruxelas e outros assuntos relacionados com o caso, do

contrário todo o apoio prometido ao referido agente e a seu amigo Jason Bourne seria retirado. Meio-dia, afinal! E *então* Ivan Jax! O brilhante médico negro da Jamaica telefonou dizendo que ia devolver o corpo de Norman Swayne ao lugar em que o havia encontrado porque não queria ser a vítima de outro fiasco da Agência. Mas não era da Agência, gritou Conklin para si mesmo, sem poder explicar a Ivan Jax por que, na verdade, havia pedido sua ajuda. *Medusa*. E Jax *não* podia simplesmente levar o corpo de volta a Manassas porque a polícia, obedecendo a ordens federais — ordens que o ex-agente de campo havia dado, usando códigos que não tinha o direito de usar, havia selado a propriedade do general Norman Swayne, sem exigir outra explicação.

— O que eu *faço* com o corpo? — gritou Jax.

— Mantenha-o no gelo por algum tempo. Cactus ia querer assim.

— *Cactus*? Passei a noite com ele no hospital. Vai ficar bom, mas, como eu, não tem idéia de que diabo está acontecendo!

— Nós, do serviço clandestino, nem sempre podemos explicar as coisas — disse Alex, com uma careta para o ridículo das próprias palavras. — Telefone depois.

Então ele foi até a cozinha e pôs a cabeça debaixo da torneira de água fria. O que mais podia sair errado? E, é claro, o telefone tocou.

— Dunkin Amendoim — disse Conklin, atendendo.

— Quero sair daqui — disse Jason Bourne sem nenhum sinal de David Webb na voz. — Quero ir para Paris!

— O que aconteceu?

— Ele fugiu, foi isso que aconteceu e preciso ir para Paris disfarçado, nada de imigração, nada de alfândega. Ele controla tudo e não posso lhe dar a oportunidade de me localizar... Alex, você está *ouvindo*?

— DeSole foi morto a noite passada, um acidente que não foi acidente, às 4:30h da manhã. A Medusa está fechando o cerco.

— Medusa não me interessa. Para mim, é história passada, começamos no caminho errado. Quero o Chacal e sei onde começar. Posso encontrar, posso *apanhar* o Chacal.

— Deixando a Medusa para mim.

— Você disse que queria chegar mais alto — só me deu um prazo de 48 horas para procurar ajuda. Pois, adiante o relógio. As 48 horas terminaram, pode ir mais alto, mas me leve daqui para Paris.

— Eles vão querer falar com você.

— Quem?

— Peter Holland, Casset, quem eles puserem no caso... o procurador da república. Cristo, o próprio presidente.

— Para falar sobre o quê?

— Você conversou bastante com Armbruster, com a mulher de Swayne e com aquele sargento, Flannagan. Eu não. Só usei algumas palavras de código que provocaram respostas de Armbruster e do embaixador Atkinson, em Londres, nada muito definitivo. Você tem um quadro melhor, de primeira mão. O que eu tenho pode ser facilmente negado. Precisam falar com você.

— E deixar o Chacal de *molho*?

— Só por um dia, no máximo dois.

— Droga, *não*. Porque a coisa não funciona assim e você sabe disso! Se voltar, serei a única testemunha material e vão me levar de um interrogatório para outro. E se me recusar a cooperar, me põem sob custódia. De *jeito nenhum*, Alex. Tenho só uma prioridade e ela está em Paris.

— Escute — disse Conklin. — Algumas coisas eu posso controlar, outras não. Precisamos de Charlie Casset e ele nos ajudou, mas ele não é um homem que pode ser enganado, nem eu quero enganá-lo. Ele sabe que a morte de DeSole não foi acidente — um homem com cegueira noturna não faz uma viagem de cinco horas, dirigindo o carro, àquela hora da madrugada — e ele sabe que sabemos muito mais sobre DeSole e Bruxelas do que contamos. Se quisermos a ajuda da Agência, e precisamos dela para coisas como, por exemplo, arranjar um voo diplomático ou militar para você, para Paris, e só Deus sabe o que mais, quando você chegar lá, não posso ignorar Casset. Ele vai pisar na gente, e Deus sabe que tem razão.

Bourne ficou calado e Conklin o ouvia respirar.

— Tudo bem — disse, afinal. — Já vi onde estamos. Diga a Casset que, se ele nos der tudo que estamos pedindo agora, nós lhe daremos — não, *eu* lhe dou, assim você fica mais “limpo” do que eu — informações suficientes para o Departamento de Justiça apanhar alguns dos maiores peixes no governo, pressupondo que o Departamento não faz parte da Mulher Serpente... Pode dizer também que vou revelar a localização de um cemitério que pode esclarecer muitas coisas.

Foi a vez de Conklin ficar em silêncio por um momento.

— Ele talvez queira mais do que isso, considerando suas atividades do momento.

— É mesmo...? Ah, sim, eu compreendo. Se eu sair perdendo. Tudo bem, diga que quando chegar a Paris vou contratar uma estenógrafa e ditar tudo que sei, tudo que descobri e mando para *você*. Confio em Santo Alex para fazer a coisa certa. Talvez uma página ou duas de cada vez, para que continuem cooperando.

— Deixe essa parte comigo... Agora Paris, ou quase. Se bem me lembro, Montserrat é perto de Dominica e da Martinica, certo?

— Menos de uma hora de viagem, e Johnny conhece todos os pilotos da grande ilha.

— A Martinica é francesa. Vamos começar por aí. Conheço gente no Deuxième Bureau. Vá até lá e telefone do aeroporto. A essa altura já terei arranjado tudo.

— Certo... Uma última coisa, Alex. Marie. Ela e as crianças vão voltar para Tranqüilidade esta tarde. Telefone e diga que estou protegido por todo o poder de fogo de Paris.

— Seu mentiroso, filho da mãe.

— *Faça* isso!

— É claro que farei. A propósito, e sem mentir, amanhã vou jantar com Mo Panov. Ele é um péssimo cozinheiro, mas pensa que é o maior mestre-cuca judeu. Eu gostaria de contar tudo a ele. Mo vai ficar louco se não souber o que está acontecendo.

— Certo. Sem ele nós dois estaríamos em celas acolchoadas mascando couro cru.

— Falo com você mais tarde. Boa sorte.

No dia seguinte, às 10:25h da manhã, hora de Washington, o Dr. Morris Panov, acompanhado por seu guarda, saiu do Walter Reed Hospital depois de uma sessão com um tenente do exército que sofria os efeitos de um exercício de treino na Geórgia, há oito semanas, no qual morreram cerca de vinte recrutas sob seu comando. Mo não podia fazer muito. O homem era culpado de excesso de esforço competitivo no estilo militar e tinha de viver com essa culpa. O fato de ser um negro financeiramente privilegiado e formado pela Academia de West Point não ajudava. A maioria dos recrutas mortos também eram negros e eram desprivilegiados.

Panov, pensando nas opções avaliáveis para o paciente, de repente olhou sobressaltado para seu guarda.

— Você é novo, não é? Quero dizer, pensei que conhecia todos vocês.

— Sim, senhor. Sempre nos revezamos de um momento para o outro. Isso nos mantém alerta.

— Sim, antecipação hábito-orientada pode diminuir a deficiência de qualquer um. — O psiquiatra caminhou para onde o carro blindado sempre o esperava. Viu um veículo diferente. — Este não é o meu carro — disse, atônito.

— Entre — ordenou o guarda, abrindo a porta delicadamente.

— O quê?

Alguém o agarrou, de dentro do carro, e um homem uniformizado o fez sentar no meio do banco traseiro, com o guarda do outro lado. Os dois homens o seguraram enquanto o homem que estava no carro tirou o paletó de Panov e ergueu a manga curta da sua camisa. Aplicou uma injeção no braço do médico.

— Boa noite, doutor — disse o soldado com a insígnia do Corpo Médico nas lapelas do uniforme. — Telefone para Nova York — acrescentou.

O 747 da Air France, vindo da Martinica, sobrevoou o Aeroporto de Orly no começo da noite. Estava com cinco horas e 22 minutos de atraso devido ao mau tempo no Caribe. Quando o piloto fez a aproximação final o controlador de vôo recebeu da torre a ordem para aterrissar, depois passou para a frequência indicada e enviou uma última mensagem em francês para uma sala de rádio *off-limits*.

— *Deuxième, carga especial. Por favor, diga à parte interessada para se dirigir à área previamente indicada. Obrigado. Câmbio final.*

— Instruções recebidas e retransmitidas — foi a resposta breve. — Câmbio final.

A carga especial em questão estava na fila da esquerda da primeira classe. A poltrona ao seu lado estava vazia, por ordem do Deuxième Bureau, em cooperação com Washington. Impaciente, aborrecido e impedido de dormir por causa de atadura muito apertada no pescoço, Bourne, extremamente cansado, pensou nos acontecimentos das últimas 19 horas. Para não dizer mais, as coisas não haviam sido tão fáceis quanto Conklin esperava. O Deuxième levou mais de seis horas para se resolver, enquanto eram trocados telefonemas nervosos entre Washington e Paris e finalmente para Vienna, Virgínia. O obstáculo, na verdade uma rocha muito dura, era o fato da CIA não poder descrever claramente a operação secreta em termos de um tal Jason Bourne, pois Alexander Conklin, o único que podia revelar esse nome, recusou-se a fazer isso, sabendo que o Chacal tinha informantes por toda a cidade de Paris, exceto talvez nas cozinhas do Tour d'Argent. Afinal, como último recurso e sabendo que era hora de almoço em Paris, Alex deu vários telefonemas comuns transcontinentais, sem nenhuma segurança, para alguns cafés da Rive Gauche, e finalmente encontrou um velho conhecido do Deuxième em um deles, na rue de Vaugirard.

— Lembra-se do *tinamou* e de um americano um pouco mais moço do que é agora que simplificaram as coisas para você?

— Ah, o *tinamou*, o pássaro com asas escondidas e pernas ferozes! Dias melhores aqueles, dias de juventude. E se o americano um pouco mais moço naquele tempo foi elevado ao status de santo, eu jamais o esquecerei.

— Não esqueça agora. Preciso de você

— É você, Alexander?

— Sim, sou eu e tenho um problema com o D. Bureau.

— Está resolvido.

E estava. Mas não o tempo nas ilhas. A tempestade que havia atingido as ilhas Leewards duas noites atrás foi só um prelúdio da chuva torrencial que inundou as Granadines, com outra logo em seguida. Começava a estação dos furacões nas ilhas, portanto o mau tempo não era nada excepcional, mas apenas um fator de atraso. Finalmente, quando estavam quase para levantar vôo, descobriram um defeito no motor de estibordo e ninguém reclamou enquanto o defeito foi localizado e corrigido. Assim, mais três horas foram adicionadas ao atraso total do vôo.

A não ser pelo turbilhão em sua mente, o vôo foi sem incidentes para Jason, somente a culpa interferindo com o pensamento do que o esperava — Paris, o café em Argenteuil com o nome significativo de Le Coeur du Soldat. O sentimento de culpa intensificou-se durante o curto vôo de Montserrat a Martinica, quando passaram sobre Guadalupe e a Ilha de Basse-Terre. Jason sabia que a uns mil metros abaixo estavam Marie e as crianças, preparando-se para a volta à Ilha Tranquilidade, para o marido e pai que não estaria mais lá. A pequena Alison, é claro, não entendia nada ainda, mas Jamie sim. O brilho dos seus grandes olhos desapareceria com o desaponto de não encontrar o companheiro de pesca e de natação... e Marie — *Cristo, não posso pensar nela! É doloroso demais!*

Marie ia sentir-se traída, por ele ter fugido para o confronto violento com o inimigo de uma vida distante e passada que não era mais a vida *deles*. Pensaria como o velho Fontaine, que tentara convencê-lo a ir com a família para muito longe do campo de caça do Chacal. Mas nenhum dos dois compreendia. O velho Carlos podia morrer, mas no leito de morte deixaria uma herança, uma última ordem que seria a sentença de morte de Jason Bourne-David Webb e sua família. *Eu estou certo, Marie! Procure compreender. Tenho de encontrá-lo, preciso matá-lo. Não podemos viver numa prisão particular pelo resto de nossas vidas!*

— *Monsieur* Simon? — perguntou o francês gorducho e bem vestido, um homem idoso com barba bem aparada, pronunciando o nome como *Siimoon*.

— Sim — respondeu Bourne, apertando a mão que o homem estendia, no corredor quase deserto do Aeroporto de Orly.

— Sou Bernardine, François Bernardine, um antigo companheiro do nosso amigo, Alexander, o santo.

— Alex falou de você — disse Jason com um pequeno sorriso. — Não seu nome, é claro, mas disse que mencionaria sua santidade. Assim eu ficaria sabendo quem é — seu antigo companheiro.

— Como vai ele? Ouvimos certas histórias, é claro. — Bernardine deu de ombros. — Fofocas banais, em sua maioria. Ferido na insensata guerra do Vietnã, álcool, demitido, afastado, chamado de volta como um herói da Agência, tantas coisas contraditórias.

— Quase todas verdadeiras, ele não tem medo de admitir. Alex está aleijado

agora, e não bebe, e *foi* um herói. Eu sei.

— Compreendo. Outras histórias, boatos, quem pode acreditar? Fantasia sobre Beijing, Hong Kong — algumas sobre um homem chamado Jason Bourne.

— Sim, eu ouvi.

— É claro... Mas agora, Paris. Nosso santo disse que ia precisar de acomodações, roupas compradas *en scène*, por assim dizer, inteiramente francesas.

— Um guarda-roupa pequeno, mas variado — concordou Jason. — Sei onde e o que vou comprar, e tenho dinheiro suficiente.

— Então, temos de nos preocupar com a moradia. Um hotel da sua escolha? La Trémouille? George Cinq? Plaza-Athénée?

— Menor, muito menor e mais barato.

— Então o dinheiro *é* um problema?

— Não, não é. Só uma questão de aparência. Vamos fazer uma coisa. Eu conheço Montmartre. Posso encontrar um bom lugar. O que preciso é de um carro — registrado em outro nome, de preferência um nome que não leve a ninguém e a lugar nenhum.

— O que significa o nome de um morto. Já foi providenciado. Está na garagem subterrânea nos Capucines, perto da Place Vendôme. — Bernardine tirou do bolso um molho de chaves que entregou a Jason. — Um antigo Peugeot na Seção E. Há milhares de carros iguais em Paris e o número da licença está na nota.

— Alex disse que estou em missão secreta?

— Na verdade, ele não precisou dizer. Acho que o nosso santo, quando esteve aqui, andou examinando os cemitérios, à procura de nomes que pudessem ser úteis.

— Provavelmente aprendi isso com ele.

— Nós todos aprendemos com aquele homem extraordinário, o melhor na nossa profissão, e tão modesto, tão... *je ne sais quoi*... tão “por que não tentar”, certo?

— Certo, por que não tentar.

— Mas devo dizer uma coisa — continuou Bernardine com uma risada. — Uma vez ele escolheu um nome num túmulo que deixou a Sûreté *fou*... maluca! Era um dos nomes usados pelo assassino da machadinha, procurado há meses pela polícia!

— Isso é engraçado — disse Jason, rindo.

— Sim, muito. Mais tarde, ele me contou que achou o nome em Rambouillet — num cemitério perto de Rambouillet. *Rambouillet! O cemitério onde Alex tentara matá-lo, 13 anos atrás.* O sorriso desapareceu dos lábios de Jason e ele olhou fixamente para o amigo de Alex do Deuxième Bureau.

— Sabe quem eu sou, não sabe? — perguntou em voz baixa.

— Sei — respondeu Bernardine. — Não foi difícil juntar os fatos, não com as histórias e boatos do Extremo Oriente. Afinal, foi em Paris que deixou sua marca na

Europa, Sr. Bourne.

— Mais alguém sabe?

— *Mon Dieu, non!* e ninguém vai saber. Devo explicar. Devo a vida a Alexander Conklin, nosso modesto santo de *les opérations noires* — missões negras, em sua língua.

— Não precisa traduzir. Falo francês fluentemente Alex não lhe disse isso?

— Oh, meu Deus, está duvidando de mim — disse o homem da Deuxième, erguendo as sobrancelhas grisalhas. — Meu jovem — ou pelo menos mais jovem do que eu —, considere que estou com setenta anos e tenho lapsos de linguagem e procuro corrigi-los, porque quero ser gentil, não *subreptice*.

— *D'accord, Je regrette*. Estou sendo sincero.

— *Bien*. Alex é alguns anos mais novo do que eu, mas imagino como está controlando isso. A idade, quero dizer.

— Como você. Muito mal.

— Um poeta inglês — galês, para ser mais exato — escreveu, “Não entre gentilmente nessa boa noite”. Lembra-se?

— Sim. Foi Dylan Thomas e ele morreu com trinta e poucos anos. O que ele queria dizer era lute como um filho da mãe. Não se entregue.

— É o que pretendo fazer. — Bernardine tirou um cartão do bolso. — Aqui está o endereço do meu escritório — apenas consultor, compreende — e atrás está o número do telefone da minha casa, um telefone especial, na verdade, único. Basta ligar que terá tudo que precisa. Lembre-se, sou o único amigo que tem em Paris. Ninguém mais sabe que está aqui.

— Posso fazer uma pergunta?

— *Mais certainement*.

— Como pode fazer o que está fazendo quando, para todos os efeitos, está aposentado?

— *Ah* — exclamou o consultor do Deuxième Bureau. — O homem mais jovem fica mais velho! Como Alex, levo minhas credenciais na minha cabeça. Eu conheço os *segredos*. Como podia ser diferente?

— Podia ser afastado, neutralizado — sofrer um acidente.

— *Stupide*, meu jovem! Dizemos que tudo que temos na cabeça está escrito e bem guardado, para vir à luz se nos acontecer alguma coisa fora do comum... É claro que é tudo bobagem, pois o que nós realmente sabemos pode ser negado, atribuído às divagações de homens velhos, mas *eles* não sabem disso. *Medo, monsieur*. A arma mais poderosa da nossa profissão. Em segundo lugar, é claro, vem o embaraço, a inconveniência, mas isso geralmente é reservado ao KGB soviético e ao seu FBI, que temem o embaraço mais do que os seus inimigos.

— Você e Conklin vêm da mesma rua, certo?

— Mas é claro. Ao que sei, nenhum de nós tem mulher ou família, só amantes esporádicas em nossas camas e sobrinhos e sobrinhas barulhentos e levados que encham nossos apartamentos nos feriados, nenhum amigo realmente íntimo, a não ser, uma vez ou outra, um inimigo a quem respeitamos e que, ao que sabemos, apesar da trégua pode nos dar um tiro ou nos envenenar com um drinque. *Precisamos* viver sozinhos, porque somos os profissionais — não temos nada a ver com o mundo normal, apenas o usamos como *coverture* — enquanto nos esgueiramos por vielas escuras, pagando por segredos que nada significam ao nível das conferências de cúpula.

— Então, por que continua? Por que não deixar tudo, se é tão inútil?

— É o sangue que corre em nossas veias. Fomos treinados. Derrotar o inimigo no jogo mortal — nós o apanhamos, ou ele nos apanha —, é sempre melhor que não seja ele.

— Isso é idiota.

— Mas é claro que é. Tudo uma bobagem. Então, por que Jason Bourne vem procurar o Chacal aqui, em Paris? Por que não vai embora e diz *chega*. Para ter proteção completa só precisa pedir.

— A prisão também. Pode me levar até a cidade? Vou encontrar um hotel e entro em contato.

— Antes de entrar em contato comigo, fale com Alex.

— O quê?

— Alex quer que telefone para ele. Aconteceu alguma coisa.

— Onde tem um telefone?

— Não agora. Duas horas, hora de Washington. Tem mais de uma hora. Só então ele estará de volta.

— Ele disse o que aconteceu?

— Acho que está tentando descobrir. Estava muito preocupado.

O quarto pequeno do Pont Royal, na rue Montalembert, ficava numa parte isolada do hotel. Depois de descer do elevador vagaroso e barulhento, seguia-se por dois corredores estreitos para chegar ao quarto. Tudo isso convinha a Bourne. Era como a caverna numa montanha, distante e segura.

Fazendo hora até telefonar para Alex, Jason foi fazer as compras necessárias no Boulevard Saint-Germain. Artigos de toalete, calças de brim com camisas esporte e um paletó leve tipo safári. Meias escuras e tênis que podiam ser esfolados e sujos sem prejuízo. Tudo que pudesse adquirir agora seria útil mais tarde. Felizmente não precisou pedir uma arma para Bernardine. No trajeto de Orly para Paris, o francês abriu o porta-luvas do carro, tirou uma caixa marrom e a entregou a Jason. Dentro havia uma automática com duas caixas de balas. Sob a arma, Bourne encontrou 30 mil francos em notas de valores variados, cuidadosamente dobradas, cerca de 5 mil

dólares americanos.

— Amanhã vou providenciar para que possa obter fundos sempre que precisar. Dentro de certos limites, é claro.

— Sem limites — disse Bourne. — Vou pedir a Conklin para enviar uma ordem de pagamento de 100 mil, é depois outra, se for necessário. É só você dizer para onde.

— Fundos de *contingência*?

— Não. Dinheiro meu. Obrigado pela arma.

Com sacolas nas duas mãos, Jason voltou para Montalembert e para o hotel. Dentro de alguns minutos seriam duas horas em Washington, oito em Paris. Caminhando depressa, tentava inutilmente não pensar no que Alex ia dizer. Se tivesse acontecido alguma coisa com Marie e as crianças, ficaria louco! Mas, o que podia ter acontecido? Estavam em Tranquilidade e no momento não havia lugar mais seguro. *Não havia!* Tinha certeza disso. Quando entrou no velho elevador e pôs no chão as sacolas que levava na mão direita para apertar o botão do seu andar e tirar do bolso a chave do quarto, conteve uma exclamação ao sentir uma pontada no pescoço. Fizera um movimento muito brusco, e talvez tivesse repuxado os pontos. Não sentiu o calor do sangue na pele. Dessa vez foi apenas um aviso. Caminhou rapidamente pelos corredores, abriu a porta do quarto, atirou as sacolas na cama e apanhou o telefone. Conklin foi pontual. O telefone em Vienna, Virgínia, foi atendido no primeiro toque.

— Alex, sou eu. O que aconteceu? *Marie...*?

— Não — interrompeu Alex Conklin bruscamente. — Falei com ela mais ou menos ao meio-dia. Estão no hotel e ela está pronta para me matar. Não acreditou numa palavra do que eu disse e eu vou apagar a gravação. Desde Mekong Delta que não ouço esse tipo de linguagem.

— Ela está preocupada...

— Eu também estou — interrompeu novamente Alex, sem comentar a delicada explicação de Bourne. — Mo desapareceu.

— O quê?

— Você ouviu. Panov se foi, sumiu.

— Meu Deus, *como*? Ele estava sob guarda a cada minuto.

— Estamos tentando reconstituir os fatos. Era o que eu estava fazendo no hospital.

— Hospital?

— Walter Reed. Esta manhã ele teve uma sessão de psiquiatria com um militar e não voltou para sua escolta. Eles esperaram uns vinte minutos, depois foram procurá-lo e ao guarda que o acompanhava, porque ele tinha muitos compromissos hoje. Disseram que já havia saído.

— Isso é loucura!

— E está ficando cada vez mais louco. A enfermeira-chefe do andar disse que um médico do exército, um cirurgião, chegou na recepção, mostrou sua identidade e mandou dizer ao Dr. Panov que sua rotina ia ser alterada e que ele devia usar a saída da ala leste porque ia haver uma marcha de protesto na frente da entrada principal. A área de psiquiatria é ligada à saída leste por um corredor diferente, que não passa pelo saguão principal, mas o cirurgião do exército usou a entrada central.

— Repita isso.

— Ele passou por nossa escolta para entrar no hospital.

— E obviamente saiu pelo mesmo caminho, dando a volta para a saída da ala leste. Quando entrou deu as instruções à enfermeira... Cristo, Alex, mas *quem?* Carlos estava voltando para Paris! Fosse o que fosse que queria em Washington, ele conseguiu. Ele me encontrou, ele *nos* encontrou. Não *precisava* de mais nada!

— DeSole — disse Conklin em voz baixa. — DeSole sabia de mim e Mo. Eu ameacei a Agência com o que nós dois podíamos fazer e DeSole estava lá, na sala de reunião.

— Não estou entendendo. O que está querendo dizer?

— DeSole. Bruxelas... Medusa.

— Tudo bem, eu sou meio devagar.

— Não é *ele*, David, são *eles*. DeSole foi retirado do circuito. Nossa conexão foi cortada. É Medusa.

— Para o *inferno* com eles! Estão na minha lista de espera!

— Você não está na deles. Você quebrou seu escudo protetor. Eles querem você agora.

— Isso não me interessa nem um pouco. Como eu disse ontem, tenho só uma prioridade e ela está aqui, em Paris, primeira *etapa*, Argenteuil.

— Então acho que não falei claro — disse Alex com voz distante e desanimada. — Ontem à noite jantei com Mo e contei tudo para ele. Tranquilidade, sua viagem a Paris, Bernardine... *Tudo!*

Um ex-juiz do tribunal do primeiro circuito, residente em Boston, Massachusetts, Estados Unidos da América, fazia parte do pequeno grupo que acompanhava o enterro na superfície plana da colina mais alta da Ilha Tranquilidade. O cemitério era o local do último descanso — *in voce verbatim via amicus curiae*, como explicou em linguagem legal às autoridades de Montserrat. Brendan Patrick Pierre Prefontaine viu os dois esplêndidos caixões, generosamente doados pelo dono do Hotel Tranquilidade, descerem para o túmulo sob a bênção completamente incompreensível do padre nativo que, sem dúvida, geralmente tinha na boca um pescoço de galinha enquanto entoava as bênçãos na linguagem do vodu. “Jean Pierre Fontaine” e sua mulher descansavam em paz.

Porém, com barbarismo e tudo, Brendan, o advogado quase alcoólatra de Harvard Square, acabava de encontrar uma motivação para sua vida. Uma causa além da própria sobrevivência, uma causa notável. Randolph Gates. Lord Randolph o de Gates, o Elegante Randy dos Tribunais da Elite era na realidade um monte de lixo, um condutor da morte no Caribe. E um plano se esboçava na mente cada vez mais clara de Prefontaine, mais clara porque, além de outras privações desumanas, decidira de repente suspender suas doses matinais de vodca. Gates havia fornecido a informação básica que levou os assassinos em potencial à família de Webb, na Ilha Tranqüilidade. *Por quê?*... Isso era, básica e até mesmo legalmente, irrelevante, mas o fato de ele indicar a localização da família para os assassinos, sabendo que eram *assassinos*, não era. Isso fazia dele cúmplice de um *múltiplo* assassinato. Os testículos do Elegante Randy estavam num torno e quando as duas placas do torno se fechassem ele revelaria — *tinha* de revelar — a informação que seria útil aos Webb, especialmente àquela mulher gloriosa de cabelos castanhos dourados que Prefontaine desejava ter conhecido cinquenta anos antes.

Prefontaine ia voar para Boston na manhã seguinte, e perguntou a St. Jacques se podia voltar algum dia. Talvez sem uma reserva paga com antecedência.

— Juiz, minha casa é sua casa — foi a resposta.

— Sou capaz até de vir a merecer essa cortesia.

Albert Armbruster, presidente da Comissão Federal de Comércio, saiu da limusine e parou na calçada, antes de subir os degraus de entrada de sua casa em Georgetown.

— Verifique com o escritório amanhã — disse para o motorista que abriu a porta do carro. — Como você sabe, não estou muito bem.

— Sim, senhor. — O motorista fechou a porta. — Precisa de alguma ajuda, senhor?

— *Que diabo*, não. Vá embora.

— Sim, senhor.

O motorista do governo entrou no carro e a partida brusca, com o motor roncando, não foi propriamente um ato de gentileza.

Armbruster subiu os degraus de pedra com a barriga e o peito arfando a cada movimento, e praguejou em voz baixa quando viu a silhueta da mulher no vidro da porta vitoriana. “*Tagarela de merda*”, disse ele, chegando ao último degrau e segurando com força o corrimão antes de enfrentar a adversária de trinta anos.

Um som seco e sibilante vibrou no ar, vindo do terreno da propriedade vizinha. Armbruster ergueu os braços, com os pulsos dobrados, como procurando localizar o caos. Tarde demais. O presidente da Comissão Federal de Comércio rolou pelos degraus caindo grotescamente na calçada lá embaixo.

Bourne vestiu a calça francesa de brim, uma camisa escura de mangas curtas e

o paletó safári de algodão. Guardou nos bolsos o dinheiro, as armas e todas as suas identidades — verdadeiras e falsas — e saiu do Pont-Royal. Antes, porém, enfileirou os travesseiros no meio da cama e deixou a roupa com que havia viajado bem à vista, sobre a cadeira. Passou pela recepção e na rue Montalembert dirigiu-se apressadamente para a mais próxima cabine telefônica. Colocou a moeda e ligou para a casa de Bernardine.

— Sou eu, Simon — disse ele.

— Imaginei que fosse — respondeu o francês. — E estava esperando. Acabo de falar com Alex e pedi para *não* me dizer onde você está. Não se pode revelar o que não se sabe. Porém, se eu fosse você, iria para outro lugar, pelo menos por esta noite. Pode ter sido visto no aeroporto.

— E você?

— Pretendo fazer o papel de *canard*.

— De pato?

— Do tipo isca. O Deuxième está vigiando meu apartamento. Talvez eu receba uma visita, seria conveniente, *n'est-ce pas?*

— Não disse nada no seu escritório sobre...

— Sobre *você*? — interrompeu Bernardine. — Como, se *não* o conheço? Meu Bureau protetor pensa que recebi um telefonema ameaçador de um antigo adversário, um psicopata. Na verdade eu o removi nas Maritimes há alguns anos, mas jamais arqueei o caso...

— É prudente dizer tudo isso no seu telefone?

— Se não me engano eu já disse que é um aparelho único no gênero.

— Sim, disse.

— Basta dizer que se for “grampeado” ele não funciona... Precisa descansar, *monsieur*. Não vai ser útil a ninguém, muito menos a você, sem um descanso. Procure uma cama, não posso ajudá-lo nisso.

— O descanso é uma arma — disse Jason, repetindo a frase que para ele era uma verdade vital, vital para a sobrevivência naquele mundo que ele odiava.

— Como disse?

— Nada. Vou procurar uma cama e telefone de manhã.

— Amanhã, então. *Bonne chance, mon ami*. Para nós dois.

Bourne encontrou um quarto no Avenir, um hotel barato da rue Gay-Lussac. Registrou-se com um nome falso, logo esquecido, subiu para o quarto, despiu-se e se deitou. “O descanso é uma arma”, disse, olhando para as luzes das ruas de Paris que viajavam pelo teto e pelas paredes. Fosse numa caverna nas montanhas, ou numa plantação de arroz do Delta do Mekong, era uma arma quase sempre mais eficiente do que o poder de fogo. Era uma lição martelada em sua cabeça por D’Anjou, o homem que dera a vida numa floresta de Beijing para que Jason Bourne

pudesse viver. O descanso é uma arma, pensou Bourne, levando a mão ao pescoço sem chegar a senti-la, pois mergulhou num sono profundo.

Acordou devagar, cautelosamente, com o ruído do tráfego sacudindo os vidros das janelas, as buzinas metálicas como o crocitar errático de corvos irritados entre o ronco dos motores, intenso num momento, quase inaudível no outro. Começava mais um dia normal nas ruas estreitas de Paris. Com o pescoço rígido, Jason sentou no lado da cama não muito cômoda, consultou o relógio e sobressaltou-se, pensando que talvez não o tivesse acertado no horário de Paris. Mas sabia que esse não era o caso. Eram 10:07h da manhã — hora de Paris. Dormira quase 11 horas, um fato confirmado pelos roncos do seu estômago. A exaustão era agora substituída pela fome.

Porém, a comida tinha de esperar. Precisava fazer algumas coisas antes, a primeira, falar com Bernardine, depois verificar se o Pont-Royal era seguro. Ficou de pé, sentindo o corpo rígido, com um adormecimento inesperado nas pernas e nos braços. Precisava de um chuveiro quente, o que não havia no Avenir, depois um pouco de exercício para aquecer os músculos, terapias desnecessárias até poucos anos atrás. Tirou o cartão de Bernardine do bolso da calça e voltou para a cama, para usar o telefone na mesa-de-cabeceira.

— *Le canard* não teve visitas — disse o veterano do Deuxième. — Nem sinal de caçadores, o que, suponho, é uma notícia favorável.

— Não é enquanto não encontrarmos Panov — *se* o encontrarmos. Os *filhos da mãe!*

— Sim, isso é uma das coisas que temos de enfrentar. A parte mais feia do nosso trabalho.

— Droga, não posso enquadrar um homem como Mo nessa filosofia de “temos de enfrentar”.

— Não estou pedindo para fazer isso. Estou apenas fazendo uma observação sobre a realidade. Seus sentimentos têm valor para você, mas não alteram a realidade. Não quis ofendê-lo.

— E eu não tive intenção de me irritar. Desculpe. Acontece que ele é uma pessoa muito especial.

— Eu entendo... Quais são seus planos? Precisa de alguma coisa?

— Ainda não sei — respondeu Bourne. — Vou apanhar o carro nos Capucines e dentro de uma hora, mais ou menos, posso dizer se preciso. Vai estar em casa ou no Deuxième Bureau?

— Até você ligar estarei em casa ao lado do meu telefone único. Nestas circunstâncias prefiro que você não telefone para o escritório.

— Isso é muito estranho.

— Hoje eu não conheço todos no Deuxième, e na minha idade, a cautela não é

apenas a melhor parte da coragem, mas quase sempre sua substituta. Além disso, dispensar minha proteção tão depressa pode provocar rumores de senilidade... Falo com você mais tarde, *mon ami*.

Jason desligou o telefone, pensou em ligar para o Pont-Royal, mas estava em Paris, a cidade da discrição, onde os empregados dos hotéis detestam dar informações pelo telefone para hóspedes desconhecidos. Vestiu-se rapidamente, desceu, pagou a conta e saiu para a rue Gay-Lussac. Havia um ponto de táxi na esquina. Oito minutos mais tarde, Bourne entrou no saguão do Pont-Royal e dirigiu-se à recepção.

— *Je ma'ppelle monsieur Simon* — disse, acrescentando o número do seu quarto. — Encontrei um amigo a noite passada — continuou no seu francês impecável — e dormi na casa dele. Por acaso sabe se alguém me procurou? — Bourne tirou do bolso alguns francos, e seus olhos diziam ao homem que a informação seria paga generosamente. — Ou se alguém descreveu uma pessoa igual a mim — acrescentou em voz baixa.

— *Merci bien, monsieur...* Eu compreendo. Vou perguntar ao porteiro da noite, mas tenho certeza de que ele teria deixado um recado escrito se alguém o tivesse procurado.

— Por que tem tanta certeza?

— Porque ele *deixou* um recado escrito para ser transmitido ao senhor. Estou ligando para seu quarto desde as sete da manhã, quando entrei de serviço.

— O que diz o recado? — perguntou Jason, contendo a respiração.

— Diz o que devo dizer ao senhor. “Fale com seu amigo no outro lado do Atlântico. O homem telefonou a noite inteira”. Posso garantir a veracidade do recado, senhor. A telefonista disse que a última chamada foi há menos de trinta minutos.

— Trinta minutos? — perguntou Jason, olhando para o homem, depois para seu relógio. — São cinco horas da manhã lá... a *noite toda*?

O recepcionista fez um gesto afirmativo e Bourne correu para o elevador.

— Alex, pelo amor de Deus, o que *há*? Disseram que você telefonou durante toda a...

— Você está no hotel? — interrompeu Conklin, rapidamente.

— Estou.

— Vá a um telefone público, na rua, e ligue outra vez.

Outra vez o elevador lento e desajeitado, o saguão desbotado, agora cheio de parisienses que falavam sem parar, muitos dirigindo-se ao bar para seus aperitivos. Outra vez a rua quente, cheia de sol e o tráfego loucamente congestionado. Onde havia um telefone? Caminhou rapidamente na direção do Sena — onde estava o *telefone*? Lá! No outro lado da rue du Bac, uma cabine com cúpula vermelha e os

lados cobertos de posters.

Desviando-se da investida dos automóveis e pequenos caminhões, todos dirigidos por homens furiosos, correu para o outro lado da rua e para a cabine. Entrou, depositou a moeda e depois de alguns momentos de agonia, durante os quais explicou que *não* estava telefonando para a Áustria, a telefonista aceitou o número do seu cartão de crédito AT & T e ligou para Vienna, Virgínia.

— Por que diabo eu não podia ligar do hotel? — perguntou Bourne zangado. — Ontem à noite telefonei do meu quarto!

— Isso foi ontem à noite, não hoje.

— Alguma notícia de Mo?

— Nada ainda, mas parece que eles cometeram um erro. Temos uma pista do médico do exército.

— Tire a informação dele!

— Com prazer. Sou capaz de tirar meu pé artificial e socar a cara do homem até ele implorar para cooperar — se a pista for verdadeira.

— Não foi por isso que ligou para mim a noite inteira, foi?

— Não. Estive cinco horas com Peter Holland ontem. Fui procurá-lo depois de falar com você e a reação dele foi exatamente a que eu esperava, com algumas generosas ofertas em troca.

— Medusa?

— Sim. Ele exige que você volte imediatamente. Você é o único com conhecimento direto. É uma ordem.

— Bobagem! Ele não pode exigir que eu faça coisa alguma, muito menos me dar ordens!

— Ele pode cortar você e eu não posso fazer nada. Se você precisar de alguma coisa com urgência, ele não manda.

— Bernardine ofereceu-se para ajudar. “O que você precisar”, foi o que ele disse.

— Bernardine é limitado. Como eu, pode cobrar dívidas, mas sem acesso à máquina, sua ação é limitada.

— Disse a Holland que estou escrevendo tudo que sei, tudo que me foi dito, todas as respostas às minhas perguntas?

— Está mesmo?

— Vou escrever.

— Ele não acredita. Quer interrogar você. Diz que não pode interrogar folhas de papel.

— Estou muito perto do Chacal! Não vou *voltar*! Holland é um filho da mãe que não quer entender.

— Acho que ele quis ser razoável — disse Conklin. — Ele sabe o que você

está passando, o que já passou, mas ontem à noite, depois das sete horas, ele fechou as portas.

— Por quê?

— Armbruster foi morto com um tiro na porta da casa dele. Em Georgetown, estão dizendo que foi assalto para roubo, o que, é claro, não foi.

— Oh, *Jesus!*

— Tem mais umas coisas que você precisa saber. Para começar, vamos anunciar o “suicídio” de Swayne.

— Mas, por quê?

— Para que o assassino pense que está livre e, mais importante, para ver quem aparece nestas duas semanas seguintes.

— No enterro?

— Não. Vai ser uma “cerimônia fechada, só para a família”. Nada de convidados, nada de formalidades.

— Então quem vai aparecer aonde?

— Na propriedade, de um modo ou de outro. Muito oficialmente entramos em contato com o advogado de Swayne e ele confirmou o que a mulher disse. A propriedade vai para uma fundação.

— Qual delas? — perguntou Bourne.

— Uma que você nunca ouviu falar, fundada há alguns anos por amigos ricos do augusto e “rico” general. Muito comovente. Chama-se Refúgio dos Soldados, dos Marinheiros e dos Fuzileiros Navais. O quadro de diretores já está reunido.

— Medusianos.

— Ou seus representantes. Veremos.

— Alex, e aqueles nomes que eu lhe dei, os seis ou sete que Flannagan me deu? E aquelas placas de carros dos que compareciam às reuniões?

— Uma gracinha, uma gracinha — disse Conklin enigmaticamente.

— O que é uma gracinha?

— Veja os nomes — são restos do falso *jet-set*, nada têm a ver com a elite de Georgetown. Figuram no *National Enquirer*, não no *Washington Post*.

— Mas as licenças, as reuniões! Têm de ser a bola de cera!

— Mais engraçadinhas ainda — observou Alex. — Uma bola de cocô de carneiro... Todas as licenças estão registradas em nome de várias companhias de limusines. Não preciso dizer o quanto os nomes são autênticos, mesmo que tivéssemos todos os dados para identificá-los.

— Há um cemitério na propriedade!

— Onde fica? É grande ou pequeno? São 28 acres...

— Comecem a procurar!

— E contar para todo mundo o que sabemos?

— Tem razão, está agindo certo.. Alex, diga ao Holland que não me encontrou.

— Está brincando.

— Não, falo sério. O recepcionista é meu, posso mandar dizer que não estou. Dê o nome e o telefone do hotel para Holland e diga para ele ligar pessoalmente ou mandar qualquer um da embaixada verificar. O recepcionista vai jurar que deixei o hotel ontem e que não me viu mais. Até a mesa do telefone confirmará isso. Dê-me mais alguns dias, *por favor*.

— Holland pode usar todas suas conexões e provavelmente vai fazer isso.

— Não, se pensar que eu voltarei assim que você me encontrar. Quero que ele continue procurando Mo e não faça nenhuma conexão do meu nome com Paris. Bem ou mal, nada de Webb, nem de Simon, nem Bourne!

— Vou tentar.

— Mais alguma coisa? Tenho muito que fazer.

— Sim. Casset vai tomar um avião para Bruxelas de manhã, para interrogar Teagarten — *ele* não podemos deixar livre e nada tem a ver com você.

— Certo.

Numa rua transversal de Anderlecht, cinco quilômetros ao sul de Bruxelas, um veículo militar com as flâmulas de general quatro estrelas parou na frente de um café de calçada. O general James Teagarten, comandante da OTAN, com cinco fileiras de divisas na túnica, saiu vagarosamente do carro para a clara luz da tarde. Voltou-se e estendeu a mão para uma belíssima major da WAC, que agradeceu com um sorriso e saiu do carro. Com galante autoridade militar, Teagarten soltou a mão da mulher e segurando o cotovelo dela conduziu-a para as mesas cobertas com pára-sóis, atrás de uma fileira de jardineiras floridas, onde ficava a parte do café ao ar livre. Passaram sob a entrada em arco enfeitado com rosas miúdas e entraram. Todas as mesas estavam ocupadas, exceto uma na extremidade da sala. O zunzum das conversas era pontuado pelo tinir dos copos e dos delicados talheres nos pratos de porcelana. O tom das conversas desceu de alguns decibéis, e o general, consciente da atenção que sua presença sempre provocava, demonstrada por acenos amistosos e, não raro, aplausos discretos, sorriu com benevolência para ninguém em particular e para todos, enquanto conduzia a mulher para a mesa desocupada com o pequeno cartão *Réserve* sobre a toalha.

O proprietário, com dois garçons que o seguiam como ansiosas garças emplumadas, praticamente voou entre as mesas para cumprimentar o importante freguês. O comandante sentou-se e imediatamente lhe foi apresentada uma garrafa de Corton-Charlemagne gelada e começaram a discutir o cardápio. Um garoto belga de cinco ou seis anos aproximou-se timidamente da mesa, e levando a mão à testa fez continência para o general. Teagarten levantou-se, empertigou o corpo e retribuiu a continência.

— *Vous êtes un soldat distingué, mon camarade* — disse o general em voz alta e autoritária que foi ouvida por toda a sala, conquistando o público com um sorriso brilhante e recebendo alguns aplausos. O garoto afastou-se, e a cerimônia da refeição continuou.

Uma hora mais tarde, Teagarten e sua dama foram interrompidos pelo chofer do general, um sargento do exército de meia-idade que parecia extremamente preocupado. O comandante da OTAN acabava de receber uma mensagem urgente no telefone do seu carro e o chofer teve a presença de espírito de escrevê-la para não haver nenhuma dúvida. Entregou o papel a Teagarten.

O general levantou-se com o rosto moreno muito pálido e, semicerrando os olhos, observou, furioso e com medo, a sala agora quase vazia. Tirou do bolso um maço de francos belgas, escolheu várias notas grandes e colocou-as na mesa.

— Venha — disse para a major. — Vamos... Você — disse para o chofer — ligue o motor.

— O que foi? — perguntou a mulher.

— Londres. No telefone, Armbruster e DeSole estão mortos.

— Oh, meu Deus. *Como?*

— Isso não importa. Tudo que disserem é mentira.

— O que está acontecendo?

— Não sei. Só sei que vamos sair daqui. *Venha!*

O general e sua dama passaram apressadamente sob o arco florido, atravessaram a calçada e entraram no carro militar. Alguma coisa faltava nos dois lados do capô. O sargento havia retirado as bandeirinhas vermelhas e douradas que indicavam a patente do seu superior, o comandante da OTAN. O carro partiu velozmente e a menos de cinquenta metros à frente, aconteceu.

Uma explosão maciça atirou o veículo militar para o alto e lascas de vidro e de metal, pedaços de carne humana e sangue inundaram a rua estreita de Anderlecht.

— *Monsieur!* — exclamou o garçom apavorado, enquanto as equipes da polícia e os bombeiros faziam seu trabalho desagradável na rua.

— O que é? — perguntou atordoado o dono do café ao ar livre, trêmulo ainda por causa do interrogatório da polícia e do bando de jornalistas. — Estou arruinado. Vão nos chamar de Café de la Mort, o café da morte.

— *Monsieur, olhe!* — O garçom apontou para a mesa onde o general e sua dama tinham almoçado.

— A polícia já examinou tudo — disse o proprietário, desconsolado.

— Não, *monsieur. Agora!*

Escrito com batom vermelho-vivo na toalha da mesa estava um nome.

JASON BOURNE

MARIE OLHAVA atônita para a televisão que transmitia o noticiário de Miami, via satélite. Então, quando a câmara focalizou uma mesa de vidro numa cidade chamada Anderlecht, na Bélgica, ela viu o nome escrito em vermelho e gritou.

— *Johnny!*

St. Jacques entrou correndo na suíte que havia construído para uso próprio no segundo andar do Hotel Tranqüilidade.

— *Cristo, o que foi?*

Com as lágrimas descendo pelo rosto, Marie apontou para o horror na tela. O locutor da “retransmissão” transatlântica dizia, com voz monótona:

“... como se um selvagem sanguinário do passado tivesse voltado para aterrorizar a sociedade civilizada. O assassino infame, Jason Bourne, superado somente por Carlos, o Chacal no mercado dos assassinos de aluguel, reivindica a responsabilidade pela explosão que tirou a vida do general James Teagarten e dos seus companheiros. Notícias conflitantes chegam dos círculos de Inteligência de Nova York e Londres e das autoridades policiais. Certas fontes em Washington afirmam que o assassino conhecido como Jason Bourne foi caçado e morto em Hong Kong há cinco anos, numa operação conjunta britânico-americana. Entretanto, porta-vozes do Ministério do Exterior e da Inteligência britânicos negam ter conhecimento dessa operação e dizem que um esforço conjunto desse tipo é extremamente improvável. Outras fontes, do quartel-general da Interpol, em Paris, afirmam que seu departamento em Hong Kong sabia da suposta morte de Jason Bourne, mas uma vez que os relatórios e as fotografias que circularam eram superficiais e obscuros, não acreditaram muito na história. Presumiram, como consta também dos relatórios, que Bourne havia desaparecido na República Popular da China para um último contrato no qual perdeu a vida. Tudo que se sabe hoje é que na bela cidade de Anderlecht, na Bélgica, o general James Teagarten, comandante da OTAN, foi assassinado e alguém que se diz chamar Jason Bourne responsabiliza-se por tirar a vida desse grande e popular soldado... Mostramos agora um retrato falado dos arquivos da Interpol, baseado na descrição de pessoas que alegam ter visto Bourne de perto. Lembrem-se, é um retrato falado, traços tirados de dezenas de outras fotografias e, considerando a fama do assassino de mudar constantemente a aparência, provavelmente sem grande valor como identificação”.

O rosto de um homem com traços irregulares e indefinidos encheu a tela.

— Não é David — disse John St. Jacques.

— Pode ser, irmão — disse Marie.

“*E agora, outras notícias. A seca que assola vastas áreas da Etiópia...*”

— Desligue essa coisa maldita — gritou Marie, levantando da poltrona e dirigindo-se para o telefone, enquanto St. Jacques desligava a televisão. — Onde está o telefone de Conklin? Eu anotei aqui na sua mesa, em algum lugar... Aqui está, no mata-borrão. Santo Alex vai ter de explicar muita coisa, aquele filho da mãe! — Furiosa, Marie discou o telefone, sentada na cadeira de St. Jacques, batendo com o punho fechado na mesa, com as lágrimas descendo pelo rosto. Lágrimas de sofrimento e de fúria. — Sou eu, seu filho da mãe!... Você o matou! Você deixou que ele fosse. — Você o *ajudou* a ir — e você o *matou*!

— Não posso falar com você agora, Marie — disse Alexander Conklin com voz fria e controlada. — Estou falando com Paris na outra linha.

— Paris que se dane! Onde ele está? Tire David de lá!

— Acredite, estamos tentando encontrá-lo. Isto aqui está um pandemônio. Os britânicos querem a pele de Holland por ter sugerido uma conexão com o Extremo Oriente, e os franceses estão fazendo um barulho danado por causa de uma coisa que eles não sabem, mas suspeitam, ou seja, uma carga especial do Deuxième num avião da Martinica, que foi a princípio rejeitada. Telefone depois, *eu juro*.

Conklin desligou e Marie bateu com força o fone no gancho.

— Vou tomar um avião para Paris, Johnny — disse ela, respirando fundo e enxugando as lágrimas com a mão.

— Vai o *quê*?

— Você ouviu. Chame a Sra. Cooper. Jamie gosta muito dela e ela trata Alison melhor do que eu — por que não? Ela teve sete filhos, todos criados e que a visitam todos os domingos.

— Você está louca! Não posso permitir que vá.

— Não sei por que — disse Marie, olhando atentamente para o irmão —, tenho a impressão de que você disse algo parecido para David, quando ele falou em Paris.

— Sim, eu disse.

— E não pôde impedi-lo, como não pode me impedir agora.

— Mas *por quê*?

— Porque conheço todos os lugares que ele conhece em Paris, cada rua, cada café, cada viela, de Sacré-Coeur a Montmartre. David *tem* de ir a esses lugares e vou encontrá-lo antes que o Deuxième ou a Sûreté o encontrem.

O telefone tocou e Marie atendeu.

— Eu disse que telefonava logo — começou Alex Conklin. — Bernardine tem uma idéia que pode dar certo.

— Quem é Bernardine?

— Um velho companheiro do Deuxième e um bom amigo que está ajudando David.

— Que idéia?

— Ele arranhou um carro alugado para Jason — *David*. Sabe o número da placa e está avisando todas as patrulhas policiais de Paris para informar se o virem, mas não parar o carro nem incomodar o motorista. Apenas não perdê-lo de vista e informar Bernardine diretamente.

— E você acha que David — *Jason* — não vai perceber? Tem uma memória pior que a do meu marido.

— É uma das possibilidades. Existem outras.

— Tais como?

— Bem... bem, provavelmente ele vai *me* telefonar. Quando souber do caso de Teagarten vai ligar para mim.

— Por quê?

— Como você disse, para tirá-lo de lá.

— Com Carlos na mira? Muito difícil, seu cabeça-de-bagre. Tenho uma idéia melhor. Vou tomar um avião para Paris.

— Não *pode* fazer isso.

— Não quero ouvir mais isso, *não vou* ouvir mais. Você vai me ajudar ou faço tudo sozinha?

— Eu não poderia nem comprar selo de uma máquina na França e Holland não encontraria nem o endereço da Torre Eiffel.

— Então estou sozinha, o que, francamente, nestas circunstâncias me faz sentir muito mais segura.

— O que você pode *fazer*, Marie?

— Não vou cantar uma ladainha, mas posso ir a todos os lugares a que fomos juntos quando estávamos fugindo. De algum modo ele vai usá-los outra vez. Tem de usá-los porque na sua gíria maluca são lugares “seguros” e no estado de espírito em que está, David vai voltar a eles porque sabe que são seguros.

— Que Deus a abençoe, minha dama favorita.

— *Ele* nos abandonou, Alex. Deus não existe.

Prefontaine saiu do terminal do Aeroporto Logan, em Boston, e na plataforma externa ergueu a mão para chamar um táxi. Porém depois de olhar em volta, baixou a mão e entrou na fila. As coisas tinham mudado em trinta anos. Tudo, incluindo aeroportos, tinha se transformado em lanchonetes, onde a gente fica na fila para um prato de cozido irlandês de péssima qualidade, bem como para um táxi.

— Ritz-Carlton — disse o juiz para o motorista.

— O senhor não tem bagagem? — perguntou o homem. — Só essa malinha aí?

— Não, não tenho — respondeu Prefontaine e, sem se conter, acrescentou: —

Tenho guarda-roupas em todos os lugares.

— *Tutti-fruti* — disse o motorista, tirando do cabelo um pente enorme, de dentes separados e entrando com o carro no tráfego.

— Tem reserva, senhor? — perguntou o recepcionista vestido a rigor, no balcão do Ritz.

— Um dos meus funcionários fez a reserva para mim. O nome é Scofield, juiz William Scofield da Suprema Corte. Seria muito desagradável se o Ritz tivesse perdido a reserva, especialmente nestes dias em que todo mundo está exigindo proteção ao consumidor.

— Juiz Scofield...? Tenho certeza de que deve estar aqui, senhor.

— Pedi especificamente a suíte Três-C. Tenho certeza de que está no seu computador.

— Três-C... está ocupada.

— *O quê?*

— Não, não, eu me enganei, juiz. Eles não chegaram... Quero dizer, foi um erro... estão em outra suíte. — O homem bateu ferozmente na campainha. — Camareiro, *camareiro!*

— Não é necessário, meu jovem. Viajo com pouca bagagem. Dê-me a chave e diga por onde devo ir.

— Sim, *senhor!*

— Espero que tenha algumas garrafas de uísque decente na suíte, como sempre.

— Se não estiverem lá, vão estar, Sr. juiz. Alguma marca especial?

— Um bom *rye*, bom *bourbon* e bom *brandy*. O branco é para efeminados, certo?

— *Certo*, senhor. Imediatamente, senhor.

Vinte minutos depois, com o rosto lavado e um copo na mão, Prefontaine apanhou o telefone e ligou para o Dr. Randolph Gates.

— Residência Gates — disse a mulher, atendendo.

— Ora, deixe disso, Edie, eu conheceria sua voz até debaixo d'água e isso depois de quase trinta anos.

— Conheço a sua também, só que não consigo identificar.

— Tente um professor muito severo na faculdade de Direito que exigia muito do seu marido, o que, ao que parece, não causou nenhuma impressão, e talvez ele estivesse certo, porque eu acabei na cadeia. O primeiro juiz local a ser condenado e cassado da profissão e num julgamento muito justo.

— *Brendan?* Meu Deus, é você! Nunca acreditei nas coisas que disseram de você.

— Acredite, meu bem, era tudo verdade. Mas neste momento preciso falar com o senhor de Gates. Ele está?

— Acho que sim, na verdade não sei. Ele quase não fala mais comigo.
— As coisas não vão bem, minha querida?
— Eu adoraria falar com você, Brendan. Ele tem um problema, um problema que eu nunca imaginei.

— Desconfio que tenha, Edie, e é claro que vamos conversar. Mas no momento preciso falar com ele. Agora.

— Vou chamá-lo no intercom.

— Não diga que sou eu, Edith. Diga que é um homem chamado Blackburne, da Ilha de Montserrat, no Caribe.

— O quê?

— Faça o que estou dizendo, Edie. É para o bem dele e o seu — talvez mais por você, para ser franco.

— Ele está *doente*, Brendan.

— Sim, está. Vamos tentar curá-lo. Ponha seu marido na linha para mim.

— Vou ligar a espera.

O silêncio parecia interminável, dois minutos que pareceram duas horas até a voz áspera de Randolph Gates explodir no telefone.

— Quem é você? — murmurou o famoso advogado.

— Calma, Randy, é Brendan. Edith não reconheceu minha voz, mas reconheci a dela. Você é um homem de sorte.

— O que você *quer*? Que negócio é esse de Montserrat?

— Bem, acabo de voltar de lá...

— Você *o quê*?

— Resolvi que precisava de umas férias.

— Você *não fez isso...*! — O murmúrio de Gates era agora um grito de pânico.

— Sim, eu fiz, e porque eu fiz sua vida vai mudar completamente. Você compreende, conheci a mulher e as duas crianças nas quais você estava tão interessado, lembra-se? É uma história e tanto e quero contar a você com toda riqueza de detalhes... Você os localizou para serem assassinados, Dandy Randy, e isso não se faz. Expressamente proibido.

— Não sei do *que* está falando! Nunca ouvi falar em Montserrat, ou de qualquer mulher com dois filhos. Você é um bêbado miserável e desesperado e eu negarei suas alegações insanas, atribuindo-as à fantasia alcoólica de um criminoso convicto!

— Ótimo, conselheiro. Porém, negar qualquer alegação feita por mim não é exatamente o seu dilema. Não, seu dilema está em Paris.

— *Paris...*?

— Um certo homem em Paris, um homem que eu não sabia que era real, mas que fiquei sabendo agora. O modo como fiquei sabendo é um tanto confuso, mas

aconteceu uma coisa muito estranha em Montserrat. Pensaram que eu era *você*.

— Que você era... o quê? — Mal se ouvia a voz fraca e trêmula de Gates agora.

— Isso mesmo. Estranho, não acha? Eu imagino que quando o homem de Paris tentou falar com você aqui, em Boston, alguém disse que sua presença imperial estava fora ou viajando e assim começou o mal-entendido. Duas brilhantes mentes jurídicas, ambas ligadas vagamente a uma mulher e seus dois filhos, e Paris pensou que eu fosse você.

— O que *aconteceu*?

— Calma, Randolph. Neste momento provavelmente ele pensa que você está morto.

— *O quê?*

— Ele mandou me matar — matar você.. Por transgredir suas ordens.

— Oh, meu Deus!

— E quando descobrir que você está muito vivo e comendo bem em Boston, não vai permitir que falhe a segunda tentativa.

— *Jesus Cristo...!*

— Pode haver uma saída, Dandy Boy, por isso você deve falar comigo. A propósito, estou na mesma suíte do Ritz em que você estava quando eu vim procurá-lo. Três-C, é só tomar o elevador. Esteja aqui dentro de trinta minutos e lembre-se, não tenho muita paciência com clientes que se atrasam, porque sou um homem muito ocupado. Por falar nisso, o preço da minha consulta é 20 mil dólares por hora, ou qualquer fração desse tempo, portanto, traga dinheiro, Randy. Muito dinheiro. Nada de cheques.

Olhando no espelho, satisfeito com o que via, Bourne pensou: estou pronto. Havia gasto três horas preparando-se para a viagem a Argenteuil, a um restaurante chamado Le Coeur du Soldat, o centro das mensagens para um melro, para Carlos, o Chacal. O Camaleão estava vestido de acordo com o ambiente no qual ia entrar. Roupas simples, o corpo e o rosto não tão simples. Para o primeiro, Jason percorreu as lojas de roupas usadas e as lojas de penhores de Montmartre, onde encontrou uma calça jeans desbotada e uma camisa do refugio do exército, além de uma divisa também desbotada, símbolo do veterano ferido. O rosto, um tanto mais complexo, exigiu tinta de cabelo, barba de um dia e outra atadura apertada, esta em volta do joelho direito para não se esquecer de mancar. O cabelo e as sobrancelhas eram agora vermelho-escuros — um vermelho sujo e descuidado que combinava com seu novo ambiente, um hotel barato em Montparnasse, cuja direção procurava o mínimo de contato com os hóspedes.

O pescoço era agora mais um fator irritante do que um empecilho. Ou estava se acostumando com a rigidez e com o movimento limitado, ou o ferimento estava em

processo de cura. E aquele movimento limitado ajudava seu disfarce. Um veterano ferido e amargurado, um filho da França esquecido, dificilmente esqueceria aquelas duas limitações. Jason pôs a automática de Bernardine no bolso, verificou o dinheiro, as chaves do carro e a faca de caça, comprada numa loja de artigos de esporte e pregada com fita adesiva dentro da camisa, e foi mancando até a porta do quarto pequeno, sujo e deprimente do hotel. Primeira parada, Capucines e um Peugeot igual a tantos numa garagem subterrânea. Sim, *estava* pronto.

Sabia que tinha de andar alguns quarteirões para encontrar um ponto de táxi. Táxis não eram comuns naquela parte de Montmartre... Nem o movimento frenético numa banca de jornais na segunda esquina. As pessoas gritavam, erguiam e sacudiam os braços, agarravam avidamente os jornais, zangadas e frustradas. Instintivamente, Jason apressou o passo, chegou à banca, jogou as moedas e apanhou um jornal.

Perdeu o fôlego quando tentou controlar as ondas de choque que o envolveram. *Teagarten assassinado!* O assassino, Jason Bourne! *Jason Bourne!* Loucura, *insanidade!* O que tinha *acontecido*? Seria a ressurreição de Hong Kong e Macau? Estaria perdendo o que restava de sua mente? Estava vivendo um pesadelo tão real que havia entrado nas suas dimensões, o horror do sonho demente, a fantasia de terror improvisado e evocado transformada em *realidade*? Afastou-se rapidamente da multidão, deu alguns passos incertos na calçada e encostou-se na parede de pedra de um prédio, respirando com dificuldade, agora com uma dor aguda no pescoço, tentando desesperadamente encontrar um raciocínio lógico. Alex! Um *telefone!*

— O que *aconteceu*? — berrou Jason no fone para Vienna, Virgínia.

— Controle-se e fique frio — disse Conklin com voz baixa e monótona. — Escute. Quero saber *exatamente* onde você está. Bernardine vai apanhá-lo e tirar você daí. Ele providencia tudo e põe você no Concorde para Nova York.

— Espere um pouco — *espere* um pouco!... O Chacal fez isto, não fez?

— Ao que sabemos, foi um contrato de uma seita de malucos *jihad* de Beirute. Estão assumindo a responsabilidade. O verdadeiro assassino não é importante. Isso pode ser verdade e pode não ser. No começo eu não acreditei, não depois de DeSole e Armbruster, mas tudo parece confirmar essa informação. Teagarten estava há muito tempo estudando um meio de enviar forças da OTAN para o Líbano e arrasar todos os enclaves palestinos. Ele foi ameaçado antes. O caso é que a conexão com a Medusa é *muita* coincidência para mim. Mas, respondendo à sua pergunta, é claro que foi o Chacal.

— Então ele pôs a culpa em mim. *Carlos* pôs a culpa em *mim!*

— Ele é um cara muito engenhoso, tenho de reconhecer. Você vai atrás dele e ele executa um contrato que imobiliza Bourne em Paris.

— Então, nós *invertemos* as coisas?

— De que diabo está falando? Você, saia daí!

— De jeito nenhum. Enquanto ele pensa que estou fugindo — estou entrando no seu ninho.

— Você está louco! Trate de sair enquanto podemos tirá-lo de Paris!

— Não, eu fico. Primeiro, ele imagina que tenho de ficar para alcançá-lo, mas, como você disse, ele me imobilizou. Pensa que depois de todos esses anos vou entrar em pânico e começar a fazer idiotices — Deus sabe que foi o que fiz em Tranqüilidade — mas idiotices tão absurdas que seu exército de velhos vai me encontrar, procurando nos lugares certos, sabendo o que eu vou procurar. *Cristo*, ele é bom! Vamos amedrontar o filho da mãe para que ele cometa um erro. Eu *o conheço*, Alex. Sei como *ele* pensa e posso pensar na frente. É claro que vou ficar, nada de uma caverna segura pelo resto da vida pra mim.

— Caverna? *Que* caverna?

— Um modo de falar, esqueça. Eu já estava instalado, *antes* das notícias sobre Teagarten. Estou bem.

— Você não está bem, você é uma droga de cabeça-de-bagre! *Saia* daí!

— Desculpe, Santo Alex, mas estou exatamente onde quero estar. Vou atrás do Chacal.

— Bem, talvez eu consiga fazer com que desista. Falei com Marie há algumas horas. Adivinhe, seu velho Neanderthal! Ela está voando para Paris. Para encontrá-lo.

— Ela *não pode* fazer isso!

— Foi o que *eu* disse, mas ela não estava disposta a ouvir. Disse que conhece todos os lugares em que vocês estiveram quando fugiam de nós, há 13 anos. Que você vai usá-los outra vez.

— Já usei alguns. Mas ela *não deve* vir.

— Diga isso a *ela*, não a mim.

— Qual é o número de Tranqüilidade? Para ser franco, ainda não liguei para ela por medo. Tenho tentado ao máximo não pensar nela e nas crianças.

— Essa foi a coisa mais sensata que você disse até agora. — Conklin deu o código de área, 809, e Bourne desligou imediatamente.

Nervoso e com pressa, Jason passou pelo angustiante processo de dizer o local, os números dos seus cartões de crédito, ouvir os apitos e palavras entrecortadas, característicos de um telefonema para o Caribe e finalmente, depois de “domar” um idiota na recepção do Tranqüilidade, conseguiu falar com St. Jacques.

— Chame Marie! — ordenou Jason.

— *David?*

— Sim... David. Chame Marie.

— Não posso. Ela se foi. Saiu há uma hora.

— Para onde?

— Ela não disse. Alugou um avião que sai de Blackburne, mas não quis me dizer para qual ilha internacional pretendia ir. Por aqui só temos Antigua e Martinica, pode ter ido para Saint Maarten ou Porto Rico. Está a caminho de Paris.

— Você não podia ter evitado isso?

— Cristo, eu tentei, David. Droga, eu *tentei*!

— Por acaso pensou em prendê-la em algum lugar?

— *Marie*?

— Sim, eu compreendo... O mais cedo que ela pode chegar a Paris é amanhã.

— Você viu as notícias? — exclamou St. Jacques. — O general *Teagarten* foi assassinado e dizem que foi Jason...

— Ora, cale a boca.

Bourne desligou, saiu da cabine e começou a andar para coordenar seus pensamentos.

Peter Holland, diretor da CIA, levantou-se atrás da sua mesa e rugiu para o homem sentado à sua frente.

— Fazer *nada*? Será que perdeu essa droga de juízo?

— E você perdeu o seu quando fez aquela declaração sobre uma ação conjunta britânico-americana em Hong Kong.

— É a maldita verdade!

— Existem verdades e verdades, como negar a verdade quando não convém ao serviço.

— *Merda!* Políticos bichas!

— Eu não diria isso, Gengis Khan. Ouvi dizer que alguns deles preferiram o pelotão de fuzilamento a trair a verdade pela qual tinham de viver... Você está mal informado, Peter.

Furioso, Holland voltou a sentar.

— Talvez, na verdade, eu não esteja no lugar certo.

— Talvez não, mas conceda a você mesmo um pouco mais de tempo. Quem sabe consegue ficar tão sujo quanto todos nós. Pode acontecer, você sabe.

O diretor recostou-se na cadeira, inclinando a cabeça para trás e falou aos trancos.

— Eu era mais sujo do que qualquer um de vocês no trabalho de campo, Alex. Ainda acordo no meio da noite vendo os olhos daqueles garotos pregados em mim, enquanto eu enfiava uma faca no seu peito, tirando suas vidas, de certo modo sabendo que eles não tinham idéia de por que estavam ali.

— Era você ou eles. Se pudessem punham uma bala na sua cabeça.

— Sim, acho que sim. — O diretor da CIA olhou para Conklin. — Mas não é disso que estamos falando, certo?

— Pode-se dizer que é uma variação do tema.
— Ora, deixe de bobagem.
— É um termo musical. Gosto de música.
— Então passe para a linha sinfônica principal, Alex. Eu também gosto de música.

— Muito bem. Bourne desapareceu. Ele me disse que encontrou uma caverna — palavras dele, não minhas — onde tem certeza de encontrar a pista do Chacal. Não disse onde, e só Deus sabe quando vai me telefonar outra vez.

— Mandeí nosso homem da embaixada ao Pont-Royal à procura de Simon. O que eles lhe disseram é a verdade. Simon pagou o hotel, saiu e não voltou. Onde ele *está*?

— Procurando não ser visto. Bernardine teve uma idéia, mas levou a pior. Pensou que podia localizar Bourne discretamente, fazendo circular o número da placa do carro alugado, mas ninguém o apanhou na garagem e temos certeza de que ninguém vai apanhar. Ele não confia em ninguém agora, nem em mim, e considerando sua história, tem todo direito de não confiar.

Com olhar frio, Holland disse, furioso:

— Não está mentindo para mim, está, Conklin?
— Por que eu ia mentir numa situação destas, sobre um amigo como este?
— Isso não é resposta, é uma pergunta.
— Certo, então não, não estou mentindo. Não sei onde ele está. — E Alex realmente não sabia.

— Então, sua opinião é que não devemos fazer nada.

— Não há nada que possamos fazer. Mais cedo ou mais tarde ele vai me procurar.

— Você tem idéia do que vai dizer a uma comissão investigadora do Senado, daqui a algumas semanas ou meses, quando a coisa explodir? Porque é certo que vai explodir. Enviamos um homem, que sabemos ser Jason Bourne, numa operação secreta em Paris, que fica tão perto de Bruxelas quanto Nova York de Chicago...

— Mais perto, eu acho.

— Obrigado. Eu precisava disso... O ilustre comandante da OTAN é assassinado e o dito “Jason Bourne” assume a responsabilidade pelo crime, e nós não dizemos coisa alguma para ninguém! *Jesus*. Vou acabar limpando latrinas num rebocador!

— Mas ele não o matou.

— Você sabe e eu sei, mas, por falar na história dele, há um pequeno detalhe de doença mental que vai aparecer assim que nossos relatórios médicos forem indiciados pela comissão.

— Chama-se amnésia, não tem nada a ver com violência.

— Droga, não tem, é muito pior. Ele não pode se lembrar do que faz.

Conklin apertou com força o cabo da bengala.

— Não dou a mínima ao que pode parecer, existe uma falha. Meus instintos dizem que o assassinato de Teagarten tem alguma coisa a ver com a *Medusa*. De algum modo, em algum lugar os fios se cruzaram, uma mensagem foi interceptada e inseriram uma diversão no jogo planejado.

— Acho que eu falo e compreendo nossa língua tão bem quanto você — disse Holland. — Mas neste momento não estou entendendo.

— Não há nada para entender, nenhuma aritmética, nenhuma linha de progressão. Eu simplesmente não sei... Mas a Medusa está nisso tudo.

— Com seu testemunho, posso implicar Burton e os Chefes da Junta, além de Atkinson, em Londres.

— Não, deixe-os em paz. Não os perca de vista, mas não afunde o barco deles, almirante. Como a “retirada” de Swayne, mais cedo ou mais tarde, as abelhas voarão para o mel.

— Então o que sugere?

— O que eu disse quando cheguei. Não faça nada. É o jogo de espera. — De repente, Alex bateu com a bengala na mesa. — Filho da mãe, é a *Medusa*. Tem de ser!

O velho enrugado e calvo levantou-se do banco da Igreja do Santíssimo Sacramento em Neuilly-sur-Seine, nos arredores de Paris. Com passos trôpegos dirigiu-se ao segundo confessionário da esquerda. Abriu a cortina negra e com uma dor torturante nas pernas, ajoelhou na frente da grade coberta por um pano negro.

— *Angelus domini*, filho de Deus — disse a voz no outro lado da tela. — Você está bem?

— Muito melhor graças à sua generosidade, monsenhor.

— Isso me alegra, mas quero algo mais, como você sabe... O que *aconteceu* em Anderlecht? O que me conta meu amado e eficiente exército? Quem é o *suposto* culpado?

— Nós nos separamos e temos trabalhado durante as últimas oito horas, monsenhor. Pelo que pudemos descobrir, dois homens chegaram de avião, dos Estados Unidos — supomos, porque só falam inglês americano — e se hospedaram numa *pension de famille* na frente do restaurante. Deixaram a pensão alguns minutos depois do assalto.

— Um explosivo detonado por controle remoto?

— Aparentemente, monsenhor. Não sabemos nada mais.

— Mas por quê? *Por quê?*

— Não podemos ler as mentes dos homens, monsenhor.

No outro lado do Atlântico, num rico apartamento em Brooklyn Heights, com as

luzes do rio Leste e da ponte de Brooklyn pulsando artisticamente no outro lado da janela, o capo supremo, reclinado num sofá elegante, deliciava-se com uma dose de Perrier. Disse para o amigo que tomava um gim-tônica, sentado à sua frente numa poltrona.

— Quer saber, Frankie, eu não sou só inteligente, sou brilhante, sabe o que quero dizer? Eu percebo as nuances — isto é, o que pode ser importante e o que não é — e tenho uma intuição fantástica. Ouço um *paisan* qualquer falar sobre certas coisas, somo quatro mais quatro e, em vez de oito, tenho 12. *Bingo!* É a resposta. Tem esse gato que se diz chamar “Bourne”, um idiota que pensa que é um grande assassino, mas que não é — é uma droga de *esca*, uma isca para atrair outra pessoa, mas *ele* é o *cannoli* quente que *nós* queremos, entende? Então, o judeu psicanalista, muito doente, conta tudo que eu quero saber. Esse *cannoli* só tem metade da cabeça, é um *testa balzana*, a maior parte do tempo não sabe quem é, e nem o que faz, certo?

— Certo, Lou.

— E lá está Bourne em Paris, França, a poucos metros do verdadeiro e grande impedimento, um general elegante que os caras silenciosos do outro lado do rio querem tirar de circulação, como os dois outros gorduchos que já plantamos. *Capisce?*

— *Capisco*, Lou — disse o jovem na poltrona. — Você é mesmo inteligente.

— Você não tem nenhuma idéia do que estou falando, seu *zabaglione*. É como se eu estivesse falando sozinho, e por que não?... Assim, pego os meus 12 e penso, vamos jogar o dado marcado no pano verde, *compreendei*

— Compreendo, Lou.

— Temos de eliminar o idiota do general porque ele é um impedimento para os grã-finos que precisam de nós, certo?

— Certo, Lou. Um imped... um imped...

— Não se preocupe, *zabaglione*. Então, digo para mim mesmo, vamos explodir o homem e dizer que foi o *cannoli*, *entendeu?*

— Isso mesmo, Lou. Você é inteligente de verdade.

— Então, a gente se livra do impedimento e põe o *cannoli*, o tal de Jason Bourne, que é fraco da cabeça, na mira de todas as autoridades, certo? Se a gente não pegá-lo, se o tal do Chacal não chegar primeiro, os federais pegam, *certo?*

— Ei, isso é legal, Lou. Tenho de dizer, eu respeito você.

— Esqueça o respeito, *bello ragazzo*. As regras são diferentes nesta casa. Venha e faça um belo amor comigo.

O jovem levantou da cadeira e caminhou para o sofá.

Na parte de trás do avião, enquanto tomava café, Marie tentava desesperadamente lembrar todos os lugares — esconderijos e locais de repouso —

que ela e David haviam usado 13 anos atrás. Havia os piores cafés de Montparnasse e os hotéis baratos. Um motel — onde ficava? — a 16 quilômetros de Paris e uma estalagem com terraço no Argenteuil onde David — *Jason* — pela primeira vez disse que a amava mas que não podia ficar com ela *porque* a amava — o idiota! E havia o Sacré-Coeur, no alto dos degraus, na viela escura onde Jason — *David* — encontrou-se com o homem que lhe deu as informações necessárias — *quais* informações? *Quem* era ele?

“*Mesdames e monsieurs*”, disse a voz no alto-falante da cabine. “*Je suis votre capitaine. Bienvenu*”. O piloto continuou, primeiro em francês, depois ele e a tripulação repetiram em inglês, alemão, italiano e finalmente, por meio de uma intérprete, em japonês. “Esperamos um vôo tranquilo até Marselha. O tempo estimado de vôo de sete horas e 14 minutos, com aterrissagem, de acordo com o horário previsto, às 6:00h da manhã, hora de Paris, ou antes disso. Boa viagem”.

Marie St. Jacques Webb olhou para o oceano lá embaixo, banhado pelo luar. Depois de voar para San Juan, Porto Rico, havia tomado o vôo noturno para Marselha, onde o serviço de imigração francesa era, na melhor das hipóteses, uma confusão completa e, na pior, intencionalmente falho. Pelo menos era assim há 13 anos, um tempo para o qual ela estava voltando. Tomaria depois o vôo doméstico para Paris e encontraria David. Como há 13 anos, ela o *encontraria*. Tinha de encontrá-lo! Como há 13 anos, se não o encontrasse, o homem que amava seria um homem morto.

SENTADO AO LADO da janela, Morris Panov olhava para o pasto de uma fazenda em algum lugar dos Estados Unidos, Maryland, ele supunha. Estava num pequeno quarto de dormir no segundo andar vestido com uma camisola de hospital, seu braço direito nu contando a história que ele conhecia muito bem. Fora drogado repetidamente, levado até a lua, como diziam os que administravam aquelas drogas. Fora mentalmente estuprado, invadido, violado, seus pensamentos e seus segredos mais profundos trazidos à tona.

O dano que havia causado era incalculável, Panov sabia disso. Não compreendia por que ainda estava vivo. Nem por que o haviam tratado com tanta deferência. Por que o guarda com a ridícula máscara negra era tão delicado, a comida farta e boa? Era como se o imperativo atual do seu cativeiro fosse restaurar suas forças — profundamente prejudicadas pelas drogas — e proporcionar-lhe o maior conforto possível naquelas circunstâncias. *Por quê?*

A porta se abriu e o guarda entrou, um homem baixo e forte, com uma voz raspante que, para Panov, devia ser do nordeste dos Estados Unidos, ou de Chicago. Em outra situação, o homem seria cômico, com a cabeça grande demais para a idiota máscara de Zorro que usava e que, certamente, não impedia uma identificação imediata. Porém, naquelas circunstâncias, não tinha nada de engraçado. A própria delicadeza do homem era ameaçadora. Tinha no braço esquerdo as roupas do médico.

— Tudo bem, Doc, tem de se vestir agora. Mande lavar e passar tudo, até a cueca. O que acha disso?

— Quer dizer que vocês têm tinturaria e lavanderia aqui?

— Porra, não, a gente leva para... Oh, não, não vai me pegar assim, Doc! — O guarda sorriu, mostrando os dentes amarelados. — Muito esperto, hein? Achou que eu ia dizer onde estamos, hein?

— Só curiosidade.

— É, eu sei. Como meu sobrinho, o garoto da minha irmã, que por “simples curiosidade” está sempre me fazendo perguntas que eu não quero responder. Assim como, “Ei, tio, como conseguiu pagar meu curso de medicina, hein?” *Isso mesmo!* Ele é *médico*, como você, *o que acha disso*, hein?

— Eu diria que o irmão da mãe dele é muito generoso.

— É, bom, o que a gente vai fazer, hein?... Vamos, vista isso, Doc, vamos fazer uma pequena viagem. — Entregou a roupa a Mo.

— Suponho que seria bobagem perguntar para onde — disse Panov, levantando-se, tirando a camisola de hospital e vestindo a cueca.

— Muita bobagem.

— Espero que não seja bobagem falar sobre o fato do seu sobrinho nunca ter comentado um sintoma que notei em você e que é bastante alarmante. — Mo vestiu a calça calmamente.

— Do que está falando?

— Talvez de nada — respondeu Panov, vestindo a camisa e sentando para calçar as meias. — Quando viu seu sobrinho pela última vez?

— Umas duas semanas. Dei algum dinheiro para cobrir o seguro dele. Merda, aqueles caras são uns *sanguessugas*! O que tem isso?

— Estava pensando se ele não lhe disse nada.

— Disse *o quê*?

— Sobre sua boca. — Mo amarrou os cordões dos sapatos e fez um gesto com a cabeça. — Tem um espelho naquela cômoda. Vá olhar.

— Olhar o quê? — O subordinado do capo aproximou-se rapidamente do espelho.

— Sorria.

— *Para quem?*

— Para você mesmo... Veja a cor amarelada dos seus dentes, a palidez das gengivas e como estão retraídas.

— E daí? Sempre foram assim.

— Pode não ser nada, mas ele devia ter notado.

— Notado *o quê*, pelo amor de Deus?

— Ameloblastoma oral. Possivelmente.

— Que diabo é *isso*? Não escovo bem os dentes e não gosto de dentistas. São uns açougueiros!

— Quer dizer que há muito tempo não consulta um dentista, nem um cirurgião oral?

— E daí? — O capo arreganhou outra vez os dentes na frente do espelho.

— Isso explica por que seu sobrinho não disse nada.

— Por quê?

— Provavelmente pensou que você visita regularmente o dentista e preferiu que ele contasse. — Panov levantou-se.

— Não entendi.

— Bem, ele é grato por tudo que você fez, grato por sua generosidade. Eu compreendo por que hesita em contar a verdade.

— Que verdade? — O guarda voltou-se rapidamente, dando as costas ao espelho.

— Eu posso estar errado, mas você devia consultar um periodontista. — Mo vestiu o paletó. — Estou pronto. O que fazemos agora?

O capo subordinado entrecerrou os olhos com uma ruga de ignorância e suspeita entre as sobrancelhas, tirou um grande lenço negro do bolso.

— Desculpe, Doc, mas tenho de vender seus olhos.

— Para pôr uma bala na minha cabeça sem que eu perceba o que está acontecendo?

— Não, doutor. Nada de bala para você. É muito valioso.

— *Valioso?* — perguntou o capo supremo retoricamente no seu opulento apartamento em Brooklyn Heights. — Como uma mina de ouro saltando do chão para dentro do seu minestrone. Este judeu trabalhou com as cabeças das maiores lasanhas de Washington. Seus arquivos devem valer tanto quanto Detroit.

— Você nunca vai pôr as mãos neles, Louis — disse o atraente homem de meia-idade com o caro terno tropical. — Devem estar selados e fora do seu alcance.

— Bem, estamos trabalhando nisso, Sr. Park Avenue, Manhattan. Digamos — só por brincadeira — que eu os consiga. Quanto valem para você?

Com um sorriso discreto e aristocrático, o homem disse:

— Detroit?

— *Va bene!* Gosto de você, tem senso de humor. — Bruscamente o mafioso ficou sério, transformando o sorriso numa expressão quase desagradável. — Os cinco mil estão valendo ainda por esse cara Bourne-Webb, certo?

— Com uma ressalva.

— Não gosto de ressalvas, senhor advogado, não gosto *nem um pouco*.

— Podemos procurar em outra parte. Você não é o único na cidade.

— Deixe-me explicar uma coisa, *signor avvocato*. De muitos modos, nós — nós todos — *somos* os únicos na cidade. Não nos intrometemos nos contratos das outras famílias, compreende o que quero dizer? Nossos conselhos resolveram que contratos são muito pessoais, provocam inimizades.

— Quer saber qual é a ressalva? Acho que não vai se ofender.

— Atire.

— Gostaria que usasse outra palavra.

— Vá em frente.

— Haverá um bônus de dois milhões de dólares porque queremos que inclua a mulher de Webb e seu amigo do governo, Conklin.

— Feito, Sr. Park Avenue, Manhattan.

— Ótimo. Agora, ao resto do nosso negócio.

— Quero falar sobre o judeu.

— Vamos chegar lá...

— *Agora!*

— Por favor, não me dê ordens — disse o advogado de uma das firmas mais prestigiosas de Wall Street. — Na verdade, não está em posição para fazer isso, *carcamano*.

— Olha, *farabutto!* Não fale assim comigo!

— Falo como quiser... Por fora, e para seu crédito nas negociações, você é um cara muito masculino, muito macho. — O advogado cruzou e descruzou as pernas, calmamente. — Mas por dentro o negócio é muito diferente, não é? Tem um coração mole, ou devo citar outro lugar, para homens jovens e bonitos.

— *Silenzio!* — O italiano inclinou-se para a frente no sofá.

— Não pretendo explorar essa informação. Por outro lado, não acredito que os Direitos dos Gays tenham muita aceitação na agenda da posa Nostra, o que acha?

— Seu filho da puta.

— Sabe, quando eu era um jovem advogado do exército, em Saigon, defendi um tenente de carreira apanhado em flagrante delito com um garoto vietnamita, obviamente um prostituto. Por meio de manobras legais, usando frases militares ambíguas a respeito dos civis, eu o salvei de uma expulsão desonrosa, mas é claro que ele teve de pedir demissão do exército. Infelizmente ele não aproveitou. Deu um tiro na cabeça duas horas depois do veredito. Você compreende, ele havia se tornado um pária, uma desgraça perante seus iguais e não agüentou.

— Continue com seus negócios — disse o capo supremo chamado Louis, em voz baixa e carregada de ódio.

— Muito obrigado... Primeiro, deixei um envelope na mesa do hall. Contém o pagamento pela morte trágica de Armbruster em Georgetown e pelo assassinato igualmente trágico de Teagarten em Bruxelas.

— Segundo o médico judeu — interrompeu o mafioso —, eles sabem de mais dois dos seus. Um embaixador em Londres e aquele almirante dos Chefes da Junta. Quer acrescentar outro bônus?

— Talvez mais tarde, agora não. Os dois sabem muito pouco e nada sobre nossas operações financeiras. Burton pensa que somos essencialmente um conjunto de veteranos ultraconservadores, remanescentes da desgraça do Vietnã — às margens da lei, para ele, mas que combinamos com seus sentimentos patrióticos. Atkinson é um diletante rico. Faz o que mandamos, sem saber por que nem para quem. É capaz de qualquer coisa para continuar na Corte de Saint James e continua. Sua única conexão era Teagarten... As descobertas importantes de Conklin foram Swayne, Armbruster, Teagarten e, é claro, DeSole, mas os outros dois são artigos de vitrine, muito respeitáveis. Gostaria de saber como ele descobriu.

— Quando eu descobrir e eu *vou* descobrir, eu lhe conto, de graça.

— É mesmo? — O advogado ergueu as sobrancelhas. — Como?

— Vamos chegar lá. O que mais tem para tratar?

— Duas coisas, ambas de importância vital, e a primeira eu lhe dou — *de graça*. Livre-se do seu namorado atual. Ele vai a lugares que não deve ir e espalha dinheiro como um ladrãozinho barato. Soubemos que se gaba de suas conexões com gente da alta. Não sabemos o que mais ele diz ou o que ele sabe, nem o que descobriu, mas ele nos preocupa. Acho que deve preocupar vocês também.

— *Il prostituto!* — rugiu. Louis, batendo com a mão fechada no braço do sofá.
— *Il pinguino!* Ele está morto.

— Aceito seu agradecimento. O outro item é muito mais importante, pelo menos para nós. A casa de Swayne, em Manassas. Está faltando um livro, um diário comercial, que o advogado de Swayne em Manassas — nosso advogado — não conseguiu encontrar. Estava na estante, encadernado como todos os outros livros daquela prateleira. Alguém devia saber *exatamente* qual era.

— O que quer de mim?

— O jardineiro era um homem seu. Foi colocado lá para fazer um serviço e recebeu o único número que consideramos seguro, ou seja o de DeSole.

— E daí?

— Para fazer o serviço, simular o suicídio, ele precisava estudar todos os movimentos de Swayne. Você mesmo me explicou *ad nauseam*, quando exigiu aquele pagamento absurdo. Não é difícil imaginar seu homem espiando pela janela da sala de trabalho de Swayne, estudando o lugar onde o general supostamente ia cometer suicídio. Seu homem nota então que o general sempre tira o mesmo livro da prateleira, escreve nele e o guarda no mesmo lugar. Isso naturalmente o deixa intrigado. Aquele livro deve ser valioso. Por que não ficar com ele? Eu ficaria, você também. Então, onde está o livro?

O mafioso levantou-se lentamente com um olhar ameaçador.

— Escute aqui, *avvocato*, você tem uma porção de palavras bonitas que levam a certas conclusões, mas não temos nenhum livro e vou dizer como posso *provar* isso! Se eu tivesse alguma coisa escrita capaz de assar seu traseiro, teria atirado na sua cara agora, *capisce?*

— Não é de todo ilógico — disse o advogado bem vestido, outra vez cruzando e descruzando as pernas, enquanto o capo, ofendido, voltava para o sofá. — Flannagan — acrescentou o advogado de Wall Street. — Naturalmente... mas é claro. *Flannagan*. Ele e aquela cadela cabeleireira precisavam de uma apólice de seguro, sem dúvida com um pouco de extorsão também. Na verdade, estou aliviado. Eles jamais poderão usar o livro sem se expor a nós. Aceite minhas desculpas, Louis.

— Terminou seus negócios?

— Acho que sim.

— Agora, o judeu.

— Qual é o caso?

— Como eu disse, ele é uma mina de ouro.

— Sem os arquivos dos seus pacientes, ouro com menos de 24 quilates, eu acho.

— Pois está errado — disse Louis. — Como eu disse a Armbruster, antes de ele se tornar um grande impedimento para vocês, temos médicos também. Especialistas em todos os ramos da medicina, incluindo o que eles chamam reações motoras e, veja isto, “respostas mentais provocadas por controle externo” —, lembro-me dessa especialmente. É uma espécie de revólver diferente apontado para a cabeça, mas sem sangue.

— Suponho que quer me dizer alguma coisa.

— Pode apostar seu country clube que quero. Vamos levar o judeu para um lugar na Pensilvânia, uma espécie de casa de repouso onde os muito ricos se internam para curar alcoolismo ou para se consertar, se é que me entende.

— Acho que entendo. O mais moderno equipamento médico, pessoal superior — área bem patrulhada.

— É isso, você entende. Muita gente da sua classe passou...

— Continue — interrompeu o advogado, consultando seu Rolex de ouro. — Não tenho muito tempo.

— Pois arranje tempo para isto. Segundo meus especialistas — e usei a palavra “meus” de propósito, deve ter notado — num esquema predeterminado, digamos, a cada quatro ou cinco dias, o novo paciente é “atirado para a lua” — a frase é deles, não minha. Cristo sabe. Nos intervalos, ele é otimamente tratado. Toma os neutralizantes necessários, ou seja lá o que for, faz exercício, dorme bastante e toda essa besteira... Nós todos devemos ter muito cuidado com nossos corpos, certo, *avvocato*?

— Alguns de nós jogam *squash* de dois em dois dias.

— Bem, vai me perdoar, Sr. Park Avenue, Manhattan, mas para mim, *squash* é abobrinha, e abobrinha eu como.

— Diferenças lingüísticas e culturais sempre aparecem, não é mesmo?

— Isso mesmo, não posso negar, *consigliere*.

— Naturalmente que não e meu título é advogado.

— Dê-me algum tempo. Pode ser *consigliere*.

— Não temos anos suficientes em nossas vidas, Louis. Vai continuar ou devo ir embora?

— Eu continuo, Sr. *advogado*... Assim, cada vez que o judeu é lançado para a lua como diz o meu especialista, ele está em perfeita forma física, certo?

— Sim, eu vejo as remissões periódicas da normalidade, mas não sou médico.

— Não sei de que droga está falando, mas também não sou médico, por isso

acredito no meu especialista. Cada vez que ele é lançado para a lua sua mente está perfeitamente clara, e então eles lhe dão uma lista de nomes. Muitos deles, a maioria talvez, não têm o menor significado, mas um ou outro sim, depois outro e outro. Com cada um desses nomes eles começam o que chamam de sondagem, encontrando fragmentos de informações, o suficiente para ter uma descrição superficial do paciente sobre o qual ele está falando — o bastante para fazer aquela lasanha morrer de medo quando for procurada por nós. Lembre-se, estamos vivendo num tempo de estresse e esse nosso hebreu trata os mais importantes gatos de Washington, dentro e fora do governo. O que acha disso, Sr. advogado?

— Certamente um método único — respondeu o advogado, olhando com atenção para o capo supremo. — É claro que seria infinitamente preferível termos seus arquivos.

— E, como eu disse, estamos trabalhando nisso, mas leva tempo. Isto não. É *immediato*. Dentro de algumas horas ele estará na Pensilvânia. Quer fazer negócio? Só nós dois?

— Que negócio? Uma coisa que você não tem e que talvez nunca tenha?

— Ei, qual é, o que você pensa que eu sou?

— Estou certo de que não quer que eu diga.

— Deixe de besteira. Digamos que dentro de um ou dois dias, talvez uma semana, nos encontramos e eu lhe entrego uma lista de nomes interessantes, sobre os quais temos certas informações — digamos, informações não acessíveis no momento. Você escolhe um ou dois, ou talvez nenhum, o que perde com isso? De qualquer modo, estamos falando de ninharia porque o negócio é só entre nós dois. Ninguém mais está envolvido, exceto meu especialista e seus assistentes que não o conhecem e a quem você não conhece.

— Um negócio à margem, por assim dizer?

— Não por assim dizer, mas exatamente o que é. Dependendo da informação, eu calculo o preço. Pode ser só um ou dois mil, pode ir a vinte, ou pode ser de graça, quem sabe? Vou ser justo porque quero fazer negócio com você, *capisce*?

— É muito interessante.

— Sabe o que diz o meu especialista? Diz que podemos começar nossa indústria de queijo, como ele chama. A gente seqüestra uns 12 psicanalistas, todos com boas conexões no governo, assim como gente do Senado ou da Casa Branca...

— Compreendo perfeitamente — interrompeu o advogado, levantando-se —, mas meu tempo acabou... Traga-me uma lista, Louis.

O visitante dirigiu-se para o hall de mármore.

— Não tem uma pasta elegante de executivo, *signor avvocato*? — perguntou o capo, levantando-se do sofá.

— Para perturbar os mecanismos não muito delicados na sua porta?

— Ora, é um mundo violento lá fora.

— Não sei disso.

O advogado de Wall Street saiu e quando a porta se fechou Louis correu para a escrivaninha Rainha Anne e praticamente saltou sobre o telefone estilo francês de marfim — como de hábito derrubando duas vezes o delicado aparelho antes de segurar o fone numa das mãos e discar com a outra.

— Maldito degenerado! — resmungou ele. — Droga de decorador bicha!...
Mario?

— Alô, Lou — disse a voz agradável, em New Rochelle. — Aposto que telefonou para desejar um feliz aniversário para Antonio, certo?

— Quem?

— Meu filho, Anthony. Faz 15 anos hoje, você esqueceu? A família toda está no jardim e sentimos sua falta, primo. E, escute Lou, que jardim este ano! Eu sou mesmo um artista.

— Pode ser também outra coisa.

— O quê?

— Compre um presente para Anthony e mande a conta para mim. Aos 15 anos, talvez uma mulher. Ele está pronto para ser homem.

— Lou, você é demais. Há outras coisas...

— Só há *uma* coisa agora, Mario, e quero a verdade da sua boca ou corto fora seus lábios.

Uma breve pausa em New Rochelle e então o assassino de voz suave disse:

— Não mereço que me fale desse modo, *cugino*.

— Talvez sim, talvez não. Tiraram um livro da casa do general, em Manassas, um livro muito valioso.

— Eles deram pela falta, certo?

— *Merda!* Está com você!

— Estava, Lou. Era um presente para você, mas eu o perdi.

— Perdeu? Que diabo você fez, deixou num *táxi*?

— Não. Eu estava correndo para salvar a vida com aquele maníaco dos sinalizadores, como é o nome, Webb, atrás de mim. Ele me acertou de raspão, eu caí e o livro voou da minha mão — justo quando chegou o carro da polícia. Ele pegou o livro e eu corri como um louco para a cerca.

— Está com *Webb*?

— Acho que sim.

— Cristo num trampolim...

— Mais alguma coisa, Lou? Vamos acender as velinhas do bolo agora.

— Tem sim, Mario. Posso precisar de você em Washington — um grande *cannoli* sem um pé, mas com um livro.

— Ei, espere um pouco, *cugino*, você conhece minhas normas. Sempre um mês entre viagens de negócios. Quanto tempo trabalhei em Manassas? Seis semanas? E em maio foi Key West, três, quase quatro semanas? Não posso telefonar, não posso mandar um cartão — não, Lou, sempre um mês. Tenho responsabilidades para com Angie e as crianças. Não quero ser um pai ausente, eles precisam ter um modelo, sabe o que estou dizendo?

— A droga do meu primo é um comediante!

Louis desligou o telefone furiosamente e o segurou depressa, mas não antes do marfim delicado rachar com a pancada na mesa.

— O melhor homem no negócio, e ele é um comediante — resmungou o capo supremo discando nervosamente. Quando atenderam, a ansiedade e a fúria desapareceram, mas só da voz. — Alô, Frankie meu bem, como vai meu melhor amigo?

— Oh, oi, Lou — soou a voz hesitante e lânguida no elegante apartamento em Greenwich Village. — Posso telefonar daqui a alguns minutos? Estou pondo minha mãe no táxi. Ela vai para Jersey. Certo?

— Certo, garoto. Dois minutos. — *Mãe? O prostituto. Il pinguìho!*

Louis foi até o bar de espelhos e mármore com anjos cor-de-rosa pairando no revestimento de lalique, acima das garrafas de uísque. Serviu um drinque e tomou vários goles para se acalmar. O telefone do bar tocou.

— Sim? — disse ele, apanhando com cuidado o frágil aparelho de cristal.

— Sou eu, Lou, Frankie. Já me despedi da Mama.

— Bom menino, Frankie. Nunca esqueça sua mama.

— Eu não esqueço, Lou. Você me ensinou isso. Contou que deu à sua mama o maior enterro que já houve em East Hartford.

— Isso mesmo, eu comprei a droga de igreja, cara.

— Muito bonito, muito bonito.

— Agora vamos falar de uma coisa bonita de verdade, certo? Foi um daqueles dias, Frankie, muita confusão, sabe o que quero dizer?

— É claro que sei, Lou.

— Então tive uma idéia. Preciso me acalmar, venha até aqui, Frankie.

— Tão depressa quanto o táxi puder me levar, Lou,

Prostituto! Seria o último serviço de Frankie, o Tagarela, para ele.

O advogado bem vestido caminhou dois quarteirões para o sul e um quarteirão para leste para chegar à sua limusine estacionada sob o toldo de outro impressionante prédio residencial em Brooklin Heights. Seu motorista atarracado de meia-idade conversava com o porteiro uniformizado ao qual já havia dado uma boa gorjeta. Quando viu o patrão, dirigiu-se rapidamente para a limusine e abriu a porta de trás. Alguns minutos mais tarde, estavam a caminho da ponte.

Na quietude do banco traseiro, o advogado desafivelou o cinto de crocodilo, apertou a borda superior e a inferior da fivela e um pequeno cilindro caiu entre suas pernas. Ele o apanhou e afivelou o cinto.

Ergueu o cilindro contra a luz que vinha da janela e examinou a miniatura de gravador ativado pela voz. Um aparelho extraordinário, pequeno e com um mecanismo de acrílico que permitia sua passagem pelos detetores mais sofisticados. O advogado recostou no banco do carro e chamou o motorista.

— William.

— Sim, senhor. — Vendo pelo retrovisor a mão estendida do patrão, o homem apanhou o cilindro.

— Por favor, quer levar para casa e colocar num cassete?

— Certo, major.

O advogado de Manhattan reclinou-se no banco com um sorriso. Louis lhe daria qualquer coisa agora. Um capo não faz negócios separado da família, para não falar na confissão de suas preferências sexuais.

Morris Panov estava no banco da frente do carro, ao lado do guarda, de olhos vendados e as mãos amarradas frouxamente, como se o capo subordinado achasse que estava obedecendo a ordens desnecessárias. Depois de uns trinta minutos de silêncio, o guarda perguntou:

— O que é um perri-o-dentista?

— Um cirurgião da boca. Um médico que opera a boca dos pacientes com problemas de dentes e gengivas.

Silêncio. Sete minutos depois.

— Que tipo de problemas?

— Uma porção deles, desde infecções e raspagem das raízes até a cirurgia mais complicada, geralmente em conjunto com um oncologista.

Silêncio. Quatro minutos depois.

— O que é esse último — o tal do conjunto?

— Câncer da boca. Quando descoberto em tempo, pode ser detido com a retirada de pequena parte do osso... Do contrário, toda a mandíbula tem de ser removida. — Panov percebeu que o carro dançou como se o motorista tivesse perdido o controle da direção.

Silêncio. Um minuto e meio depois.

— Toda a droga da mandíbula? A metade do rosto?

— Isso ou a vida do paciente. Trinta segundos depois.

— Acha que eu posso *ter* um negócio desses?

— Sou médico, não alarmista. Apenas notei um sintoma, não fiz diagnóstico.

— Pois deixe de bobagem! Faça um diagnóstico!

— Não sou especialista.

— Besteira! Você é médico, não é? Quero dizer, médico de verdade, não um *fasullo* que diz que é, mas não tem nenhuma prova.

— Quer dizer, formado. Sim, sou médico formado.

— Então, olhe para mim!

— Não posso. Estou com a venda nos olhos.

Panov imediatamente sentiu a mão áspera e forte arrancando o lenço amarrado na sua cabeça. O interior escuro do carro respondeu a uma das perguntas de Mo. Como era possível alguém andar pelas ruas com um passageiro de olhos vendados no banco da frente? Naquele carro não era problema, a não ser pelo pára-brisa. As janelas eram escuras e quase opacas de dentro para fora, o que significava que eram opacas de fora para dentro. Ninguém podia ver o interior do carro.

— Vamos, *olhei* — O capo subordinado, sem tirar os olhos da rua, inclinou grotescamente a cabeça grande na direção de Panov com os lábios grossos abertos e os dentes arreganhados como uma criança brincando de monstro na frente do espelho, e gritou:

— Diga o que está vendo!

— Está muito escuro aqui — respondeu Mo, vendo o que queria ver pela janela da frente. Estavam numa estrada fora da cidade, tão estreita e tão afastada que o acostamento era de terra. Fosse qual fosse o lugar para onde o homem o levava, não estavam seguindo o caminho mais curto.

— Abra essa droga de janela! — gritou o guarda, ainda com a cabeça inclinada, os olhos na estrada, a boca aberta como uma caricatura da Orca, a baleia prestes a vomitar. — Não me esconda nada. Quebro cada maldito dedo das mãos daquele farsante! Ele pode fazer sua droga de cirurgia com os cotovelos!... Eu disse para aquela burra da minha irmã que ele não prestava, aquela bicha. Sempre lendo livros, nenhuma ação na rua, sabe o que quero dizer?

— Se parar de gritar por alguns segundos, posso examinar melhor — disse Panov, depois de abaixar o vidro da janela, vendo apenas árvores e o mato típico de uma estrada secundária no campo, uma estrada que não devia constar de muitos mapas. — Agora sim — continuou Mo, erguendo as mãos frouxamente atadas para a boca do capo, mas com os olhos na estrada. — Oh, meu Deus! — exclamou o médico de repente.

— O *que foi?* — berrou o guarda.

— Pus. Bolsas de pus por toda a parte. No maxilar inferior e no superior. O pior sinal.

— Oh, *Cristo!*

O carro dançou, mas não suficientemente.

Uma *árvore* enorme. Bem na frente, no lado esquerdo da estrada deserta! Morris Panov num movimento brusco ergueu o corpo do banco e estendeu as mãos

atadas para a direção, virando o carro violentamente para a esquerda. Então, no último segundo antes do carro bater, lançou-se para a direita e encolheu-se em posição fetal para se proteger do impacto.

Foi uma batida violenta com vidros partidos, metal amassado, vapor dos cilindros estourados e chamas esparsas sob o carro, que logo atingiriam o tanque de gasolina. O guarda, inconsciente, gemia, com o rosto ensangüentado. Panov o tirou do carro arrastando-o para longe, com as forças que ainda lhe restavam e caiu exausto um pouco antes da explosão.

Na relva úmida, com a respiração quase normalizada, mas o medo ainda intenso, Mo livrou as mãos frouxamente atadas e tirou os fragmentos de vidro do rosto do guarda. Verificou então se havia alguma fratura — aparentemente o braço direito e a perna esquerda —, e no papel de carta roubado de um hotel do qual Mo nunca ouvira falar, e uma caneta, tirados do bolso do guarda, escreveu seu diagnóstico. Encontrou também uma arma — não tinha idéia de que tipo — pesada e muito grande para seu bolso e colocou-a no cinto.

Era tudo. O juramento de Hipócrates tinha limites.

O guarda tinha também uma incrível quantia em dinheiro — mais ou menos 6 mil dólares, várias carteiras de motorista e cinco carteiras de identidade de estados diferentes. Panov apanhou o dinheiro e as carteiras de motorista para entregar a Conklin. Deixou na carteira a fotografia dos filhos, netos e outros parentes — naturalmente entre eles o jovem médico cujo curso ele havia pago. *Ciao, amico*, pensou Mo. Arrastou-se até a estrada, ficou de pé e alisou a roupa, procurando parecer o mais respeitável possível.

Na estrada, Panov achou mais prudente seguir para o norte, para onde o guarda o estava levando. Voltar para o sul seria inútil e perigoso. E de repente foi como se estivesse acordando de um sonho.

Meu Deus! Será que eu fiz o que acabo de fazer?

Panov começou a tremer, e o psiquiatra que havia nele fez o diagnóstico de tensão pós-traumática. *Besteira, seu idiota! Não foi você!*

Começou a andar, e continuou a andar, e andar e andar. Estava numa estrada no campo, estava na *Estrada do Tabaco*. Não havia nenhum sinal de civilização, nenhum carro, nenhuma casa — nem ruínas de alguma fazenda —, nem mesmo um muro primitivo como prova de que seres humanos haviam passado por ali. Andou quilômetros e quilômetros, procurando vencer os efeitos da exaustão provocada pelas drogas. Quanto tempo estivera preso? Tinham tirado seu relógio que marcava a data, portanto não podia dizer que dia era, nem há quanto tempo o haviam apanhado no Hospital Walter Reed. Precisava encontrar um telefone. Precisava falar com Alex Conklin! Alguma coisa tinha de acontecer logo!

Aconteceu.

Ouvii o motor do carro que se aproximava e virou rapidamente para trás. Um carro vermelho vinha do sul — a toda velocidade, com o acelerador no chão. Panov acenou freneticamente com os dois braços, num gesto de desespero e súplica. O carro passou por ele velozmente... então, com surpresa e alegria ouviu o ranger dos freios e a poeira levantada da estrada. O carro *parou!* Panov correu para a frente enquanto o carro dava marcha à ré cantando pneus. Lembrou então do que sua mãe sempre dizia no Bronx. *Diga sempre a verdade, Morris. É o escudo que Deus nos dá para nos manter no bom caminho.*

Panov não seguia à risca o conselho da mãe, mas muitas vezes reconheceu que o mesmo tinha certo valor na interação social. Talvez esse fosse o momento de aplicá-lo. Assim, um tanto ofegante aproximou-se da porta esquerda do carro. Olhou para dentro e viu uma mulher loura platinada de uns trinta e poucos anos, excessivamente maquiada, com seios grandes emoldurados por um decote mais próprio para filmes pornô do que para uma estrada deserta no campo de Maryland. Mesmo assim, as palavras de sua mãe ecoaram em sua mente e ele disse a verdade.

— Sei que estou horrível, madame, mas pode estar certa de que é apenas minha aparência externa. Sou médico e sofri um acidente...

— Entre no carro, ande!

— Muito, muito obrigado.

Nem bem ele fechou a porta e a mulher, engatando a marcha, saiu a toda do acostamento de terra para o asfalto.

— A senhora está com pressa — observou Panov.

— Você também estaria cara, se fosse eu. Tenho um marido lá atrás que está arrumando o caminhão para vir me pegar.

— É mesmo?

— O cretino miserável! Ele viaja pelo país todo durante três semanas por mês, dormindo com todas as donas que encontra na estrada, depois sobe pelas paredes quando descobre que estou também me divertindo.

— Eu sinto muito.

— Vai sentir muito mais se ele alcançar a gente.

— Como disse?

— Você é mesmo médico?

— Sim, sou.

— Talvez a gente possa fazer um negócio.

— Um *negócio*?

— Você sabe fazer aborto? Morris Panov fechou os olhos.

DEPOIS DE CAMINHAR durante quase uma hora pelas ruas de Paris tentando coordenar os pensamentos, Bourne chegou à ponte de Solferino, no Sena, que levava ao Quai des Tuileries e aos jardins. Encostado na grade, olhando os barcos que passavam preguiçosamente lá embaixo, perguntava sem cessar, por quê, por quê, *por quê?* O que Marie pensava que estava *fazendo?* Voar para Paris! Não era só uma tolice, era uma estupidez — mas sua mulher nada tinha de tola, nem de idiota. Era uma mulher muito inteligente, com grandes reservas de controle e uma mente rápida e analítica. Era isso que fazia sua decisão tão incompreensível. O que ela esperava poder fazer? Marie devia saber que era mais seguro para ele trabalhar sozinho, sem se preocupar com ela, enquanto procurava o Chacal. Mesmo que ela o encontrasse, o risco seria duplo para ambos, e *isso* ela devia compreender perfeitamente. Números e projeções faziam parte da sua profissão. Então, *por quê?*

A única resposta possível deixava-o furioso. Marie pensava que a mente do marido podia falhar outra vez, como em Hong Kong, quando ela fora a única capaz de trazê-lo de volta para a realidade que era exclusivamente dele, uma realidade assustadora de meias-verdades e lembranças fragmentadas, momentos episódicos com os quais ela conviveu todos os dias do seu casamento. *Deus*, ele a adorava, ele a amava tanto! E aquela decisão tola, idiota, *inexplicável* aumentava seu amor por ser tão — tão generosa, tão absurdamente desprovida de egoísmo. Houve momentos, no Extremo Oriente, em que David desejou a própria morte, só para se livrar da culpa que sentia por expor Marie àqueles perigos *inaceitáveis*. A culpa estava com ele, *sempre* com ele, mas o homem mais maduro reconhecia outra realidade. Os filhos. O câncer que era o Chacal precisava ser extirpado de todas *as suas vidas*. *Será que Marie não compreendia isso e não podia deixá-lo sozinho?*

Não. Pois ela não estava voando para Paris para salvar a vida dele — Marie confiava muito em Jason Bourne para isso. Estava indo para Paris para salvar sua mente. *Eu posso fazer isso, Marie. Posso e vou fazer.*

Bernardine. Sim, era possível. O Deuxième podia localizar Marie em Orly ou De Gaulle. Encontrá-la, levá-la para um hotel sob vigilância, dizendo que ninguém sabia onde ele estava. Jason correu da ponte de Solferino para o Quai des Tuileries e para o primeiro telefone que encontrou.

— Você pode *fazer* isso? — perguntou Bourne. — Ela tem só um passaporte e é americano, não canadense.

— Posso tentar por minha conta — respondeu Bernardine —, mas não com

ajuda do Deuxième. Não sei o quanto Santo Alex lhe contou, mas, no momento, meu cargo de consultor foi cancelado e acho que jogaram minha mesa pela janela.

— *Merda!*

— *Merda* ao cubo, *mon ami*. O Quai D'Orsay quer incinerar minha roupa de baixo com meu corpo dentro dela, e se não fosse por certas informações que eu tenho sobre vários membros da Assembléia, eles iriam reativar a guilhotina.

— Você pode passar algum dinheiro pela imigração?

— Seria melhor agir na minha antiga capacidade oficial, confiando em que o Deuxième não alardeia seus problemas internos. O nome todo dela, por favor.

— Marie Elise St. Jacques Webb...

— Ah, sim, lembro-me agora, pelo menos o St. Jacques — interrompeu Bernardine. — A famosa economista canadense. Sua fotografia estava em todos os jornais. *La belle mademoiselle*.

— Ela podia passar muito bem sem aquela publicidade.

— Tenho certeza que sim.

— Alex disse alguma coisa sobre Mo Panov?

— O médico seu amigo?

— Esse mesmo.

— Não, nada.

— *Droga!*

— Se posso fazer uma sugestão, deve se preocupar com sua segurança agora.

— Compreendo.

— Vai apanhar o carro?

— Acha que devo?

— Francamente, se fosse você, eu não o apanharia. É pouco provável, mas podem descobrir que fui eu que o aluguei. É um risco, embora sem importância.

— Foi o que pensei. Comprei um mapa do metrô. Vou andar de trem. Quando posso telefonar outra vez?

— Dê-me quatro, talvez cinco horas para voltar dos aeroportos. Como nosso santo explicou, sua mulher pode ter embarcado em cinco lugares diferentes. Vou precisar de tempo para verificar todas as listas de passageiros.

— Concentre-se nos vôos que chegarão amanhã de manhã. Ela não pode estar com um passaporte falsificado, não saberia como fazer isso.

— Segundo Alex, não devemos subestimar Marie Elise St. Jacques. Ele até falou francês. Disse que ela é *formidable*.

— Ela é capaz de surpreender qualquer um, pode estar certo.

— *Qu'est-ce que c'est?*

— Digamos que ela é especial.

— E você?

— Vou tomar o metrô. Está escurecendo. Telefono depois da meia-noite.

— *Bonne chance.*

— *Merci.*

Quando saiu da cabine, mancando por causa da atadura apertada no joelho, Bourne já sabia o que ia fazer. Podia tomar o metrô para Havre-Caumartin, na estação das Tuileries, e depois a linha norte do Expresso Regional, que o levaria a Argenteuil, passando por St. Denis-Basilique. Argenteuil, uma cidade da Idade Média fundada por Carlos Magno há 13 séculos, em honra de um convento. Tantos séculos depois, era uma cidade que abrigava o centro de mensagens de um assassino tão brutal quanto qualquer um dos homens que vagavam com uma espada pelos campos sangrentos nos dias bárbaros de Carlos Magno, então, como agora, comemorando e santificando a brutalidade sob o manto da religião.

Le Coeur du Soldat não ficava numa rua, num bulevar nem numa avenida. Ficava na entrada de um beco sem saída, de frente para uma fábrica fechada há muito tempo, cujos letreiros desbotados indicavam uma metalúrgica outrora próspera na parte mais feia da cidade. O Soldat também não constava das listas telefônicas. O modo de encontrá-lo era perguntar inocentemente a estranhos, acrescentando que íamos encontrar *une grosse secousse* naquele misterioso *pissoir*. Quanto mais decrepitos fossem os prédios e mais sujas as ruas, mais exatas eram as informações.

Na viela escura e estreita, Bourne estava encostado na parede antiga de tijolos da fábrica no outro lado da rua, na frente da entrada do bistrô. Acima da porta maciça, a tabuleta vermelho-escura, onde faltavam algumas letras grandes e quadradas, dizia L C eur d Soldat. Cada vez que a porta se abria dando passagem aos fregueses, a música marcial e metálica inundava a viela, e quem entrava e saía não era de modo algum candidato a um desfile de alta costura. Eu estou vestido de acordo, pensou Jason. Riscou um fósforo na parede, acendeu o cigarro negro e fino e caminhou mancando para a porta.

A não ser pela língua falada e pela música ensurdecadora, podia ser um bar do cais do porto em Palermo, Sicília, pensou Bourne, abrindo caminho para o bar, examinando tudo que podia ver — por um momento confuso perguntando-se quando havia estado em Palermo, na Sicília.

Um homem encorpado com camiseta sem mangas desocupou uma banquetta na frente do balcão e Jason sentou-se nela. A mão que parecia uma garra segurou seu ombro. Erguendo a mão direita rapidamente, Bourne segurou o pulso do homem e o torceu, afastando a banquetta e ficando de pé, em toda a sua altura.

— Qual é o seu problema? — perguntou calmamente em francês, de modo a ser ouvido por todos.

— Esse lugar é meu, *seu porco!* Só saí para urinar.

— Então, quando você voltar eu talvez vá fazer o mesmo — disse Jason,

olhando fixamente para o homem, sem afrouxar os dedos no seu pulso, pressionando um nervo com o polegar, um golpe que nada tinha a ver com força bruta.

— *Ah*, você é um merda de *aleijado*...! — exclamou o homem, tentando não fazer uma careta de dor. — Não brigo com inválidos.

— Vamos fazer uma coisa — disse Bourne, afrouxando a pressão do polegar. — Você volta e a gente se reveza e eu pago um drinque cada vez que você me deixar descansar esta minha perna preguiçosa, certo?

O homem ergueu os olhos para Jason e sorriu.

— Ei, você é legal.

— Não sou legal, mas não estou procurando briga tampouco. Merda, você podia me socar no chão. — Bourne soltou o braço do musculoso Camiseta.

— Não garanto nada — disse o homem, rindo e segurando o pulso. — Sente-se, *sente-se*! Vou dar uma urinada e volto e *lhe* pago um drinque. Você não parece estar cheio de francos.

— Bem, como dizem, as aparências enganam — respondeu Jason, sentando. — Tenho roupas diferentes e melhores, que o amigo com quem vou me encontrar me aconselhou a não usar aqui... Acabo de chegar da África com um bom dinheiro. Você sabe, treinando selvagens...

Os pratos bateram na música marcial, metálica e ensurdecadora e Camiseta arregalou os olhos.

— *África*? — interrompeu ele. — Eu sabia! O jeito que pegou meu pulso — *LPN*.

O que restava nos bancos de dados da memória do Camaleão interpretou o código. *LPN* — *Legion Patria Nostra*. A Legião Estrangeira da França, os mercenários do mundo Não era o que tinha pensado, mas servia.

— Cristo, você também? — perguntou inocentemente, mas com rudeza.

— *La légion étrangère*! A legião é a nossa pátria.

— Isto é loucura!

— É claro que não andamos anunciando isso por aí. Existe muita inveja porque éramos os melhores e nos pagavam por isso, mas ainda é a nossa gente. *Soldados*.

— Quando deixou a Legião? — perguntou Bourne, percebendo uma nuvem que podia causar problemas.

— *Ah*, faz nove anos! Eles me expulsaram antes do meu segundo alistamento, por excesso de peso. Estavam certos e provavelmente salvaram minha vida. Sou da Bélgica, cabo.

— Dei baixa há um mês, antes de terminar meu primeiro alistamento. Ferimentos durante uma incursão em Angola e porque acharam que eu parecia ser mais velho do que diziam meus documentos. Eles não pagam tratamentos longos. — As palavras saíam facilmente.

— Angola? Nós fizemos *isso!* O que o Quai D’Orsay estava *pensando?*

— Não sei. Sou um soldado, obedeço ordens e não questiono as que não compreendo.

— *Sente!* Meus rins estão para estourar. Volto já. Talvez tenhamos amigos comuns... Nunca ouvi falar de nenhuma operação em Angola.

Jason inclinou-se sobre o balcão e pediu *une bière*, agradecendo a música barulhenta e o grande movimento que impediam o homem do bar de ouvir sua conversa. Entretanto, agradecia muito mais a Santo Alex Conklin, cuja recomendação principal a um agente de campo era “comece mal com quem quer falar, para depois ficar tudo bem”, a teoria de que a passagem da hostilidade para a amabilidade era reforçada pela mudança de atitude. Bourne tomou a cerveja aliviado. Tinha um amigo em Le Coeur du Soldat. Era uma via de acesso, não importante, mas vital, e talvez nem tão sem importância como parecia.

Camiseta voltou com o braço musculoso no ombro de um homem de uns vinte e poucos anos, altura média, que parecia um cofre grande e vestia uma jaqueta militar americana. Jason começou a descer da banquetta.

— *Sente, sentei* — exclamou seu novo amigo, inclinando-se para a frente para ser ouvido. — Eu trouxe um virgem.

— *O quê?*

— Já esqueceu? Ele está se preparando para ser recruta da Legião.

— Oh, isso — disse Bourne com uma risada, para disfarçar a gafe. — Eu estranhei, num lugar como este...

— Num lugar como este — interrompeu Camiseta — a metade dá ou toma, de acordo com o caso, desde que seja durão. Mas isso não tem nada a ver. Achei que ele devia falar com você. Ele é americano e seu francês é *grotesque*, mas se falar devagar, ele entende.

— Não é preciso — disse Jason em inglês, com um leve sotaque. — Cresci em Neufchâtel, mas passei alguns anos na América.

— É bom ouvir isso. — O homem falava com o jeito arrastado, típico do sul, seu sorriso era genuíno, o olhar cauteloso, mas sem medo.

— Então vamos começar de novo — disse o belga em inglês, com forte sotaque. — Meu nome é... Maurice, um nome tão bom quanto qualquer outro. Meu jovem amigo aqui é Ralph, pelo menos é o que ele diz. Qual é seu nome, meu herói ferido?

— François — disse Jason, pensando em Bernardine e imaginando como ele estava se saindo nos aeroportos. — E não sou herói, eles morrem depressa demais... Peçam seus drinques, estou pagando.

Enquanto eles faziam seus pedidos, Bourne tentava se lembrar de tudo que sabia sobre a Legião Estrangeira.

— Muita coisa muda em nove anos, Maurice. — *Com que facilidade ele falava*, pensou o Camaleão. — Por que vai se alistar, Ralph?

— Acho que é a coisa mais sensata que posso fazer — desaparecer por alguns anos, e sei que cinco é o mínimo.

— Se durar até o fim do primeiro, *mon ami* — observou o belga.

— Maurice está certo. Ouça o que ele diz. Os oficiais são durões e difíceis...

— Todos *franceses* — acrescentou o belga. — Pelo menos noventa por cento. Só um estrangeiro em uns trezentos, talvez, chega a oficial. Não tenha ilusões.

— Mas eu tenho curso superior. Sou engenheiro.

— Pois então vai construir ótimas latrinas para os acampamentos, e desenhar buracos de merda perfeitos nos campos de batalha — disse Maurice com uma risada. — Diga a ele, François. Explique como são tratados os *criados*.

— Os mais instruídos precisam primeiro aprender a lutar — disse Jason, esperando estar certo.

— *Sempre*, em primeiro lugar! — exclamou o belga.

— Pois sua instrução é suspeita. Podem ter dúvidas. Podem pensar, quando são pagos apenas para obedecer ordens... Oh, não, *mon ami*, eu não chamaria atenção para sua *erudição*.

— Deixe que a coisa venha aos poucos — acrescentou Bourne. — Quando eles precisarem, não quando você quer oferecer.

— *Bien!* — exclamou Maurice. — Ele sabe do que está falando. Um verdadeiro *légionnaire*.

— Você sabe lutar? — perguntou Jason. — É capaz de matar?

— Eu matei minha *feeancee*, seus dois irmãos e um primo, todos com uma faca e minhas mãos. Ela estava transando com um grande banqueiro em Nashville e eles a acobertavam porque o homem pagava muito bem... Sim, Sr. François, eu posso matar.

Caçada ao Assassino Louco em Nashville. Jovem engenheiro com futuro promissor escapa ao cerco. Olhando para o jovem americano, Bourne lembrou-se das notícias nos jornais, há poucas semanas.

— Vá para a Legião — disse ele.

— Se der algum problema, Sr. François, posso dar seu nome como referência?

— Não ia ajudar muito, meu jovem, só poderia prejudicá-lo. Se eles o imprensarem, diga a verdade. É sua credencial.

— *Aussi bien!* Ele conhece a Legião. Eles não aceitam maníacos quando podem evitar, mas eles... — como se diz, François?

— Olham para o outro lado, eu acho.

— *Oui.* Olham para o outro lado quando estão... — *encore*, François.

— Em caso de circunstâncias especiais.

— *Está vendo?* Meu amigo François também é instruído. Não sei como ele sobreviveu.

— Não deixando ninguém saber, Maurice.

Um garçom com o avental mais sujo que Jason já vira bateu com a mão no pescoço do belga.

— *Votre table, René.*

— E daí? — disse Camiseta, dando de ombros. — Mais um nome. *Quelle différence?* A gente come e com sorte não morremos envenenados.

Duas horas depois, com duas garrafas de *vin ordinaire* forte consumidas por Maurice e Ralph, para acompanhar um peixe de aspecto suspeito, Le Coeur du Soldat acomodou-se para seu ritual noturno de resistência. Uma ou outra briga começava e era apartada pelos garçons musculosos. A música estridente lembrava batalhas ganhas e perdidas, provocando discussões entre velhos soldados que haviam pertencido basicamente a tropas de assalto, bucha de canhão, todos com o misto de ressentimento e orgulho do sobrevivente, porque *tinham* sobrevivido ao horror e ao sangue que seus superiores engalanados não conheciam. Era o rugido coletivo do soldado de infantaria, ouvido desde os tempos das legiões dos faraós até os horrores da Coréia e do Vietnã. Os oficiais com seus uniformes impecáveis planejavam muito longe da frente de batalha e os homens da infantaria morriam para preservar a sabedoria dos seus superiores. Bourne lembrou-se de Saigon e justificou a existência do Coeur du Soldat.

O chefe dos *barmen*, um homem enorme e calvo com óculos de aro de metal, atendeu o telefone escondido na extremidade do balcão. Jason o observava. Os olhos do homem percorreram distraidamente o bar apinhado — o que ouvia parecia importante, o que via, não. Falou rapidamente. Depois, pôs a mão sob o balcão por alguns instantes. Acabava de discar um número. Falou rapidamente outra vez, depois desligou e escondeu o telefone. Era o tipo de seqüência descrita pelo velho Fontaine na Ilha da Tranqüilidade. Mensagem recebida, mensagem transmitida. E na outra extremidade da linha estava o Chacal.

Era tudo que ele queria ver naquela noite. Precisava estudar certas coisas, contratar homens, como no passado. Homens que podiam ser mortos, que nada significavam para ele, que podiam ser pagos ou subornados, chantageados ou ameaçados para fazer o que ele queria, sem exigir explicações.

— Acabo de ver o homem com quem vim me encontrar — disse Jason para Maurice e Ralph, ambos quase inconscientes. — Ele quer conversar lá fora.

— Vai nos *deixar*? — choramingou o belga.

— Ei, cara, não deve fazer *isso* — disse o jovem americano com sotaque do sul.

— Só esta noite — Bourne inclinou-se sobre a mesa. — Estou trabalhando com

outro *légionnaire* que está envolvido num negócio em que rola muito dinheiro. Eu não conheço vocês, mas me parecem homens decentes. — Bourne tirou o maço de notas do bolso e separou mil francos, quinhentos para cada um. — Tomem isto, vocês dois — ponham no bolso, *depressa!*

— Puxa vida!

— *Merde!*

— Não garanto, mas talvez eu possa usar os dois. Fiquem de boca fechada e saiam daqui a dez minutos depois que eu sair. Nada de mais vinho. Quero vocês sóbrios amanhã... A que horas este lugar abre, Maurice?

— Acho que nunca fecha. Já estive aqui às oito da manhã. É claro que não estava tão cheio...

— Estejam aqui lá pelo meio-dia. Mas com as cabeças leves, certo?

— Vou ser o *caporal extraordinaire* de La Légion. O homem que fui antes. Devo usar meu uniforme? — Maurice deu um arroteo.

— Diabo, não.

— Eu vou de terno e gravata. Tenho um terno e uma gravata, verdade! — O americano deu um soluço.

— *Não*. Os dois como estão agora, mas com as cabeças leves. Vocês compreendem?

— Você parece *très américain, mon ami*.

— Parece mesmo.

— Não sou, mas a verdade não é a primeira necessidade aqui, certo?

— Sei o que ele quer dizer. Eu aprendi isso muito bem. A gente conta uma mentirinha com uma gravata.

— Nada de gravata, Ralph. Vejo vocês amanhã. — Bourne levantou da banquetta e de repente teve uma idéia. Em lugar de dirigir-se para a porta, foi cautelosamente até a extremidade do bar onde estava o grandalhão. Não havia lugar vago, por isso, sempre com cuidado e com delicadeza, espremeu-se entre dois fregueses, pediu um Pernod e um guardanapo de papel para escrever um bilhete, ostensivamente pessoal, que não interessava a ninguém do bar. Nas costas do guardanapo com o desenho primitivo de um brasão, Jason escreveu em francês:

O ninho de um melro vale um milhão de francos. Assunto: conselho sobre negócio confidencial. Se estiver interessado, esteja na fábrica velha da esquina dentro de trinta minutos. Que mal pode haver? Mais 5 mil francos franceses se for sozinho.

Bourne juntou uma nota de cem francos ao guardanapo e chamou o *bartender*, que ajeitou os óculos de aro de metal como se o gesto daquele freguês desconhecido fosse uma impertinência. Adiantou-se devagar e apoiou os braços grossos e tatuados no balcão.

— O que é? — perguntou asperamente.

— Escrevi um bilhete para você — disse o Camaleão olhando fixamente para os óculos do homem. — Estou sozinho e espero que considere meu pedido. Sou um homem com ferimentos, mas não sou pobre.

Rapidamente mas com delicadeza — muita delicadeza — Bourne passou o bilhete e o dinheiro para a mão do *bartender*. Com um último olhar suplicante para o homem atônito, Jason deu meia-volta e caminhou para a porta, mancando acentuadamente.

Lá fora, atravessou a calçada rachada e foi para o outro lado da rua, na entrada do beco. Calculou que sua manobra no bar devia ter durado de oito a 12 minutos. Certo de que o homem do bar o vigiava, não se voltou para ver se os dois companheiros estavam ainda na mesa, mas supôs que deviam estar. Camiseta e Jaqueta de Combate não estavam exatamente alerta e nessa condição minutos não contam. Jason esperava que os quinhentos francos prestassem a eles um pouco de responsabilidade e que saíssem na hora marcada. Por mais estranho que fosse, confiava mais em Maurice-René do que no jovem americano que se dizia chamar Ralph. Um ex-cabo da Legião reagia automaticamente a ordens e as obedecia cegamente, bêbado ou sóbrio. Jason esperava que isso fosse verdade. Não era imprescindível, mas podia precisar da ajuda deles — se o *bartender* do Le Coeur du Soldat estivesse interessado na quantia prometida e na possibilidade de conversar a sós com um aleijado que ele podia matar com um só dos seus braços tatuados. Bourne esperou vendo, à luz fraca da rua, diminuir o número dos que entravam e saíam, os que chegavam em melhor estado que os que saíam, todos passando por ele sem um olhar para o bêbado encostado na parede de tijolos.

O instinto venceu. Camiseta puxou o jovem Jaqueta de Combate para fora e quando a porta se fechou, esbofeteou o americano, dizendo com voz arrastada que tinham de obedecer às ordens, pois estavam ricos e podiam ficar muito mais ricos.

— É melhor do que levar um tiro em Angola! — exclamou o *ex-légionnaire* em voz alta. — Por que eles *fizeram* aquilo?

Jason os fez parar na entrada do beco e levou os dois para o lado do prédio de tijolos.

— Sou *eu*! — disse, com voz autoritária.

— *Sacrebleu...*!

— *Que diabo de droga...?*

— Quietos! Podem ganhar mais quinhentos francos esta noite, se quiserem. Se não, há uns vinte homens que vão querer.

— Nós somos camaradas! — protestou Maurice-René.

— E eu podia te fazer em pedaços por assustar a gente desse jeito... Mas meu amigo tem razão, somos camaradas. — Não tem nada com esse negócio de

comunismo, tem, Maurice?

— *Taisez-vous!*

— Isso quer dizer cale a boca — explicou Bourne.

— Eu sei. Estou sempre ouvindo isso.

— Escutem. Daqui a pouco o homem do bar deve aparecer para falar comigo. Talvez ele *venha*, talvez não, eu não sei. É o homenzarrão careca de óculos. Vocês o conhecem?

O americano deu de ombros, mas o belga balançou afirmativamente a cabeça e disse:

— O nome dele é Santos e ele é *espagnol*.

— Espanhol?

— Ou *latino-américain*. Ninguém sabe.

Ilich Ramirez Sanchez, pensou Jason. *Carlos, o Chacal*, venezuelano de nascimento, terrorista que nem os soviéticos conseguiram manipular. É claro que ele voltaria aos seus.

— Você o conhece bem? Dessa vez foi o belga quem deu de ombros.

— Ele é a autoridade máxima no Coeur du Soldat. Dizem que já esfacelou muitas cabeças de gente que não se comporta bem. Ele sempre começa por tirar os óculos. É o primeiro sinal de que vai acontecer alguma coisa que nem os soldados experimentados querem ver... Se ele vem aqui falar com você, eu o aconselho a ir embora.

— Talvez ele venha porque *quer* me ver, não para me fazer mal.

— Isso não combina com Santos...

— Vocês não precisam saber os detalhes, não são da sua conta. Mas se ele aparecer naquela porta, quero que comecem a conversar com ele. Podem fazer isso?

— *Mais certainement*. Por várias vezes eu dormi no sofá dele, no segundo andar, carregado pelo próprio Santos, quando os faxineiros chegavam.

— No segundo andar?

— Ele mora em cima do café, no segundo andar. Dizem que ele nunca sai, nunca anda na rua, nem vai ao mercado. Outras pessoas fazem as compras para ele, ou então são entregues em casa.

— Compreendo. — Jason tirou dinheiro do bolso e deu mais quinhentos francos para cada um. — Voltem para o beco e se Santos sair, comecem a conversar como se tivessem bebido demais. Peçam dinheiro, uma garrafa, qualquer coisa.

Maurice-René e Ralph agarraram o dinheiro como crianças, trocando olhares de conspiradores vitoriosos. François, o *légionnaire* maluco, estava distribuindo dinheiro como se ele mesmo o fabricasse! O entusiasmo dos dois cresceu.

— Por quanto tempo você quer que a gente distraia o cara? — perguntou o americano com sotaque do sul.

— Vou falar tanto que as orelhas vão cair da cabeça dele! — acrescentou o belga.

— Não, o bastante para ter certeza de que ele está sozinho — disse Bourne. — Que não tem ninguém com ele, nem atrás dele.

— Isso é canja, meu velho.

— Vamos merecer não apenas seus francos, mas seu respeito. Palavra de um cabo da Legião.

— Estou comovido. Agora, voltem para lá. Os dois bêbados voltaram para o beco, Jaqueta de Combate batendo amigavelmente nas costas de Camiseta. Jason encostou na parede, perto do canto do prédio e esperou. Seis minutos depois ouviu as palavras que queria tanto ouvir.

— *Santos!* Meu bom e grande amigo Santos!

— O que está fazendo aqui, René?

— Meu jovem amigo americano estava enjoado, mas já passou, ele vomitou.

— Americano...?

— Deixe que eu o apresente, Santos. Ele está para se tornar um grande soldado!

— Existe alguma Cruzada das Crianças por aí? — Bourne espiou pelo canto do prédio, quando o homem olhou para Ralph. — Boa sorte, garoto. Vá procurar sua guerra num *playground*.

— Você fala francês depressa demais, *mister*, mas peguei alguma coisa. Você é um cara grandão, mas eu talvez seja um bom filho da puta!

O homem riu e passou para o inglês com toda facilidade.

— Então, acho bom você ser mau em outro lugar, garotinho. No *Coeur du Soldat* só aceitamos perfeitos cavalheiros... Agora, preciso ir.

— *Santos!* — exclamou Maurice-René. — Me empresta dez francos. Deixei a carteira em casa.

— Se você alguma vez teve uma carteira deve ter deixado no norte da África. Conhece minhas regras. Nem um *sou* para nenhum dos dois.

— Gastei todo dinheiro que eu tinha com aquele seu peixe horrível que fez meu amigo vomitar!

— Pois faça sua próxima refeição no Ritz, em Paris... Ah, sim! Você fez uma refeição — mas não pagou por ela. — Jason escondeu-se rapidamente quando o homem olhou para o beco. — Boa noite, René. Para você também, garoto guerreiro. Preciso tratar de negócios.

Bourne correu para os portões da velha fábrica. Santos caminhou na direção dele. *Sozinho*. Atravessou a rua para as sombras da refinaria fechada e ficou imóvel, movendo apenas a mão, como para sentir o metal e a segurança da sua automática. Cada passo de Santos anunciava que o Chacal estava mais próximo! Logo a figura

enorme saiu do beco, atravessou a rua mal iluminada e aproximou-se dos portões enferrujados.

— Estou aqui, *monsieur* — disse Santos.

— E eu agradeço.

— Prefiro que cumpra sua palavra primeiro. Se não me engano, mencionou 5 mil francos no seu bilhete.

— Estão aqui — Jason tirou o dinheiro do bolso e o estendeu para o gerente do Coeur du Soldat.

— Muito obrigado — disse Santos, adiantando-se e apanhando o dinheiro. — *Peguem* ele! — acrescentou, gritando.

De repente, as portas da velha fábrica abriram-se atrás de Bourne e dois homens saltaram sobre ele. Antes que Jason pudesse apanhar a arma, foi atingido na cabeça por um instrumento pesado.

— ESTAMOS SOZINHOS — disse a voz na outra extremidade do quarto escuro, quando Bourne abriu os olhos. O corpo enorme de Santos parecia diminuir o tamanho da grande poltrona, e a única lâmpada, muito fraca, iluminava sua cabeça imensa, branca e calva. Jason virou o pescoço e sentiu a dor do galo no alto da cabeça. Ele estava deitado num canto do sofá.

— Nenhuma fratura, nenhum sangue, só o que eu imagino que deva ser um galo muito doloroso — comentou o homem do Chacal.

— Seu diagnóstico é exato, especialmente a última parte.

— Foi um instrumento de borracha sólida, forrado. Os resultados são previsíveis, exceto quando ocorre concussão. Ao seu lado está uma bolsa de gelo. Acho bom usá-la.

Bourne estendeu o braço, apanhou a bolsa e a levou à cabeça.

— Muita gentileza sua — disse com voz seca.

— Por que não? Temos muito que conversar... talvez um milhão de assuntos, se transformados em francos.

— Serão seus sob as condições estipuladas.

— Quem é você? — perguntou Santos asperamente.

— Essa não é uma das condições.

— Não é um homem jovem.

— Não que isso importe, mas você tampouco é.

— Estava armado com um revólver e uma faca. Facas são para os jovens.

— Quem disse?

— Nossos reflexos.. O que sabe sobre um melro?

— Devia perguntar como fiquei sabendo do Coeur du Soldat.

— Como foi?

— Me contaram.

— *Quem?*

— Desculpe, não é uma das condições. Represento outra pessoa e é assim que eu trabalho. Meus clientes esperam isso de mim.

— Seus clientes esperam também que enfaxe o joelho para fingir que foi ferido? Quando você abriu os olhos, fiz pressão sobre a área e não notei qualquer sinal de dor, de torção, de fratura. Além disso, não tem identificação alguma, mas bastante dinheiro.

— Não explico meus métodos, apenas esclareço minhas restrições. Transmitem

minha mensagem a você, não foi? Como eu não tinha o número do telefone, duvido que tivesse conseguido alguma coisa chegando ao seu estabelecimento de terno e com uma pasta na mão.

Santos riu.

— Nem entrava. Seria empurrado para o beco e despido imediatamente.

— Essa idéia me ocorreu... Fazemos negocio... digamos, no valor de um milhão de francos?

O homem do Chacal deu de ombros.

— Eu cheguei a pensar que, quando um comprador menciona uma quantia tão alta na primeira oferta, vai até muito mais. Digamos um milhão e meio. Talvez até dois.

— Mas eu não sou o comprador. Sou seu representante. Fui autorizado a pagar um milhão, que, na minha opinião, é demais, porém o tempo é importante. Pegue ou largue, tenho outras opções.

— Tem mesmo?

— Certamente.

— Não se for um cadáver flutuando no Sena sem identificação.

— Compreendo. — Jason examinou o apartamento escuro que não combinava nem um pouco com o café lá embaixo. Os móveis eram grandes, proporcionais ao tamanho do dono, mas de bom gosto, não elegantes, mas tampouco baratos. O mais estranho eram as estantes de livros que cobriam a parede entre as duas janelas. Bourne, o professor, gostaria de ler os títulos. Teria assim alguma informação sobre aquele homem imenso e estranho que falava como se tivesse estudado na Sorbonne — um brutamontes na aparência, talvez uma pessoa muito diferente no íntimo. Olhou para Santos. — Então não me será concedido sair daqui livremente, certo?

— Certo — respondeu o mensageiro do Chacal. — Teria sido diferente se respondesse às perguntas simples que eu fiz, mas acaba de dizer que suas condições, ou melhor, suas restrições o proíbem de responder... Muito bem, eu também tenho condições e você vai viver ou morrer segundo elas.

— Está sendo bem claro.

— Não tenho razões para não ser.

— Evidentemente, está perdendo a oportunidade de receber um milhão de francos, como sugeriu, ou talvez muito mais.

— Permita-me sugerir também — disse Santos, cruzando os braços fortes na frente do peito e olhando distraidamente para as tatuagens — que um homem com acesso a tanto dinheiro não só está disposto a pagar por sua vida, como também dará qualquer informação pedida para evitar um sofrimento intolerável e desnecessário. — O homem do Chacal bateu com a mão fechada no braço da poltrona e gritou: — O que você sabe sobre um *melro*? Quem lhe falou sobre Le Coeur du Soldat? De

onde você vem, quem é você e quem é seu *cliente*?

Bourne ficou imóvel, com o corpo rígido e a mente funcionando com a velocidade de um turbilhão. Precisava sair dali! Precisava localizar Bernardine — quanto tempo passava da hora marcada para seu telefonema? Onde estaria *Marie*? Contudo, o que ele queria fazer, *tinha* de fazer, não podia ser feito enfrentando o gigante na sua frente. Santos não era mentiroso, nem era tolo. Podia matar e mataria o prisioneiro facilmente, sem hesitação... e não podia ser enganado com informações falsas ou confusas. O homem do Chacal estava protegendo dois campos de ação — o seu e o do seu mentor. O Camaleão tinha apenas uma opção, revelar parte da verdade, uma parte suficientemente perigosa para ser acreditada, uma moldura de autenticidade tão plausível que não pudesse ser rejeitada. Jason pôs a bolsa de gelo na bandeja sobre a mesa e falou devagar, da sombra onde estava.

— É claro que não pretendo morrei por um cliente, nem ser torturado para proteger sua informação, portanto vou dizer o que sei, que não é tanto quanto eu gostaria que fosse, dadas as circunstâncias. Vou seguir a ordem das suas perguntas, se o medo não me confundir. Para começar, não tenho acesso pessoal ao dinheiro. Passo a informação a um homem em Londres e ele libera uma conta em Berna, Suíça, para um nome e um número — qualquer nome, qualquer número — que eu dou... Vamos esquecer a parte sobre minha vida e o sofrimento insuportável — já respondi a isso. Vejamos, o que sei sobre um melro? O Coeur du Soldat é parte dessa resposta... disseram-me que um velho — nome e nacionalidade desconhecidos, pelo menos para mim, mas acredito que seja francês — procurou um homem público muito conhecido e o avisou de que seria alvo de um assassinato. Quem acredita num bêbado, especialmente num velho com longa ficha criminal e que está à procura de uma recompensa? Infelizmente o assassinato foi consumado. Felizmente um ajudante de ordens do morto estava com ele quando o velho o avisou. O ajudante era e é muito amigo do meu cliente, e o assassinato foi oportuno para ambos. O ajudante passou secretamente a informação do velho. Mensagens para um melro são recebidas num café chamado Le Coeur du Soldat, em Argenteuil. Esse melro deve ser um homem extraordinário e agora meu cliente quer conhecê-lo... Quanto a mim, meus escritórios são quartos de hotéis em diversas cidades. No momento estou registrado com o nome de Simon no Pont-Royal, onde guardo meu passaporte e outros papéis. — Bourne fez uma pausa e ergueu as mãos abertas. — Conteí toda a verdade que eu conheço.

— *Não* toda a verdade — corrigiu Santos em voz baixa e gutural. — Quem é o seu cliente?

— Eles me matam se eu contar.

— Eu o mato agora mesmo se não contar — disse o mensageiro do Chacal, tirando a faca de caça de Jason do MU cinto largo de couro. A lâmina cintilou à luz

do abajur.

— Por que não dá a informação que meu cliente quer com um nome e um número — qualquer nome, qualquer número —, e eu lhe garanto dois milhões de francos? Tudo que meu cliente quer é que eu seja o *único* intermediário. Que mal pode fazer? O melro pode não aceitar minha proposta e me mandar para o inferno... *Três milhões!*

Santos hesitou, como se a quantia fosse demais para sua imaginação.

— Talvez possamos fazer negócio mais tarde...

— Agora.

— *Não!* — O homem de Carlos ergueu o corpo enorme da poltrona e aproximou-se do sofá segurando a faca ameaçadoramente na mão direita. — Seu cliente.

— Clientes — respondeu Bourne. — Um grupo de homens poderosos nos Estados Unidos.

— Quem?

— Os nomes deles são guardados como segredos nucleares, mas eu sei um e acho que é o bastante para você.

— *Quem?*

— Descubra você mesmo, ou pelo menos compreenda a enormidade do que estou tentando dizer. *Proteja* seu melro o melhor possível! Verifique se estou dizendo a verdade e no processo ganhe tanto dinheiro que poderá fazer o que quiser pelo resto da vida. Pode viajar, desaparecer, talvez ter tempo para esses livros em vez de tratar com aquele lixo lá embaixo. Como você mesmo disse, nenhum de nós é jovem. Eu ganho uma comissão generosa e você é um homem rico, livre de preocupações, de escravidão... Repito, que mal faz? Minha proposta pode ser recusada, a dos meus clientes também. Não há qualquer truque. Meus clientes não querem nem vê-lo. Querem apenas *contratar* seus serviços.

— Como se pode fazer isso? Como eu posso verificar?

— Invente uma posição importante para você mesmo e procure o embaixador americano em Londres — o nome é Atkinson. Diga que recebeu instruções confidenciais da Mulher Serpente. Pergunte se deve seguir essas instruções.

— Mulher Serpente? O que é isso?

— Medusa. Eles chamam seu grupo de Medusa.

Mo Panov pediu licença e levantou-se. Atravessou a sala da lanchonete cheia de gente na direção do banheiro dos homens, procurando freneticamente um telefone público. Não havia! O único maldito telefone estava a três metros da mesa que ocupavam e podia ser visto pela loura platinada de olhos esgazeados, cuja paranóia estava tão profundamente plantada quanto as raízes do seu cabelo. Quando Panov mencionou casualmente que precisava telefonar para seu consultório para informar

sua equipe sobre o acidente e dizer onde estava, a mulher ficou furiosa.

— E atrair um enxame de tiras para apanhar *você!* Esqueça, xamã! Seu escritório liga para os “homens”, eles ligam para meu querido Chefe Garfo-na-boca e meu traseiro vai bater em todas as cercas do condado. Ele é “assim” com todos os tiras da estrada. Acho que diz para eles onde podem achar mulheres para transar.

— Eu não preciso falar de você e na verdade não posso. Se está lembrada, você disse que ele pode não gostar da minha presença.

— Não gostar é pouco. Ele vai cortar o seu narizinho. Não vou arriscar — você não parece muito certo da cabeça. Vai falar do seu acidente — logo depois aparecem os tiras.

— Quer saber, você não está dizendo coisa com coisa.

— Tudo bem. Vou falar claro. Eu grito “estupro!” e digo aos não muito gentis caminhoneiros que encontrei você na estrada há dois dias e tenho sido sua escrava sexual desde então. O que acha disso?

— Horrível. Posso pelo menos ir ao banheiro? É urgente.

— À vontade. Lugares como estes não têm telefone no banheiro.

— Não mesmo?... Não, falando sério, não estou amolado, nem desapontado — apenas curioso. Por que não tem telefone no banheiro? Os caminhoneiros ganham bem, não estão interessados em roubar moedinhas.

— Cara, você é de outro mundo. Acontecem coisas nas estradas, coisas são trocadas, desaparecem, sacou? Se as pessoas podem telefonar, outras pessoas vão querer saber quem está fazendo essas coisas.

— É mesmo...?

— Oh, meu Deus. Ande depressa. Só temos tempo para uns dois sanduíches. Ele vai pegar a Setenta, não a Noventa e Sete. Você não imagina.

— Imaginar o quê? O que são a Setenta e a Noventa e Sete?

— Estradas, pelo amor de Deus! Existem estradas e existem *estradas*. Você é um xamã bem burro. Vá ao banheiro, depois mais tarde talvez a gente pare num motel para continuar nossa conversa de negócios e você pode receber um bônus adiantado.

— O que foi que disse?

— Eu sou a favor da livre escolha. É contra a sua religião?

— É claro que não. Sou um defensor da livre escolha.

— Ótimo. Vá depressa.

Assim, Panov foi para o banheiro e a mulher tinha razão. Nada de telefone e a janela era pequena demais para alguém maior do que um gato ou rato poder passar por ela... Mas ele tinha dinheiro, muito dinheiro, além de cinco carteiras de motorista de cinco estados diferentes. Na língua de Jason Bourne, eram armas, especialmente o dinheiro. Mo fez o que estava precisando fazer há muito tempo, depois foi até a

porta e a abriu um pouco para observar a loura. De repente a porta foi empurrada violentamente e Panov atirado contra a parede.

— Opa, *desculpe*, companheiro! — exclamou um homem baixo e gordo que segurou o psiquiatra pelos ombros. Mo levou as mãos ao rosto. — Você está bem?

— É claro. Sim, estou bem.

— Está droga nenhuma, seu nariz está sangrando! Venha até aqui, perto das toalhas — ordenou o caminhoneiro com uma das mangas da camiseta enrolada para guardar o maço de cigarros. — Vamos, ponha a cabeça para trás enquanto eu passo água fria na sua tromba... Relaxe e encoste na parede. Assim, assim é melhor, vamos parar este negócio num ou dois minutos. — O homem apertou delicadamente a toalha de papel contra o nariz de Panov segurando a nuca do médico com a outra mão, e a cada dois ou três segundos limpava o sangue. — Pronto, companheiro, quase parou. Respire pela boca, respire fundo, entendeu? Cabeça inclinada para trás, certo?

— Muito obrigado — disse Panov, segurando a toalha de papel, admirado com a rapidez com que o sangue tinha parado. — Muito, muito obrigado.

— Não me agradeça, eu o amassei sem querer — respondeu o caminhoneiro, enquanto urinava. — Melhor agora? — perguntou, fechando o zíper da calça.

— Sim, estou. — E contrariando o conselho de sua querida falecida mãe, Mo resolveu tirar vantagem da situação e esquecer a verdade. — Mas devo explicar que a culpa foi minha, não sua.

— O que quer dizer? — perguntou o homem, lavando as mãos.

— Francamente, eu estava me escondendo atrás da porta vigiando uma mulher de quem quero me livrar — se é que me entende.

O médico particular de Panov riu enxugando as mãos.

— Quem não entende? É a história da humanidade, meu chapa! Elas agarram a gente e *pronto*, choramingam e a gente não sabe o que fazer, elas gritam e a gente vira escravo. Agora, comigo, a coisa é diferente. Casei com uma verdadeira européia, sabe? Ela não fala inglês muito bem, mas é agradecida... E ótima com as crianças, comigo, e ainda fico excitado quando a vejo. Não como essas drogas de princesas por aí.

— Uma declaração extremamente interessante, embora visceral — disse o psiquiatra.

— É o quê?

— Nada, nada. Ainda quero sair daqui sem que ela me veja. Tenho algum dinheiro...

— Guarde seu dinheiro. Quem é ela?

Os dois foram até a porta e Panov a abriu um pouco.

— Aquela ali, a loura que está sempre olhando para cá e para a porta da frente.

Está ficando muito agitada...

— Nossa! — interrompeu o caminhoneiro. — Aquela é a mulher do Bronk! Está muito fora da rota.

— Fora da rota? O *Bronk*?

— Ele faz as estradas do leste, não estas. Que *diabo* ela está fazendo aqui?

— Acho que está tentando fugir dele.

— Isso mesmo — concordou o homem. — Ouvi dizer que ela anda transando e não cobra nada.

— Você a conhece?

— Diabo, sim, conheço. Estive em alguns churrascos na casa deles. Ele faz um molho bom à beça.

— Preciso *sair* daqui. Como eu já disse, tenho algum dinheiro...

— Isso mesmo, já disse. Conversamos sobre isso depois.

— Onde?

— No meu caminhão. É um reboque vermelho com listras brancas, como a nossa bandeira. Está estacionado na frente, do lado direito. Vá para a lateral do caminhão e esconda-se.

— Ela vai me ver quando eu sair.

— Não, não vai. Eu vou lhe fazer uma surpresa. Vou dizer a ela que todos os caminhoneiros estão comentando e que Bronk está indo para as Carolinas — pelo menos foi o que me disseram.

— Como vou pagar esse favor?

— Provavelmente com algum desse dinheiro de que está sempre falando. Mas não muito. O Bronk é um animal e eu sou um cristão reconvertido. — O caminhoneiro abriu a porta quase pregando Panov na parede outra vez. Mo o viu aproximar-se da mulher com os braços estendidos e abraçá-la como quem abraça um velho amigo. Começou a falar rapidamente. Ela o ouvia com atenção, hipnotizada. Panov saiu do banheiro, atravessou a lanchonete e caminhou para o enorme caminhão listrado de vermelho e branco. Com o coração disparado e a respiração ofegante, agachou-se no outro lado do veículo e esperou.

De repente, a mulher do Bronk saiu correndo da lanchonete, o cabelo platinado voando grotescamente atrás da cabeça, e foi direto para seu carro vermelho. Entrou, ligou o motor e continuou sua viagem para o norte, enquanto Mo olhava espantado.

— Como vai você, meu chapa — onde diabo você está? — gritou o caminhoneiro sem nome que, além de ter estancado quase miraculosamente uma hemorragia nasal, acabava de salvar Mo de uma mulher maníaca cuja paranóia era um misto de vingança e culpa.

Pare com isso, seu idiota, pensou Panov. Disse então em voz alta:

— Aqui... meu chapa!

Trinta e cinco minutos mais tarde chegaram à entrada de uma cidade não identificada e o caminhoneiro parou na frente de uma série de lojas que ladeavam a estrada.

— Tem telefone aí, meu chapa. Boa sorte.

— Tem certeza? — perguntou Mo. — Quero dizer, sobre o dinheiro.

— É claro que tenho certeza — respondeu o homem. — Duzentos dólares são o bastante — talvez até o que eu ganho —, porém mais do que isso corrompe, não acha? Já me ofereceram cinquenta vezes essa quantia para transportar carga que eu não transporto, e quer saber o que eu digo para eles?

— O que você diz?

— Digo que podem mijar contra o vento com seu veneno. Vai voltar tudo para trás e cegar todos eles.

— Você é uma boa pessoa — disse Panov, descendo do caminhão.

— Tenho de me redimir de algumas coisas.

A porta se fechou, o enorme caminhão seguiu viagem e Mo voltou-se, à procura de um telefone.

— Onde diabo você *está*? — berrou Conklin, na Virgínia.

— Eu não *sei*! — respondeu Panov. — Se eu fosse um paciente diria que é o prolongamento de um sonho freudiano porque ele nunca *acontece* e agora *aconteceu* comigo. Eles me drogaram, Alex.

— Fica frio! Foi o que supomos. Precisamos saber onde você está. Vamos ser realistas, outras pessoas estão também à sua procura.

— Tudo bem, tudo bem... Espere um pouco. Tem uma lanchonete no outro lado da rua com um letreiro que diz “Battle Ford’s Best”. Isso ajuda?

A resposta foi um suspiro no outro lado da linha.

— Sim, ajuda. Se você fosse um membro produtivo da sociedade e estudioso da guerra civil, em vez de um insignificante psiquiatra, saberia que ajuda.

— De que diabo está falando?

— Vá para o antigo campo de batalha em Ford’s Bluff. É um marco histórico nacional. Por toda parte há placas indicando a direção. Um helicóptero estará aí em trinta minutos, e não diga nada para *ninguém*.

— Sabe que está sendo brusco demais? *Eu* fui objeto de hostilidades...

— *Desligando*, ande!

Bourne entrou no Pont-Royal, tirou do bolso uma nota de quinhentos francos e a pôs na mão do recepcionista da noite.

— O nome é Simon — disse, com um sorriso. — Estive fora. Algum recado?

— Nada, *monsieur* Simon — disse o homem em voz baixa. — Mas há dois homens lá fora, um na Montalembert, outro no outro lado da rue du Bac.

Jason tirou do bolso uma nota de mil francos e a entregou discretamente.

— Eu pago por olhos atentos, e pago bem. Continue assim.

— É claro, *monsieur*.

Bourne tomou o elevador de bronze e caminhou rapidamente pelo corredor até seu quarto. Tudo estava em ordem, exatamente como ele havia deixado, a não ser a cama que estava arrumada. A cama. Meu Deus, como precisava de um descanso. Não podia mais *fazer* o que fazia antes. Alguma coisa havia mudado dentro dele — menos energia, fôlego mais curto. Porém, precisava dos dois, agora mais do que nunca. Puxa, queria deitar e dormir... *Não*. Havia Marie. Havia Bernardine. Discou o número que tinha decorado.

— Desculpe o atraso — disse Jason.

— Quatro horas, *mon ami*. O que aconteceu?

— Não tenho tempo agora. E Marie?

— Nada. Absolutamente nada. Ela não estava em nenhum vôo internacional, no ar ou marcado para partir. Verifiquei até as baldeações de Londres, Lisboa, Estocolmo e Amsterdã — nada. Não há nenhuma Marie Elise St. Jacques Webb viajando para Paris.

— Tem de haver. Ela não mudaria de idéia. E não ia saber como evitar a imigração.

— Eu já disse. O nome dela não consta de nenhum vôo, de nenhum país, para Paris.

— *Droga!*

— Vou continuar tentando, meu amigo. As palavras de Santo Alex não saem dos meus ouvidos. Não subestime *la belle mademoiselle*.

— Ela não é nenhuma droga de mademoiselle, é minha mulher... Não é um de nós, Bernardine, não é uma agente de campo capaz de enganar, mentir e trair. *Ela* não é assim. Mas está vindo para Paris, eu sei!

— As empresas aéreas não sabem, o que mais posso dizer?

— Exatamente o que você disse — respondeu Jason, sentindo que seus pulmões não tinham força para inalar o ar necessário, e que suas pálpebras pesadas estavam a ponto de fechar. — Continue tentando.

— O que aconteceu esta noite? *Conte*.

— Amanhã — disse David Webb com voz quase inaudível. — Amanhã... Estou tão cansado e tenho de ser outra pessoa.

— Do que está falando? Nem parece você mesmo.

— Nada. Amanhã. Preciso pensar... Ou talvez seja melhor não pensar.

Na fila da imigração em Marselha, pequena ainda àquela hora do dia, Marie assumiu uma expressão de tédio que não sentia. Chegou sua vez.

— *Américaine* — disse o funcionário cheio de sono. — Está aqui a negócios ou passeio, madame?

— *Je parle français, monsieur. Je suis canadienne d'origine — Quebec. Séparatiste.*

— *Ah, bien!* — O funcionário abriu mais os olhos sonolentos e continuou em francês: — Negócios?

— Não. É uma viagem sentimental. Meus pais eram de Marselha e morreram recentemente. Quero conhecer a terra deles, onde viveram — talvez o que eu perdi.

— Extraordinariamente comovente, bela senhora — disse o funcionário da imigração com um olhar apreciativo. — Talvez precise de um guia? Esta cidade está toda gravada indelevelmente em minha mente.

— Muita gentileza sua. Vou ficar no Sofitel Vieux Port. Como se chama? Já tem o meu nome.

— Lafontaine, madame. Às suas ordens!

— *Lafontaine!* Foi o que disse?!

— Foi o que eu disse.

— Muito interessante.

— Eu sou *muito* interessante — disse o funcionário com os olhos entrecerrados, não mais de sono, enquanto carimbava o passaporte de Marie. — Estou às suas ordens, madame!

Deve ser hereditário nesse ramo da família, pensou Marie dirigindo-se para a área da bagagem. Tomaria agora um vôo doméstico para Paris, usando qualquer nome.

François Bernardine acordou, sobressaltado, ergueu-se rapidamente, apoiado nos cotovelos, com a testa franzida, perturbado. *Ela está vindo para Paris, eu sei!* Palavras do marido que a conhecia melhor do que ninguém. *O nome dela não consta da lista de nenhum vôo de outro país para Paris.* Suas palavras. Paris. A palavra-chave era *Paris!* Mas, e se não fosse Paris?

O veterano do Deuxième saltou da cama na luz suave do começo do dia, que entrava pela janela. Fez a barba em menos tempo do que sua pele merecia, tomou banho, vestiu-se e desceu para a rua e para seu Peugeot com a inevitável multa presa no limpador de pára-brisa. Infelizmente agora não podia se livrar dela com um simples telefonema. Bernardine suspirou, tirou o papel do pára-brisa e entrou no carro.

Cinquenta e oito minutos depois chegava ao estacionamento de um pequeno prédio de tijolos no imenso complexo de carga do Aeroporto de Orly. O prédio era insignificante, o trabalho que se realizava dentro dele não era. Ali funcionava uma seção extremamente importante do Departamento de Imigração, conhecida simplesmente como Escritório de Entradas Aéreas, onde computadores sofisticados mantinham dados atualizados sobre cada pessoa que entrava na França pelos aeroportos internacionais. Era vital para a imigração, mas raramente consultado pelo

Deuxième, pois havia muitos outros pontos de entrada usados pelas pessoas nas quais o Deuxième estava interessado. Durante anos, porém, operando de acordo com a teoria de que o óbvio passa despercebido, Bernardine procurava informação no Escritório de Entradas Aéreas. Uma vez ou outra sua pesquisa foi recompensada. Imaginava se isso iria acontecer nessa manhã..

Dezenove minutos mais tarde tinha a resposta. Era o que queria, mas chegara tarde demais. Bernardine foi até o hall de entrada do prédio, colocou a moeda no telefone público e discou o número do Pont-Royal.

— Sim? — atendeu Bourne com voz rouca.

— Peço desculpas se o acordei.

— François?

— Sim.

— Eu estava me levantando. Há dois homens no outro lado da rua muito mais cansados do que eu, a não ser que tenham sido revezados.

— Por causa do que aconteceu ontem à noite? Ficaram a noite toda?

— Sim. Eu conto quando nos encontrarmos. Foi por isso que telefonou?

— Não. Estou em Orly e infelizmente tenho más notícias, informação que prova que sou um *idiota*. Eu devia ter pensado nisso... Sua mulher chegou em Marselha há pouco mais de duas horas. Não Paris, Marselha.

— Essa é a *má* notícia? — exclamou Jason. — Sabemos onde ela está! Podemos... Oh, Cristo, entendo o que quer dizer — Bourne continuou com voz desanimada. — Ela pode tomar um trem, alugar um carro...

— Pode até voar para Paris sob qualquer nome — acrescentou Bernardine. — Mas tenho uma idéia. Talvez tão inútil quanto meu cérebro, mas vou sugerir assim mesmo... Vocês têm algum — como vocês dizem — apelido especial só entre os dois? *Sobriquets* carinhosos talvez?

— Não somos muito dados a esse tipo de coisa, francamente... Espere um pouco. Há uns dois anos Jamie, nosso filho, tinha dificuldade para dizer *mommy*. Ele dizia “mimom”. Por brincadeira nós todos o chamamos assim durante alguns meses, até ele conseguir falar direito.

— Sei que ela fala francês fluentemente. Ela lê os jornais?

— Religiosamente, pelo menos o caderno de economia. Não sei se lê outra coisa, mas é seu ritual de todas as manhãs.

— Mesmo numa crise?

— Especialmente numa crise. Diz que isso a acalma.

— Vamos enviar uma mensagem — no caderno de economia.

O embaixador Phillip Atkinson preparou-se para mais uma manhã de tedioso trabalho burocrático na embaixada em Londres. Ao tédio somavam-se uma dor latejante nas têmporas e um gosto desagradável na boca. Não era exatamente uma

ressaca típica porque ele raramente bebia uísque e há mais de 25 anos não ficava bêbado. Há muito tempo, mais ou menos trinta meses depois da queda de Saigon, Atkinson havia reconhecido a limitação dos próprios talentos, das suas oportunidades e, acima de tudo, dos seus recursos. Quando voltou da guerra com uma folha de serviço não excepcional, mas razoável, sua família o presenteou com um lugar na Bolsa de Valores de Nova York, onde em trinta meses ele conseguiu perder um pouco mais de três milhões de dólares.

— Será que não aprendeu *nada* em Andover e Yale? — rugiu seu pai. — Pelo menos fez alguns bons conhecimentos na *Street*?

— Papai, todos me invejam, você sabe disso. Às vezes tenho a impressão de que querem se vingar de você em mim. Sabe o que eles dizem. Pai e filho, da alta sociedade e toda essa besteira... Lembra-se do artigo do *Daily News* que nos comparava aos Fairbanks?

— Conheci Doug durante quarenta anos! — berrou o pai. — Ele tinha cabeça, uma das melhores.

— Ele não estudou em Andover, nem em Yale, papai.

— Não *precisava*!... Espere um pouco. Ministério do Exterior...? Que droga de diploma você tirou em Yale?

— Bacharel em artes.

— Esqueça isso. Havia mais alguma coisa. Cursos, ou coisa assim.

— Fiz curso de literatura inglesa e o curso de ciência política.

— *É isso!* Ponha o negócio de maricas de lado. Você foi muito bom no outro — aquela bobagem de ciência política.

— Papai, não foi meu melhor curso.

— Você passou?

— Passei... raspando.

— *Não* raspando, com *distinção*. É isso!

Assim Phillip Atkinson III começou sua carreira no Ministério do Exterior por influência de um importante contribuinte político que era seu pai, e nunca olhou para trás. O velho ilustre estava morto há oito anos, mas Phillip jamais esquecia o último conselho do grande lutador: “Não falhe neste também, filho. Se quiser beber, transar, faça tudo dentro de casa ou num deserto qualquer, compreende? E trate aquela sua mulher, sei lá como se chama, com muita afeição na frente dos outros, *entendeu?*”

— Entendi, papai.

Por isso Phillip Atkinson sentia-se tão *miserável* naquela manhã. Passara a noite anterior num jantar com gente importante da realeza que bebia até a bebida sair pelo nariz e com sua mulher, que desculpava esse comportamento porque eram realeza, justamente o que Phillip só podia tolerar depois de sete copos de Chablis. Às vezes ele sentia saudades daquele tempo de farra e bebida, na velha Saigon.

A campanha do telefone fez Atkinson borrar sua assinatura num documento que não tinha qualquer sentido para ele.

— Sim?

— O alto comissário do Comitê Central da Hungria está no telefone, senhor.

— *Oh?* Quem é ele — quem são *eles*? Nós os reconhecemos — essa coisa — *o* reconhecemos?

— Não sei, senhor embaixador. Na verdade não consigo pronunciar o nome dele.

— Está bem, ponha o homem na linha.

— Senhor embaixador? — disse a voz com forte sotaque. — Sr. Atkinson?

— Sim, é Atkinson. Perdoe-me, mas não consigo me lembrar do seu nome, nem do comitê que diz representar.

— Não importa. Estou falando em nome da Mulher Serpente...

— *Pare!* — exclamou o embaixador na corte de St. James. — Fique na linha e continuamos a falar dentro de alguns segundos. — Atkinson ligou o “misturador” e esperou até não ouvir mais os ruídos do pré-interceptor. — Tudo bem, continue.

— Recebi instruções da Mulher Serpente e mandaram confirmar a origem com o senhor.

— Confirmada.

— Sendo assim devo executar as instruções?

— É claro! Tudo que eles disserem. Meu Deus, veja o que aconteceu com Teagarten, em Bruxelas, e com Armbruster, em Washington. Proteja-me! Faça qualquer coisa que *eles* mandarem.

— Muito obrigado, senhor embaixador.

Depois do banho mais quente que conseguiu suportar, Bourne passou para o chuveiro mais frio que pôde tolerar. Trocou a atadura do pescoço, voltou para o pequeno quarto de hotel e deitou-se... Então Marie havia encontrado um meio simples e engenhoso de chegar a Paris. Droga! Como ia encontrá-la, *protegê-la*? Será que ela tinha idéia do que estava fazendo? David teria enlouquecido. Entraria em pânico, cometendo uma porção de erros... Oh, meu Deus, eu *sou* David!

Pare com isso. Controle-se. Fique frio.

O telefone tocou e ele atendeu.

— Sim?

— Santos quer vê-lo. Com paz no coração.

O HELICÓPTERO do Serviço Médico de Emergência pousou, os motores foram desligados e as lâminas pararam de girar com um baque surdo. Seguindo o procedimento do SME para desembarque de pacientes em estado de emergência, só então as portas se abriram e a escada de metal foi baixada. Um paramédico uniformizado saiu na frente de Panov e ajudou o psiquiatra a descer. Um segundo homem com roupas civis o conduziu à limusine, onde Peter Holland, diretor da CIA, e Alex Conklin o esperavam, Alex na banquetta de frente para o banco traseiro. O psiquiatra sentou ao lado de Holland, respirou fundo várias vezes, suspirou e recostou a cabeça no banco.

— Eu sou um maníaco — disse ele, acentuando cada palavra. — Definitivamente insano, e estou disposto a assinar os papéis para meu internamento.

— Você está a salvo e isso é o que importa, doutor — disse Holland.

— É bom ver você, Mo, maluco — acrescentou Conklin.

— Vocês têm idéia do que eu *fiz*?... Deliberadamente atirei um carro contra uma árvore e *eu* estava dentro! Em seguida, depois de andar a metade da distância daqui ao Bronx, fui apanhado pela única pessoa que tem mais parafusos soltos do que eu. Sua libido está descontrolada e ela estava fugindo do marido caminhoneiro — que a persegue furioso — e que, mais tarde me disseram, atende pelo nome carinhoso de Bronk. Minha motorista-prostituta me seqüestra com uma porção de ameaças, como gritar “estupro!” numa lanchonete cheia dos maiores e mais fortes zagueiros da Liga Nacional de Futebol Americano — exceto um, que me tirou de lá. — Panov parou de falar e pôs a mão no bolso. — Tome — continuou, estendendo para Conklin as cinco carteiras de motorista e um pouco menos dos 6 mil dólares.

— O que é isto? — perguntou Alex, atônito.

— Eu roubei um banco e resolvi me tornar motorista profissional! O que acha que é? Tirei do homem que estava me guardando. Descrevi o melhor possível para a tripulação do helicóptero o lugar do acidente. Eles voltaram para procurar o homem. Vão encontrá-lo, ele não vai a lugar algum.

Peter Holland apanhou o telefone da limusine e digitou um número.

— Entre em contato com EMS-Arlington, Equipamento 57. O homem que vão apanhar deve ser levado diretamente para Langley. Para a enfermaria. E mantenha-me informado do progresso da busca... Desculpe, doutor, continue.

— Continuar? Continuar o quê? Fui seqüestrado, fiquei preso numa fazenda, injetaram sódio pentotal nas minhas veias o suficiente para me fazer um habitante de

fora deste mundo, onde recentemente Madame Scylla Caribdes¹²¹ me acusou de morar.

— De que diabo está falando? — perguntou Holland com voz seca.

— De nada, almirante, ou senhor diretor, ou...

— Peter é o bastante — completou Holland. — Só que não entendi o que você disse.

— Não há nada para entender além dos fatos. Minhas alusões são tentativas compulsivas de erudição. Chama-se estresse pós-traumático.

— Certo, agora está falando claro.

Panov voltou-se para o diretor com um sorriso nervoso.

— Eu devo pedir desculpas, Peter. Estou ainda um pouco tenso. Este último dia, ou estes dias não representam exatamente meu estilo normal de vida.

— Acho que não é o estilo normal de ninguém — concordou Holland. — Já vi o que tinha de ver desses métodos, mas nada como isto, essa interferência direta na mente. Não é do meu tempo.

— Não temos pressa, Mo — disse Conklin. — Não se esforce mais, você já agüentou muito. Se quiser, posso adiar o seu depoimento para daqui a algumas horas, quando estiver mais descansado e mais calmo.

— Não seja idiota, Alex! — protestou o psiquiatra. — Pela *segunda vez* a vida de David está em perigo por minha causa. Isso é mais difícil de suportar do que qualquer outra coisa. Não podemos perder nem um minuto... Esqueça Langley, Peter. Leve-me a uma das suas clínicas. Flutuando no espaço, quero contar tudo que posso lembrar, consciente ou inconscientemente. *Depressa*. Direi aos médicos o que devem fazer.

— Você deve estar brincando — disse Holland, olhando atentamente para Panov.

— Não estou brincando. Vocês dois precisam saber o que eu sei — mesmo o que eu sei sem saber que sei. Não *compreendem* isso?

O diretor apanhou outra vez o telefone e apertou um único número. O chofer, no outro lado da divisória de vidro, levou ao ouvido o fone que ficava no console ao seu lado.

— Houve uma mudança nos planos — disse Holland. — Vamos para Estéril Cinco.

O carro diminuiu a marcha e entrou na primeira rua à direita, seguindo para as colinas e os campos verdejantes da Virgínia. Morris Panov fechou os olhos, como se estivesse em transe ou preparando-se para uma experiência penosa — a própria execução, talvez. Alex olhou para Peter Holland, os dois olharam para Mo e voltaram a se entreolhar. Fosse o que fosse que Panov estava fazendo, tinha seus motivos. Ninguém disse uma palavra até chegarem aos portões da Estéril Cinco,

trinta minutos depois.

— DCI e acompanhantes — disse o chofer para o guarda com uniforme de uma firma particular de segurança, mas na verdade um homem da CIA. A limusine seguiu pela entrada de veículos ladeada de árvores.

— Obrigado — disse Mo, abrindo e piscando os olhos. — Naturalmente compreenderam. Estou tentando clarear a mente e se tiver sorte, abaixar um pouco a pressão.

— Você não precisa fazer isso — disse Holland.

— Sim, preciso — respondeu Panov. — Talvez com o tempo eu pudesse juntar os fatos com uma certa clareza, mas agora não posso e não *temos* tempo. — Voltou-se para Conklin. — Quanto você pode me contar?

— Peter sabe de tudo. Em atenção à sua pressão, não vou contar todos os detalhes, mas, resumindo, David está bem. Pelo menos não soubemos de nada que prove o contrário.

— Marie? As crianças?

— Na ilha — disse Alex, evitando olhar para Holland.

— E Estéril Cinco? — Panov perguntou para Holland. — Suponho que tem um especialista, ou especialistas do tipo que preciso agora.

— Revezando-se dia e noite. Provavelmente você conhece alguns.

— Prefiro não conhecer. — O carro longo e escuro parou na frente dos degraus de pedra da mansão georgiana com colunas, no centro da grande propriedade. — Vamos — disse Mo em voz baixa, saindo do carro.

As portas brancas de madeira trabalhada, o chão de mármore rosado e a elegante escadaria eram um magnífico disfarce para o trabalho realizado em Estéril Cinco. Dissidentes, agentes duplos e triplos e agentes de campo que voltavam de missões complexas para descanso e relatório passavam continuamente por aquele centro. O pessoal, todo de nível confidencial Quatro Zero, consistia de grupos de dois médicos e três enfermeiros que se revezavam, cozinheiros e empregados domésticos recrutados no serviço de relações exteriores — especialmente embaixadas — e guardas, todos com treinamento de Rangers ou equivalente. Circulavam discretamente pela casa, sempre alerta, com armas visíveis ou não, exceto o pessoal médico. O mordomo educado e de terno escuro que os recebeu era encarregado de entregar crachás a todos os visitantes, sem exceção. Era um homem grisalho, intérprete aposentado da CIA, e fazia tão bem seu papel que parecia ter saído de uma peça teatral.

É claro que ficou atônito quando viu Holland. Orgulhava-se de saber de cor todas as entrevistas marcadas no Estéril Cinco.

— Uma visita de surpresa, senhor?

— É um prazer vê-lo, Frank — o diretor apertou a mão do ex-intérprete. —

Com certeza lembra-se de Alex Conklin...

— Meu Deus, é você, Alex? Há quantos anos! — Mais apertos de mão. — Quando foi a última vez?... Aquela mulher louca de Varsóvia, não foi?

— Desde aquele dia o KGB não pára de rir — disse Conklin. — O único segredo que a mulher tinha era uma receita para o pior *golumpki* que eu já comi... Sempre no trabalho, Frank?

— Uma vez ou outra — disse o homem, com fingida desaprovação. — Esses jovens tradutores não sabem a diferença entre um quiche e um *kluski*.

— Uma vez que eu também não sei — disse Holland —, posso dar uma palavrinha com você, Frank.

Os dois homens afastaram-se um pouco, falando em voz baixa. Alex e Mo Panov esperavam, este último franzindo a testa e respirando fundo uma vez ou outra. O diretor voltou e entregou crachás para os dois.

— Já sei onde devemos ir. Frank vai avisá-los.

Subiram a escadaria curva, Conklin mancando, e caminharam por um corredor atapetado na ala esquerda dos fundos da casa enorme. À direita havia uma porta diferente de todas as outras. Era de carvalho maciço brilhante, com quatro pequenas janelas na parte superior e dois botões negros numa pequena caixa ao lado da maçaneta. Holland colocou a chave na fechadura, girou e apertou o botão inferior. Uma luz vermelha apareceu na pequena câmara imóvel montada no teto. Vinte minutos depois ouviram o barulho metálico do elevador parando no andar.

— Entrem, cavalheiros — disse o diretor da CIA. A porta se fechou e eles começaram a descer.

— Nós subimos para *descer*? — perguntou Conklin.

— Segurança — respondeu o diretor. — É o único meio de chegar aonde vamos. Não existem elevadores no andar térreo.

— Por que não, pode perguntar ao homem sem um pé? — disse Alex.

— Acho que você pode responder melhor do que eu — respondeu o diretor. — Aparentemente todos os acessos ao porão são selados, exceto os dois elevadores que passam direto pelo térreo e para os quais precisamos de uma chave. Este nos leva aonde queremos ir. O outro leva às fornalhas, unidades de ar condicionado e todo o resto do equipamento normal de um porão. Frank me deu a chave. Se ela não voltar ao seu nicho depois de um certo tempo, soa um alarme.

— Para mim parece uma complicação desnecessária — disse Panov secamente. — Brinquedos caros.

— Não exatamente, Mo — disse Conklin. — Explosivos podem ser facilmente escondidos em canos de aquecimento e de água. Você sabia que nos últimos dias do abrigo de Hitler, alguns dos seus ajudantes menos loucos tentaram colocar veneno no sistema de filtros de ar? São apenas precauções.

O elevador parou e a porta se abriu.

— Para a esquerda, doutor — disse Holland.

O corredor era completamente branco e brilhante, anti-séptico como devia ser, pois o complexo subterrâneo era um centro médico extremamente sofisticado. Destinava-se não apenas ao tratamento de homens e mulheres, mas também ao processo de quebrar sua vontade, anulando sua resistência para que dessem informações, revelando verdades que podiam evitar a infiltração em operações de alto risco, freqüentemente salvando vidas no processo.

Entraram numa sala que contrastava acentuadamente com a aparência anti-séptica do corredor fluorescente. Viram poltronas pesadas, suave iluminação indireta, uma cafeteira elétrica sobre a mesa, com xícaras, jornais e revistas arrumados em outras mesinhas, todos os confortos de uma sala de espera. Um homem com jaleco branco apareceu na porta interna, com a testa franzida e expressão de dúvida.

— Diretor Holland? — disse ele, aproximando-se de Peter com a mão estendida. — Sou o Dr. Walsh, segundo turno. Não preciso dizer que não o esperava.

— Trata-se de uma emergência e não foi escolha minha. Posso apresentar o Dr. Morris Panov — a não ser que já o conheça?

— Conheço *de nome*, é claro. — Walsh estendeu a mão para o médico. — É um prazer, doutor, e um privilégio.

— Talvez retire esse último quando terminarmos, doutor. Podemos conversar em particular?

— É claro. Meu consultório é lá dentro. Os dois médicos saíram da sala de espera.

— Você não devia ir com eles? — perguntou Conklin, olhando para Peter.

— Por que não você?

— Ora, que diabo, você é o *diretor*. Devia insistir!

— Você devia insistir, como amigo dele.

— Não tenho qualquer influência aqui.

— A minha desapareceu quando Mo nos tirou da jogada. Venha, vamos tomar um café. Este lugar me deixa arrepiado. — Holland foi até a mesa onde estava o café e serviu duas xícaras. — Como gosta do seu café?

— Com mais açúcar e creme do que devia. Deixe que eu preparo.

— Eu ainda tomo café puro — disse o diretor, afastando-se da mesa e tirando um maço de cigarros do bolso. — Minha mulher diz que o ácido ainda vai me matar.

— Outros dizem que o fumo se encarregará disso.

— O quê?

— Veja — Alex apontou para o aviso na parede. OBRIGADO POR NÃO

FUMAR.

— Para isso tenho bastante influência — disse Holland calmamente, acendendo o cigarro.

Quase vinte minutos se passaram. Uma vez ou outra Conklin ou Holland apanhava uma revista ou um jornal e o colocava de novo na mesa sem ler, olhando para a porta do consultório. Finalmente, 28 minutos depois, o médico chamado Walsh apareceu.

— Ele disse que o senhor sabe o que está pedindo e que não faz nenhuma objeção, diretor Holland.

— Tenho muitas objeções, mas parece que ele venceu todas elas... Oh, desculpe-me, doutor, este é Alex Conklin, É dos nossos e amigo íntimo de Panov.

— O que acha, Sr. Conklin? — perguntou Walsh, retribuindo o cumprimento do ex-agente.

— Eu abomino o que ele está fazendo — o que ele quer fazer —, mas ele garantiu que faz sentido. Se faz sentido, é direito para ele e eu compreendo sua decisão. Se não faz sentido, eu mesmo o tiro daqui, com um pé a menos e tudo o mais. *Isso* faz sentido, doutor? E qual é o risco?

— Com drogas há sempre um risco, especialmente em termos de equilíbrio químico, e ele sabe. Por isso ele quer uma endovenosa constante que prolonga o sofrimento psicológico, mas reduz em parte o risco de dano potencial.

— *Em parte?* — exclamou Alex.

— Estou sendo franco. Ele também.

— Resumindo, doutor — disse Holland.

— Se alguma coisa der errado, dois ou três meses de terapia, não permanente.

— E o sentido? — insistiu Conklin. — Faz algum *sentido*?

— Sim, faz — respondeu Walsh. — Os fatos são recentes e o dominam completamente. Está conscientemente obcecado, o que significa que seu subconsciente está ao nosso alcance. As lembranças que ele não pode alcançar estão muito próximas ainda... Vim até aqui por cortesia. Ele insistiu para que começássemos e pelo que me contou, eu faria o mesmo. Nós todos faríamos.

— Qual o nível de segurança? — perguntou Alex.

— A enfermeira vai ficar fora da sala. Será apenas um gravador a pilha e eu... e um dos senhores, ou ambos. — O médico voltou-se para a porta e depois olhou para trás. — Mando chamá-los quando chegar a hora — acrescentou, desaparecendo no consultório.

Conklin e Peter Holland entreolharam-se. Começou o segundo período de espera.

Para espanto dos dois, em menos de dez minutos uma enfermeira entrou na sala e pediu que a acompanhassem. Passaram por um labirinto de paredes brancas e anti-

sépticas com painéis embutidos e maçanetas de vidro. Viram apenas outro ser humano no caminho, um homem com avental branco e máscara cirúrgica que saiu de uma das portas embutidas. Seus olhos penetrantes e intensos, acusadores mesmo, pareciam dizer que Conklin e Holland eram alienígenas de outro mundo sem autoridade para estar na Estéril Cinco.

A enfermeira abriu uma porta com uma luz vermelha piscando acima do batente. Ela levou um dedo aos lábios, ordenando silêncio. Holland e Conklin entraram numa sala escura e viram uma cortina branca refletindo um pequeno círculo de luz intensa, atrás da qual devia haver uma cama ou uma mesa de exames. Ouviram o Dr. Walsh dizer em voz baixa e calma:

— Está voltando no tempo, doutor, não muito, um ou dois dias, quando começou a sentir a dor no braço... seu *braço*, doutor. Por que estão machucando seu *braço*? Você estava na casa de uma fazenda pequena e via o campo pela janela, então eles vendaram seus olhos e começaram a machucar seu braço. Seu *braço*, doutor.

De repente, um fecho de luz verde refletiu-se no teto. A cortina foi aberta eletronicamente, revelando a cama, o paciente e o médico. Walsh afastou a mão de um botão ao lado da cama e olhou para eles, fazendo um gesto lento, como quem diz, não há ninguém mais aqui. Confirmado?

Os dois homens, como que hipnotizados, depois chocados com a expressão de dor no rosto pálido de Panov e as lágrimas que desciam dos seus olhos abertos, confirmaram com um gesto. Então viram as tiras que o prendiam à cama, evidentemente por ordem do próprio Mo.

— O *braço*, doutor. Temos de começar com o processo de agressão *física*, não é mesmo? Porque sabemos seus resultados, doutor, certo? Leva a outro processo de agressão que você não pode permitir. Precisa parar a progressão.

O grito estridente foi um brado prolongado de desafio e de horror.

— Não, *não! Não vou contar nada! Eu o matei* uma vez, não vou matá-lo *novamente*. Afastem-se de *miiiiim...!*

Alex desmoronou no chão. Peter Holland, o almirante de ombros largos, veterano das mais negras operações no Extremo Oriente, ajudou-o a se levantar e delicadamente o levou até a enfermeira na outra sala.

— Leve-o para longe daqui, por favor.

— Sim, senhor.

— *Peter* — disse Alex tossindo, tentando ficar de pé e caindo outra vez por falta de apoio do pé artificial. — Desculpe, eu sinto muito!

— Desculpar o quê? — perguntou Holland em voz baixa.

— Eu devia assistir, mas *não posso!*

— Eu compreendo. Está perto demais. Em seu lugar acho que eu também não

poderia.

— Não, você *não* compreende! Mo disse que ele matou David, mas é claro que não matou. Mas *eu* ia matá-lo, eu *queria* realmente matá-lo! E agora fiz outra vez, eu o mandei para Paris... Não foi Mo, fui *eu*!

— Encoste-o na parede, senhorita. Deixe que ele escorregue para o chão e pode ir.

— Sim, *senhor*!

A enfermeira obedeceu e saiu apressadamente, deixando Holland e Alex sozinhos no labirinto branco.

— Agora escute, agente de campo — murmurou o diretor grisalho da CIA, ajoelhando na frente de Conklin. — Esta droga de carrossel de culpa tem de parar, do contrário, ninguém vai ser útil para *ninguém*. Não ligo a mínima para o que você e Panov fizeram trinta anos atrás, ou cinco anos atrás, ou *agora*! Somos pessoas razoavelmente inteligentes e fizemos o que fizemos porque pensamos que era a coisa certa na ocasião. Quer saber de uma coisa, *Santo Alex*? Sim, eu sei que o chamam assim. Nós cometemos *erros*. Muito inconveniente, certo? Talvez não sejamos tão *brilhantes*, afinal. Talvez Panov não seja o maior não-sei-o-quê comportamental, talvez você não seja o mais astuto filho da mãe no campo, o que foi canonizado, e talvez *eu* não seja o superestrategista atrás das linhas, que dizem que sou. E *dai*? Pegamos nossas malas e vamos para onde devemos ir.

— Ora, pelo amor de Deus, *cale a bocal* — gritou Conklin, procurando levantar-se apoiando-se na parede.

— *Silêncio*!

— Merda! A última coisa de que preciso é um sermão. Se tivesse os dois pés lhe dava uma surra.

— Agora partimos para a força bruta?

— Eu era faixa-preta. Primeira classe, almirante.

— Puxa! Nossa! Eu nem sei lutar!

Seus olhos se encontraram e Alex foi o primeiro a rir baixinho.

— Você é demais, Peter. Mensagem recebida. Quer me ajudar? Vou para a sala de espera. Vamos, me dê sua mão.

— Uma ova que dou — disse Holland, levantando-se. — Arranje-se sozinho. Alguém me disse que o santo andou duzentos quilômetros de território inimigo, atravessando rios e regatos e a selva e chegou ao acampamento Foxtrot perguntando se alguém tinha uma garrafa de bebida.

— É, mas aquilo foi diferente. Eu era muito mais moço e tinha os dois pés.

— Pois finja que tem dois agora, Santo Alex — Holland piscou o olho. — Vou voltar para lá. Um de nós precisa estar presente.

— *Filho da mãe*!

Conklin ficou sentado na sala de espera uma hora e 47 minutos. O pé que ele não tinha nunca latejava, mas estava latejando agora. Conklin não sabia o significado dessa sensação impossível, mas não podia ignorar a pulsação que subia pela perna. No mínimo era algo para pensar e ele pensou com saudades nos dias em que era mais jovem, quando tinha os dois pés, e antes disso. Oh, como ele queria mudar o mundo! E como sentia-se tão *certo* no destino que o obrigou a ser o mais jovem orador de turma na história do seu ginásio, o mais jovem calouro aceito em Georgetown, uma luz *cintilante*, muito cintilante, que brilhava no fim do túnel acadêmico. Seu declínio começou quando alguém em algum lugar descobriu que seu verdadeiro nome não era Alexander Conklin, mas Aleksei Nikolae Konsolikov. Aquele homem, agora sem rosto, fez uma pergunta casual a Conklin e a resposta mudou sua vida.

— Por acaso você fala russo?

— É claro — ele respondeu, achando absurdo o visitante pensar que ele não falava. — Como deve saber, meus pais eram imigrantes. Fui criado não só num lar russo, mas num bairro russo — pelo menos nos meus primeiros anos. Não se podia comprar um pão no *ovoshchnoi* sem falar russo. E na escola paroquial, as freiras e os padres mais velhos insistiam em falar sua língua natal... Tenho certeza de que isso contribuiu para que eu abandonasse a religião.

— Nos seus primeiros anos, não foi o que disse?

— Sim.

— O que mudou?

— Tenho certeza de que está em alguma parte do seu relatório do governo e dificilmente vai satisfazer o infame senador McCarthy.

Com as palavras, o rosto também voltou à lembrança de Alex. Era um rosto de meia-idade que de repente ficou inexpressivo, com os olhos embaçados pela fúria.

— Eu lhe garanto, Sr. Conklin, que não tenho nada a ver com o senador. O senhor o chama de infame, eu tenho outros adjetivos que não são pertinentes a este assunto... O que mudou?

— Bem tarde meu pai tornou-se o que ele era na Rússia, um negociante bem-sucedido, um capitalista. Da última vez que contei, tinha sete supermercados nos melhores shoppings. Chamam-se Conklin's Corners. Meu pai está com mais de oitenta anos agora e embora eu o ame muito, sinto dizer que é um ardente defensor do senador. Eu me limito a levar em consideração sua idade, sua luta, o ódio que ele tem pelos soviéticos, e evito o assunto.

— O senhor é muito inteligente e muito diplomata.

— Inteligente e diplomata — concordou Alex.

— Já fiz compras em uns dois Conklin's Corners Um pouco careiros.

— Oh, sim.

— De onde veio o nome Conklin?

— Meu pai. Minha mãe acha que ele o viu num anúncio de óleo para motores, uns quatro ou cinco anos antes de virem para cá. Naturalmente o Konsolikov tinha de desaparecer. Como disse meu muito intolerante pai certa vez, “Só os judeus podem fazer fortuna aqui com nomes russos”. Esse assunto eu também evito.

— *Muito* diplomático.

— Não é difícil. Ele tem muita coisa boa para contrabalançar.

— Mesmo que não tivesse, tenho certeza de que o senhor poderia ser convincente na sua diplomacia, no modo como sabe disfarçar seus sentimentos.

— Por que acha isso tão importante?

— Porque é, Sr. Conklin. Eu represento uma agência do governo que está muito interessada na sua pessoa, uma agência na qual seu futuro será tão ilimitado quanto o de qualquer outro recruta em potencial que tenho entrevistado nos últimos dez anos...

Essa conversa fora há quase trinta anos, pensou Alex, mais uma vez olhando para a porta da sala de espera que dava para a parte interna de Estéril Cinco. E foram trinta anos loucos. Num esforço que era um desafio ao estresse, à procura de uma expansão irrealista, seu pai se excedeu, comprometendo-se a investir enormes somas de dinheiro que existiam só na sua imaginação e nas mentes dos banqueiros avaros. Perdeu seis dos supermercados, ficando com o menor e menos lucrativo que só lhe permitia um nível de vida inaceitável. Assim, sofreu um derrame fatal e morreu quando Alex apenas começava sua vida de homem adulto.

Berlim — Oriental e Ocidental. Moscou, Leningrado, Tashkent e Kamchatka. Viena, Paris, Lisboa e Istambul. Depois a volta, ao redor do mundo, postos em Tóquio, Hong Kong, Seul, Camboja, Laos e finalmente Saigon e a tragédia que foi o Vietnã. Durante todos esses anos, com sua facilidade para línguas e a prática nascida da sobrevivência, tornou-se o homem central da Agência nas operações clandestinas, o principal observador avançado e quase sempre o estrategista no local das atividades secretas. Então, certa manhã, com a neblina pairando sobre o Delta do Mekong, uma mina terrestre esfacelou sua vida e seu pé. Pouco sobrou para um agente de campo cujo trabalho dependia da mobilidade. O resto foi uma rápida descida e a saída do campo. O excesso de bebida ele aceitava e explicava como herança genética. O inverno russo da depressão estendeu-se pela primavera, o verão e o outono. Àquela sombra de homem, trêmula e esquelética, pronta para o fim total, foi oferecida uma segunda oportunidade. David Webb — Jason Bourne — voltou a entrar em sua vida.

A porta se abriu, interrompendo as dolorosas lembranças, e Peter Holland entrou devagar na sala de espera. Estava pálido e abatido, com olhos esgazeados, e segurava na mão esquerda duas pequenas caixas de plástico, cada uma com um

teipe.

— Enquanto eu viver — disse Peter com voz sumida e distante, quase inaudível. — Espero nunca mais ter de passar por isto, nunca mais ver nada igual.

— Como está Mo?

— Pensei que não ia resistir... Pensei que ia se matar. Uma vez ou outra Walsh parava. Vou dizer uma coisa, ele estava morrendo de medo.

— Por que ele não *parou*?

— Eu perguntei. Ele disse que Panov, além de dar instruções explícitas oralmente, escreveu tudo e assinou, esperando que fossem cumpridas ao pé da letra. Talvez exista um código tácito de ética entre os médicos, eu não sei, mas sei que Walsh o ligou a um ECG do qual não tirava os olhos. Eu tampouco. Era mais fácil do que olhar para Mo. Vamos *dar o fora* daqui.

— Espere um pouco. E Panov?

— Ele não está pronto para a festa de boas-vindas. Vai ficar aqui uns dois dias em observação. Walsh ficou de me telefonar de manhã.

— Eu gostaria de vê-lo. Eu quero vê-lo.

— Não há nada para ver, só um farrapo humano. Acredite, você não quer e ele não quer que o vejam. Vamos embora.

— Para onde?

— Seu apartamento em Vienna — nosso apartamento em Vienna. Suponho que você tem um cassete.

— Tenho tudo menos um foguete espacial, mas a maioria das coisas eu não sei usar.

— Quero parar e comprar uma garrafa de uísque.

— Tem tudo que quiser no apartamento.

— Isso não o incomoda? — perguntou Holland, olhando atentamente para Alex.

— Faria diferença se incomodasse?

— Nem um pouco... Se bem me lembro, você tem um quarto extra, não tem?

— Tenho.

— Ótimo. Talvez passemos grande parte da noite ouvindo isto. — O diretor levantou a mão com os cassetes. — Nas duas primeiras vezes não vai significar nada. Vamos ouvir só a dor, não a informação.

Passava um pouco das cinco da tarde quando deixaram a propriedade conhecida dentro da Agência como Estéril Cinco. Os dias começavam a ficar mais curtos, no meio de setembro, e o sol poente anunciava a mudança com uma intensidade de cor que mostrava a morte de uma estação e o nascimento de outra.

— A luz é sempre mais clara quando estamos para morrer — disse Conklin, recostando-se no banco da limusine ao lado de Holland e olhando pela janela.

— Acho essa observação não só imprópria como possivelmente imatura. Não

garanto a segunda parte enquanto não souber de quem é a frase. Quem disse isso?

— Jesus, eu acho.

— As Escrituras nunca foram revistas. Muitas fogueiras, nenhuma confirmação visual.

Alex riu baixinho e pensativamente.

— Você leu, por acaso? Quero dizer, a Bíblia?

— Quase inteira — quase todas as versões.

— Porque foi obrigado?

— Não, nada disso. Meus pais eram tão agnósticos quanto pode ser alguém sem ser qualificado de pária sem Deus. — Eles não faziam comentários a respeito do tema e nos mandavam, eu e minhas duas irmãs, num domingo ao culto protestante, no outro à missa católica, depois a uma sinagoga. Nunca regularmente, mas acho que queriam que tivéssemos noção do panorama completo. *É isso* que faz a criança ter vontade de ler. Curiosidade natural envolta em misticismo.

— Irresistível — concordou Conklin. — Eu perdi minha fé e agora, depois de proclamar minha independência durante anos, começo a perguntar se não perdi algo importante.

— Como o quê?

— Consolo, Peter. Eu não tenho consolo.

— Para quê?

— Não sei, coisas que não posso controlar, talvez.

— Quer dizer que não tem o consolo de uma desculpa, uma desculpa metafísica. Perdoe, Alex, mas aqui pensamos diferente. Somos responsáveis pelo que fazemos, e nenhuma absolvição no confessionário pode mudar isso.

Conklin arregalou os olhos para Holland.

— Muito obrigado — disse ele.

— Por quê?

— Por falar como eu, mesmo usando palavras diferentes... Voltei de Hong Kong há cinco anos com a Bandeira da Responsabilidade na minha lança.

— Agora não entendi.

— Esqueça. Estou voltando para trás... “Cuidado com as armadilhas da presunção eclesiástica e do pensamento introvertido...”

— Quem diabo disse isso?

— Savonarola ou Salvador Dali, não me lembro.

— Ora, pelo amor de Deus, deixe de besteira! — disse Holland, rindo.

— Por quê? É a primeira risada descontraída que damos. E suas duas irmãs? O que aconteceu com elas?

— Essa é a piada melhor — respondeu Peter com um sorriso zombeteiro. — Uma é freira em Nova Delhi, a outra é presidente da sua própria firma de relações

públicas, em Nova York e usa o ídiche melhor do que muitos dos colegas de profissão. Há uns dois anos ela me contou que não a chamam mais de *shiksa*. Ela adora a vida que leva, tal como a outra que está na Índia.

— Apesar disso, você escolheu a carreira militar.

— Não *apesar disso*, Alex... E foi escolhida por mim. Eu era um jovem muito revoltado que acreditava piamente que este país estava indo para o brejo. Minha família era privilegiada — dinheiro, influência e escolas caras, o que me garantia — a *mim*, não ao garoto negro das ruas de Filadélfia ou do Harlem — entrada automática em Anápolis. Eu simplesmente achei que devia fazer por merecer de certo modo esse privilégio. Tinha de mostrar que gente como eu fazia uso das vantagens não para evitar responsabilidades, mas para aumentar o alcance das mesmas.

— Renascimento da aristocracia — disse Conklin. — *Noblesse oblige* — a nobreza impõe obrigações.

— Não está sendo justo — protestou Holland.

— Sim, estou, no sentido real. *Aristo*, do grego, significa o “melhor”, e *kratia* quer dizer “governar”. Na Atenas antiga, esses jovens conduziam exércitos, com as espadas erguidas na frente do corpo, não atrás, para provar aos seus homens que estavam dispostos ao sacrifício ao lado dos menos importantes deles, pois estavam sob seu comando, o comando dos melhores.

Peter Holland reclinou a cabeça no encosto forrado de veludo e fechou os olhos. Depois, abriu-os e disse:

— Talvez isso fosse uma parte também, eu não sei — não tenho certeza. Estávamos pedindo demais... para quê? Pork Chop Hill? Terra inútil e desconhecida no Mekong? Por quê? Pelo amor de Deus, *por quê?* Homens feridos, com a barriga e o peito esfacelados por um inimigo que estava a menos de um metro deles, por um “kong” que conhecia as selvas que eles não conheciam? Que tipo de guerra era essa?... Se caras como eu não chegassem e dissessem para os garotos, “Vejam, aqui estou, estou com vocês”, como diabo você pensa que teríamos agüentado o tempo que agüentamos? Haveria revoltas maciças, e talvez fosse melhor. Aqueles garotos eram o que muita gente chama de negro, carcamano e os fracassados que não tinham passado do terceiro ano, primário. Os privilegiados eram isentos — para não se sujar — ou designados para postos que nem chegavam perto do combate. Os outros não. E se minha presença ao lado deles — este filho da mãe privilegiado — significou alguma coisa foi a melhor coisa que já fiz na vida. — Holland calou-se e fechou os olhos.

— Desculpe, Peter. Eu não queria fazê-lo voltar a caminhos passados, não queria mesmo. Na verdade, comecei com a minha culpa, não com a sua... É uma loucura como tudo converge e alimenta-se de si mesmo. Como se chama isso? O

carrossel da culpa. Onde é que ele pára?

— *Agora* — disse Holland, empertigando-se no banco. Apanhou o telefone, apertou dois números e disse: — Leve-nos a Vienna, por favor. Depois, vá a um restaurante chinês e compre a melhor comida que encontrar... Na verdade, prefiro costeletas e galinha com limão.

Holland acertou em parte. A primeira vez que ouviram os teipes de Panov sob os efeitos do soro foi uma verdadeira agonia, a voz terrível, o conteúdo emocional obscurecendo a informação, especialmente para quem conhecia o psiquiatra. Entretanto, na segunda vez, a concentração foi imediata, criada sem dúvida pela própria dor que podiam ouvir. Não tinham tempo para sentimentos pessoais. De repente, a informação era tudo. Os dois homens começaram a tomar notas, muitas vezes interrompendo o teipe e voltando atrás para maior clareza e compreensão. A terceira vez serviu para acentuar os pontos mais importantes, e no fim da quarta audição, Alex e Peter Holland tinham, cada um, de trinta a quarenta páginas escritas. Passaram uma hora em silêncio, analisando suas notas.

— Está pronto? — perguntou o diretor da CIA, no sofá, com o lápis na mão.

— Estou — disse Conklin, sentado à mesa dos equipamentos eletrônicos, o cassete ao lado da sua mão.

— Alguma observação inicial?

— Sim — disse Alex. — Noventa e nove ponto quarenta e quatro por cento do que ouvimos não nos diz nada, exceto que esse Walsh é um explorador fantástico. Ele saltou de um lado para o outro, identificando pistas mais depressa do que eu, e eu não era exatamente um amador em interrogatórios.

— Concordo — disse Holland. — Eu também não era muito mau, especialmente com um instrumento sem corte. Walsh é bom.

— Melhor do que isso, mas não é o que nos interessa. O que interessa é o que ele conseguiu tirar de Mo — aqui também com um “mas”. Não se trata do que Panov revelou, porque devemos supor que tenha revelado tudo que lhe contei. Trata-se, isso sim, do que ele disse que *ouviu*. — Conklin procurou no seu bloco de notas. — Aqui está um exemplo. “A família vai ficar satisfeita... nosso supremo vai nos dar sua bênção”. Ele está repetindo palavras de outra pessoa, não as suas. Ora, Mo não conhece a gíria dos criminosos, pelo menos não a ponto de fazer automaticamente a conexão. Mas a conexão está aí. Tome a palavra “supremo”. “Supremo” — capo supremo, que nada tem a ver com um ente celestial. De repente, “a família” está a anos-luz de Norman Rockwell, e “bênção”, que pode significar recompensa ou bônus.

— Máfia — disse Peter, com olhar firme e claro, apesar dos vários drinques obviamente já absorvidos por seu organismo. — Eu não tinha pensado nisso, mas marquei a frase instintivamente... Certo, aqui está uma coisa dentro desse contexto,

digo isso porque são também frases que não pertencem a Panov. — Holland folheou o bloco de notas e parou numa página. — Aqui. “Nova York quer tudo”. — Virou mais algumas páginas. — Aqui também, “Aquele Wall Street é uma coisa” — Mais uma vez o diretor procurou no bloco de notas. — E esta aqui, “bichas louras” — o resto está obscuro.

— Não notei isso. Ouvi, mas não me pareceu significar alguma coisa.

— E por que iria significar, Sr. Aleksei Konsolikov? — Holland sorriu. — Sob esse exterior anglo-saxão, educação e tudo o mais, bate o coração de um russo. Você não é vulnerável ao que alguns de nós têm de suportar.

— O quê?

— Eu sou um WASP^[3], e “bichas louras” é um dos apelidos pejorativos usados, devo admitir, por outras minorias oprimidas. Pense nisso. Armbruster, Swayne, Atkinson, Burton, Teagarten — todos “louros”. E Wall Street, algumas firmas naquele bastão financeiro eram WASP, pelo menos originalmente.

— Medusa — disse Alex balançando a cabeça afirmativamente — Medusa e Máfia... Santo Cristo.

— Temos um número de *telefone!* — Peter inclinou-se para a frente no sofá. — Está no livro-caixa que Bourne tirou da casa de Swayne.

— Eu já tentei, lembra-se? É uma secretária eletrônica, nada mais.

— Pois é o bastante. Podemos localizá-la.

— Para quê? As mensagens são recebidas por controle remoto e se ele ou ela tem algum miolo, faz isso de um telefone público. Além de ser impossível localizar o receptor da mensagem, ele pode apagar todas as outras da secretária.

— Você não é muito sintonizado em alta tecnologia, certo, agente de campo?

— Vou dizer o que acontece — disse Conklin. — Eu comprei um VCR para assistir filmes antigos e não consegui desligar o maldito relógio piscante. Telefonei para o vendedor e ele disse, “Leia as instruções na parte interna do painel”. Não consigo encontrar o interior do painel.

— Então deixe que eu explique o que se pode fazer com uma secretária eletrônica. Podemos enguiçar o aparelho de longe.

— Puxa vida, Sandy, o que vai dizer agora para a órfã Annie? Que diabo adianta isso? Além de matar a fonte?

— Está esquecendo que sabemos o local pelo número do telefone.

— É?

— Alguém tem de aparecer para consertar o aparelho.

— É.

— A gente pega o cara e descobre quem o mandou lá.

— Quer saber, Peter, você tem possibilidades. Para um novato, você entende das coisas, sem contar sua posição ridiculamente não merecida.

— Desculpe, mas não posso lhe oferecer um drinque.

Bryce Ogilvie, da firma de advocacia Ogilvie, Spofford, Crawford e Cohen estava ditando uma resposta extremamente complexa para a divisão antitruste do Departamento de Justiça quando seu telefone muito particular tocou. O telefone só tocava na sua mesa. Ele apanhou o fone, apertou um botão verde e falou rapidamente.

— Fique na linha — ordenou, olhando para a secretária. — Quer me dar licença, por favor?

— Certamente, senhor. — A secretária levantou-se, atravessou o escritório grande e imponente e desapareceu na outra sala.

— Sim, o que é? — perguntou Ogilvie, no telefone.

— O aparelho não está funcionando — disse a voz na sacrossanta linha.

— O que aconteceu?

— Não sei. Só dá sinal de linha ocupada.

— É o melhor equipamento que existe. Talvez alguém estivesse telefonando quando *você* ligou.

— Estou tentando há duas horas. Tem algum defeito. Os melhores aparelhos podem enguiçar.

— Tudo bem. Mande alguém verificar. Use um dos negros.

— É claro. Nenhum homem branco iria lá.

PASSAVA UM POUCO da meia-noite quando Bourne desceu do metrô em Argenteuil. Seu dia estava dividido em segmentos, com horas para seus planos e para a procura de Marie. Foi de um bairro a outro, procurando em todos os cafés, todas as lojas, todos os hotéis grandes e pequenos que faziam parte do pesadelo da fuga há 13 anos. Mais de uma vez conteve a respiração ao ver uma mulher, ao longe ou num café — de costas, um perfil rapidamente percebido, e por duas vezes cabelos vermelho-escuros, traços que a distância ou na luz suave de um café podiam pertencer à sua mulher. Nenhuma delas era Marie, mas Jason procurou entender a própria angústia para poder controlá-la. Essas foram as partes mais impossíveis do dia, o resto foram apenas dificuldades e frustrações.

Alex! Onde diabo estava *Conklin*? Não podia encontrá-lo na Virgínia! Devido à diferença de horário, esperava que Conklin se encarregasse dos detalhes, começando pela rápida remessa de fundos. O dia útil no leste dos Estados Unidos começava às quatro horas de Paris e o dia útil em Paris terminava às cinco, *ou* antes, hora de *Paris*. Isso lhe dava uma hora, ou menos, para transferir um milhão de dólares americanos, em nome do Sr. Simon, para o banco escolhido em Paris. Bernardine ajudou muito. Ajudou muito era dizer pouco. Graças a ele a operação foi possível.

— Há um banco da rue de Grenelle, usado freqüentemente pelo Deuxième. Podem resolver os casos de horário, a falta de uma ou duas assinaturas, mas não dão nada por nada e não confiam em ninguém, especialmente em alguém ligado ao nosso benevolente governo socialista.

— Está dizendo que, independente dos teletipos, se o dinheiro não estiver no banco, nada feito?

— Nem um *sou*. O próprio presidente pode telefonar, que eles o mandam apanhar o dinheiro em Moscou, onde acham que ele devia estar.

— Como não consigo falar com Alex, ignorei o banco em Boston e falei com nosso homem nas Ilhas Caimã, onde Marie depositou a maior parte do dinheiro. Ela é canadense e o banco também. Estão esperando instruções.

— Vou dar um telefonema. Você está no Pont-Royal?

— Não, eu telefono depois.

— Onde você está?

— Acho que podemos dizer que sou uma borboleta ansiosa e confusa voando de um lugar vagamente lembrado para outro.

— Está procurando sua mulher.

— Sim. Mas não é essa a questão, certo?

— Desculpe-me, mas espero que não a encontre.

— Obrigado, telefone dentro de vinte minutos. Bourne foi a mais dois lugares, o Trocadéro e o Palais de Chaillot. No passado, haviam atirado nele em um dos terraços do Trocadéro. Um tiroteio e homens correndo nos infundáveis degraus de pedra, escondidos intermitentemente pelas estátuas imensas e douradas e pelo véu líquido das fontes, desaparecendo nos jardins formais, desaparecendo, fora de alcance. O que tinha acontecido? Por que lembrava do Trocadéro?... Mas, Marie estava lá — *em algum lugar*. Onde, naquele complexo enorme? Onde... Um terraço! Ela estava num terraço. Perto de uma estátua — *qual* estátua?... Descartes? Racine? Tayllerland? A primeira em sua lembrança foi a de Descartes. Ele a encontraria.

Encontrou, mas nada de Marie. Consultou o relógio. Há quase 45 minutos falara com Bernardine. Como os homens na tela da sua mente, ele desceu correndo os degraus de pedra, à procura de um telefone.

— Vá ao Banque Normandie e peça para falar com *monsieur* Tabouri. Ele sabe que um *monsieur* Simon quer transferir mais de sete milhões de francos das Ilhas Caimã, por meio de autorização verbal transmitida ao seu banqueiro nas ilhas. Ele terá prazer em deixá-lo usar seu telefone, mas, acredite, vai cobrar o telefonema.

— Obrigado, François.

— Onde você está agora?

— No Trocadéro. É loucura. Sinto as coisas mais estranhas, como vibrações, mas ela não está aqui. Provavelmente são as coisas que não consigo lembrar. Diabo, acho que levei um tiro aqui, mas simplesmente não sei.

— Vá ao banco.

Bourne foi e 35 minutos depois do seu telefonema para as Ilhas Caimã, *monsieur* Tabouri, o banqueiro com sorriso permanente e pele morena, confirmou a chegada do dinheiro. Jason pediu 750 mil francos nas maiores notas possíveis. Foram entregues e o banqueiro, sorridente e obsequioso, o levou confidencialmente para longe da mesa — uma bobagem, pois não havia mais ninguém na sala — e falou em voz baixa, perto da janela.

— Em Beirute há uns negócios imobiliários magníficos, acredite, eu *sei*. Conheço tudo sobre o Oriente Médio e aquela guerra estúpida não vai durar muito tempo mais. *Mon Dieu*, não vai sobrar ninguém! O Líbano vai se erguer mais uma vez como a Paris do Mediterrâneo. Terras por uma fração do valor real, hotéis por preços ridículos!

— Parece interessante. Eu falo com o senhor.

Saiu apressadamente do Banque Normandie, como quem foge da peste. Voltou ao Pont-Royal e mais uma vez tentou falar com Alex Conklin, nos Estados Unidos. Era quase uma hora da tarde em Vienna, Virgínia, e só ouviu a voz da secretária

eletrônica de Alex, pedindo para deixar seu recado. Por diversas razões, Jason não o fez.

Agora estava em Argenteuil, subindo a escada do metrô. Ia seguir cautelosamente, passando pelas ruas mais feias do bairro, até as proximidades do Coeur du Soldat. Suas instruções eram claras. Não devia ter a mesma aparência da noite anterior, nada de perna dura, nada de roupas surradas, nada que o fizesse ser reconhecido. Devia ser um simples trabalhador braçal, chegar até o portão da velha refinaria e ficar fumando, encostado na parede. Isso devia ser feito entre meia-noite e uma hora da manhã. Nem antes e nem depois.

Jason perguntou aos mensageiros de Santos — depois de dar a eles algumas centenas de francos pelo trabalho — o porquê dessas precauções e da hora. O mais falante dos dois respondeu, “Santos nunca sai do Coeur du Soldat”.

— Ontem à noite ele saiu.

— Só por alguns minutos — disse o homem.

— Compreendo. — Bourne fez um gesto afirmativo, mas não compreendia. Santos seria uma espécie de prisioneiro do Chacal, confinado ao sujo café dia e noite? Era uma idéia fascinante, especialmente levando-se em conta o tamanho e a força bruta do homem, aliados a uma inteligência muito acima da média.

Eram 0:37h quando Jason, de jeans, boné e um suéter escuro e muito surrado chegou aos portões da velha fábrica. Tirou do bolso um maço de Gauloise e encostou na parede, acendeu o cigarro com um fósforo, mantendo a chama acesa mais tempo do que necessário. Voltou a pensar no enigmático Santos, a ligação principal do exército do Chacal, o satélite mais confiável da órbita de Carlos, um homem que falava francês da Sorbonne, embora fosse latino-americano. Venezuelano, se os instintos de Bourne não o enganavam. *Fascinante*. E Santos queria vê-lo “com paz no coração”. Bravo, *amigo*, pensou Jason. Santos havia se comunicado com um embaixador apavorado, em Londres, e fizera uma pergunta tão explosiva que fazia a votação interna de um partido político parecer uma questão neutra e não-partidária. Atkinson não tinha outra escolha senão afirmar enfaticamente, em pânico, que quaisquer instruções da Mulher Serpente deviam ser cumpridas. O poder da Mulher Serpente era a única proteção do embaixador, seu único refúgio.

Por isso, Santos decidira ceder um pouco. Sua decisão baseava-se no intelecto, não na lealdade ou na obrigação. O mensageiro queria se arrastar para fora do esgoto em que vivia e com a perspectiva de três milhões de francos e a escolha de um número enorme de lugares no mundo para recomeçar a vida, a razão mandava considerar a oferta. Havia alternativas quando as oportunidades se apresentavam. Uma acabara de ser apresentada a Santos, o vassalo do Chacal, cuja fidelidade ao seu senhor talvez tivesse chegado ao ponto de asfixia. Essa proteção instintiva fez

com que Bourne incluísse no seu pedido — com calma e firmeza, enfatizando o subentendido — frases como *você pode viajar, desaparecer... um homem rico, livre de preocupações e da sufocante escravidão*. As palavras-chave eram “livre” e “desaparecer”, e os olhos de Santos haviam reagido a elas. Ele estava pronto para morder a isca de três milhões de francos, e Bourne preparado para cortar a linha e deixar que ele nadasse para o fundo, livremente.

Jason consultou o relógio. Quinze minutos. Sem dúvida, os homens de Santos estavam verificando as ruas próximas, numa última inspeção antes do aparecimento do sacerdote dos mensageiros. Bourne pensou em Marie, no que sentira no Trocadéro, e lembrou-se das palavras do velho Fontaine quando juntos vigiavam os caminhos do Hotel Tranquilidade no quarto de depósito do hotel, à espera de Carlos. *Ele está perto, eu sinto. Como a aproximação do trovão distante*. Jason tivera essa sensação no Trocadéro, diferente, é claro — muito diferente. *Chega! Santos! O Chacal!*

Seu relógio marcava uma hora e os dois mensageiros do Pont-Royal saíram do beco e atravessaram a rua na direção dos portões da velha refinaria.

— Santos quer vê-lo agora — disse o mais desembaraçado.

— Mas Santos não está aqui.

— Deve vir conosco. Ele não sai do Coeur du Soldat.

— Por que será que não estou gostando disso?

— Não tem razão para não gostar. Santos está com paz no coração.

— E o que me diz da sua faca?

— Ele não tem faca, nenhuma arma. Nunca anda armado.

— É bom saber disso. Vamos.

— Santos não precisa de armas — acrescentou o mensageiro, ameaçadoramente.

Entraram no beco, passaram pela entrada com o luminoso e por uma pequena passagem entre os prédios. Em fila indiana, Jason entre os dois homens, dirigiram-se para os fundos do café, chegando a uma das últimas coisas que Jason esperava ver naquele lugar da cidade: um jardim inglês. Um pedaço de terra de uns dez metros de comprimento, por cinco de largura com treliças por onde subiam vários tipos de trepadeiras floridas, uma barragem de cor sob o luar da França.

— É uma beleza — disse Jason. — Deve exigir muitos cuidados.

— Ah, a paixão de Santos! Ninguém compreende, mas ninguém toca nas flores.

Fascinante.

Conduziram Bourne a um pequeno elevador externo com a estrutura de aço embutida no muro de pedra. Não havia nenhum outro meio de acesso ao prédio naquele lado. Entraram no elevador, a porta de ferro se fechou e um dos homens apertou um botão e disse:

— Estamos aqui, Santos. *Camélia*. Faça subir.
— Camélia? — perguntou Jason.
— Ele sabe que está tudo bem. Caso contrário, meu amigo teria dito “lírio” ou “rosa”.

— E então o que aconteceria?

— É melhor nem pensar. *Eu* não quero pensar.

— É claro. Naturalmente.

O elevador parou com um estranho tranco, e o mensageiro apoiou todo o peso do corpo na porta para abri-la. Bourne foi conduzido à sala que já conhecia, decorada com bom gosto, móveis caros, as estantes de livros e o único abajur, que iluminava Santos na sua poltrona enorme.

— Podem ir, meus amigos — disse o homenzarrão. — Apanhem o dinheiro com o embuste e digam a ele para dar cinquenta francos para René e cinquenta para o americano que se diz chamar Ralph e pôr os dois para fora daqui. Eles estão mijando nos cantos... Digam que o dinheiro é do amigo da noite passada, que esqueceu deles.

— Oh, *merda!* — explodiu Jason.

— Você esqueceu, não foi? — Santos sorriu.

— Tinha outras coisas em que pensar.

— Sim, senhor. Sim, Santos! — Os dois mensageiros, em vez de voltar ao quarto dos fundos e ao elevador, abriram uma porta na parede esquerda da sala e saíram. Bourne olhou atônito para a porta.

— Há uma escada que vai dar na cozinha — disse Santos, respondendo à pergunta silenciosa de Bourne. — A porta só pode ser aberta deste lado, não do outro, a não ser por mim... Sente-se, *monsieur* Simon. É meu convidado. Como está a sua cabeça?

— O galo desapareceu, obrigado. — Bourne sentou-se no enorme sofá, afundando nas almofadas. Não era uma posição de autoridade e não era para ser.

— Disseram que você está com a paz no coração.

— É um desejo enorme pelos três milhões, nascido na parte mais avara desse mesmo coração.

— Então o telefonema para Londres foi satisfatório?

— Ninguém podia programar o homem para aquela reação. Existe uma Mulher Serpente que inspira devoção e medo extraordinários em altos níveis — o que significa que essa serpente feminina é muito poderosa.

— Foi o que tentei lhe dizer.

— Aceito sua palavra. Agora vamos recapitular seu pedido, sua exigência, para dizer melhor...

— Minhas restrições — interrompeu Jason.

— Muito bem, suas restrições — concordou Santos. — Você e *só* você deve chegar até o melro, certo?

— Uma condição *sine qua non*.

— Pergunto outra vez, por quê?

— Para ser franco, você já sabe demais, mais do que meus clientes imaginam, mas afinal de contas, nenhum deles esteve a ponto de perder a vida no segundo andar de um café em Argenteuil. Não querem nada com você, nenhuma pista, e nessa área você é vulnerável.

— *Como?* — Santos bateu com a mão fechada no braço da poltrona.

— Um velho em Paris, com ficha criminal, que tentou avisar um membro da Assembléia de que ele ia ser assassinado. Foi *ele* quem mencionou o melro. Foi *ele* quem falou no Coeur du Soldat. Felizmente, *nosso* homem ouviu e passou a informação para meus clientes, mas isso não é tudo. Quantos outros velhos em Paris, nos seus delírios senis, podem mencionar o Coeur du Soldat — *e você?*... Não, você não pode ter nada a ver com meus clientes.

— Nem mesmo por *seu* intermédio?

— Eu desapareço, você não. Mas, para ser franco, acho que você devia pensar em desaparecer também... Aqui está, eu trouxe uma coisa. — Bourne tirou do bolso traseiro da calça um maço de francos preso com um elástico. Atirou o dinheiro para Santos que o apanhou no ar. — Duzentos mil francos por conta — fui autorizado a dar esse sinal. Para uma base de melhores esforços das duas partes. Você me dá a informação que preciso, eu a transmito para Londres e quer o melro aceite ou não a oferta dos meus clientes, você recebe o resto dos três milhões.

— Mas você pode desaparecer antes disso, certo?

— Mande me vigiar, como já está fazendo, mande me seguir até Londres e depois até aqui. Eu telefono dizendo os nomes das companhias aéreas que vou usar. O que pode ser mais justo?

— Uma coisa pode ser mais justa, *monsieur* Simon — disse Santos, levantando o corpo imenso da cadeira e caminhando solenemente para uma mesa de jogo encostada na parede laqueada do apartamento. — Quer vir até aqui, por favor?

Jason foi até a mesa e ficou atônito com o que viu.

— Você faz a coisa completa, não é mesmo?

— Procuro fazer... Oh, não culpe os porteiros do hotel, eles são todos seus. Meu nível é muito mais baixo. Prefiro camareiras e empregados subalternos. Não são tão exigentes e ninguém dá por sua falta se não aparecerem.

Sobre a mesa estavam os três passaportes de Bourne, cortesia de Cactus, em Washington, além da arma e da faca tiradas dele na noite anterior.

— É muito convincente, mas isso não resolve nada.

— Veremos — disse Santos. — Aceito seu dinheiro agora — por meus

melhores esforços —, mas em vez de você voar para Londres, faça Londres voar para Paris. Amanhã de manhã. Quando ele chegar ao Pont-Royal você me telefona, vou dar meu telefone particular, é claro, e fazemos o jogo dos soviéticos, toma lá dá cá, como quando esperam no meio da ponte com um prisioneiro de cada lado. O dinheiro pela informação.

— Você é louco, Santos. Meus clientes não se expõem assim. Acaba de perder o resto dos três milhões.

— Por que não tenta? Eles podem contratar um testa-de-ferro, certo? Um turista inocente com um fundo falso na sua mala Louis Vuitton? Papéis não acionam os alarmes da alfândega. *Tente!* É o único jeito de obter a informação, *monsieur*.

— Vou fazer o possível — disse Bourne.

— Aqui está o número do meu telefone. — Santos apanhou um cartão com o número. — Telefone quando Londres chegar. Enquanto isso, pode estar certo, você *vai* ser vigiado.

— Você é mesmo um cara legal, não é?

— Eu o levo até o elevador.

No quarto escuro, tomando chá, Marie ouvia os sons de Paris lá fora. Dormir não só era impossível, mas insuportável, uma perda de tempo quando cada minuto era importante. Marie havia tomado o primeiro voo de Marselha para Paris e fora diretamente para o Meurice, na rue de Rivoli, o mesmo hotel onde havia esperado — há 13 anos — que um homem ouvisse a voz da razão ou perdesse a vida, destruindo, assim, grande parte da vida dela. Naquela ocasião pedira uma xícara de chá e ele voltou. Agora, pediu uma xícara de chá para o camareiro da noite, esperando, talvez, vagamente, que a repetição do ritual o trouxesse para ela outra vez.

Oh, Deus, era *ele!* Não era ilusão, não era engano, era *David!* Naquela manhã, Marie saiu do hotel e caminhou, seguindo a lista feita no avião, indo de um lugar para o outro, sem nenhuma seqüência lógica, seguindo apenas a ordem em que ia se lembrando dos lugares — sua seqüência pessoal. Era uma lição aprendida com Jason Bourne há 13 anos: *Quando em fuga ou caçando, analise sempre suas opções, mas lembre-se da primeira que lhe vem à mente. É sempre a mais limpa e a melhor. Na maior parte das vezes será a escolhida.* Assim, Marie havia seguido a lista, do cais do Bateau-Mouche, no fim da avenue George V, ao banco na Madeleine... ao Trocadéro. Aí, caminhou pelos terraços, como num transe, procurando uma estátua que não conseguia lembrar, empurrada pelos grupos de turistas e seus guias. As imensas estátuas de repente pareciam todas iguais e Marie sentiu-se ofuscada pelo sol de fim de agosto. Ia sentar num banco de mármore, lembrando-se de outra norma de Bourne. *O descanso é uma arma*, quando viu lá em cima um homem de boné e suéter escuro com decote em V. Ele deu meia-volta e correu para os imponentes degraus de pedra que levavam à avenue George V. Marie

conhecia aquele modo de correr, conhecia melhor do que *ninguém*! Quantas vezes o observara — freqüentemente escondida atrás das arquibancadas — enquanto ele corria na pista da universidade, tentando se libertar das fúrias que o atormentavam. Era *David*! Marie correu atrás dele.

“*David*! David, sou eu!... *Jason*!”

Colidiu com um guia de turistas japoneses. O homem ficou furioso, ela ficou furiosa e abriu caminho entre os orientais, quase todos menores do que ela, mas mesmo podendo ver por cima de suas cabeças, perdeu David de vista. Seu marido desapareceu. *Onde?* Nos jardins? Na rua repleta de gente e de carros que atravessavam a ponte d’Iéna? Pelo amor de Deus, onde?

— *Jason*! — gritou Marie a plenos pulmões. — Jason, volte!

As pessoas olhavam para ela, algumas com simpatia pelos infelizes no amor, outras com desaprovação. Marie desceu os degraus infindáveis até a rua e passou um tempo enorme — quanto tempo? — à procura dele. Finalmente, exausta, tomou um táxi e voltou para o Meurice. Atordoada, entrou no quarto e atirou-se na cama, recusando dar vazão às lágrimas. Não era hora de chorar. Era hora de um breve descanso e de uma refeição. Precisava recuperar as energias, lição de Jason Bourne. Depois, de volta às ruas, continuaria a procura. Ali deitada, olhando para a parede, sentiu um aperto no peito, nos pulmões, talvez, acompanhado por uma sensação de alegria passiva. Assim como estava à procura de David, *ele* estava à procura dela. Seu marido não tinha fugido, Jason Bourne não estava fugindo. Nenhuma das partes do mesmo homem podia tê-la visto naquela manhã. Havia outra razão para aquela descida precipitada no Trocadéro, mas só havia uma razão para David estar lá. Ele também estava procurando as lembranças de Paris há 13 anos. Ele também sabia que em algum lugar daquelas lembranças a *encontraria*.

Marie descansou pediu almoço no quarto e depois voltou às ruas.

Agora, tomando o chá, mal podia esperar o nascer do dia. Outro dia de procura.

— Bernardine!

— *Mon Dieu*, são quatro horas da manhã, portanto suponho que queira dizer alguma coisa muito importante para este velho de 70 anos.

— Estou com um problema.

— Acho que você tem muitos problemas, mas talvez esse seja maior. O que é?

— Estou tão perto quanto poderia estar, mas preciso de um “homem de ponta”.

— Por favor, fale inglês mais claro, ou francês, se quiser. Deve ser uma expressão americana, esse tal “homem de ponta”. Vocês têm uma porção de frases esotéricas. Acho que alguém fica sentado em Langley, só inventando esses mistérios.

— Ora vamos, não tenho tempo para seus *bon mots*.

— Ora vamos você, meu amigo. Não estou querendo ser engraçado, estou só tentando acordar... *Pronto*, meus pés estão no chão e o cigarro na minha boca.

Agora, do que se trata?

— Meu contato com o Chacal quer que um inglês voe de Londres para Paris esta manhã, com dois milhões e oitocentos mil francos...

— Muito menos do que você tem à sua disposição, suponho — interrompeu Bernardine. — O Banque Normandie ajeitou tudo, certo?

— Certo. O dinheiro está no banco, e aquele seu Tabouri é um encanto. Tentou me vender terrenos em Beirute.

— Aquele Tabouri é um ladrão — mas Beirute é interessante.

— *Por favor.*

— Desculpe. Continue.

— Estou sendo vigiado, portanto não posso ir ao banco e não tenho nenhum inglês para levar ao Pont-Royal o que não posso apanhar.

— É *esse* o seu problema?

— Sim, é esse.

— Está disposto a gastar, digamos, 50 mil francos?

— Para quê?

— Tabouri.

— Acho que sim.

— Você assinou alguns papéis, é claro.

— É claro.

— Pois assine outro, escrito do próprio punho e com sua assinatura, uma ordem de pagamento para — espere um pouco, tenho de ir até minha mesa. — Fez-se silêncio na linha enquanto Bernardine foi até a sala. — *Alô?*

— Estou aqui.

— Ah, isto é uma beleza — disse o ex-especialista do Deuxième. — Eu o afundei com veleiro e tudo nos rochedos de Costa Brava. Os tubarões fizeram um banquete, ele era tão gordo e apetitoso! O nome é Antonio Scarzi, da Sardenha, um homem que trocava informação por drogas, mas você não sabe nada disso, é claro.

— É claro. — Bourne repetiu o sobrenome, soletrando.

— Correto. Feche o envelope, passe a ponta do lápis ou da caneta no seu polegar e aperte o dedo sobre a parte colada. Depois, entregue ao recepcionista para o Sr. Scarzi.

— Compreendi. E o inglês? Esta manhã? Daqui a algumas horas.

— O inglês não é problema, mas a manhã é — as poucas horas. Trata-se da simples transferência de fundos de um banco para outro — botões são apertados, computadores verificam os dados e puf, os números aparecem no papel. É outra coisa retirar quase três milhões em dinheiro, e seu contato na certa não vai aceitar libras ou dólares, com medo de ser apanhado trocando ou depositando o dinheiro. Acrescente a isso o problema de conseguir tudo em notas grandes para fazer um

volume que passe despercebido na alfândega... Seu contato, *mon ami*, deve estar a par dessas dificuldades.

Jason olhou para a parede, pensando no que Bernardine dizia.

— Acha que ele está me testando?

— Só pode estar.

— O dinheiro pode ser retirado dos departamentos estrangeiros de vários bancos. Um pequeno avião particular pode atravessar o canal, aterrissar num pasto qualquer onde um carro o espera, para trazer o homem a Paris.

— *Bien*. É claro. Entretanto, essas logísticas exigem tempo, até para as pessoas mais influentes. Não deixe que pareça muito simples, isso seria suspeito. Mantenha seu contato informado do progresso da operação, enfatizando o segredo, o risco de exposição, explique as demoras. Se não houver nenhuma, ele pode desconfiar de uma armadilha.

— Eu compreendo. No fim, tudo se resume ao que você acaba de dizer. Não faça parecer muito fácil, do contrário ele não acredita.

— Tem mais, *mon ami*. O camaleão pode ser muitas coisas à luz do dia, mas está mais seguro à noite.

— Esqueceu alguma coisa — disse Bourne. — E o inglês?

— Até logo, meu chapa — disse Bernardine.

A operação correu com a suavidade de todas as operações engendradas por Jason ou assistidas por ele, graças talvez à habilidade de um homem talentoso, que se ressentia de ter sido obrigado a se aposentar cedo demais. Enquanto Bourne dava vários telefonemas para Santos, descrevendo o progresso, Bernardine mandou alguém apanhar o envelope no hotel de Jason e combinou um encontro com *monsieur* Tabouri. Um pouco depois das quatro e meia da tarde, o veterano do Deuxième entrou no Pont-Royal com um terno escuro risca-de-giz, tão obviamente britânico que parecia gritar Savile Row. Foi até o elevador e depois de errar duas vezes o caminho, chegou ao quarto de Bourne.

— Aqui está o dinheiro — disse ele, pondo a pasta no chão e dirigindo-se diretamente para o bar do quarto. Apanhou duas garrafas miniaturas de gim Tanqueray, abriu e passou o conteúdo para um copo de limpeza duvidosa.

— *A votre santé*. — Tomou a metade do gim, respirou fundo pela boca, e tomou o resto. — Há anos não faço nada parecido.

— Verdade?

— Francamente, não. Outros faziam essas coisas para mim. É perigoso demais... De qualquer modo, Tabouri será grato a você pelo resto da vida e, para ser franco, ele me convenceu a ver alguns terrenos em Beirute.

— O quê?

— É claro que eu não tenho seus recursos, mas uma porcentagem de quarenta

anos dos *les fonds de contingence* foi enviada para Genebra, em meu nome. Não sou um homem pobre.

— Será um homem morto se o apanharem saindo do hotel.

— Ah, mas eu não vou sair — disse Bernardine, abrindo outra vez a pequena geladeira. — Vou ficar neste quarto até você terminar seu negócio. — François abriu mais duas garrafinhas e esvaziou-as no copo. — Agora talvez meu velho coração comece a bater mais devagar — acrescentou, aproximando-se da pequena escrivaninha. Pôs o copo sobre o mata-borrão e tirou duas automáticas e três granadas dos bolsos, enfileirando tudo na frente do copo. — Sim, agora vou descansar.

— Que diabo é isso — essas *coisas*? — exclamou Jason.

— Acho que vocês, americanos, chamam de repressão — respondeu Bernardine. — Para ser franco, na minha opinião, vocês e os soviéticos estão se masturbando quando gastam tanto dinheiro em armamentos que não funcionam. Eu sou de outra era. Quando você sair para tratar do seu negócio, deixe a porta aberta. Quem aparecer nesse corredor estreito vai ver uma granada na minha mão. Não é uma abstração nuclear, isso é repressão.

— Concordo — disse Bourne, indo até a porta. — Quero acabar logo com isto.

Na rue Montalembert, Jason andou até a esquina, e como tinha feito na velha fábrica em Argenteuil, encostou na parede e acendeu um cigarro. Esperou, aparentando calma, com a mente funcionando a mil.

Um homem apareceu na rue du Bac, transversal à Montalembert e caminhou para ele. Era o mensageiro tagarela da noite anterior e aproximou-se com a mão no bolso.

— Onde está o dinheiro? — perguntou o homem em francês.

— Onde está a informação? — perguntou Bourne.

— Primeiro o dinheiro.

— O combinado não foi isso. — Bruscamente, Jason segurou a lapela do homem de Argenteuil, levantando-o do chão. Com a outra mão apertou o pescoço do mensageiro, enfiando os dedos na carne. — Volte e diga para Santos que ele acaba de ganhar uma viagem de ida para o inferno. Não faço *negócio* desse jeito.

— *Chega!* — disse uma voz baixa, na esquina, à direita de Jason. Santos aproximou-se dos dois. — Solte o homem, Simon. Ele não é nada. Agora somos só nós dois.

— Pensei que você nunca saía do Coeur du Soldai.

— Você mudou isso, não mudou?

— Aparentemente. — Bourne soltou o mensageiro, e o homem olhou para Santos e depois fugiu correndo.

— Seu inglês chegou — disse Santos quando ficaram sozinhos. — Tinha uma

valise. Eu mesmo vi.

— Ele chegou com uma valise — concordou Bourne.

— Então Londres capitulou, não? Londres está muito ansiosa.

— Tem muita coisa em jogo, é tudo que posso dizer. A informação, por favor.

— Primeiro, vamos definir novamente a estratégia, certo?

— Já definimos várias vezes... Você me dá a informação, meu cliente manda verificar e se eu conseguir um contato satisfatório, trago o resto dos três milhões de francos.

— Você fala em “contato satisfatório”. O que vai ser satisfatório para você? Como vai saber que é um contato firme? Como *eu* vou saber se não vai dizer que não foi satisfatório para não me pagar, quando, na verdade, conseguiu o que seus clientes queriam?

— Você é um cara desconfiado, não é?

— Oh, *muito* desconfiado. O nosso mundo, Sr. Simon, não é povoado por santos, é?

— Talvez em maior número do que pode imaginar.

— Pois isso me surpreenderia. Por favor, responda às minhas perguntas.

— Tudo bem. Vou tentar... Como vou saber se o contato é firme? Isso é fácil. Vou *saber* simplesmente porque é parte do meu trabalho. Para isso sou pago, e um homem na minha posição não comete enganos desse tipo e vive para se desculpar. Eu refinei o processo, fiz minhas pesquisas e vou fazer duas ou três perguntas também. E então saberei — se é firme ou não.

— Uma resposta um tanto vaga.

— No nosso mundo, Sr. Santos, ser vago nem sempre é uma qualidade negativa, certo?... Quanto à sua preocupação de enganá-lo para ficar com seu dinheiro, posso garantir que não cultivo inimigos como você e a rede que você e seu melro controlam, assim como não faço dos meus clientes inimigos. Isso seria loucura e uma vida muito mais curta.

— Admiro sua perspicácia e sua cautela — disse o intermediário do Chacal.

— As estantes de livros não mentiram. É um homem instruído.

— Isso não quer dizer nada, mas tenho algumas credenciais. Aparências podem ser um empecilho ou uma vantagem... O que vou dizer agora, Sr. Simon, é do conhecimento apenas de quatro homens no mundo inteiro, e os quatro falam francês fluentemente. Como vai usar a informação não me interessa. Porém, se fizer a menor menção a Argenteuil eu vou saber e você não sairá vivo do Pont-Royal.

— O contato pode ser feito assim rapidamente?

— Por meio de um número de telefone. Mas só deve telefonar no mínimo uma hora depois de nos separarmos. Se telefonar antes, também vou saber, e repito, será um homem morto.

— Uma hora. Combinado... Só mais três pessoas têm esse número? Por que não escolher o nome de uma delas, a que você gosta menos, para que eu possa citar — se for necessário?

Santos permitiu-se um leve sorriso inexpressivo.

— “Moscou” — disse com voz suave. — Lá em cima, na Praça Dzerzhinsky.

— O KGB?

— O melro está formando uma equipe em Moscou, sempre Moscou, é uma obsessão.

Ilich Ramirez Sanchez, pensou Jason. *Treinado em Novgorod. Despedido pelo Komitet como um maníaco. O Chacal!*

— Não vou esquecer — se precisar. O número, por favor.

Santos repetiu duas vezes o número e as palavras que Bourne devia dizer. Falou lentamente, obviamente impressionado com o fato de Jason não escrever nada.

— Está tudo claro?

— Indelevelmente, sem papel ou lápis... Se tudo correr como eu espero, como quer que eu mande o dinheiro?

— Telefone, tem meu número. Eu deixarei Argenteuil e me encontro com você. E nunca mais volto para Argenteuil.

— Boa sorte, Santos. Algo me diz que você merece.

— Ninguém merece tanto quanto eu. Bebi cicuta vezes sem conta.

— Sócrates — disse Jason.

— Não diretamente. *Diálogo* de Platão, para ser exato. *Au revoir*.

Santos afastou-se e Bourne, com o coração aos saltos, voltou para o Pont-Royal, controlando-se desesperadamente para não correr. *Um homem correndo é objeto de curiosidade, um alvo*. Lição dos cantos de Jason Bourne.

— *Bernardine!* — gritou, correndo pelo estreito corredor, vendo a porta aberta e o homem sentado à escrivaninha com uma granada na mão esquerda e uma arma na direita. — Largue essas ferramentas, descobrimos ouro!

— Quem está pagando? — perguntou o veterano do Deuxième quando Jason fechou a porta.

— Eu — respondeu Bourne. — Se tudo sair como espero, sua conta em Genebra vai crescer bastante.

— Não estou fazendo isto por dinheiro, meu amigo. Nunca me passou pela cabeça.

— Eu sei, mas uma vez que estamos distribuindo francos como se fossem fabricados na nossa garagem, por que você não vai ter sua parte?

— Não posso discutir isso também.

— Uma *hora* — disse Jason. — Quarenta e três minutos agora, para ser exato.

— Para quê?

— Para descobrir se é real, *real* de verdade. — Bourne atirou-se na cama com os braços cruzados sob a nuca, os olhos brilhantes. — Escreva aí, François — Jason disse o número dado por Santos. — Compre, suborne ou ameace qualquer contato de alto nível que você tiver no serviço telefônico de Paris, e localize este número.

— Não é um pedido tão caro...

— É sim — disse Bourne. — Ele o mantém guardado, inviolado, não podia ser de outro modo. Só quatro pessoas em toda a sua rede de operação têm esse número.

— Então talvez seja melhor não procurar no mais alto nível e sim mais perto do chão, na verdade, no subterrâneo. Nos túneis do serviço telefônico sob as ruas.

Jason virou rapidamente a cabeça para Bernardine.

— Eu não tinha pensado nisso.

— Por que ia pensar? Você não é do Deuxième. A fonte são os técnicos, não os burocratas... Eu conheço alguns. Vou procurar um deles e dar um telefonema discreto esta noite...

— Esta noite? — interrompeu Bourne, erguendo-se na cama.

— Vai custar uns mil francos, mas você terá a localização do telefone.

— Não posso esperar, até a noite.

— Então será mais arriscado tentar falar com o homem durante o horário de trabalho. Esses técnicos são monitorados, ninguém confia em ninguém na telefônica. É o paradoxo socialista. Dê responsabilidade às forças trabalhadoras, mas nenhuma autoridade.

— *Espere* um pouco! — disse Jason. — Você tem os números dos telefones das casas deles, não tem?

— Estão no meu livro de telefones. Eles não têm números privados.

— Mande as mulheres deles telefonarem. Uma emergência. Um pelo menos deve ir para casa.

Bernardine fez um gesto afirmativo.

— Nada mau, meu amigo. Nada mau.

Os minutos transformaram-se em quartos de hora, enquanto o homem do Deuxième trabalhava, obsequioso, com promessas de recompensa para as mulheres dos técnicos da telefônica. Duas desligaram zangadas, três recusaram com palavras de baixo calão, desconfiadas, mas a sexta disse, entre palavrões, “Por que não?” Desde que o rato do seu marido compreendesse que o dinheiro era dela. A hora passou e Jason saiu do hotel, andando devagar, calmamente e atravessou quatro ruas antes de encontrar um telefone público no Quai Voltaire, ao lado do Sena. O manto escuro da noite pairava sobre Paris, as luzes dos barcos e das pontes cintilavam. Respirando fundo, com um autocontrole que jamais julgaria possível, Jason aproximou-se da cabine vermelha. Ia dar o telefonema mais importante da sua vida, mas não podia deixar que o Chacal soubesse disso, se é que se tratava realmente do

Chacal. Entrou na cabine, colocou a moeda e discou o número.

— Sim? — Uma voz de mulher, o *oui* francês áspero e brusco. Uma parisiense.

— Melros voam em círculos no céu — disse Bourne, repetindo as palavras de Santos, em francês. — Fazem muito barulho, menos um. Ele é silencioso.

— De onde está telefonando?

— Daqui de Paris, mas não sou de Paris.

— De onde, então?

— Onde os invernos são muito mais frios — respondeu Jason, sentindo o suor brotar na testa. Controle. *Controle-se!* — Preciso falar com o melro urgentemente.

Fez-se silêncio na linha, um vazio sônico, e Bourne parou de respirar. Então a voz, baixa, firme, tão vazia quanto o silêncio. — Falamos com um moscovita?

O *Chacal!* Era o Chacal! O francês suave e rápido não escondia o leve sotaque latino.

— Eu não disse isso — respondeu Bourne, no dialeto francês que usava freqüentemente, com um traço gutural de gascão. — Eu só disse que os invernos são mais frios que os de Paris.

— Quem está falando?

— Alguém que é considerado por alguém que o conhece suficientemente importante para saber este número e as palavras certas. Posso lhe oferecer o maior contato da sua carreira, da *sua vida*. O pagamento é imaterial — peça quanto quiser —, mas as pessoas que pagam estão entre os homens mais poderosos dos EUA. Controlam grande parte da indústria americana, bem como as instituições financeiras do país e têm acesso direto aos centros nervosos do governo.

— É também um telefonema muito estranho. Nada ortodoxo.

— Se não está interessado, eu esqueço este número e vou procurar em outro lugar. Sou apenas um agente. Basta dizer sim ou não.

— Não me comprometo com coisas que não conheço, com pessoas das quais nunca ouvi falar.

— Reconheceria os postos que ocupam, se eu tivesse liberdade para revelá-los. Entretanto, não estou procurando um compromisso, apenas seu interesse, por enquanto. Se a resposta for sim, posso revelar mais. Se for não, bem, eu tentei, mas sou obrigado a procurar em outro lugar. Os jornais dizem que ontem ele estava em Bruxelas. Eu o encontrarei. — Ouviu uma exclamação abafada quando mencionou Bruxelas e o não-citado Jason Bourne. — Sim, ou não, melro?

Silêncio. Finalmente o Chacal falou:

— Telefone de novo dentro de duas horas — ordenou, desligando.

Estava *feito!* Jason encostou a cabeça na parede da cabine com o suor descendo pelo rosto e pelo pescoço. O Pont-Royal. Precisava voltar para Bernardine!

— Era Carlos! — disse ele, fechando a porta e dirigindo-se para o telefone ao lado da cama, enquanto tirava do bolso o cartão de Santos. Discou e logo atenderam.

— O melro confirmou — disse Jason. — Dê-me um nome, qualquer nome. — A pausa foi breve. — Já entendi. A mercadoria vai ser deixada com o recepcionista. Fechada e selada. Conte e depois mande meus passaportes. Mande seu melhor homem apanhar tudo e suspenda a vigilância. Eles podem levar um melro até você. — Jason desligou e voltou-se para Bernardine.

— O telefone é do décimo quinto *arrondissement* — disse o veterano do Deuxième. — Nosso homem sabia isso, ou pelo menos, supôs que devia ser, logo que eu lhe dei o número.

— O que ele vai fazer?

— Voltar para os túneis e conseguir a informação completa.

— Vai ligar para cá?

— Por sorte ele tem uma moto. Disse que estará de volta ao trabalho em dez minutos mais ou menos e dentro de uma hora telefona para cá.

— Perfeito!

— Não completamente. Ele quer 5 mil francos.

— Podia ter pedido dez vezes mais... O que significa “dentro de uma hora”? Quanto tempo falta para completar essa hora?

— Você demorou uns trinta minutos, 35 talvez, e ele falou comigo logo que você saiu. Eu diria que vai telefonar dentro de meia hora.

O telefone tocou. Vinte segundos depois tinham o endereço na avenue Lefebvre.

— Eu já vou — disse Jason Bourne, apanhando a automática de Bernardine que estava sobre a mesa e guardando duas granadas nos bolsos. — Você se importa?

— À vontade — respondeu o Deuxième, tirando a outra arma do cinto. — Paris está tão cheia de batedores de carteira que a gente deve levar sempre uma defesa... Mas para quê?

— Tenho pelo menos duas horas e quero fazer um reconhecimento.

— *Sozinho?*

— De que outro modo? Se pedirmos ajuda, eu me arrisco a levar um tiro ou passar o resto da vida na cadeia, pelo assassinato na Bélgica com o qual não tive ligação alguma.

Ex-juiz do tribunal do primeiro circuito em Boston, o antes Meritíssimo Brendan Patrick Prefontaine observou o desconsolado e choroso Randolph Gates, sentado no sofá do Ritz-Carlton, o rosto nas mãos.

— Oh, Cristo, como os poderosos caem com um baque surdo e final — observou Brendan, servindo-se de *bourbon on the rocks*. — Então, você foi

apanhado na armadilha, Randy. Estilo francês. Seu cérebro ágil e sua presença imperial em nada o ajudaram quando você viu *Paree*, hein? Devia ter ficado “na fazenda”, soldadinho.

— Meu Deus, Prefontaine, você não sabe o que passei! Eu estava organizando um cartel — Paris, Bonn, Londres e Nova York, com os mercados de trabalho do Extremo Oriente — um empreendimento que valia bilhões, quando fui tirado do Plaza Athénée e levado para um carro, *com os olhos vendados*. Então, me puseram num avião e me mandaram para Marselha, onde aconteceram as coisas mais horríveis. Prenderam-me num quarto e começaram a me injetar drogas — durante seis semanas! Eles me levavam mulheres, filmavam — eu não era mais *eu*!

— Talvez fosse o “eu” que você não conhecia, Dandy Boy. O mesmo que aprendeu a reconhecer a gratificação instantânea, se estou usando a frase certa. Consegue lucros enormes para seus clientes, no papel, que eles negociam nas bolsas, enquanto milhares de empregos são perdidos pelos compradores. Oh, sim, meu caro realista, a tal gratificação instantânea.

— Está *errado*, juiz...

— É tão bom ouvir isso outra vez. Obrigado, Randy.

— Os sindicatos fortaleceram-se demais. A indústria estava sendo prejudicada. Muitas companhias mudaram-se para o exterior para sobreviver!

— E para não negociar? Por estranho que pareça, talvez você tenha razão em parte, mas jamais considerou a alternativa... Não importa, estamos fugindo do assunto. Você saiu da prisão em Marselha como um viciado em drogas — e naturalmente havia os filmes do insigne advogado em situações comprometedoras.

— O que eu podia *fazer*? — exclamou Gates. — Eles me arruinaram!

— Sabemos o que você fez. Tornou-se o homem de confiança desse Chacal no mundo das altas finanças, um mundo onde a competição é bagagem indesejável que se deve perder no caminho.

— Foi como ele me encontrou, para começar. O cartel que estávamos formando era contrário aos interesses dos japoneses e dos taiwaneses. Eles o contrataram... Oh, meu Deus, ele vai me *matar*!

— Outra vez? — perguntou o juiz.

— O quê?

— Está esquecendo. Ele pensa que você já está morto — graças a mim.

— Tenho casos para tratar, uma audiência do Congresso na próxima semana. Ele vai saber que estou vivo!

— Não se você não aparecer.

— Mas *preciso*! Meus clientes esperam...

— Então eu concordo — interrompeu Prefontaine. — Ele vai matá-lo. Eu sinto muito, Randy.

— O que vou *fazer*?

— Há uma saída, Dandy Boy, não só para o dilema atual, mas também para o futuro. É claro, vai exigir algum sacrifício da sua parte. Para começar, uma longa convalescença num centro de reabilitação, mas antes disso, sua colaboração completa agora. O primeiro significa seu desaparecimento imediato. O segundo — a captura e eliminação de Carlos, o Chacal. Você ficará livre, Randy.

— *Qualquer coisa!*

— Como podemos encontrá-lo?

— Tenho um número de telefone! — Gates tirou a carteira do bolso e com dedos trêmulos procurou na parte mais funda. — Só quatro pessoas têm esse número!

Prefontaine aceitou seus primeiros 20 mil dólares por hora, mandou Randy voltar para casa, pedir perdão a Edith e preparar-se para deixar Boston no dia seguinte. Brendan tinha ouvido falar de um centro de reabilitação particular em Minneapolis, onde os ricos conservavam o anonimato. Verificaria os detalhes no dia seguinte e telefonaria para Gates, naturalmente esperando os honorários da consulta. Assim que Gates, abatido, saiu do quarto do hotel, ele ligou para John St. Jacques no Hotel Tranqüilidade.

— John, é o juiz. Não faça perguntas, mas tenho informação urgente que pode ser valiosa para o marido da sua irmã. Sei que não posso falar com ele, mas sei também que ele se comunica com alguém em Washington...

— O nome é Alex Conklin — interrompeu St. Jacques. — Espere um pouco, juiz, Marie anotou o número no mata-borrão da minha mesa. Vou verificar. — O juiz ouviu o telefone ser colocado sobre a mesa e logo St. Jacques apanhou outro. — Aqui está. — O irmão de Marie disse o número.

— Depois explico tudo. Obrigado, Johnny.

— Droga, todo mundo me diz isso — disse St. Jacques. Prefontaine discou o número com código de Virgínia. O telefone foi atendido com um “Sim?” breve e brusco.

— Sr. Conklin, meu nome é Prefontaine e John St. Jacques me deu seu telefone. O que tenho para lhe dizer é urgente.

— É o juiz — disse Alex.

— Diga isso no passado, infelizmente. Muito passado.

— O que há?

— Eu sei como falar com o homem que você chama de Chacal.

— O *quê*?

— Escute o que vou dizer.

Bernardine olhou para o telefone que estava tocando, pensando se devia ou não atender. Não havia dúvida, tinha de atender.

— Sim?

— Jason? É você, não é?... Talvez tenham ligado para o quarto errado.

— *Alex*? É você?

— François. O que está fazendo aí? Onde está Jason?

— As coisas aconteceram muito depressa. Eu sei que ele está tentando falar com você.

— Foi um dia muito duro. Panov está de volta.

— Isso é uma boa notícia.

— Tenho outra. Um número de telefone do Chacal.

— Nós *temos*! E a localização! Nosso homem saiu há uma hora.

— Pelo amor de Deus, como vocês conseguiram?

— Um processo complicado que só podia ter sido negociado pelo nosso homem. Ele é brilhante, imaginativo, um verdadeiro *caméléon*.

— Vamos comparar. Qual é o seu?

Bernardine disse o número que havia anotado seguindo instruções de Bourne.

O silêncio no telefone era um brado.

— São diferentes — disse Alex, afinal, com voz embargada. — São *diferentes*!

— Uma armadilha — disse o veterano do Deuxième. — Santo Deus, é uma *armadilha*!

BOURNE PASSOU duas vezes pela fileira de casas antigas de pedra na avenue Lefebvre, na área decadente do décimo quinto *arrondissement*. Voltou então para a rue d'Alésia e encontrou um café ao ar livre. Com as mesas na calçada, as velas tremulando sob os vidros, o café estava cheio de estudantes irrequietos e muito falantes da Sorbonne próxima e de Montparnasse. Eram quase dez horas e os garçons de avental começavam a se irritar. A maioria dos fregueses não era muito generosa, nem de coração, nem de bolso. Jason queria só um expresso forte, mas a carranca do garçom convenceu-o de que ia tomar lama se pedisse só café, portanto pediu a bebida mais cara de que se lembrou.

Quando o garçom foi apanhar a bebida no bar, Jason tirou do bolso seu bloquinho de notas e a caneta, fechou os olhos por um momento, depois abriu-os e desenhou tudo que conseguiu lembrar da fileira de casas. Havia três estruturas com duas casas geminadas cada uma, separadas por duas passagens estreitas. Cada casa geminada tinha três andares e degraus íngremes de tijolos na frente. Em cada extremidade da vila havia terrenos baldios cheios de lixo, restos da demolição de casas próximas. O endereço do telefone secreto do Chacal — o endereço que constava da lista, nos túneis, para fins de concerto — era o último conjunto de casas da direita, e não precisava muita imaginação para saber que ele devia ocupar as duas, se não todas as daquela fileira.

Carlos colocava acima de tudo a própria proteção, assim era de se supor que seu posto de comando em Paris fosse uma fortaleza, guardada por todos os meios de segurança humanos e eletrônicos que a lealdade e a alta tecnologia podem fornecer. E aquela parte do décimo quinto *arrondissement* aparentemente isolada, quase deserta, era ideal para esse fim. Por isso, na sua primeira passagem pela frente da casa, Bourne pagou um bêbado vagabundo para caminhar com ele, acompanhando-o com seu passo fingidamente claudicante pela rua. Da segunda vez, pagou uma prostituta de meia-idade e substituiu o suposto defeito na perna por um passo ágil e decidido. Agora conhecia o terreno, não era muito, apenas o começo do fim. Era o *juramento* que fazia a si mesmo.

O garçom serviu o expresso e o conhaque. Quando Bourne pôs uma nota de 100 francos sobre a mesa, e indicou com um aceno que não queria troco, uma expressão neutra substituiu a hostilidade no rosto do homem.

— *Merci* — disse ele num resmungo.

— Tem algum telefone por perto? — perguntou Bourne, tirando do bolso uma

nota de dez francos.

— Nesta mesma rua, a uns cinqüenta ou sessenta metros — respondeu o garçom com os olhos pregados no dinheiro.

— Nenhum mais perto? — Jason tirou outra nota, desta vez de vinte francos. — Vou telefonar para uma casa aqui perto.

— Venha comigo — disse o garçom, apanhando o dinheiro e conduzindo Bourne até a mulher da caixa que estava sentada numa banquetta alta, ao fundo do café. A mulher pálida e magra olhou irritada para Bourne, certamente pensando que ele ia fazer alguma reclamação.

— Ele quer usar seu telefone — disse o garçom.

— Por quê? — perguntou a megera secamente. — Para falar com a *China*?

— Vai telefonar para uma das casas desta rua. Ele paga. Jason tirou uma nota de dez francos do bolso, olhando com ar inocente para a mulher desconfiada.

— *Tá*. Telefone — disse ela, tirando o aparelho da prateleira, sob a caixa registradora, e apanhando o dinheiro. — O fio é comprido, pode ir até a parede, como todos fazem. *Homens!* Negócios e cama, só pensam nisso!

Bourne discou para o Pont-Royal e mandou ligar para seu quarto, esperando que Bernardine atendesse no primeiro toque. No terceiro, ficou preocupado, no oitavo profundamente perturbado. Bernardine não estava no hotel! Teria *Santos*...? Não, o veterano do Deuxième estava armado e sabia usar sua “repressão” — haveria um tiroteio ou mais do que isso, o quarto seria destruído por uma granada. Bernardine tinha saído por vontade própria. *Por quê?*

Os motivos podiam ser vários, pensou Bourne, devolvendo o telefone e voltando para sua mesa na calçada. O primeiro e mais desejado seriam notícias de Marie. O velho agente não quis criar falsas esperanças descrevendo com detalhes as redes que havia espalhado pela cidade para localizá-la, mas elas estavam funcionando, Jason tinha certeza... Bourne não conseguiu pensar em outro motivo e achou melhor esquecer Bernardine naquele momento. Tinha outro compromisso, o mais urgente da sua vida. Voltou ao café forte e ao seu bloco de notas. Cada detalhe devia ser exato.

Uma hora depois Bourne terminou o café, tomou um gole de conhaque e jogou o resto na calçada, sob a toalha da mesa. Deixou o café e a rue d’Alésia, virou para a direita e andando devagar como um velho, seguiu na direção da avenue Lefebvre. A medida que se aproximava da última esquina percebia que se intensificavam os sons erráticos e ondulantes que pareciam vir de todas as direções. *Sirenas!* As sirenas de duas notas da polícia de Paris! O que tinha acontecido? O que estava *acontecendo*? Abandonando o andar arrastado de velho, Jason correu até o ângulo do prédio na frente da avenue Lefebvre e da fileira de casas de pedra. Imediatamente foi dominado por uma combinação terrível de choque, fúria, espanto e pânico. O que

eles estavam *fazendo*?

Cinco radiopatrulhas convergiram para as casas de pedra, e pararam, cantando os pneus, na frente da primeira à direita. Apareceu então um furgão preto da polícia que estacionou na outra entrada, com o holofote iluminando a casa, enquanto um grupo de homens com uniformes negros, empunhando suas automáticas, tomavam posições estratégicas, semi-protegidos pelos carros — preparavam-se para invadir!

Idiotas. Malditos *idiotas*! Alertar Carlos era perder o Chacal! Matar era sua profissão, escapar, sua obsessão. Há 13 anos haviam dito que o refúgio enorme de Carlos, nas montanhas de Vitry-sur-Seine, nos arredores de Paris, tinha mais paredes e escadas falsas do que o castelo de um nobre, no Loire, no tempo de Luís XIV. O fato de ninguém saber exatamente onde ficava, ou o nome do proprietário, não diminuía o valor da informação. Assim, era lógico supor que os três conjuntos separados de casas, na avenue Lefebvre, tivessem túneis interligados para o caso de fuga.

Pelo amor de Deus, quem tinha *feito* aquilo? Um erro tremendo fora cometido? Bourne e Bernardine haviam cometido a estupidez de pensar que o Deuxième *ou* o departamento da CIA, em Paris, ia deixar de instalar escutas no seu telefone do Pont-Royal ou subornar os telefonistas do hotel? Mas nesse caso, Bourne e Bernardine tinham razão. Era quase impossível grampear um telefone num hotel relativamente pequeno, em tão pouco tempo, sem ser notado. A tecnologia exigia um estranho no local, e o suborno oferecido seria suplantado pela generosidade da pessoa vigiada. *Santos*? O contato do Chacal não ia *delatar* a Carlos, especialmente depois de libertar-se do contrato com ele. *Quem? Como?* A pergunta incendiava a mente de Bourne enquanto assistia com horror e desalento à cena na avenue Lefebvre.

— *Por ordem da polícia, todos os residentes devem abandonar o prédio.* — As palavras, ditas no alto-falante, ecoaram metalicamente por toda a rua. — *Têm um minuto antes de começarmos o ataque.*

Que *ataque*? gritou Bourne no silêncio da sua mente. Você *o perdeu*. Eu o perdi. Isso é loucura. *Quem? Por quê?*

A porta no topo dos degraus de tijolos na casa da direita abriu-se. Um homem apavorado, pequeno, obeso, de camiseta e suspensórios caminhou cautelosamente para a luz dos holofotes, as mãos protegendo os olhos, virando a cabeça para evitar a claridade.

— O que há, senhores? — gritou ele com voz trêmula. — Sou apenas um padeiro — um *bom* padeiro — e não sei nada sobre esta rua, a não ser que o aluguel é barato! Isso é crime?

— Não é o senhor que queremos — disse a voz no alto-falante.

— Não é a mim que querem? Vocês chegam como um exército, assustando minha mulher e meus filhos e dizem que não é a mim que querem? Que negócio é

esse? Será que vivemos no meio de *fascistas*? *Depressa!* pensou Jason. *Pelo amor de Deus, andem depressa! Cada segundo é um minuto de vantagem, uma hora para o Chacal!*

Abriu-se então a porta da casa da direita e apareceu uma freira com hábito negro. Ficou de pé em atitude de desafio e com voz tonitruante, sem o menor sinal de medo, disse:

— Como se *atrevem!* Como ousam perturbar a hora das vésperas. Deviam estar pedindo perdão por seus pecados ao invés de interromper quando pedimos perdão a *Deus* pelos nossos!

— Falou muito bem, irmã — disse o policial no alto-falante. — Mas temos certas informações e insistimos respeitosamente em revistar sua casa. Se recusar, cumprimos nossas ordens, respeitosamente, é claro.

— Somos as Irmãs de Caridade Madalenas! — exclamou a freira. — Esta é a casa sacrossanta de mulheres devotadas a Cristo!

— Respeitamos a sua posição, irmã, mas vamos entrar assim mesmo. Se o que diz é verdade, estou certo de que as autoridades farão uma generosa contribuição à sua causa.

Estão perdendo tempo, pensou Bourne, Ele está fugindo!

— Que suas almas sejam condenadas ao inferno por isso, por essa invasão do solo sagrado!

— *Será mesmo, irmã?* — disse outra voz no alto-falante. — Acho que não há nada nos cânones da igreja que lhe dê o direito de condenar nossas almas ao inferno por tão pouca coisa... Vá em frente, *monsieur* inspetor. Sob o hábito talvez o senhor encontre lingerie mais apropriada para o Faubourg.

Bourne conhecia aquela voz! Era Bernardine! O que tinha acontecido? Bernardine não era um amigo, afinal? Seria tudo uma encenação, a habilidade de um traidor consumado? Nesse caso, ia haver outra morte naquela noite!

A equipe antiterrorista, com seus uniformes negros e suas armas automáticas, correu para a base dos degraus de tijolos, os policiais bloquearam as extremidades norte e sul da avenue Lefebvre, e as luzes vermelhas e azuis das radiopatrulhas girando constantemente transmitiram o aviso, *afastem-se da área*.

— Posso *entrar?* — perguntou o padeiro.

Ninguém respondeu, e o homem obeso correu para dentro, segurando a cintura da calça. Um policial sem uniforme, o líder da operação, juntou-se aos seus homens na calçada ao lado dos degraus. A um sinal seu, subiram e passaram pela porta que a freira segurava aberta em atitude de desafio.

Jason ficou imóvel no canto do prédio, colado à parede de pedra, com o suor descendo da testa, os olhos pregados na cena incompreensível. Ele sabia *quem*, mas *por quê?* Seria verdade? O homem em quem ele e Alex Conklin confiavam, seria

outro par de olhos e ouvidos do Chacal? *Cristo*, Jason não queria acreditar nisso.

Ao final de 12 minutos, a versão francesa da SWAT saiu da casa, alguns curvando-se para beijar a mão da abadessa, real ou não. Bourne compreendeu que seus instintos e os de Conklin estavam no caminho certo.

— *Bernardine!* — exclamou o chefe da equipe, aproximando-se da primeira radiopatrulha. — Você está acabado. *Fora!* Nunca mais se atreva a falar com o mais baixo recruta do Deuxième, nem mesmo com o homem que limpa os banheiros! Você está *no ostracismo!* Por minha vontade, você seria *fuzilado!*... Assassino internacional na avenue Lefebvre! Um amigo do *Bureau!* Um agente que devíamos *proteger!*... Uma droga de *convento*, seu miserável filho da mãe! *Merda!* Um convento!... Saia do meu carro, seu porco imundo. Saia, antes que alguma arma dispare por engano e espalhe suas entranhas na calçada, que é onde elas deviam estar!

Bernardine saltou do carro com as pernas bambas e caiu duas vezes na calçada. Jason esperou, desejando correr para o amigo, sabendo que devia esperar. As radiopatrulhas e o furgão afastaram-se rapidamente. Bourne precisava esperar *ainda*. Olhava para Bernardine e para a porta da casa do Chacal. *Era* a casa do Chacal. A presença da freira provava isso. Carlos jamais abandonou sua fé e a usava constantemente como um disfarce cômodo. Porém, era muito mais do que isso. Muito mais.

Bernardine caminhou com passos trôpegos até a porta de uma loja na frente da casa da freira. Jason saiu do esconderijo e correu para amparar o veterano que, encostado na vitrine, respirava com dificuldade.

— Pelo amor de Deus, o que *aconteceu?* — perguntou Bourne, segurando Bernardine pelos ombros.

— Calma, *mon ami* — disse Bernardine, ofegante. — O porco que estava dentro do carro, um político, sem dúvida — me deu um soco no peito antes de me atirar para fora... Eu disse que não conhecia o pessoal mais novo do Deuxième. Vocês têm os mesmos problemas na América, portanto, por favor, não faça nenhum sermão.

— Nem estou pensando nisso... Esta é a *casa*, Bernardine. Bem *aqui!* Na nossa frente.

— É também uma armadilha.

— *O quê?*

— Alex e eu confirmamos. Os números de telefone são diferentes. Você não chegou a dar o segundo telefonema para Carlos, certo?

— Não. Eu tinha o endereço e queria fazer um reconhecimento. Que diferença faz? Esta é a casa!

— Este é o lugar que o senhor *Simon* devia visitar, e se fosse realmente o

senhor *Simon*, seria levado a outro lugar, para o encontro. Mas se não fosse o senhor Simon, seria morto — prova — outro homem que procurava o Chacal, morto.

— Está *enganado!* — insistiu Jason, balançando a cabeça e falando em voz baixa e rápida. — Isto pode ser um desvio, mas Carlos continua no fim da linha. Não vai permitir que ninguém me mate antes dele. É um mandamento.

— Como o seu a respeito dele?

— Sim. Tenho uma família, ele tem uma lenda marginal. A minha é completa para mim, a dele é um vácuo — sem nenhum sentido agora. Ele já foi até onde podia ir. Para continuar terá de passar para o meu território — o território de David Webb — e eliminar Jason Bourne.

— *Webb?* David Webb? Quem, em nome de Deus todo-poderoso, é *esse*?

— Sou eu — disse Bourne com um sorriso cansado, encostando na vitrine, ao lado de Bernardine.

— *Loucura!* — exclamou o ex-agente do Deuxième. — É *fou! Insane*, não posso *acreditar!*

— Acredite.

— É um homem de família, com filhos e *faz* este trabalho?

— Alex nunca lhe contou?

— Se contou, pensei que fosse um disfarce — a gente aceita qualquer coisa neste trabalho. — Balançando a cabeça, Bernardine ergueu os olhos para o companheiro. — Você tem *mesmo* uma família da qual não quer fugir?

— Ao contrário, não vejo a hora de voltar para ela. São as únicas pessoas no mundo que significam alguma coisa para mim.

— Mas você é *Jason Bourne*, Camaleão assassino! Os mais profundos buracos do mundo do crime estremecem ao ouvir seu nome!

— Ora, vamos, isso é um pouco demais, mesmo vindo de você.

— De jeito nenhum! Você é *Bourne*, só superado pelo Chacal...

— *Não!* — exclamou o já esquecido David Webb. — Ele não é *páreo* para mim. Vou apanhá-lo! Vou matá-lo!

— Tudo bem, tudo bem, *mon ami* — disse Bernardine calmamente, olhando para o homem que ele não compreendia.

— O que quer que eu faça?

Jason Bourne virou para a vitrine e respirou fundo algumas vezes — até divisar, através da névoa da indecisão, uma clara estratégia para o Camaleão. Voltou-se e olhou para a casa no outro lado da rua escura.

— A polícia já foi — disse, em voz baixa.

— É claro, estou vendo.

— Viu também que não apareceu ninguém dos dois outros conjuntos das casas? Mas algumas janelas estão iluminadas.

— Eu estava preocupado. O que posso dizer? Mas, não, não notei — Bernardine ergueu as sobrancelhas, lembrando-se.

— Mas vi rostos nas janelas, muitos rostos; eu os vi.

— Mas ninguém saiu.

— Dá para compreender. A polícia... homens armados correndo pela rua. O melhor é se proteger, certo?

— Mesmo depois que a polícia, as armas e as radiopatrulhas se foram? Voltam todos para a televisão, como se nada tivesse acontecido? Ninguém vai perguntar aos vizinhos o que houve? Não é natural, François, não é nem mesmo estranhamente natural. Tudo foi orquestrado.

— O que quer dizer? Como?

— Um homem aparece na porta e grita, iluminado pelo holofote. Atrai todas as atenções e são perdidos minutos preciosos da ação-surpresa. Então aparece uma freira envolta em sagrada indignação — mais segundos perdidos, mais horas para Carlos. A casa é invadida e o Deuxième não encontra nada... Então, quando tudo acaba, tudo volta ao normal — a uma normalidade anormal. Um trabalho realizado de acordo com o plano, assim, não há motivo para a curiosidade normal — ninguém precisa se reunir na rua para comentar, para externar sua indignação. Apenas ficam dentro de casa, certificando-se de que tudo deu certo. Isso não lhe diz nada?

Bernardine fez um gesto afirmativo.

— Uma estratégia pré-planejada executada por profissionais — disse o veterano agente de campo.

— Exatamente o que eu acho.

— Foi o que você viu e eu não vi — disse Bernardine. — Esqueça a bondade, Jason. Estou há muito tempo fora da rua. Muito destreinado, muito velho, sem imaginação.

— Eu também estou — disse Bourne. — Mas o que está na balança é muito importante para mim, por isso posso pensar como um homem que quero esquecer.

— Palavras de *monsieur* Webb?

— Acho que sim.

— Então, como ficamos?

— Com um padeiro zangado e uma freira furiosa, e se são quem pensamos, com vários rostos nas janelas. No momento, a escolha é nossa, mas isso não vai durar, não até de manhã.

— Como disse?

— Carlos vai fechar a casa aqui, imediatamente. Não tem escolha agora. Alguém da sua guarda pretoriana revelou o local do seu quartel-general em Paris, e pode apostar sua aposentadoria — se ainda tiver — que ele está subindo pelas paredes, tentando descobrir quem o traiu...

— *Afaste-se!* — exclamou Bernardine, agarrando Jason pelo paletó e atirando-o para o canto mais escuro da porta da loja. — Saia daí! Deite-se na calçada!

Os dois jogaram-se no chão, de bruços sobre o concreto, Bourne com a cabeça encostada na mureta sob o vidro da vitrine, olhando para a rua. Um furgão escuro apareceu à direita, e não era da polícia. Era mais brilhante e menor, mais reforçado, mais baixo. A única coisa que tinha em comum com o carro da polícia era a luz cegante do holofote... Não, não um, mas *dois* holofotes, um de cada lado do carro. Jason levou a mão à arma que tinha no cinto — a arma de Bernardine — certo de que seu companheiro já empunhava sua automática. A luz do holofote da esquerda passou sobre os dois e Bourne murmurou:

— Bom trabalho, mas como você viu?

— O reflexo do movimento do carro nos vidros das janelas — disse o velho François. — Por um momento pensei que fosse meu ex-colega de volta para terminar o trabalho prometido. Isto é, minhas entranhas na calçada... Meu Deus, *olhei*

O furgão passou pelos dois primeiros conjuntos de casas, deu uma volta rápida e parou na frente da última casa, a uns 60 metros de onde eles estavam, a casa mais afastada daquela em que ficava o telefone do Chacal. Assim que o carro parou, a porta traseira se abriu e quatro homens saltaram, empunhando automáticas. Dois correram para o lado da rua, um para a frente da casa e o quarto ficou ao lado das portas abertas do furgão, com a sua MAC-10 pronta para atirar. Uma luz amarela sem brilho apareceu no topo dos degraus de tijolos. A porta se abriu dando passagem a um homem com uma capa de chuva negra. Ele ficou parado por um momento, olhando para os dois lados da avenue Lefebvre.

— É *ele*? — murmurou François.

— Não, a não ser que esteja usando peruca e saltos altos — respondeu Jason, enfiando a mão no bolso do paletó. — Vou reconhecê-lo quando o vir — porque eu o *vejo* todos os dias da minha vida! — Tirou do bolso uma das granadas que tomara emprestada de Bernardine. Pôs a automática no chão e segurando o objeto de aço oval e áspero com uma das mãos, com a outra puxou de leve o pino para verificar se não estava enferrujado.

— Que diabo pensa que está *fazendo*? — perguntou o veterano do Deuxième.

— Aquele homem é o chamariz — respondeu Jason com voz suave e monótona. — Daqui a pouco outro vai tomar seu lugar, descer correndo a escada e entrar no furgão, no banco da frente, ou pela porta de trás — espero que seja por trás, mas não faz muita diferença.

— Você está *louco*! Eles o matarão! O que vai adiantar um cadáver para a sua família?

— Você não está pensando, François. Os guardas vão entrar correndo pela porta traseira do furgão, porque não há lugar para eles na frente. Há uma grande diferença

entre entrar num furgão e sair dele. Para começar, é uma sequência mais lenta... Quando o último homem entrar e estender a mão para fechar as portas, minha granada já estará dentro do carro... E não tenho nenhuma intenção de virar cadáver. Fique *aqui*!

Antes que Bernardine pudesse fazer outras objeções, Delta de Medusa começou a se arrastar pela rua escura — os holofotes imóveis agora e voltados para os lados, na verdade impediam que Bourne fosse visto. A luz quente e brilhante em volta do carro acentuava a escuridão no resto da rua. O único risco real era o guarda ao lado das portas abertas do veículo. Arrastando-se pelo chão, na frente das lojas da rua, como se estivesse na relva alta do delta do Mekong, dirigindo-se a um campo de prisioneiros iluminado, Jason avançou, atento ao guarda perto do carro e ao que estava ao lado da escada.

De repente, outro vulto apareceu. Era uma mulher com uma maleta numa das mãos e uma bolsa na outra. Falou com o homem de capa preta e quando o guarda olhou para os dois, Bourne, apoiado nos cotovelos e nos joelhos, aproximou-se do furgão, parando num ponto de onde podia observar o movimento sem ser visto. Percebeu que os dois guardas na rua piscavam os olhos e os entrecerravam, incomodados pela luz dos holofotes. Sua situação era a melhor possível, dadas as circunstâncias. Tudo dependia agora de agir no momento exato e do quanto conseguisse lembrar dos tempos muitas vezes esquecidos ou muito vagos, ou muito distantes. Precisava lembrar agora, o instinto tinha de atravessar a névoa da sua memória. *Agora*. O fim do pesadelo estava próximo.

Estava acontecendo! De repente, no meio de uma grande atividade na porta, um terceiro vulto saiu correndo e juntou-se aos outros dois. O homem era mais baixo do que o primeiro, usava um gorro de pintor e levava uma valise. Obviamente deu algumas ordens que incluíam o guarda perto do furgão e o homem adiantou-se para apanhar a valise que o outro atirou do alto da escada. O guarda pôs a arma sob o braço esquerdo e apanhou a valise com toda a facilidade, com a outra mão.

— *Allez-vous-en. Nous partons! Vite!* — gritou o segundo homem, indicando com um gesto que os outros dois deviam descer na sua frente. O homem de capa ficou ao lado do guarda, perto da porta traseira e a mulher acompanhou o homem que dava as ordens... O *Chacal*? Seria Carlos?

Bourne desesperadamente queria acreditar que era — portanto, era *ele*! O som da porta lateral do veículo se fechando, seguido pelo ronco do potente motor eram o sinal. Os outros três guardas correram para a porta traseira. Entraram, um a um, depois do homem de capa, com as pernas esticadas, braços erguidos, as mãos segurando os dois lados de metal e no impulso impelindo-os para dentro, com as armas atiradas para a frente deles. Então, duas mãos se estenderam para fechar as portas.

Agora! Bourne tirou o pino da granada e levantou-se, correndo como nunca havia corrido na vida, para as portas ainda abertas do furgão. Mergulhou, girando o corpo para cair de costas, segurou a porta da esquerda e atirou a granada para dentro. *Seis segundos* e explodiria. Jason ergueu-se sobre os joelhos e com os dois braços estendidos, fechou as portas do carro. Os guardas responderam com um tiroteio cerrado. Mas era um *milagre* não programado. O furgão do Chacal era à prova de balas. Tanto de fora para dentro quanto de dentro para fora! Nenhuma bala atravessou o aço especial. Ouviam-se apenas os impactos surdos e o assobio dos ricochetes... e os gritos dos feridos lá dentro.

O veículo brilhante partiu velozmente pela avenue Lefebvre e Bourne, agachado, correu para as lojas vazias no lado leste da rua. Estava quase terminando de atravessar a avenida quando o impossível aconteceu. *O impossível!*

O furgão do Chacal explodiu, incendiando o céu escuro de Paris e no mesmo instante uma limusine marrom parou cantando os pneus na esquina mais próxima, com as janelas abertas e homens armados atirando indiscriminadamente para todos os lados. Jason mergulhou para o abrigo mais próximo, encolhendo-se em posição fetal, aceitando o fato — não com medo mas com fúria — de que aqueles podiam ser seus últimos momentos de vida. Tinha falhado. Falhado com Marie e com as crianças!... Mas não *desse* modo. Rolou do esconderijo com a arma na mão. Ia matar. *Matar!* Esse era o modo de Jason Bourne!

Então aconteceu o incrível. *O incrível!* Uma sereia? A *polícia*? A limusine marrom partiu rapidamente, passando pelos destroços do furgão do Chacal e desapareceu na rua escura, quando a radiopatrulha chegou com a sirena a todo volume e freou rapidamente a poucos metros das chamas. Nada fazia sentido, pensou Jason. Só uma das cinco radiopatrulhas tinha voltado. *Por quê?* Mas até essa pergunta era supérflua. Carlos havia montado uma estratégia usando não um, mas sete, talvez oito substitutos, todos *descartáveis*, todos levados a uma morte terrível por aquele homem que só pensava na própria proteção. O Chacal conseguira fugir da armadilha preparada por ele e invertida por seu inimigo odiado, Delta, produto de Medusa, criação do serviço secreto americano. Mais uma vez, o assassino fora mais esperto, mas Jason não estava morto. Haveria outro dia, outra noite.

— *Bernardine!* — gritou o agente do Deuxième que há menos de trinta minutos havia ofendido o companheiro. Saltando do carro, o homem gritou outra vez. — Bernardine! Onde você está?... Meu Deus, onde você *está!* Eu voltei, amigo velho, porque não posso deixá-lo! Meu Deus, você *estava certo*, eu vejo agora! Oh, *Cristo!* Diga que está vivo! *Responda!*

— Outro está morto — respondeu Bernardine, caminhando devagar, com dificuldade, saindo da frente da loja a uns cem metros ao norte de onde estava Bourne. — Eu tentei dizer, mas você não quis me ouvir...

— Eu fui talvez muito *precipitado*! — rugiu o homem correndo para Bernardine e abraçando-o, enquanto os policiais na radiopatrulha mantinham-se longe do furgão em chamas, protegendo o rosto do calor. — Dei ordem pelo rádio para que todos voltassem! — continuou ele. — Tem de acreditar, amigo, voltei porque não podia deixá-lo daquele modo, não o meu velho camarada... Eu não sabia que você fora assaltado, *espancado* por aquele porco do jornal. Quando ele me contou eu o joguei para fora do carro!... Voltei por você, você compreende, não é mesmo? Mas, meu Deus, não esperava isto!

— É horrível — disse o veterano do Deuxième, examinando a rua cautelosa e rapidamente. Notou os rostos assustados e intensos nas janelas dos outros três conjuntos de casas. O cenário fora pelos ares com a explosão do furgão e o desaparecimento da limusine marrom. Os subalternos estavam sem seu líder e muito assustados. — O erro não foi só seu, meu velho camarada — continuou Bernardine em tom de quem se desculpa. — Eu me enganei de casa.

— Ah, *ha* — exclamou o homem do Deuxième, saboreando o pequeno triunfo. — A casa errada? Sem dúvida um erro de grandes conseqüências, *eh*, François?

— As conseqüências podiam ter sido muito menos trágicas se você não tivesse me abandonado tão precipitadamente, como disse. Em vez de ouvir um homem de grande experiência, me expulsou do seu carro para que eu testemunhasse esse horror.

— Seguimos suas ordens! Revistamos a casa — a casa errada!

— Se tivesse ficado, nem que fosse para uma breve conversa, isto seria evitado e um amigo estaria vivo. Tenho de incluir esse julgamento no meu relatório...

— Por favor, amigo velho — interrompeu o homem do Deuxième. — Vamos conversar, pelo bem do Bureau...

Foi interrompido pela chegada barulhenta do carro de bombeiros.

Bernardine ergueu a mão e levou seu antigo companheiro para o outro lado da avenida, ostensivamente para sair do caminho dos bombeiros, mas na verdade para ser ouvido por Bourne.

— Quando nossa gente chegar — continuou o homem do Deuxième, erguendo a voz com autoridade — vamos evacuar as casas e deter todos os moradores para interrogatório!

— Meu Deus! — exclamou Bernardine. — Não acrescente burrice à incompetência!

— O quê?

— A limusine, a limusine marrom — certamente você a viu?

— Sim, é claro. Meu motorista disse que estavam fugindo.

— Foi só o que ele disse?

— Bem, o furgão estava em chamas e havia tanta confusão, eu chamando meus

homens pelo rádio...

— Veja esses vidros partidos! — disse François, apontando para as lojas, para longe de onde Bourne estava escondido. — Olhe os buracos na calçada e na rua. Tiros, meu velho camarada. Os homens envolvidos escaparam, pensando que eu estava morto!... Não diga *nada*, não faça nada. Deixe essa gente em paz.

— Você é incompreensível...

— E você é um tolo. Se por qualquer motivo algum daqueles assassinos voltar, não teremos nenhum impedimento.

— Agora está sendo inescrutável.

— De modo nenhum — protestou Bernardine, olhando para os bombeiros que manejavam as mangueiras e os extintores enormes. — Mande seus homens a todas as casas para saber se está tudo bem e para explicar que as autoridades concluíram que os terríveis eventos na avenida foram atos criminosos. À crise passou, não há razão para alarme.

— Mas isso é verdade?

— É o que nós queremos que eles acreditem.

Chegou uma ambulância, seguida por duas radiopatrulhas com as sirenas ligadas a todo volume. Nas duas esquinas, moradores dos apartamentos da rue d'Alésia agrupavam-se, curiosos, a maioria vestida apressadamente — calça e camiseta — outros com roupas de dormir — roupões e chinelos muito surrados. Notando que o furgão do Chacal era agora uma massa derretida de aço retorcido e vidros partidos, Bernardine continuou:

— Deixe que o povo satisfaça sua curiosidade mórbida, depois mande dispersar. Dentro de uma hora mais ou menos, quando tudo estiver sob controle e os corpos retirados, diga aos seus policiais que a emergência terminou, e mande que voltem todos para a delegacia, menos um. Esse homem deve ficar de guarda até que seja retirado tudo que restou do furgão. Deve receber ordens para não interferir com pessoa alguma que saia dessas casas, compreendeu?

— Nem um pouco. Você disse que alguém podia estar se escondendo...

— Eu sei o que disse — respondeu o ex-consultor do Deuxième. — Isso não muda nada.

— Então, você vai ficar aqui?

— Vou. Vou fazer um reconhecimento lento e cauteloso. — Compreendo... E o relatório para a polícia? E meu relatório?

— Use uma parte da verdade, não toda, é claro. Você foi informado — o nome do informante não pode ser revelado — de que ia ser perpetrado um ato de violência, relacionado ao departamento de narcóticos do Bureau, na avenue Lefebvre, numa determinada hora. Você veio até aqui com seus homens e não encontraram nada, mas logo depois, seguindo seus instintos profissionais, você

voltou, infelizmente tarde demais para evitar a carnificina.

— São capazes até de me promover — disse o homem, mas logo franziu a testa, desconfiado. — E o *seu* relatório? — perguntou em voz baixa.

— Vamos ver se vai ser necessário, certo? — respondeu o reempossado consultor do Deuxième.

A equipe médica levou os corpos para a ambulância, enquanto um guindaste colocava num caminhão os destroços queimados do furgão. Os homens da limpeza pública varreram a rua, comentando que não deviam varrer demais senão ninguém ia reconhecer a avenue Lefebvre. Em quinze minutos o trabalho estava terminado e o único policial presente pegou uma carona com os varredores, até o telefone público mais próximo. Passava das quatro da manhã e logo a madrugada ia colorir o céu de Paris, precedendo o barulhento e constante carnaval das suas ruas. Porém, naquele momento, os únicos sinais de vida na avenue Lefebvre eram cinco janelas iluminadas na fileira das casas de pedra controladas por Carlos, o Chacal. Dentro das casas estavam homens e mulheres a quem o sono não era permitido. Precisavam trabalhar para seu monsenhor.

Bourne estava sentado na calçada com as pernas estendidas, as costas apoiadas na parede interna da entrada de uma loja, na frente das casas do padeiro furioso e da freira indignada. Bernardine estava em outra entrada, a alguns metros de distância, na frente das duas primeiras casas onde o furgão do Chacal havia parado para apanhar a carga condenada. Estava combinado. Jason ia seguir e agarrar a primeira pessoa que saísse de uma das casas. O veterano do Deuxième seguiria a segunda pessoa que aparecesse, verificaria seu destino, mas não faria nenhum contato. Para Bourne, o padeiro ou a freira eram mensageiros do Chacal, por isso ele tinha escolhido a extremidade norte da fileira de casas.

Em parte ele acertou, mas não havia previsto a interferência de outras pessoas e meios de transporte. Às 5:17h, duas freiras com hábito completo e toucas brancas apareceram, de bicicleta, no lado sul da avenida. Tocando as campainhas discretas das bicicletas, pararam na frente da casa que supostamente abrigava as Irmãs de Caridade Madalenas. A porta se abriu e três freiras, cada uma com uma bicicleta, desceram os degraus de tijolos e juntaram-se às suas irmãs de caridade. Montaram com discrição e seguiram pela avenida. O único consolo para Jason foi que a freira indignada de Carlos ficou destacada atrás das outras. Sem saber como ia acontecer, sabendo apenas que *ia acontecer*, Bourne saiu da entrada da loja e correu pela avenida escura. Quando chegou no terreno baldio ao lado da casa do Chacal, outra porta se abriu. Bourne agachou-se na sombra e viu o padeiro obeso descer rapidamente a escada e seguir para o sul. Bernardine já tinha o que fazer, pensou Jason, levantando-se e correndo atrás da procissão de bicicletas.

O tráfego de Paris é um enigma indecifrável, a qualquer hora do dia ou da

noite. Fornece também desculpas para quem quer chegar muito cedo ou muito tarde em algum lugar, chegar ao lugar errado ou ao lugar certo. Em resumo, os parisienses atrás do volante personificam os últimos vestígios civilizados de um descaso letal — talvez só superados pelos motoristas de Roma ou de Atenas. Isso aplicava-se às madalenas ciclistas, especialmente à madre superiora, a última da fila. Na entrada da rue Lecourbe, em Montparnasse, um engarrafamento de caminhões de hortigranjeiros separou-a das companheiras. Com um gesto benevolente, ela as mandou seguir e entrou rapidamente numa estreita rua transversal, começando a pedalar mais depressa. Bourne, com o ferimento do pescoço latejando, não acelerou o passo. Não precisava. A tabuleta azul com letras brancas, no começo da rua, dizia SEM SAÍDA.

Bourne encontrou a bicicleta acorrentada a um poste da rua e esperou na entrada de uma loja a menos de quatro metros de distância. Tocou de leve a atadura úmida no pescoço. Estava sangrando um pouco. Com sorte, só um ponto devia estar aberto... Oh, *Cristo*, suas pernas estavam cansadas — não, “cansadas” não era bem a palavra. Era a dor de músculos pouco usados e agora abusados. Os passos rítmicos da corrida diária não o preparavam para saltos e fintas, nem para paradas e saídas bruscas. Com a respiração pesada, encostou na parede de pedra, sem tirar os olhos da bicicleta, tentando afastar o pensamento que martelava sua mente com irritante regularidade. Poucos anos atrás ele nem teria notado o cansaço nas pernas, porque não teria havido cansaço algum.

O som da fechadura sendo aberta quebrou o silêncio do quase nascer do dia na rua estreita, seguido pelo ruído áspero de uma porta que se abria. Era a porta do apartamento na frente do qual a bicicleta estava parada. Encostado na parede, Jason tirou a arma do cinto e viu a mulher com hábito de freira correr para o poste. Na luz fraca ela parecia ter dificuldade em colocar a chave no cadeado da corrente. Bourne saiu para a calçada e caminhou rapidamente para a mulher.

— Vai chegar atrasada na primeira missa — disse Jason Bourne.

A mulher voltou-se rapidamente, a chave caiu na calçada e ela pôs a mão direita sob as dobras do hábito. Jason saltou para a frente, segurou o braço dela com a mão esquerda e arrancou a touca branca com a direita. Olhou para o rosto à sua frente e soltou uma exclamação de espanto.

— Meu Deus — murmurou Jason. — É você!

— EU A CONHEÇO! — exclamou Bourne. — Paris... anos atrás... seu nome é Lavier... Jacqueline *Lavier*. Você tinha uma loja de roupas femininas... Les Classiques — St. Honoré —, o esconderijo de Carlos no Faubourg! Eu a encontrei num confessionário em Neuilly-sur-Seine. Pensei que estivesse *morta*.

O rosto enrugado da mulher estava crispado de fúria. Tentou se livrar da mão dele, mas Jason deu um passo para o lado quando ela girou o corpo, puxando-a num movimento circular para o outro lado, atirando-a contra a parede, e imobilizando-a com um braço sobre seu pescoço.

— Mas você não estava morta. Era parte da armadilha que terminou no Louvre, que explodiu no Louvre!... Cristo, você vem comigo. Homens morreram naquela armadilha — *franceses* morreram — e eu não pude ficar lá para contar o que tinha acontecido, nem quem era o responsável... No meu país, se você mata um tira, eles não descansam enquanto não o apanham. Aqui é a mesma coisa e quando se trata de *tiras*, eles não param de procurar. Oh, eles vão se lembrar do Louvre, eles vão se lembrar dos seus homens!

— Está enganado! — disse a mulher meio sufocada, com os olhos verdes saltados. — Não sou quem você pensa...

— Você é Lavier! Rainha do Faubourg, único contato com a mulher do Chacal, a esposa do general. Não me diga que estou enganado... Eu segui vocês duas, quando saíram de Neuilly — até aquela igreja com os sinos badalando e cheia de padres — um deles, *Carlos*! Logo depois a prostituta dele saiu, mas você não. Ela foi embora apressadamente, e então entrei na igreja e descrevi você para um padre velho — se é que era padre — e ele disse que você estava no segundo confessionário à esquerda. Eu abri a cortina e lá estava você. *Morta*. Eu pensei que tinha sido assassinada e que tudo estava acontecendo muito depressa. Carlos tinha de estar *ali*! Estava ao meu alcance, ao alcance da minha arma — ou talvez eu estivesse ao alcance dele. Corri, procurando como um louco, e finalmente o vi! Na rua, com seu hábito negro — eu o vi, *tive certeza* de que era ele porque quando me viu começou a correr no meio do tráfego. Eu o *perdi*!... Mas tinha um trunfo. *Você*! Eu espalhei a notícia — Lavier está morta... Era exatamente o que queriam que eu fizesse, não era? *Não era*?

— Eu repito, está enganado! — A mulher não lutava mais para se libertar, era inútil. Ficou imóvel, o corpo rígido encostado na parede, como se com isso conseguisse permissão para falar. — Quer me ouvir? — perguntou ela, com voz

rouca, com o braço de Jason apertando ainda seu pescoço.

— Esqueça, dona — respondeu Bourne. — Você vai sair daqui quase desmaiada — uma Irmã das Madalenas ajudada, não assaltada por um estranho. Na sua idade essas ameaças de desmaio são comuns, não é mesmo?

— *Espere.*

— Tarde demais.

— Precisamos conversar!

— Vamos conversar.

Jason retirou o braço e imediatamente segurou os ombros da mulher com as duas mãos, apertando os tendões. Ela desmaiou e Jason, apanhando-a antes que caísse, carregou-a pela rua estreita como um suplicante levando uma assistente social religiosa. A luz do dia começava a incendiar o céu e vários madrugadores, um deles um jovem de short que fazia seu *jogging*, aproximaram-se do homem que carregava uma freira.

— Ela passou quase dois dias sem dormir, com minha mulher e meus filhos doentes! — disse o Camaleão em francês das ruas. — Alguém quer, por favor, arranjar um táxi para levá-la ao convento no nono *arrondissement*?

— Eu vou! — disse o jovem de short. — Tem um ponto que funciona dia e noite na rue de Sèvres e eu sou muito rápido!

— É uma dádiva, senhor — disse Jason, agradecendo, mas não gostando da excessiva confiança do jovem.

Seis minutos depois o táxi chegou com o rapaz de short.

— Eu disse ao chofer que o senhor tem dinheiro — disse ele, saltando do carro. — Espero que tenha.

— É claro. E muito obrigado.

— Conte para a irmã o que eu fiz — acrescentou o corredor, delicadamente ajudando Bourne a pôr a mulher inconsciente no banco de trás do táxi. — Vou precisar de toda ajuda que puder obter quando chegar a minha hora.

— Espero que não esteja iminente — disse Jason, tentando retribuir o largo sorriso do rapaz.

— Não está. Eu represento a minha firma na maratona. — O garoto crescido começou a correr no mesmo lugar.

— Mais uma vez, obrigado. Espero que ganhe a próxima.

— Diga à irmã para rezar por mim! — gritou o atleta, afastando-se.

— O Bois de Boulogne — disse Bourne, fechando a porta do carro.

— O Bois? Aquele doido afrescalhado disse que era uma emergência! Que precisava levar a freira para o hospital!

— Ela tomou muito vinho, o que mais posso dizer?

— O Bois de Boulogne — disse o chofer, balançando a cabeça

afirmativamente. — Faça ela andar bastante. Tenho uma prima em segundo grau no convento de Lyons. Quando sai por uma semana ela enche a cara. Quem pode culpá-la?

Os raios do sol iam chegando aos poucos ao banco no Bois de Boulogne quando a mulher de meia-idade, vestida de freira, sacudiu a cabeça.

— Como vai, *irmã*? — perguntou Jason, sentado ao lado da sua prisioneira.

— Como se tivesse sido atingida por um tanque do exército — respondeu a mulher, piscando os olhos e abrindo a boca para respirar fundo. — No mínimo um tanque.

— Aposto que sabe mais sobre tanques do que sobre o furgão de caridade das Irmãs Madalenas.

— Tem razão — concordou ela.

— Não se dê ao trabalho de procurar sua arma — disse Bourne. — Eu a tirei do cinto muito caro que usa sob o hábito.

— Ainda bem que reconheceu o valor do cinto. É parte do que temos a conversar... Uma vez que não estou numa delegacia de polícia, suponho que me concedeu permissão para falar.

— Só se o que disser for do meu interesse, suponho que compreende isso.

— Mas é do seu interesse, vai ver. Eu falhei. Fui apanhada. Não estou onde devia estar, e seja qual for a hora, a luz me diz que é tarde demais para desculpas. Além disso, minha bicicleta desapareceu ou está ainda acorrentada no poste.

— Eu não a tirei de lá.

— Então estou morta. E se ela desapareceu, estou morta também, não compreende?

— Por que você desapareceu? Não está onde devia estar?

— É claro.

— Você é *Lavier*!

— É verdade. Sou Lavier. Mas não sou a mulher que você conheceu. Você conheceu minha irmã Jacqueline — eu sou Dominique Lavier. Tínhamos pequena diferença de idade e éramos muito parecidas, desde pequenas. Mas está certo quanto a Neuilly-sur-Seine e sobre o que viu lá. Minha irmã foi morta porque violou uma regra capital, cometeu um pecado mortal, se quiser. Ela entrou em pânico e levou *você* à mulher de Carlos, seu segredo mais querido e mais útil.

— Eu?... Você sabe quem eu sou?

— Toda Paris — toda Paris do Chacal — sabe quem você é, *monsieur* Bourne. Não o conhecem de vista, mas sabem que está aqui e sabem que está procurando Carlos.

— E você faz parte dessa Paris?

— Faço.

— Cristo, ele matou sua *irmã*!

— Sei disso.

— E mesmo assim, trabalha para ele?

— Há momentos na vida de uma pessoa em que as escolhas são muito reduzidas. Por exemplo, viver ou morrer. Até seis anos atrás, quando o Classiques mudou de dono, era um ponto vital para o monsenhor. Eu tomei o lugar de Jacqui...

— Assim, sem mais nem menos?

— Não foi difícil. Eu era mais jovem e, o mais importante, parecia mais jovem. — As rugas no rosto de meia-idade acentuaram-se com o sorriso breve e pensativo.

— Minha irmã dizia que era porque eu morava no Mediterrâneo... Seja como for, a cirurgia plástica é comum no mundo da alta-costura. Jacqui supostamente foi à Suíça para uma plástica geral... e voltou para Paris depois de oito semanas de preparação.

— Como fez isso? Como pôde fazer isso, sabendo o que sabia, como diabo fez isso?

— Eu não sabia, no começo, o que fiquei sabendo mais tarde, e então não adiantava mais. A essa altura minha escolha era a que já mencionei. Viver ou morrer.

— Nunca pensou em procurar a polícia ou a Sûreté?

— A respeito de Carlos? — A mulher olhou para Bourne como se ele fosse um garotinho tolo. — Como dizem os britânicos em Cap Ferrat, “sem dúvida você está brincando”.

— Então você entrou feliz no jogo da morte.

— Não conscientemente. Fui conduzida gradualmente para ele, num processo lento e fragmentário... No começo disseram que Jacqueline tinha morrido num acidente de barco com seu namorado daquele mês e que eu seria muito bem paga para tomar o lugar dela. Les Classiques era muito mais do que um salão de modas...

— *Muito* mais — concordou Jason. — Era o ponto de recepção dos segredos mais bem guardados dos militares e do serviço secreto da França, transmitidos ao Chacal por uma mulher, a mulher de um general famoso.

— Só fiquei sabendo disso muito depois que o general a matou. O nome dele era Villiers, se não me engano.

— Sim, era. — Jason olhou para os lírios brancos que flutuavam nas águas tranquilas do pequeno lago. Imagens voltaram à sua mente. — Fui eu quem o encontrou, os encontrou. Villiers estava numa cadeira de espaldar alto com a arma na mão. A mulher estava nua na cama, coberta de sangue, morta. Ele ia se matar. Era a execução adequada para um traidor, disse ele, pois o amor cego que dedicava à mulher fizera dele um traidor da França... Eu o convenci de que havia outro meio — quase funcionou, há 13 anos. Numa casa estranha na rua Setenta e Um, em Nova York.

— Eu não sei o que aconteceu em Nova York, mas o general Villiers deixou instruções para que fosse dado a público, depois da sua morte, o que havia acontecido em Paris. Dizem que quando ele morreu e a verdade foi revelada Carlos ficou louco de raiva e assassinou vários militares só porque eram generais...

— É uma velha história — interrompeu Bourne, bruscamente. — Isto é agora, 13 anos depois. O que acontece *agora*?

— Não sei, *monsieur*. Não tenho escolha, tenho? De um modo ou de outro, vai me matar, suponho.

— Talvez não. Ajude-me a apanhá-lo e ficará livre de nós dois. Pode voltar para o Mediterrâneo e viver em paz. Nem precisa desaparecer — volta ao que quiser voltar, depois de alguns anos muito lucrativos em Paris.

— Desaparecer? — disse Lavier, observando atentamente o rosto cansado do seu captor. — Assim como “sumir”?

— Não precisa disso. Carlos não poderá encontrá-la porque ele estará morto.

— Sim, compreendi essa parte. O que me interessa é o desaparecimento e os anos “lucrativos” em Paris. Esse lucro, vem do senhor?

— Sim.

— Compreendo... Foi o que ofereceu a Santos? Um desaparecimento lucrativo? Foi como se ela o tivesse esbofeteado. Jason olhou para sua prisioneira.

— Então, foi mesmo Santos — disse ele, em voz baixa. — A avenue Lefebvre era uma armadilha. Cristo, ele é bom.

— Ele está morto, Le Coeur du Soldat fechado, liquidado.

— O quê? — Bourne olhou atônito para Lavier. — Foi essa a recompensa por me enganar?

— Não, por trair Carlos.

— Não compreendo.

— O monsenhor tem olhos por toda parte, estou certa que sabe disso. Viram Santos, o recluso, entregar várias caixas pesadas ao seu fornecedor de alimentos e ontem de manhã ele não podou nem regou as plantas do seu precioso jardim, um ritual de verão tão previsível quanto o sol. Um homem foi mandado ao armazém do fornecedor e abriu as caixas..

— Livros — interrompeu Jason quase num murmúrio.

— Para serem guardados até novas instruções — completou Dominique Lavier. — A partida de Santos ia ser rápida e secreta.

— E Carlos sabia que não havia ninguém em Moscou para dar o número do telefone.

— O que foi que disse?

— Nada... Que tipo de homem era Santos?

— Eu não o conheci, nunca o vi. Só ouvi os comentários, que não foram

muitos.

— Não tenho tempo para muitos. Quais foram os comentários?

— Aparentemente ele era um homem grande...

— Eu sei disso — interrompeu Jason impaciente. — E sabemos que lia muito, que era provavelmente culto, pelo modo que falava. De onde ele veio e por que trabalhava para o Chacal?

— Dizem que era cubano e que lutou na revolução de Fidel, que era um pensador profundo e colega de Castro na faculdade de direito, e no passado, um grande atleta. Então, é claro, como acontece em todas as revoluções, a luta interna desvirtuou a vitória — pelo menos é o que dizem meus antigos companheiros das barricadas do Dia de Maio.

— Tradução, por favor.

— Fidel tinha ciúmes dos líderes de certos grupos, especialmente de Che Guevara e do homem que você conheceu como Santos. Castro podia ser maior do que a vida, mas os dois eram maiores do que ele, e Fidel não podia tolerar a competição. Che foi enviado numa missão na qual perdeu a vida, e Santos foi falsamente acusado de atividades contra-revolucionárias. Uma hora antes da sua execução, Carlos e seus homens invadiram a prisão e o levaram com eles.

— Vestidos de padres, sem dúvida.

— Tenho certeza que sim. A igreja com todos seus absurdos medievais era muito importante em Cuba.

— Você fala com amargura.

— Sou mulher, o Papa não é, ele é apenas medieval.

— Julgamento registrado... Assim Santos juntou-se a Carlos, dois marxistas desiludidos à procura das suas causas pessoais — ou talvez do seu Hollywood pessoal.

— Se eu o compreendi, a fantasia pertence ao brilhante Carlos, a desilusão amarga foi o destino de Santos. Ele devia a vida ao Chacal, portanto, por que não entregá-la a ele? O que mais restava?... Até sua chegada.

— É tudo que preciso. Obrigado. Eu só queria preencher certas lacunas.

— Lacunas?

— Coisas que eu não sabia.

— O que fazemos agora, *monsieur* Bourne? Não foi essa a sua pergunta original?

— O que *quer* fazer, madame Lavier?

— Sei que não quero morrer. E não sou madame Lavier não sou casada. As restrições não me atraem e os benefícios me parecem desnecessários. Durante anos fui uma prostituta muito cara em Monte Carlo, Nice e Cap Ferrat, até a juventude me abandonar. Durante algum tempo, porém, conservei amigos dos velhos dias,

amantes intermitentes que tomavam conta de mim. Quase todos estão mortos agora, uma pena.

— Pensei que era muito bem paga para assumir a identidade de sua irmã.

— Eu era, e de certo modo ainda sou, pois tenho algum valor. Eu circulo entre a elite de Paris, onde são muitas as informações. Tenho um belo apartamento na avenue Montaigne. Objetos antigos, quadros bons, criados, crédito — tudo que essa elite espera que tenha uma mulher que trabalhou no mundo da moda. E dinheiro. Todos os meses um banco recebe 80 mil francos de Genebra — um pouco mais do que preciso para pagar minhas cotas. Pois só eu posso pagá-las, ninguém mais.

— Então, você tem dinheiro.

— Não, *monsieur*, tenho um estilo de vida, não dinheiro. É assim que o Chacal age. A não ser os velhos, ele só paga em termos de serviço imediato. Se o dinheiro de Genebra não chegar ao meu banco no dia dez de cada mês, em trinta dias estou na rua. Mas se Carlos resolver se livrar de mim, não precisa recorrer a Genebra. Estarei morta — como sem dúvida estou agora. Se voltar para meu apartamento na avenue Montaigne esta manhã, nunca mais vou sair... como minha irmã não saiu daquela igreja em Neuilly-sur-Seine. Pelo menos, não com vida.

— Tem certeza disso?

— É claro. Aquela parada onde deixei a bicicleta foi para receber instruções de um dos velhos. As ordens foram precisas e deviam ser seguidas à risca. Dentro de vinte minutos devia me encontrar com uma mulher que conheço, na padaria em Saint-Germain, onde trocaríamos nossas roupas. Ela devia ir para a missão das Madalenas e eu ia encontrar o mensageiro de Atenas num quarto do Hotel Trémouille.

— A missão das Madalenas...? Quer dizer que aquelas mulheres de bicicleta eram freiras de verdade?

— Perfeitamente, com votos de castidade e pobreza. Eu sou a superiora do convento em Saint-Malo que as visita com freqüência.

— E a mulher na padaria, ela é...?

— Ela peca uma vez ou outra, mas é ótima administradora.

— Jesus — murmurou Bourne.

— Ele está sempre nos lábios delas. Compreende agora a dificuldade da minha posição?

— Não estou bem certo.

— Então, tenho de duvidar que seja mesmo o Camaleão. Eu não *estive* na padaria. O encontro com o mensageiro grego não se realizou. Onde eu estava?

— Você se atrasou. A corrente da bicicleta quebrou. Um daqueles caminhões raspou em você, na rue Lecourbe. Diabo, foi assaltada. Que diferença faz? Você se atrasou.

— Quanto tempo faz que me deixou inconsciente? Jason consultou o relógio à

luz clara da manhã.

— Pouco mais de uma hora, eu acho, uma hora e meia, talvez. Considerando o modo como está vestida, o chofer do táxi deu umas voltas à procura de um lugar discreto para que eu pudesse cuidar de você. Foi bem pago por essa ajuda.

— Uma hora e meia? — perguntou Lavier.

— Sim, e daí?

— Então, por que não telefonei para a padaria ou para o Hotel Trémoille?

— Complicações?... Não, é fácil verificar — disse Bourne balançando a cabeça.

— Ou? — Os grandes olhos verdes encontraram-se com os dele. — *Ou, monsieur?*

— A avenue Lefebvre — respondeu Jason suavemente. — A armadilha. Como eu virei a armadilha contra ele, ele a virou contra mim, três horas depois. Então, eu quebrei a estratégia e apanhei você.

— Exatamente. — A ex-prostituta de Monte Carlo fez um gesto afirmativo. — E ele não pode saber sobre o que falamos... portanto, estou marcada para a execução. Um peão é removido do jogo, pois não passa de um peão, Não pode revelar nada importante para as autoridades, nunca viu o Chacal, só pode repetir os mexericos dos subalternos.

— Você nunca o viu?

— Pode ser, mas não que eu saiba. Os rumores voam por toda Paris. Ele tem pele latina, morena, ou tem olhos e bigodes negros. “Aquele é mesmo Carlos, você sabe” — quantas vezes ouvi essas frases! Mas não, nenhum homem jamais chegou para mim e disse “Eu sou ele e faço sua vida agradável, sua prostituta elegante e envelhecida”. Eu só me comunico com os velhos que, uma vez ou outra, me trazem informações — como esta noite na avenue Lefebvre.

— Compreendo — Bourne levantou-se, espreguiçando-se, e olhou para sua prisioneira sentada no banco.

— Eu posso tirá-la disso — disse ele, em voz baixa.. — Para fora de Paris, para fora da Europa. Fora do alcance de Carlos. Você quer?

— Tanto quanto Santos queria — respondeu Lavier com olhar suplicante. — Estou disposta a passar minha lealdade para você.

— Por quê?

— Porque ele é velho e cinzento e não se compara a você. Você me oferece a vida, ele me oferece a morte.

— Nesse caso, é uma decisão sensata — disse Jason com um leve sorriso. — Tem algum dinheiro? Com você, quero dizer.

— As freiras fazem votos de pobreza, *monsieur* — respondeu Dominique Lavier, retribuindo o sorriso. — Na verdade, tenho algumas centenas de francos. Por

quê?

— Não é suficiente — continuou Bourne, tirando do bolso um alentado maço de notas. — Aqui estão três mil — disse, estendendo o dinheiro para ela. — Compre roupa em algum lugar — tenho certeza de que sabe como — e vá para o Meurice, na rue de Rivoli.

— Que nome devo usar?

— Qual o que mais lhe convém?

— O que acha de Brielle? Uma cidade da costa, bem bonitinha.

— Por que não?... Dê-me dez minutos para sair daqui, depois saia. Eu a encontro no Meurice ao meio-dia.

— Com todo o meu *coração*, Jason Bourne.

— Vamos esquecer esse nome.

O Camaleão saiu do Bois de Boulogne direto para um ponto de táxis. O chofer extasiado recebeu cem francos para ficar parado no fim da fila de três veículos, com o passageiro abaixado no banco traseiro.

— A freira está saindo, *monsieur* — exclamou o chofer. — Entrou no primeiro táxi.

— Siga o táxi — disse Jason, sentando no banco.

Na avenue Victor Hugo o táxi de Lavier diminuiu a marcha e parou na frente de uma das poucas concessões que Paris faz à tradição — um telefone público aberto, com cúpula de plástico.

— Pare aqui — ordenou Bourne, descendo assim que o carro encostou no meio-fio. Mancando, o Camaleão caminhou rapidamente e em silêncio para o telefone que ficava atrás do que a freira nervosa estava usando. Ela não o via, mas Bourne a ouvia claramente.

— O Meurice! — ela gritou no telefone. — O nome é Brielle. Ele estará lá ao meio-dia... Sim, sim, vou dar uma parada no meu apartamento para mudar de roupa e estarei lá dentro de uma hora. — Lavier desligou e voltou-se, abrindo a boca assustada quando viu Jason. — *Não!* — gritou ela.

— Eu acho que sim — disse Bourne. — Meu táxi ou o seu? “Ele é velho e cinzento” — foi o que você disse, Dominique. Uma descrição muito exata para quem nunca viu Carlos.

Bernardine saiu do Pont-Royal furioso, ao lado do porteiro que o tinha chamado.

— Isto é *ridículo!* — gritou ele, aproximando-se do táxi.

— Não, não é — corrigiu, olhando para dentro. — É apenas insano.

— Entre — disse Jason ao lado da mulher com hábito de freira.

François entrou, olhando para o hábito negro, a touca branca e pontuda e o rosto pálido da religiosa sentada entre os dois.

— Ela podia fazer uma fortuna no seu *cinéma-verité*, acredite — disse Jason.

— Não sou um homem muito religioso, mas espero que você não tenha cometido um erro... Eu cometi — ou melhor, nós cometemos — com aquele padeiro porco.

— Por quê?

— Ele é *padeiro*, é isso que ele é! Eu quase atirei uma granada nos fornos dele, mas ninguém, a não ser um *padeiro* francês, sabe implorar como ele implorou.

— Confere — disse Jason. — A lógica ilógica de Carlos — não me lembro quem disse isso, provavelmente fui eu. — O táxi fez uma volta completa e entrou na rue du Bac. — Estamos indo para o Meurice — acrescentou ele.

— Estou certo de que tem um bom motivo para isso — disse Bernardine, olhando para o rosto enigmático de Dominique Lavier. — Quero dizer, esta doce e velha senhora não diz nada.

— Não sou *velha*!

— É claro que não, minha querida — concordou o veterano do Deuxième. — Só mais desejável na sua idade madura.

— Cara, você acertou em cheio!

— Por que o Meurice? — perguntou Bernardine.

— É a última armadilha do Chacal para mim — respondeu Bourne. — Cortesia da nossa persuasiva irmã de caridade das Madalenas, aqui. Ele espera que eu esteja lá e eu vou estar.

— Vou chamar o Deuxième. Graças a um burocrata assustado, agora vão fazer tudo que eu pedir. Não ponha sua vida em perigo, meu amigo.

— Não quero ofendê-lo, François, mas você me disse que não conhece todo o pessoal do Deuxième agora. Não posso arriscar um vazamento de informação. Basta um homem para dar o alarme.

— Deixe-me ajudar. — A voz baixa e suave de Dominique Lavier interrompeu o murmúrio do tráfego lá fora como o primeiro movimento de uma serra. — Eu *posso* ajudar.

— Já ouvi isso antes, dona, e com sua ajuda eu ia caminhar para minha execução. Não, obrigado.

— Isso foi antes, não agora. Como deve estar mais do que claro, minha posição agora é desesperadora.

— Será que não ouvi essas palavras recentemente?

— Não, não ouviu. Eu acrescentei a palavra “agora”... Pelo amor de Deus, ponha-se rio meu lugar. Não quero fingir que entendo, mas este velho *boulevardier* ao meu lado diz casualmente que vai chamar o Deuxième — o *Deuxième, monsieur* Bourne! Para muitos, é nada menos do que a Gestapo francesa! Mesmo que eu sobreviva, estarei marcada por aquele infame departamento do governo. Sem dúvida

vão me mandar para uma horrível colônia penal do outro lado do mundo — oh, eu tenho ouvido as histórias do Deuxième!

— É mesmo? — perguntou Bernardine. — Pois eu não. Parece realmente fascinante. *Maravilhoso!*

— Além disso... — continuou Lavier, olhando furiosa para Jason e tirando a touca branca. O chofer, olhando pelo retrovisor, ergueu as sobrancelhas. — *Sem* mim, sem minha presença com outra roupa, no Meurice, Carlos não vai chegar perto da rue Rivoli. — Bernardine bateu de leve no ombro dela e levou o indicador aos lábios, inclinando a cabeça na direção do chofer. — O homem com quem você quer conversar não estará lá — terminou ela, apressadamente.

— Ela está certa — disse Bourne, inclinando-se para a frente e olhando para a rua no lado de Bernardine. — A irmã aqui tem um apartamento na Montaigne, onde eles sabem que ela vai parar para trocar de roupa e nenhum de nós pode ir com ela.

— Isso cria um dilema, certo? — disse Bernardine. — Não podemos monitorar o telefone, daqui de fora, podemos?

— Seus *tolos!*... Não tenho escolha senão cooperar com vocês e se não podem ver isso deviam ser conduzidos por cães de cego! Este homem velho, muito velho, vai pôr meu nome nos arquivos do Deuxième na primeira oportunidade, e como deve saber o famoso Jason Bourne, se a gente tem alguma coisa a ver com o Deuxième, várias perguntas serão feitas — no passado feitas por minha irmã, Jacqueline. Quem é este Bourne? Ele é real ou não? É o assassino da Ásia, ou uma fraude, uma *isca*? Ela me telefonou uma noite, para Nice, depois de muitos drinques — uma noite da qual talvez se lembre, *monsieur* Caméléon — num restaurante muito caro de Paris. Você a ameaçou... em nome de pessoas poderosas, *anônimas*, você a ameaçou! Exigiu que ela revelasse tudo que sabia sobre um conhecido — naquele tempo eu não tinha idéia de quem se tratava — mas você a assustou. Ela disse que você parecia louco, com os olhos esgazeados e falando numa língua que ela não conhecia.

— Eu me lembro — interrompeu Bourne secamente. — Jantamos, eu a ameacei e ela ficou assustada. Ela foi ao toalete, pagou alguém para dar um telefonema e eu tive de sair do restaurante.

— E agora o Deuxième está aliado àquelas pessoas muito poderosas? — Dominique Lavier balançou a cabeça várias vezes e baixou a voz. — Não, senhores, eu sou uma sobrevivente e não luto contra o impossível. A gente tem de saber quando deve passar a banca no bacará.

Depois de um curto silêncio, Bernardine disse:

— Qual é o seu endereço na avenue Montaigne? Vou dizer ao chofer para nos levar até lá, mas antes disso compreenda uma coisa, madame, se estiver mentindo, sofrerá todos os horrores do Deuxième que descreveu.

Marie lia os jornais sentada à mesa na pequena suíte do Hotel Meurice. Não

conseguia se concentrar no que lia. A ansiedade a impediu de dormir quando voltou para o hotel, um pouco depois da meia-noite, depois de ter estado em cinco dos cafés que ela e David haviam freqüentado há tantos anos, em Paris. Finalmente, às quatro e pouco da manhã, a exaustão foi mais forte e ela dormiu com o abajur aceso. Acordou quase seis horas depois. Seu sono mais longo desde aquela primeira noite na Ilha Tranqüilidade, que era agora apenas uma lembrança distante a não ser pela dor de não ver os filhos e não ouvir suas vozes. *Não pense neles, é muito doloroso. Pense em David... Não, pense em Bourne! Onde? Concentre-se!*

Deixou o *Tribune* de Paris e serviu a terceira xícara de café forte e puro, olhando para as portas de vidro que davam para o terraço e para a rue Rivoli. A manhã clara e brilhante transformara-se num dia triste e cinzento. Logo ia chover, dificultando a sua procura. Resignada, tomou o café e pôs a xícara elegante no pires elegante, não a caneca de louça comum preferida por David e por ela na sua cozinha rústica no Maine. Oh, *Deus*, será que voltariam para lá algum dia? *Não pense nisso! Concentre-se!*

Apanhou outra vez o *Tribune*, e virou as páginas distraidamente, vendo só as palavras isoladas, não frases ou parágrafos, sem nenhuma continuidade de pensamento. Então viu a linha entre aspas no fim de página.

A palavra era *Memom*, seguida de um número de telefone, e embora o *Tribune* fosse impresso em inglês, Marie traduziu instintivamente para o francês como *maymohom*. Ia virar a página quando outra parte do seu cérebro avisou, *Pare*.

— *Memom... mommy* — a modificação feita por uma criança aprendendo a falar. *Memom!* Jamie — o seu *Jamie!* O nome engraçado que ele inventou e usou durante algumas semanas! David achou graça, mas Marie apavorou-se, temendo que o menino tivesse dislexia.

“Talvez ele só esteja um pouco confuso, *memom*”, dissera David então, com um sorriso.

David! Olhou para o alto da página. Era a seção financeira que ela instintivamente lia todas as manhãs. Uma mensagem de David! Levantou-se, derrubando a cadeira e com o jornal na mão foi até o telefone. Com mãos trêmulas discou o número. Ninguém atendeu. Talvez tivesse discado errado ou tivesse esquecido do código de área de Paris. Tentou outra vez, lenta e atentamente agora.

Ninguém atendeu. Mas *era* David, Marie sentia, *sabia*. Ele estava à sua procura no Trocadéro e agora valia-se de um apelido usado por pouco tempo e que só os dois conheciam. Meu amor, meu *amor*, eu o encontrei!... Não podia mais ficar confinada no pequeno quarto do hotel, andando de um lado para o outro e discando o telefone, quase enlouquecendo a cada chamada não respondida. *Quando estiver tensa a ponto de estourar, procure um lugar onde possa se mover sem ser notada. Mantenha-se em movimento! Isso é vital! Não pode deixar explodir sua mente.*

Marie vestiu-se rapidamente. Destacou a mensagem do jornal e deixou a suíte opressiva, controlando-se para não correr até os elevadores, sentindo que precisava das ruas movimentadas de Paris para continuar a andar sem ser notada. De um telefone público para outro.

A descida até o saguão foi interminável e também desagradável, graças a um casal americano — ele com a máquina fotográfica, ela com pálpebras pintadas de roxo e cabelos oxigenados, num penteado bufante que parecia montado em concreto — queixando-se de que pouca gente em Paris, França, falava inglês. Finalmente a porta se abriu e Marie saiu rapidamente para o saguão movimentado do Meurice.

Quando se dirigia para as grandes portas de vidro da entrada, com ornatos em filigrana, parou instintivamente vendo um homem velho com um terno risca-de-giz, sentado numa pesada poltrona de couro à sua direita, inclinar o corpo magro para a frente com uma exclamação abafada. O homem olhou para ela atônito, com os lábios finos entreabertos, uma expressão de espanto nos olhos.

— Marie St. Jacques! — murmurou ele. — Meu Deus, *saia* daqui!

— Perdão, mas... *O quê?*

O francês idoso levantou-se com alguma dificuldade, examinando o saguão com olhar atento.

— Não pode ser vista aqui, Sra. Webb — disse ele em voz muito baixa, mas autoritária. — Não olhe para mim! Olhe para seu relógio. Fique com a cabeça abaixada. — O veterano do Deuxième olhou para longe, balançando a cabeça vagamente na direção das pessoas mais próximas e continuou, quase sem mover os lábios. — Vá até a porta da esquerda, a que é usada para bagagem. *Depressa!*

— *Não!* — disse Marie, olhando para o relógio com a cabeça abaixada. — Você me conhece, mas eu não o conheço. Quem é você?

— Amigo do seu marido.

— Meu Deus, ele está *aqui*?

— A questão é, por que *você* está aqui?

— Já estive neste hotel antes. Achei que ele talvez se lembrasse.

— Ele lembrou, mas num contexto diferente. *Mon Dieu*, do contrário, ele jamais o teria escolhido. Agora, *saia daqui*.

— Não vou sair. Tenho de encontrá-lo. Onde ele *está*?

— Se não sair, talvez encontre só o seu cadáver. Há uma mensagem para você no *Tribune*...

— Está na minha bolsa. Na página de finanças, *memom*...

— Telefone daqui a algumas horas.

— Não *pode* fazer isto comigo.

— Você não pode fazer isto com *ele*. Vai matá-lo! Saia daqui! *Agora!*

Com os olhos quase cegos de fúria, medo e lágrimas, Marie dirigiu-se para o

lado esquerdo do saguão, desejando desesperadamente olhar para trás, mas consciente de que não devia. Chegou às portas estreitas de vidro e colidiu com um carregador cheio de malas.

— *Pardon, madame!*

— *Moi aussi* — murmurou Marie, desviando das malas e do homem e saindo para a rua.

O que podia fazer — o que ia fazer? David estava em algum lugar do hotel — *dentro* do hotel! E um estranho a reconheceu e a mandou sair — *ir embora!* O que estava acontecendo?... Meu Deus, alguém está tentando matar David! Foi o que disse o velho francês — quem *era*... quem *eram*? *Onde* estavam?

Jason, ajude-me, pelo amor de Deus! Diga-me o que devo fazer, *Jason*?... Sim, Jason, *ajude-me!* Ficou parada, imóvel, olhando sem ver os táxis e limusines que paravam na frente do Meurice, onde o porteiro com alamares dourados recebia os recém-chegados e os hóspedes antigos, dando ordens aos carregadores que corriam em todas as direções. Uma limusine grande, preta, com uma insígnia religiosa discreta na porta da direita, o símbolo cruciforme de algum alto dignitário da Igreja, parou sob a marquise do hotel. Marie olhou para o pequeno emblema. Era circular, não tinha mais de quinze centímetros de diâmetro, com um globo cor de púrpura real circundando o crucifixo em ouro. Com um estremecimento, Marie conteve a respiração. Seu pânico adquiria agora nova dimensão. Já vira aquela insígnia antes e lembrava-se apenas do horror que tinha sentido.

A limusine parou, as duas portas da direita foram abertas pelo porteiro sorridente e obsequioso. Cinco padres desceram, um do banco da frente, quatro da parte de trás do carro. Estranhamente, os três últimos abriram caminho entre os transeuntes, e dois colocaram-se atrás da limusine. O outro passou por Marie, roçando a batina negra no vestido dela, tão próximo que ela pôde ver os olhos penetrantes de alguém que não pertencia a ordem religiosa alguma... Então, associando o rosto ao emblema do carro, à insígnia religiosa, Marie lembrou-se!

Anos atrás, quando David — quando *Jason* — fazia terapia intensiva com Panov, o psicanalista o aconselhava a desenhar qualquer imagem que lhe viesse à mente. Vezes sem conta ele desenhou aquele crucifixo... sempre quebrado ou atacado ferozmente com a ponta do lápis. *O Chacal!*

Então Marie viu o homem alto, com suéter e calça escuros — que atravessava a rue de Rivoli mancando, desviando-se dos veículos, com a mão erguida protegendo o rosto da garoa que logo se transformaria em chuva. Ele não era manco! O movimento dos ombros, girando um pouco o corpo para compensar a perna rígida, era um movimento de desafio que ela conhecia muito bem. Era David!

Outra pessoa, a menos de dois metros de onde ela estava, também o viu. O homem levou um pequeno transmissor aos lábios. Num movimento brusco, com os

braços estendidos, como uma tigresa, Marie lançou-se sobre o falso padre.

— *David!* — gritou ela, com as unhas tirando sangue do rosto do homem do Chacal.

Os tiros ecoaram pela rue de Rivoli. O povo entrou em pânico, correndo para o hotel, outros fugindo dele, todos gritando, procurando fugir da insanidade assassina que explodia na rua civilizada de Paris. Na luta com o homem que ia matar seu marido, Marie, a canadense forte e decidida, tirou a automática do adversário e atirou na cabeça dele, espalhando no ar sangue e tecido.

— *Jason* — gritou ela outra vez quando o assassino caiu, compreendendo que estava sozinha com o corpo do homem aos pés — um *alvo* perfeito! Então a morte certa transformou-se numa possibilidade de vida. O velho francês aristocrata, que a reconheceu no saguão do hotel, saiu correndo para a rua, atingindo com os tiros contínuos da sua automática todo o lado da limusine negra, parando por um instante para mudar o alvo e esfacelando as pernas de um dos “padres” que estava com a arma erguida, pronta para atirar.

— *Mon ami!* — rugiu Bernardine.

— *Aqui!* — gritou Bourne. — Onde está ela?

— *A votre droite! Auprès de...* — Um tiro isolado partiu das portas de vidro do Meurice. Caindo, o veterano do Deuxième exclamou: — *Les Capucines, mon ami. Les Capucines!* Bernardine caiu na calçada e um segundo tiro pôs fim à sua vida.

Marie estava paralisada. Tudo era uma chuva de gelo, um furacão de partículas geladas que explodia contra seu rosto, impedindo-a de pensar. Chorando descontroladamente, caiu de joelhos, depois desabou na calçada, seus gritos de desespero claros aos ouvidos do homem que de repente estava ao lado dela.

— Meus filhos... oh, Deus, os meus *filhos!*

— *Nossos filhos* — disse Jason Bourne com a voz de David Webb. — Vamos sair daqui, está entendendo?

— Sim, sim! — Com dificuldade, Marie levantou-se, ajudada pelo marido que não sabia mais se conhecia ou não. — *David?*

— É claro que sou David. Vamos!

— Você me assusta...

— Eu *me* assusto. Vamos! Bernardine nos abriu o caminho para a fuga. Corra comigo, segure a minha mão!

Correram pela rue de Rivoli, seguindo para o leste na avenue St. Michel até certificarem-se, pela *nonchalance du jour* dos transeuntes, que estavam a salvo dos horrores do Meurice. Pararam, abraçados, numa viela.

— Por que você *fez* isso? — perguntou Marie segurando o rosto dele com as duas mãos. — Por que fugiu de nós?

— Porque sou melhor sem você, sabe disso.

— Mas não era antes, David. Ou devo dizer Jason?

— Nomes não importam, precisamos sair daqui.

— Para onde?

— Não estou bem certo. Mas *podemos* sair, isso é o que importa. Bernardine nos deu uma saída.

— O velho francês?

— Não vamos falar nele, certo? Pelo menos, não por algum tempo. Já estou bastante abalado.

— Tudo bem, não falaremos nele. Porém, ele mencionou Les Capucines — o que quis dizer?

— É a nossa saída. Um carro está à minha espera na avenue des Capucines. Era isso que ele estava dizendo. Vamos!

No Peugeot anônimo eles saíram de Paris, seguindo para o sul pela estrada Barbizon, que levava a Villeneuve St. Georges. Marie sentou-se juntinho do marido, seus corpos se tocando, a mão dela no braço dele. Mas sentia que o calor do seu carinho não era retribuído. Só uma parte daquele homem era seu David, o resto era agora dominado por Jason Bourne.

— Por favor, fale comigo! — exclamou Marie.

— Estou pensando... Por que veio a Paris?

— *Cristo!* — explodiu ela. — Para encontrá-lo, para ajudá-lo!

— Tenho certeza de que pensou que estava fazendo a coisa certa... mas não estava, sabe?

— Essa voz outra vez — protestou Marie. — Esse maldito tom de voz sem corpo! Quem diabo pensa que é para dizer isso? *Deus!* Para ser clara — não clara, mas brutal —, você tem dificuldade para se lembrar de certas coisas, meu querido.

— Não sobre Paris — negou Jason. — Lembro-me de tudo sobre Paris. Tudo.

— Seu amigo Bernardine não pensava assim! Ele me disse que você jamais teria escolhido o Meurice se tivesse se lembrado.

— O quê? — Bourne olhou rapidamente para a mulher,

— Pense. Por que escolheu — e você *escolheu* — o Meurice?

— Não sei... Não tenho certeza. É um hotel, apenas me lembrei do nome.

— *Pense:* O que aconteceu anos atrás no Meurice — bem na frente do Meurice?

— Eu... sei que aconteceu alguma coisa... *Você?*

— Sim, meu amor, *eu*. Eu me hospedei com um nome falso e você foi se encontrar comigo e andamos até a banca de jornais na esquina, onde, por um momento horrível, nós dois soubemos que minha vida jamais seria a mesma — com você ou sem você.

— Oh, Jesus, eu tinha esquecido! Os jornais — sua fotografia nas primeiras

páginas de todos os jornais. Você era a funcionária do governo canadense...

— A economista canadense *em fuga* — interrompeu Marie —, caçada em toda a Europa, acusada de múltiplos assassinatos em Zurique ligados ao roubo de milhões dos bancos suíços! Esse tipo de publicidade jamais se apaga da Vida de uma pessoa. As acusações podem ser refutadas, sua falsidade provada e comprovada, mas a dúvida permanece: “Onde há fumaça há fogo”, diz o velho ditado. Meus próprios companheiros de trabalho em Ottawa... amigos muito queridos com os quais eu trabalhava há anos... tinham medo de *falar* comigo.

— *Espere* um pouco! — exclamou Bourne, olhando outra vez rapidamente para a mulher de David. — As acusações *eram* falsas — um golpe de Treadstone para me atrair —, você foi a única que compreendeu isso. Eu não compreendi.

— É claro, você estava sob forte tensão naquele tempo. Para mim não fez diferença, porque eu já havia tomado uma decisão, com minha mente analítica que está à altura da sua em qualquer circunstância, meu doce estudioso.

— *O quê?*

— Olhe para a *estrada*! Passamos a entrada, exatamente como você passou a entrada para a nossa casa de campo há poucos dias — ou foram anos?

— De que diabo está falando?

— A pequena estalagem onde ficamos perto de Barbizon. Você pediu delicadamente para acenderem a lareira no restaurante — éramos os únicos hóspedes. Foi a terceira vez que eu vi, através da máscara de Jason Bourne, o homem pelo qual eu estava me apaixonando.

— Não faça isso comigo.

— Tenho de fazer, David. Nem que seja só por mim, agora. Preciso saber que você está aí.

Silêncio. Jason deu a volta na *grand-route* e pisou fundo no acelerador.

— Estou aqui — disse David, passando o braço direito pelos ombros de Marie e puxando-a para ele. — Não sei por quanto tempo, mas estou aqui.

— Depressa, querido.

— Certo. Mas quero ficar assim abraçado com você.

— E eu quero telefonar para as crianças.

— Agora eu sei que estou aqui.

— VAI NOS CONTAR voluntariamente tudo que queremos saber, ou nós o lançaremos numa órbita química com a qual os raptos do Dr. Panov jamais sonharam — disse Peter Holland, diretor da CIA, sua voz baixa e monótona contundente e suave como granito polido. — Além disso, devo explicar os extremos aos quais estou disposto a recorrer, porque sou da velha escola, *paisano*. Não dou a mínima para os regulamentos que favorecem o lixo. Você banca o difícil comigo, e eu o afundo, ainda respirando, a 160 quilômetros do cabo Hateras, dentro de um torpedo. Fui claro?

O capo subordinado, com a perna direita e o braço esquerdo engessados, estava deitado na cama da enfermaria deserta de Langley, deserta porque o diretor mandou que a equipe médica fosse para bem longe, para seu próprio bem. O rosto gorducho do mafioso parecia mais gordo por causa das equimoses em volta dos olhos e dos lábios naturalmente grossos, resultado do encontro de sua cabeça com o painel quando Mo Panov jogou o carro contra um carvalho de Maryland. Ele olhou para Holland com as pálpebras inchadas e depois para Conklin sentado ao lado da cama, segurando a indefectível bengala.

— Não tem direito, seu “mandachuva” — disse o capo, desafiadoramente. — Porque eu tenho meus direitos, sabia?

— O médico também tinha e vocês o violaram — *Jesus*, e como os violaram!

— Não vou falar sem meu advogado.

— Onde diabo estava o advogado de *Panov*? — gritou Alex, batendo com a bengala no chão.

— Não é assim que o sistema funciona — protestou o capo, tentando erguer as sobrancelhas, indignado. — Além disso, eu fui bom com o doutor. Ele se aproveitou da minha bondade, Deus sabe!

— Você é um comediante — disse Holland. — Um comediante nada divertido. Não temos advogados aqui, *linguine*, só nós três e uma cápsula de torpedo começa a se desenhar no seu futuro.

— O que querem de mim? — exclamou o mafioso. — O que eu sei? Só faço o que me mandam, como fazia meu irmão mais velho — que descanse em paz — e meu pai — que descanse em paz também — e provavelmente o pai *dele*, de quem eu não sei nada.

— Assim, como gerações e gerações vivendo à custa do governo, não é mesmo? — observou Conklin. — Os parasitas nunca saem da lista.

— Ei, está falando da minha família, seja lá de que droga está falando.

— Peço desculpas ao seu brasão de nobreza — disse Alex.

— Pois é na sua família que estamos interessados, Augie — disse o diretor da CIA. — É Augie, não é? Esse é o nome numa das cinco carteiras de motorista e achamos que parece o mais autêntico.

— Pois você não é tão autenticamente inteligente, seu “mandachuva” — respondeu agressivamente o homem com os lábios inchados. — Não tenho nenhum daqueles nomes.

— Temos de chamar você de alguma coisa — disse Holland. — Nem que seja para gravar a fogo na cápsula em Hateras para que algum arqueólogo, daqui a milhares de anos, possa dar uma identidade aos dentes que vai examinar.

— Que tal Chauncy? — propôs Conklin.

— Muito étnico — respondeu Peter. — Eu gosto de cretino, porque é isso que ele é. Vai ser amarrado dentro de um tubo e afundado na plataforma continental debaixo de oito quilômetros de água, pelos crimes cometidos por outros. Para mim, isso é que é ser cretino.

— Pare com isso! — rugiu o cretino. — Tudo bem, meu nome é Nicolo... Nicholas Dellacroce, e só por contar isso vocês têm de me dar proteção! Como no caso de Valachi, faz parte do acordo.

— É mesmo? — Holland franziu a testa. — Não me lembro de ter mencionado nenhum acordo.

— Pois então não vai ter nada.

— Está errado, Nicky — disse Alex, no outro lado do quarta, pequeno. — Vamos conseguir tudo que queremos. O único inconveniente é que tem de ser tudo de uma vez. Não teremos tempo para outro interrogatório, nem para levar você ao tribunal federal, nem mesmo para fazê-lo assinar um depoimento.

— Hein?

— Você vai virar um vegetal com o cérebro derretido. É claro, pode ser uma bênção, de certo modo. Nem vai perceber quando entrar naquele tubo em Hateras.

— Ei, do que está *falando*?

— Simples lógica — respondeu o ex-comando naval e atual diretor da CIA. — Quando nossa equipe médica acabar com você, não espera que seja possível deixá-lo solto por aí, certo? Uma autópsia ia atrasar nossa vida em trinta anos e, francamente, não temos tempo para isso... Então, o que vai ser, Nicky? Quer falar conosco ou prefere um padre?

— Tenho de pensar...

— Vamos embora, Alex — disse Holland secamente, caminhando para a porta. — Vou mandar o padre. Este pobre filho da mãe vai precisar de todo o consolo possível.

— Em momentos como este — observou Conklin, levantando, apoiado na bengala — é que eu penso seriamente na desumanidade do homem para com o homem. Então procuro explicar. Não é brutalidade, pois isso não passa de uma abstração descritiva. Trata-se apenas do método de comércio que nos envolve. Porém, o indivíduo existe — com mente, carne e seus sensíveis terminais nervosos. E a dor excruciante. Graças a Deus eu sempre estive em segundo plano, fora de alcance — como os companheiros de Nicky. Eles comem em restaurantes elegantes e ele vai dentro de um tubo para a plataforma continental, a oito quilômetros de profundidade, com o corpo explodindo dentro dele mesmo.

— Tudo bem, tudo bem — gritou Nicolo Dellacroce, contorcendo o corpo obeso sob as cobertas. — Façam suas drogas de perguntas, mas vocês me dão proteção, *capisce*?

— Isso depende da veracidade das suas respostas — disse Holland, voltando para o lado da cama.

— Se fosse você, eu seria muito sincero, Nicky — observou Alex, claudicando de volta para a cadeira. — Uma mentira e vai dormir com os peixes — acho que é assim que se diz.

— Não preciso que me ensinem, eu sei onde está a verdade.

— Vamos começar, Sr. Dellacroce — disse o chefe da CIA, tirando do bolso um pequeno gravador. Verificou se estava em ordem e colocou-o sobre a mesa-de-cabeceira. Depois puxou uma cadeira para perto da cama e continuou a falar, dirigindo a introdução ao gravador. — Meu nome é Almirante Peter Holland, atualmente diretor da Agência Central de Inteligência, a confirmação da minha voz pode ser feita, se for necessário. Esta é uma entrevista com um informante, que chamaremos de John Smith, características da voz seguem no teipe central da agência, identificação nos arquivos confidenciais do diretor... Tudo bem, Sr. Smith, vamos deixar de lado as bobagens e partir para as perguntas essenciais. Para sua proteção, vou generalizar as perguntas na medida do possível, mas vai saber exatamente do que estou falando e eu espero respostas específicas... Para quem o senhor trabalha, Sr. Smith?

— Atlas Coin Vending Machines, Long Island City — respondeu Dellacroce, arrastando as palavras e com voz zangada.

— Quem é o dono?

— Eu não sei. Quase todos nós trabalhamos em casa — uns 15 ou vinte caras, sabe o que quero dizer? Nós fazemos a manutenção das máquinas e mandamos nossos relatórios.

Holland olhou para Conklin e trocaram um sorriso. Com uma única resposta, o mafioso colocava-se dentro de um vasto círculo de informantes em potencial. O jogo não era novo para Nicolo.

— Quem assina seus contracheques, Sr. Smith?

— Um Sr. Louis DeFazio, um comerciante legítimo, ao que eu sei. Ele distribui nosso trabalho.

— Sabe onde ele mora?

— Brooklyn Heights. No rio, foi o que me disseram.

— Para onde estava indo quando foi interceptado por nossos homens?

Dellacroce fez uma careta e fechou um olho inchado, por um momento, antes de responder.

— Para um daqueles buracos de bebida e drogas no sul de Filadélfia — que você já conhece, seu “mandachuva”, porque encontrou marcado no mapa do carro.

Holland, furioso, desligou o gravador.

— Você está a caminho de Hateras, seu filho da mãe!

— Ei, você consegue sua informação a seu modo, eu dou a minha, certo? Tinha um mapa — *sempre* tem um mapa — e a gente tinha de andar por aquelas malditas estradas secundárias até o lugar, como se estivesse levando o presidente ou um *don* superior, para uma conferência nos Apalaches... Você me dá um bloco de notas e um lápis que eu desenho o lugar certinho, até a placa de bronze na pedra do portão. — O mafioso ergueu o braço não engessado e apontou o indicador para o diretor da CIA. — Vai ser o lugar exato, seu “mandachuva” porque não quero dormir com os peixes, *capisce*?

— Mas não quer que seja gravado — disse Holland intrigado. — Por quê?

— Essa merda de gravador? Como foi que o chamou? Uma besteira qualquer *central* da agência? O que está pensando... que a nossa gente não pode entrar nessa sua coisa central? Ha-ha! Aquela merda de médico de vocês podia ser um dos nossos!

— Não é, mas vamos apanhar um médico do exército que é. — Peter Holland apanhou o bloco e o lápis da mesa-de-cabeceira e os entregou a Dellacroce. Não ligou o gravador. Estavam além dos acessórios comuns, no jogo para valer.

Na cidade de Nova York, rua 138, entre a Broadway e a avenida Amsterdam, o centro do Harlem, um homem negro e grande cambaleou para a calçada. Raspou o muro de tijolos de um prédio miserável de apartamentos e continuou a andar, com o rosto barbado quase encostando na gola suja da túnica do exército.

— Pelo jeito que me olham — disse ele em voz baixa no microfone sob a gola da camisa — parece que acabo de invadir o colo superior do distrito branco comercial de Palm Springs.

— Você está indo muito bem — respondeu a voz metálica no minúsculo aparelho preso na camisa do agente. — O lugar está cercado, você será avisado com bastante antecedência. Aquela secretária eletrônica está tão estragada que solta fumaça e assobia.

— Como foi que vocês dois entraram naquele buraco de rato esta manhã?

— Chegamos muito cedo, tão cedo que ninguém viu nossas caras.

— Mal posso esperar para ver vocês saindo de lá. É um condomínio um tanto exclusivo. Por falar nisso, os tiras da área estão avisados? Eu não gostaria nada de ser detido, depois de deixar crescer esta barba que parece cerda de javali. Coca como o diabo e minha nova mulher de três meses não gosta nem um pouco.

— Você devia ter ficado com a primeira, meu chapa.

— Muito engraçadinho, garoto branco. Ela não gostava da hora nem da geografia. Assim como eu passar semanas seguidas brincando no Zimbabwe. Responda, por favor?

— Os tiras têm a sua descrição e conhecem o plano. Você faz parte de uma operação federal, portanto, eles não o importunarão... *Espere!* A conversa acabou. Esse tem de ser o nosso homem, tem uma sacola da telefônica no cinto... É ele. Está indo para a entrada. É todo seu, Imperador Jones.

— Garotinho branco engraçadinho... Já vi o homem e posso dizer que é uma musse macia de chocolate. Está morrendo de medo de entrar no prédio.

— O que significa que ele é mesmo da telefônica — disse a voz metálica na gola da blusa do agente. — Isso é ótimo.

— Isso é péssimo, meu filho — disse o agente negro imediatamente. — Se você estiver certo, ele não sabe de nada, e as camadas entre ele e a fonte principal são tão espessas quanto melado do sul.

— Oh! Então, qual a sua idéia?

— Tecnologia local. Tenho de ver os números quando ele os programar no seu aparelho de conserto.

— Que diabo significa isso?

— Ele pode ser da telefônica, mas também está assustado e não por causa do lugar.

— O que quer dizer?

— Está na cara, homem. Ele pode programar com números falsos se desconfiar que está sendo vigiado.

— Não estou entendendo nada, cara.

— Ele tem de duplicar os números que correspondem ao controle remoto para fazer funcionar os bips...

— Esqueça. Isso é alta tecnologia e eu não entendo. Além disso, temos um homem na companhia Reco-qualquer-coisa. Ele está à sua espera.

— Então, preciso trabalhar. Desligo, mas continue a me monitorar.

O agente levantou da calçada e com passos incertos dirigiu-se para o prédio dilapidado. O homem da telefônica chegou ao segundo andar e virou para a direita no corredor estreito e sujo. Evidentemente conhecia o caminho, pois não hesitou nem

um momento, nem verificou os números quase ilegíveis nas portas. As coisas iam ser um pouco mais fáceis, pensou o homem da CIA, agradecendo o fato daquela missão estar fora do campo de ação da agência. Fora do campo de ação era dizer pouco, era completamente ilegal.

O agente subiu a escada de três em três degraus, as solas de borracha macia amortecendo seus passos, embora sem evitar os estalos da escada velha de madeira. Encostando-se na parede, espiou para o corredor cheio de lixo e viu o homem inserir três chaves em três fechaduras verticais, girando uma de cada vez e entrando na última porta à esquerda. As coisas talvez não fossem tão fáceis, afinal, pensou o agente. Assim que o homem fechou a porta, ele correu silenciosamente pelo corredor e parou perto da porta, imóvel, escutando. Nada genial, mas tampouco o pior, pensou ele, ouvindo o ruído de uma única fechadura. O homem estava com pressa. Encostou o ouvido na pintura descascada da parede e prendeu a respiração. Trinta segundos depois, virou a cabeça, soltou o ar, respirou fundo e voltou para a porta. Ouviu as palavras abafadas, mas perfeitamente compreensíveis.

— Central, aqui é Mike na rua 138, seção 12, aparelho 16. Existe outra unidade no prédio, se você disser que existe não vou acreditar. — Seguiu-se um silêncio de mais ou menos vinte segundos. — ... Não temos, certo? Bem, temos a interferência de uma frequência que não faz sentido... O quê? Televisão a cabo? Ninguém neste lugar tem grana para isso... Ah, peguei, irmão. Cabo de *área*. Os caras da droga levam boa vida, não é mesmo? Os endereços podem ser uma merda, mas dentro de casa eles têm um montão de coisas finas... Então, libere a linha e ligue outra vez. Vou ficar aqui até ouvir um sinal perfeito, certo, irmão?

O agente afastou-se um pouco outra vez para respirar, agora de alívio. Podia ir embora sem nenhum confronto, já tinha o que precisava. Rua 138, seção 12, aparelho 16, e eles sabiam o nome da firma que havia instalado o equipamento. A Reco-Metropolitan Company, Sheridan Square, Nova York. Os branquinhos poderiam fazer o serviço agora. Voltou para a escada e ergueu a gola da túnica.

— Se eu for atropelado por um caminhão, aqui vão os dados. Está me ouvindo?

— Alto e claro, Imperador Jones.

— Aparelho 16 no que eles chamam de seção 12.

— Já anotei! Você fez jus ao seu ordenado.

— Você podia pelo menos dizer, “notável, meu chapa”.

— Ora, você é o cara que esteve na universidade, não eu.

— Alguns de nós somos excepcionais... *Espere! Tenho companhia!*

Lá embaixo apareceu um negro pequeno e troncudo com os olhos saltados pregados no agente e uma arma na mão. O homem da CIA rapidamente protegeu-se no canto da parede e quatro tiros sucessivos ecoaram no corredor. Lançando-se para a frente e tirando a arma do coldre, o agente atirou duas vezes, mas o primeiro tiro

fez o serviço. O assaltante caiu no chão imundo do hall.

— Peguei um ricochete ria perna — exclamou o agente. — Mas ele está no chão — não sei se completamente morto. Traga o carro e tire a gente daqui. *Rápido*.

— Carro a caminho. Fique onde está!

Passava um pouco das oito na manhã seguinte quando Alex Conklin entrou mancando no escritório de Peter Holland, impressionando os guardas nos portões da CIA com seu acesso imediato ao gabinete do diretor.

— Alguma coisa? — perguntou Holland, erguendo os olhos dos papéis na sua mesa.

— Nada — respondeu Conklin irritado, preferindo o sofá encostado na parede à cadeira. — Nada de nada. Jesus, que droga de dia e nem começou ainda! Casset e Valentino estão no porão enviando mensagens para todos os esgotos de Paris e até agora, *nada...* Cristo, olhe para o cenário e me mostre uma pista! Swayne, Armbruster, DeSole — nosso filho da mãe mudo, a *toupeira*. Depois, para piorar, *Teagarten* com o cartão de visitas de Bourne, quando sabemos perfeitamente que é uma armadilha para Jason, planejada pelo Chacal. Mas não há nenhuma ligação lógica entre Carlos e Teagarten e, conseqüentemente, com a Medusa. Nada faz sentido, Peter. Perdemos o fio da meada — tudo está confuso!

— Acalme-se — disse Holland.

— Como vou me acalmar? Bourne desapareceu — quero dizer, desapareceu de verdade, se não estiver morto. E nem sinal de Marie, nem uma palavra dela, então somos informados de que Bernardine foi morto num tiroteio, poucas horas atrás, na rue de Rivoli — *Cristo*, assassinado em plena luz do dia! E isso significa que Jason estava lá, tinha de estar!

— Uma vez que nenhum dos mortos ou feridos corresponde à descrição dele, Jason deve ter fugido, certo?

— Sim, devemos esperar isso.

— Você pediu uma pista — disse o diretor pensativo. — Não tenho certeza se posso dar uma, mas posso dar algo bem parecido.

— *Nova York?* — Conklin inclinou-se para a frente no sofá. — A secretária eletrônica? Aquele assecla de DeFazio, em Brooklyn Heights?

— Vamos chegar a Nova York, a tudo isso — a todos eles. Mas no momento, concentremo-nos naquela pequena pista de que você falou, aquele ponto central.

— Não sou o garoto mais burro do bairro, mas onde está ela?

Holland recostou-se na cadeira, olhou para os papéis sobre a mesa, depois para Alex.

— Setenta e duas horas atrás, quando resolveu contar tudo, você disse que a base da estratégia de Bourne era convencer o Chacal e a moderna Medusa a unirem suas forças, tendo Bourne como alvo comum, alimentando-se mutuamente. Não era

essa a intenção básica? Os dois lados queriam Bourne morto. Carlos tinha dois motivos — vingança e o fato de acreditar que Bourne pode identificá-lo; os medusianos, porque Bourne sabe muito sobre eles.

— Sim, essa era a premissa principal — concordou Conklin, com um gesto afirmativo. — Por isso eu pesquisei e dei aqueles telefonemas, jamais esperando encontrar o que encontrei. *Jesus*, um cartel mundial nascido há vinte anos em Saigon, formado pelos maiores dentro e fora do governo e das forças armadas. Foi o tipo de mina que eu não estava procurando. Pensei que ia descobrir uns dez ou 12 milionários importantes, com contas bancárias muito aumentadas depois de Saigon e que podiam ser examinadas, mas nunca isto, não *esta* Medusa.

— Simplificando a coisa — continuou Holland, franzindo a testa, olhando outra vez para os papéis à sua frente, depois para Alex. — Uma vez feita a conexão entre a Medusa e Carlos, o Chacal seria informado de que a Medusa queria eliminar um homem, e que dinheiro não era problema. Certo, até aqui?

— A chave, nesse caso, era o calibre e a posição dos homens que iam procurar Carlos — explicou Conklin. — Deviam ser os mais genuínos membros do Olimpo que pudessemos encontrar, o tipo de cliente que o Chacal não tem e nunca teve.

— Então, seria revelado o nome do alvo — digamos, algo assim como, “John Smith, há anos atrás conhecido como Jason Bourne” — e o Chacal mordida a isca. Bourne, o homem que ele mais deseja ver morto.

— Sim, por isso os medusianos que fossem falar com Carlos precisavam ser consistentes, tão acima de qualquer suspeita que Carlos os aceitasse sem pensar em uma armadilha.

— Porque — continuou Holland — Jason Bourne pertenceu à Medusa de Saigon — um fato conhecido por Carlos — mas nunca compartilhou da prosperidade da nova Medusa. Esse é o cenário de fundo, certo?

— A lógica é perfeita. Durante três anos ele foi usado e quase morreu numa operação secreta, e durante esse tempo, supostamente descobriu que muitos dos antigos homens de Saigon, sem nenhum mérito, estavam dirigindo Jaguares, passeando em iates e com ordenados que eram verdadeiras fortunas, ao passo que ele tinha de se contentar com a aposentadoria do governo. Era para tentar a paciência de São João Batista, para não falar em Barrabás.

— Um *libreto* magnífico — concedeu Holland, com um lento sorriso. — Posso ouvir os tenores pairando em triunfo e os baixos maquiavélicos desaparecendo do palco, derrotados... Não faça essa cara para mim, Alèx! Estou falando sério! É realmente engenhoso. Tão inevitável que tornou-se uma profecia automaticamente realizada.

— De que diabo está falando?

— Seu Bourne estava certo desde o começo. Tudo aconteceu como ele previu,

mas não como ele podia imaginar. Porque era inevitável, em algum lugar devia existir um contrapolinizador.

— Por favor, desça de Marte e explique para um terráqueo, Peter.

— Medusa *usando* o Chacal! *Agora*. O assassinato de Teagarten prova isso, a não ser que você ache que foi Bourne quem explodiu aquele carro em Bruxelas.

— É claro que não.

— Então o nome de Carlos foi revelado a alguém de Medusa que já sabia de Jason Bourne. Não podia ser de outro modo. Você não mencionou nenhum dos dois para Armbruster, nem para Swayne ou para Atkinson, em Londres, mencionou?

— Mais uma vez, é claro que não. Não era a hora certa, não estávamos prontos para puxar esses gatilhos.

— Sobra quem? — perguntou Holland. Alex olhou para o diretor da CIA.

— Meu Deus — disse em voz baixa. — DeSole?

— Isso mesmo, DeSole, o especialista muito mal pago que se queixava incessantemente, em tom de brincadeira, dizendo que nenhum homem podia dar educação aos filhos e aos netos com o que ganhava trabalhando para o governo. Ele esteve presente a todas as nossas conversas, começando com o assalto na sala de conferências.

— Sim, ele esteve, mas isso foi limitado a Bourne e ao Chacal. Ninguém mencionou Armbruster, Swayne, Teagarten ou Atkinson — a nova Medusa nem apareceu em cena. Diabo, Peter, *você* não sabia até 72 horas atrás.

— Certo, mas DeSole sabia porque tinha se vendido, era parte da coisa toda. Naturalmente foi avisado... “*Cuidado*. Fomos infiltrados. Um maníaco está ameaçando expor a nossa organização, acabar conosco...” Você mesmo disse que a Comissão de Comércio enviou mensagens de pânico para o Pentágono e para Londres.

— Sim, foram enviadas — concordou Conklin. — Tão apavoradas que dois deles tiveram de ser eliminados, além de Teagarten e nossa pobre toupeira. Os líderes da Mulher Serpente resolveram rapidamente quem era vulnerável. Mas onde Bourne e Carlos entram nisso? Não vejo nenhuma ligação.

— Pensei que tínhamos concordado que há uma ligação.

— DeSole? — Conklin balançou a cabeça. — Uma idéia interessante, mas não cola. Ele não podia supor que eu sabia sobre a infiltração da Medusa, porque nem tínhamos começado.

— Mas quando começamos, a seqüência tinha de preocupá-lo, nem que fosse só no sentido de que, mesmo em pólos opostos, uma crise vinha logo depois da outra. Com que intervalo? Uma questão de horas?

— Menos de 24 horas... Porém, estavam em pólos opostos.

— Não para o analista dos analistas — observou Holland. — Se uma coisa

anda como um pato e crocita como um pato, procure um pato. Estou quase certo de que em algum lugar, em algum momento, DeSole fez as conexões entre Jason Bourne e o louco que havia se infiltrado na Medusa — a nova Medusa.

— Pelo amor de Deus, *como*?

— Não sei. Talvez porque você nos disse que Bourne pertencera à velha Medusa de Saigon — é uma conexão danada de clara.

— Meu Deus, você pode estar certo — disse Alex, recostando-se no sofá. — A força impulsora que atribuímos ao nosso louco anônimo foi o fato de ele ter sido ignorado pela nova Medusa. Eu mesmo disse isso em todos os telefonemas. “Ele levou anos para juntar as provas...” “Ele tem nomes, postos e os bancos de Zurique...” Jesus, eu sou *cego*! Eu disse essas coisas a completos estranhos para jogar verde, e sem pensar mencionei o fato de Bourne ter pertencido à Medusa naquela reunião em que DeSole estava presente.

— Por que você ia pensar nisso? Você e seu homem resolveram fazer um jogo separado, só os dois.

— Nossas razões eram mais do que válidas — disse Conklin. — Pelo que eu sabia, *you* podia pertencer à Medusa.

— Muito obrigado.

— Ora, vamos, não venha com essa. “Temos um cara importante em Langley”... foi o que ouvi de Londres. O que você teria pensado, o que teria feito?

— Exatamente o que você fez — respondeu Holland com um sorriso. — Mas você tem fama de inteligente, muito mais inteligente do que eu.

— Muito obrigado.

— Não seja tão severo com você mesmo. Você fez o que qualquer um de nós teria feito em seu lugar.

— Por isso eu agradeço de verdade. E você está certo, é claro. Tinha de ser DeSole. Não sei como ele conseguiu, mas tinha de ser ele. Provavelmente procurou nos antigos arquivos do seu cérebro — ele jamais esquecia nada, você sabe. Sua mente era uma esponja que absorvia tudo e ele jamais deixava escapar uma lembrança. Ele se lembrava de palavras e frases, até resmungos espontâneos de aprovação ou desaprovação que nós todos esquecemos... E eu dei a ele toda a história Bourne-Chacal — então, alguém da Medusa a usou em Bruxelas.

— Fizeram mais do que isso, Alex — disse Holland, inclinando-se para a frente e procurando entre os papéis. — Roubaram seu *script*, usurparam sua estratégia. Eles ataçaram Bourne contra o Chacal, mas os controles não estavam nas suas mãos, e sim nas deles. Medusa está com o controle. Bourne está de volta à Europa, exatamente como há 13 anos, talvez com a mulher, talvez não, com a única diferença de que, além de Carlos e da Interpol e de toda a polícia do continente, tem agora outro inimigo mortal.

— Isso está nesses papéis em sua mão, não está? A informação de Nova York?

— Não posso garantir, mas acho que sim. É o contra-polinizador de que falei, a abelha que vai de uma flor apodrecida pra outra, carregando veneno.

— Diga logo do que se trata.

— Nicolo Dellacroce e os maiores acima dele.

— Máfia?

— É consistente, embora não aceitável socialmente. A Medusa originou-se do corpo de oficiais de Saigon e ainda entrega o trabalho sujo aos famintos e corruptos inferiores. Veja Nicky D. e homens como o sargento Flannagan. Quando se trata de matar ou seqüestrar ou de usar drogas em prisioneiros, os garotos de camisa engomada ficam bem longe, ninguém pode encontrá-los.

— Mas suponho que você os encontrou — disse Conklin, impaciente.

— Achamos que sim. Por “nós” quero dizer nossa gente em consulta discreta com a divisão anticrime de Nova York, especialmente uma unidade chamada patrulha U.S.

— Nunca ouvi falar.

— São quase todos ítalo-americanos e denominam-se os *Untouchables Sicilians*. Daí o U.S. com conotação dupla.

— Sicilianos Intocáveis, muito interessante.

— Trabalho da *unnice*... De acordo com os arquivos da Reco-Metropolitan...

— Ao quê?

— A companhia que instalou a secretária eletrônica na rua 138, em Manhattan.

— Desculpe, continue.

— De acordo com os arquivos, o aparelho foi alugado a uma pequena firma importadora da Décima Primeira Avenida, a alguns quarteirões do cais. Há uma hora recebi a lista de telefonemas da companhia nos últimos dois meses e adivinha o que descobrimos?

— Prefiro não esperar — disse Alex.

— Nove telefonemas para um número razoavelmente aceitável em Brooklyn Heights e três no espaço de uma hora para um telefone nada aceitável na Wall Street.

— Alguém ficou nervoso...

— Foi o que pensamos — “nós”, neste caso, nossa própria unidade. Pedimos aos sicilianos toda a informação que tinham sobre Brooklyn Heights.

— DeFazio?

— Vamos dizer o seguinte. Ele mora lá, mas o telefone está no nome da Atlas Coin Vending Company, em Long Island.

— Confere. É idiota, mas confere. E DeFazio?

— É um capo de nível médio, muito ambicioso, da família Giancavallo. Ele é muito fechado, muito mundo subterrâneo, muito cruel... e muito gay.

— *Cristo Santíssimo!*

— Os Intocáveis nos fizeram jurar que guardaríamos segredo. Querem tratar dele pessoalmente.

— Besteira — disse Conklin, suavemente. — Uma das primeiras coisas que aprendemos neste serviço é mentir para todo mundo, especialmente para quem é bastante tolo para confiar em nós. Usamos o segredo sempre que nos ajuda a dar um passo à frente... Qual é o outro número de telefone, o menos aceitável?

— Uma das mais poderosas firmas de Wall Street, talvez a mais poderosa.

— Medusa — disse Conklin.

— Foi o que entendi. Eles têm 66 advogados em dois andares do prédio. Qual deles é Medusa — ou quem, entre eles, é Medusa?

— Não me interessa a mínima! Vamos em cima de DeFazio e do controle que ele vai mandar para Paris. Para a Europa, para alimentar o Chacal. Eles são os assassinos que estão atrás de Jason e é só isso. que me interessa. Comece a trabalhar DeFazio. Ele é que tem o contrato! Peter Holland inclinou-se para trás na cadeira, rígido, tenso.

— Tinha de chegar a isto, não é, Alex? — perguntou em voz baixa. — Nós dois temos nossas prioridades... Eu faria qualquer coisa dentro da autoridade do meu cargo para salvar as vidas de Jason Bourne e de sua mulher, mas não vou quebrar meu juramento de defender este país em primeiro lugar. Não posso fazer isso e acho que você sabe. Minha prioridade é a Medusa, em suas palavras, um cartel mundial que pretende ser um governo dentro do nosso governo. É atrás dela que eu vou. Em primeiro lugar e sem me preocupar com as prováveis baixas. Para ser claro, meu amigo — e espero que seja meu amigo —, os Bourne, ou sejam lá quem forem, são descartáveis. Sinto muito, Alex.

— Foi para isso que me chamou aqui esta manhã, não, foi? — disse Conklin, firmando a bengala no chão e levantando-se com dificuldade.

— Sim, foi.

— Você tem seu plano de jogo contra a Medusa — e não podemos tomar parte nele.

— Não, não podem. É um conflito fundamental de interesses.

— Pois pode ficar certo de uma coisa. Você vai ficar todo atrapalhado no momento em que eu conseguir ajudar Jason e Marie. Naturalmente, na minha opinião particular e profissional, se toda a droga do governo dos Estados Unidos não pode dismantelar uma Medusa sem sacrificar um homem e uma mulher que já deram tanto ao país, não sei se vale um centavo.

— Eu também não sei — disse Holland, levantando-se. — Mas eu irei tentar — de acordo com as prioridades que jurei defender.

— Será que tem alguma coisa interessante ainda para mim?

- Qualquer coisa que não comprometa nossa ação contra a Medusa.
- Que tal dois lugares num avião militar para Paris, com imunidade diplomática da CIA?
- *Alex*, você está louco!
- Acho que você não compreende, Peter. A mulher de Mo morreu quando completavam dez anos de casamento e eu nunca tive a coragem de tentar. Portanto, você tem de compreender, “Jason Bourne” e Marie são a única família que eu tenho. Ela faz um bolo de carne delicioso, se quer saber.
- Duas passagens para Paris — disse Holland, em-palidecendo.

MARIE OBSERVAVA O marido que andava de um lado para o outro com passos decididos e vigorosos, entre a escrivaninha e as cortinas ensolaradas das duas janelas que davam para o gramado do Auberge des Artistes, em Barbizon. O hotelzinho no campo era o que Marie lembrava, mas não fazia parte da lembrança de David Webb e quando ele disse isso, Marie fechou os olhos por um instante, ouvindo outra voz ecoando de anos atrás.

“Acima de tudo, ele deve evitar estresse extremo, o tipo de tensão que acompanha a sobrevivência em circunstâncias de perigo de vida. Se você perceber que ele está regredindo para esse estado mental — e vai saber, quando acontecer —, faça com que ele pare. Procure seduzi-lo, bata no rosto dele, chore, fique zangada... qualquer coisa, mas não deixe que continue.” *Morris Panov, amigo querido, médico e força orientadora da terapia do seu marido.*

Marie tentara a sedução minutos depois de estarem a sós. Foi um erro, quase uma farsa, desagradável para ambos. Nenhum dos dois estava realmente disposto. Mas não se afastaram. Abraçaram-se na cama, compreendendo.

— Somos um par de supersexuados, não somos? — disse Marie.

— Já aconteceu antes — respondeu David Webb, suavemente —, e não tenho dúvida de que vai acontecer outra vez.

— Então Jason Bourne levantou-se. — Preciso” fazer uma lista — disse com urgência na voz, dirigindo-se para a mesinha delicada encostada na parede, que servia de escrivaninha e onde estava o telefone. — Precisamos saber onde estamos e para onde vamos.

— E eu tenho de telefonar para Johnny, na ilha — disse Marie, levantando-se e alisando a saia. — Depois de falar com ele, quero falar com Jamie para dizer que está tudo bem e que logo estaremos de volta. — Marie dirigiu-se para o telefone e o marido — que não era bem seu marido — colocou-se na frente dela.

— Não — disse Bourne em voz baixa, balançando a cabeça.

— Não *diga* não para mim — protestou ela com os olhos cintilando de fúria.

— O que aconteceu na rue de Rivoli mudou tudo. Nada é a mesma coisa agora. Você não compreende?

— Compreendo que meus filhos estão muito longe de mim e que pretendo falar com eles. Você não compreende *isso*?

— É claro que sim, mas não posso permitir — respondeu Jason.

— Vá para o inferno, Sr. Bourne!

— Quer me ouvir?... Você vai falar com Johnny e com Jamie. Nós dois vamos falar com eles. Mas não daqui e não enquanto estiverem na ilha.

— O quê...?

— Vou telefonar para Alex dentro de alguns minutos e mandar que tire todos de lá, incluindo a Sra. Cooper, é claro.

Marie olhou para ele e entendeu.

— Oh, meu Deus, *Carlos!*

— Isso mesmo. Desde o que aconteceu hoje ele só tem um lugar para atacar — Tranqüilidade. Se não sabe ainda, logo vai saber que Jamie e Alison estão com Johnny. Eu confio no seu irmão e nos seus Tontons Macoutes particulares, mas mesmo assim quero todos longe da ilha antes da noite. Não sei se Carlos tem espiões na ilha que podem interceptar um telefonema daqui, mas sei que o telefone de Alex é seguro. Por isso você não pode telefonar agora. Daqui para a ilha.

— Então, telefone para Alex! Que diabo está *esperando?*

— Não estou bem certo. — Por um momento Marie percebeu um vazio de pânico nos olhos do marido — os olhos de David Webb, não de Jason Bourne. — Preciso resolver — para onde vou mandar as crianças?

— Alex deve saber, *Jason* — disse Marie, com os olhos nos dele. — Agora.

— Sim... sim, é claro. *Agora.* — A expressão velada e vazia desapareceu e Bourne apanhou o telefone.

Alexander Conklin não estava em Vienna, Virgínia, EUA. A voz monótona da telefonista soou como um trovão para Bourne. “O número chamado foi desligado.”

Bourne ligou mais duas vezes, esperando desesperadamente que fosse um engano do serviço telefônico francês. Então vieram os relâmpagos. “O número chamado foi desligado.” Pela terceira vez.

Bourne começou a andar no quarto, da mesa até as janelas e de volta para a mesa. Abria as cortinas, olhava ansiosamente para fora, depois voltava à lista crescente de nomes de pessoas e lugares. Marie sugeriu que fossem almoçar, ele não ouviu. Então ela o observou em silêncio.

Os movimentos rápidos e bruscos eram como os de um gato suave, fluido, alerta para o inesperado. Eram os movimentos de Jason Bourne e, antes dele, de Delta da Medusa, não de David Webb. Marie lembrou-se dos relatórios médicos compilados por Mo Panov nos primeiros dias da terapia. Muitos eram cheios de descrições divergentes de pessoas que afirmavam ter visto o Camaleão, mas entre os mais confiáveis estava a referência comum aos movimentos felinos do “assassino”. Panov estava procurando pistas da identidade de Jason Bourne, pois tudo que tinham, naquela época, eram um primeiro nome e imagens fragmentadas de mortes dolorosas no Camboja. Mo muitas vezes perguntava-se em voz alta se havia mais na destreza do paciente do que mero preparo físico. Por mais estranho que fosse, não

havia.

Lembrando agora, Marie sentia que as pequenas diferenças físicas entre os dois homens que eram seu marido a fascinavam e a repeliam. Ambos eram musculosos e ágeis, ambos capazes de realizar tarefas difíceis que exigiam perfeita coordenação física. Mas, enquanto a força e a mobilidade de David eram produto de um calmo senso de realização, em Jason eram repletas de malícia, sem nenhum prazer na realização, com um objetivo hostil. Quando mencionou isso a Panov, a resposta foi sucinta. “David nunca poderia matar. Jason pode, foi treinado para isso”.

Mo, porém, ficou satisfeito por ela ter notado as diferentes “manifestações físicas”, como ele chamava. “E outro aviso para você. Quando você estiver vendo Bourne, traga David de volta o mais rápido possível. Se não puder, me chame”.

Marie não podia trazer David de volta agora. Pelas crianças, por ela e por David, não ousava tentar.

— Vou sair um pouco — disse Jason, perto da janela.

— Não pode! — exclamou Marie. — Pelo amor de Deus, não me deixe sozinha.

Bourne franziu a testa, como que enfrentando um conflito indefinível e disse em voz baixa:

— Só vou de carro até a estrada para ver se encontro um telefone.

— Leve-me com você. *Por favor*. Não posso mais ficar sozinha.

— Está bem... Na verdade, precisamos comprar umas coisas. Vamos procurar uma daquelas galerias e comprar roupas — escovas de dentes, um aparelho de barba, e outras coisas de que nos lembrarmos.

— Quer dizer que não podemos voltar a Paris?

— Podemos e provavelmente voltaremos, mas não para os nossos hotéis. Está com seu passaporte?

— Passaporte, dinheiro, cartões de crédito, tudo. Estão na minha bolsa, que só fiquei sabendo que estava comigo quando você me entregou no carro.

— Não achei que era uma boa idéia deixá-la no Meurice. Vamos. O telefone primeiro.

— Vai telefonar para quem?

— Para Alex.

— Você acabou de telefonar.

— Para o apartamento dele. Ele foi expulso da casa segura da Agência, na Virgínia. Então, vou falar com Mo Panov. Vamos.

Seguiram para o sul até a cidadezinha de Corbeil-Essones, onde havia um shopping center relativamente novo, alguns quilômetros a oeste da estrada principal. O centro comercial movimentado era uma agressão à paisagem do campo, mas uma bênção para os fugitivos. Jason estacionou o carro e como um casal comum

passaram pelo complexo, procurando desesperadamente um telefone.

— Nem um maldito telefone na estrada! — disse Bourne com os dentes cerrados. — O que acham que os motoristas devem fazer em caso de acidente ou pneu furado?

— Esperar a polícia — respondeu Marie. — E há um telefone, só que estava quebrado. Talvez por isso não existam outros. *Lá* está um.

Mais uma vez Jason submeteu-se ao processo irritante de uma ligação internacional através das telefonistas locais que não gostavam de se comunicar com o ramo internacional do sistema telefônico. E então o trovão voltou, distante, mas implacável.

— Aqui fala Alex — disse a voz gravada. — Estarei fora por algum tempo, visitando um lugar onde foi cometido um erro grave. Telefone dentro de cinco ou seis horas. Agora são 9:30h da manhã, hora da costa leste. Desligo, Juneau.

Atônito, com a mente num turbilhão, Bourne desligou e olhou para Marie.

— Aconteceu alguma coisa e preciso pensar. A mensagem terminou com “Desligo, Juneau”.

— *Juneau?* — Marie entrecerrou os olhos, depois abriu-os.

— Alfa, Bravo, Charlie — acrescentou em voz baixa. — Alfabetos militares alternativos — disse então, falando depressa.

— Foxtrot, Golf... Índia, *Juneau!* Juneau para J e J para *Jason!*... Como é o resto?

— Ele foi visitar um lugar...

— Venha, vamos andar. — Marie notou a curiosidade de dois homens que esperavam para usar o telefone e segurando o braço de Jason, puxou-o para fora da cabine. — Ele podia ser mais explícito — observou, quando começaram a andar.

— Era uma gravação. “... onde foi cometido um erro grave”.

— Um *o quê?*

— Ele disse para telefonar dentro de cinco ou seis horas — estava indo a um lugar onde foi cometido um erro — grave? — meu Deus, é *Rambouillet!*

— O cemitério...?

— Onde ele tentou me matar há 13 anos. É isso! *Rambouillet!*

— Não em cinco ou seis horas — observou Marie.

— Não importa a hora da mensagem, ele não podia voar para Paris e chegar a *Rambouillet* em cinco horas. Ele estava em Washington.

— É claro que podia. Nós fizemos isso antes, Um jato do exército saindo da base Andrews da Força Aérea, com imunidade diplomática. Peter Holland o expulsou, mas deu um presente de despedida. Separação imediata, mas um bônus por lhe entregar a Medusa. — Bourne consultou o relógio.

— É mais ou menos meio-dia nas ilhas, agora. Vamos procurar outro telefone.

— Johnny? Tranqüilidade? Você acha mesmo que...

— Não posso *deixar* de pensar — interrompeu Jason, apressando o passo e puxando Marie pela mão. — *Glance* — disse ele, olhando para a direita.

— Sorvete!

— Tem um telefone lá dentro — respondeu Jason, andando mais devagar e aproximando-se das imensas vitrines de uma *patisserie* com a faixa que anunciava sorvete de vários sabores. — Peça um de baunilha para mim — disse ele quando entraram na sorveteria cheia de gente.

— Baunilha com o quê? — Qualquer coisa.

— Você não vai conseguir ouvir...

— Ele vai *me* ouvir, e é isso que importa. Não se apresse, dê-me algum tempo.

Bourne dirigiu-se para o telefone, compreendendo imediatamente por que não era usado. O barulho era ensurdecador.

— *Mademoiselle, s'il vous plait, c'est urgent!*

Três minutos depois, com a mão sobre o ouvido esquerdo, Jason aliviado ouviu a voz do empregado mais irritante de Tranqüilidade.

— Fala o Sr. Pritchard, subgerente do Hotel Tranqüilidade. Minha mesa telefônica informa que o senhor tem uma emergência. Posso perguntar a natureza da sua...

— Você pode calar a boca! — gritou Jason na caco-fonia da sorveteria em Corbeil-Essones, França. — Chame Jay St. Jay imediatamente, *agora!* É o cunhado dele.

— Oh, é um prazer ouvi-lo, senhor! Muita coisa aconteceu depois que o senhor partiu. Seus lindos filhos estão conosco e o belo menino brinca na praia — *comigo*, senhor — e tudo está...

— O Sr. St. Jacques, por favor. *Agora!*

— Certamente, senhor. Ele está lá em cima...

— *Johnny?*

— David, onde você *está?*

— Isso não importa. Saia já daí. Leve as crianças e a Sra. Cooper e saia daí!

— Sabemos de tudo, Dave. Alex Conklin telefonou algumas horas atrás e disse que alguém chamado Holland ia se comunicar conosco... É o chefe do seu serviço de Inteligência, certo?

— Sim, é. Ele já se comunicou?

— Já, uns vinte minutos depois que falei com Alex. Disse que um helicóptero vem nos apanhar mais ou menos às duas horas. Ele precisava de tempo para conseguir um avião. A Sra. Cooper foi idéia minha, porque seu filho retardado disse que não sabe trocar fraldas... David, que diabo está acontecendo? Onde está Marie?

— Ela está bem — explico tudo depois. Faça o que Holland mandar. Ele disse

para onde vai levá-los?

— Não queria dizer. Mas nenhuma droga de americano vai me dar ordens nem aos seus filhos — os filhos da minha irmã *canadense* —, e eu disse isso para ele sem rodeios.

— Isso é ótimo, Johnny. É bom fazer amizade com o diretor da CIA.

— Não me importa a mínima fazer amizade ou não. No meu país essas iniciais significam apanhado em flagrante e eu disse isso também para ele!

— Mais do que ótimo... O que ele respondeu?

— Disse que ia nos levar para uma casa segura na Virgínia e eu disse que a minha é muito segura aqui e que temos piscina e serviço de quarto e dez guardas capazes de acertar os colhões dele a duzentos metros.

— Você é o mestre do tato. E o que foi que ele disse?

— Na verdade, ele riu. Depois explicou que o lugar na Virgínia tem 20 guardas que podem acertar um dos meus colhões a quatrocentos metros, além de cozinha e serviço de quarto e televisão para as crianças.

— Bastante convincente.

— Bem, ele disse outra coisa, muito mais convincente. Disse que não há acesso público, que fica numa antiga propriedade em Fairfax doada ao governo por um embaixador que tinha mais dinheiro do que Ottawa inteira, com pista de pouso particular e uma entrada que fica a seis quilômetros da estrada principal.

— Conheço o lugar — disse Bourne com uma careta para o barulho na *pâtisserie*. — É a propriedade Tannenbaum. Holland tem razão, é o melhor esconderijo que existe. Ele gosta de nós.

— Já perguntei antes — onde está Marie?

— Está comigo.

— Ela o *encontrou*!

— Mais tarde, Johnny. Eu ligo para Fairfax. — Jason desligou e Marie, abrindo caminho entre os fregueses, estendeu um copo de plástico com uma colher também de plástico enfiada numa pilha de bolas marrom-escuras.

— As *crianças*? — perguntou ela, quase gritando para ser ouvida.

— Está tudo bem, melhor do que eu esperava. Alex chegou à mesma conclusão que eu cheguei sobre o Chacal. Peter Holland vai levá-los para uma casa segura na Virgínia, a Sra. Cooper também.

— Graças a Deus!

— Graças a Alex. — Bourne olhou para o copo de piá tico cor-de-rosa e para a colher azul. — O que é esta coisa Não tinham baunilha?

— E um *sundae hot-fudge*. Era para o homem que estava ao meu lado, mas ele estava gritando com a mulher e eu fiquei com o sorvete.

— Não gosto de *hot-fudge*.

— Pois então grite com sua mulher. Venha, vamos comprar roupas.

O sol do começo da tarde, no Caribe, esquentava o Hotel Tranquilidade quando St. Jacques desceu para o saguão com uma mala LeSport na mão direita. Acenou com a cabeça para o Sr. Pritchard, a quem havia explicado por telefone que ia se ausentar por alguns dias e entraria em contato com ele quando chegasse a Toronto. O resto do pessoal foi informado dessa partida intempestiva e necessária, e Johnny tinha absoluta confiança no seu assistente, o Sr. Pritchard. Estava Certo de que não surgiria nenhum problema que o subgerente não pudesse resolver sem sua ajuda., O Hotel Tranquilidade, para todos os efeitos, estava praticamente fechado. Entretanto, Sir Henry Sykes, no palácio do governo, devia ser informado se houvesse alguma dificuldade.

— Não haverá nenhuma que *eu* não possa resolver — garantiu Pritchard. — O pessoal da manutenção e reparos vai trabalhar como se o senhor estivesse aqui.

St. Jacques caminhou para as portas de vidro do prédio circular, dirigindo-se para a primeira vila da direita, a que ficava mais próxima dos degraus que levavam ao cais e à praia. A Sra. Cooper e as duas crianças esperavam dentro da vila a chegada do helicóptero da Marinha dos Estados Unidos, com grande autonomia de vôo, que os levaria a Porto Rico, onde tomariam o jato militar para a Base Andrews da Força Aérea, nos arredores de Washington.

Pelas grandes janelas do hotel, o Sr. Pritchard viu seu patrão entrar na Vila Número Um. No mesmo instante ouviu os rotores do enorme helicóptero agitando o ar sobre o hotel. Aparentemente, pensou o Sr. Pritchard, os passageiros também ouviram, pois saíram da vila, St. Jacques segurando a mão do sobrinho e a Sra. Cooper com Alison no colo, envolta num cobertor, seguidos pelos dois guardas que carregavam as malas. Pritchard apanhou sob o balcão o telefone direto que não passa pela mesa telefônica. Discou.

— Escritório do subdiretor de imigração, o subdiretor falando.

— Estimado tio...

— É você? — interrompeu o funcionário da alfândega no Aeroporto Blackburne, abaixando imediatamente a voz. — O que descobriu?

— Informação de grande valor, pode estar certo. Ouvi tudo nó telefone!

— A mais alta autoridade garantiu que seremos regamente recompensados. Eles podem ser terroristas em fuga, sabia? O próprio St. Jacques é o líder. Dizem que podem enganar até Washington. Qual a informação que posso passar adiante, meu brilhante sobrinho?

— Estão sendo levados para o que chamam de casa “segura” na Virgínia. É conhecida como propriedade Tannenbaum e tem aeroporto próprio, dá para acreditar?

— Posso acreditar em qualquer coisa quando se trata desses animais.

— Não esqueça de incluir meu nome e minha posição, estimado tio.

— Acha que posso esquecer? Acha que *vou* esquecer? Seremos os heróis de Montserrat!... Mas, lembre-se, meu inteligente sobrinho, tudo deve ficar em segredo. Juramos guardar segredo, lembre-se disso. Imagine só! Fomos escolhidos para prestar serviço a uma grande organização internacional. Líderes do mundo inteiro vão saber da nossa contribuição.

— Meu coração está quase estourando de orgulho. Posso saber o nome dessa augusta organização?

— *Shhh!* Não tem nome, isso faz parte do segredo. O dinheiro foi enviado através do computador de um banco, diretamente da Suíça, essa é a prova.

— Uma incumbência sagrada — acrescentou o Sr. Pritchard.

— E também .muito bem paga, sobrinho, e isto é só o começo. Eu estou monitorando pessoalmente todos os aviões que chegam e enviando as listas para a Martinica, para um famoso cirurgião, imagine! É claro que no momento todos os vôos estão suspensos, por ordem do governo.

— O helicóptero militar americano? — perguntou o deslumbrado Pritchard.

— *Shhh!* Isso também é segredo, *tudo* é segredo.

— Então é um segredo muito barulhento e visível, estimado tio. O pessoal está na praia agora olhando para ele.

— *O quê?*

— Está aqui. O Sr. St. Jay e as crianças estão embarcando neste momento. Também aquela horrível Sra. Cooper...

— Preciso telefonar imediatamente para Paris — interrompeu o funcionário da imigração, desligando.

— *Paris?* — repetiu o Sr. Pritchard. — Que maravilha! Como somos privilegiados!

— Eu não contei tudo a ele — disse Peter Holland em voz baixa, balançando a cabeça. — Eu queria — eu pretendia — mas estava nos seus olhos, na verdade, em suas palavras. Ele disse que ia me atrapalhar se conseguisse ajudar Bourne e a mulher.

— E vai mesmo. — Charles Casset, sentado na frente da mesa do diretor, com o impresso de computador de um arquivo há muito tempo enterrado, nas mãos, balançou a cabeça afirmativamente. — Quando ler isto vai compreender. Alex, na verdade, tentou matar Bourne em Paris anos atrás — seu melhor amigo, e tentou pôr uma bala na cabeça dele por motivos falsos.

— Conklin está a caminho de Paris, agora. Ele e Morris Panov.

— Isso é responsabilidade *sua*, Peter. Eu não teria feito o mesmo, não sem garantias.

— Não podia recusar.

— É claro que podia. Você não quis.

— Ele nos trouxe a Medusa — e daqui por diante, Charlie, é *só* o que nos interessa.

— Compreendo, diretor Holland — disse Casset secamente. — E suponho que, devido a envolvimento no exterior, você está andando para trás, entrando numa conspiração doméstica que precisa ser incontestavelmente comprovada, antes de alertar os guardiões do acordo doméstico, ou seja, o FBI.

— Está me ameaçando, seu verme?

— É claro que estou, Peter. — Casset substituiu a expressão severa por um calmo sorriso. — Você está violando a lei, Sr. diretor... Isso é lamentável, meu velho, como diriam meus predecessores.

— Que diabo você *quer* de mim? — exclamou Holland.

— Proteção para um dos nossos, um dos melhores que já tivemos. Não só quero, como insisto.

— Se pensa que vou dar tudo a ele, incluindo o nome da firma de advocacia da Medusa na Wall Street, está completamente louco. É nossa *pedra fundamental*.

— Pelo amor de Deus, volte para a marinha, almirante — disse o subdiretor com voz inexpressiva e outra vez fria.

— Se acha loucura o que estou sugerindo, não aprendeu muita coisa nessa cadeira.

— Ei, pare com isso, seu atrevido. É quase insubordinação.

— É claro que é, porque sou insubordinado — mas não estamos na Marinha. Não pode me fazer passar por baixo da quilha, nem me enforcar no mastro, ou cortar minha ração de rum. Tudo que pode fazer é me despedir e nesse caso muita gente vai querer saber por quê, o que não será nada bom para a Agência. Mas isso não é necessário.

— De que *diabo* você está falando, Charlie?

— Bem, para começar, *não* estou falando daquela firma de advocacia de Nova York porque você está certo, é nossa pedra fundamental, e Alex, com sua imaginação infinita, ia pesquisar e ameaçar até onde começam os primeiros farrapos e onde termina nossa trilha de papel aqui e no exterior.

— Foi mais ou menos o que pensei...

— Então, acertou outra vez — interrompeu Casset, balançando a cabeça afirmativamente. — Assim, mantemos Alex longe da nossa pedra fundamental, tão longe de *nós* quanto for possível, mas damos a ele o que descobrimos. Alguma coisa tangível com a qual ele possa começar, conhecendo seu valor.

Silêncio. Então Holland disse:

— Não compreendi uma palavra.

— Compreenderia se conhecesse melhor Conklin. Ele sabe que há uma conexão

entre a Medusa e o Chacal. Como foi que você a chamou? Uma profecia de realização automática?

— Eu disse que a estratégia era tão perfeita que era inevitável e, portanto, de realização automática. DeSole foi o catalista não previsto que apressou as coisas — ele, e seja lá o que foi que aconteceu em Montserrat... Qual é a sua informação valiosa?

— A pista, Peter. Sabendo o que ele sabe, você não pode deixar que Alex ande por toda Europa como um canhão desgovernado, assim como não pode dar a ele o nome da firma em Nova York. Precisamos de um meio de comunicação com ele para sabermos o que pretende fazer — mais do que uma idéia, se for possível. Alguém como seu amigo Bernardine, mas que seja nosso amigo.

— Onde encontramos essa pessoa?

— Tenho um candidato — e espero que nossa conversa não esteja sendo gravada.

— Não se preocupe — disse Holland, ofendido. — Não acredito nessa droga, e este escritório é “varrido” todas as manhãs. Quem é o candidato?

— Um homem na embaixada soviética, em Paris — disse Casset, calmamente. — Acho que podemos negociar com ele.

— Uma *toupeira*?

— Nem por um minuto. Um oficial do KGB que jamais mudou sua principal prioridade. Encontrar Carlos. Matar o Chacal. Proteger Novgorod.

— Novgorod...? A cidade americanizada onde o Chacal fez seu treinamento, na Rússia?

— Metade do treinamento e de onde ele fugiu antes de ser fuzilado como maníaco. Só que não existe apenas um complexo americano — esse é um erro que cometemos freqüentemente. Há complexos britânicos e franceses, bem como israelenses, holandeses, espanhóis, alemães ocidentais e só Deus sabe quantos mais. Dezenas de quilômetros quadrados no meio das florestas nas margens do rio Volkhov, pontilhados de cidadezinhas onde você jura que está passando de um país para outro — se você puder entrar, o que não pode. Como as fazendas de criação de arianos, as *Lebensborn* da Alemanha nazista, Novgorod é um dos segredos mais bem guardados da União Soviética. Eles querem o Chacal tanto quanto Jason Bourne o quer.

— E você acha que o cara do KGB vai cooperar, mantendo-nos informados sobre Conklin, se conseguirem fazer contato?

— Posso tentar. Afinal, temos um objetivo comum e sei que Alex vai aceitá-lo, porque ele sabe o quanto os soviéticos querem Carlos na lista dos mortos.

Holland inclinou-se para a frente.

— Eu disse a Conklin que o ajudaria sempre que fosse possível, desde que não

comprometesse nossa ação contra a Medusa... Ele deve chegar a Paris daqui a uma hora. Quer que eu deixe instruções no balcão de atendimento da seção diplomática, para que ele entre em contato com você?

— Mande ligar para Charlie Bravo Mais Um — disse Casset, levantando-se e pondo os impressos de computador sobre a mesa. — Não sei quanto posso dar a ele daqui a uma hora, mas vou começar a trabalhar. Tenho um canal seguro para nosso russo, graças a um “consultor” importante que temos em Paris.

— Ofereça um bônus para ele.

— Ele já pediu um bônus —. ou melhor, quase me comprometeu. Ela dirige um dos mais limpos serviços de acompanhantes da cidade. As mulheres são examinadas semanalmente.

— Por que não contrata todas? — perguntou o diretor com um sorriso.

— Acho que sete já estão na folha de pagamento, senhor — respondeu o subdiretor, o olhar sério contrastando com as sobrancelhas erguidas.

O cabo da marinha, com uniforme engomado de verão e carregando as malas, ajudou o Dr. Morris Panov, ainda com as pernas fracas, a descer do jato.

— Como vocês conseguem parecer tão apresentáveis depois de uma viagem horrível como esta? — perguntou o psiquiatra.

— Nenhum de nós estará apresentável depois de umas duas horas de folga em Paris, senhor.

— Algumas coisas nunca mudam, cabo. Graças a Deus... Onde está aquele delinqüente aleijado que veio comigo?

— Uma viatura o levou para um diplógrafo, senhor.

— Quer repetir? Não entendi nada. — Não é difícil, doutor — disse o cabo rindo, levando Panov para o jipe com motorista uniformizado e o desenho da bandeira americana na porta. — Durante nossa descida, a torre passou um rádio para o piloto dizendo que havia uma mensagem urgente para ele.

— Pensei que ele tinha ido ao banheiro.

— Isso também, senhor, pode acreditar. — O cabo pôs a mala num porta-bagagem do carro e ajudou Mo a subir..

— Calma agora, doutor, levante um pouco mais a perna.

— É o outro, não eu — protestou o psiquiatra. — É ele que não tem um pé.

— Fomos informados de que o senhor esteve doente, senhor.

— Não nas minhas pernas... Desculpe, jovem, não quis ofender. Só que não gosto de voar em pequenos tubos a mais de duzentos quilômetros. Não são muitos os astronautas que vêm da Avenida Tremont, no Bronx.

— Está falando sério, doutor?

— O quê?

— Eu sou da rua *Garden*, sabe, na frente do zoo. O nome é Fleishman, Morris

Fleishman. É um prazer conhecer outro bronxiano.

— Morris? — disse Panov, apertando a mão do cabo.

— Morris, o Marinheiro? Eu devia ter uma conversa com seus pais... Boa sorte, Mo. E muito obrigado pela atenção.

— Fique bom, doutor, e quando estiver outra vez na Avenida Tremont, dê lembranças minhas, certo?

— Pode deixar, Morris — respondeu Morris, erguendo a mão, enquanto o jipe diplomático se afastava.

Quatro minutos depois, acompanhado pelo motorista, Panov entrou no corredor longo e cinzento que dava acesso livre à França aos funcionários das nações bem cotadas junto ao Quai d'Orsay. Entraram numa sala de espera onde homens e mulheres, em pequenos grupos, conversavam discretamente, em várias línguas. Ficou alarmado quando não viu Conklin e voltou-se para o motorista; uma jovem com o uniforme neutro de atendente de bordo aproximou-se dele.

— *Docteur?* — perguntou ela.

— Sim — respondeu Mo, surpreso. — Mas meu francês está muito enferrujado, para ser franco, nem existe.

— Não tem importância, senhor. Seu companheiro pediu para esperá-lo aqui. Ele garantiu que vai demorar apenas alguns minutos... Por favor, sente-se. Aceita um drinque?

— *Bourbon* com gelo, por favor — respondeu Panov, sentando-se.

— Certamente, senhor.

A jovem afastou-se e o motorista pôs a mala ao lado da cadeira.

— Tenho de voltar para a minha viatura — disse o acompanhante. — O senhor vai ficar bem aqui.

— Gostaria de saber para onde foi o meu amigo — disse Panov, consultando o relógio.

— Provavelmente foi procurar um telefone no terminal, doutor. Eles chegam aqui, recebem mensagens nos balcões, e vão correndo para o terminal à procura de um telefone público. Não gostam dos telefones desta parte do aeroporto. Os *ruskies* são os que correm mais depressa, os árabes são os mais lentos.

— Deve ser influência da diferença de «lima — observou o psiquiatra com um sorriso.

— Não aposte seu estetoscópio, doutor. — O motorista riu e ergueu a mão numa saudação informal. — Cuide-se, doutor, e procure descansar. Parece cansado.

— Muito obrigado, meu jovem. Adeus.

Estou cansado, pensou Panov, vendo o homem desaparecer no corredor cinzento. *Muito cansado, mas Alex tinha razão. Se ele tivesse vindo sozinho, eu jamais o perdoaria... David! Precisamos encontrá-lo! O dano pode ser incalculável*

— *nenhum deles compreende. Com um único ato sua mente frágil e vulnerável pode sofrer uma regressão de anos — 13 anos — para o tempo em que ele funcionava como um assassino, e para ele, nada mais!...* Uma voz. Alguém de pé ao seu lado.

— Desculpe, eu sinto muito... Seu drinque, doutor — disse a jovem. — Fiquei na dúvida se devia ou não acordá-lo, mas então o senhor se mexeu e parecia estar sentindo dor...

— Não, nada disso, minha cara, apenas cansado.

— Compreendo, senhor. Esses vôos muito rápidos podem ser exaustivos, mas quando são longos e desconfortáveis, pior ainda.

— Mencionou todos os pontos importantes, senhorita — concordou Panov, apanhando o copo. — Obrigado.

— O senhor é americano, é claro.

— Como sabe? Não estou com botas de caubói nem com camisa havaiana.

Com um sorriso encantador ela disse:

— Conheço o motorista que o acompanhou até aqui. É da segurança americana e muito simpático, muito atraente.

— Segurança? Quer dizer, algo assim como a “polícia”?

— Oh, assim mesmo, mas nunca usamos essa palavra... Ah, aqui está seu companheiro. — A moça baixou a voz. — Posso perguntar rapidamente, doutor? Ele precisa de uma cadeira de rodas?

— Nossa, não! Há anos ele anda assim.

— Muito bem. Tenha uma boa estadia em Paris, senhor. Ela se afastou e Alex, abrindo caminho entre os vários grupos de europeus, chegou até Panov. Sentou-se inclinando-se para a frente na poltrona de couro macio. Evidentemente estava perturbado.

— O que há? — perguntou Mo.

— Acabo de falar com Charlie Casset, de Washington.

— Aquele de quem você gosta, em quem confia?

— É o melhor que existe quando tem contato pessoal, ou pelo menos, informação humana. Quando ele pode ver e ouvir e observar pessoalmente, e não apenas ler palavras escritas na tela de um computador sem fazer perguntas.

— Por acaso está outra vez invadindo meu território, *Doutor Conklin*?

— Na semana passada acusei David de fazer isso e vou dizer o que ele me disse. “É um país livre, e apesar de toda sua experiência, não tem exclusividade quando se trata de bom-senso.”

— *Mea culpa* — concordou Panov. — Suponho que seu amigo fez alguma coisa que você não aprova.

— Ele fez uma coisa que *ele* não aprovaria se tivesse mais informações sobre a

pessoa com quem fez a coisa.

— Isso me parece positivamente freudiano, eu diria que é até mesmo uma imprudência clínica.

— As duas coisas, eu acho. Ele fez um trato por fora com um homem chamado Dimitri Krupkin, na embaixada russa, aqui em Paris. Vamos trabalhar com o KGB local — você, eu, Bourne, Marie — se e quando os encontrarmos. Com sorte será no Rambouillet, daqui a uma hora mais ou menos.

— O que está *dizendo*? — perguntou Mo atônito, em voz muito baixa.

— História longa, tempo curto. Moscou quer a cabeça do Chacal e o resto separado dela. Washington não pode nos dar proteção, portanto os soviéticos serão nossos paterfâmilias temporários, se tivermos algum problema.

Panov franziu a testa, depois balançou a cabeça como se estivesse absorvendo informação muito estranha. Então disse:

— Suponho que não seja o que você queria, mas há uma certa lógica, até mesmo um certo alívio nessa providência.

— No papel, Mo — disse Conklin. — Não com Dimitri Krupkin. Eu o conheço, Charlie não.

— Ah, então ele é um dos homens maus?

— Kruppie mau? Não, não realmente...

— *Kruppie*?

— Éramos jovens muito ativos no fim dos anos 60, em Istambul, depois Atenas, depois Amsterdam... Krupkin não é maldoso e trabalha como um filho da mãe para Moscou, com sua mente de segunda classe, melhor do que as de oitenta por cento dos palhaços que estão no ramo, mas ele tem um problema. Está basicamente no lado errado, na sociedade errada. Os pais dele deviam ter vindo com os meus quando os bolcheviques tomaram o poder.

— Tinha me esquecido que seus pais eram russos.

— Eu falo a língua e isso ajuda quando se trata de Kruppie. Percebo suas nuances. Ele é um capitalista puro. Como os ministros da economia em Beijing, ele não só gosta de dinheiro, mas é obcecado por ele — e tudo que se relaciona ao dinheiro. Às escondidas e sem que ninguém soubesse, ele podia ser comprado.

— Quer dizer, pelo Chacal?

— Eu o vi ser comprado em Atenas por construtores gregos que estavam vendendo pistas de pouso adicionais para Washington quando sabiam que os comunistas iam nos expulsar. Eles pagaram Kruppie para ficar calado. Depois eu o vi ser intermediário no negócio de diamantes, em Amsterdam, entre os negociantes do Nieuwmarkt e a elite das dachas em Moscou. Uma noite, estávamos tomando uns drinques no Kattengat e eu perguntei, “Kruppie, que diabo você está *fazendo*?” Quer saber o que ele disse? Ele disse, vestido com uma roupa que não podia comprar,

“Aleski, faço tudo que posso para enganar vocês, para ajudar o Soviete Supremo a dominar o mundo, mas enquanto isso, se você quiser tirar umas férias, tenho uma casa muito bonita no lago, em Genebra.” Foi o que ele disse, Mo.

— Um homem notável. É claro que você contou tudo isso ao seu amigo Casset...

— É claro que não contei — interrompeu Conklin.

— Meu Deus, e por que não?

— Porque Krupkin evidentemente não contou a Charlie que ele *me* conhece. Casset pode ter o acordo mas quem vai negociar sou eu.

— Com o quê? Como?

— David — Jason — tem mais de cinco milhões nas Ilhas Caimã. Com uma pitada dessa quantia faço Kruppie trabalhar *só* para nós, se precisarmos dele e quisermos sua ajuda.

— O que significa que não confia em Casset.

— Não é isso — disse Alex. — Confio em Charlie com a minha vida. Mas não tenho certeza se quero colocá-la nas mãos dele. Ele e Peter Holland têm suas prioridades e nós temos as nossas. A deles é Medusa, a nossa é David e Marie.

— *Messieurs?* — A comissária dirigiu-se a Conklin. — Seu carro chegou. Está na plataforma sul.

— Tem certeza que é para mim? — perguntou Alex.

— Perdoe-me, *monsieur*, mas o atendente disse que o Sr. Smith tem um problema na perna.

— Pois ele tem toda razão.

— Chamei um carregador para levar suas malas, *messieurs*. É uma longa caminhada. Ele os encontra na plataforma.

— Muito obrigado. — Conklin levantou-se e tirou algumas notas do bolso.

— *Pardon, monsieur* — disse a jovem. — Não podemos aceitar gorjetas.

— Tem razão, eu esqueci... Minha mala está debaixo do seu balcão, certo?

— Onde seu acompanhante a deixou, senhor. Juntamente com as do doutor, estarão na plataforma dentro de alguns minutos.

— Muito obrigado outra vez — disse Conklin. — Desculpe por oferecer a gorjeta.

— Nós todos somos bem pagos, senhor, mas obrigada pela intenção.

Enquanto caminhavam para a porta que dava para o terminal do Aeroporto de Oily, Conklin perguntou:

— Como ela sabia que você é médico? Você anda caçando pacientes na rua?

— Não seria fácil. O transporte é muito cansativo.

— Então, como? Eu não disse para ninguém que você é médico.

— Ela conhece o segurança que me levou até à sala de espera. Na verdade,

acho que ela o conhece muito bem. Ela disse, com aquele sotaque delicioso, que ele é “muito atraente”.

Orientando-se pelas placas no terminal apinhado, dirigiram-se para a plataforma sul.

O que nenhum dos dois viu foi um homem moreno e distinto, com cabelo negro ondulado, sair apressadamente da sala de espera com os grandes olhos escuros pregados nos dois americanos. Foi até a parede, abrindo caminho entre a multidão, até ficar diagonalmente na frente de Conklin e Panov, perto da plataforma dos táxis. Depois, como se não tivesse certeza, tirou do bolso uma pequena fotografia e a examinou, erguendo os olhos para os dois passageiros dos EUA. Era a fotografia do Dr. Morris Panov, com uma camisola de hospital e uma expressão atordoada e distante nos olhos.

Os americanos saíram para a plataforma, o homem de cabelos negros também. Os americanos olharam para o lado, à procura de um táxi, o homem moreno fez sinal para um carro particular. O chofer do táxi desceu do carro e aproximando-se, falou em voz baixa com Conklin e Panov, quando o carregador chegou com as malas. Os americanos entraram no táxi. O estranho entrou no carro particular parado dois carros atrás.

— *Pazzo!* — disse o homem de cabelos negros em italiano para a mulher de meia-idade com o elegante uniforme de motorista. — É uma loucura! Por três dias esperamos, vigiamos todos os aviões da América e estávamos quase desistindo. Mas aquele idiota em Nova York estava certo. São *eles!*... Deixe que eu dirijo. Você desce e vai falar com nossos homens. Mande avisar DeFazio para ir ao seu outro restaurante favorito e esperar meu telefonema. Ele não deve sair enquanto não falar comigo.

— É você, meu velho? — perguntou a comissária na sala de espera da seção diplomática do aeroporto, falando em voz baixa no telefone do balcão de atendimento.

— Sim, sou eu — respondeu a voz trêmula. — E o Ângelus toca eternamente nos meus ouvidos.

— Então é você.

— Eu já disse que sou eu, o que tem para mim?

— A lista que recebemos na semana passada inclui um americano alto e magro que manca, possivelmente acompanhado por um médico. Confere?

— Confere! *E então?*

— Acabaram de passar por aqui. Eu chamei o companheiro do aleijado de doutor e ele respondeu.

— Para onde foram? É muito importante *saber* isso.

— Não disseram, mas logo terei informação suficiente para você descobrir,

meu velho. O carregador que levou as malas para a plataforma sul vai me trazer a placa e a descrição do táxi que os levou.

— Em nome de Deus, telefone logo com essa informação!

A quatro mil quilômetros de Paris, Louis DeFazio estava sentado sozinho a uma mesa de fundo no Trafficante's Ciam Hou-se, na Avenida Prospect, no Brooklyn, Nova York. Terminou seu almoço, um *vitello tonnato*, e limpou os lábios com o guardanapo vermelho, tentando parecer jovial e ao mesmo tempo superior, como sempre. *Maledetto!* Estava há quase duas horas no Trafficante's — *duas horas!* E levou quarenta e cinco minutos para chegar ao restaurante, depois do telefonema no Garafola's Pasta Palace em Manhattan, portanto, na verdade, estava esperando há mais de duas horas, quase três, desde que aquele camponês em Paris, França, encontrara os dois alvos. Em quanto tempo os dois *bersaglios* podiam ir do aeroporto até um hotel na cidade? *Três* horas? Não, a não ser que aquele camponês de Palermo tivesse ido parar em Londres, Inglaterra, o que não era impossível, não se DeFazio conhecia Palermo.

Mesmo assim, DeFazio tinha acertado! Do modo que o médico judeu falou sob o efeito da droga, ele e o ex-espião não podiam ir a outro lugar que não fosse Paris, à procura do companheiro, o falso assassino... Então, Nicolo e o judeu desapareceram, *puff-zum!* E daí? O judeu escapou e Nicky ia para a cadeia. Mas Nicolo não iria falar, ele sabia que problemas sérios, como uma faca nos rins, estariam à sua espera se falasse. Além disso, Nicky não sabia nada importante. Os advogados podiam apagar facilmente qualquer informação de segunda mão transmitida por um idiota de quinta classe. E o médico de loucos só sabia que tinha estado no quarto de uma fazenda, se é que podia lembrar isso. Ele não viu ninguém a não ser Nicolo, quando estava “compass mantis”, como dizem.

Mas Louis DeFazio sabia que estava *certo*. E porque ele estava certo, mais de sete milhões esperavam por ele em Paris. *Sete milhões! Cristo santíssimo!* Ele podia dar aos camponeses de Palermo muito mais do que eles esperavam e ainda sair com muito dinheiro.

Um garçom idoso, do velho país, tio do Trafficante, aproximou-se da mesa e Louis prendeu a respiração.

— Fala Nova York — disse DeFazio.

Como sempre, o capo supremo dirigiu-se a um telefone público no final de um corredor estreito, do lado de fora do banheiro masculino.

— Fala Nova York — disse DeFazio.

— Fala Paris, *signor* Nova York. Aqui é também *pazzo!*

— Onde você esteve? Foi bastante *pazzo* para parar em Londres, Inglaterra? Estou esperando há três horas!

— Estive foi em uma porção de estradas escuras no campo, que são

importantes só para os meus nervos. Onde estou agora é uma loucura!

— Onde?

— Estou usando o telefone do guarda do portão e pagando quase 100 dólares americanos por isso e o *buffone* francês fica espiando pela janela para ver se não vou roubar nada, talvez sua marmita, quem sabe?

— Você não parece muito burro para um camponês. Então que guarda do portão é esse? Do que está falando?

— Estou num cemitério, a uns 30 quilômetros de Paris, se quer saber...

— Um *cimitero*? — interrompeu Louis. — Que diabo está fazendo aí?

— Seus dois conhecidos vieram para cá, direto do aeroporto, seu *ignorante*! Neste momento estão enterrando alguém — um enterro grande com procissão e velas acesas que logo vão se apagar na chuva —, e se seus dois conhecidos voaram até aqui para assistir esta cerimônia bárbara, então o ar na América está cheio de poluentes que atacam o cérebro! Não fizemos nenhum trato para esta *schicchezze*, Nova York. Temos nosso próprio trabalho aqui.

— Eles foram encontrar o grande *cannoli* — disse DeFazio em voz baixa, como se estivesse falando sozinho. — Quanto ao trabalho, camponês, se quiser trabalhar conosco, em Filadélfia, Chicago ou Los Angeles outra vez, faça o que eu mando. Vai ser muito bem pago, *capisce*?

— Tenho de admitir que isso faz mais sentido.

— Não deixe que o vejam, mas fique com eles. Descubra para onde vão e com quem se encontram. Vou para aí logo que puder, mas tenho de ir via Canadá ou México, para ter certeza de não estar sendo vigiado. Estarei aí amanhã à noite ou depois de amanhã cedo.

— *Ciao* — disse Paris.

— *Omertà* — disse De Fazio.

AS VELAS TREMULAVAM sob a garoa noturna nas mãos dos acompanhantes do enterro, que seguiam solenemente, em fila dupla, o caixão branco carregado por seis homens. Muitos escorregavam no caminho de cascalho molhado do cemitério. Flanqueando a procissão quatro tambores, dois de cada lado, marcavam a cadência lenta da marcha, batendo desencontrados porque os homens tropeçavam às vezes nas pedras e nos túmulos não muito visíveis, rentes ao solo. Morris Panov, balançando ‘a cabeça, como quem não pode acreditar, observava o ritual noturno, e com alívio viu Alex claudicando entre os túmulos na sua direção.

— Algum sinal deles? — perguntou Alex.

— Nenhum — respondeu Panov. — Você tampouco viu nada?

— Pior. Encontrei um doido.

— Como foi?

— Vi uma luz na casa do guarda do portão, então fui até lá, pensando que David ou Marie podiam ter deixado alguma mensagem. Um palhaço estava do lado de fora, espiando pela janela, dizendo que ele é o vigia e se eu queria alugar seu telefone.

— Seu telefone?

— Ele disse que tinha preços especiais à noite, porque o telefone público mais próximo fica a dez quilômetros, na estrada.

— Um doido — concordou Panov.

— Expliquei que estava procurando um homem e uma mulher com quem eu devia me encontrar aqui e pensei que eles tinham deixado algum recado para mim. Não tinha nenhum recado, mas tinha o telefone. Duzentos francos — maluco.

— Eu podia ganhar muito dinheiro em Paris — disse Mo, com um sorriso. — Por acaso ele não viu um casal andando por aí?

— Eu perguntei e ele fez um gesto afirmativo, dizendo que tinha visto dezenas. Então apontou para a procissão de velas e voltou para a maldita janela.

— A propósito, o que é a procissão?

— Eu perguntei também. É um culto religioso que só enterra os mortos à noite. Ele acha que são ciganos. Disse isso fazendo o sinal-da-cruz.

— Vão ser uns ciganos muito molhados — observou Panov, levantando a gola do paletó. A garoa transformava-se em chuva.

— Cristo, por que não *pensei* nisso? — exclamou Conklin, olhando para trás.

— A chuva? — perguntou o psicanalista, sem entender.

— Não, o túmulo grande a meio caminho para a colina, além do portão. Foi onde aconteceu.

— Onde você tentou... — Mo não terminou a frase, não precisava.

— Onde ele podia ter me matado, mas não matou — completou Alex. — Vamos!

Os dois americanos voltaram pelo caminho de cascalho, passaram pelo portão e mergulharam na escuridão da colina coberta de relva, pontilhada de túmulos brancos que cintilavam sob a chuva.

— *Devagar* — exclamou Panov, sem fôlego. — Você está acostumado com esse seu pé inexistente, mas meu corpo puro ainda não se acostumou com a idéia de ter sido violentado por drogas.

— Desculpe.

— *Mo!* — gritou uma voz de mulher vinda de um pórtico de mármore acima deles. O vulto balançou os braços, sob o teto suspenso do túmulo que parecia um pequeno mausoléu, sustentado por colunas.

— *Marie?* — berrou Panov, correndo na frente de Conklin.

— Isso é ótimo! — rugiu Alex, subindo com dificuldade pela relva molhada e escorregadia. — Você ouve uma voz de mulher e de repente não foi mais *violentado*. Você precisa de um médico de loucos, seu farsante!

Os abraços tinham um significado especial. Era uma família que se reunia. Enquanto Marie e Mo conversavam em voz baixa, Jason levou Conklin para um lado, sob o teto do túmulo. A chuva estava forte agora. A procissão lá embaixo, com as velas apagadas, estava meio espalhada, meio agrupada em volta do túmulo.

— Eu não queria escolher este lugar, Alex — disse Jason. — Mas com toda aquela gente, não pude pensar em outro.

— Lembra-se da casa do guarda e aquela trilha larga que vai dar no estacionamento?... Você tinha vencido. Eu estava sem munição e você podia ter estourado meus miolos.

— Quantas vezes tenho de dizer que está enganado? Eu não *podia* matar você. Estava nos seus olhos, mesmo que eu não os pudesse ver muito bem, eu sabia que estava lá. Raiva e confusão, mas, acima de tudo, confusão.

— Isso nunca foi motivo para não matar um homem que está tentando matar você.

— É quando não se pode lembrar. A memória pode ter desaparecido mas não os fragmentos, não as — bem, eram para mim... imagens pulsantes. Apareciam e desapareciam, iam e vinham.

Conklin ergueu os olhos para Bourne com um sorriso triste.

— A pulsação — disse ele. — O termo que Mo usou. Você roubou dele.

— Provavelmente — disse Jason e os dois olharam para Marie e Panov. — Ela

está falando de mim, você sabe, não sabe?

— Por que não? Elar está preocupada e ele está preocupado.

— Detesto pensar nas preocupações que eu crio para eles. Para você também, imagino.

— O que está tentando me dizer, David?

— Exatamente isso. *Esqueça* David. David Webb não existe, não aqui, não agora. Ele é um ato representado para sua mulher e muito mal representado. Quero que ela volte para os Estados Unidos, para os filhos dela.

— Os filhos *dela*? Marie não vai voltar. Ela veio para encontrar você e encontrou. Ela lembra-se de Paris há 13 anos e não vai abandoná-lo. Sem ela você não estaria vivo hoje.

— Ela é um empecilho. Precisa ir. Vou dar um jeito. Alex olhou para os olhos frios do homem criado pela CIA e conhecido como Camaleão, e disse em voz baixa:

— Você está com cinquenta anos, Jason. Isto não é Paris 13 anos atrás, nem Saigon, antes disso. Isto é *agora* e você precisa de toda ajuda que conseguir obter. Se ela acha que pode dar alguma ajuda, eu pelo menos acredito.

Bourne virou a cabeça rapidamente para Conklin.

— Eu resolvo quem acredita e no quê.

— Isso é um pouco radical, amigo.

— Sabe o que quero dizer — Jason continuou com voz mais suave. — Não quero que aconteça aqui o que aconteceu em Hong Kong. Isso não pode ser um problema para você.

— Talvez não... Escute, vamos sair daqui. Nosso motorista conhece um pequeno restaurante em Epernon, a uns oito quilômetros, onde podemos conversar. Precisamos acertar muitas coisas.

— Diga — perguntou Bourne. — Por que Panov? Por que trouxe Mo com você?

— Porque do contrário ele ia pôr estricnina na minha vacina contra a gripe.

— Que diabo quer dizer isso?

— Exatamente o que eu disse. Ele é parte de nós e você sabe disso melhor do que eu ou Marie.

— Aconteceu alguma coisa com ele, não aconteceu? Por minha causa.

— Já acabou e ele está de volta, isso é tudo que você precisa saber agora.

— Foi a Medusa, não foi?

— Foi, mas repito, ele está de volta e, a não ser por um pouco de cansaço, está muito bem.

— Um pouco...? Isso me faz lembrar. Um pequeno restaurante no campo a oito quilômetros daqui, foi o que o motorista disse?

— Foi, ele conhece Paris e tudo em volta.

— Quem é ele?

— Um argelino francês que trabalhou para a Agência durante anos. Charlie “Casset o recrutou para nós. É durão, sabe das coisas e está sendo muito bem pago. Acima de tudo, podemos confiar nele.

— Suponho que seja o bastante.

— Não suponha, aceite.

Num reservado no fundo do pequeno restaurante, sob um dossel antigo, banquetas duras de pinho perfeitamente aceitável, os quatro sentaram-se para conversar. O proprietário, um homem expansivo, gordo e corado garantiu que a *cuisine* era extraordinária, mas como ninguém estava com fome, Bourne pagou por quatro refeições para fazer o homem feliz. Conseguiu. Ele mandou duas garrafas grandes de bom *vin ordinaire* e uma garrafa de água mineral, e ficou longe da mesa.

— Tudo bem, Mo — disse Jason —, você não quer me contar o que aconteceu, nem quem foi, mas você continua o mesmo curandeiro eficiente, superior e falante com uma galinha na boca, que conhecemos há 13 anos, estou certo?

— Certo, seu esquizofrênico fugitivo de Bellevue. E para o caso de pensar que estou bancando o herói, quero que fique bem claro que estou aqui apenas para proteger meus direitos civis não profissionais. Meu maior interesse por minha adorável Marie, que, você deve ter notado, está sentada perto de mim, não de você. Eu fico com a boca cheia d’água só em pensar naquele bolo de carne que ela faz.

— Oh, como eu te adoro, Mo — disse a mulher de David Webb, apertando o braço de Panov.

— Deixe-me dizer o quanto — respondeu o médico beijando-a no rosto.

— Eu estou aqui — disse Conklin. — Meu nome é Alex e tenho de falar sobre algumas coisas que não incluem bolo de carne... Embora deva dizer, Marie, que ontem mesmo eu disse a Peter Holland que é magnífico.

— O que há com meu maldito bolo de carne?

— É o molho vermelho — disse Panov.

— Podemos falar sobre o que nos trouxe aqui? — disse Jason Bourne com voz inexpressiva.

— Desculpe, querido.

— Vamos trabalhar com os soviéticos — Conklin falou rapidamente, não dando tempo para a reação de Jason e Marie.

— Está tudo bem. Eu conheço o contato, conheço há muitos anos, mas Washington não sabe disso. O nome dele é Krupkin, Dimitri Krupkin e, como eu disse a Mo, pode ser comprado por cinco moedas de prata.

— Dê trinta e uma — interrompeu Bourne — para garantir que vai ficar do nosso lado.

— Imaginei que você ia dizer isso. Tenho um limite?

— Nenhum.

— Mais devagar — disse Marie. — Qual é a oferta inicial negociável?

— Considerando a posição dele no KGB, eu diria mais ou menos 50 mil, americanos.

— Ofereça 35 e vá até 75 sob pressão. Até 100 mil, se for necessário, é claro.

— Pelo amor de Deus — exclamou Jason, controlando o tom de voz. — Estamos falando de *nós*, do *Chacal*. Dê o que ele pedir.

— Facilmente comprado, facilmente vendido para o outro lado. Por uma oferta melhor.

— Ela está certa? — perguntou Bourne, voltando-se para Conklin.

— Em condições normais, está, mas neste caso seria o equivalente a uma mina de diamante em funcionamento. Ninguém deseja mais ver Carlos na lista dos mortos do que os soviéticos, e o homem que entregar o corpo será o herói do Kremlin. Lembrem-se, ele foi treinado em Novgorod. Moscou não se esquece disso.

— Então, faça o que ele diz, apenas *compre* o homem — disse Jason.

— Compreendo. — Conklin inclinou-se para a frente, girando o copo de água mineral sobre a mesa. — Vou telefonar para ele esta noite, telefone público para telefone público, e acertar o negócio. Então marco um encontro para amanhã, talvez um almoço em algum lugar fora de Paris. Bem cedo, antes, da chegada dos fregueses habituais.

— Por que não aqui? — perguntou Bourne. — É bastante afastado e eu conheço o caminho.

— Por que não? — concordou Alex. — Vou falar com o dono. Mas não nós quatro. Só — Jason e eu.

— Isso nem precisa dizer — observou Bourne, secamente. — Marie não deve se envolver. Não deve ser vista nem ouvida. Está bem claro?

— David, realmente...

— Sim, *realmente*.

— Eu fico com ela — disse Panov, rapidamente. — Bolo de carne? — acrescentou, para atenuar a tensão.

— Não tenho cozinha aqui, mas conheço um restaurante bonitinho que serve truta fresca.

— Faço o sacrifício — disse o psiquiatra.

— Acho que você deve almoçar no quarto do hotel. — A voz de Bourne estava agora autoritária.

— *Não* sou uma prisioneira — disse Marie em voz baixa, olhando para o marido. — Ninguém sabe quem somos nem onde estamos e eu acho que uma pessoa trancada no quarto, que não aparece para ninguém, atrai mais atenção do que uma francesa perfeitamente normal, que continua com sua vida de todos os dias.

— Ela tem razão — observou Alex. — Se a rede de espiões de Carlos está por aqui, uma pessoa que faça qualquer coisa diferente vai despertar suspeitas. Além disso, Panov ajuda — finja que é médico ou coisa assim, Mo. Ninguém vai acreditar, mas dá um toque de classe. Não sei por quê, mas os médicos geralmente estão acima de qualquer suspeita.

— Psicopata ingrato — resmungou Panov.

— Podemos voltar ao que interessa? — disse Bourne bruscamente.

— Está sendo mal-educado, David.

— Estou muito impaciente, você se importa?

— Tudo bem, calma — disse Conklin. — Estamos todos tensos, mas precisamos esclarecer as coisas. Assim que Krupkin estiver conosco, seu primeiro trabalho será localizar o número do telefone que Gates deu a Prefontaine, em Boston.

— Quem deu o quê, *onde*? — perguntou Panov intrigado.

— Você não estava nessa, Mo. Prefontaine é um juiz proibido de exercer a profissão, que descobriu um contato do Chacal. Resumindo, o contato deu ao nosso juiz um número de telefone de Paris para falar com o Chacal, mas não coincide com o número que Jason já havia conseguido. Não temos dúvida de que o contato, um advogado chamado Gates, comunicou-se com o Chacal.

— *Randolph* Gates? A dádiva de Boston às bolsas de valores de Gengis Khan?

— Esse mesmo.

— *Cristo* santíssimo — desculpe, eu não devia dizer isso, não sou cristão. Que diabo, não sou nada, mas devem admitir que é chocante.

— Muito, e precisamos saber de quem é o telefone aqui em Paris. Krupkin pode encontrar para nós. É meio *saca-rolha*, mas é isso aí.

— *Saca-rolha*? — perguntou Panov. — Você pretende revelar um dado Rubik em árabe? Ou talvez acrósticos do *Times* de Londres? Em nome de Deus, o que é um Prefontaine, juiz, júri ou o quê? Soa como um péssimo vinho novo.

— Pois é de uma safra muito boa — disse Marie. — Você ia gostar dele. Podia passar meses estudando sua mente porque ele tem coisas muito mais interessantes do que nós a revelar, e seu grande intelecto continua intato, a despeito de certos inconvenientes como álcool, corrupção, perda da família e prisão. Ele é original, Mo, e enquanto a maioria das pessoas na situação dele culpam o mundo inteiro, mas nunca a elas mesmas, ele é diferente. Tem um senso de humor glorioso e irônico. Se o judiciário americano tivesse alguma inteligência — o que o Departamento de Justiça parece negar —, eles o devolveriam à ativa... Ele combateu aquela gente do Chacal só por princípio, porque queriam me matar e aos meus filhos. Se na segunda rodada do jogo ele conseguir ganhar alguns dólares, merece cada centavo e eu vou providenciar para que ele ganhe.

— Foi bem clara. Você gosta dele.

— Eu o *adoro*, como adoro você e Alex. Têm se arriscado tanto por nós...

— Será que *podemos* voltar ao assunto que nos trouxe aqui? — perguntou o Camaleão zangado. — O passado não me interessa, só o amanhã.

— Além de mal-educado, meu querido, você está sendo ingrato.

— Tudo bem. Onde estávamos?

— No momento, com Prefontaine — respondeu Alex, secamente, olhando para Bourne. — Mas talvez não seja importante, porque provavelmente não vai sobreviver a Boston... Telefone para você no hotel em Barbizon, amanhã, para combinarmos a hora do almoço. Aqui. Acerte seu relógio para a gente não ficar rodando por aí como gansos da neve à procura dos companheiros. Além disso, se o cara disse a verdade sobre a *cuisine*, Kruppie vai adorar e dizer a todo mundo que ele descobriu o restaurante.

— *Kruppie?*

— Fica frio, eu já disse, nos conhecemos há muito tempo.

— E não insistam — recomendou Panov. — Não vão querer ouvir tudo sobre Istambul e Amsterdam. Os dois são uma dupla de ladrões.

— Nós passamos — disse Marie. — Continue, Alex, o que mais sobre amanhã?

— Mo e eu iremos de táxi ao seu hotel, e seu marido e eu viremos de carro para cá. Telefonamos depois do almoço.

— E aquele seu motorista, o que Casset arranjou para você? — perguntou o Camaleão, com olhar frio.

— O que tem ele? Vai receber o dobro do que ganha em um mês com seu táxi, só por esta noite e depois nos deixa no hotel e desaparece. Não o veremos mais.

— Ele vai falar com alguém?

— Não, se quiser viver e mandar dinheiro para os parentes na Argélia. Eu já disse, Casset verificou, o homem é de granito.

— Amanhã, então — disse Bourne, sombrio, olhando para Marie e Panov. — Quando sairmos para Paris vocês ficam em Barbizon e não devem sair do hotel. Compreenderam?

— Quer saber de uma coisa, David — disse Marie. — Vou dizer na frente de Mo e Alex porque eles são da família, tanto quanto nossos filhos. Nós, nós *todos*, fazemos suas vontades e às vezes até o mimamos por causa das coisas horríveis que você passou. Mas você não pode e não vai nos dar ordens como se fôssemos seres inferiores, na sua augusta presença. Você entendeu?

— Em alto e bom som, senhora. Então talvez seja melhor você voltar para os EUA para não ter de aturar a *augusta* presença. — Jason Bourne levantou-se, empurrando a cadeira para trás. — Amanhã teremos um dia cheio, portanto

precisamos dormir um pouco — não tenho dormido muito ultimamente — e um homem melhor do que nós todos certa vez me disse que o descanso é uma arma. Eu acredito nisso... Estarei no carro dentro de dois minutos. Faça sua escolha. Tenho certeza de que Alex pode fazer você sair da França sem problemas.

— Seu *filho da mãe* — murmurou Marie.

— É isso aí — disse o Camaleão, afastando-se.

— Não posso controlar isso, Mo!

— Não *controle*, apenas fique com ele. Você é a única tábua de salvação que ele tem. Não precisa nem falar, apenas fique com ele.

— Ele se transformou num assassino outra vez.

— Jason jamais fará mal a você...

— É claro que não, eu sei disso.

— Então, procure ser aquele elo de ligação de Jason com David Webb. *Precisa* existir sempre, Marie.

— Oh, Deus, eu o amo tanto! — exclamou Marie, levantando-se e correndo para o marido que não era seu marido.

— Acha que deu o conselho certo, Mo? — perguntou Conklin.

— Não sei, Alex. Mas não acho que ele deva ficar sozinho com seus pesadelos, ninguém deve. Isso não é psiquiatria, apenas bom-senso.

— Às vezes você fala como um verdadeiro médico, sabia?

O bairro argelino de Paris fica entre o décimo e décimo primeiro *arrondissements*, apenas três quarteirões, onde os prédios baixos são parisienses mas os ruídos e os odores são árabes. Uma limusine negra e longa com a insígnia de um alto prelado da igreja, pequena, mas gravada em ouro nas portas, entrou no enclave étnico. Parou na frente de uma casa de madeira de três andares. Um velho padre desceu do carro e foi até a porta da casa. Escolheu um nome na pequena placa de metal e apertou o botão que fez soar uma campainha no segundo andar.

— *Oui?* — disse a voz metálica no intercom primitivo.

— Sou mensageiro da embaixada americana — respondeu o visitante vestido de padre, num francês pouco gramatical, como falam geralmente os americanos. — Não posso abandonar meu carro, mas temos uma mensagem importante para você.

— Desço num instante — disse o motorista franco-argelino, recrutado por Charles Casset, em Washington.

Três minutos depois ele saiu do prédio para a calçada estreita.

— Por que está com essa roupa? — perguntou ao mensageiro que estava ao lado da limusine, cobrindo com o corpo a insígnia da porta.

— Sou o capelão católico, meu filho. Nosso *chargé d'affaires* militar quer falar com você. — O padre abriu a porta do carro.

— Eu faço muitas coisas para vocês — disse o motorista rindo e abaixando-se

para entrar na limusine —, mas ser recrutado para o exército não é uma delas... Sim, senhor, o que posso fazer pelo senhor?

— Para onde levou nossos homens? — perguntou o vulto no banco traseiro com o rosto na sombra.

— Que homens? — perguntou o argelino, preocupado, de repente.

— Os dois que você apanhou no aeroporto há algumas horas. O aleijado e o amigo.

— Se é da embaixada e eles quiserem que saiba para onde foram, telefonam informando, certo?

— *Você* vai me dizer!

Um homem forte com uniforme de chofer apareceu de trás da mala do carro. Caminhou rapidamente, levantou o braço e desferiu um golpe violento com um cassetete na cabeça do argelino. Empurrou a vítima para dentro do carro, o velho com roupa de capelão entrou também e fechou a porta enquanto o chofer dava a volta pela frente da limusine para assumir a direção. A limusine partiu velozmente pela rua estreita.

Uma hora depois, o corpo do argelino, ferido e ensangüentado, foi atirado da limusine na rue Houdon, deserta, a um quarteirão da Place Pigalle. No carro, o vulto na sombra dirigiu-se ao velho e falso padre.

— Apanhe seu carro e vigie o hotel do aleijado. Fique acordado. Será substituído de manhã e pode descansar o resto do dia. Informe todos os movimentos do homem. Não falhe.

— Nunca, monsenhor.

Dimitri Krupkin aparentava ter mais do que sua altura média e ser mais gordo do que era na verdade. Seu rosto cheio era agradável e andava com a cabeça grande sempre erguida. As sobrancelhas espessas e o cavanhaque bem aparado e bem penteado combinavam com os olhos azuis muito vivos e com a expressão sempre sorridente de um homem que gosta da vida e do trabalho que faz, desfrutando ambos com inteligência. No momento estava num reservado, de frente para a parede, no restaurante quase vazio em Epernon, olhando para Alex Conklin que, ao lado do não-identificado Bourne, acabava de explicar que não tomava mais nenhuma bebida alcoólica.

— O mundo vai acabar! — exclamou o russo em inglês com forte sotaque. — Está vendo o que a indulgência do Ocidente faz a um homem? Seus pais deviam se envergonhar por não terem ficado conosco.

— Acho que não quer comparar os índices de alcoolismo dos nossos países.

— Não por uma aposta muito alta — disse Krupkin, com um largo sorriso. — E por falar em dinheiro, meu querido inimigo, como e onde vou ser pago, de acordo com o que combinamos a noite passada no telefone?

— Como e onde quer ser pago? — perguntou Jason.

— Ah, ah, então é o meu benfeitor, senhor?

— Sim, eu estou pagando.

— *Esperem!* — murmurou Conklin, olhando para a porta do restaurante. Inclinou-se para a parte aberta do reservado com a mão na testa, depois recuou rapidamente quando o garçom conduziu um casal a uma mesa no canto, à esquerda da entrada.

— O que foi? — perguntou Bourne.

— Não sei... não tenho certeza.

— Quem entrou, Aleksei?

— Esse é o caso, acho que eu devia conhecê-lo, mas não conheço.

— Onde ele está? Num reservado?

— Não, numa mesa. No canto, depois do bar. Está com uma mulher.

Krupkin foi para a ponta do banco e tirou da carteira um espelho do tamanho de um cartão de crédito. Cautelosamente afastou para o lado do corpo as duas mãos em concha com o espelho.

— Você devia ler as colunas sociais dos jornais sensacionalistas de Paris — disse o russo, rindo e guardando o espelho na carteira e a carteira no bolso do paletó. — Ele trabalha na embaixada italiana e aquela é sua mulher. Paolo e Davinia, não sei do quê, com pretensões à nobreza, eu acho. Estritamente *corpo diplomático* em nível de protocolo. Oferecem belas festas e são, é claro, escandalosamente ricos.

— Não circulo nesses meios, mas já o vi antes.

— É claro que viu. Ele se parece com todos os atores de meia-idade do cinema italiano ou com os donos de vinhedos que exaltam as virtudes do Chianti Clássico nos comerciais de televisão.

— Talvez você esteja certo.

— Estou — Krupkin voltou-se para Bourne. — Vou escrever o nome de um banco e o número de uma conta em Genebra. — Tirou uma caneta do bolso e apanhou um guardanapo de papel. Não chegou a usar nenhum dos dois, pois um homem de trinta e poucos anos, com um terno muito elegante, aproximou-se rapidamente da mesa.

— O que é, Sergei? — perguntou Krupkin.

— Não o senhor — respondeu o ajudante soviético. — *Ele* — com um gesto da cabeça indicou Bourne.

— O que é? — repetiu Jason.

— O senhor foi seguido. A princípio não tínhamos certeza, pois é um velho com problemas urinários. Ele desceu do carro duas vezes para urinar, mas depois usou o telefone do carro e espiou pelo pára-brisa para ler o nome do restaurante. Isso foi há

poucos minutos.

— Como sabe que estava me seguindo?

— Ele chegou logo depois do senhor, e nós estávamos aqui há meia hora verificando a área.

— Verificando a área! — exclamou Conklin, olhando para o russo. — Pensei que este encontro era só entre nós três.

— Querido Aleksei, benevolente Aleksei, que vai me salvar de mim mesmo. Será que acreditou que eu ia me encontrai com você sem pensar na minha proteção? Não você, pessoalmente, velho amigo, mas os agressores de Washington. Já imaginou? Um diretor assistente da CIA negociando comigo a respeito de um homem que ele finge pensar que eu não conheço. Um golpe de amador.

— Ora vá para o inferno, eu não *contei* para ele!

— Oh, então eu me enganei. Peço desculpas, Aleksei.

— Não se desculpe — disse Jason, com voz firme. — O velho é do Chacal...

— *Carlos!* — exclamou Krupkin, com o rosto corado, os olhos agora alerta e furiosos. — O Chacal está atrás de *você*, Aleksei?

— Não, atrás dele — disse Conklin. — Do seu benfeitor.

— Meu Deus! Com o que já sabíamos, tudo se encaixa. Então tenho a distinta honra de conhecer o infame Jason Bourne. Um grande *prazer*, senhor! Temos o mesmo objetivo no que se refere a Carlos, não temos?

— Se seus homens forem bons, podemos alcançar esse objetivo dentro de uma hora. Vamos! Vamos sair pelos fundos, pela cozinha, por uma janela, qualquer coisa. Ele me encontrou e pode apostar o que quiser que logo estará aqui. Só que não sabe que eu sei. Vamos!

Os três homens levantaram-se e Krupkin disse ao seu ajudante:

— Leve o carro para os fundos do restaurante, a entrada de serviço, se houver, mas faça isso *disfarçadamente*, Sergei. Sem nenhuma pressa, entendeu?

— Podemos seguir por um quilômetro, mais ou menos, na estrada e entrar num pasto que vai dar nos fundos do restaurante. Assim não seremos vistos pelo velho no carro.

— *Muito* bom, Sergei. E diga ao seu reforço para ficar onde está e alerta.

— É claro, camarada. — O ajudante correu para a porta.

— Um *reforço!* — explodiu Alex. — Você tinha um *reforço?*

— Por favor Alex, para que discutir? A culpa é sua. Ontem à noite, no telefone, você não me contou sobre sua conspiração contra seu próprio diretor.

— Ora, pelo amor de Deus, não foi conspiração nenhuma!

— Não foi exatamente uma perfeita compreensão entre o escritório e o campo, foi? Não, Aleksei Nikolae Konsolikov, você estava certo de que podia — digamos assim — me usar e você usou. Lembre-se sempre, meu bom e velho adversário,

você é russo.

— Quer calar a boca e sair daqui?

Esperaram no Citroen blindado de Krupkin ao lado de um campo com relva alta, a uns trinta metros do carro do velho, de onde viam perfeitamente a porta do restaurante. Para aborrecimento de Bourne, Conklin e o agente do KGB, como dois velhos profissionais, começaram a relembrar as estratégias de operações secretas do passado, cada um apontando as deficiências do outro. O reforço do soviético era um carro de quatro portas que estava no acostamento da estrada, no outro lado do restaurante, com dois homens prontos para saltar com suas automáticas, se fosse preciso.

De repente, uma caminhonete Renault parou na frente do restaurante, com três casais. Todos desceram, menos o motorista, de braços dados e rindo alegremente. Caminharam para a entrada, enquanto o carro seguia para o pequeno estacionamento.

— *Detenha-os* — disse Jason. — Podem ser mortos.

— Sim, podem, Sr. Bourne, mas se fizermos isso, perdemos o Chacal.

Jason olhou para o russo, sem saber o que dizer, com nuvens de confusão e raiva obscurecendo seu pensamento. Começou a protestar, mas as palavras não chegaram aos seus lábios. E então, era tarde demais para protestar. Um furgão marrom-escuro apareceu na estrada principal de Paris e Bourne disse:

— É o mesmo da avenue Lefebvre. o furgão que fugiu!

— De *onde*? — perguntou Conklin.

— Há alguns dias houve um problema na avenue Lefebvre — disse Krupkin. — Um automóvel, ou um furgão, explodiu. É disso que está falando?

— Era uma armadilha. Para mim... Um furgão, depois uma limusine e um homem personificando Carlos — uma armadilha. Esse é o segundo furgão que saiu de uma rua lateral, eu acho, e tentou impedir nosso avanço com um fogo cerrado.

— Nosso? — Alex olhou atentamente para Jason e viu a fúria não disfarçada nos olhos do Camaleão, a linha fina e firme dos lábios cerrados, os dedos fortes abrindo-se e se fechando.

— Bernardine e eu — murmurou Bourne, e depois, erguendo a voz de repente: — Quero uma *arma* — exclamou. — O revólver que tenho no bolso não é uma arma!

Sergei, o reforçado ajudante de Krupkin, que estava na direção do carro, apanhou no banco da frente uma AK-47 russa e a entregou para Jason por sobre o ombro.

Uma limusine marrom-escura surgiu na estrada secundária e parou, cantando pneus na frente do restaurante. Como comandos treinados, dois homens com máscaras de meia e empunhando automáticas saltaram pela porta lateral. Correram para a entrada e cada um encostou-se de um lado da porta. Um terceiro homem saiu

do veículo quadrado, um homem quase completamente calvo vestido de padre. A um gesto da sua arma, os dois comandos colocaram-se de frente para a porta com as mãos nas maçanetas grossas de bronze. O motorista do furgão ligou o motor.

— *Vamos!* — gritou Bourne. — 6 ele! É o Carlos!

— *Não!* — rugiu Krupkin. — Espere. A armadilha agora é nossa, e ele deve ser apanhado — *dentro*.

— Pelo amor de Deus, há muita gente lá dentro! — disse Jason.

— Todas as guerras têm vítimas acidentais, Sr. Bourne, e para o caso de não saber, isto é uma guerra. Sua e minha. A sua muito mais pessoal do que a minha.

De repente, soou o grito estridente de vingança do Chacal, as portas duplas foram empurradas e os terroristas entraram atirando.

— *Agora!* — exclamou Sergei, ligando o motor e levando o acelerador até o chão. O Citroen entrou velozmente na estrada diretamente na direção do furgão, mas foi desviado por uma explosão enorme à direita. O velho e o carro cinzento voaram pelos ares, e o Citroen foi atirado para a esquerda contra a velha cerca do estacionamento, ao lado do restaurante. No mesmo instante o furgão marrom-escuro do Chacal, ao invés de lançar-se para a frente, deu marcha a ré e parou com um tranco. O homem que o dirigia saltou e se escondeu atrás do carro. Acabava de ver o reforço dos soviéticos. Os dois russos correram para o restaurante. O homem do Chacal, escondido atrás do furgão, matou um. O outro atirou-se na relva, na margem da estrada, e viu, sem poder fazer nada, o homem de Carlos atirar nos vidros e nos pneus do veículo dos soviéticos.

— *Saiam!* — gritou Sergei, empurrando Bourne para fora, ao lado da cerca, enquanto Alex e seu superior arrastavam-se para fora, atrás dele.

— *Vamos!* — exclamou Jason, levantando-se com a AK-47 na mão. — Aquele filho da mãe explodiu o carro por controle remoto.

— Eu vou na frente — disse o soviético.

— Por quê?

— Para ser franco, porque sou mais moço e mais forte...

— Ora, cale a boca!

Bourne correu em ziguezague e atirou-se no chão quando o motorista do furgão de Carlos começou a atirar. Ergueu a arma sobre a relva, certo de que o homem do Chacal pensava que o tinha atingido. A cabeça apareceu, Jason puxou o gatilho e ela desapareceu.

O segundo reforço dos russos, ouvindo o grito de morte atrás do furgão, levantou e avançou para a porta do restaurante. De dentro vinha o som do tiroteio desordenado, gritos de pânico e mais tiros. Um pesadelo vivo de terror e sangue desenrolava-se no interior do pequeno e bucólico restaurante. Bourne ficou de pé e com Sergei ao seu lado alcançaram o ajudante sobrevivente. A um sinal de Jason, os

russos empurraram as portas e os três entraram ao mesmo tempo.

Os sessenta segundos seguintes foram tão horríveis quanto o inferno ululante descrito por Munch. Um garçom e dois homens dos três casais que haviam entrado juntos, estavam mortos, o garçom e um deles no chão, com as cabeças esfaceladas e, o que restava dos seus rostos, coberto de sangue. O outro homem estava encostado na parede do reservado, com os olhos arregalados e sem vida, o corpo todo perfurado de balas, o sangue escorrendo pela roupa. As mulheres estavam em estado de choque, alternando os gritos com gemidos, tentando saltar por cima das divisórias de pinho do reservado. O homem e a mulher bem vestidos da embaixada italiana tinham desaparecido.

Sergei correu de repente para um canto afastado da sala, atirando, na direção “de um vulto que Bourne não havia notado. O assassino com a máscara de meia saltou da sombra com a arma na mão, mas antes que pudesse puxar o gatilho, o soviético o abateu... *Outro!* Uma sombra atrás do pequeno balcão do bar. Seria o *Chacal*? Jason girou o corpo perto da parede atento aos menores recantos ao lado da prateleira das bebidas. Num movimento rápido, colocou-se na base do balcão quando o segundo reforço dos russos, percebendo a situação, correu para as mulheres histéricas, e ficou de costas para elas, movendo a arma de um lado para o outro, protegendo-as. A cabeça com máscara e a mão com a arma apareceram sobre o balcão. Bourne levantou-se de um salto, segurando o cano quente com a mão esquerda e com a direita no comando da AK-47, atirou à queima-roupa no rosto coberto do terrorista. *Não* era Carlos. Onde estava o *Chacal*?

— *Aqui!* — gritou Sergei, como se tivesse ouvido a pergunta furiosa de Jason.

— *Onde?*

— Aquelas portas!

Os dois homens convergiram para as portas de vaivém que davam para a cozinha. Outra vez Bourne fez o sinal para o ataque, mas antes que pudessem fazer um movimento, foram atirados para trás por uma explosão. Uma granada fora detonada na cozinha e fragmentos de metal e de vidro cravaram-se na madeira das portas. A fumaça espiralou, espalhando-se pela sala com um cheiro acre e enjoativo.

Silêncio.

Jason e Sergei aproximaram-se novamente da entrada da cozinha e mais uma vez seu avanço foi detido por uma explosão acompanhada de tiros seguidos, que atingiram as folhas das portas.

Silêncio.

Espera.

Silêncio.

Era demais para a fúria e o ímpeto do Camaleão. Abriu o ferrolho da sua AK-47, puxou a alavanca seletiva, e depois o gatilho para tiro automático, e abriu as

portas com um tranco, atirando-se no chão.

Silêncio.

Outra cena de outro inferno. Uma parte da parede externa tinha desaparecido, o obeso dono do restaurante e seu cozinheiro, este ainda com o chapéu alto, estavam mortos, cadáveres pregados nas prateleiras mais baixas da cozinha, com o sangue escorrendo para a madeira.

Bourne levantou-se devagar, com uma dor excruciante nas pernas, cada nervo do seu corpo esgarçado e tenso, muito perto da histeria. Como num transe, olhou à sua volta, através da fumaça e dos destroços, e seus olhos finalmente pousaram num pedaço de papel pardo de açougue pregado na parede com um pesado cutelo. Aproximou-se e, arrancando o cutelo, leu as palavras escritas com lápis preto de açougueiro:

*As árvores de Tannenbaum arderão em chamas e as crianças com elas.
Durma bem, Jason Bourne.*

Os espelhos de sua vida partiram-se em mil pedaços. Nada mais tinha a fazer senão gritar.

— PARE COM ISSO, David!

— Meu Deus, ele enlouqueceu, Aleksei. Sergei, segure-o, não o deixe ir... *Você*, ajude Sergei. Deite-o no chão para falarmos com ele. Precisamos sair daqui imediatamente!

Os dois ajudantes russos com muito esforço conseguiram deitar Jason na relva. Quando leu o papel, Bourne saiu pela abertura na parede, e correu pelo campo, na tentativa inútil de encontrar o Chacal, atirando com sua AK-47 até acabar a munição. Sergei e o outro ajudante correram atrás dele. O primeiro tirou a arma das mãos de Jason e os dois levaram o homem histérico de volta para o restaurante semidestruído, onde Alex e Krupkin os esperavam. Com grande esforço levaram Jason, coberto de suor e ofegante, até a frente do restaurante. Então a histeria incontrolável dominou novamente o Camaleão.

O furgão do Chacal tinha desaparecido. Carlos, invertendo sua linha de fogo, conseguira escapar e Jason estava louco.

— *Segurem o homem!* — rugiu Krupkin, ajoelhando ao lado de Jason, enquanto os dois ajudantes o mantinham deitado no chão.

O agente do KGB espalmou a mão sobre o rosto do americano, apertando dos dois lados com o polegar e o indicador, obrigando Treadstone Setenta e Um a olhar para ele.

— Vou dizer só *uma vez*, Sr. Bourne, e se não me entender, pode ficar aqui sozinho e enfrentar as consequências! Nós temos de sair daqui. Se conseguir se controlar, entraremos em contato com as autoridades do seu país dentro de uma hora, em Paris. Eu li o aviso e garanto que sua gente pode proteger sua família — como sua família me foi explicada por Aleksei. Mas você, *em pessoa*, deve fazer parte desse comunicado. Pode recobrar a razão, Sr. Bourne, ou pode ir para o inferno. O que escolhe?

O Camaleão, procurando se livrar dos joelhos que o prendiam ao solo, soltou o ar dos pulmões como se fosse seu último suspiro. Seus olhos entraram em foco e ele disse:

— Tire os filhos da mãe de cima de mim.

— Um desses filhos da mãe salvou sua vida — disse Conklin.

— E eu salvei a vida de um deles. Estamos quites.

O Citroen blindado seguiu velozmente pela estrada principal que levava a Paris. No telefone celular com misturador, Krupkin deu ordens para que uma equipe

fosse enviada a Epernon a fim de remover imediatamente o que restava do carro dos russos. O corpo do homem fora colocado cuidadosamente na mala do Citroen, e o comentário oficial dos soviéticos, se alguém perguntasse, seria de nenhum envolvimento com o caso. Dois funcionários subalternos da embaixada estavam almoçando no campo quando ocorreu o massacre. Vários assassinos usavam máscaras de meia, os outros nem foram vistos porque os russos da embaixada fugiram pela porta dos fundos para salvar suas vidas. Quando tudo terminou, voltaram ao restaurante e tentaram acalmar as mulheres histéricas e o único homem sobrevivente. Comunicaram o terrível incidente aos seus superiores e receberam instruções para informar a polícia local e voltar imediatamente para a embaixada. Os interesses soviéticos não podiam ser prejudicados por sua presença acidental no cenário de um ato criminoso de franceses.

— Parece tão *russo* — disse Krupkin.

— Será que alguém vai acreditar? — perguntou Alex.

— Não importa — respondeu o russo. — Epernon cheira a vingança do Chacal. O velho que eles explodiram, dois terroristas subordinados com máscaras de meia — a Sûreté conhece esses sinais. Se estivéssemos envolvidos, estaríamos no lado certo, portanto, não vão investigar o motivo da nossa presença.

Bourne estava perto da janela do carro, em silêncio, com Krupkin ao seu lado e Alex na banqueta, de frente para os dois. Jason quebrou seu silêncio de revolta, desviando os olhos da paisagem e batendo com a mão fechada no braço do banco.

— Oh, Cristo, as *crianças!* — exclamou. — Como aquele filho da mãe ficou sabendo que foram para Tannenbaum?

— Perdoe-me, Sr. Bourne — disse Krupkin em voz baixa. — Sei que é mais fácil para mim dizer, do que para o senhor aceitar, mas logo entraremos em contato com Washington. Eu sei alguma coisa sobre a capacidade da Agência para proteger sua gente e posso garantir que é de uma eficiência a toda prova.

— Não pode ser tão eficiente se Carlos pode penetrar as defesas como penetrou.

— Talvez não tenha sido isso. Talvez ele tenha outra fonte — disse o soviético.

— Não podia ter nenhuma.

— Nunca se sabe, senhor.

Seguiram velozmente pelas ruas de Paris, sob o sol ofuscante da tarde, entre as calçadas repletas de pedestres. Chegaram à embaixada soviética na avenue de Lannes e passaram pelos portões, os guardas apenas acenando ao ver o Citroen blindado de Krupkin. Deram a volta no pátio de cascalho e pararam na frente da imponente escadaria de mármore e do arco esculpido da entrada.

— Fique por perto, Sergei — ordenou o homem do KGB.

— Se precisarmos falar com a Sûreté, você se encarrega disso.

— Então, como se só então tivesse lembrado, Krupkin dirigiu-se ao outro ajudante ao lado de Sergei, no banco da frente. — Não se ofenda, jovem, mas é que durante todos estes anos meu velho amigo e motorista tem-se mostrado muito eficiente nessas situações. Entretanto, você também tem um trabalho para fazer. Providencie para que o corpo do nosso leal camarada seja cremado. Operações internas lhe dirão quais os papéis necessários. — Com um aceno, Dimitri Krupkin indicou que Bourne e Alex Conklin podiam descer do carro. Entraram, e Dimitri disse aos guardas que seus hóspedes não deviam passar pelo detetor de metais ao qual eram submetidos todos os visitantes da embaixada.

Murmurou, em inglês, para seus convidados:

— Podem imaginar o que ia acontecer? Dois americanos armados da CIA selvagem passeando pelos salões do bastião do proletariado? Nem é bom pensar, sinto o frio da Sibéria nos meus testículos.

Passaram do saguão, ricamente decorado ao estilo do século XIX, para o elevador típico francês, com grade de bronze, que os levou ao terceiro andar. A porta do elevador se abriu e Krupkin os conduziu por um largo corredor.

— Vamos usar uma sala de conferências não formal — disse ele. — Serão os primeiros americanos a entrar nela e talvez os últimos porque é o único compartimento da embaixada sem microfones e escutas.

— Você não faria essa declaração num detetor de mentiras, faria? — perguntou Conklin com uma risada.

— Como você, Aleksei, aprendi há muito tempo a enganar essas máquinas idiotas, mas independente disso, eu faria sim, porque é verdade. Com toda franqueza, é para nos proteger de nós mesmos. Venham agora.

A sala de conferências era do tamanho de uma sala de jantar burguesa comum, mas com uma mesa longa e comprida e móveis escuros e masculinos, as cadeiras fortes, pesadas e bastante confortáveis. As paredes eram recobertas de madeira marrom-escura, o inevitável retrato de Lenin pendia ostensivamente da parede, atrás da cadeira principal, onde havia, também, uma mesa baixa com o console do telefone.

— Sei que está ansioso para telefonar — disse Krupkin, aproximando-se do console. — Por isso vou autorizar uma linha internacional.

Dimitri apanhou o fone, falou rapidamente em russo, desligou e voltou-se para os americanos.

— Vocês têm o número 26. É o último botão à direita, segunda fileira.

— Obrigado. — Conklin tirou um papel do bolso e o entregou ao agente do KGB. — Preciso de outro favor, Kruppie. Esse é o número de um telefone em Paris, supostamente uma linha direta para o Chacal, mas não combina com o número que deram a Bourne e que *era* do Chacal. Não sabemos onde ele se encaixa, mas, seja

onde for, tem a ver com Carlos.

— E você não quer telefonar para que não saibam que tem o número — códigos iniciais e toda essa coisa. Eu compreendo, é claro. Para que enviar um alerta sem necessidade? Eu me encarrego disso. — Krupkin olhou para Jason como um companheiro mais velho e compreensivo. — Anime-se e tenha confiança, Sr. Bourne, como diziam os czaristas, sem enfrentar nenhum perigo visível. A despeito das suas preocupações, tenho uma grande confiança na capacidade de Langley. Eles prejudicaram minhas operações nada insignificantes mais vezes do que gosto de lembrar.

— Tenho certeza de que fez sua parte prejudicando-os também — disse Jason impaciente, olhando para o telefone.

— A certeza disso me mantém ativo.

— Obrigado, Kruppie — disse Alex. — Como você mesmo disse, é um bom e velho inimigo.

— E eu repito, seus pais deviam se envergonhar! Imagine só, se tivessem ficado na Mãe Rússia. A esta altura você e eu estaríamos dirigindo o Komitet.

— E teríamos duas casas de frente para o lago?

— Está louco, Aleksei? Podíamos ser donos de todo o lago de Genebra! — Krupkin deu meia-volta, caminhou para a porta e saiu com uma risada.

— Com vocês tudo é uma droga de jogo, não é? — disse Bourne.

— Até certo ponto — concordou Alex. — Mas não quando informação roubada significa perda de vidas — dos dois lados, é claro. É então que as armas aparecem e o jogo acaba.

— Fale com Langley — disse Jason bruscamente, indicando o console com um gesto da cabeça. — Holland tem umas explicações a dar.

— Falar com Langley não vai adiantar...

— *O quê?*

— É cedo demais, nem sete horas ainda nos Estados Unidos, mas não se preocupe, eu posso contornar. — Conklin tirou um caderninho do bolso.

— *Contornar?* — exclamou Bourne. — Que diabo de conversa é essa? Estou a ponto de enlouquecer, Alex, aquelas crianças são meus *filhos*!

— Calma, isso quer dizer que eu tenho o telefone particular dele, que não consta da lista. — Conklin sentou-se ao lado do telefone e discou.

— Contornar, pelo amor de Deus! Vocês, relíquias de códigos ultrapassados não sabem falar claro. *Contornar!*

— Desculpe, professor, é um hábito... *Peter?* Alex. Abra os olhos e acorde, marinheiro. Temos complicações.

— Não preciso acordar — disse a voz em Fairfax, Virgínia. — Acabo de chegar de uma corrida de dez quilômetros.

— Ah, vocês que têm pés pensam que são tão espertos!
— Jesus, desculpe, Alex, eu não queria...
— É claro que não, grumete Holland, mas temos um problema.
— O que significa que, pelo menos, você fez contato. Encontrou Bourne.
— Ele está aqui ao meu lado e estamos telefonando da baixada soviética em Paris.

— *O quê? Santa merda!*
— Nada de santa. Apenas Casset, lembra-se?
— Ah, sim, tinha esquecido... E a mulher dele?
— Mo Panov está com ela. O bom doutor está cobrindo a parte médica, pelo que lhe sou muito grato.
— Eu também. Outros progressos?
— Nada que você queira ouvir, mas vai ouvir em alto e bom som.
— Do que está falando?
— O Chacal sabe sobre a propriedade Tannenbaum.
— Está *louco!* — gritou o diretor da CIA, tão alto que provocou um som metálico na linha internacional. — *Ninguém* sabe! Só Charlie Casset e eu. Organizamos um cronograma com nomes falsos e biografias da América Central, tão distantes de Paris que ninguém poderia fazer a conexão. Além disso, não há nenhuma *menção* a Tannenbaum nas ordens! Pode estar certo, Alex, foi uma operação inviolável porque não deixamos ninguém *interferir*.

— Fatos são fatos, Peter. Meu amigo recebeu um recado dizendo que as árvores de Tannenbaum vão arder em chamas e as crianças com elas.

— Filho da mãe! — berrou Holland. — Fique na linha. Vou telefonar para St. Jacques, depois para a segurança máxima, e mandar que sejam removidos de lá esta manhã. Fique na linha!

Conklin ergueu os olhos para Bourne que escutava com ele no telefone.

— Se há um vazamento, e há um vazamento, não é em Langley — disse Alex.

— Tem de ser lá. Ele não verificou direito.

— Onde ele vai verificar?

— Cristo, *vocês* são os entendidos. O helicóptero que os tirou da ilha, a tripulação, o pessoal que liberou o avião para a Grã-Bretanha. Meu Deus! Carlos comprou o miserável governador da Coroa em Montserrat e o chefe da equipe antidrogas. O que o impede de monitorar nossas comunicações entre nossas forças armadas e Plymouth?

— Mas você *ouviu* — insistiu Conklin. — Os nomes eram falsos, as cronologias orientadas para a América Central, e acima de tudo, ninguém nos vãos sabia sobre Tannenbaum. *Ninguém*... Temos uma lacuna.

— Por favor, poupe-me essa linguagem de código.

— Não é nenhum código. Uma lacuna é um espaço vazio.

— *Alex?* — A voz zangada de Peter Holland.

— Sim, Peter?

— Estamos tirando todos de lá, e não vou dizer nem para *você* para onde vão agora. St. Jacques ficou furioso porque a Sra. Cooper e as crianças já estavam instaladas, mas eu disse que eles têm uma hora.

— Quero falar com Johnny — disse Bourne, inclinando-se e falando em voz bem alta para ser ouvido por Holland.

— É um prazer conhecê-lo, mesmo só por telefone — disse Holland.

— Obrigado por tudo que está fazendo por nós — disse Jason em voz baixa e sincera. — Muito obrigado mesmo.

— *Quid pro quo*, Bourne. Na sua caçada ao Chacal você tirou um coelho grande e feio de uma cartola imunda que ninguém sabia que existia.

— O quê?

— Medusa, a nova.

— Como vai a investigação? — perguntou Conklin.

— Estamos fazendo nossa contrapolinização entre os sicilianos e uma porção de bancos europeus. Está sujando tudo o que eles tocam, mas temos agora mais fios ligados naquela todo-poderosa firma de advocacia em Nova York do que a NASA inteira num lançamento de foguete. Estamos fechando o cerco.

— Boa caça — disse Jason. — Pode me dar um número em Tannenbaum para falar com John St. Jacques?

Holland deu o número. Alex anotou e desligou.

— O clarim é todo seu — disse Conklin, levantando-se com dificuldade e caminhando para a outra ponta da mesa.

Bourne sentou-se, concentrado na miríade de botões à sua frente. Apanhou o telefone e digitou os números anotados por Alex.

Os cumprimentos foram bruscos, as perguntas de Jason diretas, feitas em voz autoritária.

— Com quem você falou sobre Tannenbaum?

— Vá com calma, David — disse St. Jacques, na defensiva. — O que quer dizer com quem falei?

— Exatamente isso. De Tranquilidade para Washington, com quem você falou sobre Tannenbaum?

— Quer dizer, depois que Holland falou comigo?

— Pelo amor de Deus, Johnny, não podia ser antes, podia?

— Não, não podia, Sherlock Holmes.

— Então com *quem*?

— Com você. Só com você, meu estimado cunhado.

— O quê?

— Você ouviu. Tudo estava acontecendo tão depressa que eu provavelmente me esqueci do nome Tannenbaum, e se me lembrasse, na certa não era para ficar anunciando por aí.

— Você *deve* ter falado. Houve um vazamento e não foi em Langley.

— Eu também não fui. Escute, Dr. Acadêmico, posso não ter um alfabeto inteiro depois do meu nome, mas não sou exatamente um idiota. São meus sobrinhos no quarto ao lado e eu espero vê-los crescidos... Por isso vamos sair daqui?

— Sim.

— Muito grave?

— Gravidade máxima. O Chacal.

— *Jesus!* — explodiu St. Jacques. — Se o bastardo aparecer na vizinhança, ele é *meu!*

— Calma, Canadá — disse Jason com voz mais suave, exprimindo mais preocupação do que zanga. — Você diz e eu acredito que só descreveu Tannenbaum para mim e, se bem me lembro, *eu* o identifiquei.

— Certo. Eu lembro porque quando Pritchard me disse que você estava no telefone, eu estava na outra linha, falando com Henry Sykes em Serrat. Lembra-se de Henry, o ajudante do governador da Coroa?

— É claro.

— Eu estava pedindo para ele ficar de olho em Tranqüilidade porque eu precisava me afastar por alguns dias. Naturalmente ele sabia disso porque teve de liberar o avião na ilha e lembro-me muito bem de ele perguntar para onde eu ia e eu dizer Washington. Nunca me ocorreu dizer nada que se parecesse com Tannenbaum, e Sykes não insistiu porque deve ter compreendido que tinha a ver com as coisas horríveis que haviam acontecido na ilha. Pode-se dizer que ele é um profissional nesses assuntos. — St. Jacques fez uma pausa, mas antes que Bourne pudesse falar, exclamou com voz rouca: — Oh, meu Deus!

— Pritchard — disse Jason. — Ele ficou na linha.

— *Por quê?* Por que ele ia fazer isso?

— Você está esquecendo — explicou Bourne. — Carlos comprou seu governador da Coroa e seu Savonarola, o chefe da equipe antidrogas. Devem ter custado muito dinheiro. Ele pode ter comprado Pritchard por muito menos.

— Não, você está enganado, David. Pritchard pode ser um cretino pomposo e com mania de grandeza, mas não me trairia por dinheiro. Não é tão importante nas ilhas — prestígio é. E a não ser quando ele, quase me faz subir pelas paredes, eu procuro prestigiá-lo. Na verdade, ele é um ótimo funcionário.

— Não tem mais ninguém, irmão.

— Temos um meio de descobrir. Eu estou aqui, não lá, e não vou sair daqui tão

cedo.

— No que está pensando?

— Quero pedir ajuda a Henry Sykes. Está tudo bem com você?

— Tudo vem.

— Como vai Marie?

— Tão bem quanto podia estar, dadas as circunstâncias... E, Johnny, não quero que ela saiba nada sobre isto, compreende? Quando ela falar com você, e vai falar, diga que estão instalados e que tudo está bem, nada sobre a mudança nem sobre Carlos.

— Compreendo.

— Tudo está bem, não está? Como vão as crianças — como Jamie está enfrentando tudo isso?

— Você pode ficar sentido, mas ele está se divertindo a valer, e a Sra. Cooper não me deixa nem tocar em Alison.

— Não fico sentido com nenhuma das duas coisas.

— Obrigado. E você? Algum progresso?

— Falamos depois — disse Jason desligando e voltando-se para Alex. — Não faz sentido e Carlos sempre faz sentido, se a gente prestar atenção. Ele deixa um recado que quase me enlouquece de medo, mas não tem meios de cumprir a ameaça. O que você acha disso?

— O objetivo é enlouquecer você — respondeu Conklin. — O Chacal não vai tomar uma instalação como a casa de Tannenbaum a distância. A mensagem era para fazer você entrar em pânico e conseguiu. Ele quer deixá-lo perturbado a ponto de cometer erros graves. Ele quer o controle da situação.

— Outro motivo para Marie voltar para os Estados Unidos o mais cedo possível. Ela *tem* de ir. Quero Marie dentro de uma fortaleza e não almoçando abertamente em Barbizon.

— Concordo mais com a idéia hoje do que ontem à noite. — Alex foi interrompido pela entrada de Krupkin com vários impressos de computador na mão.

— O número que você me deu foi desligado — disse ele, com certa hesitação.

— Estava ligado em nome de *quem*?

— Você não vai gostar disto mais do que eu gostei, e se eu pudesse inventar uma mentira plausível, mentiria para você, mas não posso, e não devo... Há cinco dias foi transferido de uma organização evidentemente falsa para o nome de Webb. David Webb.

Conklin e Bourne olharam em silêncio para o agente soviético, mas era um silêncio quebrado pela estática de uma corrente de alta voltagem.

— Por que tinha tanta certeza de que eu não ia gostar da informação? — perguntou Alex, em voz baixa.

— Meu bom e velho inimigo — disse Krupkin com voz suave, tão baixa quanto a de Conklin. — Quando o Sr. Bourne saiu daquele café de horrores com o papel pardo na mão, ele estava histérico. Tentando acalmá-lo você o chamou de David... Agora eu tenho um nome que sinceramente não queria ter.

— *Esqueça* — disse Bourne.

— Vou fazer o possível, mas há certos modos...

— Não é disso que estou falando — interrompeu Jason. — Preciso conviver com o fato de que você sabe e isso é possível. Onde o telefone foi instalado? Qual é o endereço?

— Segundo os computadores, é uma casa de missão dirigida pelas Irmãs de Caridade Madalenas. Também obviamente falsa.

— Obviamente verdadeira — corrigiu Bourne. — Essa organização existe. É legítima e legalizada até às toucas engomadas das freiras, e é também um disfarce muito útil. Pelo menos era.

— Fascinante — murmurou Krupkin. — Tantas fachadas do Chacal relacionam-se com a Igreja. Um *modus operandi* brilhante, embora um pouco ultrapassado. Dizem que ele estudou para padre.

— Então a Igreja chegou na sua frente — disse Alex, inclinando a cabeça com um sorriso. — Ela o expulsou antes de vocês.

— Eu nunca subestimei o Vaticano — disse Dimitri, rindo. — Ficou mais do que provado que nosso louco Joseph Stalin não compreendeu as prioridades quando perguntou com quantos batalhões o Papa podia contar. Sua Santidade não precisa deles. Consegue mais do que Stalin jamais conseguiu com todos seus expurgos. O poder vai para aquele que inspira mais medo, não é mesmo, Aleksei? Todos os príncipes da Terra usam o medo com eficácia brutal. E tudo gira em torno da morte — o medo da morte, antes e depois dela. Quando vamos crescer e mandar todos eles para o inferno?

— *Morte* — murmurou Jason, franzindo a testa. — Morte na rue Rivoli, no Meurice, nas Irmãs Madalenas... meu *Deus*, eu me esqueci por completo! Dominique Lavier! Ela estava no Meurice — talvez ainda esteja *lá*! Ela disse que ia trabalhar comigo.

— Por quê? — perguntou Krupkin, bruscamente.

— Porque Carlos matou a irmã dela e ela não teve escolha senão trabalhar para ele ou ser morta. — Bourne voltou-se para o telefone. — Preciso do telefone do Meurice...

— Quatro-dois-seis-zero-três-oito-seis-zero — recitou Krupkin, enquanto Jason anotava no bloco de Alex. — Um lugar agradável, antes conhecido como hotel dos reis. Eu gosto especialmente do *grill*.

Bourne digitou o número e ergueu a mão pedindo silêncio. Lembrando-se, pediu

o quarto de Madame Brielle e quando a telefonista disse “*Mais oui*”, ele balançou a cabeça afirmativamente para Alex e Dimitri. Lavier atendeu.

— Sim?

— Sou *eu*, madame — disse Jason, num francês áspero, levemente anglicanizado. O Camaleão estava em ação. — Sua governanta sugeriu que podíamos encontrá-la aí. Madame, seu vestido está pronto. Pedimos desculpa pela demora.

— Devia ter sido entregue ontem ao *meio-dia*, seu cretino! Eu queria usá-lo a noite passada no Grand Véfour. Fiquei muito aborrecida!

— Mil desculpas. Podemos entregar imediatamente no hotel.

— Você é mesmo um cretino! Na certa minha empregada disse também que vou ficar só dois dias aqui no hotel. Entregue no meu apartamento na Montaigne e se não estiver lá até às quatro horas, vai esperar um mês para receber o pagamento!

Um estalido forte na linha parecia indicar que a ligação fora cortada.

Bourne desligou o telefone com o suor brotando na testa.

— Estive muito tempo fora disto — disse ele, respirando fundo. — Ela tem um apartamento na Montaigne e estará lá às quatro horas.

— Quem *diabo* é Dominique não sei do quê? — berrou Conklin irritado.

— Lavier — respondeu Krupkin. — Mas ela usa o nome da irmã morta, Jacqueline. Há anos vem fazendo o papel da irmã.

— Você *sabe* disso? — perguntou Jason, impressionado.

— Sei, mas nunca nos adiantou muito. Foi um golpe fácil de compreender — irmãs parecidas, vários meses de ausência, plástica facial —, tudo normal no mundo anormal da alta moda. Quem presta atenção a pessoas que se movem nessa órbita superficial? Nós a vigiamos, mas ela jamais nos levou ao Chacal, ela não sabe como fazer isso. Não tem acesso direto, tudo que ela informa é filtrado, com portas fechadas para ela a cada entrega de informação. É assim que o Chacal trabalha.

— Não é sempre assim — disse Bourne. — Havia um homem chamado Santos que dirigia um café de terceira classe em Argenteuil, o Coeur du Soldat. Santos tinha acesso direto. Ele me deu uma informação muito especial.

— *Havia?* — Krupkin ergueu as sobrancelhas. — Fala nele no passado?

— Santos está morto.

— E o café de terceira classe em Argenteuil, funciona ainda?

— Foi limpo e fechado — admitiu Jason, sem implicar que se tratava de uma derrota.

— Então o acesso terminou, certo?

— Certo, mas acredito no que ele me disse porque foi morto por isso. Santos estava saindo, assim como esta mulher Lavier quer sair agora — só que sua conexão era muito antiga. Começou em Cuba, quando Carlos salvou da execução um

desajustado igual a ele. Sabia que podia usar o homem, aquele gigante imenso e imponente capaz de operar entre o lixo da humanidade e ser seu mensageiro direto. Santos *tinha* acesso direto. Provou isso quando me deu o número do telefone com o qual falei com o Chacal. Poucos homens podem fazer isso.

— Fascinante — disse Krupkin, olhando atentamente para Bourne. — Mas, como perguntaria meu bom e velho inimigo Aleksei, que parece tão espantado quanto eu, aonde quer chegar, Sr. Bourne? Suas palavras são ambíguas, mas as acusações insinuadas parecem perigosas.

— Para vocês. Não para nós.

— Não entendi.

— Santos me disse que só quatro homens no mundo todo têm acesso direto ao Chacal. Um deles está na Praça Dzerzhinsky. “Muito alto no Komitet” foram suas palavras, e acredite, ele não tinha muito respeito por esse seu superior.

Foi como se Dimitri Krupkin tivesse sido esbofeteado pelo diretor do Politburo no meio da Praça Vermelha, durante a parada do Primeiro de Maio. O russo empalideceu e seus olhos ficaram parados, sem piscar.

— O que mais Santos lhe contou? Tenho de *saber*!

— Só que Carlos tinha uma obsessão com Moscou, que estava fazendo contato com pessoas do alto escalão... Se puder encontrar esse contato na Praça Dzerzhinsky, daremos um grande passo à frente. Por enquanto, tudo que temos é Dominique Lavier...

— Droga, *droga*! — rugiu Krupkin interrompendo Jason.

— Tão *insano* e ao mesmo tempo tão perfeitamente lógico. Acaba de responder a várias perguntas, Sr. Bourne, perguntas que me atormentam há tempos. Tantas vezes cheguei perto — e sempre, *nada*. Muito bem, deixe que lhes diga, cavalheiros, os jogos do demônio não se limitam aos que estão no inferno. Outros podem jogá-los também. *Meu Deus*. Sinto-me como uma pérola jogada de uma ostra para outra, sempre o grande idiota!... Não use mais esse telefone!

Eram 3:30h da tarde, hora de Moscou, e o homem idoso com uniforme de oficial do exército soviético caminhava com a maior velocidade que a idade lhe permitia pelo corredor do quinto andar da sede do KGB na Praça Dzerzhinsky. O dia estava quente e o ar condicionado, como de hábito, fraco e irregular, por isso o general Grigorie Rodchenko, valendo-se de um dos privilégios do seu posto, estava com a gola da lúnica desabotoada. Isso porém não impedia que o suor descesse pela face enrugada até o pescoço. Não sentir o colarinho alto e apertado, no entanto, era um alívio.

Chegou aos elevadores, apertou o botão e esperou, com uma chave na mão. As portas da direita abriram-se, e ele viu com satisfação que o elevador estava vazio. Era mais fácil do que mandar que todos saíssem — pelo menos, menos

constrangedor. Entrou, inseriu a chave na fechadura acima do painel e esperou que o mecanismo realizasse sua função. Num instante o elevador desceu direto para o nível mais baixo dos subterrâneos do prédio.

As portas se abriram e o general saiu, notando imediatamente o silêncio nos corredores, tanto o da esquerda, quanto o da direita. Dentro de alguns instantes, isso mudaria, pensou ele. Caminhou pelo corredor da esquerda, até uma porta grande de aço com uma placa de metal no centro.

ENTRADA PROIBIDA SÓ PESSOAL AUTORIZADO

Um aviso tolo, pensou o general, tirando um cartão de plástico do bolso e inserindo-o lenta e cuidadosamente na pequena abertura da direita. Sem o cartão — e às vezes só quando era inserido rapidamente — a porta não se abria. Ouviu dois estalidos e retirou o cartão. A porta pesada e sem maçaneta se abriu, e um monitor de televisão registrou sua entrada.

A atividade era intensa nas dezenas de cubículos iluminados que dividiam o enorme complexo de teto baixo, do tamanho de um salão de baile do tempo dos czares, mas sem nenhuma ornamentação. E felizmente, o ar estava fresco, na verdade, quase frio. As máquinas exigiam o controle exato de temperatura, pois ali funcionava o centro de comunicações do KGB. Informações do mundo todo chegavam ao centro durante as 24 horas do dia.

O velho soldado seguiu o caminho que conhecia muito bem até a última passagem da direita, depois para a esquerda, chegando ao cubículo na extremidade da grande sala. Era uma longa caminhada, e a respiração do general estava muito ofegante, suas pernas muito cansadas. Entrou, cumprimentando com um aceno da cabeça o operador de meia-idade que ergueu os olhos e retirou os fones do ouvido. No balcão branco à sua frente havia um grande console eletrônico com uma infinidade de botões, interruptores e painéis iluminados. Rodchekko sentou numa cadeira de aço, ao lado do homem, e disse, parando para respirar entre uma palavra e outra:

— Alguma notícia do coronel Krupkin, de Paris?

— Tenho notícias *sobre* o coronel Krupkin, general. Seguindo suas instruções para monitorar as conversas telefônicas do coronel, incluindo as ligações internacionais autorizadas por ele, recebi um teipe de Paris há alguns minutos. Estou certo de que o senhor quer ouvir.

— Como sempre, você foi muito eficiente e eu agradeço, e como sempre, tenho certeza de que o coronel Krupkin vai nos informar sobre tudo isso, mas você sabe, ele é um homem muito ocupado.

— Não precisa explicar, senhor. As conversas que vai ouvir foram gravadas há meia hora. Os fones, por favor?

Rodchenko colocou os fones no ouvido e fez um gesto afirmativo. O operador pôs um bloco de notas e lápis bem apontados no balcão, na frente do general, digitou um número e recostou-se na cadeira enquanto o poderoso *direktor* do Komitet inclinava-se para a frente, escutando. Logo o general começou a tomar notas, minutos depois estava escrevendo furiosamente. O teipe terminou e Rodchenko retirou os fones do ouvido. Olhou carrancudo para o operador, seus estreitos olhos eslavos rígidos entre as pálpebras emaciadas, as rugas do rosto mais acentuadas do que antes.

— Apague a fita, depois destrua o disco — ordenou ele levantando-se. — Como sempre, você não ouviu nada.

— Como sempre, general.

— E como sempre, será bem recompensado.

Eram 4:17h quando Rodchenko chegou ao seu escritório e sentou à mesa de trabalho, estudando suas notas. Era *incrível!* Inacreditável, mas ali estava — acabava de ouvir as palavras e as vozes... Não o que se referia ao monsenhor, em Paris. Isso era secundário agora e podia se comunicar com ele dentro de minutos, se fosse necessário. O monsenhor podia esperar, mas a outra parte da conversa não podia! O general apanhou o telefone e chamou sua secretária.

— Quero uma transmissão imediata, via satélite, para nosso consulado em Nova York. Todos os misturadores máximos ligados e operando.

Como podia ter acontecido?

Medusa!

COM A TESTA FRANZIDA, Marie ouviu a voz do marido no telefone e fez um sinal para Mo Panov.

— Onde você está agora? — ela perguntou.

— Num telefone público, no Plaza-Athénée — disse Bourne. — Estarei de volta dentro de algumas horas.

— O que está acontecendo?

— Complicações, mas também algum progresso.

— Isso não me diz nada.

— Não há muito para dizer.

— Como é esse Krupkin?

— Original. Ele nos levou à embaixada soviética e eu falei com Johnny num dos telefones deles.

— *O quê?*... Como estão as crianças?

— Muito bem. Tudo está bem. Jamie está se divertindo muito, e a Sra. Cooper não deixa Johnny nem tocar em Alison.

— O que significa que Johnny não quer nem tocar em Alison.

— Pode ser.

— Qual é o número? Quero falar com eles.

— Holland está instalando uma linha segura. Saberemos o número dentro de uma hora mais ou menos.

— O que significa que você está mentindo.

— Se pensa assim... Você devia estar com eles. Se for me atrasar eu telefono.

— Espere um pouco. Mo quer falar com você. Bourne desligou. Na outra extremidade do quarto, Mo Panov balançou a cabeça lentamente.

— Esqueça — disse ele. — Eu sou a última pessoa com quem ele quer falar.

— Ele está de volta àquele lugar, Mo. Não é mais David.

— Tem uma missão diferente agora — disse Panov, suavemente. — David não poderia cumpri-la.

— Acho que é a coisa mais assustadora que você já disse, O psiquiatra balançou a cabeça num gesto afirmativo.

— Talvez seja.

O Citroen cinzento estava parado a alguns metros, em diagonal com a entrada do prédio de apartamentos de Dominique Lavier, na elegante avenue Montaigne. Krupkin, Alex e Bourne estavam no banco de trás, Conklin na banquetta, de frente

para os dois, mais cômoda para sua perna e seu tamanho. Falavam raramente, observando a porta de vidro do prédio.

— Tem certeza de que isto vai funcionar? — perguntou Jason.

— Tudo que sei é que Sergei é um profissional talentoso — respondeu Krupkin. — Foi treinado em Novgorod, você sabe, e seu francês é impecável. Tem também diversos documentos de identificação capazes de enganar a Divisão de Documentos do Deuxième Bureau.

— E os outros dois? — insistiu Bourne.

— Subordinados silenciosos, controlados por seu superior e subservientes a ele. São também especialistas... Lá vem ele!

Sergei saiu do prédio, andou para a esquerda e logo estava atravessando a avenida larga, na direção do Citroen. Passou pela frente do carro e sentou-se atrás do volante.

— Tudo está em ordem — disse, olhando para trás. — Madame ainda não voltou e o apartamento é o 21, segundo andar, de frente. Foi “varrido” completamente, não encontramos nenhum interceptor.

— Tem *certeza*? — perguntou Conklin. — Há uma margem de erro nesse processo, Sergei.

— Nossos instrumentos são os melhores, senhor — respondeu o ajudante do KGB com um sorriso. — Sinto dizer isso, mas foram fabricados pela General Electronics Corporation, por encomenda de Langley.

— Dois pontos para o nosso lado — disse Alex.

— Doze a menos por permitir o roubo da tecnologia — observou Krupkin. — Além disso, tenho certeza de que anos atrás a nossa Madame Lavier tinha microfone no colchão...

— Verificado — interrompeu Sergei.

— Obrigado, mas quero dizer que dificilmente o Chacal terá monitores por toda a cidade de Paris. É muito complicado.

— Onde estão os outros dois homens? — perguntou Bourne.

— Nos corredores do primeiro andar, senhor. Logo vou me juntar a eles e temos um veículo de reforço mais adiante na rua, todos com contato de rádio, é claro... Vou levá-los agora.

— Espere um pouco — disse Conklin. — Como vamos entrar? O que vamos dizer?

— Já foi dito, senhor, não precisam dizer nada. Fazem parte do serviço secreto, o SEDCE francês...

— O quê? — perguntou Jason.

— O Serviço de Documentação Externa e Contra-espionagem — respondeu Alex. — É o que eles têm de mais parecido com Langley.

— E o Deuxième?

— Departamento Especial — disse Conklin, distraidamente. — Alguns dizem que é um corpo de elite, outros dizem o contrário... Sergei, eles não vão verificar?

— Já verificaram, senhor. Depois de mostrar minha identificação ao zelador e a seu assistente, dei a eles um número de telefone que não consta da lista, que confirmou minha posição no Serviço. Depois, descrevi vocês três e disse que deviam ter acesso ao apartamento de Madame Lavier sem mais conversa... Vamos agora. Chegando de carro, o porteiro vai ficar melhor impressionado.

— Às vezes a simplicidade reforçada pela autoridade é a melhor coisa para enganar os outros — observou Krupkin, enquanto o Citroen atravessava a avenida larga e movimentada, na direção da porta do complexo de pedra branca. — Leve o carro para o outro lado da esquina, Sergei — ordenou o agente do KGB, estendendo a mão para abrir a porta. — Meu rádio, por favor.

— Sim, senhor — respondeu o ajudante, entregando um Inlcrcom eletrônico em miniatura. — Aviso quando estiver à postos.

— Posso falar com vocês todos com isto?

— Sim, camarada. Além de 150 metros, a frequência não pode ser detetada.

— Vamos, cavalheiros.

Na portaria de mármore, Krupkin cumprimentou com um gesto o zelador atrás do balcão. Jason e Alex estavam à direita do soviético.

— *La porte est ouverte* — disse o zelador, evitando olhar diretamente para eles. — Eu não estarei aqui quando II madame chegar — continuou em francês. — Não sei como os senhores entraram, porém existe uma entrada de serviço nos fundos do prédio.

— Se não fosse, por cortesia oficial, devíamos ter entrado por ela — disse Krupkin, olhando para a frente.

Os três dirigiram-se para o elevador.

O apartamento de Lavier era uma amostra do mundo elegante da alta-costura. As paredes estavam cobertas de fotografias dos grandes da moda em desfiles importantes e eventos, bem como reproduções de desenhistas de moda famosos. Como num quadro de Mondrian, os móveis eram extremamente simples, as cores ousadas, predominando o vermelho, o preto e o verde-escuro. As cadeiras, sofás e mesas assemelhavam-se vagamente a cadeiras, sofás e mesas — pareciam mais adequados a uma nave espacial.

Quase instintivamente, Conklin e o russo começaram a examinar as mesas, lendo as anotações que estavam ao lado do telefone de madrepérola sobre uma coisa curva, espessa e escura que devia ser uma mesa.

— Se isto é uma mesa — disse Alex —, onde diabo estão as gavetas e os puxadores?

— É a última novidade de Leconte — disse Krupkin.

— O tenista? — perguntou Conklin.

— Não, Aleksei, o desenhista de móveis. Você aperta e a gaveta se abre.

— Está brincando?

— Experimente.

Conklin experimentou e uma gaveta quase invisível saltou para fora de uma abertura também invisível.

— Macacos me mordam...

O rádio no bolso de Krupkin emitiu dois bips agudos.

— Deve-ser Sergei — disse Dimitri, tirando o aparelho do bolso. — Está na sua posição, camarada? — perguntou.

— Mais do que isso — disse a voz tranqüila do ajudante acompanhada de alguma estática. — A mulher Lavier acaba de entrar no prédio.

— O zelador?

— Desapareceu.

— Ótimo. Desligo... Aleksei, saia daí. Lavier está subindo.

— Você quer se esconder? — perguntou Conklin, zombando, virando as páginas do livro de telefones.

— Prefiro não começar com hostilidades, o que vai acontecer se ela o vir examinando seus objetos pessoais.

— Tudo bem, tudo bem. — Alex guardou o livro e fechou a gaveta. — Mas se ela não quiser cooperar, vou levar o livrinho preto.

— Ela vai cooperar — disse Bourne. — Eu já disse, ela quer sair disto e o único meio é com o Chacal morto. O dinheiro é secundário, não sem importância, mas sair vem em primeiro lugar.

— Dinheiro? — perguntou Conklin. — Que dinheiro?

— Eu me ofereci para pagar e vou pagar.

— Posso afirmar que o dinheiro não é secundário para Madame Lavier — observou o russo.

O ruído da chave na fechadura ecoou pela sala. Os três homens voltaram-se para a porta, para a assustada Dominique. Mas o susto durou uma fração de segundo, sem em nada alterar sua aparente calma. Com as sobrancelhas arqueadas e a pose regia de modelo, guardou a chave na bolsa, olhou para os intrusos e disse, em inglês:

— Ora, ora, Kruppie, eu devia imaginar que você estava em algum lugar desta *bouillabaisse*.

— Ah, a encantadora Jacqueline, ou podemos deixar de fingir, Domie?

— *Kruppie?* — exclamou Alex. — Domie?... O que é isto, encontro de família?

— O camarada Krupkin é um dos mais populares agentes do KGB em Paris — disse Lavier, deixando a bolsa sobre a mesa longa, em forma de cubo, atrás do sofá de seda branca. — Conhecê-lo é *de rigueur* em certos círculos.

— Tem certas vantagens, querida Domie. Nem pode imaginar quanta desinformação o Quai D’Orsay me passa por intermédio desses círculos, e eu finjo que acredito, sabendo que são falsas. A propósito, sei que já conhece nosso alto amigo americano e que chegou até a negociar com ele, por isso acho que só preciso apresentar seu companheiro... Madame, Monsieur Aleksei Konsolikov.

— Eu não acredito. Ele não é soviético. Meu nariz está treinado para detetar o urso mal lavado.

— Ah, você me *destrói*, Domie! Mas tem razão, foi um erro de julgamento dos pais. Sendo assim, ele que se apresente, se quiser.

— O nome é Conklin, Alex Conklin, Senhorita Lavier, e sou americano. Entretanto, nosso amigo comum “Kruppie” tem razão numa coisa. Meus pais eram russos e falo russo fluentemente, por isso ele não pode me enganar quando estamos em companhia de russos.

— Acho isso delicioso.

— Bem, pelo menos é apetitoso, se conhece Kruppie.

— Estou ferido, ferido de morte! — exclamou Krupkin. — Mas meus ferimentos não são importantes para esta reunião. Vai trabalhar conosco, Domie?

— Vou trabalhar com vocês, Kruppie. Meu Deus, se vou trabalhar com vocês! Só quero que Jason Bourne esclareça sua oferta. Com Carlos sou um animal enjaulado, mas sem ele sou uma cortesã quase pobre. Quero que ele pague pela morte de minha irmã e por tudo que me fez, mas não quero dormir na sarjeta.

— Diga seu preço — disse Jason.

— *Escreva* — recomendou Conklin, olhando para Krupkin.

— Deixe ver — disse Lavier passando por trás do sofá, dirigindo-se para a mesa. — Daqui a poucos anos estarei com sessenta — de um lado ou de outro, isso é imaterial —, e sem o Chacal e a ausência de alguma doença fatal, tenho ainda uns 15 ou vinte anos de vida. — Inclinou-se sobre a mesa, escreveu, tirou a folha do bloco de notas e olhou para o americano alto. — Para o senhor, Sr. Bourne, e acho melhor não discutir. Eu acho que é justo.

Jason apanhou o papel e leu. Um milhão de dólares, americanos.

— É justo — disse Bourne, devolvendo o papel para Lavier. — Acrescente como e onde quer receber, que eu providencio quando sairmos daqui. O dinheiro estará no lugar que escolher amanhã cedo.

A cortesã idosa olhou diretamente para ele.

— Acredito no senhor — disse, inclinando-se outra vez para escrever as instruções. Devolveu o papel para Jason. — O acordo está feito, *monsieur*, e que

Deus nos garanta a morte do Chacal. Do contrário, estamos mortos.

— Está falando como uma irmã Madalena?

— Estou falando como uma irmã apavorada, nem mais e, pode estar certo, nem menos.

Bourne fez um gesto afirmativo.

— Tenho algumas perguntas. Não quer sentar? .

— *Oui*. Com um cigarro. — Lavier foi até o sofá e mergulhando nas almofadas, apanhou a bolsa na mesa vermelha. Tirou o maço de cigarros e apanhou o isqueiro de ouro na mesa de centro. — Um hábito anti-higiênico, mas tão necessário — disse ela, acendendo o cigarro e dando uma longa tragada. — Suas perguntas, *monsieur*!

— O que aconteceu no Meurice? *Como* aconteceu?

— A mulher aconteceu — *sua* mulher, eu suponho — foi o que entendi. Como tínhamos combinado, o senhor e seu amigo do Deuxième estavam preparados para matar Carlos quando ele chegasse, pensando que iam apanhá-lo de surpresa. Por motivos que ninguém sabe, sua mulher gritou quando o senhor atravessou a rue de Rivoli. O resto o senhor viu... Por que me mandou ficar num quarto do Meurice, sabendo que ela estava lá?

— Essa resposta é fácil. Eu não sabia. Como ficamos agora?

— Carlos ainda confia em mim. Ele atribui toda a culpa à sua mulher, foi o que me disseram, e não tem nenhum motivo para me responsabilizar. Afinal, o senhor estava lá, o que prova a minha lealdade. Se não fosse pelo agente do Deuxième, o senhor estaria morto. Bourne concordou com um gesto.

— Como pode entrar em contato com ele?

— Pessoalmente não posso. Nunca fiz e não tenho vontade de fazer. Ele prefere assim e, como eu já disse, os cheques chegam em dia, portanto não preciso de contato pessoal.

— Mas envia mensagens para ele — insistiu Jason. — Eu a ouvi no telefone.

— Sim, mas nunca diretamente. Ligo para um dos velhos nos cafés baratos — os nomes e números variam de semana para semana e poucos deles têm idéia do que estamos falando, mas os que sabem do que se trata telefonam para outros, imediatamente, e *esses* telefonam ainda para outros. De algum modo a mensagem chega ao destino. Rapidamente, devo dizer.

— O que foi que eu disse? — observou Krupkin enfaticamente. — Todas as mensagens terminam em nomes falsos e cafés imundos. Muros de pedra!

— Mas chegam ao destino — disse Alex Conklin, repetindo as palavras de Lavier.

— Kruppie, porém, tem razão. — A mulher idosa e ainda atraente deu uma tragada longa e nervosa no cigarro. — O caminho é tão sinuoso que não pode ser seguido.

— Isso não importa — disse Alex, entrecerrando os olhos para alguma coisa que os outros não viam. — As mensagens chegam rapidamente a Carlos, isso ficou bem claro.

— É verdade.

Conklin voltou os olhos, bem abertos agora, para Lavier.

— Quero que envie a mensagem mais urgente que já enviou ao Chacal. *Precisa* falar diretamente com ele. É uma emergência que você não pode confiar a ninguém, só ao próprio Carlos. .

— Sobre *o quê?* — perguntou Krupkin. — O que pode ser tão urgente a ponto de o Chacal concordar? Como o nosso Sr. Bourne, ele é obcecado pela idéia de armadilhas e, nestas circunstâncias, qualquer comunicação direta tem cheiro de armadilha!

Balançando a cabeça, Alex caminhou, mancando até a janela, entrecerrando os olhos novamente, absorto, com expressão de intensa concentração. Então aos poucos abriu os olhos e observou a rua lá embaixo.

— Meu Deus, podia *funcionar* — murmurou.

— O que podia funcionar? — quis saber Bourne.

— Dimitri, depressa! Telefone para a embaixada e mande trazer a maior e mais bonita limusine que vocês, os proletários, possuem.

— *O quê?*

— Faça o que eu disse! Depressa!

— Aleksei...

— *Agora!*

A força e a urgência da ordem surtiram efeito. O russo foi rapidamente até o telefone de madrepérola e discou, olhando interrogativamente para Alex, que continuava a observar a rua. Lavier olhou para Jason e ele balançou a cabeça negativamente, intrigado também. Krupkin deu as ordens, em russo, com frases curtas e autoritárias.

— Está feito — disse o agente do KGB, desligando. — Agora, acho que deve haver uma razão muito convincente para isto.

— *Moscou* — respondeu Conklin, ainda olhando pela janela.

— Alex, pelo amor de Deus...

— O que você disse? — rugiu Krupkin.

— Temos de tirar Carlos de Paris — disse Conklin voltando-se. — O que pode ser melhor do que Moscovo? — Antes que o russo atônito pudesse responder, Alex olhou para Lavier. — Disse que ele ainda confia em você?

— Não tem nenhuma razão para não confiar.

— Então duas palavras bastam. “Moscovo, emergência”, essa é a base da mensagem que vai dar a ele. Fale como quiser, mas diga que só pode falar

diretamente com Carlos.

— Mas eu nunca *falei*. Conheço homens que falaram com ele e que, quando bêbados, tentaram descrevê-lo, mas para mim ele é um completo estranho.

— Melhor ainda — disse Conklin, voltando-se para Bourne e Krupkin. — Nesta cidade, ele está com todos os trunfos, *todos*. Poder de fogo, uma rede inexpugnável de assassinos e mensageiros e dezenas e dezenas de buracos onde pode se esconder e de onde pode atacar. Paris é o seu território, sua proteção — podemos andar às cegas por toda a cidade, durante dias, semanas, meses, sem conseguir nada, até ele ter você e Marie na mira de sua arma... e pode acrescentar Mo e eu mesmo ao *script*. Londres, Amsterdam, Bruxelas, Roma — todas essas cidades seriam melhores para nós do que Paris, mas a melhor é Moscou. Por mais estranho que pareça, é o lugar do mundo que exerce uma atração quase hipnótica para ele — e também a menos hospitaleira.

— Aleksei, *Aleksei* — exclamou Dimitri Krupkin. — Sinceramente, acho que você deve pensar em voltar a beber, pois é evidente que está louco! Digamos que Domie consiga falar com ele e diga o que você mandou. Acredita mesmo que, baseado apenas numa “emergência” em Moscou, ele vai sair correndo e tomar um avião para a Rússia? Loucura!

— Pode apostar seu último rublo do mercado negro que acredito — respondeu Conklin. — A mensagem é só que ela precisa falar diretamente com ele. Então, ela explode a bomba... Acabou de obter uma informação extraordinária que só podia transmitir diretamente, sem passar pelos túneis dos mensageiros.

— E em nome de Deus, *que* informação seria essa? — perguntou Lavier, tirando outro cigarro do maço e acendendo.

— O KGB, em Moscou, está fechando o cerco em redor do homem do Chacal, na Praça Dzerzhinsky. As suspeitas limitam-se agora a dez ou 15 funcionários do mais alto escalão. Quando o encontrarem, Carlos estará neutralizado no Komitet — pior, vai perder um informante que sabe demais sobre ele para cair nas mãos dos interrogadores da Lubyanka.

— Mas como Lavier vai saber disso? — perguntou Jason.

— Quem vai contar a ela? — quis saber Krupkin.

— É a verdade, não é?

— Como são suas subestações secretas em Beijing, Kabul e — perdoe a minha impertinência — a Ilha Príncipe Eduardo, no Canadá, mas vocês não ficam anunciando para quem quiser ouvir — disse Krupkin.

— Eu não Sabia da Ilha Príncipe Eduardo — confessou Conklin. — Mas acontece que há momentos em que não é preciso anunciar, basta transmitir a informação com credibilidade. Há alguns momentos eu não tinha os meios, só a autenticidade, mas essa lacuna foi preenchida... Venha cá, Kruppie — só você, por

enquanto, e não se aproxime da janela. Olhe pelos cantos da cortina. — O russo obedeceu. — O que está vendo? — perguntou Alex, apontando para um carro marrom e comum na avenue Montaigne. — Não combina com a vizinhança, combina?

Krupkin não se deu o trabalho de responder. Tirou o rádio do bolso e apertou o botão transmissor.

— Sergei, há um automóvel marrom a uns oitenta metros da entrada do prédio...

— Nós sabemos, senhor — interrompeu o ajudante. — Está coberto por nós e deve ter notado que nosso reforço está atravessado na frente dele. É um velho que só se mexe para olhar pela janela.

— Ele tem um telefone no carro?

— Não, camarada, e se sair do carro, será seguido, assim não pode dar nenhum telefonema, a não ser que nos dê ordens em contrário.

— Não, nenhuma ordem em contrário. Obrigado, Sergei. Desligo. — O russo olhou para Conklin. — O velho — disse ele. — Você o viu.

— Careca e tudo o mais — confirmou Alex. — Ele não é tolo. Já fez isso antes e sabe que está sendo vigiado. Não pode ir embora com medo de perder alguma coisa, e se tivesse um telefone haveria outros carros na avenue Montaigne.

— O Chacal — disse Bourne, dando um passo para a frente. Parou, lembrando-se da advertência de Conklin sobre a janela.

— Agora, você compreende? — perguntou Alex, dirigindo-se a Krupkin.

— É claro — concordou o agente do KGB, com um sorriso. — Por isso pedi uma limusine da nossa embaixada. Quando saímos, Carlos é informado de que um veículo da embaixada soviética nos apanhou, e por que estaríamos aqui se não para interrogar Madame Lavier? Naturalmente, na minha companhia estava um homem alto que pode ou não ser Jason Bourne, e outros, mais baixo, com uma perna defeituosa — o que confirma que se trata de Jason Bourne... Nossa profana aliança é confirmada e observada e durante o rigoroso interrogatório de Madame Lavier, os ânimos se exaltam e são feitas referências ao informante do Chacal na Praça Dzerzhinsky.

— Sobre o qual só eu sabia por minha conversa com Santos no Coeur du Soldat — disse Jason, em voz baixa. — Assim, Dominique tem um observador confiável — um velho do exército de velhos de Carlos — para confirmar sua informação... Tenho de admitir, Santo Alex, que seu cérebro ser-pentino não perdeu nem um pouco de astúcia.

— Estou ouvindo um professor que conheci certa vez... pensei que ele nos tinha abandonado.

— Ele os abandonou.

— Só por algum tempo, espero.

— Muito bem, Aleksei. Você tem ainda o toque mágico, pode continuar abstinência, por mais desalentador que isso seja para mim... São sempre as nuances, certo?

— Nem sempre, de modo algum — discordou Conklin com simplicidade, balançando a cabeça. — A maior parte do tempo são erros idiotas. Por exemplo, disseram à nossa nova companheira aqui, “Domie”, como você a chama afetuosamente, que Carlos ainda confia nela, mas não é verdade, não completamente. Assim, mandam um velho vigiar o apartamento — nada de mais, só um corretor de seguros num carro que não combina com os Jaguares e Rolls-Royces da vizinhança. Então, pagamos a pequena apólice e, com sorte, recebemos o prêmio. Moscou.

— Deixe-me intelectualizar — disse Krupkin. — Embora você tenha sido sempre melhor do que eu nesse departamento. Eu prefiro os melhores vinhos aos pensamentos mais profundos, embora estes últimos — no seu país e no meu — invariavelmente levem aos primeiros.

— *Merde!* — gritou Dominique Lavier, apagando o cigarro no cinzeiro. — Do que esses dois idiotas estão falando?

— Eles vão nos contar, acredite — respondeu Bourne.

— Tem sido registrado e repetido nos círculos seguros, vezes sem conta — continuou o soviético — que, anos atrás, treinamos um louco em Novgorod e que, anos atrás, teríamos estourado seus miolos com uma bala se ele não tivesse escapado. Seus métodos, se fossem sancionados por qualquer governo legítimo, especialmente os das duas superpotências, levariam a um confronto que nenhuma das duas podia permitir. Além disso, no começo ele era um verdadeiro revolucionário, com *R* maiúsculo e nós, os *ultraverdadeiros* revolucionários o deserdamos... Na opinião dele, foi uma injustiça muito grande, que jamais esqueceu. Deseja ardentemente voltar ao seio da mãe, pois foi lá que ele nasceu... Bom *Deus*, as pessoas que ele matou em nome de “agressores”, fazendo uma fortuna incrível com isso, é *revoltante*.

— Mas vocês o renegaram — disse Bourne com voz inexpressiva —, e ele quer que essa sentença seja anulada. Quer ser reconhecido como o mestre-assassino que vocês treinaram. Tudo que eu e Alex planejamos baseia-se no seu ego psicopata... Santos disse que o Chacal sempre se gabava da equipe que está formando em Moscou — “Sempre Moscou, é uma obsessão” — foi o que Santos disse. A única pessoa específica que ele conhecia, e não pelo nome, era o “agente latente”, ou “toupeira” de Carlos num alto posto do KGB, mas disse que Carlos afirmava que havia outros em postos-chave de vários departamentos e que, como monsenhor, há anos enviava dinheiro para eles.

— Então o Chacal pensa que está formando um centro de adeptos dentro do nosso governo — observou Krupkin. — Apesar de tudo, acredita ainda que pode

voltar. Sem dúvida é um egomaniaco, mas jamais compreendeu a mentalidade russa. Pode corromper por algum tempo alguns oportunistas cínicos, mas esses homens, para se proteger, vão acabar voltando-se contra ele. Ninguém gosta da idéia de uma temporada na Lubyanka ou num gulag da Sibéria. A aldeia Potemkin do Chacal será reduzida a cinzas.

— Mais um motivo para ele correr para Moscou a fim de apagar o fogo — disse Alex.

— O que quer dizer? — perguntou Bourne.

— O incêndio vai começar com a descoberta do homem do Chacal, na Praça Dzerzhinsky, ele sabe disso. O único meio de evitar é chegar em Moscou e expor suas condições. Ou seu informante despista a segurança interna, ou o Chacal terá de matá-lo.

— Eu havia esquecido — interrompeu Bourne. — Uma coisa que Santos disse... a maior parte dos russos pagos pelo Chacal fala francês. Procure um homem num alto posto do Komitet que fale francês.

O rádio de Krupkin chamou outra vez com seus bips mal abafados pelo paletó do russo.

— Sim?

— Não sei como nem por quê, camarada — disse a voz tensa de Sergei —, mas a limusine do embaixador acaba de parar na frente do prédio. Eu *juro* que não tenho idéia do que aconteceu.

— Eu tenho. Eu pedi a limusine.

— Mas todos vão ver a bandeira da embaixada!

— Incluindo, eu espero, um velho alerta num carro marrom. Vamos descer logo. Desligo. — Krupkin voltou-se para os outros. — O carro chegou, cavalheiros. Onde nos encontramos, Domie? E quando?

— Esta noite — disse Lavier. — Vai haver um show na Galerie d’Or, na rue de Paradis. O artista é um jovem novato que quer ser estrela do rock ou coisa assim, mas é a coqueluche do momento e todo mundo vai estar lá.

— Esta noite, então... Venham, cavalheiros. Contrariando nossos instintos, devemos ser muito “visíveis” quando chegarmos à calçada.

A multidão movia-se dentro e fora dos cones de luz enquanto a banda de rock por sorte instalada numa sala ao lado, longe da área da exposição, encarregava-se da música ensurdecidora. Se não fosse pelos quadros nas paredes, iluminados pelos discretos spotlights, qualquer um ia pensar que estava numa discoteca e não em uma das elegantes galerias de arte de Paris.

Por meio de uma série de sinais, Dominique Lavier conduziu Krupkin para um canto do salão. Os sorrisos delicados dos dois, as sobrancelhas arqueadas e as risadas intermitentes disfarçavam a conversa séria.

— A mensagem passada através dos velhos diz que o monsenhor vai se ausentar por alguns dias. Entretanto, eles devem continuar à procura do americano alto e do seu amigo aleijado e anotar todos os lugares em que forem vistos.

— Você deve ter trabalhado muito bem.

— Enquanto eu passava a informação ele ficou em completo silêncio. Sua respiração, entretanto, traía um ódio extremo. Fiquei gelada até os ossos.

— Ele está a caminho de Moscou — disse o russo. — Sem dúvida passando por Praga.

— O que vocês vão fazer agora?

Krupkin ergueu os olhos para o teto com um riso falso e silencioso. Depois, olhando para ela disse, sempre sorrindo:

— Moscou.

BRYCE OGILVIE, diretor associado de Ogilvie, Spofford, Crawford e Cohen, orgulhava-se da sua autodisciplina. Não apenas da sua aparência externa sempre controlada, mas da calma fria que impunha aos seus mais profundos temores em momentos de crise. Entretanto, quando chegou ao escritório — cinquenta minutos atrás — e ouviu o toque insistente do seu telefone particular, sentiu um estremecimento de apreensão. Era muito cedo para um chamado naquela linha particular. Então, quando ouviu a voz com forte sotaque, do cônsul-geral soviético em Nova York, exigindo um encontro imediato, não pôde controlar a sensação de vazio no peito... e quando o russo deu as instruções — a *ordem* — para Ogilvie estar no Carlyle Hotel, suíte 4-C, em uma hora, em vez do lugar em que sempre se encontravam, o apartamento na esquina da Trinta e Dois com a avenida Madison, uma dor lancinante encheu o vazio no seu peito. E quando ele mansamente reclamou do inesperado do encontro, fora do programa, a dor transformou-se em fogo e as chamas subiram até sua garganta, ouvindo a resposta do soviético.

— O que vou lhe mostrar vai fazer com que deseje ardentemente que jamais nos tivéssemos conhecido, muito menos tido a ocasião de nos encontrar esta manhã. *Esteja lá!*

Ogilvie afundou o corpo no banco da limusine, com as pernas estendidas e rígidas. Pensamentos abstratos de riqueza pessoal, poder e influência turbilhonavam em sua mente. Precisava se controlar! Afinal, era Bryce Ogilvie, o Bryce Ogilvie, talvez o mais bem-sucedido advogado associado de Nova York e provavelmente o segundo depois de Randolph Gates, de Boston, no campo do direito antitruste e corporativo.

Gates! A lembrança daquele filho da mãe era bem-vinda nesse momento. A Medusa havia pedido um pequeno favor ao famoso Gates, uma indicação inconseqüente e perfeitamente aceitável para uma comissão *ad hoc*, orientada pelo governo, e Gates nem se dera o trabalho de responder aos telefonemas! Telefonemas de outra fonte perfeitamente aceitável, o imparcial e supostamente impecável chefe da intendência do Pentágono, um cretino chamado general Norman Swayne, que exigia sempre as melhores informações. Bem, talvez mais do que informações, mas Gates não devia saber disso... Gates? Havia alguma coisa no *Times* há alguns dias sobre a retirada de Gates de um processo hostil de confisco. O que era mesmo?

A limusine parou na frente do Carlyle Hotel, no passado o preferido da família Kennedy, na cidade de Nova York, agora temporária e clandestinamente o favorito

dos soviéticos. Ogilvie esperou que o motorista uniformizado abrisse a porta e desceu do carro. Normalmente não fazia isso, pois achava que a demora era uma afetação desnecessária, mas nessa manhã fez, *tinha* de se controlar. Precisava ser o Ogilvie frio como gelo que seus adversários temiam.

A subida no elevador até o quarto andar foi rápida, a caminhada pelo corredor, até a suíte 4-C, muito mais vagarosa, a distância muito menor. Bryce Ogilvie respirou funda e calmamente, empertigou-se e apertou o botão da campainha. Vinte e oito segundos depois, marcados com irritação enquanto o advogado contava “um mil, dois mil”, *ad nauseam*, a porta foi aberta pelo cônsul-geral soviético, um homem magro de altura média, rosto comprido, pele muito branca e esticada e enormes olhos castanhos.

Vladimir Sulikov era um homem de 73 anos, magro, rijo e cheio de energia, antigo professor de história na Universidade de Moscou, marxista convicto, mas estranhamente, considerando sua posição, não era membro do Partido Comunista. Na verdade, não estava comprometido com qualquer ortodoxia política, preferindo o papel passivo do indivíduo não ortodoxo, dentro de uma sociedade coletivista. Isso e uma inteligência viva e perspicaz contribuía para que fosse enviado para postos onde homens mais conformistas não teriam a metade da sua eficiência. A combinação desses atributos mais a fidelidade aos exercícios físicos faziam com que Sulikov parecesse 15 anos mais moço do que era. Todos que negociavam com ele sentiam a força da sua presença e a sabedoria adquirida através dos anos, complementadas por uma vitalidade extremamente jovem.

Os dois homens cumprimentaram-se brusca e secamente. Depois de estender a mão para o visitante, Sulikov convidou-o a sentar-se, com um gesto rígido, e ficou de pé na frente da lareira da suíte, como se a estreita moldura de mármore branco fosse um quadro-negro, as mãos atrás das costas, a figura de um professor nervoso pronto para interrogar e ao mesmo tempo instruir um aluno questionador e inquieto.

— Vamos ao assunto — disse o russo secamente. — Você já ouviu falar no almirante Peter Holland?

— É claro. É o diretor da CIA. Por que pergunta?

— Ele é um dos seus?

— Não.

— Tem certeza absoluta?

— É claro que tenho.

— É possível que tenha se tornado um dos seus sem seu conhecimento?

— De modo algum, eu nem conheço o homem. E se isto é uma espécie de interrogatório amador, ao estilo soviético, acho que devia praticar com outra pessoa qualquer.

— Oh, o caro e elegante advogado americano faz objeção a algumas perguntas

simples?

— Faço objeção ao insulto. Você fez uma afirmação espantosa ao telefone. Exijo uma explicação, portanto, por favor, explique.

— Vou chegar lá, senhor conselheiro, acredite, vou chegar lá, mas a meu modo. Nós, os russos, protegemos nossos flancos, uma lição aprendida com a tragédia e o triunfo de Stalingrado — uma experiência que vocês, os americanos, jamais tiveram.

— Eu venho de outra guerra, como sabe muito bem — disse Ogilvie secamente. — Mas se os livros de história dizem a verdade, vocês foram ajudados por seu inverno russo.

— É difícil explicar isso a milhares e milhares de cadáveres de russos congelados.

— Certo, receba minhas condolências e minhas congratulações, mas não tem nada a ver com a explicação que eu pedi.

— Estou apenas tentando explicar um truísmo, meu jovem. Como já foi dito, estamos mais propensos a repetir as lições dolorosas da história que nos são desconhecidas... Como vê, protegemos nossos flancos, e se alguém na nossa arena diplomática suspeitar que fomos enganados e envolvidos em algum embaraço internacional, reforçamos esses flancos. É uma lição muito simples para um erudito como o senhor.

— É tão óbvia que chega a ser trivial. O que há com o almirante Holland?

— Vou chegar lá... Primeiro, diga o que sabe sobre um homem chamado Alexander Conklin.

Bryce Ogilvie lançou o corpo para a frente num gesto brusco de espanto.

— Onde conseguiu esse nome? — perguntou em voz quase inaudível.

— Tem mais... Alguém chamado Panov, Mortimer ou Moishe Panov, um médico judeu, acreditamos. E finalmente, senhor conselheiro, um casal que supomos ser Jason Bourne, o assassino, e sua mulher.

— Meu *Deus!* — exclamou Ogilvie com o corpo tenso, os olhos arregalados. — O que essa gente tem a ver conosco?

— É o que queremos saber — respondeu Sulikov, olhando fixamente para o advogado de Wall Street. — Evidentemente conhece todos eles, certo?

— Bem, sim — *não!* — protestou Ogilvie com o rosto muito corado, atropelando as palavras. — Em uma situação completamente diversa. Não tem nada a ver com nossos negócios — um negócio no qual investimos milhões e que estamos desenvolvendo há vinte anos!

— E com o qual tem ganho milhões, conselheiro, se me permite lembrar esse pormenor.

— Capital investido no mercado internacional! — exclamou o advogado. — Não é crime neste país. O dinheiro flui através dos oceanos ao toque de um botão de

computador. *Não é crime!*

— Não mesmo? — O cônsul-geral soviético ergueu as sobrancelhas. — Pensei que você fosse melhor advogado do que sugere essa afirmação. Vocês vêm comprando companhias em toda a Europa por meio de fusões e aquisições, em nome de testas-de-ferro e companhias inexistentes. As firmas que vocês adquirem representam fontes de suprimento, geralmente dos mesmos mercados, e desse modo vocês podem determinar os preços entre antigos competidores. Acredito que isso se chama colusão e coibição ao comércio, termos legais que não se aplicam à União Soviética, uma vez que lá o Estado determina os preços.

— Não existe *qualquer* prova dessas acusações — disse Ogilvie.

— É claro que não, enquanto houver advogados mentirosos e inescrupulosos para subornar e aconselhar os mentirosos. É um empreendimento tortuoso, executado brilhantemente, e nós dois temos lucrado com ele. Há anos vocês nos vendem o que pedimos, incluindo itens especiais da lista restrita do seu governo, sob nomes tão diversos que nossos computadores enguiçaram tentando descobrir as origens dos mesmos.

— Nenhuma *prova* — insistiu enfaticamente o advogado de Wall Street.

— Não estou interessado na prova, conselheiro. Só me interessam os nomes que mencionei. Nesta ordem, almirante Peter Holland, Alexander Conklin, Dr. Panov e, finalmente, Jason Bourne e sua mulher. Por favor, fale sobre eles.

— *Por quê?* — perguntou Ogilvie. — Acabo de explicar que não têm nada a ver com você ou comigo, nada a ver com nosso acordo.

— Achamos que talvez tenham, portanto, por que não começar com o almirante Peter Holland?

— Ora, pelo amor de Deus...! — O advogado, muito agitado, balançou a cabeça negativamente, gaguejou e afinal disse: — Holland — tudo bem, você vai ver... Nós recrutamos um homem na CIA, um analista chamado DeSole que entrou em pânico e queria se desligar de nós. É claro que não podíamos permitir isso, portanto teve de ser eliminado — eliminado *profissionalmente* —, como fomos obrigados a fazer com outros que eram perigosamente instáveis. Holland deve ter desconfiado e provavelmente suspeitou que se tratavam de crimes, mas não pode ter passado das suspeitas — os profissionais que contratamos não deixam traços, nunca.

— Muito bem — disse Sulikov, olhando atentamente para o nervoso advogado. — O seguinte, Alexander Conklin.

— É um ex-chefe de departamento da CIA e ligado a Panov, que é psiquiatra — ambos estão ligados ao homem a quem chamam de Jason Bourne e à sua mulher. É uma ligação antiga, na verdade, desde Saigon. Você compreende, fomos infiltrados, muitos dos nossos foram identificados e ameaçados, e DeSole chegou à conclusão de que esse Bourne, com a ajuda de Conklin, era o responsável.

— Como ele podia fazer isso?

— Não sei. Só sei que ele tem de ser eliminado e nossos profissionais aceitaram o contrato — os contratos. Todos eles têm de morrer.

— Você mencionou Saigon.

— Bourne pertencia à antiga Medusa — admitiu Ogilvie, em voz baixa. — E como a maioria daqueles homens, era um ladrão desajustado... Pode ter sido uma coisa simples, como ter reconhecido alguém daquele tempo. A história ouvida por DeSole foi de que esse lixo, esse Bourne — a propósito, esse não é seu nome verdadeiro — foi na verdade treinado pela Agência para se fazer passar por um assassino internacional, com o fim de atrair um assassino que eles chamam de Chacal. A estratégia falhou e Bourne foi aposentado — permanentemente. “Obrigado por tentar, meu velho, mas está tudo acabado.” Evidentemente ele queria muito mais do que isso, então veio atrás de nós... Você entende agora, não entende? São dois casos separados, sem ligação. Um nada tem a ver com o outro.

O russo descruzou as mãos atrás das costas e deu um passo para a frente. Parecia mais preocupado do que alarmado.

— Será que está cego, ou tão bitolado que não vê nada além do seu empreendimento?

— Para começar, rejeito o insulto. De que diabo está falando?

— Existe uma conexão porque ela foi criada propositalmente com um único objetivo. Vocês eram apenas um subproduto, um problema secundário que se tornou, de repente, de extrema importância para as autoridades.

— Eu... não compreendo — murmurou Ogilvie, empalidecendo.

— Você acabou de dizer, “*um* assassino que chamam de Chacal” e antes disso citou Bourne como um bandido insignificante, treinado para se fazer passar por assassino, uma estratégia que falhou, e por isso ele foi aposentado, “para sempre”, acho que foi o que disse.

— Foi o que me disseram...

— E o que mais lhe disseram sobre Carlos, o Chacal? Sobre o homem que usa o nome de Jason Bourne? O que *sabe* sobre eles?

— Para ser franco, muito pouco. Dois assassinos idosos, bandidos que se perseguem mutuamente há anos. Na verdade, quem se importa com isso? Minha única preocupação é manter em segredo a nossa organização — o que você parece questionar.

— Ainda não compreendeu, não é mesmo?

— Compreender *o quê*, pelo amor de Deus?

— Bourne talvez não seja o bandido insignificante que você pensa que ele é, não se levamos em conta seus amigos.

— Por favor, seja mais claro — disse Ogilvie, com voz inexpressiva.

— Ele está usando a Medusa para caçar o Chacal.

— Impossível! *Aquela* Medusa foi destruída há anos, em Saigon.

— Evidentemente, ele não pensa assim. Será que se importaria de tirar o seu elegante paletó, arregaçar a manga da camisa e mostrar sua tatuagem na parte interna do braço?

— Não é relevante! Uma marca de honra numa guerra que ninguém apoiava, mas na qual tivemos de lutar!

— Ora, vamos, conselheiro. Pelos cais e depósitos de suprimentos de Saigon? Roubando escandalosamente das suas próprias forças armadas e mandando mensageiros aos bancos da Suíça. Não se conferem medalhas por esses atos de heroísmo.

— Pura especulação, sem nenhum fundamento! — exclamou Ogilvie.

— Diga isso a Jason Bourne, diplomado pela Mulher Serpente original... Oh, sim, conselheiro, ele os procurou, encontrou e os está usando para atrair o Chacal à sua armadilha.

— Pelo amor de Deus, *como?*

— Francamente, eu não sei, mas acho melhor você ler isto. — O cônsul-geral foi rapidamente até a mesa, apanhou um maço de papéis datilografados e o entregou a Ogilvie. — São conversas telefônicas trocadas há quatro horas e decifradas por nossa embaixada em Paris. As identificações e as origens foram comprovadas. Leia com atenção, conselheiro, depois dê sua opinião legal.

O famoso advogado, o Ogilvie frio como gelo, apanhou os papéis e começou a ler. À medida que passava de uma página para a outra, seu rosto adquiria uma palidez de morte.

— Meu Deus, eles sabem de *tudo*. Meus escritórios estão *grampeados*. Como? *Por quê?* É loucura! Nós somos *inexpugnáveis*!

— Mais uma vez sugiro que diga isso a Jason Bourne e ao seu amigo, o ex-chefe de posto, em Saigon, Alexander Conklin. Eles os encontraram.

— Não é possível! — rugiu Ogilvie. — Nós subornamos ou eliminamos todos da Mulher Serpente que podiam suspeitar da extensão das nossas atividades. *Jesus*, não eram muitos e pouquíssimos no campo! Eu disse que eram lixo e eram realmente — eram ladrões do mundo todo, procurados por crimes, na Austrália e no Extremo Oriente. Os que estavam em combate, nós conhecíamos e *encontramos*!

— Ao que parece, esqueceram-se de uns dois — observou Sulikov.

O advogado devolveu as folhas datilografadas com a testa molhada de suor.

— Deus do céu, estou *arruinado* — murmurou, com voz embargada.

— Essa idéia também me ocorreu — disse o cônsul-geral soviético em Nova York —, mas existem opções, não?... É claro que só há um curso de ação para nós. Como grande parte do continente, fomos enganados por piratas capitalistas. Ovelhas

conduzidas aos altares da cobiça, enquanto esse cartel americano de ladrões tomava de assalto os mercados, vendendo material e serviços inferiores a preços abusivos, afirmando e provando com documentos falsos que tinham permissão de Washington para entregar a nós e a nossos satélites milhares de itens restritos ao seu governo e ao seu país.

— Seu filho da mãe! — explodiu Ogilvie. — Vocês — vocês *todos* — cooperaram conosco em tudo. Vocês retiraram milhões para nós dos países do bloco, desviaram, trocaram os nomes. Cristo, *pintaram* de novo — navios que fazem a rota do Mediterrâneo, do mar Egeu, do Bósforo, até Mármara, para não falar nos portos do Báltico!

— Prove isso, conselheiro — disse Sulikov, rindo baixinho. — Se quiser, posso providenciar uma deserção honrosa para você. Moscou ia apreciar muito suas habilidades.

— *O quê?* — exclamou o advogado, em pânico.

— Bem, certamente não pode ficar aqui nem uma hora além do necessário. Leia essas palavras, Sr. Ogilvie. Vocês estão nos últimos estágios da vigilância eletrônica, prestes a serem apanhados pelas autoridades.

— Oh, meu *Deus*...

— Poderia talvez operar de Hong Kong ou de Macau — na certa acolheriam muito bem seu dinheiro, mas com os problemas atuais com os mercados do continente e com o Tratado Sino-britânico de 97, provavelmente, não vão aprovar as acusações que pesam sobre você. Eu diria que a Suíça está fora de questão, as leis recíprocas são tão estreitas hoje em dia, como Vesco teve ocasião de provar. Ah, Vesco. Você podia se juntar a ele em Cuba.

— *Pare com isso!* — gritou Ogilvie.

— Ou você podia se oferecer para depor a favor da acusação. Há tanta coisa para revelar. Talvez diminuam uns dez anos da sua sentença de trinta.

— Pare com isso, ou vou te matar!

A porta se abriu e apareceu um guarda do consulado em atitude ameaçadora, com a mão dentro do paletó. O advogado, que tinha se levantado de um salto e estava parado, tremendo incontrolavelmente, voltou para a poltrona e inclinou-se para a frente, com a cabeça nas mãos.

— Tal comportamento não seria bem visto — disse Sulikov. — Vamos, conselheiro, é um momento para cabeça fria, não para explosões emocionais.

— Como pode dizer isso? — perguntou Ogilvie com voz embargada, quase chorando. — Estou *liquidado*!

— Uma afirmação extrema para um homem tão cheio de recursos. Falo sério. É verdade que não pode ficar aqui, mas mesmo assim, seus recursos são imensos. Procure agir dessa posição de força. Obrigue outros a certas concessões. É a arte da

sobrevivência. No fim, as autoridades vão reconhecer o valor da sua contribuição, como aconteceu com Bloesky, Levine e dezenas de outros que cumprem suas sentenças mínimas jogando tênis e gamão, desfrutando ainda suas fortunas. Tente.

— Como? — perguntou o advogado, erguendo os olhos vermelhos e suplicantes para o russo.

— “Onde” vem em primeiro lugar — explicou Sulikov. — Procure um país neutro que não tenha tratado de extradição com Washington, onde os funcionários do governo podem ser persuadidos a lhe garantir residência temporária para continuar com suas atividades comerciais — a palavra “temporária” é extremamente elástica, é claro. Bahrain, os Emirados, Marrocos, Turquia, Grécia — não faltam possibilidades atraentes. Todas com círculos onde se fala inglês... Podemos até mesmo ajudá-lo, talvez, muito discretamente.

— Por que fariam isso?

— Está cego outra vez, Sr. Ogilvie. Por um preço, é claro... Você tem uma operação extraordinária na Europa. Está firme e funcionando, e sob nosso controle, pode nos dar muito lucro.

— Oh... meu... Deus — disse o líder da Medusa, olhando para o cônsul-geral.

— Será que tem outra escolha, conselheiro?... Vamos, precisamos nos apressar. Providências devem ser tomadas. Felizmente o dia está começando.

Às 3:25h da tarde, Charles Casset entrou no escritório de Peter Holland na CIA.

— Temos uma brecha — disse o assistente de diretor, acrescentando com menor entusiasmo. — Mais ou menos.

— Da firma Ogilvie? — perguntou o diretor da CIA.

— Da esquerda — respondeu Casset, pondo várias pilhas de fotografias sobre a mesa de Holland. — Estas foram enviadas por *fax* do Aeroporto Kennedy, há uma hora. Acredite, foram sessenta minutos de muita ansiedade desde então.

— De Kennedy? — Franzindo a testa, Peter estudou as cópias. Era uma seqüência de fotografias mostrando uma porção de gente que passava pelos detetores eletrônicos num dos terminais do aeroporto. A cabeça de um homem estava assinalada por um círculo vermelho em todas as fotografias. — O que é? Quem é ele?

— São passageiros seguindo para a sala de espera da Aeroflot, a caminho de Moscou, avião soviético, é claro. Faz parte da rotina da segurança fotografar cidadãos americanos que viajam nessa linha.

— Tudo bem. Quem é ele?

— Ogilvie em pessoa.

— *O quê?*

— Está no vôo das duas horas, sem escalas, para Moscou ... Só que oficialmente ele não está.

— Como é?

— Três telefonemas separados para seu escritório obtiveram a mesma informação. Ele está fora do país, em Londres, no Dorchester, o que nós sabemos que não é verdade. Entretanto, o Dorchester confirmou a reserva, mas disse que Ogilvie ainda não chegou, portanto estão anotando recados para ele.

— Eu não compreendo, Charlie.

— É uma cortina de fumaça arranjada com muita pressa. Para começar, por que um homem rico como Ogilvie viaja pela Aeroflot quando pode tomar o Concorde até Paris e o vôo da Air France para Moscou? Além disso, por que seu escritório afirma que ele está em Londres ou a caminho de Londres, quando ele está *indo* para Moscou?

— O vôo da Aeroflot é óbvio — disse Holland. — É a companhia do governo e está sob a proteção dos soviéticos. O negócio Londres-Dorchester também não é difícil de entender. É para despistar — meu Deus, para despistar!

— Acertou em cheio, mestre. Então Valentino verificou, com todo aquele equipamento sofisticado do porão e... adivinhe? A Sra. Ogilvie e os dois filhos adolescentes têm reservas no vôo da Royal Air Marrocos para Casablanca, com escala em Marrakesh.

— Marrakesh... Air Marrocos, *Marrakesh*. Espere um pouco. Naqueles impressos de computador sobre os hóspedes do Hotel Mayflower, que Conklin nos deu para examinar, havia uma mulher — uma das três pessoas que ele achava que tinham ligação com a Medusa — que tinha estado em Marrakesh.

— Parabéns por sua memória, Peter. Aquela mulher e a mulher de Ogilvie foram companheiras de quarto na Universidade Bunnington, no começo dos anos 70. De famílias tradicionais e bons antecedentes, podem estar sempre juntas e trocar confidências.

— Charlie, que *diabo* está acontecendo?

— Os Ogilvie foram avisados e estão fugindo. Além disso, se não estou enganado e se pudermos examinar várias contas bancárias, veremos que milhões foram transferidos de Nova York só Deus sabe para onde, muito além destas praias.

— *E então?*

— Medusa está agora em Moscou, Sr. Diretor.

LOUIS DEFazio desceu cansado do táxi, na avenue Massena, seguido por seu primo Mario de Larchmont, Nova York, maior, mais pesado e muito mais forte. Pararam na calçada, na frente do restaurante com o nome Tetrazzini's escrito em vermelho no vidro verde da janela.

— É aqui — disse Louis. — Devem estar num reservado, nos fundos.

— Já é bem tarde — Mario consultou o relógio à luz da rua. — Meu relógio está com a hora de Paris, é quase meia-noite aqui.

— Eles esperam.

— Você ainda não me disse os nomes deles, Lou. Como vou chamá-los?

— Não vai — respondeu DeFazio, caminhando para a porta. — Nada de nomes — de qualquer modo, não significam nada. Tudo que tem a fazer é tratá-los com respeito, sabe o que quero dizer?

— Não precisa me dizer isso, Lou, não precisa mesmo — reclamou Mario com sua voz macia. — Mas para minha informação, por que pensou nisso?

— Ele é um *diplomático* de alta classe — explicou o capo supremo, parando por um momento e erguendo os olhos para o homem que quase matara Jason Bourne em Manassas, Virgínia. — Ele opera em Roma, em altos círculos do governo, mas está em contato direto com os *dons* da Sicília. Ele e a mulher são muito considerados, compreende o que estou dizendo?

— Sim, e não — admitiu o primo. — Se ele é tão importante por que aceitou uma tarefa tão prosaica como seguir nossos alvos?

— Porque ele *pode*. Pode ir a lugares que alguns dos nossos *pagliacci* nem podem chegar perto, entende o que estou dizendo? Além disso eu disse aos nossos homens, em Nova York, quem são nossos clientes, especialmente um deles, *capisce*? Os *dons*, de Manhattan aos estados ao sul de Palermo, têm uma linguagem que só eles conhecem, sabia disso, *cugino*?... Resume-se em duas ordens. “Faça” e “Não faça”.

— Acho que entendo, Lou. Nós lhes devemos respeito.

— Respeito, *sim*, meu primo elegante, mas não fraqueza, *capisce*? Todos, do mais alto ao mais baixo devem saber que esta é uma operação sob o controle de Lou DeFazio do começo até o fim. *Entendeu* isso?

— Nesse caso, acho que posso voltar para casa, para Angie e as crianças — disse Mario com um largo sorriso.

— O quê?... Ora, cale a boca, *cugino*. Só com este trabalho vai pagar as

anuidades de todo seu bando de *bambinos*.

— Não um bando, Lou, só cinco.

— Vamos. Lembre-se, respeito, mas não aturamos nenhum desaforo.

A sala de jantar reservada era uma versão em miniatura da decoração do Tetrazzirti's. O ambiente era completamente italiano. As paredes ornadas com murais desbotados de Veneza, Roma e Florença, a música suave dos alto-falantes embutidos era constituída especialmente de árias de óperas e tarantelas, e a iluminação indireta formava bolsões de sombras. Se o freguês não soubesse que estava em Paris, acreditaria estar jantando na Via Frascati, em Roma, num dos vários *ristoranti* comerciais, tipo família, da antiga rua.

A mesa grande e redonda no centro era coberta por uma toalha vermelho-vivo, que ia quase até o chão, rodeada por quatro cadeiras eqüidistantes. Havia outras cadeiras encostadas na parede, para o caso de conferências ou para subalternos, geralmente armados. Num dos lados da mesa estava um homem moreno de porte distinto e cabelo escuro e ondulado, tendo à sua esquerda uma mulher de meia-idade, elegantemente vestida e penteada. Entre os dois, uma garrafa de Chianti Clássico e copos com pés grossos, não do tipo que se vê em jantares elegantes. Na cadeira, atrás do *diplomático* estava uma pasta de couro negro.

— Eu sou DeFazio — disse o capo supremo de Nova York, fechando a porta. — Este é meu primo Mario, de quem já deve ter ouvido falar — um homem muito talentoso que está se privando de momentos preciosos com a família para nos fazer companhia.

— Sim, é claro — disse o mafioso aristocrata. — Mario, *il boia esecuzione garantito* — mortal com qualquer arma. Sentem-se, cavalheiros.

— Para mim essa descrição não tem sentido — respondeu Mario, aproximando-se da cadeira. — Sou bom na minha arte, só isso.

— Fala como um profissional, *signore* — disse a mulher, enquanto DeFazio e Mario sentavam-se. — Posso pedir vinho para os senhores, drinques?

— Ainda não — respondeu Louis. — Talvez mais tarde — talvez... Meu talentoso parente por parte de mãe, que ela descanse nos braços de Cristo, fez uma boa pergunta, antes de entrarmos. Como devemos chamá-los, Sr. e Sra. Paris, França? Isso quer dizer que não preciso dos nomes verdadeiros,

— *Conte e Contessa*, é como nos chamam — respondeu o homem com um sorriso frio, mais apropriado para uma máscara do que para um rosto humano.

— Vê o que eu queria dizer, *cugino*? São pessoas da alta... Então, Sr. Conde, que tal nos contar as novidades?

— Sem dúvida, *Signor* DeFazio — respondeu o romano com voz tão fria quanto o sorriso que já havia desaparecido.

— Vou contar as novidades e se estivesse em meu poder eu as deixaria no

passado distante.

— Ei, que droga de conversa é essa?

— Lou, *por favor!* — interpôs Mario, em voz baixa mas firme. — Olhe essa linguagem!

— E a linguagem *dele*? Que tipo de linguagem é essa? Ele quer me deixar numa espécie de *sujeira*?

— Perguntou o que tinha acontecido, *Signor DeFazio* e eu estou lhe dizendo — disse o conde com voz tensa. — Ontem ao meio-dia minha mulher e eu quase fomos mortos — *mortos, Signor DeFazio*. Não é o tipo de experiência a que estamos acostumados ou que podemos tolerar. Tem alguma idéia da coisa em que está metido?

— O senhor...? Eles *marcaram* o senhor?

— Se quer dizer se sabiam quem eu era, não, felizmente não sabiam. Se soubessem não estaríamos sentados a esta mesa!

— *Signor DeFazio* — disse a condessa, olhando rapidamente para o marido, como que tentando acalmá-lo. — O que soubemos aqui foi que o senhor tem um contrato para o aleijado e seu amigo, o médico. É verdade?

— É — confirmou o capo supremo cautelosamente. — Isso também, mas tem mais, se sabe o que estou dizendo.

— Não tenho a menor idéia — respondeu o conde secamente.

— Estou dizendo isto porque talvez precise da sua ajuda, pela qual, como eu já disse, serão muito bem pagos, muito bem mesmo.

— Como é que “tem mais” no contrato? — perguntou a mulher.

— Tem mais alguém que vamos liquidar. Um terceiro homem que esses dois vieram encontrar aqui.

O conde e sua condessa entreolharam-se.

— “Um terceiro homem” — repetiu o homem de Roma, levando o copo de vinho aos lábios. — Compreendo... Um contrato com três alvos geralmente é muito lucrativo. Quão lucrativo, *Signor DeFazio*?

— Ora, qual é, estou perguntando quanto ganha por semana em Paris, França? Vamos dizer apenas que é muito e que vocês dois, pessoalmente, podem contar com seis algarismos, se tudo sair como manda o figurino.

— Seis algarismos abrangem muita variação — observou a condessa. — Indica também que o contrato deve ser de sete algarismos.

— *Sete...*? — DeFazio olhou para a mulher, prendendo a respiração.

— Mais de um milhão de dólares — concluiu a condessa.

— Bem, compreendem, é importante para nossos clientes que essas pessoas deixem este mundo — disse Louis, respirando outra vez, já que sete algarismos não significavam sete milhões. — Não perguntamos por quê, apenas fazemos o trabalho.

Em situações como esta nossos *dons* são generosos. Ficamos com quase todo o dinheiro e “a *cosa nostra*” ganha fama de eficiente. Certo, Mario?

— Certo, Louis, mas não me envolva nessas coisas.

— Você está sendo pago, não está, *cugino*?

— Do contrário não estaria aqui, Lou.

— Vê o que eu digo? — Louis voltou-se para os aristocratas da máfia européia, que não demonstraram nenhuma reação, continuando a olhar para o capo supremo. — Ei, o que há?... Oh, aquela coisa que aconteceu ontem, certo? O que foi — eles os viram, *certo*? Eles os viram e algum gorila deu uns tiros para assustá-los, foi isso, não foi? Quero dizer, o que mais podia ser, hein? Eles não sabiam quem vocês eram, mas vocês estavam lá — uma ou duas vezes a mais, talvez —, portanto usaram um pouco os músculos, certo? É um golpe velho. Pregue um susto danado em estranhos que vocês virem mais de uma vez.

— Lou, eu pedi para controlar sua linguagem.

— Controlar? Estou perdendo o *controle*. Quero fazer negócio!

— Falando claro — disse o conde, com voz suave e as sobrancelhas erguidas, ignorando o discurso de DeFazio. — Diz que tem de matar o aleijado e seu amigo, o médico, bem como um terceiro homem, estou certo?

— Falando claro, está.

— Sabe quem é esse terceiro homem — além de uma fotografia ou de uma descrição detalhada?

— Claro, é um verme do governo que há alguns anos foi mandado para fazer o que o Mario aqui faz, uma *esecuzione*, dá para acreditar? Mas esses três indivíduos prejudicaram nossos clientes, quero dizer, *feriram* de verdade. Por isso o contrato, o que mais posso dizer?

— Não temos certeza — disse a condessa, tomando graciosamente um gole de vinho. — Talvez você não saiba mesmo.

— Saber o quê?

— Saber que existe alguém que quer matar esse terceiro homem muito mais do que você quer — explicou o conde. — Ontem ao meio-dia ele assaltou um pequeno café no campo, com um tiroteio assassino e matou uma porção de gente, só porque seu terceiro homem estava lá dentro. Nós também estávamos... Nós os vimos — o vimos — ser avisado por um guarda e sair correndo para fora. Certas emergências são intercomunicadas. Saímos imediatamente, minutos antes do massacre.

— *Condannare!* — exclamou DeFazio. — Quem é o filho da mãe que quer o contrato? *Diga!*

— Passamos toda a tarde ontem e o dia inteiro hoje tentando descobrir — disse a mulher, inclinando-se para a frente e segurando delicadamente o copo grosseiro, como se fosse uma ofensa para a sua sensibilidade. — Seus alvos nunca estão

sozinhos. Há sempre homens em volta deles, guardas armados e no começo não sabíamos de onde eles vinham. Então, na avenue Montaigne, vimos uma limusine soviética apanhá-los, e seu terceiro homem estava na companhia de um homem muito conhecido do KGB. Agora, achamos que sabemos.

— Porém, só vocês podem confirmar — disse o conde. — Como se chama o terceiro homem do contrato? Sem dúvida temos o direito de saber.

— Por que não? É um perdedor chamado Bourne, Jason Bourne, que está chantageando nossos clientes.

— *Ecco* — disse o conde em voz baixa.

— *Ultimo* — acrescentou a condessa. — O que sabe sobre esse Bourne? — perguntou.

— O que eu já disse. Ele foi incumbido de uma missão secreta para o governo e foi afastado pelos grandes de Washington. Ficou furioso e resolveu assacar nossos clientes. Um verme.

— Nunca ouviu falar em Carlos, o Chacal? — disse o conde, recostando-se na cadeira, sem tirar os olhos do capo supremo.

— Oh, sim, ouvi falar e sei o que quer dizer. Dizem que esse cara, o Chacal, tem ódio do tal Bourne e vice-versa, mas isso não tem nada a ver comigo. Querem saber de uma coisa, pensei que aquele gato-raposa só existisse nos livros, no cinema, entendem o que quero dizer? Então me dizem que ele é real e que é um assassino pago, o que acham disso?

— Muito real — concordou a condessa.

— Mas, como eu disse, não me importo a mínima. Eu quero o médico de loucos judeu, o aleijado e esse lixo Bourne, isso é tudo. E quero *de verdade*.

O diplomata e a mulher entreolharam-se outra vez, ergueram os ombros num gesto quase de zombaria e a condessa deu a palavra ao marido.

— Seu senso de ficção foi esfacelado pela realidade — disse o conde.

— Como é?

— Existiu um Robin Hood, você sabe, mas não era um nobre de Locksley. Era um chefe saxão bárbaro que lutou contra os normandos, um ladrão assassino e sanguinário, exaltado somente nas lendas. E *existiu* um Inocente Terceiro, um papa que nada tinha de inocente e que continuou a política selvagem do seu predecessor, São Gregório Sétimo, que nada tinha de santo. Os três fizeram a Europa em pedaços, dividida por rios de sangue em nome do poder político e para encher os cofres do “Santo Império”. Séculos antes *existiu* o gentil Quintus Cassius Longinus de Roma, amado protetor da futura Espanha, que mutilou e torturou milhares de espanhóis.

— De que *diabo* está falando?

— Esses homens foram fantasiados pela ficção, *Signor* DeFazio, a verdade sobre eles foi recoberta com mantos de várias cores, mas apesar dessas distorções,

eles existiram, eram reais. Assim como o Chacal é uma realidade que vai lhe causar muitos problemas. Infelizmente, ele é também um problema para nós, pois é uma complicação que não podemos aceitar.

— *Como é?* — O capo supremo olhou boquiaberto para o aristocrata italiano.

— A presença dos soviéticos nos pareceu alarmante e enigmática — continuou o conde. — Então, finalmente compreendemos a possível conexão, que você acaba de confirmar... Há anos Moscou vem caçando Carlos com um único objetivo, executá-lo, e tudo que tem conseguido até agora é a morte dos seus caçadores. De algum modo — só Deus sabe *como* — Jason Bourne negociou com os russos a realização do objetivo comum.

— Jesus Cristo! Fale inglês ou italiano, mas com palavras que tenham sentido. Não estudei no Harvard City Col-lege, não precisei, *capisce?*

— Ontem o Chacal atacou aquele restaurante no campo. Ele é quem está caçando Jason Bourne, que fez a tolice de voltar a Paris e convenceu os soviéticos a ajudá-lo. Uma estupidez, porque é Paris e Carlos será o vencedor. Ele vai matar Bourne e seus outros dois alvos e vai rir dos russos. Depois, vai anunciar aos departamentos clandestinos de todos os governos que *ele* venceu, que ele é o *padrone*, o *maestro*. Vocês, na América, nunca souberam a história toda, apenas partes dela, pois seu interesse na Europa limita-se ao dinheiro. Mas nós a vivemos, assistindo fascinados, e agora estamos hipnotizados. Dois mestres do crime, de meia-idade, obcecados pelo ódio, cada um procurando cortar a garganta do outro.

— Ei, espera um pouco, cara! — gritou DeFazio. — O verme Bourne é uma farsa, uma *contraffazione*. *Ele* nunca foi um matador!

— Errado, *signore* — disse a condessa. — Ele pode não ter entrado na arena com uma arma, mas ela tornou-se seu instrumento favorito. Pergunte ao Chacal.

— Dane-se o Chacal! — exclamou DeFazio, levantando-se.

— *Lou!*

— Ora, cale a boca, Mario! Esse Bourne é *meu*, nosso! Nós entregamos os corpos e as fotografias. Eu — nós — segurando pelos cabelos os corpos com uma dúzia de furadores de gelo espetados neles. Assim, ninguém pode dizer que o trabalho não foi nosso!

— Agora é você que está sendo *pazzo* — disse o conde da máfia em voz baixa, contrastando com a gritaria do capo supremo.

— E por favor, fale mais baixo.

— Então, não me provoque...

— Lou, ele está tentando explicar as coisas — disse o primo, o assassino. — Quero ouvir o que o cavalheiro tem a dizer porque pode ser muito importante para meus planos. *Sente-se*, primo — Louis obedeceu. — Por favor, continue, conde.

— Obrigado, Mario. Não se importa que o chame de Mario?

— É claro que não, senhor.

— Acho que devia visitar Roma, o que acha?

— Acho que devemos voltar para *Paris* — disse o capo supremo.

— Muito bem — concordou o romano, dividindo a atenção entre DeFazio e o primo, mas favorecendo o último. — Poderiam talvez acertar os três alvos com um rifle de longo alcance, mas não chegariam perto dos corpos. Os guardas soviéticos estariam vigiando a área, praticamente invisíveis, e se vissem vocês abririam fogo, pensando que se tratava de gente do Chacal!

— Então precisamos criar uma diversão para isolar os alvos — disse Mario, com os cotovelos na mesa e os olhos inteligentes no conde. — Talvez uma emergência nas primeiras horas da manhã. Um incêndio no lugar em que estão hospedados, obrigando-os a sair. Já fiz isso antes. Na confusão, com as sirenes dos bombeiros e da polícia e o pânico geral, podemos isolar os alvos e completar o trabalho.

— Uma boa estratégia, Mario, mas temos de pensar nos guardas soviéticos.

— Nós os fazemos sair também!

— Vocês são apenas dois — disse o diplomata —, e eles têm pelo menos três guardas em Barbizon, para não falar no hotel, em Paris, onde estão hospedados o médico e o aleijado.

— Nesse caso, temos de superá-los. — O capo supremo enxugou o suor da testa com as costas da mão. — Atacamos Barbizon primeiro, *certo?*

— Só com dois homens? — perguntou a condessa, arregalando os olhos bem pintados.

— *Vocês* têm homens! — exclamou DeFazio. — Podemos usar alguns... Eu pago.

Balançando a cabeça vagorosamente o conde disse em voz calma:

— Não vamos declarar guerra ao Chacal. Essas são as minhas instruções.

— Maricás filhos da mãe!

— Um comentário interessante, vindo de você — observou a condessa com um sorriso insultuoso.

— Talvez nossos *dons* não sejam tão generosos quanto os seus — continuou o diplomata. — Estamos dispostos a cooperar até certo ponto, nada mais.

— Vocês nunca mais vão mandar mercadorias para Nova York, Filadélfia ou Chicago!

— Vamos deixar esse assunto para nossos superiores, certo?

Foram interrompidos por quatro batidas fortes na porta do reservado.

— *Avanti* — disse o conde. Imediatamente tirou a automática do cinto e a escondeu sob a toalha comprida da mesa, enquanto sorria para o gerente do Tetrazzini's, parado na porta.

— *Emergenza* — disse o homem gordo, caminhando rapidamente para o mafioso bem vestido e entregando um papel.

— *Grazie*.

— *Prego* — respondeu o homem, voltando para a porta e saindo depressa.

— Os deuses ansiosos da Sicília devem estar sorrindo para vocês, afinal — disse o conde, lendo. — Este recado é do homem que está seguindo seus alvos. Estão fora de Paris e sozinhos, e por razões acima da minha compreensão, sem nenhum guarda. Estão completamente desprotegidos.

— *Onde?* — exclamou DeFazio, levantando-se de um salto.

Sem responder, o diplomata tirou do bolso o isqueiro de ouro, acendeu e queimou o pequeno pedaço de papel, jogando-o no cinzeiro. Mario levantou-se rapidamente. O homem de Roma pôs o isqueiro na mesa e ergueu a arma que estava no seu colo.

— Primeiro, vamos resolver o pagamento — disse, enquanto o papel era reduzido a cinzas no cinzeiro. — Nossos *dons* em Palermo definitivamente não são tão generosos quanto os seus. Por favor, falem depressa, pois cada minuto é precioso.

— Seu filho de uma égua, miserável.

— Minha ascendência não é da sua conta. Quanto, Signor DeFazio?

— Vou ao limite máximo — respondeu o capo supremo, sentando outra vez e olhando para as cinzas da informação no cinzeiro. — Trezentos mil, americanos. É tudo.

— Isso é *excremento* — disse a condessa. — Tente outra vez. Os segundos se transformam em minutos e você não tem esse tempo.

— Está bem, está bem! O dobro.

— Mais as despesas — acrescentou a mulher.

— Que merda de despesas?

— Seu primo Mario tem razão — disse o diplomata. — Por favor, controle a sua linguagem na frente da minha mulher.

— *Merda* santíssima...

— Eu avisei, *signore*. As despesas são mais um quarto de milhão, americanos.

— O que há com você, é *maluco*?

— Não, você é vulgar. O total é um milhão e quinhentos mil dólares, pagos a mensageiros em Nova York, portanto trate de providenciar... Do contrário, vão sentir sua falta em — como é mesmo? — Brooklyn Heights, *Signor* DeFazio.

— Onde estão os alvos? — perguntou o capo supremo, sentindo dolorosamente a derrota.

— Num pequeno aeroporto particular em Pontcarré, a uns quarenta e cinco minutos de Paris. Estão esperando um avião que teve de descer em Poitiers por

causa do mau tempo. O avião não pode chegar antes de 1:15h.

— Trouxe o equipamento que pedimos? — perguntou Mario, rapidamente.

— Está aqui — respondeu a condessa, apontando para a mala preta sobre a cadeira encostada na parede.

— Um carro, um carro *veloz!* — exclamou DeFazio, enquanto seu matador apanhava a mala.

— Lá fora — disse o conde. — O chofer sabe onde deve levá-los. Ele conhece aquele aeroporto.

— Vamos, *cugino*. Esta noite fazemos nosso trabalho e você acerta suas contas!

Não havia mais ninguém na única sala do terminal do pequeno aeroporto em Pontcarré além do funcionário atrás do balcão e o controlador de voo, contratado para algumas horas extras na torre de comando. Alex Conklin e Mo Panov ficaram discretamente para trás, quando Bourne levou Marie para a área na frente do campo, atrás de uma cerca baixa de metal. As duas fileiras de luzes ambarinas, que marcavam a longa pista de pouso para o avião que devia chegar de Poitiers, foram acesas.

— Não vai demorar agora — disse Jason.

— Toda esta droga é uma estupidez — disse a mulher de Webb. — *Tudo isto.*

— Não há nenhum motivo para você ficar e muitos motivos para partir. Ficar sozinha em Paris seria absurdo. Alex tem razão. Se o pessoal de Carlos a encontrasse, eles a tomariam como refém. Para que correr esse risco?

— Porque sei como me esconder e porque não quero ficar a milhares de quilômetros de você. Desculpe-me se me preocupo com você, Sr. *Bourne*. E se gosto de você.

Jason olhou para ela, agradecendo a pouca luz que a impedia de ver seus olhos.

— Então, seja razoável e use a cabeça — disse friamente, sentindo-se de repente velho demais para fingir tanta falta de sentimento. — Sabemos que Carlos está em Moscou e Krupkin atrás dele. Dimitri vai nos levar de avião amanhã cedo, e estaremos sob a proteção do KGB na cidade mais fechada do mundo. O que mais podemos desejar?

— Você estava sob a proteção do governo dos Estados Unidos num pequeno quarteirão do East Side, em Nova York, há 13 anos, e isso não adiantou muito.

— Era muito diferente. Naquela ocasião, o Chacal sabia onde eu ia estar e quando. Agora, ele nem tem idéia de que sabemos que está em Moscou. Ele tem outros problemas, muito importantes, e pensa que estamos aqui em Paris — deixou ordens para sua gente continuar a nos procurar aqui.

— O que vocês vão fazer em Moscou?

— Só vamos saber quando chegarmos lá, mas seja o que for, é melhor do que aqui, em Paris. Krupkin preparou tudo. Todos os funcionários da Praça Dzerzhinsky

que falam francês estão sob vigilância. Ele disse que o fato de falar francês limitou as possibilidades e que alguma coisa tem de acontecer... Alguma coisa vai acontecer; as vantagens estão do nosso lado. E quando acontecer, não quero me preocupar, pensando em você em Paris.

— É a coisa mais bonita que você disse nas últimas 36 horas.

— Tudo bem. Você sabe muito bem que deve estar com as crianças. Estarão a salvo e fora do alcance deles... e as crianças precisam de você. A Sra. Cooper é formidável, mas não é a mãe delas. Além disso, a esta altura, seu irmão deve estar dando charutos cubanos para Jamie e jogando Monopólio com ele com dinheiro de verdade.

Com um sorriso carinhoso nos lábios e na voz, Marie ergueu os olhos para o marido.

— Obrigada por me fazer rir. Eu precisava.

— Pode ser verdade — seu irmão, quero dizer. Se houver alguma mulher bonita por lá, nosso filho provavelmente já perdeu a virgindade.

— *David!* — Bourne ficou calado. Marie riu baixinho e continuou. — Acho que não posso mesmo discutir com você.

— Discutiria se meu argumento fosse falho, Dra. St. Jacques. Aprendi isso nestes últimos 13 anos.

— Ainda sou contra esta viagem *maluca* para Washington! Daqui para Marselha, depois Londres, *depois* para Dulles. Seria muito mais simples tomar um avião em Orly, direto para os EUA.

— Idéia de Peter Holland. Ele vai esperá-la no aeroporto, portanto pode fazer sua reclamação pessoalmente. Peter não fala muito ao telefone. Acho que não quer se comunicar com as autoridades francesas temendo algum vazamento para o pessoal de Carlos. Uma mulher sozinha com um nome comum, em vôos lotados, provavelmente é o melhor.

— Vou passar mais tempo sentada nos aeroportos do que no ar.

— É possível, portanto cubra essas pernas fantásticas e leve uma Bíblia.

— Isso é um encanto — disse Marie, tocando de leve o rosto dele. — De repente estou ouvindo David.

— O quê? — Bourne não correspondeu ao calor na voz dela.

— Nada... Me faz um favor?

— O que é? — perguntou Jason com voz inexpressiva.

— Traga aquele David de volta para mim.

— Vamos nos informar sobre o avião — disse Bourne bruscamente, segurando o cotovelo dela e levando-a para dentro. *Estou ficando velho — velho — e não posso ser o que não sou por muito tempo mais. O Camaleão está se afastando. Sua imaginação não é a mesma. Mas não posso parar! Não agora! Afaste-se de mim,*

David Webb!

Assim que entraram na sala, o telefone do balcão começou a tocar. O único funcionário presente atendeu.

— *Oui?* — Escutou por não mais de cinco segundos. — *Merci.* — Desligou e voltou-se para os quatro, dizendo em francês: — Era da torre. O avião de Poitiers deve aterrissar aproximadamente dentro de quatro minutos. O piloto pediu para a senhora estar pronta, madame, pois quer sair antes que chegue aqui a frente que se move para o leste.

— Eu também quero — concordou Marie, aproximando-se rapidamente de Alex Conklin e Mo Panov. As despedidas foram breves, os abraços fortes, as palavras sinceras. Bourne levou a mulher para fora outra vez.

— Acabo de me lembrar — onde estão os guardas de Krupkin? — perguntou ela, quando Jason abriu o portão e caminharam para a pista iluminada.

— Não precisamos deles nem queremos que nos sigam — disse Jason. — A conexão soviética foi feita na avenue Montaigne, portanto devemos supor que a embaixada está sendo vigiada. Se não virem guardas saindo apressados com seus carros, pensarão que não há nenhum movimento nosso para comunicar ao pessoal de Carlos.

— Compreendo. — Ouviram o ruído da desaceleração do jato que, depois de uma volta sobre o campo, desceu na pista de 1.200 metros. — Eu te amo tanto, David — disse Marie, em voz alta, por causa do barulho do avião que taxiava na direção deles.

— Ele te ama tanto — disse Bourne com imagens colidindo em sua mente. — *Eu te amo tanto!*

O jato apareceu claramente entre as duas fileiras de luzes, um aparelho em forma de bala com asas delta curtas voltadas para trás, como um inseto agressivo e zangado. O piloto deu uma volta completa e parou. A porta da cabine de passageiros se abriu e a escada de metal desceu. Jason e Marie correram para ela.

Aconteceu com o impacto de um assassino golpe de vento, implacável, envolvente, como os ventos turbilhonantes da morte! *Tiros.* Duas armas automáticas — uma muito próxima, a outra mais distante — partindo os vidros das janelas, entranhando-se na madeira, um grito estridente de dor partindo do terminal, anunciando um ferimento mortal.

Bourne ergueu Marie pela cintura e a pôs dentro do avião, gritando para o piloto:

— Feche a porta e *saia* daqui!

— *Mon Dieu!* — exclamou o homem da cabine de comando aberta. — *Allez-vous-en!* — gritou, mandando Jason se afastar.

Jason atirou-se no chão e ergueu os olhos. Viu o rosto de Marie na janela. Ela

gritava histericamente. O avião deslizou na pista. Estava livre!

Bourne não estava. No meio das luzes, ambarinas da pista, dentro de um verdadeiro ciclorama amarelo-alaranjado, onde quer que ficasse, seu corpo delineava-se em silhueta contra as luzes. Tirou a automática do cinto — a arma dada por Bernardine — e começou a se arrastar para a relva que cobria a área além do portão.

O tiroteio recomeçou, mas eram tiros esparsos e separados, dentro do terminal, agora às escuras. Deviam ser da arma de Conklin, ou talvez do funcionário do aeroporto. Panov não estava armado. Então, quem fora atingido mortalmente?... Não tinha *tempo*. O rifle automático mais próximo entrou outra vez em ação, numa saraivada de tiros que varreu o lado do pequeno terminal e a área do portão.

Então foi a vez da segunda arma automática. Pelo som, devia estar no outro lado da sala de espera do terminal. Momentos mais tarde, ouviram-se dois tiros isolados, o último seguido por um grito... no outro lado do prédio.

— Fui ferido! — Era a voz de um homem com muita dor... *no outro lado do prédio*.

O rifle automático! Jason ergueu-se sobre os joelhos e perscrutou a escuridão. Um movimento quase imperceptível no escuro. Ergueu a arma e atirou, ao mesmo tempo em que se levantava e corria para a área de embarque, voltando-se e atirando, até acabar a munição e não mais avistar o outro lado do prédio, onde terminava a pista e as luzes ambarinas. Arrastou-se cautelosamente para a cerca baixa paralela ao canto do terminal. Viu com alívio o cascalho branco-acinzentado do estacionamento. Agora podia ver o homem que se contorcia no chão. Sem largar a arma, o homem ferido ergueu um pouco o corpo.

— *Cuginol* — ele gritou. — Ajude-me! — A resposta foi outra saraivada de balas do lado oeste do prédio, na direção diagonal, à direita do homem ferido. — Cristo Santíssimo! — gritou ele. — Estou *gravemente* ferido! — Outra vez o rifle automático entrou em ação, agora seguido do barulho de vidros quebrados. O atirador no outro lado do prédio acabava de quebrar os vidros das janelas e estava destruindo tudo lá dentro.

Bourne largou a automática vazia e saltou a cerca baixa, sentindo uma dor terrível na perna quando tocou o chão. *O que aconteceu comigo? Por que estou sentindo dor? Droga!* Foi mancando até o canto do prédio e com o rosto encostado na madeira olhou para o outro lado. O homem ferido caiu para trás, fraco demais para continuar apoiado no rifle automático. Jason apanhou uma pedra e a atirou com força, para além do homem no chão. Ela saltou no cascalho, imitando, por um momento, o som de passos. O ferido ergueu-se um pouco e girou o corpo para trás, agarrando a arma que por duas vezes escapou das suas mãos.

Agora! Bourne correu para o estacionamento e deu um pontapé no homem

ferido. Tirou a arma da mão do assassino e golpeou com ela a cabeça dele. O homem caiu para trás, imóvel. Então, os tiros recomeçaram num crescendo, vindos do lado oeste e externo do terminal, outra vez acompanhados pelo barulho de vidros partidos. O assassino mais próximo, o primeiro, estava atingindo seus alvos. *Tinha de ser detido!* pensou Jason, ofegante, com todos os músculos doloridos. *Onde está o homem de ontem? Onde está Delta de Medusa? O Camaleão de Treadstone Setenta e Um?* Onde estava aquele homem?

Bourne apanhou a metralhadora portátil MAC-10 do homem inconsciente e correu para a porta do terminal.

— *Alex!* — rugiu ele. — Deixe-me entrar! Estou com a arma!

A porta se abriu rapidamente.

— Meu Deus, você está vivo! — gritou Conklin, no escuro, enquanto Jason entrava rapidamente. — Mo está mal — um tiro no peito. O funcionário do aeroporto está morto e não conseguimos falar com a torre. Provavelmente eles a atacaram em primeiro lugar. — Alex fechou a porta. — Deite-se no chão! — Uma rajada de balas varreu a parede. De joelhos, Bourne respondeu aos tiros, depois atirou-se no chão, ao lado de Conklin.

— O que aconteceu? — perguntou Jason, ofegante, a voz tensa, o suor descendo pelo rosto.

— Aconteceu o Chacal.

— Como ele *fez* isso?

— Enganou todo mundo, você, eu, Krupkin, Lavier —, o pior de tudo, ele *me* enganou. Ele mandou dizer que ia se ausentar, sem nenhuma explicação, mesmo com você aqui em Paris, apenas que ia ficar fora durante algum tempo. Pensamos que nosso plano tinha funcionado, tudo apontava para Moscou... Ele nos atraiu para uma cilada. Oh, Cristo, ele nos enganou! Eu devia saber, devia ter percebido a trama! Estava clara demais... Desculpe, David. Oh, Deus, eu sinto muito!

— É *ele* lá fora, não é? Quer fazer o trabalho pessoalmente — nada mais importa para ele.

A luz forte de uma lanterna apareceu na janela sem vidros. Bourne ergueu a MAC-10 e atirou, acertando no foco de luz que se apagou. O mal, porém, estava feito. O assassino sabia agora onde eles estavam.

— Para *cá!* — gritou Alex, agarrando Bourne e mergulhando atrás do balcão, no momento em que uma rajada de balas varreu o lugar onde tinham estado. Os tiros pararam, ouviram o estalido da arma.

— Ele tem de *recarregar*. — murmurou Bourne. — Fique aqui.

Jason levantou-se e correu para a porta lateral, passou por ela com a arma na mão direita, de braços no chão, tenso, pronto para matar — se a idade permitisse. *Tinha* de permitir!

Arrastando-se, passou pelo portão de embarque que ele havia aberto para Marie e virou para a direita, seguindo a cerca. Ele *era* Delta — da *Medusa* de Saigon... podia *fazer* aquilo! Não tinha a selva amiga agora, mas havia todo o resto que podia usar — que *Delta* podia usar — o escuro da noite, a passagem intermitente das nuvens encobrendo a luz da lua. Use *tudo*! Foi treinado para isso... há tantos anos — tantos! Esqueça, esqueça o tempo! *Faça* o que tem de fazer! O animal a poucos passos de você quer matá-lo — matar sua mulher, seus filhos. Quer ver todos *mortos*!

A rapidez nascida de pura fúria o impulsionava, o obcecava, e Bourne sabia que para vencer tinha de vencer depressa, com toda a velocidade de que era capaz. Continuou a se arrastar rapidamente ao longo da cerca que circundava o terminal e, passando pelo canto do prédio, preparou-se para o momento em que ia se expor ao inimigo. A metralhadora letal estava na sua mão, seu dedo no gatilho. Viu um grupo de arbustos e depois duas árvores grandes a uns dez metros. Se pudesse chegar até elas, a vantagem seria sua. Teria a “parte alta” do terreno, e o Chacal estaria no vale da morte, nem que fosse só pelo fato de Bourne estar atrás do assassino e fora do seu campo de visão.

Chegou aos arbustos. Ouviu então o barulho de vidros quebrados e uma rajada de balas — desta vez tão prolongada que o assassino devia ter usado toda a munição na arma. Bourne não fora *visto*. O vulto ao lado da janela recuou para recarregar, concentrado no que fazia, nem pensando na possibilidade de alguém ter escapado. Carlos também estava ficando velho e perdendo sua habilidade, pensou Jason Bourne. Onde estavam os sinalizadores intrínsecos a esse tipo de operação? Onde os olhos alerta e irrequietos que podiam recarregar a arma na mais completa escuridão?

O escuro da noite. As nuvens bloquearam a luz amarela da lua. Aí estava a noite. Bourne saltou a cerca e se escondeu atrás dos arbustos, depois correu para a primeira árvore, onde podia ficar de pé, observar a cena e estudar suas opções.

Alguma coisa estava errada. Percebia um primitivismo que não era próprio do Chacal. O assassino havia isolado o terminal, *ad valorem*, e o preço era alto, mas Bourne não via os toques mais caprichados da equação mortal. Faltava a sutileza, substituída agora pela força bruta, que tinha seu valor, mas não contra o homem que chamavam de Jason Bourne e que já havia escapado da armadilha.

O homem ao lado da janela tirou um pente de balas do bolso do paletó. Jason saiu correndo do abrigo das árvores com a MAC-10 em tiro automático, explodindo o solo na frente do assassino, depois atirando em volta do corpo dele.

— É isso! — gritou ele, aproximando-se do homem. — Você está morto, *Carlos*, basta um movimento do meu dedo no gatilho — se você *é* o Chacal.

O homem ao lado da janela jogou para longe a arma.

— Não sou, Sr. Bourne — disse o assassino de Larchmont, Nova York. — Já nos encontramos antes, mas não sou a pessoa de quem falou agora.

— Deite-se no chão, seu filho da mãe! — O homem obedeceu e Jason chegou mais perto. — Separe as pernas e abra os braços! — Essa ordem também foi obedecida. — Levante a cabeça!

Bourne olhou para o rosto vagamente iluminado pelo brilho distante das luzes da pista.

— Está vendo agora? — disse Mario. — Não sou quem pensou que eu fosse.

— Meu *Deus!* — murmurou Jason, sem esconder o espanto. — Você estava em Manassas, Virgínia. Você tentou matar Cactus, e depois tentou *me* matar!

— Contratos, Sr. Bourne, nada mais.

— E a torre? O controlador de vôo está na *torrei*

— Eu não mato indiscriminadamente. Assim que ele liberou a aterrissagem do avião de Poitiers, eu o mandei embora... Perdoe-me, mas sua mulher também está na lista. Felizmente, já que ela é mãe, não peguei essa parte do contrato.

— Quem diabo *é* você?

— Acabei de dizer. Um contratado.

— Já vi melhores.

— Talvez eu não esteja à sua altura, mas sirvo muito bem à minha organização.

— Jesus, você é da *Medusa!*

— Já ouvi esse nome, mas é tudo que posso dizer... Deixe-me esclarecer uma coisa, Sr. Bourne. Não quero que minha mulher fique viúva, nem meus filhos órfãos só por causa de um contrato. Essa situação simplesmente não é viável. Eles significam muito para mim.

— Vai passar 150 anos na cadeia, isso se for julgado num Estado que não tenha pena de morte.

— Não com o que eu sei, Sr. Bourne. Eu e minha família seremos bem tratados — um novo nome, talvez uma bela fazenda em Dakota ou Wyoming. O senhor compreende, eu sabia que este momento ia chegar.

— O que vai chegar agora, seu filho da mãe, é que um amigo meu está lá dentro ferido. E foi você quem atirou!

— Uma trégua, então? — disse Mario.

— Que diabo quer dizer com isso?

— Tenho um carro muito veloz a um quilômetro e meio daqui. — O assassino de Larchmont, Nova York, tirou um aparelho quadrado do bolso. — Pode chegar aqui em um minuto. Estou certo de que o chofer sabe onde fica o hospital mais próximo.

— Chame o carro!

— Feito, Jason Bourne — disse Mario, apertando um botão.

Morris Panov foi levado para a sala de operações, e Louis DeFazio ficou na maça porque seu ferimento era superficial. Por meio de negociações entre Washington e o Quai D'Orsay o criminoso conhecido como Mario foi entregue à custódia da embaixada americana em Paris.

Quando o médico todo de branco entrou na sala de espera, Bourne e Conklin levantaram-se, assustados.

— Não vou fingir que trago boas notícias — disse o médico, em francês —, pois isso não seria verdade. Os dois pulmões do seu amigo foram atingidos, bem como a parede do coração. Na melhor das hipóteses, a possibilidade de sobrevivência é de 46% — contra ele. Mas é um homem de vontade forte e quer viver. Muitas vezes isso vale mais do que todos os diagnósticos médicos. O que mais posso dizer?

— Obrigado, doutor. — Jason afastou-se do médico.

— Preciso usar o telefone — disse Alex. — Devia ir à nossa embaixada, mas não tenho tempo. Pode me garantir que o telefone não tem escuta?

— Acho que posso. Não sabemos como fazer isso. Use meu consultório, por favor.

— Peter?

— *Alex!* — exclamou Holland em Langley, Virgínia. — Tudo correu bem? Marie já foi?

— Para responder à primeira pergunta, não, nada correu bem. Quanto a Marie, pode esperar um telefonema histórico assim que ela chegar a Marselha. Aquele piloto não vai usar o rádio.

— O quê?

— Diga a ela que estamos bem, que David não está ferido...

— Do que está falando? — interrompeu o diretor da CIA.

— Caímos numa cilada quando esperávamos o avião de Poitiers. Mo Panov está mal, tão mal que não quero pensar nisso agora. Estamos no hospital e o médico não foi muito animador.

— Oh, Deus, Alex, eu sinto *muito*.

— A seu modo, Mo é um lutador. Continuo apostando nele. A propósito, não conte para Marie. Ela pensa demais.

— É claro que não. Posso fazer alguma coisa?

— Sim, pode, Peter. Pode me dizer por que a Medusa está aqui, em Paris?

— Em *Paris*? Não de acordo com o que eu sei, e eu sei muito.

— Nossa identificação é positiva. Os dois assassinos que nos atacaram foram mandados pela Medusa. Temos até uma espécie de confissão.

— Eu não *compreendo!* — protestou Holland. — Nem pensamos em Paris. Não temos nenhum vazamento nesse cenário.

— É claro que têm. Você mesmo disse. Chamou de profecia automaticamente realizada, lembra-se? A lógica suprema que Bourne criou como teoria. A Medusa está se aliando ao Chacal e o alvo é Jason Bourne.

— Essa é a questão, Alex. Era *só* uma teoria, hipoteticamente convincente, mas uma teoria, a base para uma estratégia perfeita. Porém, não aconteceu.

— Obviamente aconteceu.

— Não deste lado. Ao que sabemos, a Medusa está agora em Moscou.

— *Moscou?* — Conklin quase deixou cair o fone na mesa do médico.

— Isso mesmo. Concentramos a vigilância em Ogilvie, da firma de advocacia de Nova York, gravamos tudo que pudemos gravar. De algum modo — não sabemos como —, Ogilvie foi avisado e saiu do país. Tomou um avião da Aeroflot para Moscou, e o resto da família foi para Marrakesh.

— Ogilvie...? — Alex disse em voz baixa, franzindo a testa, tentando se lembrar. — De Saigon? Um oficial advogado de *Saigon*?

— Isso mesmo. Estamos convencidos de que ele dirige a Medusa.

— E você escondeu essa informação de mim?

— Só o nome da firma. Eu disse que tínhamos nossas prioridades e você tinha as suas. Para nós, a Medusa vem em primeiro lugar.

— Seu simplório ignorante! — explodiu Conklin. — Eu *conheço* Ogilvie — ou melhor, eu o *conheci*. Vou lhe dizer como o chamavam em Saigon: Ogilvie Frio-como-Gelo, o advogado de fala macia mais safado do Vietnã. Com algumas intimações legais e um pouco de pesquisa, eu podia ter dito onde ele esconde alguns dos seus esqueletos — você estragou tudo! Podia ter detido o homem por subornar os tribunais militares em um ou dois casos de assassinato — não existem estatutos civis ou militares sobre esses crimes. Jesus, por que não me contou?

— Para ser franco, Alex, você não perguntou. Simplesmente supôs — e com razão — que eu não ia contar.

— Tudo bem, tudo bem, está feito — ao diabo com isso! Amanhã ou depois você terá os dois medusianos, trate de trabalhar bem os homens. Eles querem salvar a pele — o capo é um verme, mas seu atirador não pára de rezar por sua família e não pertence à organização.

— O que vocês vão fazer? — perguntou Holland.

— Estamos a caminho de Moscou.

— Atrás do *Ogilvie*?

— Não, atrás do Chacal. Mas se me encontrar com Bryce, transmito suas lembranças.

BUCKINGHAM PRITCHARD estava sentado ao lado do tio uniformizado, Cyril Sylvester Pritchard, diretor-assistente da imigração, no escritório de Sir Henry Sykes, do Palácio do Governo em Montserrat. À direita do diretor de imigração estava o melhor advogado nativo que Sykes conseguiu convencer a defender os Pritchard, se a Coroa os processasse como acessórios de atos de terrorismo. Sentado à sua mesa, Sir Henry olhou um tanto chocado para o advogado, um tal de Jonathan Lemuel, que erguia a cabeça e os olhos para o teto, não para se beneficiar do ventilador, mas em sinal de descrença total. Lemuel era um advogado formado por Cambridge, um “bolsista” das colônias, que há alguns anos havia ganhado dinheiro em Londres e voltava agora, no outono da sua vida, para ‘Serrat a fim de desfrutar o prêmio do seu trabalho. Na verdade, Sir Henry havia convencido o amigo aposentado a dar assistência a dois idiotas que podiam ter-se envolvido num grave assunto internacional.

O choque de Sir Henry e a descrença e irritação de Jonathan Lemuel foram provocados pela seguinte troca de palavras entre Sykes e o diretor-assistente da imigração.

— Sr. Pritchard, temos provas de que seu sobrinho ouviu uma conversa telefônica entre John St. Jacques e seu cunhado, o americano Dr. David Webb. Em seguida, seu sobrinho, Buckingham Pritchard, admitiu de livre e espontânea vontade, até mesmo alegremente, ter telefonado para o senhor para transmitir certa informação contida naquela conversa e que o senhor, por sua vez, disse que precisava falar com Paris imediatamente. Isso é verdade?

— Tudo é *completamente* verdadeiro, Sir Henry.

— Com quem falou em Paris? Qual é o número do telefone?

— Com todo respeito, senhor, jurei guardar segredo. Ouvindo a resposta sucinta e inesperada, Jonathan Lemuel ergueu os olhos atônitos para o teto.

Sykes, recuperando a compostura, pôs um fim à breve pausa de espanto.

— Como foi que disse, Sr. Pritchard?

— Meu sobrinho e eu somos parte de uma organização internacional composta por grandes líderes do mundo e juramos guardar segredo.

— Bom Deus, ele acredita nisso — resmungou Sir Henry.

— Ora, por Deus do céu — disse Lemuel, baixando a cabeça. — Nosso serviço de telefone não é o mais sofisticado no mundo, especialmente no que se refere a telefones públicos, os quais suponho que foram instruídos para usar, mas

dentro de um ou dois dias saberemos o número. Por que não dizer agora a Sir Henry? Evidentemente ele precisa saber depressa, portanto, que mal pode haver?

— O mal, senhor, é para nossos superiores da organização — isso me foi explicado claramente.

— Qual é o nome dessa organização internacional?

— Eu não sei, Sir Henry. Isso faz parte da *confidencialidade*, o senhor não compreende?

— Acho que *o senhor* não compreende, Sr. Pritchard — disse Sykes, mal disfarçando a fúria.

— Oh, mas eu *compreendo*, Sir Henry, e vou provar ao senhor! — afirmou Pritchard, olhando de um para outro, como se quisesse incluir o cético Sykes e o advogado atônito, bem como seu sobrinho em sua confidência. — Uma grande soma em dinheiro foi enviada por telegrama de um grande banco da Suíça para a minha conta particular, aqui em Montserrat. As instruções foram claras, embora flexíveis. O dinheiro devia ser usado liberalmente para o cumprimento das ordens que recebi... Transporte, diversão, moradia — disseram que deixavam à minha discrição como gastá-lo, mas é claro que estou anotando todas as despesas, como faço no meu trabalho de segunda autoridade na imigração... Quem, a não ser gente muito superior, iria confiar desse modo num homem que só conhecem por reputação e posição invejáveis?

Henry Sykes e Lemuel entreolharam-se, acrescentando um fascínio total ao espanto e à descrença. Sir Henry inclinou-se para a frente sobre a mesa.

— Além dessa, como podemos dizer, observação profunda dos movimentos de John St. Jacques, evidentemente a cargo do seu sobrinho, receberam outras missões?

— Na verdade não, senhor, mas tenho certeza de que, quando os líderes souberem da presteza com que essa foi executada, nos encarregarão de outras.

Lemuel ergueu um pouco a mão sobre o braço da cadeira, como um sinal para Sykes se acalmar.

— Diga-me — sua voz era baixa e suave. — Essa grande soma de dinheiro que veio da Suíça, quanto era? A quantia não é importante legalmente, e Sir Henry pode conseguir a informação telefonando ao seu banco sob as leis da Coroa, portanto diga-nos, por favor.

— Trezentas libras! — disse o Pritchard mais velho, com orgulho.

— Trezentas...? — O advogado não terminou a frase.

— Não exatamente uma fortuna, hein? — murmurou Sir Henry, recostando-se na cadeira, sem mais palavras.

— Mais ou menos — continuou Lemuel —, quais foram suas despesas?

— Não mais ou menos, mas exatamente — afirmou o diretor-assistente da imigração, tirando um caderninho do bolso do uniforme.

— Meu brilhante tio é sempre exato — observou Buckingham Pritchard.

— Muito obrigado, sobrinho.

— Quanto? — insistiu o advogado.

— Exatamente 25 libras, cinco xelins, ingleses, ou o equivalente, 132 dólares do Caribe oriental, sendo que este último foi arredondado para o mais próximo zero duplo na última cotação da bolsa — neste caso, eu absorvi 47 centavos, que estão anotados.

— Impressionante — disse Sykes, atônito.

— Guardei todos os recibos escrupulosamente — continuou Pritchard, entusiasmando-se à medida que lia. — Estão guardados num cofre no meu apartamento na Old Road Bay, e incluem o seguinte: um total de sete dólares e dezoito centavos para telefonemas locais para Tranqüilidade — não usei meu telefone oficial; vinte e três dólares e sessenta e cinco centavos do telefonema para Paris; sessenta e oito dólares e oitenta centavos... jantar para mim e meu sobrinho no Vue Point, uma reunião de negócios, é claro...

— Isso chega — interrompeu Jonathan Lemuel, enxugando a testa negra com um lenço, embora o ventilador tropical estivesse funcionando perfeitamente.

— Estou preparado para apresentar tudo no momento certo...

— Eu disse que chega, Cyril.

— Precisam saber que recusei quando um chofer de táxi se ofereceu para aumentar o preço da corrida, no recibo, e o censurei, usando os direitos da minha posição oficial.

— *Chega!* — bradou Sykes com as veias do pescoço saltadas. — Vocês foram dois perfeitos idiotas. Pensar que John St. Jacques podia ser um criminoso é o maior absurdo que já ouvi!

— Sir Henry — disse o jovem Pritchard. — Eu vi *com meus olhos* o que aconteceu no Hotel Tranqüilidade! Foi *horrível!* Caixões no cais, a capela destruída por uma bomba, barcos do governo em volta da nossa pacífica ilha! Vamos precisar de meses para voltar a funcionar.

— Exatamente! — rugiu Sykes. — E acreditaram que John St. Jacques destruiria sua propriedade, seu próprio negócio?

— Coisas mais estranhas têm acontecido no mundo do crime lá fora, Sir Henry — disse Cyril Sylvester Pritchard solenemente. — Na minha função oficial, tenho ouvido muitas e muitas histórias. Os incidentes descritos por meu sobrinho são chamados táticas diversionárias, com o fim de criar a ilusão de que os bandidos são as vítimas. Tudo foi muito bem explicado para mim.

— Ah, *foi*, não *foi*? — exclamou o ex-brigadeiro do exército britânico. — Muito bem, deixe que eu lhe explique outra coisa. Você foi enganado por um terrorista procurado no mundo inteiro! Sabe qual é a pena por acobertar e ajudar um

assassino como ele? Vou deixar bem claro, para o caso de ter escapado à sua atenção — na sua função oficial, é claro... É morte por fuzilamento ou, menos misericordioso, enforcamento público! Agora, qual é o maldito número em Paris?

— Abaixo das circunstâncias — disse o subdiretor, com toda a dignidade que lhe restava, embora o sobrinho estivesse apertando nervosamente seu braço esquerdo e sua mão tremesse quando tirou o livrinho de notas do bolso. — Vou escrever para o senhor... A gente pergunta pelo melro. Em francês, Sir Henry. Eu falo algumas palavras, Sir Henry. Em francês — Sir Henry.

Chamado por um guarda armado vestido como um convidado de fim de semana, com calça esporte branca e camisa de linho larga e solta, John St. Jacques entrou na biblioteca da sua nova casa segura, uma propriedade em Chesapeake Bay. O guarda, um homem musculoso de estatura média e aparência latina, ficou do lado de dentro da porta e apontou para o telefone na mesa grande de cerejeira.

— Para o senhor, Sr. Jones. É o diretor.

— Obrigado, Hector — disse Johnny, e depois de uma pausa: — Esse negócio de Sir Jones é mesmo necessário?

— Tão necessário quanto Hector. Meu nome verdadeiro é Roger... ou Daniel. Qualquer um.

— Saquei. — St. Jacques foi até a mesa e apanhou o fone. — Holland?

— O número que seu amigo Sykes conseguiu é falso, mas útil.

— Como diz meu cunhado, por favor, fale inglês.

— É o número de um café no cais Marais, no Sena. A senha é perguntar por um melro — *un oiseau noir* — e alguém chama, gritando. Se o pássaro estiver lá, o contato está feito. Se não estiver, você tenta outra vez.

— Por que é útil?

— Vamos tentar outra vez — e outra vez — com um homem lá dentro.

— Além disso, o que mais está acontecendo?

— Só posso dar uma resposta parcial.

— Que droga!

— Marie pode contar o resto...

— *Marie?*

— Está a caminho de casa. Danada como o diabo, mas também aliviada como esposa e mãe.

— Por que está danada?

— Eu reservei passagens para ela discretamente em vários vôos...

— Por Deus, *por quê?* — interrompeu Johnny furioso.

— Mande um maldito *avião* para ela! Marie vale mais para você do que qualquer membro do seu congresso idiota ou da sua organização complicada, e você manda aviões para *elas* no mundo inteiro. Não estou brincando, Holland!

— *Eu* não mando esses aviões — respondeu o diretor com voz firme. — Outros mandam. Os que são mandados por mim despertam muita curiosidade e muitas perguntas no exterior e isso é tudo que posso dizer. A segurança dela é mais importante do que o conforto.

— Nisso concordamos, chefe.

O diretor ficou em silêncio por um momento, depois disse, irritado:

— Quer saber de uma coisa? Você não é um cara muito simpático, sabia?

— Minha irmã gosta de mim como sou e isso basta para tirar todo o valor da sua opinião. Por que ela está aliviada — como esposa e mãe, não foi o que você disse?

Outra pausa, não para controlar a irritação agora, mas para procurar as palavras.

— Aconteceu uma coisa desagradável, um incidente que nenhum de nós podia prever, nem imaginar.

— Oh, conheço essas famosas palavras típicas das autoridades americanas! — rugiu St. Jacques. — O que vocês perderam desta vez? Um caminhão de mísseis americanos para os agentes do Aiatolá em Paris? O que *aconteceu*?

Pela terceira vez, Holland recorreu a um momento de silêncio, mas sua respiração podia ser ouvida no outro lado da linha.

— Quer saber de uma coisa, jovem, eu podia simplesmente desligar e esquecer que você existe, o que seria muito bom para minha pressão.

— Escute, chefe, estamos falando da minha irmã e do marido dela que eu acho formidável. Cinco anos atrás, vocês filhos da mãe — repito, vocês *filhos da mãe* — quase mataram os dois em Hong Kong e no Extremo Oriente. Não sei todos os fatos porque os dois, por decência ou por tolice, não falam muito a respeito, mas o que sei é o bastante para não apostar em você nem com o ordenado de um garçom na ilha!

— Está certo — disse Holland, mais calmo. — Não que seja importante, mas naquele tempo eu ainda não estava aqui.

— Não importa. É o seu sistema subterrâneo. Você teria feito a mesma coisa.

— Conhecendo as circunstâncias, sim, talvez fizesse. E você também faria se as conhecesse. Mas isso também não importa. É história.

— E agora é agora — disse St. Jacques. — O que aconteceu em Paris, esse tal “incidente desagradável”?

— Segundo Conklin foi uma cilada num aeroporto particular em Pontcarré. Eles não conseguiram. Seu cunhado não está ferido, nem Alex. E tudo que posso dizer.

— É tudo que eu quero ouvir.

— Falei com Marie há pouco. Ela está em Marselha e deverá estar aqui amanhã cedo. Eu mesmo vou esperá-la no aeroporto e levá-la a Chesapeake.

— E David?

— Quem?

— Meu cunhado!

— Oh... sim, é claro. Está a caminho de Moscou.

— *O quê?*

O jato da Aeroflot aterrissou no Aeroporto Sheremetyevo, em Moscou. O piloto passou taxiando para a pista de saída adjacente e parou a quatrocentos metros do terminal, quando a torre avisou, em russo e em francês.

— O desembarque vai sofrer um atraso de cinco minutos. Por favor, permaneçam sentados. Não foi dada nenhuma explicação, e os passageiros que chegavam de Paris e não eram cidadãos soviéticos voltaram aos seus livros e suas revistas, certos de que a demora era devida à partida de algum outro avião. Porém, os que *eram* cidadãos, bem como uns poucos que conheciam a rotina de desembarque em solo soviético, sabiam que o caso não era esse.

A pequena área na frente do grande Ilyushin, separada da cabine central por uma cortina e reservada a passageiros especiais, invisíveis para os outros, começou a ser evacuada, senão toda, pelo menos em parte. Habitualmente uma plataforma, com a escada protegida nos dois lados por escudos de metal, era levada até a porta de saída da frente do aparelho. Sempre havia uma limusine do governo parada a alguns metros do avião, e enquanto os demais passageiros viam rapidamente as costas dos que desembarcavam, as comissárias de bordo percorriam a cabine, certificando-se de que ninguém estava usando uma máquina fotográfica. Nunca encontravam nenhuma. Aqueles viajantes especiais eram propriedade do KGB e por motivos que só o Komitet conhecia, não deviam ser vistos no terminal internacional de Sheremetyevo. Era esse o caso, naquele fim de tarde, nas vizinhanças de Moscou.

Alex Conklin desceu pela escada protegida, seguido de Bourne que carregava duas grandes sacolas de viagem, que eram toda a bagagem dos dois. Dimitri Krupkin saiu da limusine e correu para eles. A escada afastou-se do avião e o ruído dos motores começou a aumentar gradualmente.

— Como vai seu amigo *doutor*? — perguntou o agente soviético em voz muito alta, por causa do barulho dos motores.

— Resistindo! — gritou Alex. — Talvez não consiga, mas está lutando como um leão.

— A culpa foi sua, Aleksei! — O jato afastou-se e Krupkin baixou a voz, falando alto ainda, mas sem gritar. — Você devia ter telefonado para Sergei na embaixada. A unidade dele estava preparada para escoltá-los a qualquer lugar.

— Na verdade achamos que isso seria o mesmo que alertar o inimigo.

— É melhor um alerta do que um convite ao assalto! — disse o russo. — Os homens de Carlos não se atreveriam a atacá-los se estivessem sob nossa proteção.

— Não foi o *Chacal* — o Chacal — disse Conklin, bruscamente voltando ao

tom de voz natural, quando o ruído do avião quase desapareceu ao longe.

— É claro que não — ele está aqui. Foram aqueles bandidos, seguindo ordens.

— Não os bandidos dele, nem suas ordens.

— Do que está falando?

— Conversamos sobre isso mais tarde. Vamos sair daqui.

— Espere. — Krupkin ergueu as sobrancelhas. — Primeiro vamos conversar — e antes de tudo, bem-vindos à Mãe Rússia. Segundo, eu ficaria muito grato se você não comentasse com ninguém aqui certos aspectos do meu estilo de vida, quando estou a serviço do meu governo no Ocidente hostil e belicoso.

— Quer saber de uma coisa, Krupkie, um dia destes eles vão te pegar.

— Nunca. Eles me adoram, pois eu forneço ao Komitet mais informações úteis sobre os altos escalões do mundo devasso, que vocês chamam de livre, do que qualquer outro agente em postos estrangeiros. Além disso, eu também recebo meus superiores naquele mundo devasso muito melhor do que qualquer agente em *qualquer lugar*. E agora, se conseguirmos pegar o Chacal aqui em Moscou, sem dúvida me farão membro do Politburo, com status de herói.

— Então você pode roubar.

— Por que não? Todos roubam.

— Se não se importam — interrompeu Bourne delicadamente, pondo as duas malas no chão. — O que aconteceu? Algum progresso na Praça Dzerzhinsky?

— Um bom progresso, considerando que começamos há menos de 30 horas. O número dos possíveis suspeitos diminuiu para 13. Todos falam francês fluentemente. Estão sob vigilância humana e eletrônica, sabemos exatamente onde estão a cada minuto do dia, com quem se encontram, com quem falam no telefone... Estou trabalhando com dois comissários que não falam francês — mal sabem falar russo corretamente, mas às vezes é assim. O caso é que são eficientes e dedicados. Preferem ajudar a capturar o Chacal a ter de lutar outra vez contra os nazistas. Foram muito eficazes na organização da vigilância.

— Sua vigilância é uma droga e você sabe disso — disse Alex. — Seus homens tropeçam nas privadas, no banheiro de mulheres, quando estão perseguindo um cara.

— Não desta vez, porque eu mesmo os escolhi — insistiu Krupkin. — Temos quatro russos e os outros são fugitivos da Grã-Bretanha, América, França e África do Sul — todos com prática do serviço secreto e que podem perder suas dachas se meterem os pés pelas mãos, como vocês dizem. Na verdade, eu gostaria de ser indicado para um posto no Presidium, ou talvez até mesmo no Comitê Central. Podem me mandar para Washington ou Nova York.

— Onde você vai poder roubar de verdade — disse Conklin.

— Você é maldoso, Aleksei. Depois de uma vodca, ou seis, lembre-se de

contar a história de umas terras que nosso *chargé d'affaires* comprou na Virgínia há dois anos. Por uma *ninharia* e financiado pelo banco da amante, em Richmond. Agora, uma empresa imobiliária está oferecendo dez vezes mais!... Venham, aqui está o carro.

— Eu não *acredito* no que estou ouvindo — disse Bourne, apanhando as malas.

— Bem-vindos ao verdadeiro mundo do serviço secreto de alta tecnologia — explicou Conklin com uma risada. — Pelo menos, sob certo ponto de vista.

— Sob *todos* os pontos de vista — disse Krupkin, enquanto dirigiam-se para a limusine. — Entretanto, vamos dispensar esse tipo de conversa enquanto estivermos no veículo oficial, certo, cavalheiros? A propósito, reservei uma suíte com dois quartos, no Metrópole, na Marx Prospekt. É conveniente e eu mesmo desliguei todas as escutas.

— Posso compreender por quê, mas como conseguiu?

— Como você sabe, o constrangimento é o grande inimigo do Komitet. Expliquei à segurança interna que qualquer gravação naquela suíte podia ser muito embaraçosa para certas pessoas e que certamente todos que as ouvissem seriam transferidos para Kamchatka. — O chofer com um terno escuro, igual ao que Sergei usava em Paris, abriu a porta da limusine. — A fazenda é a mesma — disse Krupkin, em francês, vendo que seus companheiros haviam notado a semelhança.

— Infelizmente o corte não é. Eu fiz questão de mandar reformar o terno de Sergei no Faubourg.

O Hotel Metrópole é uma construção pré-revolucionária reformada, no estilo arquitetônico muito decorado, preferido pelo czar, depois que ele conheceu o estilo *fin-de-siècle* de Viena e Paris. O pé-direito é muito alto, o mármore abundante, e as raras tapeçarias valiosas. O saguão ricamente ornamentado parece um desafio a um governo que permite a entrada de cidadãos tão mal vestidos. As paredes majestosas e os lustres filigranados parecem olhar com desprezo para os indignos invasores. Essas impressões, porém, não se aplicavam a Dimitri Krupkin, que, com seu porte aristocrático, parecia perfeitamente à vontade naquele ambiente.

— Camarada! — disse o gerente *sotto voce*, vendo o oficial do KGB conduzindo os convidados para o elevador. — Temos uma mensagem urgente para o senhor — continuou ele, aproximando-se e entregando um papel dobrado a Dimitri.

— Minhas ordens foram para lhe entregar pessoalmente.

— Cumpru suas ordens e eu agradeço — o homem se afastou e Dimitri leu a mensagem. — Preciso falar com Dzerzhinsky agora mesmo — disse ele. — É a extensão do meu comissário. Venham, vamos depressa.

A suíte, como o saguão, pertencia a outro tempo, a outra era, na verdade, a outro país. Estava prejudicada apenas pelos tecidos desbotados e pelas restaurações imperfeitas dos ornamentos originais. As imperfeições acentuavam a distância entre

o passado e o presente. Os quartos ficavam um de cada lado da sala de estar, onde havia um pequeno bar de cobre com algumas garrafas de bebidas raramente encontradas nas prateleiras de Moscou.

— Sirvam-se — disse Krupkin, dirigindo-se para a mesinha do telefone, uma falsa antigüidade, um misto do estilo Queen Anne e um Luís de fim de período. — Oh, eu me esqueci, Aleksei, vou pedir chá ou água...

— Esqueça — disse Conklin, apanhando sua mala da mão de Jason e dirigindo-se para o quarto da esquerda. — Vou me lavar, aquele avião estava imundo.

— Espero que tenha gostado do preço da passagem — respondeu Krupkin, tirando o fone do gancho e discando. — A propósito, seu ingrato, as armas estão na gaveta da mesa-de-cabeceira. São ambas Graz Burya, calibre 38, automáticas... Venha, Sr. Bourne — acrescentou. — Não é abstinência e foi uma longa viagem — esta conversa pode ser longa também. Meu comissário número dois gosta muito de falar.

— Sim, acho que vou aceitar — disse Jason, pondo a mala no chão ao lado da porta do outro quarto. Foi até o bar, serviu-se de um drinque enquanto Krupkin começava a falar em russo. Bourne não falava a língua, por isso foi até as duas janelas estilo catedral que davam para a avenida Marx Prospekt.

— *Dobryi dyen... Da, da — pochemu?... Sadovaya togda. Dvadtsat minut.*

Krupkin balançou a cabeça irritado e desligou. Jason voltou-se para ele.

— Meu segundo comissário não quis falar muito, Sr. Bourne. A urgência e as ordens tiveram precedência neste comunicado.

— O que quer dizer?

— Precisamos sair imediatamente. — Krupkin olhou para o quarto da esquerda e disse em voz alta: — *Aleksei*, venha cá. Depressa!... Tentei dizer a ele que vocês acabam de chegar — continuou o homem do KGB, dirigindo-se a Jason. — Mas ele nem quis ouvir. Cheguei a dizer que um dos dois estava tomando banho e seu único comentário foi, “Diga a ele para sair do banho e se vestir”.

Conklin entrou na sala, mancando, com a camisa desabo-toada e enxugando o rosto com uma toalha.

— Desculpe, Aleksei, mas precisamos ir.

— Ir aonde? Acabamos de chegar.

— Nós temos um apartamento no Sadovaya — é o “Grand Boulevard de Moscou”, Sr. Bourne. Não é o Champs-Élysées, mas também não é insignificante. Os czares sabiam construir.

— O que há no Sadovaya?

— O comissário número um — disse Krupkin. — Usamos o apartamento como nosso quartel-general. Um pequeno e delicioso anexo da Praça Dzerzhinsky — só que ninguém sabe, além de nós cinco. Alguma coisa aconteceu e precisamos ir para

lá imediatamente.

— Tudo bem para mim — disse Jason, pondo o copo sobre o bar.

— Acabe seu drinque — disse Alex, voltando para o quarto —, preciso tirar o sabão dos olhos e amarrar esta droga de bota.

Bourne apanhou o copo, e viu que o agente soviético olhava na direção do quarto de Conklin com a testa franzida e uma expressão de profunda tristeza.

— Você o conheceu antes de ele perder o pé, não conheceu?

— Oh, sim, Sr. Bourne. Nós nos conhecemos há 25, 26 anos. Istambul, Atenas, Roma... Amsterdam. Era um adversário notável. É claro, éramos jovens, então, ambos ágeis e magros, procurando viver as imagens que fazíamos de nós mesmos. Tudo isso foi há muito tempo. Éramos extremamente bons. Na verdade, ele era melhor do que eu, mas não conte a ele que eu disse isso. Ele sempre via a totalidade do cenário, muito além do que eu via. É claro que isso era o russo que existe nele.

— Por que usa a palavra “adversário”? — perguntou Jason. — É tão esportiva, como se estivesse disputando um jogo. Ele não era seu inimigo?

Krupkin virou rapidamente a cabeça grande para Jason, sem nenhum calor nos olhos.

— É claro que ele era meu inimigo, Sr. Bourne, e para ser mais claro, ele ainda é meu inimigo. Por favor, não interprete erradamente minhas indulgências. As fraquezas de um homem podem interferir com sua crença, mas não a diminuem nunca. Não tenho a conveniência da confissão católica para ser perdoado e pecar outra vez, a despeito do que acredito, mas eu *acredito*... Meus avós foram enforcados — *enforcados* — por roubar galinhas da propriedade de um Romanov. Poucos dos meus antepassados — talvez nenhum — tiveram o privilégio da instrução mais rudimentar, muito menos qualquer *estudo*. A revolução do Soviete Supremo de Karl Marx e Vladimir Lenin possibilitou o *começo* de tudo. Milhares e milhares de erros foram cometidos — alguns indesculpáveis, outros brutais —, mas foi construído um *começo*. Eu sou uma prova do erro e do acerto do regime.

— Creio que não compreendi exatamente o que quer dizer.

— Isso é porque seus intelectuais senis nunca compreenderam o que nós compreendemos desde o começo. *Das Kapital*, Sr. Bourne, prevê *estágios* para chegarmos à sociedade justa, econômica e política, mas não determina e nunca *determinou* as formas específicas das peças básicas desse governo. Diz apenas que não podia continuar como estava.

— Não sou estudioso do assunto.

— Não precisa ser. Daqui a cem anos vocês podem ser os socialistas e, com alguma sorte, nós seremos os capitalistas, *da*?

— Diga-me uma coisa — disse Jason, ouvindo, como Krupkin ouviu, que Conklin acabava de fechar as torneiras do banheiro. — Você seria capaz de matar

Alex — Aleksei?

— Tanto quanto ele seria capaz de me matar — com profundo sentimento — se o valor da informação merecesse isso. Somos profissionais. Compreendemos isso, quase sempre com relutância.

— Não entendo vocês dois.

— Nem tente, Sr. Bourne, o senhor ainda não chegou lá — está perto, mas ainda não chegou.

— Quer explicar isso?

— Você está no topo, Jason — posso chamá-lo de Jason?

— Por favor.

— Está com cinquenta anos, ou quase, certo?

— Certo. Completo 51 dentro de alguns meses. E daí?

— Aleksei e eu já chegamos aos sessenta — tem idéia do salto que isso representa?

— Não, não tenho.

— Vou lhe dizer. Você pode se imaginar ainda como um homem mais jovem, um pós-adolescente capaz de fazer as coisas que fazia há apenas alguns momentos, e de certo modo está certo. O controle motor está presente, a vontade também, você ainda é o dono do seu corpo. Então, de repente, por mais intensa que seja ainda a força da vontade e do corpo, a mente começa, aos poucos, insidiosamente a rejeitar a necessidade de uma decisão imediata — tanto intelectual quanto fisicamente. Simplificando, não nos importamos tanto. Devemos ser condenados ou elogiados por conseguir sobreviver?

— Acho que acaba de dizer que não seria capaz de matar Alex.

— Não conte com isso, Jason Bourne — ou David, ou seja lá quem for.

Conklin entrou na sala, claudicando acentuadamente, com expressão de dor.

— Vamos — disse ele.

— Você colocou o pé errado outra vez? — perguntou Jason. — Quer que eu...

— Esqueça — disse Alex, irritado. — Só um contorcionista consegue pôr essa droga direito.

Bourne compreendeu e nem pensou mais em ajustar a prótese do amigo. Krupkin olhou outra vez para Alex com aquele misto de tristeza e curiosidade, depois disse rapidamente:

— O carro está um pouco distante, na Sverdlov, onde não desperta tanta atenção. Vou mandar trazê-lo para a frente do hotel.

— Obrigado — disse Conklin.

O rico apartamento na movimentada Sadovaya ficava num dos muitos prédios antigos que, como o Metrópole, refletiam os excessos arquitetônicos do império russo. Os apartamentos eram usados — e “grampeados” — por dignitários

convidados e as camareiras, porteiros e recepcionistas eram freqüentemente interrogados pelo KGB, quando não trabalhavam diretamente para o Komitet. As paredes eram forradas de tecido vermelho aveludado, os móveis pesados lembravam o antigo regime. Entretanto, à direita da imensa e muito adornada lareira da sala, destacava-se um pesadelo de qualquer decorador, um console com uma televisão enorme e *tape decks* compatíveis com os vários tamanhos de cassetes.

A segunda contradição, sem dúvida uma afronta à memória dos elegantes Romanov, era um homem enorme com um uniforme amarrotado, a túnica aberta no pescoço e manchada com vestígios de refeições recentes. O rosto era cheio e vulgar, o cabelo grisalho muito curto e a falha no maxilar superior, ladeada por dentes amarelados indicava que o homem não gostava de dentista. Os olhos, sempre entrecerrados e penetrantes, traíam a inteligência astuta do camponês. Era o comissário número um de Krupkin.

— Meu inglês não bom — disse o homem, cumprimentando os visitantes com um movimento da cabeça —, mas dá para entender. Também para vocês eu não tenho nome, nem posição oficial. Podem me chamar de coronel, está bem? É abaixo do meu posto, mas todos os americanos pensam que no Komitet só tem coronéis, *da? Ok?*

— Eu falo russo — disse Alex. — Se for mais fácil para você, eu traduzo para meu companheiro.

— *Ha!* — rugiu o coronel com uma risada. — Assim Krupkin não pode enganá-lo, certo?

— Certo, ele não pode me enganar.

— Isso é bom. Ele fala muito depressa, *da?* Mesmo em russo, suas palavras parecem balas perdidas.

— Em francês também, coronel.

— Por falar nisso — disse Dimitri — podemos ir direto ao assunto, camarada? Nosso companheiro na Dzerzhinsky disse que devíamos vir imediatamente.

— *Da!* Imediatamente. — O homem do KGB foi até o console enorme de ébano, apanhou um controle remoto e voltou-se para os outros. — Vou falar inglês — é bom para praticar... Venham. Olhem. Está tudo na fita. Todo material colhido por homens e mulheres escolhidos por Krupkin para seguir nossos homens que falam francês.

— Pessoas que não podem ter nenhuma ligação com o Chacal — esclareceu Krupkin.

— *Olhem!* — insistiu o coronel camponês, apertando um botão no controle remoto.

A tela se iluminou, com imagens tremidas e imprecisas, muitas tiradas com câmaras manuais, de dentro de carros. Mostravam certos homens andando nas ruas

de Moscou ou entrando em carros oficiais, dirigindo ou levados por motoristas por toda a cidade, às vezes para fora da cidade, por estradas secundárias. Em todos os casos, os indivíduos vigiados encontravam-se com outros homens e mulheres, cujos rostos apareciam ampliados por lentes *zoom*. Algumas imagens mostravam interiores de prédios com luz insuficiente e as câmaras desajeitadamente posicionadas.

— Aquela é *prostituta* cara! — disse o coronel, rindo, quando a tela mostrou um homem de quase setenta anos acompanhando uma mulher muito mais moça no elevador. — É o Hotel Solnechy, na Varshavkoye. Eu verifico pessoalmente os passes do coronel e encontro um aliado fiel, *da*?

O teipe muito mal filmado continuou e Krupkin e os dois americanos começaram a ficar cansados daquelas cenas repetitivas e aparentemente sem sentido. Então, de repente apareceu uma catedral enorme na tela, muitos transeuntes na calçada, a luz indicando o começo da noite.

— Catedral São Basílio, na Praça Vermelha — disse Krupkin. — É um museu muito bom, agora, mas uma vez ou outra algum fanático — geralmente estrangeiro — celebra uma pequena cerimônia. Ninguém interfere, porque é exatamente o que o fanático quer provocar.

A tela ficou pouco nítida outra vez, o foco trêmulo dançou de um lado para o outro. A extensão da câmara estava dentro da igreja e o operador foi empurrado pelos transeuntes. Então, a imagem se firmou, com a câmara talvez apoiada numa coluna. Viram um homem idoso, seu cabelo branco contrastando com a capa de chuva preta. Caminhava pela passagem lateral olhando pensativamente para os vários ícones e para os vitrais majestosos, mais acima.

— Rodchenko — disse o coronel-camponês com sua voz gutural. — O grande Rodchenko.

O homem na tela dirigiu-se ao que parecia ser um canto de pedra da catedral onde velas grandes sobre pedestais desenhavam sombras trêmulas nas paredes. A câmara de vídeo moveu-se bruscamente para cima, como se o agente que a operava tivesse subido às pressas numa banqueta ou em outra coisa qualquer. A imagem então ficou mais detalhada, as figuras ampliadas pelas lentes *zoom*. O homem de cabelos brancos aproximou-se de outro homem, um padre de batina — calvo, magro, moreno.

— É ele! — exclamou Bourne. — É *Carlos*!

Um terceiro homem apareceu na tela, ao lado dos outros dois e Conklin gritou.

— *Jesus*! — Todos estavam com os olhos pregados na tela. — Pare aí! — O comissário imediatamente obedeceu e a imagem parou, trêmula mas constante. — O *outro*! Você o reconhece, David?

— Eu o conheço, mas não conheço — respondeu Bourne em voz baixa, voltando às imagens, do passado em sua mente. Via explosões, luzes brancas

cegantes com vultos mal definidos correndo na selva... e então um homem, um oriental atingido por vários tiros, gritando, enquanto era praticamente pregado no tronco de uma árvore por uma arma automática. A névoa confusa cresceu, depois se dissolveu, transformando-se numa sala pequena, aparentemente de quartel com soldados sentados a uma mesa longa, uma cadeira à direita, um homem sentado nela, nervoso e inquieto. Então, de repente Jason reconheceu o homem na cadeira — era ele mesmo! Um Jason jovem, muito mais jovem, e havia outro homem de uniforme, andando de um lado para o outro como um animal enjaulado na frente da cadeira, censurando selvagememente o homem que chamavam de Delta Um. Com uma exclamação abafada e os olhos na televisão, Bourne compreendeu que estava vendo aquele homem furioso que andava de um lado para o outro, mais velho agora. — Um tribunal num acampamento ao norte de Saigon — murmurou ele.

— É Ogilvie — disse Conklin com voz distante e vazia. — Bryce Ogilvie... Meu Deus, eles se *uniram*. A Medusa encontrou o Chacal!

— FOI UM JULGAMENTO, não foi, Alex? — perguntou Bourne, atônito, as palavras hesitantes e soltas no ar. — Um tribunal *militar*.

— Sim, foi — concordou Conklin. — Mas não era *você* quem estava sendo julgado, você não era o acusado.

— Não?

— Não. Você era o acusador, uma coisa muito rara no seu grupe, em combate ou fora dele. Muitos homens do exército tentaram impedi-lo, mas não conseguiram... Falamos disso mais tarde.

— Quero falar agora — disse Jason, com voz firme. — Esse homem está com o Chacal, bem aí na frente dos nossos olhos. Quero saber quem é e o que é e por que está aqui em Moscou — *com* o Chacal.

— Mais tarde...

— *Agora*. Seu amigo Krupkin está nos ajudando, o que significa que está ajudando Marie e eu sou grato por essa ajuda. O coronel aqui também está do nosso lado, do contrário não estaríamos vendo isso na televisão. Quero saber o que aconteceu entre nós dois, entre mim e esse homem, e que vão para o inferno todas as medidas de segurança de Langley. Quanto mais eu souber sobre ele — agora — mais saberei o que devo perguntar e esperar. — Bourne voltou-se para os soviéticos. — Para sua informação, há um período na minha vida do qual não me lembro completamente, e isso é tudo .que precisam saber. Continue, Alex.

— Eu tenho dificuldade para lembrar o que fiz ontem à noite — disse o coronel.

— Diga o que ele quer saber, Aleksei. Não pode ter nada a ver com nossos interesses. O capítulo Saigon está encerrado, bem como Kabul.

— Tudo bem. — Conklin sentou-se, massageando a perna direita. Depois, tentou falar desapaixonadamente, sem muito sucesso.

— Em dezembro de 1970, um dos nossos homens foi morto durante uma patrulha de procurar-e-destruir. A morte foi dada como acidente de “fogo amigo”, mas você sabia que não era verdade, Você sabia que ele estava marcado por alguns artistas de merda da base ao sul do seu quartel-general. Eles resolveram matá-lo. Ele era cambojano e nada tinha de santo, mas conhecia todas as rotas de contrabando, por isso era seu guia.

— Só imagens — interrompeu Bourne. — Tudo que tenho são fragmentos. Eu vejo, mas não consigo me lembrar.

— Os fatos não são importantes agora, estão enterrados com milhares de outros casos questionáveis. Aparentemente um grande negócio de narcóticos saiu errado no Triângulo e puseram a culpa no seu guia. Alguns mandachuvras em Saigon acharam que deviam dar uma lição àqueles nativos. Voaram até seu território, esconderam-se na relva e o apanharam, para que pensassem que se tratava de uma unidade avançada do inimigo. Mas você os viu do alto de uma elevação do terreno e estragou todo o plano. Seguiu-os até o helicóptero e ofereceu a eles uma escolha. Entrar no aparelho e você o estouraria, não sobrando ninguém, ou seguirem com você até sua base. Eles voltaram sob as armas dos seus homens e você obrigou o Comando de Campo a aceitar suas acusações de assassinatos múltiplos. Foi quando apareceu Ogilvie Frio-como-Gelo para defender seus garotos de Saigon.

— Então aconteceu alguma coisa, certo? Uma coisa maluca — tudo ficou confuso, deturpado.

— Isso mesmo. Bryce pôs você no banco das testemunhas e fez com que parecesse um maníaco, um mentiroso patológico e assassino que, a não ser pela guerra e por sua prática de combate, estaria numa prisão de segurança máxima. Só não o chamou de santo e exigiu que você revelasse seu nome verdadeiro — o que você não quis fazer, *não podia fazer* porque, se revelasse, sua primeira mulher, cambojana, e seus filhos, seriam massacrados. Ele tentou confundi-lo com armadilhas verbais e como não conseguiu, ameaçou-o de corte marcial, que ia expor todo o maldito batalhão, o que também não podia ser permitido... Os assassinos de Ogilvie foram libertados por falta de testemunho confiável e depois do julgamento você teve de ser retido na base até Ogilvie tomar o helicóptero de volta para Saigon.

— O nome dele era Kwan Soo — disse Bourne, como em sonho, balançando a cabeça, procurando afastar o pesadelo. — Era um garoto, 16 ou 17 anos, que mandava o dinheiro das drogas para três aldeias para que o povo não morresse de fome. Não tinham outro meio... oh, *merda!* O que *nós* teríamos feito se as nossas famílias estivessem morrendo à míngua?

— Você não podia dizer nada disso no julgamento, portanto ficou calado, sujeitando-se às invectivas baixas de Ogilvie. Eu assisti ao julgamento e nunca vi um homem com tanto controle sobre o ódio que sentia.

— Não é assim que eu lembro — a parte que consigo lembrar. Alguma coisa está voltando, não muita.

— Durante aquele julgamento você se adaptou às necessidades do ambiente — podemos dizer, como um Camaleão.

Os olhos dos dois se encontraram e Bourne voltou logo os seus para a televisão.

— E aí está ele com Carlos. É um mundo pequeno e podre, não é? Ele sabe que eu sou Jason Bourne?

— Como vai saber? — disse Conklin, levantando-se. — Não existia nenhum Jason Bourne naquele tempo. Não existia nem mesmo um David, só um guerrilheiro que eles chamavam de Delta Um. Nenhum nome era usado, lembra-se?

— Sempre me esqueço, o que mais pode me contar? — Jason apontou para a tela. — Por que ele está em Moscou? Por que você disse que a Medusa encontrou o Chacal? *Por quê?*

— Porque ele é a firma de advocacia de Nova York.

— *O quê?* — Bourne virou a cabeça bruscamente para Conklin. — *Ele é a...*

— O presidente da firma — completou Alex, interrompendo. — A Agência fechou o cerco e ele fugiu. Há dois dias.

— Por que diabo você não *me* contou? — exclamou Jason furioso.

— Porque nem por um momento imaginei que estaríamos aqui sentados olhando para aquela imagem na tela. Eu ainda não compreendo, mas não posso negar o que vejo. Além disso, não vi nenhum motivo para citar um nome que você podia lembrar ou não, uma ocorrência muito traumática, que você podia lembrar ou não. Por que acrescentar complicações desnecessárias? Já temos tensão mais do que suficiente.

— Tudo bem, Aleksei — disse Krupkin agitado, dando um passo à frente. — Ouvi palavras e nomes que trouxeram certas lembranças desagradáveis, e acho que tenho o direito de fazer algumas perguntas — especialmente uma. Quem é exatamente esse Ogilvie que os interessa tanto? Você nos disse que ele estava em Saigon, mas quem é ele agora?

— Por que não? — Conklin perguntou a si mesmo em voz baixa. — É um advogado de Nova York, chefe de uma organização que opera em toda Europa e no Mediterrâneo. No começo, apertando os botões certos em Washington, eles compraram companhias por meio de extorsão e controle financeiro, encurralaram mercados com preços determinados e, em troca, entraram no jogo do assassinato, empregando alguns dos melhores profissionais do ramo. Existem provas reais de que contrataram os assassinatos de vários funcionários do governo e de militares, sendo o exemplo mais recente — do qual você sem dúvida ouviu falar — o do general Teagarten, comandante supremo da OTAN

— *Incrível!* — murmurou Krupkin.

— *Jeez-Chrize!* — disse o coronel-camponês, arregalando os olhos.

— Oh, eles são muito criativos, e Ogilvie o mais inventivo de todos. É a Superaranha e estendeu uma teia que vai de Washington a todas as capitais da Europa. Infelizmente para ele, e graças ao meu amigo aqui, foi apanhado como uma mosca na própria teia. O pessoal de Washington que ele não podia jamais corromper estava pronto para o bote, mas alguém o avisou e ele fugiu anteontem... Não tenho a mínima idéia por que ele veio para Moscou.

— Talvez eu possa responder a isso — disse Krupkin, olhando rapidamente

para o coronel do KGB e fazendo um gesto afirmativo, como quem diz, “Está tudo bem”. — Não sei nada — absolutamente *nada* — desse assassinato ao qual se referiu — de nenhum assassinato, para ser franco. Entretanto, você podia estar descrevendo uma empresa americana na Europa que há anos vem servindo aos nossos interesses.

— De que modo? — perguntou Alex.

— Fornecendo todo o tipo de tecnologia americana cuja exportação seu governo proíbe, bem como armamentos, munição, peças para aviões e sistemas de armas — até os próprios aviões e sistemas, em várias ocasiões, através dos países do bloco. Estou certo de que vocês sabem que negarei veementemente ter dito qualquer coisa a respeito.

— Certo — disse Conklin, com um gesto afirmativo. — Qual é o nome dessa empresa?

— Não tem um nome só. São cinquenta ou sessenta companhias aparentemente sob o mesmo guarda-chuva mas com tantos títulos e origens diferentes que é impossível determinar o tipo de relacionamento entre elas.

— Tem um nome e Ogilvie a dirige — disse Alex.

— Pensei nisso — disse Krupkin, com um olhar gelado e a expressão de um fanático implacável. — Entretanto, o que parece tão perturbador para vocês sobre seu advogado americano, podem estar certos de que é muito, mas muito menos importante do que aquilo que nos preocupa. — Dimitri olhou furioso para a televisão e para a imagem parada e trêmula.

— O homem do serviço secreto daquela tela é o general Rodchenko, segundo em comando do KGB e conselheiro do premiê da União Soviética. Muitas coisas podem ser feitas em nome dos interesses russos e sem o conhecimento do premiê, mas nos nossos dias, em nossa era, não nas áreas que você descreveu. Meu Deus, o comandante supremo da OTAN! E nunca — nunca — usando os serviços de Carlos, o Chacal! Seriam para nós catástrofes perigosas e assustadoras.

— Tem alguma sugestão? — perguntou Conklin.

— Uma pergunta tola — respondeu o coronel, zangado — Prender, depois a Lubyanka... depois silêncio...

— Há um problema com essa solução — disse Alex. — A CIA sabe que Ogilvie está em Moscou.

— E qual é o problema? Nós livramos as duas agências de uma pessoa perniciosa e dos seus crimes e continuamos com nossos negócios.

— Pode parecer estranho para você, mas o problema não se limita à pessoa perniciosa e aos seus crimes, mesmo no que se refere à União Soviética. O problema está no segredo — no que se refere a Washington.

Ó oficial do Komitet olhou para Krupkin e disse, em russo:

— Do que esse homem está falando?

— É difícil para nós entender isso — respondeu Dimitri também em russo. — Porém, para eles é um problema. Vou tentar explicar.

— O que ele está dizendo? — perguntou Bourne, irritado.

— Acho que vai nos dar uma aula de educação cívica, à moda americana.

— Essas lições geralmente caem em ouvidos surdos em Washington — disse Krupkin em inglês, passando outra vez para o russo e dirigindo-se ao seu superior no KGB. — Você compreende, camarada, ninguém na América nos culparia por tirar vantagem das atividades criminais desse tal Ogilvie. Eles têm um provérbio tão repetido que cobre um oceano de culpa. “A cavalo dado não se olham os dentes...”

— O que os dentes do cavalo têm a ver com presentes? Do seu traseiro sai só estêreo para a fazenda, da sua boca, só saliva.

— Perde um pouco na tradução... Vamos continuar. Esse advogado, Ogilvie, aparentemente tinha ótimas conexões no governo, funcionários que ignoravam seus métodos questionáveis em troca de grandes somas de dinheiro, métodos que envolviam milhões e milhões de dólares. Leis foram burladas, homens assassinados, mentiras aceitas como verdades, em suma, a corrupção foi considerável e, como nós sabemos, os americanos são obcecados com a idéia de corrupção. Chegam a chamar qualquer acomodação progressiva de potencialmente “corrupta” e os povos mais antigos e mais sábios nada podem fazer contra isso. Eles lavam sua roupa suja na frente do mundo todo como um símbolo de honra.

— Porque é — disse Alex, em inglês. — Isso é uma coisa que muita gente aqui não poderia compreender, porque vocês encobrem todas suas acomodações, todos seus crimes, todas as bocas que fazem calar com uma cesta de rosas... Entretanto, considerando uma coisa e outra e as comparações detestáveis, eu dispenso a palestra. Estou dizendo apenas que Ogilvie tem de ser mandado para os Estados Unidos e as contas ajustadas. Essa é a “acomodação progressiva” que vocês têm de fazer.

— Tenho certeza de que vamos pensar no assunto.

— Não é o bastante — disse Conklin. — Vejamos a coisa do seguinte modo. Muita coisa é conhecida — ou será, em questão de dias — sobre o empreendimento de Ogilvie, incluindo a conexão com a morte de Teagarten, portanto não podem mantê-lo aqui. Não só Washington, mas toda a comunidade européia cairia em cima de vocês. Se quer falar em embaraço, este é uma beleza, para não falar nos efeitos sobre o comércio, ou sobre suas importações e exportações...

— Você me convenceu, Aleksei — interrompeu Krupkin. — Supondo que sejam possíveis as acomodações, podemos ter a garantia de que ficará claro e evidente que Moscou cooperou para entregar esse criminoso à justiça americana?

— É claro que não podíamos fazer isso sem você. Como agente temporário de

campo, posso jurar isso perante os comitês da Inteligência e do Congresso, se for preciso.

— E que não tivemos nada — absolutamente *nada* a ver com os assassinatos que mencionou, especialmente o assassinato do comandante supremo da OTAN?

— Perfeitamente claro. Foi um dos motivos principais da sua cooperação. Seu governo ficou horrorizado com esse crime.

Krupkin olhou fixamente para Alex. Voltou-se para a televisão e outra vez para Conklin.

— O general Rodchenko — disse com voz firme. — O que vamos fazer com o general Rodchenko?

— O que vocês fazem com o general Rodchenko é negócio seu — respondeu Alex, em voz baixa. — Nem eu, nem Bourne, jamais ouvimos esse nome.

— *Da* — disse Krupkin, balançando a cabeça afirmativamente. — E o que vocês vão fazer com o Chacal em território soviético é assunto seu, Aleksei. Entretanto, pode ficar certo de que vamos cooperar ao máximo.

— Como começamos? — perguntou Jason, impaciente.

— Primeiro o que vem primeiro. — Dimitri olhou para o comissário do KGB. — Camarada, compreendeu o que dissemos?

— O suficiente, Krupkin — respondeu o coronel-camponês peso-pesado, dirigindo-se para um telefone sobre a mesa de mármore encostada na parede. Discou e foi atendido imediatamente. — Sou eu — disse o comissário, em russo. — O terceiro homem, no teipe sete, com Rodchenko e o padre, o que Nova York identificou como um americano chamado Ogilvie. A partir deste momento ele deve ser vigiado e não pode deixar Moscou. — O coronel de repente ergueu as sobrancelhas espessas e seu rosto ficou rubro. — *Essa* ordem está revogada. Ele não é mais responsabilidade do Departamento de Relações Diplomáticas, agora é propriedade unicamente do KGB... Uma *razão*? Use a cuca, cabeça-de-bagre! Diga a eles que estamos convencidos de que o americano é um agente duplo, que aqueles tolos não descobriram. Depois, o lixo de sempre. Acobertando inimigos do Estado por negligência, suas altas posições mais uma vez. protegidas pelo Komitet — esse tipo de coisa. Pode mencionar também que não devem examinar a boca do cavalo dado... Eu também não entendo, camarada, mas estas borboletas aqui, com seus ternos elegantes, provavelmente vão entender. Alertem os aeroportos. — O comissário desligou.

— Ele conseguiu — Conklin disse para Bourne. — Ogilvie fica em Moscou.

— Não dou a mínima para Ogilvie — explodiu Jason, com a voz e os músculos do rosto tensos. — Estou aqui por causa de Carlos!

— O padre? — perguntou o coronel, afastando-se da mesa do telefone.

— Exatamente.

— É simples. Vamos dar ao general Rodchenko uma corda muito longa que ele não pode sentir, nem ver. Você fica na outra ponta. Ele vai se encontrar com o padre Chacal outra vez.

— É tudo que eu peço — disse Jason.

O general Grigorie Rodchenko estava na mesa ao lado da janela, no restaurante Lastochka, ao lado da ponte Krymsky, nó rio Moscou. Era seu lugar favorito para um jantar tarde da noite. As luzes da ponte e os barcos no rio eram um espetáculo repousante para os olhos e para o metabolismo. Ele precisava dessa atmosfera calmante, pois os dois últimos dias haviam sido extremamente tensos. Estaria certo ou errado? Seus instintos o tinham levado ao alvo, ou estava muito longe dele? Não podia saber naquele momento, mas esses mesmos instintos o haviam ajudado a sobreviver ao louco Stalin, quando era jovem, ao irrequieto Khrushchev, na meia-idade, e ao inepto Brezhnev, alguns anos mais tarde. Agora havia ainda a nova Rússia, sob Gorbachev, uma Nova União Soviética, na verdade, e sua idade avançada a recebia de braços abertos. Talvez as coisas fiquem menos tensas e inimizades de longa data desapareçam no horizonte antes hostil. Porém, horizontes hostis nunca mudavam realmente, eram sempre horizontes, distantes, planos, incendiados de cor ou escuros, mas sempre distantes, planos e inacessíveis.

Ele era um sobrevivente, Rodchenko compreendia isso, e um sobrevivente protege-se em alguns pontos da bússola. Havia também se insinuado em todos os pontos possíveis dessa bússola. Além disso, trabalhara diligentemente para conquistar a confiança do presidente. Era especialista em conseguir informações para o Komitet. Era o principal elo de ligação com a empresa americana, conhecida somente por ele, em Moscou, pelo nome de Medusa, por meio da qual negócios extraordinários haviam sido realizados em toda a Rússia e nas nações do bloco. Por outro lado, era também o elo de ligação com o monsenhor em Paris, Carlos, o Chacal, a quem havia convencido ou comprado para desistir de contratos que podiam apontar diretamente para a União Soviética. Ele era o burocrata perfeito, trabalhando nos bastidores do palco internacional, sem procurar aplauso nem fama, apenas sobrevivência. Então, por que tinha feito aquilo? Seria mera impetuosidade, nascida do cansaço e do medo e da sensação de uma-praga-nas-nossas-duas-casas? Não, era uma extensão lógica dos acontecimentos, consistente com as necessidades do seu país e, acima de tudo, com a absoluta necessidade de que Moscou se dissociasse tanto da Medusa, quanto do Chacal.

Segundo o cônsul-geral em Nova York, Bryce Ogilvie estava liquidado na América. A sugestão do cônsul era encontrar asilo para ele em algum lugar e, em troca, absorver gradualmente seus empreendimentos na Europa. O cônsul-geral em Nova York não estava preocupado com as manipulações financeiras de Ogilvie, que violavam mais leis do que o número de tribunais que existiam para julgá-las, mas

com os assassinatos, os quais, até onde ele sabia, eram muitos e em vários lugares, incluindo o assassinato de altos funcionários do governo e, a não ser que estivesse muito enganado, o do comandante supremo da OTAN. Completando essa trama de horrores, havia a opinião de Nova York de que, para salvar do confisco muitas das suas companhias, Ogilvie teria ordenado outras mortes na Europa, especialmente dos poucos executivos poderosos das várias firmas que compunham as conexões internacionais com uma grande firma de advocacia e o nome secreto de Medusa. Se esses contratos fossem executados enquanto Ogilvie estava em Moscou, surgiriam dúvidas que Moscou não podia tolerar.

De repente, refletiu Rodchenko, entrou nessa dança macabra o paranóico monsenhor de Paris. *Era imperativo que se encontrassem imediatamente!* Carlos praticamente gritou sua exigência na conversa em telefones públicos, como haviam combinado, mas deviam ser tomadas todas as precauções. O Chacal, como sempre, escolheu um lugar público, com muita gente e várias saídas, onde ele podia revoar como um gavião, só aparecendo depois de examinar tudo com seus olhos de profissional. Dois telefonemas depois, de dois lugares diferentes, o encontro foi marcado. Catedral de São Basílio, na Praça Vermelha, no começo da noite de verão, quando era maior o movimento de turistas. Num canto escuro à direita do altar, com saídas para fora, pelos corredores que levavam à sacristia. *Feito!*

Então, durante o terceiro telefonema, Rodchenko teve uma idéia, que o assaltou como o trovão sobre o Mar Negro. Uma idéia tão espetacularmente ousada e ao mesmo tempo tão óbvia e simples que o general ficou sem fôlego por um momento. Era a solução que distanciava completamente o governo soviético de qualquer envolvimento ou cumplicidade com o Chacal e com a Medusa de Ogilvie, se fosse necessário provar isso aos olhos do mundo.

O plano de Rodchenko consistia em, sem que nenhum dos dois soubesse, provocar um encontro entre o Chacal e Ogilvie, nem que fosse por um instante, o suficiente para conseguir uma fotografia dos dois juntos. Era tudo que ele precisava.

No dia anterior, Rodchenko fora ao Departamento de Relações Diplomáticas, depois de pedir uma entrevista de rotina com Ogilvie. Durante a conversa muito amistosa e sem maiores conseqüências, Rodchenko esperou sua deixa — a deixa que havia preparado com precisão, depois de um trabalho de pesquisa.

— Você passa os verões em Cape Cod, *da?* — disse o general.

— Eu, só os fins de semana. Minha mulher e meus filhos passam toda a temporada.

— Quando eu estava em Washington, eu tinha dois amigos americanos em Cape Cod. Passei muitos fins de semana agradáveis com eles. Talvez você os conheça, os Frost — Hardeleigh e Carol Frost?

— É claro que conheço. Ele também é advogado, especializado em lei

marítima. Moram na estrada da praia em Dennis.

— Uma mulher muito atraente, a Sra. Frost.

— Muito.

— *Da*. Alguma vez tentou recrutar o marido dela para a sua firma?

— Não. Ele tem uma firma. Frost, Goldfarb e O'Shau-nessy, cobrem, por assim dizer, a costa de Massachusetts.

— É como se eu o conhecesse, Sr. Ogilvie, através de amigos comuns.

— É uma pena que nunca tenhamos nos encontrado no Cape.

— Bem, talvez eu possa me aproveitar desse quase encontro — através de amigos comuns — e lhe pedir um favor, muito menor do que as conveniências que o meu governo está disposto a lhe conceder.

— Ao que eu entendi, a conveniência é mútua — disse Ogilvie.

— *Ah*, não entendo desses assuntos diplomáticos, mas talvez eu possa intervir a seu favor se cooperar conosco — com meu pequeno, mas não insignificante departamento.

— Do que se trata?

— Há um padre, um padre militante na área de assistência social, que afirma ser um agitador marxista muito conhecido nos tribunais da cidade de Nova York. Ele chegou há algumas horas e exige um encontro clandestino imediatamente. Não temos tempo para verificar a verdade do que ele afirma, mas como ele insiste em dizer que tem uma longa história de “processos” legais nos tribunais de Nova York, bem como várias fotografias nos jornais, talvez o senhor possa reconhecê-lo.

— Eu provavelmente o reconheceria se ele está dizendo a verdade.

— *Da!* De um modo ou de outro, nosso governo será informado da sua cooperação.

Tudo foi então combinado. Ogilvie devia estar na Catedral de São Basílio, perto do lugar marcado. Quando Rodchenko se encontrasse com um padre, no canto à direita do altar, devia aproximar-se do general, fingindo surpresa. Deviam se cumprimentar brevemente, quase secamente, sem nenhuma demonstração de intimidade, como conhecidos hostis que não podem evitar esses encontros em lugares públicos. Era preciso também que os dois homens ficassem muito próximos porque a luz fraca na catedral podia impedir que Ogilvie visse o rosto do padre.

Ogilvie desempenhou o papel com a perfeição de um advogado habilidoso que, depois de armar uma cilada verbal para a testemunha da acusação, exclama, “Retiro a pergunta”, desarmando o promotor do caso.

O Chacal imediatamente virou o rosto, furioso, mas não antes que uma mulher idosa e obesa, com uma câmara automática escondida na bolsa, tivesse tirado uma série de fotografias com filme ultraveloz. A prova estava agora no cofre do escritório de Rodchenko. A pasta que a continha intitulava-se *Vigilância do*

americano B. Ogilvie.

Na página sob a fotografia que mostrava o assassino e o advogado americano juntos, estava escrito o seguinte. *O indivíduo sob vigilância com um contato ainda não identificado, durante encontro secreto na Catedral de São Basílio. O encontro durou onze minutos e trinta e dois segundos. Fotografias enviadas a Paris para possível identificação. Acredita-se que o contato não identificado seja Carlos, o Chacal.*

Nem é preciso dizer que Paris estava preparando uma resposta que incluía várias composições fotográficas do Deuxième Bureau e da Sûreté. Resposta: *Confirmado. Sem dúvida é o Chacal.*

Chocante! E em solo soviético!

Por outro lado, o assassino não foi muito cooperativo. Depois do encontro breve e constrangedor com o americano, Carlos continuou seu frio interrogatório, mal disfarçando a fúria selvagem.

— Estão fechando o cerco à sua volta! — disse o Chacal.

— Quem?

— O Komitet.

— Eu *sou* o Komitet.

— Talvez esteja enganado.

— Não acontece nada no KGB sem que eu saiba. Onde conseguiu a informação?

— Paris. A fonte é Krupkin.

— Krupkin é capaz de qualquer coisa para se promover, inclusive espalhar informações falsas, mesmo a meu respeito. Ele é um enigma — num momento um oficial do serviço secreto, eficiente e que fala muitas línguas, logo depois um palhaço fofoqueiro com plumagem francesa, mais tarde um cafetão para ministros visitantes. Não pode ser levado a sério, não quando se trata de assunto sério.

— Espero que esteja certo. Falo com você amanhã, tarde da noite. Vai estar em casa?

— Não por causa de um telefonema seu. Vou jantar sozinho no Lastochka, bem tarde. O que você vai fazer amanhã?

— Certificar-me de que você está *certo*. — O Chacal desapareceu no meio da multidão, na catedral.

Isso fora há mais de 24 horas e Rodchenko não teve nenhuma notícia que pudesse alterar o combinado. Talvez o psicopata tivesse voltado para Paris, convencido de que suas suspeitas paranóicas não tinham fundamento, sua necessidade de estar sempre em movimento, correndo, voando por toda a Europa, superando afinal o pânico momentâneo. Quem podia saber? Carlos também era um enigma. Era em parte um sádico retardado, profundo conhecedor dos mais terríveis

métodos da crueldade e do assassinato, e em parte um romântico doentio, um adolescente mentalmente deformado à procura de uma ilusão que não queria nada com ele. Quem podia saber? Estava chegando a hora em que uma bala em sua cabeça seria a resposta.

Rodchenko ergueu a mão para pedir café e *brandy* — o bom *brandy* francês, reservado para os verdadeiros heróis da Revolução, especialmente os sobreviventes. Mas não foi o garçom que atendeu. O gerente do Lastochka aproximou-se da mesa com o telefone na mão.

— Um telefonema urgente para o senhor, general — disse o homem de terno preto e folgado, pondo o telefone sobre a mesa e estendendo para ele o fio com a tomada.

— Obrigado.

O gerente se afastou e Rodchenko ligou a tomada na parede.

— Sim?

— Você está sendo vigiado por toda parte — disse a voz do Chacal.

— Por quem?

— Por sua própria gente.

— Não acredito.

— Estive observando o dia todo. Quer que eu descreva os lugares onde estive nas últimas trinta horas? Começou com drinques num café no Kalinin, um quiosque no Arbat, o Sla-vuanky para almoço, uma caminhada à tarde pela Luznekaya.

— Pare! Onde você está?

— Saia do Lastochka, andando devagar, naturalmente. Vou provar o que estou dizendo.

O Chacal desligou.

Rodchenko fez sinal ao garçom pedindo a conta. A rapidez com que foi atendido devia-se menos ao status do general do que ao fato de ser o último freguês da noite. O velho soldado deixou o dinheiro sobre a conta, disse boa noite, atravessou o saguão pouco iluminado e saiu para a rua. Era quase 1:30h da manhã e a não ser por alguns raros bêbados, a rua estava deserta. Um vulto alto surgiu à direita do general, sua silhueta desenhada pela lâmpada da rua. Era o Chacal, ainda com o terno negro e o colarinho branco de padre. Fez sinal ao general para acompanhá-lo e caminhou para um carro marrom-escuro parado no outro lado da rua. Rodchenko alcançou o assassino quando ele parou na calçada ao lado do veículo que estava de frente para o restaurante Lastochka.

De repente, o Chacal acendeu uma lanterna de mão e dirigiu a luz forte para a janela do carro. O velho soldado prendeu a respiração por um momento, ao ver a cena horrível. O agente do KGB estava sentado à direção, com a cabeça atirada para trás, o pescoço cortado e um rio de sangue inundando sua roupa. O outro agente

estava com os pulsos e os pés amarrados com arame, com uma corda grossa servindo de mordaca, quase sufocado, tossindo asperamente. Estava vivo, com os olhos arregalados de terror.

— O motorista foi treinado em Novgorod — disse o general, sem nenhum outro comentário.

— Eu sei — respondeu Carlos. — Estou com os documentos dele. Esse treinamento não é mais o que era, camarada.

— Este outro é um dos homens de Krupkin aqui em Moscou. Filho de um grande amigo, segundo me disseram.

— Agora ele é meu.

— O que você vai fazer? — perguntou Rodchenko, olhando para o Chacal.

— Corrigir um erro — respondeu Carlos, erguendo a arma com silenciador e disparando três tiros certos no pescoço do general.

A NOITE ESTAVA ESCURA, o céu encoberto, as nuvens de tempestade giravam e colidiam sobre Moscou, prometendo chuva, trovões e relâmpagos. O carro marrom seguia velozmente pela estrada, passando por campos cultivados, o motorista segurando a direção com força, olhando uma vez ou outra para seu prisioneiro, o jovem que lutava para libertar as mãos e os pés atados com fios de arame, os olhos arregalados de medo e o rosto contraído de dor, sob a corda que torturava sua boca.

No banco traseiro coberto de sangue, estavam os corpos do general Grigorie Rodchenko e do graduado de Novgorod do KGB, que dirigia a equipe de vigilância do velho soldado. De repente, sem diminuir a marcha, sem nenhuma indicação do que ia fazer, o Chacal viu o que procurava e saiu da estrada. Cantando pneus o carro entrou num campo de relva alta e parou bruscamente, atirando os dois corpos contra o encosto dos bancos dianteiros. Carlos abriu a porta e saltou do carro. Começou então a puxar os corpos do banco traseiro, arrastando-os para a relva. Deixou o general em cima do oficial do Komitet, seus fluidos vitais agora misturando-se, absorvidos pelo solo.

Voltou para o carro e puxou brutalmente o jovem agente do KGB com uma das mãos, segurando a faca de caça na outra.

— Nós dois temos muito que conversar — o Chacal disse, em russo. — E será tolice me esconder qualquer coisa... Você não vai fazer isso, é muito jovem, muito fraco. — Carlos atirou o homem no chão. A relva alta dobrou-se sob o peso. Com a lanterna na mão, ajoelhou ao lado do prisioneiro com a faca apontada para os olhos do jovem agente.

As últimas palavras do homem ensangüentado e sem vida ecoavam como tambores nos ouvidos de Ilich Ramirez Sanchez. Jason Bourne estava em *Moscou!* Tinha de ser Bourne, pois o jovem agente do KGB, apavorado, dera a informação com frases entrecortadas, inacabadas, dizendo qualquer coisa e tudo que podia salvar sua vida. *O camarada Krupkin — dois americanos, um alto, o outro com um defeito na perna! Nós os levamos ao hotel, depois à Sadovaya para uma reunião.*

Krupkin e o odiado Bourne haviam subornado sua gente em Paris — em *Paris*, sua fortaleza inexpugnável! — e o seguiram até Moscou. Como? *Quem?*... Não importava agora. O importante era que o Camaleão estava no Metrópole. Os traidores de Paris podiam esperar. No *Metropole!* Seu maior inimigo estava a uma hora de distância, sem desconfiar que Carlos, o Chacal, sabia da sua presença em Moscou. O assassino sentiu a euforia do triunfo — sobre a vida e sobre a morte. Os

médicos diziam que ele estava morrendo, mas médicos muitas vezes se enganam e naquele momento, estavam errados! A morte de Jason Bourne *renovaria* sua vida.

Porém, não podia ser agora. Três horas da manhã não eram o momento apropriado para procurar uma vítima nas ruas ou nos hotéis de Moscou, uma cidade envolta num manto permanente de suspeita e desconfiança, que aumentava com a chegada da noite. Todos sabiam que os recepcionistas dos hotéis de Moscou andavam armados e eram escolhidos mais por sua habilidade como atiradores do que por sua eficiência naquele trabalho. A luz do dia aliviava um pouco a tensão. A primeira parte da manhã, com movimento intenso, era a hora ideal para o ataque — e o Chacal ia atacar.

Mas aquele era o momento exato para outro tipo de *ataque*, ou pelo menos para o prelúdio da ação. Estava na hora de reunir seus discípulos do governo da União Soviética e informá-los da chegada do monsenhor, comunicar que seu messias estava ali para libertá-los. Antes de deixar Paris ele havia apanhado todas as pastas do arquivo com informações gerais e secretas. Os documentos, à primeira vista, pareciam apenas páginas em branco, mas quando expostos à luz infravermelha, transformavam-se em informações datilografadas. O Chacal havia escolhido uma pequena loja vazia, na Vavilova, para seu ponto de encontro. Usaria o telefone público para se comunicar com cada discípulo, informando a hora — 5:30h — e o lugar do encontro, recomendando que usassem ruas desertas. Às 6:30h a tarefa estaria terminada, cada discípulo armado com a informação que o elevaria aos mais altos escalões da elite de Moscou. Era outro exército invisível, muito menor que o de Paris, mas igualmente eficiente e dedicado a Carlos, o invisível monsenhor que fazia a vida dos seus seguidores infinitamente mais confortável. E às 7:30h, o poderoso Chacal estaria na sua posição, no Metrópole, pronto para os primeiros movimentos dos hóspedes, na hora em que os garçons passavam apressados com bandejas e mesas e o saguão animava-se com as conversas, a ansiedade e a burocracia. Ali no Metrópole, ele estaria preparado para Jason Bourne.

Um a um, como viajantes perdidos e cautelosos, à primeira luz do dia, os cinco homens e três mulheres chegaram à loja abandonada na rua conhecida apenas como Vavilova. Tinham de ser cuidadosos porque aquele era um bairro perigoso, não necessariamente por causa dos habitantes, pois a polícia de Moscou patrulhava eficientemente a área, mas devido ao estado dos velhos prédios. A área estava em processo de renovação, como projetos semelhantes no mundo todo, mas o progresso tinha duas velocidades, lenta e parada. A eletricidade era a única constante no bairro e, na melhor das hipóteses, uma conveniência perigosa que Carlos sabia usar a seu favor.

Carlos estava de pé, na extremidade da sala vazia, e uma lâmpada no chão, atrás dele, delineava sua silhueta, deixando o rosto no escuro, protegido também

pela gola levantada do terno negro. À sua direita, numa mesa baixa de madeira, estavam as pastas com os papéis e à esquerda, sob uma pilha de jornais, fora da vista dos discípulos, uma arma de assalto AK-47, Tipo 56, cano serrado, carregada com um pente de balas. O outro estava no cinto do Chacal. Era uma norma da sua profissão. Carlos não esperava nenhum problema. Só adoração.

Observou o grupo, percebendo que todos entreolhavam-se furtivamente. Ninguém falava. O ar úmido na loja abandonada e quase às escuras estava carregado de apreensão. Carlos compreendeu que precisava eliminar aquele medo, aquela atitude furtiva, o mais depressa possível, por isso havia apanhado oito cadeiras dos vários escritórios desertos nos fundos da loja. Sentados, eles ficariam menos tensos, era um truísmo. Entretanto, ninguém estava usando as cadeiras.

— Muito obrigado por terem vindo esta manhã — disse o Chacal, em russo. — Por favor, sentem-se. Nossa conversa não vai ser longa, mas exige a maior concentração... O camarada perto da porta, quer fechá-la, por favor? Todos já estão aqui.

O homem, um burocrata de andar rígido, fechou a porta pesada e os outros sentaram-se, afastando as cadeiras umas das outras. Quando terminou o barulho das cadeiras raspando o chão de cimento, o Chacal, como um orador experiente, ficou um momento calado na frente do grupo. Fixou rapidamente em cada um os olhos negros e penetrantes, como se cada pessoa ali fosse especial para ele. As mulheres reagiram com leves movimentos, ajeitando e alisando as saias. Estavam vestidos de acordo com seus altos postos nos departamentos do governo — roupas muito usadas de estilo conservador, mas limpas e bem passadas.

— Eu sou o monsenhor de Paris — começou o assassino vestido de padre. — Sou aquele que passou vários anos escolhendo cada um de vocês — com a ajuda de camaradas de Moscou e de outros lugares — e aquele que lhes enviou grandes quantias de dinheiro, pedindo apenas que aguardassem minha chegada em silêncio e retribuíssem a lealdade com que os tratei... Posso antecipar suas perguntas pela expressão dos seus rostos, por isso, vou ser mais explícito. Anos atrás eu fazia parte dos poucos membros de elite escolhidos para o treinamento em Novgorod.

Houve uma reação discreta mas audível dos oito escolhidos. O mito de Novgorod era igual à realidade. Era um centro avançado de doutrinação para os camaradas mais bem-dotados — como diziam, porém, era difícil de entender, uma vez que quase ninguém falava em Novgorod, e sempre em voz muito baixa. Balançando várias vezes a cabeça num gesto afirmativo, Carlos demonstrou ter percebido o impacto das suas palavras, e então continuou:

— Esses anos todos passei em vários países estrangeiros, promovendo os interesses da grande revolução soviética, um comissário secreto com um portfólio flexível, que exigiu muitas visitas a Moscou e pesquisa extensa nos departamentos

onde cada um de vocês ocupa uma posição de responsabilidade. — Outra pausa e então o Chacal falou com voz áspera. — Posições de responsabilidade, mas sem a autoridade que deviam ter. Suas habilidades são subestimadas e mal pagas, pois acima de vocês existe muita *madeira podre*.

A reação foi mais significativa dessa vez, muito menos controlada.

— Comparados aos departamentos similares nos governos dos nossos adversários — continuou Carlos — nós, aqui em Moscou, paramos no tempo. Quando devíamos estar à frente de todos, estamos atrasados porque *seus* talentos foram abafados pelos funcionários que se preocupam mais com os privilégios das suas posições do que com o trabalho dos departamentos que chefiam.

A resposta foi imediata, quase elétrica. As três mulheres aplaudiram abertamente.

— Por esse motivo, por *esses* motivos, eu e meus camaradas aqui de Moscou os procuramos e escolhemos. Por isso eu lhes mandei dinheiro — para ser usado como bem entendessem — quantias que correspondem aproximadamente aos privilégios desfrutados por seus superiores. Por que vocês não devem receber o mesmo e desfrutar como eles desfrutam?

O murmúrio de *por que não e ele tem razão* encheu a sala e todos agora se entreolhavam, balançando as cabeças afirmativamente. O Chacal começou então a nomear os departamentos em questão e a cada nome citado, todos faziam gestos afirmativos enfáticos.

— Os ministérios de Transportes, Informações, Finanças, Importação/Exportação, Procedimentos Legais, Suprimentos Militares, Pesquisa Científica... e por último, mas não o menos importante, Nomeações para o Presidium... Esses são os seus domínios, mas vocês foram *excluídos* de todas as decisões finais... Não podemos mais aceitar isso — mudanças devem ser feitas!

Os oito ouvintes ficaram de pé, não mais estranhos, mas pessoas unidas por uma causa. Então, *um* deles, o burocrata cauteloso que havia fechado a porta, perguntou:

— Ao que parece, o senhor conhece nossa situação, mas o que pode mudá-la?

— *Isto aqui!* — disse Carlos, apontando com um gesto dramático as pastas que estavam sobre a mesa baixa.

O pequeno grupo sentou outra vez, aos pares ou isolados, entreolhando-se e olhando para as pastas.

— Nesta mesa estão informações confidenciais e completas sobre cada superior dos oito departamentos citados. Contêm fatos tão sérios que, quando forem apresentados por cada um de vocês, pessoalmente, vão lhes garantir promoções imediatas e, em vários casos, posições de chefia no governo. Seus superiores não terão escolha, pois estes arquivos são adagas encostadas nos seus pescoços — a

revelação dos mesmos significaria desgraça e morte.

— Senhor? — Uma mulher de meia-idade com um vestido azul, simples, mas limpo e passado, levantou-se um tanto hesitante. O cabelo louro estava preso na nuca num coque ao qual ela levava a mão, uma vez ou outra, enquanto falava. — Eu faço a avaliação dos arquivos de informações pessoais diariamente... e muitas vezes descubro erros... como pode ter certeza de que essas informações são exatas? Pois, se não forem, estaremos nos colocando numa situação extremamente perigosa, não é verdade?

— Considero uma afronta o fato da senhora duvidar da exatidão destas informações, madame — respondeu o Chacal, friamente. — Eu sou o monsenhor de Paris. Descrevi com exatidão a situação de cada um de vocês e demonstrei com exatidão a inferioridade dos seus superiores. Além disso, com grande despesa e grande risco para mim e para meus camaradas de Moscou, enviei dinheiro secretamente para que pudessem ter uma vida melhor.

— Falando por mim — disse um homem magro, de óculos e com terno marrom —, eu agradeço pelo dinheiro. Investi o meu no nosso fundo coletivo e espero um lucro moderado — mas o que uma coisa tem a ver com a *outra*? Trabalho para o Ministério das Finanças, é claro, e admitindo isso, estou me absolvendo da cumplicidade de ter declarado meu status.

— Seja lá o que for que isso significa, contador, você está sendo tão claro quanto seu ministério paralisado — observou um homem obeso com um terno negro muito pequeno para seu corpo. — Além disso, me faz duvidar da sua capacidade para reconhecer um lucro decente! É claro que estou com o Suprimento Militar, e vocês estão sempre roubando de nós nas negociações.

— Como vocês fazem sempre com a Pesquisa Científica — exclamou um homem com terno de sarja e ar professoral, a barba mal aparada, talvez devido à vista fraca, apesar das lentes grossas dos óculos. — *Lucro de investimento*, essa é boa! O que me diz das *tributações*?

— Mais do que o suficiente para vocês, cientistas de curso primário! É melhor gastar o dinheiro roubando do Ocidente!

— *Parem com isso!* — exclamou o padre assassino, erguendo o braço como um messias. — Não estamos aqui para discutir conflitos entre departamentos, pois todos serão resolvidos com o nascimento da nossa nova elite. Lembrem-se! Eu sou o monsenhor de Paris e juntos criaremos uma ordem nova e limpa para ‘nossa grande revolução! *Acabou* a complacência!

— Uma idéia sensacional, senhor — disse uma mulher de trinta e poucos anos, com uma saia elegantemente pregueada, sem dúvida reconhecida por todos os outros do grupo como uma popular apresentadora da televisão. — Entretanto, pode nos voltar ao assunto da exatidão das informações?

— Está *resolvido* — disse Carlos, fixando os olhos escuros em um de cada vez. — De que modo eu podia saber tanto sobre vocês?

— Não estou duvidando, senhor — continuou a mulher.

— Mas, como jornalista, sempre procuro uma segunda fonte de informações, a não ser que o ministério determine o contrário. Uma vez que o senhor não trabalha para o Ministério de Informações, senhor, e sabendo que tudo que diz é confidencial e deve continuar assim, pode nos indicar uma segunda fonte?

— Por acaso tenho de ser interrogado por jornalistas manipulados quando estou dizendo a *verdade*? — O assassino conteve a respiração por um segundo, furioso. — Tudo que eu disse é verdade, e vocês sabem disso.

— Os crimes de Stalin também eram, senhor, e ficaram enterrados com vinte milhões de cadáveres durante trinta anos.

— Você quer provas, *jornalista*? Pois eu lhe dou a prova. São meus os olhos e os ouvidos dos líderes do KGB — especialmente do grande general Grigori Rodchenko. *Ele* é meus olhos e meus ouvidos e se quiser saber outra verdade, ele é fiel a mim! Pois eu sou também seu monsenhor de Paris.

Todos se mexeram inquietos, hesitantes, pigarreando em uníssono. A apresentadora da televisão disse, com voz mais suave e os grandes olhos castanhos pregados no homem vestido de padre:

— Pode ser o que diz que é, senhor — mas na certa não escuta a estação da Rádio Moscou que funciona a noite toda. Há uma hora anunciaram que o general Rodchenko foi morto a tiros, esta madrugada, por criminosos estrangeiros... Noticiaram também que todos os altos funcionários do Komitet foram convocados para uma reunião de emergência para avaliar as condições da morte do general. Todos acham que devia haver um motivo muito forte para que o general fosse atraído para a armadilha dos criminosos estrangeiros.

— Vão vasculhar os arquivos dele — acrescentou o burocrata cauteloso, levantando-se com movimentos rígidos. — Vão colocar tudo sob os microscópios do KGB, à procura desses “motivos extraordinários”. — O circunspecto funcionário público olhou para o assassino vestido de padre. — Talvez eles o encontrem, senhor. E a seus arquivos.

— Não — disse o Chacal, com o suor brotando na testa. — *Não!* Isso é *impossível!* Eu tenho as únicas cópias daqueles arquivos — não existem outras!

— Se acredita nisso, padre — disse o homem obeso do Ministério de Suprimento Militar — não conhece o Komitet.

— *Conhecer?* — exclamou Carlos, com um tremor na mão esquerda. — Eu tenho a *alma* do Komitet! Eles não têm segredos para mim, pois eu sou o repositório de todos os segredos! Tenho volumes sobre os governos de todas as partes do mundo, sobre seus líderes, seus generais, seus mais altos funcionários — tenho

fontes de informação no *mundo* todo!

— Não tem mais Rodchenko — continuou o homem obeso, levantando-se também. — E pensando bem, não me pareceu nem um pouco surpreso com a notícia.

— *O quê?*

— A maior parte de nós, talvez todos, assim que acordamos de manhã, a primeira coisa que fazemos é ligar o rádio. Ouvimos sempre as mesmas bobagens e acho que há um certo conforto nisso, mas tenho certeza de que todos aqui sabiam da morte de Rodchenko... Mas você não sabia, padre, e quando nossa jornalista da televisão lhe contou, não ficou atônito, nem mesmo chocado — como eu disse, não demonstrou a menor surpresa.

— É claro que fiquei surpreso! — gritou o Chacal. — O que vocês não compreendem é que tenho um *controle* extraordinário. Por isso confiam em mim, por isso os líderes do marxismo do mundo todo *precisam* de mim.

— Isso nem está mais na moda — murmurou a mulher loura de meia-idade, especializada em arquivos de informações pessoais. Ela também se levantou.

— O que estão *dizendo*? — A voz de Carlos era agora um murmúrio áspero e acusador, que aumentava rapidamente em intensidade e volume. — Eu sou o monsenhor de Paris. Proporcionei um conforto às suas vidas, muito além das suas miseráveis expectativas e agora vocês *duvidam* de mim? Como eu poderia saber o que sei — como podia ter aplicado minha concentração e meus recursos em vocês todos, se eu não estivesse entre os mais privilegiados de Moscou? Lembrem-se de quem eu *soul*

— Mas não sabemos quem você é — disse outro homem, levantando-se. Como os outros, vestia roupas limpas, discretas e bem passadas, mas havia uma diferença, eram bem-feitas, como se ele dedicasse um cuidado especial à própria aparência. O rosto também era diferente, mais pálido e com olhos mais intensos, dando a impressão de que pesava cuidadosamente cada palavra.

— Além do título religioso que se atribui, não sabemos nada sobre sua identidade e você evidentemente não pretende revelar. Quanto ao que você sabe, descreveu fraquezas evidentes e as injustiças resultantes, nos sistemas dos nossos departamentos, mas são fraquezas e injustiças comuns a todos os ministérios. Podia ter escolhido dezenas de outros em outros departamentos, e garanto que as reclamações seriam as mesmas. Nada de novo nisso...

— Como se *atrevei* — berrou Carlos, o Chacal, com as veias do pescoço saltadas. — Quem é você para dizer essas coisas? Eu sou o monsenhor de Paris, um verdadeiro filho da Revolução!

— E eu sou advogado e juiz no Ministério de Procedimentos Legais, camarada Monsenhor, um produto muito mais jovem dessa revolução. Posso não conhecer os chefes do KGB que você diz que são seus asseclas, mas conheço as penas por fazer

justiça com nossas próprias mãos e por acusar pessoalmente — secretamente — nossos superiores, em vez de levar a informação diretamente ao Escritório de Irregularidades. Eu não correria esse risco baseado apenas em material contido em arquivos de fonte desconhecida, possivelmente inventado por funcionários descontentes, talvez de posição inferior às nossas... Francamente, não quero ver esses arquivos, pois não vou me comprometer com testemunhos gratuitos e prejulgamentos que podem prejudicar minha posição.

— Você é um *advogado* insignificante! — rugiu o assassino vestido de padre, abrindo e fechando as mãos e agora com os olhos injetados. — Vocês são todos falsificadores da verdade! São companheiros dos ventos prevalentes da *conveniência*.

— Disse muito bem — observou o advogado de Procedimentos Legais, com um sorriso. — Exceto, camarada, que roubou a frase do inglês Blackstone.

— Não vou *tolerar* sua insolência!

— Não precisa, camarada *Padre*, pois pretendo ir embora e meu conselho legal a vocês todos é que façam o mesmo.

— Vocês *teriam coragem*’?

— Eu tenho — disse o advogado soviético, olhando para os outros com um sorriso bem-humorado. — Do contrário teria de acusar a mim mesmo e sou muito bom na minha profissão para arriscar isso.

— O *dinheiro*! — gritou o Chacal estridentemente. — Mande *muito dinheiro* para vocês!

— Onde está o registro? — perguntou o advogado com ar de inocência. — Você mesmo se encarregou de providenciar para que não pudesse ser detetado. Sacolas de papel nas nossas caixas de correio, nas gavetas das nossas mesas de trabalho — bilhetes com instruções para serem queimados. Quem, entre nossos cidadãos, vai admitir que colocou essas coisas nesses lugares? Seriam mandados diretamente para a Lubyanka. . Adeus, camarada Monsenhor — disse o advogado do Ministério de Procedimentos Legais, empurrando a cadeira para onde a havia apanhado e dirigindo-se para a porta.

Um a um, como na chegada, o grupo acompanhou o advogado, olhando para aquele homem estranho que, por um momento, havia interrompido de modo tão exótico o tédio de suas vidas,, todos certos de que no caminho dele estava a desgraça e a execução. A Morte.

Mas ninguém estava preparado para o que se seguiu. O assassino vestido de padre de repente pareceu sair de um transe, com descargas elétricas ativando sua loucura. Os olhos escuros ardiam com uma chama furiosa que só podia ser satisfeita com a violência extrema — a vingança brutal e selvagem por todas as injustiças cometidas contra seu objetivo puro de matar os descrentes! O Chacal jogou no chão

as pastas que estavam sobre a mesa e inclinando-se para a pilha de jornais, apanhou a arma mortal, gritando:

— *Parem! Vocês todos, parem!*

Ninguém obedeceu e a energia psicopata tornou-se a ordem do momento. O assassino apertou o gatilho repetidamente e homens e mulheres morreram. Entre os gritos dos corpos dilacerados, perto da porta, o assassino correu para fora, saltando sobre os cadáveres, o rifle de assalto ligado no automático, dizimando as pessoas que passavam na rua, praguejando aos berros, condenando os descrentes a um inferno que só ele podia imaginar.

— Traidores! Imundos! *Lixo!* — gritava o Chacal ensandecido, saltando sobre os corpos, correndo para o carro roubado do Komitet e da sua unidade de vigilância inexperiente. A noite acabou, o dia começava.

O telefone do Metrópole não tocou, entrou em erupção. Sobressaltado, Alex Conklin abriu os olhos e agarrou o instrumento estridente da mesa-de-cabeceira.

— Sim? — atendeu, sem saber ao certo se estava falando no bocal ou no outro lado do fone.

— Aleksei, fique onde está. Não deixe ninguém entrar no seu quarto e carregue suas armas!

— Krupkin?... De que diabo você está falando?

— Um cachorro louco está solto em Moscou.

— *Carlos?*

— Ele ficou completamente louco. Matou Rodchenko e fez uma verdadeira carnificina com os dois agentes que o estavam seguindo. Um fazendeiro encontrou os corpos mais ou menos às quatro horas da manhã. — Parece que os cães o acordaram quando sentiram o cheiro do sangue levado pelo vento.

— Cristo, ele ficou mesmo louco... Mas por que você acha...

— Um dos nossos agentes foi torturado antes de ser morto — disse o homem do KGB, sem esperar a pergunta de Alex. — O chofer que nos levou do aeroporto para o Metrópole, meu protegido e filho de um colega de classe com quem eu dividia um quarto na universidade. Um jovem bom, de uma boa família, mas não treinado para o que teve de enfrentar.

— Está dizendo que ele pode ter dito a Carlos onde estamos, é isso?

— Isso mesmo... Tem mais. Há uma hora mais ou menos, na Vavilova, oito pessoas foram mortas por uma automática. Foi um verdadeiro massacre. Uma delas, antes de morrer, uma mulher que trabalhava para o Ministério de Informações, *direktor* segunda classe e jornalista de televisão, disse que o assassino é um padre de Paris que se apresenta como “monsieur” — *Jesus!* — explodiu Conklin, sentando com as pernas para fora da cama. — Era o grupo dele.

— Assim chamado e com o verbo no passado — disse Krupkin. — Deve estar

lembrado, eu disse que esses recrutas iam abandoná-lo ao menor sinal de perigo.

— Vou chamar Jason...

— *Aleksei*, ouça o que vou dizer!

— O quê? — Conklin segurou o telefone sob o queixo e estendeu a mão para a prótese ao lado da cama.

— Organizamos uma equipe de assalto, homens e mulheres em trajes civis. Estão recebendo as instruções agora e logo estarão aí.

— Ótimo.

— Mas *não* alertamos o pessoal do hotel e nem a polícia.

— Isso seria idiotice — disse Alex. — Vamos apanhar o filho da mãe aqui! Nunca dá certo com uniformes andando de um lado para o outro ou com empregados histéricos. O Chacal tem olhos nos joelhos.

— Faça o que eu digo — ordenou o soviético. — Não deixe ninguém entrar, fique longe das janelas e tome todas as precauções.

— É claro... O que quer dizer com janelas? Ele vai precisar de algum tempo para nos encontrar aqui... interrogar as criadas, os porteiros...

— Desculpe, meu velho amigo — interrompeu Krupkin. — Mas um padre angélico perguntando sobre dois americanos, um que manca, na parte da manhã, na hora de maior movimento?

— Bem pensado, apesar de você ser paranóico.

— Vocês estão num andar alto, e bem no outro lado da Marx Prospekt fica o telhado de outro prédio.

— Você também pensa depressa.

— Certamente mais depressa do que aquele tolo na Dzerzhinsky. Eu teria falado antes com você, mas meu comissário *Kartoshki* só me telefonou há dois minutos.

— Vou acordar Bourne.

— Tome *cuidado*.

Conklin não ouviu a última recomendação de Krupkin. Desligou o telefone e apanhou o pé artificial, amarrando descuidadamente as tiras em volta da perna. Tirou a automática *Graz Burya* da gaveta, uma arma soviética de desenho especial com três pentes de munição. A *Graz*, como era conhecida, era uma arma única no gênero, no sentido de ser a única automática que aceitava um silenciador. O instrumento cilíndrico tinha rolado para a frente da gaveta. Conklin o apanhou e aparafusou na arma. Vestiu a calça, equilibrando-se com dificuldade, pôs a arma no cinto e dirigiu-se para a porta. Abriu-a e saiu do quarto. Jason estava vestido, de pé, na frente de uma das janelas da sala estilo vitoriano.

— Foi Krupkin quem telefonou — disse Bourne.

— Foi. Saia dessa janela.

— *Carlos?* — Bourne recuou imediatamente, voltando-se para Alex. — Ele sabe que estamos em Moscou? Ele sabe *onde* estamos?

— As probabilidades são de que deve saber as duas coisas. — Conklin contou rapidamente o que tinha ouvido de Krupkin. — Isso lhe diz alguma coisa? — perguntou então.

— Ele enlouqueceu — respondeu Jason, em voz baixa. — Tinha de acontecer. A bomba de tempo na cabeça dele, finalmente explodiu.

— É o que também acho. Sua equipe de Moscou transformou-se num mito. Provavelmente eles o mandaram plantar batatas e Carlos explodiu.

— Eu sinto a perda dessas vidas — disse Bourne. — Preferia que tivesse acontecido de outro modo, mas não sinto o estado em que ele está. O que aconteceu com ele, foi o que ele desejava para mim — enlouquecer completamente.

— Kruppie disse isso — observou Conklin. — O Chacal tem um desejo psicopático mortal de voltar aos primeiros que descobriram que ele era louco. Agora, se ele sabe que você está aqui, e temos de supor que ele sabe, a obsessão é dupla, sua morte em lugar da dele — como uma espécie de triunfo simbólico, talvez.

— Você andou falando muito com Panov. . Fico imaginando como ele está.

— Não precisa se preocupar. Telefonei para o hospital às três horas da manhã — cinco horas em Paris. Ele pode perder o uso do braço esquerdo e sofrer paralisia parcial da perna direita, mas eles acham que ele vai resistir.

— Não ligo a mínima para seus braços ou suas pernas. E a *cabeça!*

— Aparentemente está intacta. A enfermeira-chefe do andar disse para um médico que ele é um paciente terrível.

— Graças a *Cristo!*

— Pensei que você fosse agnóstico.

— É uma frase simbólica, pode perguntar ao Mo — Bourne apontou para a arma no cinto de Alex. — Um tanto óbvia, não acha?

— Para quem?

— Para o serviço de quarto — respondeu Jason. — Pedi o que eles tiverem para comer de manhã e um grande bule de café.

— De jeito nenhum. Krupkin disse para não deixarmos ninguém entrar e eu dei minha palavra.

— Isso é uma paranóia idiota...

— Mais ou menos o que eu disse, mas este é território dele, não nosso. Vale também para as janelas.

— *Espere* um pouco — disse Bourne. — E se ele estiver certo?

— Pouco provável, mas possível, só que... — Conklin não terminou a frase. Jason ergueu a parte de trás do paletó, tirou do cinto sua *Graz Burya* e dirigiu-se para a porta da suíte.

— O que está fazendo? — gritou Alex.

— Provavelmente dando ao seu amigo “Kruppie” mais crédito do que ele merece, mas vale a pena tentar. — Fique ali — continuou, apontando para a outra extremidade da sala.

— Vou destrancar a porta e quando o garçom chegar, mande entrar — em russo.

— E você?

— No corredor tem uma máquina de gelo que não funciona, mas fica num cubículo ao lado da máquina de Pepsi, que também não funciona. Vou ficar lá dentro.

— Graças a Deus pelos capitalistas, por mais errados que estejam. Vá então!

O homem da Medusa, antes chamado Delta Um, abriu a porta, olhou para os dois lados do corredor do Metrópole e correu até a alcova onde estavam as duas máquinas, agachando-se, encostado na parede dos fundos. Esperou, com dor nas pernas e nos joelhos — dores que não *sentia* antes — e então ouviu o som do carrinho da copa. O carro, coberto com uma toalha de mesa, passou e seguiu para a porta da suíte. Jason observou o homem jovem, louro e baixo, de gestos obsequiosos, parar na porta e bater cautelosamente. Esse não era Carlos, pensou Jason, levantando-se.

Ouviu a voz abafada de Conklin, mandando entrar e quando o jovem abriu a porta e entrou com o carrinho, Jason, calmamente, guardou a arma no cinto. Inclinou-se para massagear a perna dolorida, sentindo o músculo enrijecido.

Tudo aconteceu com o impacto de Uma onda furiosa batendo na rocha. Um vulto vestido de negro saltou de uma reentrância invisível do corredor e passou correndo pelo cubículo das máquinas. Bourne, com um gesto rápido, encostou na parede. Era o *Chacal*!

LOUCURA! Com toda a força, Carlos bateu com o ombro direito no garçom louro, atirando-o para a extremidade do corredor. A mesa virou de lado e os pratos esfacelaram-se no tapete. De repente, num movimento incrível, o garçom girou o corpo para a esquerda, ainda no ar, e tirou uma arma do cinto. O Chacal viu ou sentiu o movimento. Voltou-se rapidamente e com uma saraivada rápida da automática pregou o homem na parede, acertando a cabeça e o torso do russo louro. Naquele momento horrível, que pareceu, uma eternidade, a arma de Bourne enganchou na cintura da sua calça. Jason rasgou o tecido e seus olhos encontraram-se com a fúria assassina e o triunfo dos olhos de Carlos.

Jason soltou a arma, girou o corpo, agachando-se dentro da pequena alcova, e à rajada de balas destroçou as partes da frente das duas máquinas. Deitado de bruços, Bourne adiantou-se para fora do cubículo, atirando com a maior velocidade possível. Ouviu outros tiros, não de uma metralhadora portátil. Alex estava atirando de dentro da suíte! Carlos estava entre dois fogos! Era possível — tudo podia terminar num corredor de hotel, em Moscou! Tomara que aconteça, tomara que *aconteça!*

O Chacal soltou um rugido desafiador de fera ferida. Bourne girou o corpo para dentro da alcova, distraído brevemente pelo barulho da máquina de gelo que começou a funcionar. Agachado, com o rosto encostado na parede lateral do cubículo, olhou para o corredor no momento em que a insanidade assassina atingiu o máximo na loucura febril do combate quase corpo a corpo. Como um animal furioso enjaulado, o Chacal ferido girava o corpo a esmo, atirando seguidamente nas paredes que pareciam se fechar sobre ele. Jason ouviu dois gritos estridentes que vinham do fim do corredor, um de homem, outro de mulher, um casal morto ou ferido pela rajada descontrolada da arma assassina.

— Abaixese! — O grito de Conklin, no outro lado do corredor, era uma ordem, para quem Jason não sabia. — Proteja-se! Agarre a droga da parede! — Bourne obedeceu, compreendendo apenas que devia entrar no menor espaço que encontrasse, protegendo a cabeça o mais possível. O *canto*. Ele se atirou pára a frente quando a primeira explosão fez estremecer as paredes — em algum lugar —, depois a segunda, muito mais perto, o barulho muito maior, no corredor. *Granadas!*

A fumaça subiu no ar, misturada com reboco e vidros partidos. *Tiros*. Nove, um depois do outro — uma automática Graz Burya... *Alex!* Jason saiu rapidamente da alcova. Conklin, de pé na porta da suíte, ao lado da mesa derrubada, tirou o pente vazio da arma e procurou outro nos bolsos da calça.

— Não estou com o outro! — gritou furioso, referindo-se ao pente de balas deixado por Krupkin. — Ele correu para o outro corredor, e eu não tenho mais nenhuma droga de *bala*.

— Eu tenho e sou mais rápido do que você — disse Jason, recarregando sua arma. — Volte para dentro e telefone para a portaria. Mande tirar todo mundo do saguão.

— Krupkin disse...

— Para o diabo com o que ele disse! Mande fechar os elevadores, bloquear todas as saídas das escadas, e fiquem longe deste andar!

— Compreendo o que você quer fazer...

— *Faça* isso! — Bourne correu pelo corredor, estremecendo quando passou pelo casal ferido. Os dois estavam vivos, gemendo de dor. Suas roupas estavam ensanguentadas, mas eles se *moviam*! Bourne voltou-se e gritou para Alex, que estava perto da mesa, na porta da suíte. — Mande trazer socorro! — Apontou para uma porta no corredor. — Eles estão vivos! Mande usar esta porta, *só* está! A caçada começou, ajudada e ao mesmo tempo prejudicada pelo fato de a notícia do que estava acontecendo ter se espalhado por todas as alas do décimo andar do Metrópole. Não era preciso muita imaginação para compreender que inúmeras pessoas em pânico estavam ligando para a portaria do hotel enquanto os tiros ecoavam pelos corredores. A equipe tática de Krupkin, em trajes civis, fora anulada pela primeira rajada de balas da automática do Chacal.

Onde *estava* ele? Havia outra porta no fim do longo corredor em que Jason acabava de entrar, mas havia também uns 15 ou 18 quartos naquela ala. Carlos não era tolo e ferido como estava ia se valer de tudo que aprendera em sua longa vida de violência para sobreviver, nem que fosse só até conseguir o que desejava mais do que a própria vida, matar Jason Bourne... Bourne compreendeu a exatidão dessa análise quando viu que estava descrevendo a si mesmo. O que o velho Fontaine havia dito em Tranqüilidade, naquele quarto de depósito, enquanto observavam os padres, sabendo que um deles fora comprado pelo Chacal? "... Dois leões envelhecidos tocaiando um ao outro, sem se importar com quem matavam no seu fogo cruzado." Palavras de Fontaine, o homem que sacrificou a vida por um quase desconhecido porque sua mulher não existia mais, porque a mulher que ele amava estava morta. Caminhando cautelosamente para a primeira porta à direita, Jason imaginava se faria o mesmo. Queria desesperadamente viver — com Marie e os filhos — mas se ela se fosse... se eles se fossem... será que a vida ainda teria importância? Desistiria dela se visse em outro homem um reflexo de algo que existia nele também?

Não tinha *tempo*. David Webb, não tenho tempo agora para sua meditação, para sua fraqueza. Afaste-se de mim. Preciso atrair para campo aberto uma ave de rapina

que procuro há 13 anos. Suas garras são afiadas como navalhas e ela já matou demais, vezes sem conta, e agora quer matar os meus — *sua* família. Afaste-se de mim!

Manchas de sangue! No tapete marrom-escuro, as gotinhas brilhavam à luz fraca do corredor. Bourne abaixou-se e tocou uma delas com a ponta do dedo. Estavam úmidas, vermelhas — sangue. A trilha de sangue passava pela primeira porta, depois a segunda, sempre à esquerda — depois cruzava o corredor e o desenho era diferente, não seguia mais em linha reta, mas em ziguezague, como se o ferimento tivesse sido localizado e a hemorragia estancada em parte. Jason acompanhou a trilha de sangue que passava pela sexta porta à direita, a sétima... e então, desaparecia — *não*, não completamente. Um filete vermelho, quase invisível, seguia para a esquerda, atravessava o corredor — lá *estava!* Uma leve mancha de sangue logo acima da maçaneta da oitava porta da esquerda, a menos de seis metros da porta que dava para a escada. Carlos estava atrás daquela porta, talvez mantendo os hóspedes como reféns.

A precisão era tudo agora, cada movimento, cada som concentrados na captura da presa. Respirando controladamente, impondo ao próprio corpo a eliminação dos espasmos musculares involuntários, Bourne, silenciosamente, voltou pelo caminho que tinha feito. A uns trinta passos da oitava porta à esquerda, voltou-se bruscamente. Atrás das portas fechadas do corredor, soavam soluços esporádicos e choro nervoso. Os hóspedes haviam recebido ordens numa linguagem muito diferente das instruções de Krupkin. *Fiquem nos quartos, por favor. Não deixem ninguém entrar. Nossos homens estão investigando.* Era sempre “nossos homens”, nunca “a polícia”, nunca “as autoridades”, porque essas palavras significavam pânico. E pânico era exatamente o que Delta Um da Medusa pretendia provocar. Pânico e diversão, os eternos componentes da caçada humana, aliados da armadilha mortal.

Jason ergueu a Graz Burya e atirou duas vezes num dós lustres ornados do corredor, acompanhando com gritos furiosos as explosões e o ruído do vidro partido que caía do teto. “Lá vai ele! Um terno negro!” Bourne correu, batendo os pés com força no chão até a oitava porta da esquerda e passou por ela, gritando outra vez. “A saída... a *saída!*” Parou bruscamente, deu mais um tiro em outro lustre e com o ruído dos tiros e dos vidros partidos abafando seus passos, girou o corpo e encostou na parede, de frente para a oitava porta. Então, num movimento rápido, lançou-se contra a porta, arrombando-a no ímpeto do assalto e atirou-se no chão do quarto com a arma erguida, preparado para fogo rápido.

Jason estava *errado!* Percebeu isso imediatamente — estava sendo armada uma contra-armadilha final. Outra porta se abriu em algum lugar do corredor — ele ouviu ou *sentiu*, instintivamente. Furioso, rolou para a direita, derrubando com a

perna uma luminária, vendo de relance um casal de velhos agachado na outra extremidade do quarto.

O vulto vestido de branco irrompeu no quarto atirando a esmo, numa seqüência ensurdecadora. Bourne atirou repetidamente no vulto branco e saltou para a parede da esquerda, percebendo que, por uma fração de segundo, ficaria no ponto invisível para o assassino, à sua direita. Foi o *suficiente!*

Jason acertou o ombro do Chacal — o ombro direito! Ele dobrou o braço instintivamente, soltando a arma. Sem interromper o movimento do corpo, Carlos girou o corpo, o manto branco abriu-se, enfunado como uma vela ao vento e, levando a mão esquerda ao ferimento provocado pela Graz Burya, chutou a luminária contra o rosto de Jason.

Bourne atirou outra vez, sua visão prejudicada pela cúpula da pesada luminária, o tiro desviado pelo pé de bronze. Jason firmou a arma e apertou o gatilho, mas ouviu apenas o estalido seco e metálico — a automática estava descarregada! Agachando-se, estendeu a mão para a arma de Carlos caída no chão, enquanto o vulto vestido de branco correu para o corredor. Jason levantou-se, mas seu joelho cedeu! Oh, *Cristo!* Arrastou-se para a cama e mergulhou para debaixo dela, tentando alcançar o telefone na mesa-de-cabeceira do outro lado. A mesa e o telefone estavam esfacelados no chão! A mente ensandecida de Carlos recorria a todas as táticas, a todos os contra-ataques que ele conhecia.

Outro som! Alto e brusco. A tranca da saída para a escada foi erguida e a porta pesada de metal bateu com força na parede. O Chacal estava descendo para o saguão. Se os homens na portaria tinham obedecido às ordens de Conklin, ele estava *encurralado!*

Bourne olhou para o casal de velhos, notando que o homem protegia a mulher com o próprio corpo.

— Está tudo bem — disse ele, em voz baixa, procurando acalmá-los. — Sei que vocês talvez não compreendam a minha língua — eu não falo russo — mas estão seguros agora.

— Nós também não falamos russo — disse o inglês, desconfiado ainda, olhando atentamente para Bourne e começando a se levantar. — Trinta anos atrás eu estaria de pé naquela porta! Oitavo exército, com Monty, sabe? Muito heróico em El Alamein — nós todos, é claro. Parafraseando: a idade enfraquece, como dizem.

— Prefiro não ouvir isso, general...

— Não, não, um mero brigadeiro...

— Ótimo! — Bourne sentou na cama, tentando movimentar o joelho. Fosse o que fosse, foi resolvido com um estalido seco. — Preciso de um telefone!

— Na verdade, o que me deixou furioso foi aquele maldito manto! — continuou o veterano de El Alamein. — Uma merda de vergonha, isto é que é —

desculpe, querida.

— Do que está falando?

— O *manto* branco, rapaz! Tem de ser o de Binky — o casal no outro lado do corredor, que está viajando conosco. Deve ter apanhado naquele Beau Rivage, em Lausanne. O roubo já foi uma vergonha, mas ter dado o manto para este *porco* é imperdoável!

Jason apanhou a arma do Chacal e correu para o corredor, certo de que “Binky” merecia mais admiração do que o brigadeiro lhe concedia. Ele estava no chão, sangrando dos ferimentos de faca na barriga e no pescoço.

— *Não consigo falar com ninguém!* — gritou a mulher grisalha ajoelhada ao lado da vítima, chorando histericamente. — Ele lutou como um louco — de certo modo sabia que o padre não ia atirar!

— Mantenha os ferimentos fechados do melhor modo possível — gritou Bourne, olhando para o telefone. Estava intacto! Em vez de ligar para a portaria, Jason discou p número da suíte.

— *Krupkin?* — exclamou Alex.

— Não, eu! *Primeiro:* Carlos está na escada — do corredor em que eu estou! *Segundo:* tem um homem ferido nesse mesmo corredor, sétima porta à direita! *Depressa!*

— O mais depressa possível. Tenho uma linha aberta para o escritório.

— Onde diabo está a equipe do KGB?

— Acabaram de chegar. Krupkin ligou há pouco do saguão — por isso pensei que você fosse...

— Estou indo para a escada!

— Pelo amor de Deus, *por quê?*

— Porque ele é *meu!*

Jason correu para a porta, sem nenhuma palavra de conforto para a mulher histérica, não tinha nenhuma a oferecer. Chegou à escada com a arma do Chacal na mão. Começou a descer, ouvindo o som dos próprios passos. Parou no sétimo andar e tirou os sapatos e as meias. De certo modo a superfície fria sob seus pés lembrava a selva, o contato direto com a relva úmida, e isso parecia infundir nova coragem — a selva sempre foi a grande amiga de Delta Um.

Continuou a descida, seguindo a trilha de sangue, mais larga agora, pois o último ferimento era grave demais para se resolver com uma simples pressão. A pressão foi aplicada duas vezes, uma no quinto andar e a outra perto da porta do terceiro, onde manchas de sangue escuro indicavam que ele tivera dificuldade para manipular as fechaduras externas sem as chaves de segurança.

O segundo andar, depois o primeiro, não havia mais *nenhum!* Carlos *estava* encurralado! Em algum lugar, no escuro, estava a morte do assassino que libertaria

Bourne para sempre. Bourne tirou do bolso uma caixa de fósforos do Metrópole, encostou na parede e, acendendo um fósforo, pôs fogo na caixa. Atirou o pedaço de papelão em chamas por cima do corrimão, com a arma pronta para atirar ab menor movimento.

Nada. *Nada!* O primeiro andar estava deserto — não havia ninguém lá! Impossível! Jason desceu correndo c último lance da escada e bateu com força na porta que dava para o saguão.

— *Shto?* — gritaram do outro lado. — *Kto tam?*

— Sou americano! Estou trabalhando com o KGB! Deixe-me entrar!

— *Shto...?*

— Eu entendi — gritou outra voz. — E por favor, compreenda que muitas armas estarão apontadas para você quando a porta for aberta. Compreendeu?

— Compreendi! — gritou Bourne, no último instante lembrando-se de jogar no chão a arma do Chacal. A porta se abriu.

— *Da!* — disse o oficial de polícia soviético, corrigindo-se imediatamente quando viu a metralhadora portátil aos pés de Jason. — *Nyet!* — gritou o homem.

— *Nye za shto?* — disse Krupkin ofegante, lançando-se para a frente.

— *Pochemu?*

— *Komitet?*

— *Prekrasno.* — O policial balançou a cabeça afirmativamente num gesto obediente, mas não saiu do lugar.

— Ele estava *aqui!* — murmurou Bourne, em voz baixa e intensa que definia sua incredulidade.

— O *Chacal*? — perguntou Krupkin, atônito.

— Ele desceu por aquela escada! Não podia ter saído em nenhum andar. Todas as saídas de incêndio estão fechadas por fora — só as trancas de metal podem abri-las.

— *Shazhi* — disse o homem do KGB para o guarda do hotel, e continuou, em russo. — Alguém passou por aquela porta nos últimos dez minutos, depois das ordens para fechar todas as portas?

— Não, senhor — respondeu o *mititsiya*. — Só uma mulher histérica com um roupão sujo. Em pânico, ela caiu no banheiro e se cortou. Pensamos que ia ter um enfarte, do jeito que ela gritava. Nós a levamos imediatamente para a enfermaria.

Krupkin voltou-se para Jason e repetiu em inglês:

— Só uma mulher passou por aquela porta. Uma mulher em pânico que se cortou no banheiro.

— Uma *mulher*? Ele tem certeza?... De que cor era o cabelo dela?

Dimitri perguntou ao guarda e voltou-se outra vez para Bourne.

— Ele diz que era avermelhado e muito crespo.

— *Avermelhado?* — Uma imagem muito desagradável desenhou-se na mente de Jason. — Um telefone interno — não, da portaria! Venha, posso precisar da sua ajuda. — Seguido por Krupkin, Bourne, descalço, correu para o balcão de recepção. — Você fala inglês?

— É claro, muito bem, até alguns dialetos, senhor.

— O plano dos quartos do décimo andar. *Depressa!*

— Senhor?

Krupkin traduziu, e um livro grande de folhas soltas, cada uma dentro de um envelope de plástico, foi colocado sobre o balcão.

— *Este quarto!* — disse Jason, apontando e fazendo o possível para não assustar o recepcionista. — Ligue para lá! Se o telefone estiver ocupado, interrompa a ligação!

Krupkin traduziu outra vez e puseram um telefone na frente de Bourne. Ele disse:

— Aqui é o homem que esteve no seu quarto há pouco...

— Oh, sim, é claro, caro rapaz. *Muito obrigado!* O médico está aqui e Binky...

— Preciso saber uma coisa imediatamente... Vocês têm perucas, ou meias perucas no quarto?

— Eu diria que é uma pergunta muito *impertinente*...

— Minha senhora, não tenho *tempo* para delicadezas, preciso saber! Têm ou não?

— Bem, sim, eu tenho. Na verdade, não é segredo, todas as minhas amigas sabem e desculpam o artifício. Você compreende, meu caro rapaz, sou diabética... meu cabelo é muito ralo.

— Uma das suas perucas é vermelha?

— Para falar a verdade, é. Gosto de mudar... Bourne desligou o telefone e olhou para Krupkin.

— O filho da mãe conseguiu! Era *Carlos!*

— Venha comigo! — disse Krupkin, e os dois dirigiram-se para os escritórios no Metrópole. Entraram na enfermaria e pararam, horrorizados.

Rolos de gaze e de esparadrapo, seringas e vidros de antibióticos quebrados estavam espalhados pela mesa de exame e no chão, como se alguém tivesse feito um curativo em pânico e com muita pressa. Porém, o que os dois homens realmente viram foi a mulher que havia atendido o louco paciente. A enfermeira do Metrópole estava na cadeira, com a cabeça para trás, sobre o encosto, a garganta cirurgicamente cortada e com um filete de sangue escorrendo pelo uniforme imaculadamente branco. *Loucura!*

De pé ao lado da mesa da sala, Krupkin falava ao telefone, enquanto Alex Conklin, sentado no sofá de brocado, massageava a perna. Bourne, na janela, olhava

para a Marx Prospekt. Alex ergueu os olhos para o oficial do KGB com um sorriso. Krupkin fez um gesto afirmativo. Uma mensagem estava sendo transmitida entre os dois. Eram adversários iguais numa guerra infundável e fútil na qual apenas batalhas eram ganhas, mas os conflitos filosóficos jamais eram resolvidos.

— Tenho sua garantia então, camarada — disse Krupkin, em russo — e para ser franco, vou cobrar... É claro que estou gravando esta conversa. Você não faria o mesmo?... Ótimo! Nós nos entendemos e entendemos nossas responsabilidades, portanto vamos recapitular. O homem está gravemente ferido, portanto todos os serviços de táxi e todos os médicos e hospitais foram avisados. A descrição do carro roubado foi distribuída por toda a cidade e qualquer sinal do homem ou do carro será levado somente ao seu conhecimento. A pena por não obedecer a essas ordens é a Lubyanka, quero que isso fique bem claro... Ótimo! Temos um acordo e espero notícias suas logo que tiver alguma informação, certo?... Não tenha uma parada cardíaca, camarada. Sei perfeitamente que é meu superior, mas *esta* é uma sociedade proletária, certo? Simplesmente siga o conselho de um subordinado muito experiente. Tenha um bom dia... Não, não é uma ameaça, apenas uma frase que aprendi em Paris — de origem americana, eu acho. — Krupkin desligou e deu um suspiro. — Havia algo de bom na nossa aristocracia educada e completamente desaparecida, eu acho.

— Não diga isso em voz alta — observou Conklin, indicando o telefone. — Não aconteceu nada ainda, ao que entendi.

— Nada que exija ação imediata, apenas uma coisa interessante, fascinante mesmo, na sua natureza macabra.

— Suponho que está falando de Carlos.

— Isso mesmo — Krupkin balançou a cabeça quando Jason olhou para ele. — Quando passei por meu escritório, para me juntar à equipe de assalto, encontrei na minha mesa oito envelopes pardos grandes. Só um estava aberto. A polícia os encontrou na Vavilova e, fiel aos seus hábitos, depois de ler o primeiro, nem quis abrir os outros.

— O que havia neles? — perguntou Alex com uma risada. — Segredos de Estado revelando que todo o Politburo é gay?

— Talvez você não esteja muito longe da verdade — interrompeu Jason. — Era a equipe de Moscou do Chacal, na Vavilova. Ele devia estar mostrando toda a sujeira que havia descoberto sobre cada um ou entregando a eles a sujeira dos outros.

— E o segundo caso — disse Krupkin. — Uma coleção de acusações absurdas aos chefes dos nossos principais ministérios.

— Ele tem cofres e cofres cheios desse lixo. É o método operacional padronizado de Carlos. É assim que ele compra entrada para os círculos que, de

outro modo, nunca poderia penetrar.

— Então, eu não fui muito claro, Jason — disse o oficial do KGB. — Quando eu digo absurdas, quero dizer exatamente isso — inacreditáveis! Loucura!

— Quase sempre ele acerta no alvo. Não leve sua opinião a nenhum banco.

— Se fosse possível, eu levaria e ia conseguir um bom empréstimo, dando-a como colateral. A maioria das informações é tirada dos piores jornais sensacionalistas — nada de estranho nisso, é claro —, mas ao lado dessas tolices há distorções evidentes de tempo, lugares, funções e até mesmo de identidades. Por exemplo, o Ministério dos Transportes não fica onde diz uma das informações, mas um quarteirão adiante, e um certo camarada *direktor* não é casado com a mulher citada, mas com outra — a mulher mencionada é filha dele e não está em Moscou, mas em Cuba, para onde foi há seis anos. Além disso, o homem dado como chefe da Rádio Moscou e acusado de quase tudo, menos de transar com cães, morreu há 11 meses e todos sabiam que era católico ortodoxo e que teria sido muito mais feliz como padre... Localizei essas mentiras evidentes em poucos minutos, porque estava com pressa, mas tenho certeza de que há muitas mais.

— Está dizendo que Carlos foi enganado?

— De modo tão absurdo — embora compilado com extrema convicção — que as acusações seriam motivo de riso para os mais rígidos tribunais doutrinários. Quem forneceu essas informações melodramáticas teve o cuidado de incluir a negação automática das mesmas.

— Rodchenko? — perguntou Bourne.

— Não podia ser outro. Grigorie — estou dizendo “Grigorie”, mas nunca o chamei assim, pessoalmente, era sempre “general” — era um estrategista consumado, o protótipo do sobrevivente, bem como um marxista convicto. Controle era sua palavra-chave, na verdade, seu vício, e se pudesse controlar o Chacal para servir aos interesses da Mãe Pátria, isso seria motivo de imensa alegria para ele. Mas o Chacal o matou com aqueles tiros simbólicos no pescoço. Foi traição ou descuido da parte de Rodchenko? Qual dos dois? Jamais saberemos.

O telefone tocou e Krupkin atendeu imediatamente.

— *Da?* — Krupkin fez sinal a Conklin para colocar a prótese, enquanto dizia, em russo, ao telefone: — Agora, ouça com atenção, camarada. A polícia não deve fazer nada — acima de tudo, não deve se mostrar. Mande um dos seus veículos comuns substituir a radiopatrulha, entendeu?... Ótimo. Usaremos a frequência Moréia.

— Alguma pista? — perguntou Bourne, afastando-se da janela.

— Perfeita! — respondeu Krupkin. — Viram o carro na estrada de Nemchinovka, indo para Odintsovo.

— Isso não me diz nada. O que há em Odintsovo, ou seja lá como se chama?

— Não sei exatamente, mas devemos supor que ele sabe. Lembrem-se, ele conhece Moscou e as vizinhanças da cidade. Odintsovo é o que se pode chamar de subúrbio industrial, a uns trinta minutos do centro...

— *Droga!* — gritou Alex, tentando adaptar a prótese. — Deixe que eu faça isso — disse Jason, num tom que não admitia objeções, ajoelhando e manipulando as tiras de pano grosso. — Por que Carlos está usando ainda o carro de Dzerzhinsky? — continuou Bourne, dirigindo-se a Krupkin — Não combina com ele correr esse risco.

— Combina, se não tiver escolha. Ele deve saber que todos os táxis de Moscou são um braço silencioso do governo e, afinal de contas, ele está gravemente ferido e sem a arma que havia reservado para acabar com você. Não está em condição de ameaçar um motorista, nem de roubar um carro... Além disso, ele chegou muito depressa na Nemchinovka. O carro foi visto por puro acaso. A estrada quase não tem movimento, o que provavelmente ele também sabe.

— Vamos sair daqui! — exclamou Conklin, irritado com a atenção de Jason e com a própria invalidez. Levantou-se, com um gesto brusco, recusou a mão que Krupkin estendia e dirigiu-se para a porta. — Podemos conversar no carro. Estamos perdendo tempo.

— Moréia, responda, por favor — disse Krupkin, em russo, ao lado do motorista da equipe de assalto, com o microfone perto dos lábios, a mão no painel de controle. — Moréia, se está me ouvindo, responda.

— Que diabo ele está dizendo? — perguntou Bourne, no banco de trás, ao lado de Alex.

— Está tentando falar com o carro do KGB que está seguindo Carlos. Ele fica passando de uma frequência para outra. É o código Moréia.

— O código o quê?

— É uma espécie de cobra aquática, Jason — disse Krupkin, olhando para trás. — Da família dos murianídeos, com guelras porosas e capacidade para descer a grandes profundidades. Algumas espécies são mortais.

— Muito obrigado, Peter Lorre — disse Bourne.

— Muito boa — disse o agente do KGB, com uma risada. — Mas tem de admitir que é uma comparação apropriada. Poucos rádios podem transmitir ou receber nessa frequência.

— Quando vocês a roubaram de nós?

— Oh, não de vocês, de modo nenhum. Dos britânicos, é verdade. Como sempre, Londres é muito discreta a respeito dessas coisas, mas estão muito mais avançados do que vocês e os japoneses em certas áreas. É aquele maldito MI-Seis. Eles jantam nos seus clubes em Knightsbridge, fumam seus cachimbos horríveis, bancam os inocentes e nos mandam espiões treinados no Old Vic.

— Eles também cometeram algumas “ratas” — disse Conklin, defensivamente.

— Mais nas suas revelações de revolta do que na realidade, Aleksei. Você está afastado há muito tempo. Nós perdemos muito mais do que eles nesse departamento, mas os britânicos sabem como tratar o constrangimento público — nós ainda não aprendemos essa arte milenar. Enterramos nossas ratas, como você diz. Procuramos conquistar a respeitabilidade que tantas vezes foge de nós. Bem, acho que, historicamente, somos muito mais jovens do que eles. — Krupkin voltou a falar russo. — *Moréia*, responda, por favor! Estou chegando ao fim do espectro. Onde você está, Moréia?

— Pare *aí*, camarada! — disse a voz metálica no alto-falante. — Estamos em contato. Está me ouvindo?

— Você parece um castrado, mas estou ouvindo.

— Deve ser o camarada Krupkin...

— Quem você esperava que fosse, o Papa? Quem é você?

— Orlov.

— Ótimo. Você sabe o que está fazendo?

— Espero que *você* saiba, Dimitri.

— Por que diz isso?

— Por causa das suas ordens absurdas de *não fazer nada*. Estamos a dois quilômetros do prédio — nosso carro está fora da estrada, numa pequena colina —, e estamos vigiando o veículo. Está no estacionamento e o suspeito dentro do prédio.

— Que prédio? Que colina? Não me disse nada.

— O Arsenal Kubinka.

Conklin inclinou-se bruscamente para a frente.

— Oh, meu Deus! — exclamou ele.

— O que foi? — perguntou Bourne.

— Ele está num arsenal. — Bourne franziu a testa, sem entender. — Aqui, os arsenais são muito mais do que campos fechados para desfiles de veteranos e reservistas. São centros de treinamento e armazéns de armas e munições.

— Ele não estava indo para Odintsovo — disse Krupkin. — O arsenal fica mais para o sul, a uns quatro ou cinco quilômetros da cidade. Ele já esteve lá antes.

— Esses lugares devem ter segurança máxima — disse Bourne. — Ele não pode ir entrando sem mais nem menos.

— Ele já entrou — disse o agente do KGB em Paris.

— Quero dizer, em áreas restritas — como depósitos de armas.

— É isso que me preocupa — disse Krupkin, com o microfone na mão. — Se ele já esteve lá antes — e evidentemente já esteve —, o que ele sabe sobre as instalações... *quem* ele conhece lá dentro?

— Chame o arsenal pelo rádio e mande detê-lo — sugeriu Jason.

— E se eu falar com a pessoa errada, ou se ele já estiver armado e começar a atirar? Um telefonema, um sinal de hostilidade, até mesmo o aparecimento de um carro estranho, podem provocar uma carnificina, a morte de dezenas de homens e mulheres. Vimos o que ele fez no Metrópole, na Vavilova. Ele está descontrolado, completamente louco.

— *Dimitri* — disse a voz metálica no rádio. — Alguma coisa está acontecendo. O homem acaba de sair por uma porta lateral com um saco de estopa na mão e vai indo para o carro... Camarada, não tenho certeza de que é o mesmo homem. Provavelmente é, mas tem alguma coisa diferente.

— O que quer dizer? A roupa?

— Não. Está com um terno escuro e com o braço direito na tipóia, como antes... mas está se movendo mais depressa, com o passo mais firme, o corpo mais empertigado.

— Está dizendo que não parece ferido, é isso?

— Acho que sim, sim, é o que estou dizendo.

— Ele pode estar fingindo — disse Conklin. — Aquele filho da mãe pode estar dando o último suspiro e convencer a gente de que está pronto para a maratona.

— Para quê, Aleksei? Por que fingir que não está ferido?

— Não sei, mas se seu homem pode vê-lo, pode ver o carro também. Talvez ele só esteja com uma pressa danada.

— O que está acontecendo? — perguntou Bourne, irritado.

— Alguém saiu com um saco cheio de mercadoria e está indo para o carro — disse Conklin, em inglês.

— Pelo amor de Deus, detenham o homem!

— Não temos certeza de que é o Chacal — disse Krupkin. — A roupa é a mesma, e está com o braço na tipóia, mas há certas diferenças...

— Então, ele quer que pensem que *não é* ele! — disse Jason, com firmeza.

— *Shto?*... O quê?

— Ele está se colocando no seu lugar, pensando como você está pensando, e desse modo *passando na sua frente*. Ele pode saber ou não que está sendo vigiado, que viram o carro, mas tem de supor o pior e agir de acordo. Em quanto tempo estaremos lá?

— Do jeito maluco que meu jovem camarada está dirigindo, eu diria que dentro de três ou quatro minutos.

— *Krupkin!* — soou a voz no rádio. — Quatro pessoas saíram agora — três homens e uma mulher. Estão correndo para o carro!

— O que ele disse? — perguntou Bourne. Alex traduziu e Jason franziu a testa. — Reféns? — murmurou, como que falando para si mesmo. — Ele acaba de cometer um *erro!* — Delta Um da Medusa inclinou-se para a frente e tocou o ombro

de Krupkin. — Diga ao seu homem para sair de onde está logo que o carro partir e ele souber para onde está indo. Diga a ele para se mostrar, para tocar a buzina como doido quando passar pela frente do arsenal, por onde ele *deve* passar, de qualquer jeito!

— Meu *caro* amigo — explodiu o soviético. — Pode *me* explicar o motivo dessa ordem?

— O seu companheiro estava certo e eu estava errado. O homem com a tipóia não é Carlos. O Chacal está lá dentro, esperando que a cavalaria passe pelo forte para sair em outro carro — se é que existe uma cavalaria.

— Em nome do nosso adorado Karl Marx, *explique* como chegou a essa conclusão contraditória!

— Simples. Ele cometeu um erro... Mesmo que você pudesse, não ia atirar naquele carro, ia?

— Certo, não ia atirar. Há três ou quatro pessoas dentro dele, sem dúvida cidadãos soviéticos inocentes obrigados a parecer cúmplices.

— Reféns?

— Sim, é claro.

— Quando foi a última vez que você ouviu falar de gente correndo voluntariamente para *se tornar* refém? Mesmo que tivesse alguém apontando uma arma, de dentro da porta, um ou dois, senão todos, tentariam se proteger atrás dos carros do estacionamento.

— Tem razão...

— Mas você estava certo sobre uma coisa. Carlos tem um contato dentro do arsenal — o homem com a tipóia. Pode ser só um russo inocente com um irmão ou uma irmã em Paris, mas o Chacal é dono dele.

— *Dimitri!* — gritou a voz metálica, em russo. — O carro está saindo a toda do estacionamento.

Krupkin apertou o botão para transmitir e deu suas ordens. Deviam seguir o carro até a fronteira com a Finlândia, se fosse necessário, mas procurar detê-lo sem violência e chamar a polícia, se precisassem. A última ordem era passar pela frente do arsenal, tocando a buzina várias vezes. O agente Orlov perguntou em russo coloquial:

— Por que droga de merda tocar a buzina?

— Porque eu tive uma visão de São Nicolau, o Bom! Além disso, sou seu superior muito caridoso. *Faça* o que eu mandei!

— Você não está bem, Dimitri.

— E você quer um fantástico relatório que vai mandá-lo diretamente para Tashkent?

— Estou a caminho, camarada. Krupkin pôs o microfone rio lugar.

— Tudo procede — disse ele, virando para trás. — Se posso escolher minha morte ao lado de um assassino louco ou de um lunático que demonstra um certo senso de decência, acho que escolho o segundo. Contrariando os céticos mais esclarecidos, acho que existe um Deus, afinal... Aleksei, você não quer comprar uma casa no lago, em Genebra?

— Talvez eu compre — disse Bourne. — Se eu viver até o fim deste dia e fizer o que pretendo, você me diz o preço. Não vou pechinchar.

— Ei, David — disse Conklin —, Marie ganhou aquele dinheiro, não você.

— Ela sempre ouve o que eu digo. O que ele diz.

— Que história é essa, seja lá você quem for? — perguntou Krupkin.

— Quero que me dê todas as armas que tiver na mala deste carro e me deixe no meio da relva, na frente do arsenal. Depois, dê-me uns dois minutos para me posicionar e entre ostensivamente no estacionamento — o mais ostensivamente possível — e então, vendo que o carro não está mais lá, saia a toda para a estrada.

— E deixamos você *sozinho*? — exclamou Alex.

— Só assim eu posso pegá-lo. É o único modo de apanhá-lo.

— *Loucura!* — disse Krupkin, indignado.

— Não, Kruppie, realidade — disse Jason Bourne, calmamente. — É como no começo. Um contra um, é o único jeito.

— *Isso é heroísmo de calouro!* — rugiu o russo, batendo com a mão no encosto do banco. — Pior, é uma estratégia ridícula. Se você está certo, eu posso cercar o arsenal com centenas de homens!

— O que exatamente ele ia querer que você fizesse — o que eu ia querer, se eu fosse Carlos. Você não compreende? Ele pode fugir no meio da confusão, no meio de tanta gente — isso não é problema para nenhum de nós, já fizemos milhares de vezes antes. Multidões e ansiedade são nossa proteção — é brinquedo de criança. Uma faca num uniforme, o uniforme no nosso corpo, uma granada no meio dos soldados, e depois da explosão, somos uma das vítimas cambaleantes — isso é programa de amador para assassinos pagos. Acredite — contra a minha vontade, eu me tornei um deles.

— Então, o que acha que pode fazer sozinho, *Báíman*? — perguntou Conklin, massageando furiosamente a perna.

— Tocaíar o assassino que quer me matar — e apanhá-lo — Você é uma merda de um megalomaníaco!

— Está absolutamente certo. É o único modo de funcionar no jogo da morte. É a única vantagem que temos.

— *Insanidade!* — resmungou Krupkin.

— Permita-me então, tenho direito a um pouco de insanidade. Se eu achasse que todo o exército russo podia garantir minha sobrevivência, eu gritaria por ele.

Mas não pode. Este é o único modo... Pare o carro que quero escolher as armas.

O SEDÃ VERDE-ESCURO do KGB fez a última curva na estrada que atravessava os campos, terminando a descida suave. Agora seguiam por um trecho plano ladeado por extensões de relva verde de verão, e aproximavam-se do prédio maciço e marrom do Arsenal Kubinka. A construção parecia erguer-se do solo, como uma caixa enorme e quadrada, um feio contraste criado pelo homem na paisagem rural, feito de madeira marrom com janelas pequenas, três andares e ocupando dois acres de terra. Como o prédio, a entrada era grande, quadrada e nua, a não ser pelo baixo-relevo acima da porta representando três soldados soviéticos nos ventos mortais da batalha, com os rifles em posição de combate, prontos para estourar as cabeças uns dos outros.

Armado com uma autêntica AK-47 russa e cinco pentes-padrão de trinta balas cada um, Bourne saltou do carro que seguia silencioso, em marcha lenta, escondendo-se imediatamente entre a relva, no outro lado da estrada, bem na frente do arsenal. O estacionamento enorme, com chão de terra, ficava à direita do prédio. O gramado da frente era limitado por uma cerca viva de plantas maltratadas e tinha no centro um mastro alto e branco com a bandeira soviética imóvel e flácida no ar parado da manhã. Jason atravessou correndo a estrada, com o corpo curvado e agachou-se ao lado da cerca. Tinha apenas alguns momentos para verificar, através dos arbustos, o sistema de segurança do arsenal. Aparentemente era informal, ou até mesmo inexistente. Na parede da direita, na entrada, havia uma janelinha como uma bilheteria de cinema, atrás da qual um guarda uniformizado lia uma revista, e ao lado dele, menos visível, outro dormia com a cabeça sobre, o balcão. Dois outros soldados apareceram nas portas duplas e enormes do arsenal, tranqüilos, um consultando o relógio, o outro acendendo um cigarro.

Essa era a segurança. Não esperavam nenhum assalto, não tinham sido assaltados, pelo menos o alarme não chegara até as patrulhas da frente do prédio, geralmente as primeiras a serem avisadas. Era sinistro, anormal, além de qualquer expectativa. O Chacal estava dentro da instalação militar, mas não havia nenhum sinal de invasão, nada indicava que, em algum lugar do complexo, ele estava controlando um pequeno número de pessoas — o homem da tipóia, os outros três homens e a mulher.

O estacionamento? Bourne não havia entendido a conversa entre Alex, Krupkin e o homem no rádio, mas percebia agora que, quando falaram das pessoas que corriam para o carro roubado, não se referiam à entrada principal! Devia haver uma

saída para o estacionamento! *Cristo*, em alguns segundos o chofer do Komitet ia ligar o motor e sair apressadamente do estacionamento, anunciando assim a chegada do veículo do governo e sua partida rápida e calamitosa. Se Carlos ia tentar fugir, seria nessa hora! Depois de esperar pela comunicação pelo rádio, cada momento que aumentasse a distância entre ele e o arsenal tornava mais difícil encontrar sua pista. E *ele*, Jason, a eficiente máquina de matar da Medusa, estava no lugar *errado*! Além disso, um civil correndo pelo gramado ou pela estrada com uma arma automática, dentro de um complexo militar, seria um convite para o desastre. Uma omissão pequena e estúpida! Três ou quatro palavras traduzidas e um ouvinte menos arrogante, ou mais interessado, teriam evitado aquele erro. Eram sempre as pequenas coisas, as coisas aparentemente insignificantes, que acinzentavam as operações negras. *Droga!*

A uns cem metros o seda do KGB ligou o motor e fez uma volta completa no estacionamento, erguendo nuvens de poeira, com os pneus lançando para longe pedaços de pedra. Bourne não tinha tempo para pensar, só para agir. Apoiou a AK-47 na perna direita, escondendo-a tanto quanto possível, e levantou-se, com a mão esquerda na parte superior da cerca viva — um jardineiro, talvez, preparando-se para o trabalho, ou um caminhante descontraído, nada que parecesse ameaçador, apenas uma cena comum. Para o observador casual, ele podia estar caminhando por ali há algum tempo sem ser notado.

Jason olhou para a entrada do arsenal. Os dois soldados estavam rindo, um deles outra vez consultando o relógio. Então, o objeto daquela espera saiu pela porta da esquerda, uma mulher morena e atraente, de vinte anos ou menos. Rindo, ela levou as duas mãos aos ouvidos, fez uma careta e caminhou rapidamente para o homem uniformizado que tanto se preocupava com as horas, beijando-o na boca. De braços dados, com a mulher no centro, os três caminharam para a direita, afastando-se da porta.

Uma batida! Metal contra metal, vidro partindo vidro, o som agudo e alto vinha do estacionamento. Alguma coisa tinha acontecido com o carro do Komitet, com Krupkin e Alex. O jovem chofer da equipe de assalto acabava de bater em outro carro. Usando o som como pretexto, Jason caminhou pela estrada, pensando em Conklin, com a perna dura para esconder melhor a arma. Virou a cabeça, esperando ver os dois soldados e a mulher correndo para o lugar do acidente, mas eles estavam correndo em direção *contrária*, fugindo de qualquer envolvimento com o desastre. Sem dúvida as violações preciosas dos regulamentos militares eram protegidas ciumentamente.

Deixando de mancar, Bourne atravessou a cerca viva e correu para a passagem de cimento que ia até o canto do prédio, aumentando a velocidade e respirando pesadamente. Jason agora segurava a arma na mão direita erguida, enquanto corria.

Chegou ofegante ao fim da passagem, as veias do pescoço saltadas, o suor inundando seu rosto, seu pescoço, sua camisa. Com a respiração entrecortada, firmou a AK-47 na posição de atirar, encostou na parede do prédio, depois entrou rapidamente no estacionamento e ficou paralisado com o que viu. O ruído dos seus passos e o latejar nos ouvidos, provocados pela ansiedade e pelo esforço físico, haviam impedido que ouvisse qualquer som à sua frente. O que estava vendo agora era o resultado de uma arma munida de silenciador. Quase com, frieza, Delta Um da Medusa sentiu que estava vendo uma cena tantas vezes repetida há muitos anos. Em certas circunstâncias, a morte tem de ser silenciosa — o silêncio completo era impossível, mas o objetivo era sempre o maior silêncio possível.

O jovem motorista da equipe de assalto do KGB estava no chão ao lado do carro verde-escuro, morto, com a cabeça crivada de balas. O carro batera na parte lateral do ônibus do governo que transportava funcionários das repartições. Como ou por quê, Bourne não sabia. Não sabia também se Alex e Krupkin estavam vivos. As janelas do carro estavam crivadas de balas e não se percebia qualquer movimento, o que sugeria o pior. Acima de tudo, naquele momento o Camaleão compreendeu que não podia deixar que a cena o afetasse — emoções eram *proibidas!* Se tivesse acontecido o pior, lamentaria depois, a vingança tinha de ser agora.

Pense! Como! *Depressa!*

Krupkin havia dito que “dezenas de homens e mulheres” trabalhavam no arsenal. Onde estavam eles? O Chacal não estava agindo num vácuo, era impossível! Entretanto, o barulho da batida violenta devia ter sido ouvido a uma grande distância — uma distância maior do que um campo de futebol — e um homem foi morto a tiros no lugar do acidente, e ninguém apareceu no local — nem por coincidência, nem propositalmente. À exceção de Carlos e de cinco desconhecidos, todo o arsenal estaria funcionando num vácuo. Nada fazia sentido!

Então Jason ouviu a música abafada que vinha do interior do prédio. Música marcial, tambores e pistões, com crescendos que deviam ser ensurdecedores dentro da imensa estrutura. Jason lembrou da jovem que saiu do arsenal com as mãos nos ouvidos e fazendo uma careta e compreendeu. Ela estava saindo do interior do arsenal, onde a música devia ser intolerável. Estava havendo alguma comemoração no Kubinka, um evento normal que explicava a profusão de automóveis particulares, pequenos furgões e ônibus, no estacionamento — profusão em termos da União Soviética, onde esses veículos não eram em grande número. Ao todo devia haver uns vinte carros no estacionamento de terra, estacionados em semicírculo. A atividade lá dentro era uma estratégia diversionária e ao mesmo tempo proteção para o Chacal. Ele sabia orquestrar ambas para o próprio proveito. Seu inimigo também sabia.

Por que Carlos não saía? Por que não tinha saído antes? O que ele estava esperando? As circunstâncias eram perfeitas, não podiam ser melhores. O ferimento

o obrigava a atrasar seus planos a ponto de perder as vantagens que havia criado? Era possível, mas pouco provável. Depois de chegar até ali, a fuga estava próxima, e ele tinha de continuar, fazer mais ainda. Então, *por quê?* A lógica irreversível, a lógica de *sobrevivência* do assassino, mandava que, depois de garantir a retaguarda, ele fugisse o mais depressa possível. Era sua única chance! Então, por que estava ainda lá dentro? Por que seu carro não havia deixado a área, partindo veloz para a liberdade?

Outra vez encostado na parede, Jason deu alguns passos para a esquerda, observando tudo que podia ver. Como a maioria dos arsenais no mundo todo, Kubinka não tinha janelas no primeiro andar, pelo menos não nos primeiros cinco metros a partir do solo, talvez porque vidros não combinavam exatamente com cavalos a galope. Jason viu uma janela a uma altura que podia ser a do segundo andar. Dali podia ter partido o tiro com silenciador que matou o motorista do KGB. No térreo havia uma porta, a saída dos fundos que ninguém se dera o trabalho de mencionar. *As pequenas coisas, as coisas insignificantes! Droga!*

A música lá dentro aumentou de volume, mas diferente agora, os tambores soavam mais alto, as notas dos pistões eram mais longas, mais estridentes. O fim de uma marcha sinfônica, música marcial em sua maior intensidade... Era isso! O Chacal ia usar o momento da saída dos convidados para fugir. Quando vissem a cena no estacionamento, na certa todos entrariam em pânico e o Chacal aproveitaria para escapar — com quem e em qual veículo?

Bourne precisava entrar no arsenal, deter Carlos, apanhá-lo! Krupkin preocupava-se com as vidas de “dezenas de homens e mulheres” — mas não sabia que, na realidade, podiam ser centenas. O Chacal usaria todas as armas que pudesse roubar, incluindo granadas, para provocar a histeria em massa, o que facilitaria sua fuga. As vidas nada significavam se tivessem de ser sacrificadas para salvar a dele, *nada*. Abandonando a cautela, Bourne correu para a porta com o pino de segurança da AK-47 destravado, o dedo no gatilho. Em vão tentou girar a maçaneta. Atirou no metal em volta da fechadura, depois na parte interna, e quando estendeu a mão para a maçaneta seu mundo pessoal enlouqueceu!

Um caminhão pesado saiu da fileira de carros no estacionamento e partiu diretamente para cima dele, acelerando à medida que se aproximava. Ao mesmo tempo uma rajada de tiros varreu a madeira à sua direita. Bourne saltou para a esquerda, rolou no chão e continuou rolando com os olhos e o nariz cheios de poeira.

Então aconteceu! A explosão maciça destroçou a porta, arrancando uma boa parte da parede acima dela, e através da fumaça negra e do entulho que caía, ele viu um vulto caminhando com dificuldade para o círculo de veículos. Seu assassino estava fugindo. Mas *ele* estava vivo! E a razão era óbvia. O Chacal cometera um erro! Não a armadilha, essa fora extraordinária, Carlos *sabia* que seu inimigo estava

com Alex, Krupkin e o homem do KGB, por isso, saiu e esperou por ele. Seu erro fora na colocação dos explosivos. A bomba, ou bombas, estavam armadas na capota do caminhão, não *debaixo* dos chassis. Os componentes de um explosivo procuram se libertar através das barreiras menos resistentes que encontram, e a capota de um veículo é muito menos resistente do que a armação sólida de ferro dos chassis. A bomba estourou *para cima*, não ao nível do solo, onde espalharia fragmentos mortais por uma grande extensão.

Não tinha *tempo*! Bourne levantou-se e correu para o carro do Komitet com um pressentimento horrível. Olhou pela janela da frente do carro, viu um leve movimento e abriu a porta. Krupkin estava caído sob o painel, com o ombro direito quase completamente esfacelado.

— Estamos feridos — disse o oficial do KGB com voz fraca mas calma. — O ferimento de Aleksei é mais grave do que o meu, por isso, cuide dele primeiro, por favor.

— O pessoal está saindo agora...

— *Aqui!* — interrompeu Krupkin, com dificuldade, tirando do bolso seu cartão plastificado de identificação. — Procure o idiota encarregado e traga-o aqui. Precisamos de um médico. Para *Aleksei*, seu tolo. *Depressa!*

Numa das extremidades da enfermaria do arsenal, Bourne observava os dois homens feridos e os médicos, sem entender o que diziam. Três médicos do Hospital do Povo, na Serova Prospekt haviam chegado de helicóptero — dois cirurgiões e um anestesista, mas a cooperação deste último não foi necessária. A anestesia local era suficiente para limpar e suturar os ferimentos, acompanhada por injeções de antibióticos. Os objetos estranhos haviam passado através dos seus corpos, explicou o médico chefe.

— Suponho que quer dizer balas, quando fala reverentemente de “objetos estranhos” — disse Krupkin, irritado.

— Ele quer dizer balas — confirmou Alex, em russo, com voz rouca.

Conklin não podia mover a cabeça por causa das ataduras no pescoço. Largas tiras de esparadrapo estendiam-se sobre sua clavícula e o ombro direito.

— Obrigado — disse o cirurgião. — Vocês tiveram muita sorte, especialmente você, nosso paciente americano, para o qual devemos fazer um relatório médico confidencial. A propósito, dê aos nossos auxiliares o nome e o endereço do seu médico nos Estados Unidos. Vai precisar dos serviços dele durante algumas semanas.

— No momento ele está num hospital em Paris.

— Como disse?

— Bem, sempre que alguma coisa me acontece, mando recado e ele me indica um médico.

— Isso não é exatamente medicina socializada.

— Para mim, é. Vou dar o nome e o endereço dele para a enfermeira. Com sorte, ele logo estará de volta.

— Repito, você teve muita sorte.

— Fui muito rápido, doutor, assim como seu camarada. Vimos aquele filho da mãe correndo para nós, então trancamos as portas e sem parar de nos movimentar dentro do carro atiramos, para evitar que ele chegasse mais perto e acabasse conosco, o que ele quase conseguiu... É uma pena que tenha matado o motorista, era um jovem muito corajoso.

— Um jovem furioso também, Aleksei — disse Krupkin, da outra mesa. — Os primeiros tiros, vindos da porta do arsenal, provocaram a batida do carro no ônibus.

A porta da enfermaria abriu-se bruscamente, ou melhor, a sala foi invadida pela augusta presença do comissário do apartamento em Slavyansky. Os modos do oficial do Komitet estavam perfeitamente de acordo com seus traços pesados, sua fala rude e seu uniforme em desordem.

— Você — disse ele para o médico. — Falei com seus companheiros lá fora. Disseram que já acabou aqui.

— Não completamente, camarada. Faltam ainda algumas pequenas coisas, certas medidas terapêuticas...

— Mais tarde — interrompeu o comissário. — Vamos falar em particular. Sozinhos.

— O Komitet fala? — perguntou o cirurgião, com desprezo mal disfarçado.

— O Komitet fala.

— Às vezes demais.

— O quê?

— Você ouviu — disse o médico, dirigindo-se para a porta.

O homem do KGB deu de ombros e esperou que o médico saísse, fechando a porta da enfermaria. Aproximou-se então dos pés das duas mesas de curativo, e os olhos entrecerrados, quase escondidos no rosto gordo, iam de um ferido para o outro. Disse apenas uma palavra.

— *Novgorod!*

— O quê?

— O quê...?

As perguntas foram simultâneas e até Bourne deu um passo à frente, desencostando da parede.

— Você — disse o comissário, no seu inglês claudicante. — Compreende?

— Se você disse o que eu penso que disse, eu compreendo, mas só o nome.

— Explico muito bem. Interrogamos os nove homens e mulheres que ele trancou no depósito de armas. Ele mata dois guardas que não podem detê-lo, certo?

Ele tira chaves dos carros de quatro homens, mas não usa carros, certo?

— Eu vi quando ele correu para os carros!

— Qual? Três outras pessoas em Kubinka mortas, documentos, carros tomados. Qual?

— Pelo amor de Deus, verifique com seu departamento de veículos, ou seja lá como vocês chamam!

— Leva tempo. Também em Moscou, automóveis sob nomes diferentes, placas diferentes — Leningrado, Smolensk, quem sabe —, para não mencionar as leis de automóveis violadas.

— De que diabo ele está falando? — gritou Jason.

— A propriedade dos automóveis é regulamentada pelo governo — explicou Krupkin. — Cada centro importante tem registros separados e geralmente se recusa a cooperar com outros centros.

— *Por quê?*

— Propriedade individual sob sobrenomes diferentes — até sem sobrenomes. É proibido. Há poucos carros à venda.

— E daí?

— O suborno local é um fato da vida. Ninguém em Leningrado quer que um burocrata de Moscou aponte um dedo para ele. Ele está dizendo que pode levar vários dias até descobrir qual o automóvel que o Chacal está dirigindo.

— Isso é *loucura!*

— Você disse, Sr. Bourne, não eu. Sou um cidadão importante da União Soviética, por favor, lembre-se disso.

— Mas o que tudo isso tem a ver com Novgorod — foi o que ele disse, não foi?

— Novgorod. *Shto eto znachit?* — Krupkin perguntou ao oficial do KGB.

Falando rapidamente em russo, o comissário-camponês descreveu os detalhes essenciais para o companheiro de Paris. Krupkin traduziu.

— Preste atenção, Jason — disse ele com voz fraca e irregular, a respiração cada vez mais difícil. — Aparentemente a arena do arsenal é circundada por uma galeria. Da janela dessa galeria ele o viu ao lado da cerca viva, fora do arsenal, e voltou para a sala de armas gritando como o louco que ele é. Aos berros, disse aos seus reféns amarrados que você era *dele* e que você estava morto... E que só faltava uma coisa para ele fazer.

— *Novgorod* — interrompeu Conklin, num murmúrio, a cabeça rígida, os olhos no teto.

— Exatamente — disse Krupkin, olhando para o perfil de Alex, na mesa ao lado da sua. — Ele está voltando para o lugar do seu nascimento... onde Ilich Ramirez Sanchez tornou-se Carlos, o Chacal, por ter sido renegado, marcado para

execução por sua loucura. Com a arma nos pescoços dos seus prisioneiros, fez com que indicassem o melhor caminho para Novgorod, ameaçando matar quem mentisse. É claro que ninguém mentiu e os que sabiam disseram que ficava a seiscentos quilômetros, um dia inteiro de viagem, de carro.

— De carro? — perguntou Bourne.

— Ele sabe que não pode usar qualquer outro meio de transporte. As estradas de ferro, os aeroportos — até os pequenos — estão sendo vigiados, e ele sabe disso.

— O que ele vai fazer em Novgorod? — perguntou Jason, rapidamente.

— Bom Deus do céu — duas coisas que, é claro, não existem —, quem *sabe*! Ele quer deixar sua marca, uma lembrança extremamente destrutiva da própria pessoa, sem dúvida, em resposta àqueles que, como ele acredita, o traíram há trinta e tantos anos, bem como às pobres almas que ele matou esta manhã na Vavilova... Ele tomou os documentos do nosso agente treinado em Novgorod, pensando que pode entrar com eles. Mas não vai entrar — nós o deteremos.

— Nem tente — disse Bourne. — Ele pode usar ou não a identificação, dependendo do que vir, do que ele sentir. Carlos não precisa de papéis para entrar em Novgorod, como eu também não preciso, mas se sentir que alguma coisa está errada, e ele vai sentir, mata uma porção de gente e entra.

— Aonde você quer chegar? — perguntou Krupkin com voz cansada, olhando para Bourne, o americano com identidades alternadas e aparentemente com estilos de vida conflitantes.

— Quero que me faça entrar antes dele com um mapa detalhado de todo o complexo e documentos que me dêem acesso livre a qualquer lugar.

— Você perdeu o *juiz*! — exclamou Dimitri. — Um americano infalível, um assassino procurado por todos os países da OTAN na Europa, dentro de *Novgorod*?

— *Nyet, nyet, nyet!* — rugiu o comissário do Komitet. — Eu compreendo bem, certo? Você é um lunático, *certo*?

— Vocês querem o Chacal?

— É claro, mas há limites para o que vamos pagar.

— Não tenho o menor interesse por Novgorod ou qualquer outro complexo — a esta altura já deviam saber disso. Suas operaçõezinhas de infiltração e as *nossas* operações de infiltração podem continuar eternamente porque, a longo prazo, não significam nada. É tudo um jogo de adolescentes. Ou vivemos juntos neste planeta ou não vai haver planeta algum... Só Carlos me interessa. Quero o Chacal morto para que eu possa continuar a viver.

— É claro, eu pessoalmente concordo com quase tudo que você disse, embora os jogos de adolescentes sirvam para nos manter empregados. Entretanto, de modo nenhum posso convencer meus superiores, a começar por este que está aqui ao meu lado.

— Tudo bem — disse Conklin, sempre olhando para o teto. — Vamos negociar — sujo e rasteiro. Vocês põem Bourne dentro de Novgorod e podem ficar com Ogilvie.

— Já estamos com ele, Aleksei.

— Não totalmente. Washington sabe que ele está aqui.

— E daí?

— Daí que eu posso dizer que vocês o perderam e eles vão acreditar. Vão acreditar se eu disser que ele fugiu do seu ninho e que vocês estão danados da vida, mas não podem trazê-lo de volta. Ele está operando de pontos desconhecidos ou fora do seu alcance, mas evidentemente sob a proteção soberana de um país das Nações Unidas. Por conjectura, acho que foi assim que vocês conseguiram que ele viesse para cá.

— Está sendo enigmático, meu bom e velho inimigo. Com que objetivo eu deveria aceitar sua sugestão?

— Nenhum problema com o Tribunal Mundial, nenhuma acusação de dar proteção a um americano acusado de crimes internacionais... Vocês ganham as fontes de lucro na Europa... Confiscam a operação Medusa sem nenhuma complicação — em nome de um tal Dimitri Krupkin, um homem comprovadamente sofisticado da sociedade cosmopolita de Paris. Quem melhor para dirigir o empreendimento?... O mais novo herói do Soviete, membro do conselho privado econômico do Presidium. Esqueça da droga de casa em Genebra, Kruppie, que tal uma mansão no Mar Negro?

— É uma oferta inteligente e muito atraente, pode estar certo — disse Krupkin. — Conheço uns dois ou três homens no comitê central com quem posso me comunicar em questão de minutos — tudo muito confidencial, é claro.

— *Nyet! Nyet!* — gritou o comissário do KGB, batendo com a mão fechada na mesa de Dimitri. — Eu compreendo alguma coisa — vocês falam muito depressa — mas tudo é loucura!

— Ora, *cale a boca*, pelo amor de Deus! — rugiu Krupkin. — Estamos falando de coisas muito além da sua compreensão.

— *Shto?* — Como uma criança repreendida por um adulto, o comissário do Komitet arregalou os olhos, atônito e assustado.

— Dê uma oportunidade ao meu amigo, Kruppie — disse Alex. — Ele é o melhor que existe e pode trazer o Chacal para você.

— Pode também morrer, Aleksei.

— Ele já esteve lá antes. Acredito nele.

— Acreditar — murmurou Krupkin, por sua vez olhando para o teto. — Um luxo tão especial... Muito bem, a ordem será dada secretamente, sua origem desconhecida, é claro. Você entra no nosso complexo americano. É o complexo que menos compreendemos.

— Em quanto tempo posso chegar lá? — perguntou Bourne. — Tenho de preparar muita coisa.

— Temos um aeroporto em Vnokova sob nosso controle. A menos de uma hora daqui. Primeiro, preciso tomar as providências. Tragam-me um telefone... *Você*, meu *comissário* imbecil! Nem mais uma palavra! Um *telefonei*

O superior, antes todo-poderoso, agora domado, que na verdade só havia entendido as palavras “Presidium” e “comitê central”, cheio de boa vontade, levou a extensão até a mesa onde estava Krupkin.

— Mais uma coisa — disse Bourne. — Mande a Tass expedir imediatamente um boletim, com cobertura total dos jornais, rádios e televisão, anunciando que o assassino conhecido como Jason Bourne morreu em Moscou, em virtude de ferimentos recebidos. Não entre em detalhes, mas o suficiente para que possam relacionar minha morte com o que aconteceu aqui esta manhã.

— Isso não é difícil. A Tass é um instrumento obediente do Estado.

— Não acabei ainda — continuou Jason. — Quero que inclua nos detalhes vagos a informação de que, entre os objetos pessoais de Bourne, foi encontrado um mapa das ruas e estradas de Bruxelas e vizinhanças. A cidade de Anderlecht estava marcada com um círculo vermelho — isso tem de ser noticiado.

— O assassinato do comandante supremo da OTAN — muito bom, muito convincente. Entretanto, Sr. Bourne, ou Sr. Webb, ou seja lá qual for seu nome, deve saber que a história vai se espalhar pelo mundo todo como uma onda gigantesca.

— Sei disso.

— Está preparado para isso?

— Sim, estou.

— E sua mulher? Não acha melhor falar com ela primeiro, antes de o mundo civilizado saber que Jason Bourne está morto?

— Não. Não quero arriscar qualquer vazamento.

— *Jesus!* — explodiu Alex, tossindo. — Você está falando de *Marie*. Ela vai ficar arrasada!

— Aceito o risco — disse Delta, friamente.

— Seu filho da mãe!

— Que seja — disse o Camaleão.

John St. Jacques entrou na sala clara e ensolarada da casa em Maryland com os olhos cheios de lágrimas e um impresso de computador na mão. A irmã estava sentada no chão, na frente do sofá, brincando com Jamie, depois de ter levado Alison para a cama. Marie parecia cansada e abatida, pálida e com olheiras, exausta e tensa, e sob os efeitos do *jet lag* dos longos vôos idiotas da sua viagem de Paris a Washington. Embora tivesse chegado tarde na noite anterior, levantou cedo para estar com os filhos — ignorando os conselhos bem intencionados da materna! Sra.

Cooper. John teria dado anos de sua vida para não fazer o que ia fazer dentro de poucos minutos, mas não podia arriscar as alternativas. Precisava estar com ela quando Marie soubesse.

— Jamie — disse St. Jacques docemente. — Quer ir procurar a Sra. Cooper, por favor? Acho que ela está na cozinha.

— Por quê, tio John?

— Quero falar um pouco com sua mãe.

— Johnny, *por favor* — reclamou Marie.

— Eu preciso, Marie.

— O quê...?

Jamie, como acontece com as crianças, sentiu que alguma coisa muito séria tinha acontecido e, quando chegou perto da porta, voltou-se e olhou fixamente para o tio. Marie levantou-se e viu as lágrimas descendo pelo rosto do irmão. A mensagem terrível estava dada.

— Não...! — murmurou ela, ficando mais pálida ainda. — Bom Deus, *não!* — exclamou, com as mãos e os ombros tremendo incontrolavelmente. — Não... *não!* — quase gritou Marie.

— Ele se foi, mana. Eu queria que você soubesse por mim, não pelo rádio ou televisão. Quero estar com você.

— Você está enganado, *enganado!* — gritou Marie, correndo para ele e agarrando-o pela camisa. — Ele está protegido! ... Ele me prometeu que estaria *protegido!*

— Isto acaba de chegar de Langley. — Johnny estendeu o impresso de computador. — Holland telefonou há poucos minutos, avisando que ia mandar. Ele sabia que você ia querer ver. É a notícia da Rádio Moscou, transmitida durante a noite, e estará em todos os jornais, rádios e televisões de manhã.

— Dê-me isso! — exclamou Marie desafiadoramente. Johnny entregou o impresso, preparado para abraçá-la e dar o conforto que fosse possível. Marie leu rapidamente, depois sacudiu as mãos e caminhou para o sofá, franzindo a testa, pensativa. Sua concentração era completa. Pôs o papel na mesa de centro e o estudou como se fosse um achado arqueológico, um pergaminho precioso.

— Ele se foi, Marie. Não sei o que dizer — você sabe o que eu sentia por ele.

— Sim, eu sei, Johnny. — Então, para espanto do irmão, ela ergueu os olhos com um leve sorriso nos lábios pálidos. — Mas é um pouco cedo demais para lágrimas, Johnny. Ele está vivo. Jason Bourne está vivo e fazendo das suas, o que significa que David está vivo também.

Meu Deus, *ela não quer aceitar*, pensou John St. Jacques, ajoelhando ao lado da irmã e segurando as mãos dela.

— Mana, meu bem, acho que não compreendeu. Farei o possível para ajudá-la,

mas você tem de aceitar.

— Johnny, você é um amor, mas não leu isto com atenção, com bastante atenção. O impacto da mensagem é minimizado pelo subtexto. Em economia chamamos de ofuscação com uma nuvem de fumaça e dois espelhos.

— *O quê?* — St. Jacques soltou a mão dela e ficou de pé. — Do que está falando?

Marie apanhou o impresso e examinou-o outra vez.

— Depois de um relato confuso, até mesmo contraditório do que aconteceu — disse ela —, feito por pessoas que assistiram à cena neste arsenal, ou seja lá o que for, vem o seguinte, quase escondido no parágrafo seguinte: “Entre os objetos pessoais encontrados no corpo do assassino estava um mapa de Bruxelas e vizinhanças, com a cidade de Anderlecht marcada com um círculo vermelho.” Então continua, fazendo a conexão óbvia com o assassino de Teagarten. É uma mentira, Johnny, sob dois aspectos... Primeiro, David jamais levaria com ele esse mapa. Segundo, e muito mais significativo. É estranho o fato de a mídia soviética dar tanto destaque ao acontecido, mas a referência ao assassinato do general Teagarten é inconcebível.

— O que quer dizer? Por quê?

— Porque o suposto assassino estava na Rússia, e Moscou não quer ter nenhuma ligação com o assassinato do comandante supremo da OTAN... Não, Johnny, alguém burlou as regras e convenceu a Tass a publicar isso e eu suspeito que cabeças vão rolar. Não sei onde está Jason Bourne, mas sei que não está morto. David providenciou para que eu tivesse certeza disso.

Peter Holland apanhou o telefone e digitou os números da linha particular de Charles Casset.

— Sim?

— Charlie, é Peter.

— Fico aliviado ouvindo isso.

— Por quê?

— Porque tudo que estou recebendo neste telefone é confusão e problema. Acabo de falar com nossa fonte na Praça Dzerzhinsky e ela disse que o KGB quer sangue.

— A notícia da Tass sobre Bourne?

— Certo. A Tass e a Rádio Moscou acham que a história foi chancelada oficialmente porque foi enviada por *fax* pelo Ministério de Informações por meio de códigos de transmissão direta. Quando a merda, acertar o ventilador, ninguém vai ser responsável, e não vão poder identificar quem programou os códigos.

— O que você acha?

— Não estou bem certo, mas pelo que tenho ouvido sobre Dimitri Krupkin,

parece ser seu estilo. Ele está trabalhando com Alex e se isto não é uma coisa tirada do livro de Conklin, eu não conheço Santo Alex. E eu sei que conheço.

— Isso combina com a opinião de Marie.

— Marie?

— A mulher de Bourne. Acabo de falar com ela e seu argumento é bem forte. Ela diz que a notícia de Moscou é uma farsa e todas as suas razões são válidas. Seu marido está vivo.

— Eu concordo. Foi para isso que você telefonou?

— Não — disse o diretor, respirando fundo. — Foi para acrescentar mais confusão e mais problemas aos que você já tem.

— Não é um alívio ouvir isso. O que há?

— O número de telefone em Paris, que Henri Sykes conseguiu para nós, em Montserrat, do café do cais Marais, Paris.

— Onde alguém devia responder quando chamassem um melro. Sim, eu me lembro.

— Alguém atendeu e nós o seguimos. Você não vai gostar.

— Alex Conklin está prestes a ganhar o prêmio do maior vidente do ano. Ele nos deu a pista de Sykes, certo?

— Certo.

— Vá em frente.

— A mensagem foi entregue na casa do diretor do Deuxième Bureau.

— Meu Deus, acho melhor informar o departamento SED, da Inteligência francesa, com uma cronologia restrita.

— Não vou informar ninguém de coisa alguma, antes de falar com Conklin. Acho que lhe devemos pelo menos isso.

— Que diabo eles estão *fazendo*? — berrou Casset, frustrado. — Espalhando notícias falsas de morte — de Moscou, nem mais, nem menos! Para quê?

— Jason Bourne foi caçar — disse Peter Holland. — E quando a caçada terminar — se terminar e *se* ele matar —, vai ter de sair do bosque antes que alguém o pegue... Quero todas as estações e postos nas fronteiras da União Soviética em alerta permanente. Nome de código: Assassino. Traga-o de volta.

NOVGOROD. Dizer que era incrível seria reconhecer obliquamente a existência da credibilidade e isso era quase impossível. Era a fantasia extrema, com ilusões de ótica mais reais do que a realidade. A fantasmagoria podia ser tocada e sentida, usada, era possível entrar nela e sair, uma obra-prima coletiva de criatividade no meio das florestas imensas ao longo do Rio Volkhov. Desde o momento em que saiu do túnel sob a água, com seus guardas, portões e miríades de câmaras, Bourne quase entrou em estado de choque, embora continuasse a andar, observar, absorver o que via, pensar.

O complexo americano, supostamente igual aos de outras nacionalidades, era dividido em seções, construídas em áreas que iam de dois a cinco acres, cada uma completamente separada das outras. Uma área, construída às margens do rio, podia ser o coração de uma cidadezinha da costa do Maine. Outra, mais para o interior, era uma pequena cidade do sul, outra ainda, a rua movimentada de um grande centro. Cada uma completamente “autêntica”, com o tráfego apropriado de veículos, policiais, vestuário, lojas, armazéns e lanchonetes, postos de gasolina e imitações de prédios — alguns com dois andares e tão reais que tinham ferragens americanas nas portas e nas janelas. Evidentemente, tão importante quanto a aparência era a língua — não apenas o uso fluente do inglês, mas o domínio completo das variações, os sotaques característicos de cada lugar. Passando de uma seção para outra, Jason ouvia distintamente as entonações, as pronúncias diferentes. Desde o “eeahh” da Nova Inglaterra, no leste, ao falar arrastado do Texas e a pronúncia anasalada e preguiçosa do centro-oeste, até a fala alta e rascante das grandes cidades e o leste com o inevitável “sabe o que quero dizer?” no final das frases, fossem elas perguntas ou afirmações. Era tudo incrível. Não apenas isso. Tornava assustadoramente inviável qualquer incredulidade.

Jason embarcou em Vnokova na companhia de um graduado idoso de Novgorod, urgentemente requisitado por Krupkin para dar todas as informações necessárias sobre o complexo. O homem, pequeno e, calvo, além de dar as instruções com os menores detalhes, era também fascinante. Se alguém tivesse dito a Jason Bourne que algum dia ele ia receber instruções detalhadas de um agente de espionagem soviético, cujo inglês era tão tipicamente sulino que parecia flutuar da sua boca com perfume de magnólia, ele teria achado a idéia ridícula.

— *Bom Deus* — disse o homem, com a fala arrastada do sul dos Estados Unidos. — Como sinto falta daqueles churrascos, especialmente das costeletas.

Quer saber quem fazia as melhores costeletas? Aquele cara negro que eu pensei que fosse meu amigo e que me delatou. Pode *imaginar*? Pensei que ele fosse um daqueles radicais. Acabou que ele era de Dartmouth e trabalhava para a CIA. Um *advogado*, nem mais nem menos... Diabo, a troca foi feita na Aeroflot, em Nova York, e ainda nos correspondemos.

— Jogos de adolescentes — murmurou Bourne.

— Jogos?.. Oh, sim, ele era um treinador danado de bom.

— Treinador?

— Isso mesmo. Nós fundamos um pequeno time em East Point. Isso fica perto de Atlanta.

Incrível.

— Podemos nos concentrar em Novgorod, por favor?

— Certo, Dimitri com certeza lhe disse, estou semi-aposentado, mas minha pensão exige que eu passe cinco dias por mês no complexo, como um *tak govoroya* — um “instrutor”, como você diria.

— Não compreendi o que ele me disse.

— Vou explicar. — O homem estranho, cuja voz parecia pertencer à antiga Confederação, explicou detalhadamente.

Cada complexo de Novgorod tinha três classes de pessoal: os instrutores, os candidatos e os operadores. A última categoria incluía o pessoal do KGB, guardas e o pessoal da manutenção. A estrutura da complementação prática do processo era bastante simples. Uma equipe elaborava os planos das tarefas diárias para cada seção, e os treinadores, tanto os permanentes como os aposentados que trabalhavam cinco dias por mês, dirigiam todas as atividades individuais e de grupo dos candidatos, usando somente a língua do complexo e os dialetos das áreas específicas nas quais estavam. Não era permitido falar russo. Essa regra era testada freqüentemente pelos instrutores que, de repente, gritavam ordens ou insultos na sua língua nativa. Os candidatos não podiam demonstrar que compreendiam.

— O que você quer dizer com tarefas? — perguntou Bourne.

— Situações, meu amigo. Tudo que você pode imaginar. Como pedir almoço ou jantar, comprar roupa, encher o tanque do carro, pedindo um determinado tipo de gasolina... com aditivo ou sem aditivo e os graus de octana — coisas de que nem temos idéia por aqui. É claro, há também eventos mais sérios, inesperados, para testar as reações dos candidatos. Por exemplo, um acidente de automóvel que exige uma conversa com a polícia “americana” e todos os formulários de seguro que devem ser preenchidos — a gente pode se trair se não souber essas coisas.

As coisas pequenas, as coisas insignificantes — são vitais. Uma porta nos fundos do Arsenal Kubinka.

— O que mais?

— Tantas coisas que a gente pensa que não são importantes, mas são. Digamos, ser assaltado na rua de uma cidade, à noite — o que fazer, o que não fazer? Lembre-se, muitos dos nossos candidatos, e todos os mais jovens, aprendem defesa pessoal, mas dependendo das circunstâncias, pode não ser prudente usar essa habilidade. Podem surgir dúvidas quanto ao seu passado. Discrição, sempre discrição De minha parte, como um *tak govoroya* experiente, sempre preferi as situações mais imaginativas nas quais podemos improvisar à vontade, desde que não sejam ultrapassados os limites da infiltração ambiental.

— O que quer dizer isso?

— Aprenda sempre, mas nunca demonstre que está aprendendo. Por exemplo, uma das minhas situações favoritas consiste em me aproximar de alguns candidatos, digamos, num bar, numa “localidade” próxima de uma base militar de testes. Finjo que sou um funcionário do governo revoltado, ou um funcionário da defesa, bêbado — obviamente alguém com acesso a informações importantes —, e começo a expor informação confidencial de grande valor.

— Só por curiosidade — interrompeu Bourne —, nessas circunstâncias, como o candidato deve reagir?

— Escutar com atenção para ser capaz de escrever os detalhes mais importantes, durante todo o tempo fingindo falta de interesse com observações como esta: aqui em Novgorod, o dialeto sulino dos graduados parece tanto com o dos montanheseiros do sul que as magnólias se transformam em bebida azeda, “Quem se importa com toda essa baboseira?” Ou “Eles têm mesmo todas aquelas prostitutas lá dentro, como dizem?” Ou ainda, “Não entendo nenhuma droga de palavra do que você está dizendo, seu cretino, só sei que está me enchendo o saco”... esse tipo de coisa.

— E depois?

— Mais tarde, cada homem é chamado para fazer uma lista de tudo que ouviu — fato por fato.

— E para passar adiante a informação? Existe também um processo para isso?

O instrutor soviético de Jason olhou para ele em silêncio por alguns momentos, depois disse:

— É uma pena que você tenha feito essa pergunta — disse ele. — Sou obrigado a informar no meu relatório.

— Eu não *precisei* fazer a pergunta. Foi simples curiosidade. Esqueça.

— Não posso. Não vou fazer isso.

— Você confia em Krupkin?

— É claro que confio. Ele é brilhante, fala muitas línguas. Um verdadeiro herói do Komitet.

Você não sabe nem a metade, pensou Bourne, mas disse, com reverência:

— Então, faça seu relatório só para ele. Ele vai dizer que foi apenas curiosidade minha. Não devo absolutamente nada ao meu governo, ao contrário, é ele que me deve.

— Muito bem... Por falar em você, com a autoridade de Dimitri, providencie tudo para sua visita a Novgorod. Por favor, não me diga qual é seu objetivo, não me interessa, assim como o que você perguntou não o interessa.

— Compreendido. As providências?

— Você vai entrar em contato com um jovem instrutor chamado Benjamin, do modo que vou descrever. Primeiro vou falar sobre Benjamin, para que você compreenda sua atitude. Seus pais trabalharam quase vinte anos para o Komitet, no consulado de Los Angeles. Ele praticamente foi criado nos EUA e fez os dois primeiros anos na UCLA. Na verdade, até ele e o pai serem chamados apressadamente a Moscou, há quatro anos...

— Ele é o *pai*?

— Sim. A mãe foi apanhada numa operação do FBI na base naval de San Diego. Ela tem de cumprir ainda três anos de prisão. Não existe clemência, nem trocas para uma *momma* russa.

— Ei, espere um pouco. Então, não pode ser tudo culpa *nossa*.

— Eu não disse que era. Estou só relatando os fatos.

— Compreendi. Eu faço contato com Benjamin.

— Ele é o único que sabe quem você é — não. seu nome, é claro, você vai usar o nome de “Archie”. Ele vai dar a autorização necessária para transitar de um complexo para outro.

— Documentos?

— Ele explicará. Benjamin vai também vigiá-lo, vai estar com você o tempo todo e, francamente, ele falou com o camarada Krupkin e sabe muito mais do que eu, exatamente como um aposentado da Geórgia gosta das coisas... Boa caçada, gato do mato, se você vai caçar. Não estupe nenhum índio de madeira.

Bourne seguiu as placas, todas em inglês, para a cidade de *Rockledge, Flórida*, 25 quilômetros a sudoeste da NASA, em Cabo Canaveral. Ia se encontrar com Benjamin, na lanchonete da Woolworth local, e devia procurar um homem de vinte e poucos anos, com camisa xadrez vermelha, guardando uma banqueta ao seu lado com um boné de beisebol. Estava na hora combinada, 3:35h da tarde.

Bourne o viu. O russo de cabelos louros quase brancos, criado e educado na Califórnia, estava na extremidade direita do balcão, com o boné de beisebol na banqueta ao seu lado. Uma meia dúzia de homens e mulheres consumiam refrigerantes e sanduíches, conversando descontraidamente. Jason aproximou-se da banqueta vazia, olhou para o boné e perguntou educadamente:

— Este lugar está ocupado?

— Estou esperando alguém — disse o jovem instrutor do KGB, com voz inexpressiva, observando Bourne com atenção.

— Arranjo outro lugar.

— Ela ainda vai demorar cinco minutos.

— Bem, vou só tomar uma vaca-preta. Em menos de cinco minutos estou saindo...

— Sente — disse Benjamin, pondo o boné na cabeça.

O rapaz do balcão aproximou-se, mascarando chiclete, Bourne fez seu pedido, foi servido e o instrutor do Komitet disse em voz baixa, olhando agora para a espuma do seu milk shake e tomando um gole no canudinho:

— Então, você é Archie, como na história em quadrinhos.

— E você é Benjamin. Muito prazer.

— Nós dois vamos ver se é ou não, certa?

— Temos algum problema?

— Quero esclarecer as regras, para que não haja nenhum — disse o soviético da Costa Oeste dos Estados Unidos. — Não aprovo a permissão para sua entrada aqui. Independente do meu passado e do modo que eu falo, não gosto muito da América.

— Escute aqui, Ben — interrompeu Bourne, obrigando o instrutor a olhar para ele. — De um modo geral, também não aprovo o fato de sua mãe estar ainda na prisão, nos EUA, mas não fui eu quem a prendeu.

— Nós libertamos os dissidentes e os judeus, mas vocês insistem em manter presa uma mulher de 58 anos que, na pior das hipóteses, não passava de uma mensageira! — disse o russo em voz baixa e indignada.

— Não conheço os fatos e não chamaria Moscou de capital da clemência, mas se você puder me ajudar — me ajudar *de verdade* —, talvez eu possa ajudar sua mãe.

— Besteiras, promessas idiotas. Que diabo você pode fazer?

— Repetindo o que eu disse uma hora atrás a um seu amigo careca, no avião, não devo nada ao meu governo, mas ele me deve, e muito. Ajude-me, Benjamin.

— Vou ajudar porque são as ordens que recebi, não por causa da sua conversa. Mas se tentar descobrir coisas que nada têm a ver com seu objetivo aqui — nunca mais vai sair. *Está claro?*

— Não só claro, como irrelevante e desnecessário. Além do espanto e da curiosidade naturais, que pretendo controlar da melhor maneira possível, não tenho o menor interesse nos objetivos de Novgorod. Para ser franco, acho que não levam a nada... Porém, eu juro, o complexo deixa a Disneylândia no chinelo.

Benjamin estava com o canudinho na boca, e o riso espontâneo espalhou espuma de milk shake sobre o balcão.

— Já esteve em Anaheim? — perguntou ele, com um olhar malicioso.
— Nunca tive dinheiro suficiente.
— Nós tínhamos passes diplomáticos.
— Cristo. Você é humano, afinal. Venha, vamos dar um passeio e falar de negócios.

Atravessaram uma ponte em miniatura para New London, Connecticut, o centro da construção de submarinos nos Estados Unidos, e caminharam para o Rio Volkhov, naquela área transformada numa base naval de segurança máxima — tudo muito real e em miniatura. As cercas eram altas, e guardas armados dos “Fuzileiros Navais”, nos portões, patrulhavam a área na frente de armações de concreto com imitações dos submarinos nucleares da Marinha americana.

— Temos todas as estações, todos os planos de atividades, todos os aparelhos e cada centímetro do cais — disse Benjamin. — E temos ainda de descobrir todo o procedimento de segurança, não é loucura?

— Nem um pouco. Nós somos muito bons.

— É, mas nós somos melhores. A não ser por pequenos grupos de descontentes, suponho. Vocês apenas aceitam.

— O quê?

— Apesar de todas as suas bobagens, a América branca nunca foi escravizada. Nós fomos.

— Isso não é só história antiga, meu jovem, como também história muito seletiva, não concorda?

— Você fala como um professor.

— E se eu fosse?

— Eu discutiria com você.

— Só se estivesse num ambiente onde fosse permitida uma visão larga e onde pudesse discutir com autoridade.

— Ora, vamos, deixe de besteira, cara! O lugar-comum da liberdade acadêmica é que é história antiga. Veja nossas universidades. Temos rock e blue jeans e mais grama do que, papel para embrulhá-la.

— Isso é progresso.

— Acreditaria que é um começo?

— Tenho de pensar no assunto.

— Pode mesmo ajudar minha mãe?

— Pode mesmo me ajudar?

— Vamos tentar... Tudo bem, Carlos, o Chacal. Ouvi falar nele, mas não ocupa lugar importante no meu vocabulário. O *direktor* Krupkin diz que ele é um cara muito mau.

— Estou ouvindo a Califórnia.

— Sempre volta. Esqueça. Eu estou onde quero estar e nem por um instante pense o contrário.

— Eu não me atreveria.

— O quê?

— Você está sempre protestando...

— Shakespeare disse melhor. Fiz o curso de literatura inglesa na UCLA.

— Ia se formar em quê?

— História americana. O que mais, vovô?

— Obrigado, garoto.

— Esse Chacal — disse Benjamin, apoiando-se na cerca. Alguns guardas correram para ele. — *Prosteetye!* — gritou. — Não, não, quero dizer, desculpe. *Tak govoroya!* Sou instrutor!... Oh, *merda!*

— Vão denunciá-lo? — perguntou Jason, quando os guardas se afastaram.

— Não, são burros demais. É pessoal da manutenção uniformizado. Eles patrulham a área, mas na verdade não sabem do que se trata. Só quem é o que devem deter.

— Os cães de Pavlov?

— E por que não? Os animais não raciocinam, vão direto no pescoço e enfiam os dentes.

— O que nos leva de volta ao Chacal.

— Não compreendi.

— Não precisa, é simbólico. Como é que ele pode entrar aqui?

— Não devia poder. Todos os guardas, em todos os túneis, têm o nome e o número de série dos documentos do agente que ele matou em Moscou. Se ele aparecer vai ser fuzilado sumariamente.

— Eu disse a Krupkin para não fazer isso.

— Deus do céu, por quê?

— Porque não vai ser *ele*, e vidas serão sacrificadas. Ele vai mandar outros, dois, três ou quatro, nos diversos complexos, sempre experimentando, confundindo, até encontrar um jeito de entrar.

— Você é doido. O que acontece com os homens que ele mandar?

— Isso não importa. Se forem mortos, ele vê e aprende mais uma coisa.

— Você é mesmo biruta. Onde ele vai encontrar gente desse tipo?

— Em qualquer lugar onde exista gente que pensa que está ganhando o salário de um mês por alguns minutos de trabalho. Ele pode dizer que se trata de uma verificação de rotina da segurança — lembre-se, ele tem os documentos para provar que trabalha para o governo. Com ajuda do dinheiro, as pessoas ficam impressionadas e não duvidam dele.

— E no primeiro portão ele perde os papéis — insistiu o instrutor.

— Não, não perde. Ele está viajando por mais de seiscentos quilômetros, passando por dezenas de cidades e lugarejos. Pode fazer cópias em qualquer lugar. Seus centros comerciais têm máquinas Xerox, estão por toda parte e é muito fácil fazer com que as cópias pareçam verdadeiras. — Bourne parou, olhando para o soviético americanizado. — Você está falando de detalhes, Ben, e acredite, eles não contam. Carlos está vindo para cá para deixar sua marca e nós temos uma vantagem que anula toda sua experiência. Se Krupkin conseguiu fazer com que a notícia saia em todos os jornais, o Chacal pensa que eu estou morto.

— O *mundo* todo pensa que você está morto... Sim, Krupkin me contou, seria bobagem não contar. Aqui você é um recruta chamado Archie, mas eu sei quem você é, Bourne. Mesmo que nunca tivesse ouvido falar em você antes, agora ouvi o bastante. Nas últimas quatro horas a Rádio Moscou não fala em outra coisa.

— Então, podemos supor que Carlos tenha ouvido a notícia.

— Sem dúvida. Todos os veículos na Rússia têm rádio, é padrão. Se quer saber, é para o caso de um ataque americano.

— Bom marketing.

— Você assassinou Teagarten em Bruxelas?

— Deixe de ser curioso...

— *Off-limits*, certo. O que você pretende?

— Krupkin devia ter deixado a meu cargo.

— Deixado o quê?

— A entrada do Chacal.

— De que diabo você está falando?

— Use Krupkin, se for necessário, mas avise todos os túneis, todos os acessos a Novgorod para deixar entrar quem estiver com aqueles documentos. Meu cálculo é que vão aparecer três, talvez quatro ou cinco. Devem vigiá-los, mas não impedir que entrem.

— Você acaba de ganhar um quarto forrado com espuma de borracha. Você é louco, Archie.

— Não, não sou. Eu disse que todos devem ser vigiados, seguidos, que os guardam devem manter contato permanente conosco.

— E daí?

— Um desses homens vai desaparecer depois de alguns minutos. Ninguém vai saber onde ele está, nem para onde foi. Esse homem vai ser Carlos.

— *E então?*

— Ele vai se convencer de que é invulnerável, que está livre para fazer o que quiser, porque pensa que eu estou morto. Isso o liberta.

— Por quê?

— Porque ele sabe e eu sei que só eu posso encontrá-lo, como só ele pode me

encontrar, seja na selva ou nas cidades, ou numa combinação de ambas. O ódio faz isso, Benjamin. Ou o desespero.

— É um bocado emocional, não acha? Muito abstrato, também.

— Nada disso — respondeu Jason. — Tenho de pensar como ele pensa — fui treinado para isso há muitos anos... Vamos examinar as alternativas. Até que parte do Volkhov vai Novgorod? Trinta, quarenta quilômetros?

— Quarenta e sete, para ser exato, e cada metro é impenetrável. Temos uma rede de canos de magnésio na água, com espaços acima e abaixo da superfície para evitar que os animais marinhos acionem o alarme. Na margem leste temos grades entrelaçadas, todas sensíveis ao peso. Qualquer coisa com mais de quatro quilos e meio aciona o alarme e monitores de televisão e holofotes são imediatamente focalizados no intruso. Mesmo que uma maravilha de quatro quilos chegue na cerca, uma descarga elétrica a deixa inconsciente. Os canos de magnésio também funcionam assim. É claro que árvores caídas, troncos e animais mais pesados dão muito trabalho à nossa segurança. Mas é boa disciplina, eu acho.

— Então, sobram só os túneis — disse Bourne. — Certo? — Você entrou por um deles. O que posso lhe dizer que você não tenha visto? A não ser que grades de ferro praticamente despencam à menor irregularidade, e que em caso de emergência todos os túneis podem ser inundados.

— Carlos sabe de tudo isso. Ele foi treinado aqui.

— Há muitos anos, Krupkin me disse.

— Muitos anos — concordou Jason. — Será que houve muita mudança?

— Tecnicamente falando, pode encher vários volumes, especialmente no que se refere a comunicações e segurança, mas não basicamente. Não os túneis, as grades dentro e fora d'água. Foram construídos para durar séculos. Quanto aos complexos, sempre há atualizações de menor importância, mas não acredito que eles destruam ruas ou cheguem a demolir prédios. Seria mais fácil mudar uma dezena de cidades.

— Assim, se houve alguma mudança, foram todas internas. — Chegaram a uma miniatura de cruzamento onde o motorista briguento de um Chevrolet dos anos setenta recebia uma multa de um guarda de trânsito, igualmente desagradável.

— O que está acontecendo? — perguntou Bourne.

— O objetivo do exercício é provocar a ira do motorista. Nos EUA todos discutem em voz alta com os guardas de trânsito. O que não acontece aqui.

— Questionar a autoridade, como, por exemplo, o aluno que contradiz o professor? Acho que também não acontece muito.

— Isso é completamente diferente.

— Ainda bem que você pensa assim. — Jason ouviu um zumbido distante e olhou para o céu. Um aquaplane leve, monomotor, voava para o sul, acompanhando

o Rio Volkhov. — Meu Deus, por ar — murmurou ele.

— Esqueça — disse Benjamin. — Aquele avião é nosso... Tecnologia outra vez. Primeiro, não existe nenhum lugar para pousar, a não ser os heliportos e dois são protegidos por radar.

Um avião não identificado que chegue a cinquenta quilômetros daqui é abatido pela base de Belopol.

No outro lado da rua algumas pessoas assistiam à discussão entre o policial desagradável e o motorista briguento que batia com a mão na capota do Chevrolet, incentivado pelos assistentes.

— Os americanos podem ser muito tolos — resmungou o jovem instrutor, visivelmente embaraçado.

— Pelo menos algumas idéias sobre os americanos podem ser tolas — disse Bourne com um sorriso.

— Vamos — disse Benjamin, começando a andar. — Eu já observei que esse exercício não é muito realista, mas me explicaram que o importante é criar a atitude.

— Como dizer a um aluno que ele pode discutir com o professor, ou a um cidadão que ele pode criticar abertamente um membro do Politburo? *São* atitudes estranhas, não são?

— Vá plantar batatas, Archie.

— Fica frio, jovem Lenin — disse Jason, caminhando ao lado dele. — Onde está sua fria sofisticação de Los Angeles?

— Deixei no La Brea Tar Pits.

— Quero estudar os mapas, todos eles.

Estavam na sala de conferências do quartel-general com a mesa longa e retangular coberta de mapas do complexo de Novgorod. Mesmo depois de quase quatro horas de concentração, Bourne freqüentemente balançava a cabeça, admirado. A série de áreas de treinamento ultra-secretas, ao longo do Volkhov, era mais extensa e mais complicada do que ele havia imaginado. A observação de Benjamin de que “seria mais fácil mudar uma dezena de cidades” do que modificar Novgorod era simplesmente a constatação de um fato, não era exagerada. Em escala menor, réplicas de cidades grandes e pequenas, portos e aeroportos, instalações militares e científicas, do Mediterrâneo ao Atlântico, do norte do Báltico ao Golfo de Bothnia, estavam representadas com suas fronteiras, todas de acordo com as medidas reais. Porém, todos os detalhes maciços estavam contidos em pouco mais de quarenta quilômetros de floresta na margem do rio, graças à imaginação e ao processo de miniaturização, numa profundidade de quatro a cinco quilômetros.

— Egito, Israel, Itália — disse Jason, dando volta na mesa, olhando para os mapas —, Grécia, Portugal, Espanha, França e Grã-Bretanha.

Estava no canto da mesa quando Benjamin interrompeu, recostando-se na

cadeira com um gesto cansado.

— Alemanha, Países Baixos e Escandinavos. Como eu expliquei, a maioria dos complexos inclui dois países diferentes, geralmente quando têm limites comuns, semelhanças culturais ou apenas para economizar espaço. Basicamente há nove complexos representando todas as nações importantes — importantes para os nossos interesses —, portanto nove túneis, com uma distância de nove quilômetros entre um e outro, começando com este aqui e seguindo o rio, para o norte.

— Então, o primeiro túnel depois deste é o da Grã-Bretanha, certo?

— Sim, seguido pelo da França, depois Espanha — que inclui Portugal —, depois, o outro lado do Mediterrâneo, com Egito ao lado de Israel...

— Está claro — interrompeu Jason, sentando-se à, cabeceira da mesa e juntando as pontas dos dedos, numa atitude pensativa. — Mandou avisar que devem admitir qualquer pessoa que apresente aqueles documentos, não importa sua aparência?

— Não.

— *O quê?* — Bourne virou a cabeça rapidamente para o jovem instrutor.

— Mande o camarada Krupkin fazer isso. Ele está no hospital em Moscou, assim não podem prendê-lo lá por fadiga causada por excesso de trabalho.

— Como posso passar para outro complexo? Rapidamente, se for necessário?

— Então está pronto para as regras básicas?

— Estou pronto. Já vi o que tinha de ver nos mapas.

— Certo. — Benjamin tirou do bolso um objeto negro do tamanho de um cartão de crédito e um pouco mais grosso. Jogou para Jason, que o apanhou no ar e o examinou. — Esse é o seu passaporte — continuou o soviético. — Só os chefes de equipe têm esse passe e se for perdido, ou esquecido em algum lugar, nem que seja por poucos minutos, o fato deve ser comunicado imediatamente.

— Não tem identidade, nada escrito, nenhuma marca.

— Está tudo dentro, computadorizado e codificado. Na entrada de cada complexo tem uma abertura especial. Você insere o cartão e as barreiras se levantam, admitindo-o e avisando os guardas que você tem permissão do quartel-general — e sua presença é anotada.

— Muito inteligentes esses marxistas atrasados.

— Eles tinham um cartãozinho idêntico para quase todos os quartos de hotel de Los Angeles, e isso foi há quatro anos... Agora, vamos ao resto.

— As regras?

— Krupkin as chama de medidas de proteção — tanto para nós quanto para você. Francamente, ele não acredita que você saia daqui vivo, e se não sair, está frito e perdido para sempre.

— Deliciosamente realista.

— Ele gosta de você, Bourne... Archie.

— Continue.

— No que se refere à equipe dirigente, você está em missão secreta para o escritório do inspetor-geral, em Moscou, um especialista americano enviado para verificar vazamentos de informações de Novgorod para o Ocidente. Devem dar tudo que você pedir, incluindo armas, mas ninguém deve falar com você, a não ser que você fale primeiro. Por causa do meu passado, sou seu contato. Qualquer coisa que precise, fale comigo.

— Agradeço muito.

— Talvez não muito — disse Benjamin. — Você não vai a lugar algum sem mim.

— Isso é inaceitável.

— Mas é como vai ser.

— Não, não é.

— Por quê?

— Porque não quero que me atrapalhem... e se eu sair daqui, quero que a mãe de um certo Benjamin o encontre vivo e bem-disposto, passeando em Moscou.

O jovem russo olhou demoradamente para Bourne, com um misto de força e sofrimento nos olhos.

— Você acha mesmo que pode nos ajudar?

— Eu *sei* que posso... portanto, ajude-me. Jogue segundo minhas regras, Benjamin.

— Você é um homem estranho.

— Sou um homem faminto. Será que se pode arranjar alguma coisa para comer por aqui? E talvez algumas bandagens. Fui ferido há pouco tempo e meu pescoço e meu ombro não querem que eu esqueça.

Jason tirou o paletó. Sua camisa estava ensopada de sangue.

— Jesus Cristo! Vou chamar um médico...

— Não, não vai. Só um enfermeiro, nada mais... Minhas regras, Ben.

— Tudo bem, Archie. Estamos hospedados na suíte dos comissários visitantes, fica no último andar. Pedimos a comida no quarto e vou telefonar para a enfermaria pedindo o enfermeiro.

— Como eu disse, estou com fome e sentindo dor, mas não é isso que me preocupa mais.

— Fique descansado — disse o californiano soviético. — Assim que acontecer alguma coisa fora do normal, você será avisado. Vou enrolar os mapas.

Aconteceu exatamente à meia-noite e dois minutos, logo depois da mudança universal da guarda, quando maior é o escuro da noite. O telefone tocou estridentemente na suíte dos comissários visitantes e Benjamin saltou do sofá.

Atravessou o quarto correndo e agarrou o aparelho gritante e insistente.

— Sim?... *Pdye? Kogda? Shto eio znachit?... Da!* — Desligou o telefone e voltou-se para Bourne, que estava sentado à mesa, os mapas de Novgorod substituídos pelos pratos do jantar. — É *incrível!* No túnel da “Espanha” — no outro lado do rio, dois guardas mortos, e deste lado o oficial da guarda foi encontrado a cinquenta metros do seu posto, com uma bala no pescoço. Passaram os teipes e tudo o que viram foi um homem não identificado, carregando uma sacola de *pano!* Com uniforme de guarda!

— Havia mais alguma coisa, não havia? — perguntou Delta friamente.

— Sim, e talvez você tenha razão. Do outro lado encontraram um camponês com papéis rasgados na mão. Estava entre dois guardas assassinados, um deles só de cueca e com sapatos... Como é que ele *fez* isso?

— Ele era o cara bonzinho, não posso pensar em nada mais — disse Bourne, erguendo-se rapidamente e apanhando o mapa do complexo da “Espanha”. — Ele deve ter mandado o impostor pago com os papéis falsos, depois entrou correndo, o oficial do Komitet ferido descobriu a fraude falando uma língua estrangeira que o impostor não sabia compreender... Eu disse, Ben. Experimentando, testando, agitando e confundindo, ele vai encontrar um meio de entrar. Roubar o uniforme é método padrão, e na confusão ele entrou no túnel.

— Mas qualquer pessoa com os papéis devia ser vigiada e seguida. Foram suas instruções e as de Krupkin!

— O Kubinka — disse Jason, olhando pensativo para o mapa.

— O Arsenal? O que foi mencionado no noticiário da Rádio Moscou?

— Exatamente. Como no Kubinka, Carlos tem alguém aqui dentro. Alguém com autoridade suficiente para mandar que um oficial descartável da guarda leve à sua presença qualquer pessoa que invadir um túnel, antes de soar o alarme.

— Isso é possível — concordou o jovem instrutor rapidamente, com voz firme. — Envolver o quartel-general com alarmes falsos é embaraçoso, e, como você diz, deve ter havido muita confusão.

— Em Paris — disse Bourne, erguendo os olhos do mapa — me disseram que o embaraço é o pior inimigo do KGB. É verdade?

— Numa escala de um a dez, pelo menos oito — respondeu Benjamin. — Mas quem ele pode ter aqui, quem ele *poderia* ter? Há mais de trinta anos que ele não vem a Novgorod.

— Se tivéssemos umas duas horas e alguns computadores programados com as informações sobre todo o pessoal de Novgorod, podíamos talvez pesquisar uma centena de nomes e conseguir algumas possibilidades, mas não temos horas. Não temos nem minutos! Além disso, se eu conheço o Chacal, isso não importa.

— Acho que importa e muito! — exclamou o soviético americanizado. — Há

um traidor aqui e vamos saber quem é!

— Aposto que vai descobrir antes do que pensa... *Detalhes*, Ben. A questão é: ele está *aqui*! Vamos, e você vai me arranjar o que preciso.

— Certo.

— Tudo de que eu preciso.

— Tenho permissão para isso.

— Então, você desaparece. Sei do que estou falando.

— De jeito nenhum, José!

— Califórnia outra vez?

— Você ouviu.

— Então, a mãe do jovem Benjamin vai encontrar um cadáver quando ela voltar para Moscou.

— Que seja!

— Quê...? Por que teve de dizer isso?

— Não sei, me pareceu a coisa certa.

— Cale a boca! Vamos sair daqui!

ILICH RAMIREZ SANCHEZ estalou duas vezes os dedos no escuro enquanto subia os pequenos degraus da entrada em miniatura de uma pequena igreja ao Paseo dei Prado, em “Madri”, com a sacola na mão esquerda. Um vulto saiu de trás de uma imitação de coluna, um homem pesado de sessenta e poucos anos que caminhou quase diretamente sob a luz fraca da lâmpada distante. Vestia uniforme de oficial do exército espanhol, tenente-general com três fileiras de divisas na túnica. Carregava uma maleta de couro que ergueu um pouco e disse, na língua do complexo:

— Entre para a sacristia. Pode trocar de roupa lá. Essa túnica de guarda não lhe serve e pode ser um convite para atiradores furtivos.

— É bom falar a nossa língua outra vez — disse Carlos, acompanhando o homem para dentro, da igrejinha e voltando-se com o corpo rígido para fechar a porta pesada. — Devo-lhe um favor, Enrique — acrescentou, olhando para as fileiras de bancos vazios e para as luzes fracas no altar, onde brilhava o crucifixo de ouro.

— Você me deve há mais de trinta anos, Ramirez, e o que foi que ganhei com isso? — disse rindo o velho soldado, caminhando pela passagem central, na direção da sacristia.

— Então, talvez você não tenha notícias do que resta da sua família, em Baracoa. Nem os irmãos e irmãs de Fidel vivem tão bem.

— Nem o louco do Fidel, mas ele não se importa. Dizem que ele agora toma banho com maior frequência e eu acho que isso é um progresso. Porém você estava falando da minha família em Baracoa, e o que me diz de *mim*, meu bom assassino internacional? Nada de iates, nada de corridas, devia se envergonhar! Se não fosse o meu aviso, você teria sido executado neste mesmo complexo, há 33 anos. Pensando bem, foi bem na frente desta igrejinha idiota, no Prado, que você conseguiu escapar — vestido de padre, uma figura que desperta respeito nos russos, como em todo mundo.

— Depois que me estabeleci você passou alguma necessidade? — Entraram num quarto pequeno onde supostos prelados preparavam os sacramentos. — Eu lhe recusei alguma coisa? — perguntou Carlos, pondo a sacola pesada no chão.

— Estou brincando com você, é claro — disse Enrique, com um sorriso bem-humorado e olhando para o Chacal. — Onde está aquele seu senso de humor, meu velho e infame amigo?

— Tenho outras preocupações.

— É claro que tem, e na verdade você nunca foi menos do que generoso no que

se refere à minha família em Cuba, e eu agradeço. Meu pai e minha mãe viveram em paz e com conforto, intrigados, é claro, mas muito melhor do que todos que conheciam... Tudo foi uma loucura. Revolucionários perseguidos por seus líderes da revolução.

— Vocês eram ameaça para Castro, assim como Che. Tudo é passado.

— Muita coisa passou — concordou Enrique, olhando atentamente para Carlos. — Os anos não foram bons para você, Carlos. Onde está aquela farta cabeleira e o rosto forte com olhos claros?

— Não vamos falar nisso.

— Tudo bem, eu engordei, você emagreceu, isso significa alguma coisa. Seu ferimento é grave?

— Posso me movimentar o bastante para o que pretendo fazer — o que devo fazer.

— Ramirez, o que mais existe ainda? Ele está *morto*! Moscou reivindica o crédito por essa morte, mas logo que ouvi a notícia, compreendi que o crédito é seu, a execução sua obra. Jason Bourne está morto! Seu inimigo partiu deste mundo. Você não está bem, volte para Paris e procure recuperar as forças. Eu o faço sair do mesmo modo que o fiz entrar. Entramos na “França” e eu abro caminho. Você será um mensageiro do comandante de “Espanha” e “Portugal”, levando uma mensagem confidencial à Praça Dzerzhinsky. Fazemos isso constantemente. Aqui ninguém confia em ninguém, especialmente nos portões. Nem precisa se arriscar matando um guarda.

— Não! Eles precisam aprender uma lição!

— Então, vou dizer de outro modo. Quando você telefonou com seus códigos de emergência, eu fiz o que pediu, pois sem dúvida você cumpriu suas obrigações para comigo, obrigações que remontam a trinta anos. Mas agora há outro risco envolvido — *riscos*, para ser exato — e acho que não estou disposto a enfrentá-los.

— Atreve-se a falar assim *comigo*? — exclamou o Chacal, tirando a túnica do guarda morto, expondo as ataduras limpas e brancas sobre o ferimento no ombro direito.

— Deixe de ser teatral — disse Enrique, com voz macia.

— Nos conhecemos há muito tempo. Estou falando com um jovem revolucionário com quem eu saí de Cuba, acompanhado pelo grande atleta chamado Santos... Por falar nisso, como vai ele? Santos era a verdadeira ameaça para Fidel.

— Ele está bem — respondeu Carlos secamente. — Vamos mudar o Coeur du Soldat.

— Santos ainda cuida do jardim — do seu jardim inglês?

— Sim, ainda.

— Ele devia ser paisagista, ou florista, eu acho. E eu teria sido um ótimo

engenheiro agrônomo, como eles dizem — foi assim que eu e Santos nos conhecemos, sabia?... Os melodramas políticos mudaram nossas vidas, não foi mesmo?

— *Compromissos* políticos as mudaram. Por toda parte os fascistas mudaram nossas vidas.

— E agora queremos ser iguais a eles e eles querem tomar o que nós, os comunistas, temos de menos terrível e espalhar um pouco de dinheiro. O que não funciona, mas é interessante assim mesmo.

— O que isso tudo tem a ver comigo — seu monsenhor?

— Estéreo de cavalo, Ramirez. Como você deve saber, ou não, minha mulher russa morreu há alguns anos e eu tenho três filhos na Universidade de Moscou. Sem a minha posição, eles não estariam lá e eu quero que continuem onde estão. Serão cientistas, médicos... Esses são os riscos que você está exigindo de mim. Até este momento consegui não ser apanhado e você merece este momento — mas nada mais. Vou me aposentar e, por meus serviços no Mediterrâneo e no sul da Europa, terei uma dacha no Mar Negro, onde meus filhos podem me visitar. Não quero arriscar sem motivo os anos que me restam para viver. Portanto, seja claro, Ramirez, e diga se você está sozinho ou não... Eu repito, não podem saber que o ajudei a entrar e, como já disse também, você merecia que o ajudasse, mas é aqui que eu paro.

— Compreendo — disse Carlos, aproximando-se da mala que Enrique havia posto sobre a mesa da sacristia.

— Espero que compreenda. Durante todos esses anos você foi bom para minha família, de um modo que eu jamais poderia ser, e eu o servi bem sempre que foi possível. Eu o levei a Rodchenko, inseri seu nome nos ministérios de informações, onde o próprio Rodchenko examinou suas credenciais. Assim, meu camarada revolucionário, não estive de braços cruzados no que diz respeito a seus interesses. Porém, as coisas são diferentes agora, não somos mais jovens entusiasmados à procura de uma causa, pois perdemos nosso apetite por causas — você, muito antes do que eu, é claro.

— Minha causa ainda é a mesma — interrompeu o Chacal. — É a minha pessoa e todos que me servem.

— *Eu o servi...*

— Você deixou isso bem claro, assim como minha generosidade para com você e sua família. E agora, que estou aqui, está imaginando se eu mereço mais ajuda, é isso, não é?

— Preciso me proteger. *Por que* você está aqui?

— Eu já disse. Para dar uma lição, entregar uma mensagem.

— As duas são a mesma coisa?

— Sim, são.

Carlos abriu a mala. Dentro havia uma camisa de fazenda áspera, um boné de pescador português, calça com cinto de corda e uma mochila de marinho.

— Para que estas roupas? — perguntou o Chacal.

— São largas e eu não o via há anos — desde os anos setenta, em Málaga, eu acho. Não podia fazer roupas sob medida e isso foi bom —, você não é mais o homem que eu lembrava, Ramirez.

— Você não está muito diferente — respondeu o assassino. — Um pouco mais gordo, mais barrigudo, talvez, mas temos ainda a mesma altura, a mesma estrutura básica.

— Sim, e daí?

— Num momento... As coisas mudaram muito por aqui?

— Constantemente. Chegam os fotógrafos e no dia seguinte a turma da construção. O Prado, aqui em “Madri”, tem lojas novas, luminosos, até uma nova rede de esgotos, como a cidade verdadeira. “Lisboa” e as docas no “Rio Tejo” e na “Baía” foram alteradas, de acordo com as mudanças em Portugal. Somos sempre autênticos. Os candidatos que completam o treinamento sentem-se literalmente em casa nos lugares para onde são enviados. Às vezes chego a pensar que é um pouco demais, depois me lembro da minha primeira missão na base naval, em Barcelona, e de como eu me sentia bem. Comecei a trabalhar imediatamente porque a orientação psicológica já estava feita, não havia surpresa importante.

— Está descrevendo aparências — interrompeu Carlos.

— É claro, o que mais?

— Estruturas mais permanentes, não tão em evidência.

— Por exemplo?

— Armazéns, depósitos de combustíveis, corpo de bombeiros, que não fazem parte do cenário duplicado. Continuam onde eram antes?

— De um modo geral, sim. Especialmente os armazéns principais e os depósitos de combustíveis com tanques subterrâneos. A maioria está ainda a oeste do distrito de “São Roque”, o acesso para “Gibraltar”.

— E as passagens de um complexo para o outro?

— Bem, isso *mudou*. — Enrique tirou do bolso da túnica um pequeno objeto quadrado. — Cada ponto de entrada nas fronteiras tem um registro computadorizado que abre as portas quando este cartão é inserido na abertura.

— Nenhuma pergunta?

— Só no quartel-general da capital de Novgorod, quando é necessário fazer alguma pergunta.

— Como assim?

— Se um destes cartões for roubado, o furto é comunicado imediatamente e os

códigos anulados.

— Compreendo.

— Pois eu não. Por que todas essas perguntas? Por que você está *aqui*? Que lição é essa, que mensagem?

— O distrito de “São Roque”...? — disse Carlos, tentando se lembrar. — Fica a uns três ou quatro quilômetros ao sul do túnel, certo? Uma cidadezinha na costa, não é isso?

— O acesso para “Gibraltar”, sim, é isso.

— E o complexo seguinte é “França”, é claro, depois “Inglaterra” e finalmente o maior, “Estados Unidos”. Sim, lembro-me bem. — O Chacal voltou-se e sua mão desapareceu sob a calça.

— Pois nada está claro *para mim* — disse Enrique, em voz baixa e ameaçadora. — E eu tenho de saber, Ramirez. Por que você está aqui?

— Como se atreve a me interrogar? — disse Carlos, de costas para o antigo companheiro. — Como *qualquer pessoa se atreve a interrogar o monsenhor de Paris*?

— Pois agora escute, Padre de Merda. Você me responde ou eu saio daqui e em poucos minutos você é um monsenhor muito morto.

— Está bem, Enrique — disse Ilich Ramirez Sanchez, falando para as paredes da sacristia. — Minha mensagem será triunfalmente clara e vai abalar as bases do Kremlin. O Chacal não só matou o falso e fraco Jason Bourne em solo soviético, como também deixou uma lembrança para a Rússia toda pelo terrível erro cometido pelo Komitet quando se recusou a utilizar seus talentos extraordinários.

— Ora, deixe disso — disse Enrique, rindo baixinho, como se estivesse tratando com um homem muito menos extraordinário. — Mais teatro, Ramirez? E como é que vai deixar essa lembrança, essa *mensagem*, esta afirmação suprema?

— É muito simples — respondeu o Chacal, voltando-se com uma arma com silenciador na mão. — Vamos trocar de lugar.

— *O quê?*

— Eu vou incendiar Novgorod.

Carlos deu um único tiro no pescoço de Enrique. Não queria muito sangue na túnica do homem.

Em uniforme de combate com insígnias de major do exército no ombro da túnica, Bourne era mais um dos poucos militares que percorriam o complexo americano na sua patrulha noturna. Segundo Benjamin, não eram mais de trinta homens, que cobriam toda a extensão do complexo. Nas áreas “metropolitanas” geralmente faziam a ronda a pé, de dois em dois. Nos distritos “rurais” usavam veículos militares. O jovem instrutor requisitou um jipe.

Saíram da suíte dos comissários para o armazém militar a oeste do rio, onde

entraram apresentando os documentos de Benjamin. Lá dentro os guardas atônitos viram o homem alto e silencioso receber um uniforme completo de combate, uma baioneta, uma automática 45 e cinco pentes de munição real, estes últimos depois de um telefonema para os subordinados não identificados de Krupkin, no quartel-general da capital. Saíram do armazém e Jason disse:

— E os sinalizadores que eu pedi, e pelo menos três ou quatro granadas? Você disse que iam me dar tudo de que eu precisasse, não apenas a metade!

— Estão a caminho — respondeu Benjamin, saindo rapidamente do estacionamento do armazém. — Os sinalizadores estão no departamento de veículos motorizados e as granadas não fazem parte do nosso armamento comum. Estão em cofres de aço no túnel — em todos os túneis — na seção de armamentos de emergência. — O jovem instrutor olhou para Jason com riso nos olhos. — Para o caso de um ataque da OTAN, provavelmente.

— Isso é bobagem. Nós viríamos do céu.

— Não com a base aérea a noventa segundos, tempo de vôo, é claro.

— Vamos depressa, eu quero as granadas. Teremos algum problema?

— Não se Krupkin continuar trabalhando bem. Krupkin continuava trabalhando bem.

Obtidos os sinalizadores, o túnel era a última parada dos dois. Quatro granadas do exército russo foram separadas e Benjamin assinou o recibo.

— Agora, para onde? — perguntou o instrutor, quando o soldado com uniforme americano voltou para sua guarita de concreto.

— Não são exatamente granadas americanas — disse Jason, guardando as quatro, cuidadosamente, uma a uma, nos bolsos do seu uniforme.

— Também não são para treinamento. A orientação básica dos complexos não é militar, mas civil. Se essas granadas forem usadas, não será para doutrinação... Para onde vamos agora?

— Ligue para o quartel-general e verifique se aconteceu mais alguma coisa nas fronteiras.

— Meu bfp teria avisado...

— Não confio em bips, gosto de palavras — interrompeu Jason. — Chame pelo rádio.

Benjamin obedeceu, falando em russo e usando os códigos só conhecidos pelo alto escalão. A resposta soou áspera em russo. O instrutor desligou o rádio e voltou-se para Bourne.

— Nenhuma atividade. Apenas algumas entregas de combustíveis entre os complexos.

— Que combustível?

— A maior parte, gasolina. Alguns complexos têm tanques maiores, assim a

logística determina cotas de rotina até os suprimentos maiores serem despachados rio abaixo.

— Fazem a distribuição à noite?

— É melhor, para que os caminhões não obstruam as ruas durante o dia. Lembre-se, tudo aqui é em escala. Além disso, estamos usando as estradas secundárias, mas um exército de manutenção está fazendo a limpeza de lojas, escritórios e restaurantes nos pontos centrais, preparando tudo para os exercícios de amanhã. Os caminhões só iam atrapalhar.

— Cristo, é a Disneylândia... Tudo bem, vamos para a fronteira da “Espanha”, Pedro.

— Teremos de atravessar a “Inglaterra” e a “França”. Acho que não tem muita importância, mas não falo francês. Nem espanhol. Você fala?

— Francês, fluentemente, espanhol, dá para o gasto. Mais alguma coisa?

— Acho melhor você dirigir.

O Chacal freou o caminhão enorme na fronteira da “Alemanha Ocidental”. Não pretendia ir mais adiante. As outras áreas do norte, “Escandinávia” e “Holanda”, eram satélites sem importância, o impacto da sua destruição não podia se comparar ao dos complexos mais ao sul e não compensava perder tempo com elas. Tudo estava de acordo com seus cálculos e a “Alemanha Ocidental” ia dar início à conflagração em massa. Ajeitou a camisa portuguesa que encobria a túnica espanhola de general e, quando o soldado saiu da casa da guarda, Carlos falou em russo, usando as mesmas palavras que havia usado nas outras fronteiras.

— Não me peça para falar essa língua estúpida que vocês falam. Eu entrego gasolina, não passo meu tempo nas salas de aula! Aqui está a minha chave.

— Eu também falo muito mal a língua daqui, camarada — disse o guarda, rindo e inserindo o objeto pequeno e quadrado na máquina computadorizada. A barreira pesada de ferro foi levantada, o guarda devolveu a chave e o Chacal entrou rapidamente com o caminhão na “Alemanha Ocidental”.

Passou pela réplica estreita da Kurfurstendamm até a Budapesterstrasse, onde diminuiu a marcha e abriu a válvula da gasolina. O combustível inundou a rua. Carlos tirou da mochila os pequenos explosivos de tempo, de plástico e, como havia feito nos complexos ao sul da fronteira da “França”, atirou-os pelas janelas dos dois lados do caminhão, para perto dos prédios de madeira. Passou rapidamente pelo setor de “Munique”, depois pelo porto de “Bremerhaven”, no rio, e finalmente entrou em “Bonn”, na “Bad Godesberg” onde ficavam as cópias em pequena escala das embaixadas, por toda parte inundando as ruas e atirando os explosivos. Consultou o relógio. Hora de voltar. Dentro de 15 minutos os explosivos iam detonar em toda a “Alemanha Ocidental”, depois nos complexos combinados de “Itália-Grécia”, “Israel-Egito” e “Espanha-Portugal”, com um espaço de tempo de oito minutos entre

um e outro, para criar o maior caos possível.

Os corpos de bombeiros de cada complexo não poderiam de modo algum deter o fogo nas ruas e nos prédios, em setores diferentes, ao norte da “França”. Os que fossem chamados dos complexos vizinhos teriam de voltar para atender à emergência em suas áreas. Era uma fórmula simples de confusão cósmica, sendo o cosmos o universo falso de Novgorod. As barreiras nas fronteiras seriam abertas, o tráfego entraria em pânico e, para completar a devastação, o gênio que era Ilich Ramirez Sanchez — levado para o mundo do terror como Carlos, o Chacal, por aquele mesmo Novgorod — precisava estar em “Paris”. Não a sua Paris, mas a odiada “Paris” de Novgorod que ele transformaria em cinzas como os nazistas maníacos jamais sonharam fazer. Depois, a “Inglaterra”, e finalmente, para terminar, o maior complexo do desprezado, isolado e falso Novgorod, onde ele deixaria sua mensagem triunfante — os “Estados Unidos da América”, criador do assassino apóstata Jason Bourne. Uma mensagem pura e clara, como água dos Alpes, lavando o sangue de um universo falso destruído.

Fiz tudo isto sozinho. Meus inimigos estão mortos e eu estou vivo.

Carlos examinou a mochila. Restavam apenas os mais letais instrumentos de morte encontrados no arsenal de Kubinka. Quatro fileiras de mísseis termodirigidos, vinte ao todo, cada um capaz de explodir toda a base do Monumento a Washington, e uma vez acesos e retirados das capas protetoras, cada um ia procurar as fontes de calor e fazer seu trabalho. Satisfeito, o Chacal fechou a válvula da gasolina e voltou para a fronteira.

O técnico no quartel-general da capital piscou os olhos, cheio de sono, e olhou para as letras verdes na tela à sua frente. O que estava lendo não fazia sentido, mas os acessos não foram questionados. Pela quinta vez o “comandante” do complexo “espanhol” havia cruzado, indo e voltando, as fronteiras do norte, na “Alemanha”, e agora voltava para a “França”. Duas vezes antes, quando recebeu o sinal, obedecendo ao código de alerta máximo em vigor, o técnico havia telefonado para os pontos de entrada de “Israel” e da “Itália” e foi informado de que apenas um caminhão-tanque havia passado por eles. Passou a informação para o instrutor com código de acesso total, Benjamin. Mas agora ele estava intrigado. Por que um oficial de patente tão alta estaria dirigindo um caminhão-tanque?... Por outro lado, por que não? Todos suspeitavam que Novgorod estava eivado de corrupção, portanto, talvez o “comandante” estivesse procurando os corruptos ou fazendo sua coleta, à noite. De qualquer modo, uma vez que não havia qualquer informação sobre o roubo de um cartão de acesso e os computadores não fizeram nenhuma objeção, era melhor deixar as coisas como estavam. Nunca se sabia quem ia ser o próximo superior.

— *Voici ma carte* — disse Bourne para o guarda da fronteira, entregando o cartão computadorizado. — *Vive, s'il vous plait!*

— *Da... oui* — respondeu o guarda, dirigindo-se rapidamente para a máquina, no momento em que um enorme caminhão-tanque passava em sentido contrário, dirigindo-se para a “Inglaterra”.

— Não insista muito no francês — disse Benjamin, sentado no jipe, ao lado de Jason. — Esses caras fazem o melhor possível, mas não são linguistas.

— *Cal-if-fórnia...* aqui vou eu — cantou Bourne suavemente. — Tem certeza de que você e seu pai não querem se juntar à sua mãe em Los Angeles?

— Ora, cale a boca!

O guarda voltou, fez continência, e a barreira de ferro foi levantada. Jason acelerou e logo estavam vendo uma réplica da Torre Eiffel, iluminada por holofotes. A direita, ao longe, estava a miniatura dos Champs-Élysées com uma reprodução em madeira do Arco do Triunfo, suficientemente alto para ser inconfundível. Bourne lembrou aquelas horas terríveis e tensas em que ele e Marie percorriam Paris, um à procura do outro... Marie, oh Deus, *Marie! Eu quero voltar, quero ser David* outra vez. Ele e eu — estamos muito mais velhos agora. Ele não me assusta mais e eu não o irrita... Quem? Qual de nós dois? Oh, Cristo!

— Espere — disse Benjamin, tocando o braço de Jason. — Vá mais devagar.

— O que foi?

— *Pare!* — exclamou o jovem instrutor. — Estacione no meio-fio e desligue o motor.

— O que há com você?

— Não tenho certeza. — Benjamin inclinou a cabeça para trás e olhou para o céu cintilante de estrelas. — Nenhuma nuvem — disse ele. — Nenhuma tempestade.

— Também não está chovendo. E daí? Quero chegar logo ao complexo “espanhol”.

— Lá vai outra vez...

— De que droga você está falando? — Então Bourne ouviu... ao longe, o ruído do trovão, mas a noite estava clara. Outra vez e outra, e outra, um rolar profundo depois do outro.

— *Lá!* — gritou Benjamin, de pé no jipe, apontando para o norte. — O que é isso?

— Isso é fogo — respondeu Jason, em voz baixa e hesitante, levantando-se também e olhando para o reflexo bruxuleante da luz, ao longe, no céu. — E aposto que é no complexo espanhol. Ele começou lá seu treinamento e foi para isso que ele voltou — para destruir tudo. É a sua vingança!.. *Sente-se!* Precisamos ir para lá!

— Não, está errado — disse Benjamin, sentando-se imediatamente. Jason ligou o motor e engatou a marcha. — A “Espanha” fica a seis ou sete quilômetros daqui. Aquele fogo está mais longe.

— Mostre o caminho mais rápido — disse Jason, com o acelerador no chão do

jipe.

Guiados pelos olhos atentos do jovem instrutor e gritos bruscos de “Vire aqui!” “Para a direita!” e “Vá em frente!” eles atravessaram “Paris” e seguiram para o norte, passando por setores de “Marselha”, “Montbéliard”, “Le Havre”, “Strasbourg” e muitos outros, dando a volta nas praças e seguindo por ruas e quarteirões elegantes em miniatura, até a fronteira da “Espanha”. À medida que se aproximavam, as explosões soavam mais fortes e o brilho amarelo no céu ficava mais intenso. Os guardas da fronteira falavam frenéticos nos telefones e nos rádios portáteis. As sirenas de dois tons juntaram-se aos gritos de ordens e de desespero, quando os carros da polícia e os bombeiros apareceram aparentemente do nada, correndo pelas ruas de “Madri” a caminho da fronteira mais próxima.

— O que está *acontecendo*? — gritou em russo Benjamin, saltando do jipe e ignorando todo o treinamento de Novgorod. — Sou da equipe de instrução. — Inseriu o cartão, a barreira foi levantada. — *Digam, o que está acontecendo?*

— *Uma loucura*, camarada — gritou um policial, da janela da casa da guarda. — Incrível!... É como se o mundo tivesse enlouquecido! Primeiro a “Alemanha”, por toda parte explosões e fogo, nas ruas e nos prédios, tudo devorado pelas chamas. A terra treme, e nos disseram que é uma espécie de terremoto. Depois foi na “Itália” — “Roma” está em chamas e no setor “grego”, em “Atenas” e no porto do “Pireu” há fogo por toda parte e as explosões continuam, todas as ruas em chamas!

— O que disse o quartel-general da capital?

— Eles não sabem o *que* dizer! A bobagem do terremoto foi só isso — *bobagem*. O pânico é geral, todo mundo dá ordens e contra-ordens. — Outro telefone tocou, o guarda atendeu, escutou e gritou a plenos pulmões. — Loucura, *loucura* completa! Tem certeza?

— O que foi? — gritou Benjamin, correndo para a janela da casa da guarda.

— “Egito!” — gritou Benjamin, com o telefone no ouvido. — “*Israel!*”... “Cairo” e “Tel Aviv” — fogo e bombas por toda parte! Ninguém pode impedir a devastação. Os caminhões colidem uns com os outros nas ruas estreitas. Os hidrantes explodem, a água corre nas sarjetas, mas o fogo continua ... E algum idiota acaba de telefonar perguntando se os avisos de “Não Fumar” estão nos lugares certos, enquanto os prédios de madeira transformam-se em cinzas! Idiotas. São todos uns *idiotas!*

— Volte aqui! — gritou Bourne, passando pelo portão com o jipe. — Ele está aqui, em algum lugar! Você dirige e eu... — Foi interrompido por uma explosão ensurdecadora no centro do “Paseo dei Prado”, em “Madri”. Foi uma detonação enorme que lançou madeira e pedra para o céu em chamas. Então, como se o Paseo fosse uma parede de fogo viva, imensa e pulsante, as chamas rolaram para a frente, virando para a esquerda, para fora da “cidade”, invadindo a estrada que levava à

fronteira.

— Cuidado! — gritou Bourne, enquanto saía agachado do jipe, e deitado no chão de cascalho protegeu com as mãos o rosto, o nariz. — Cristo! — rugiu ele. — Toda a maldita estrada está encharcada de *gasolina*! — Uma coluna de fogo ergueu-se a trinta metros na frente do jipe, lançando pedras e terra na grade de metal, enquanto as chamas avançavam com uma velocidade aterradora. *Plásticos!*, pensou Jason, depois gritou para Benjamin que corria para o jipe. — Volte para lá! Tire todos de lá! O filho da mãe espalhou explosivos de plástico por toda parte! Vão todos para o rio!

— Eu vou com você! — gritou o jovem soviético, com a mão na porta do jipe.

— Desculpe, garoto — exclamou Bourne, saindo com o veículo militar, atirando Benjamin ao chão. — Isto é para gente adulta.

— O que você está *fazendo*? — gritou Benjamin, enquanto o jipe desaparecia na estrada.

“O maldito caminhão, aquela droga de caminhão-tanque!” — murmurou Jason, entrando velozmente em “Strasbourg, França”.

Aconteceu em “Paris” — onde mais senão em *Paris*! A enorme duplicata da Torre Eiffel explodiu com tamanha força que a terra tremeu. Foguetes? Mísseis? O Chacal havia roubado *mísseis* do Arsenal Kubinka! Segundos depois, bem atrás dele, as explosões começaram e as ruas se transformaram em imensas fogueiras. *Por toda parte*. Toda a “França” estava sendo destruída de um modo que nem o louco Adolf Hitler podia ter imaginado nos seus sonhos mais insanos. Homens e mulheres em pânico corriam pelas ruas gritando, caindo, implorando aos deuses renegados por seus líderes.

“*Inglaterra!*” Precisava chegar na “Inglaterra” e, depois, nos “EUA” onde, diziam seus instintos, ia ser o fim — de um modo ou de outro. Precisava encontrar o carro-tanque dirigido pelo Chacal e destruir os dois. Podia fazer isso — *podia*! Carlos pensava que ele estava morto e essa era a chave, porque o Chacal faria o que tinha de fazer, o que *ele*, Jason Bourne faria se fosse Carlos. Quando o holocausto provocado por ele chegasse ao auge, o Chacal deixaria o carro-tanque e ia pôr em jogo seu plano de fuga — sua fuga para Paris, para a *verdadeira* Paris, onde seu exército de velhos espalharia a notícia do triunfo do monsenhor sobre os soviéticos, onipresentes e ateus. Seria em algum lugar perto do túnel, isso era certo.

A corrida por “Londres”, “Coventry” e “Portsmouth” só podia ser comparada às imagens do filme noticiário da Segunda Guerra, mostrando a carnificina provocada pela Luftwaffe na Grã-Bretanha, que começava com os primeiros gritos e passava ao terror silencioso das bombas V-2 e V-5. Mas os residentes de Novgorod não eram britânicos — a paciência corajosa dava lugar à histeria em massa, a preocupação por todos era substituída pela luta individual pela sobrevivência. Enquanto as

impressionantes reproduções do Big Ben e das Casas do Parlamento desabavam em chamas e as fábricas de aviões em “Coventry” eram reduzidas a imensas fogueiras, as ruas enchiam-se de gritos, multidões apavoradas corriam nas estradas que levavam ao Rio Volkhov e ao porto de “Portsmouth”. Ali, dos cais em escala pequena, milhares de pessoas atiravam-se na água, eram apanhadas pelas grades de magnésio com as descargas elétricas rápidas e violentas e os corpos flutuavam para as outras armadilhas de metal acima e abaixo da superfície das águas revoltas. Grupos de homens e mulheres observavam a tragédia, paralisados, e voltavam para a miniatura da cidade de “Portsea”. Os guardas abandonavam seus postos e o caos dominava a noite.

Girando o holofote lateral do jipe, Bourne seguia em marcha ora lenta, ora mais acelerada, pelas vielas e ruas menos movimentadas — para o sul, sempre para o sul. Apanhou um sinalizador do chão do jipe, puxou o cordão, acendendo o cilindro e sacudindo-o de um lado e do outro, aproximava-o o mais possível das mãos e dos rostos dos fugitivos histéricos que tentavam subir no veículo. Eles gritavam e recuavam, cegos pela chama viva do sinalizador, pensando sem dúvida que era outra explosão.

Uma estrada de cascalho! Os portões do complexo americano estavam a menos de cem metros... *A estrada de cascalho?* Encharcada de gasolina! Os explosivos de plástico ainda não tinham explodido — mas iam explodir dentro de alguns minutos, criando um muro de chamas que envolveria o jipe e o motorista! Com o acelerador no chão, Jason chegou ao portão. Estava deserto — com a barreira de ferro *abaixada!* Pisou bruscamente no freio, derrapando antes de parar, esperando, além de qualquer esperança razoável, não ter provocado fagulhas que incendiariam a estrada. Colocou o sinalizador ainda aceso no chão de metal e tirou rapidamente dos bolsos as granadas — das quais se desfazia com relutância —, puxou os pinos e atirou duas na direção dos portões. A explosão maciça destruiu a barricada e ao mesmo tempo incendiou a estrada. As chamas altas e ávidas o envolveram! Jason não teve escolha, jogou para longe o sinalizador e acelerou, passando pelo túnel de fogo, para o maior complexo de Novgorod. Nesse instante, a casa de concreto da guarda na fronteira “inglesa” explodiu, espalhando pedaços de metal e de pedra.

Na pressa de chegar à “Espanha”, Jason não havia gravado perfeitamente a ordem e os nomes das pequenas réplicas das cidades americanas, nem o caminho mais curto para o túnel. Seguiu apenas os comandos gritados de Benjamin, mas lembrava-se do californiano ter se referido várias vezes à “estrada da costa — como a Route One, cara, que vai para Carmel!” Sem dúvida eram as ruas mais próximas do Rio Volkhov que por sua vez tornavam-se, sem ordem de seqüência geográfica, uma praia no “Maine”, o Rio Potomac, de “Washington” e as águas do norte de Long Isíand Sound, onde ficava a base naval de “New London”.

A loucura já estava nos “EUA”. Carros da polícia, com a sirena a toda, corriam pelas ruas, homens gritavam nos rádios portáteis e o povo, vestido e semidespido, saía correndo e gritando, dos prédios e das lojas, fugindo do terrível terremoto que abalava aquele braço do Volkhov, mais severo do que a catástrofe da Armênia. Mesmo sabendo com certeza que se tratava de uma infiltração devastadora, os líderes de Novgorod não podiam dizer a verdade ao povo. Era como se tivessem esquecido todos os sismólogos do mundo, como se todas as suas descobertas não tivessem fundamento. As forças gigantescas que atuam sob a terra não colidem e explodem com terrível rapidez, mas em ondas, enviando uma série de golpes do norte para o sul. Quem pode questionar a autoridade de quem, em pânico, luta pela sobrevivência? Todos nos “EUA” estavam sendo preparados. Para o quê, não sabiam.

Descobriram dez minutos depois da destruição de grande parte da “Grã-Bretanha” em miniatura. Bourne estava chegando a “Washington, D.C.” quando o fogo começou. O primeiro edifício a arder em chamas, com o ruído da explosão soando uma fração de segundo depois, foi a duplicata em madeira da cúpula do Capitólio que subiu para o céu amarelado como a frágil e oca réplica que era. Momentos depois — apenas *momentos* — o Monumento a Washington, no centro do gramado do parque, desmoronou com um som surdo e distante como se seus falsos alicerces tivessem sido empurrados por uma enorme removedora de terra. Em segundos, a construção artificial que representava a Casa Branca desfez-se em chamas, as explosões abafadas pelo rio de chamas que era a “Avenida Pensilvânia”.

Agora Bourne sabia onde *ele* estava. O túnel ficava entre “Washington” e “New London, Connecticut”, a menos de cinco minutos dali! Seguiu a margem do rio, entre a multidão assustada e histérica. Os policiais gritavam nos alto-falantes, primeiro em inglês, depois em russo, explicando as conseqüências terríveis se alguém tentasse atravessar o rio a nado, com os holofotes girando de um lado para o outro, localizando os corpos dos que haviam tentado esse meio de fuga nos complexos do norte.

— O túnel, o *túnel*! Abram o túnel!

Os gritos da multidão transformaram-se numa ladainha que era quase uma força física. Os encanamentos subterrâneos estavam prestes a ser assaltados. Jason saltou do jipe rodeado de gente, pôs nos bolsos os três sinalizadores restantes e, abrindo caminho com os braços e os ombros, tentou inutilmente atravessar a massa compacta e apavorada. Não tinha outro recurso. Apanhou um sinalizador e acendeu. Deu resultado, o calor e o fogo eram catalisadores. Ele correu no meio do povo, empurrando quem se punha na frente, aproximando o fogo e a luz dos rostos apavorados, até chegar ao cordão formado pelos guardas com uniformes do exército dos Estados Unidos. Era loucura, *insanidade*! O mundo estava *louco*!

Não! *Ali!* O caminhão-tanque estava no estacionamento cercado! Jason atravessou o cordão de guardas, com o cartão de passe na mão erguida e correu para o soldado de posto mais alto, um coronel, com uma AK-47 na cintura e tão apavorado quanto os oficiais de alta patente que ele vira em Saigon.

— Minha identificação é com o nome “Archie” e você pode liberar imediatamente. Mesmo agora, recuso-me a falar nossa língua, só *inglês!* Entendeu? Disciplina é *disciplina*.

— *Togda?* — berrou o oficial, questionando o momento, depois passando rapidamente para o inglês, com um afetadíssimo sotaque de Boston. — É claro, nós o conhecemos — gritou. — Mas o que posso *fazer?* Isto é uma desordem incontrolável.

— Alguém passou pelo túnel na última meia hora?

— Ninguém, absolutamente ninguém! Nossas ordens são para manter o túnel fechado a todo custo!

— Ótimo... Use o alto-falante e disperse o povo. Diga que a crise passou e o perigo também.

— Como *posso* dizer isso? O fogo está por toda parte, explosões por *toda parte!*

— Vão acabar logo.

— Como você sabe?

— Eu *sei*. Faça o que estou mandando.

— Faça o que ele está mandando! — rugiu alguém atrás de Bourne. Benjamin, com a camisa encharcada de suor, continuou: — E espero que você saiba do que está *falando!*

— De onde você veio?

— De onde, você sabe; como, é outra história. Tente fazer o quartel-general se sujar de medo para conseguir um helicóptero, ordenado por um Krupkin apoplético, de um leito de hospital em Moscou.

— “Apoplético”. Nada mau para um russo...

— Quem está *me* dando essas ordens? — berrou o oficial da guarda. — Você não passa de um garoto.

— Verifique, meu chapa, mas faça depressa — respondeu Benjamin, mostrando seu cartão. — Do contrário acho que vou mandar transferi-lo para Tashkent. Bela paisagem, mas sem banheiros individuais... *Mexa-se*, seu cretino!

— Cal-if-fórnia, aqui vou...

— Cale a boca!

— Ele está *aqui!* Lá está o caminhão-tanque. Bem ali. — Jason apontou para o veículo enorme, bem mais alto do que os carros e furgões espalhados no estacionamento.

— Um caminhão-tanque? Como você descobriu? — perguntou Benjamin, atônito.

— Aquele caminhão deve ter capacidade para 50 mil litros. Combinado com os explosivos de plástico, estrategicamente colocados, é o bastante para destruir as ruas e aquelas estruturas falsas de madeira velha e seca.

— *Slushaytye!* — berraram os vários alto-falantes ao redor do túnel, pedindo atenção, pois as explosões tinham realmente diminuído. O coronel subiu no telhado de concreto da casa baixa da guarda, com um microfone na mão, iluminado pelos poderosos holofotes.

— O terremoto passou — gritou ele, em russo. — E embora os danos extensivos e o fogo possam continuar por toda a noite, a crise *passou...!* Fiquem perto da margem do rio, e nossos camaradas da equipe de manutenção farão o melhor possível para providenciar tudo de que precisam... Essas são as ordens dos nossos superiores, camaradas. Não nos dêem nenhum motivo para usar a força, eu lhes *peço*.

— Que terremoto? — gritou um homem na primeira fila do povo, em pânico. — Você diz que é um terremoto e todos nos dizem que é um terremoto mas vocês têm o cérebro na barriga! Já passei por dois terremotos e *isto* não é terremoto nenhum. É um ataque armado!

— Isso mesmo, sim, um ataque!

— Estamos sendo atacados!

— Invadidos! É uma *invasão!*

— Abram o túnel e nos deixem sair, do contrário vão ter de nos matar. Abram o *túnel!*

O coro de protestos vinha de todos os lados e os soldados ficaram firmes, com as baionetas caladas. O coronel continuou com o rosto contraído, a voz quase igual à histeria do povo.

— Escutem e façam uma pergunta a vocês mesmos! — berrou ele. — Estou dizendo, como me disseram, que isto *é* um terremoto e sei que é verdade. Tem mais, vou dizer *como* sei que é verdade... Vocês ouviram um único tiro? Sim, essa é a *questão!* Um único tiro? Não, não ouviram!... Aqui, como em todos os complexos e em todos os setores desses complexos, existem policiais, soldados e instrutores armados. Suas ordens são para repelir pela força qualquer demonstração de violência, para não falar em invasores armados! Porém, em nenhum desses lugares foi dado um tiro...

— O que ele está berrando? — perguntou Jason, voltando-se para Benjamin.

— Está tentando convencer o povo de que é — ou *foi* — um terremoto. Eles não acreditam, pensam que é uma invasão. Ele está dizendo que não pode ser porque não houve nenhum tiroteio.

— Tiroteio?

— Essa é a prova que ele está apresentando. Ninguém está atirando em ninguém e na certa estariam, se fosse um ataque armado. Sem tiroteio não tem ataque.

— *Tiros...?* — Bourne agarrou o braço do jovem soviético, fazendo-o virar para o povo. — Diga a ele para parar. Pelo amor de Deus, *faça o homem parar de falar!*

— O quê?

— Ele está dando ao Chacal a deixa que ele espera — que ele precisa!

— Agora, do que você está falando?

— Tiroteio... tiros, confusão!

— *Nyet!* — Uma mulher abriu caminho entre a multidão e gritou para o oficial iluminado pelos holofotes. — As explosões são bombas! Lançadas do alto por bombardeiros!

— Que tolice! — respondeu o coronel. — Se fosse um ataque aéreo, nossos aviões de Belopol estariam todos no céu!... As explosões vieram da terra, o fogo, da terra, dos gases *lá embaixo...*

Foram as últimas palavras do coronel.

Uma rajada de balas, vinda das sombras do estacionamento, ao lado do túnel, atingiu o oficial e seu corpo sem vida caiu, desaparecendo atrás da casa da guarda. O povo enlouqueceu. O cordão de soldados “americanos” partiu-se e a multidão niilista substituiu o caos. A entrada do túnel, estreita e protegida pela cerca, foi arrombada, e o povo em desordem, uns por cima dos outros, empurrando e caindo, correu para a entrada da passagem sob a água. Jason puxou o jovem instrutor para trás, para fora do caminho da horda frenética, sem tirar os olhos da parte escura do estacionamento.

— Você sabe fazer funcionar o mecanismo do túnel? — gritou ele.

— Sei! Todos nós, da direção, sabemos, faz parte do nosso trabalho.

— Os portões de ferro de que você me falou?

— É claro.

— Onde ficam os mecanismos?

— Na casa da guarda.

— Entre lá! — gritou Bourne, tirando do bolso um dos três últimos sinalizadores e entregando-o a Benjamin. — Tenho mais dois destes e duas granadas... Quando eu atirar um dos sinalizadores por cima do povo, abaixe os portões *deste lado* — *só deste lado*, compreendeu?

— Para quê?

— *Minhas regras*, Ben. *Faça!* Depois acenda o sinalizador e atire pela janela para que eu saiba que os portões foram abaixados.

— E depois?

— Uma coisa que você talvez não queira fazer, mas que *tem* de ser feita... Apanhe a 47 do coronel morto e obrigue a multidão a voltar para a rua. Atire no chão, na frente deles — ou acima —, faça o que for preciso, mesmo que tenha de ferir alguns. Seja como for, tem de ser feito. Eu preciso encontrar e isolar o Chacal, acima de tudo afastá-lo de qualquer pessoa que esteja tentando sair daqui.

— Você é um louco maníaco — exclamou Benjamin, com as veias saltadas nas têmporas. — Eu posso matar *alguns* — *mais* do que alguns! Você está doido!

— Neste momento sou o homem mais racional que você já viu — disse Jason asperamente, olhando para os habitantes de Novgorod que passavam correndo por eles. — Todos os generais racionais do exército soviético — o mesmo que retomou Stalingrado — concordariam comigo... Chama-se “cálculo estimativo de perdas”, e há uma boa razão. Significa simplesmente que vamos pagar muito menos por aquilo que tomamos agora do que pagaremos se deixarmos para depois.

— Você está pedindo *demais*! Essas pessoas são meus camaradas, meus amigos, são russos. Você atiraria numa multidão de americanos? Um movimento em falso da minha mão — um milímetro ou dois, na 47 — e posso ferir ou matar meia dúzia de pessoas! É um risco muito grande!

— Você não tem escolha. Se o Chacal se aproximar de mim — e eu vou *saber* se isso acontecer — atiro uma granada e mato vinte.

— Seu filho da mãe!

— Acredite, Ben. Quando se trata de Carlos, sou um filho da mãe. Não posso mais me dar o luxo de deixá-lo vivo, o mundo também não. *Mexa-se!*

O instrutor chamado Benjamin cuspiu no rosto de Bourne, depois deu meia-volta e começou a abrir caminho para a casa da guarda e o corpo do coronel, atrás dela. Jason limpou o rosto com as costas da mão, num gesto quase automático, toda sua atenção concentrada no estacionamento, os olhos procurando nas sombras a origem dos tiros, sabendo que era inútil. A essa altura o Chacal já devia ter mudado de posição. Além do caminhão-tanque, havia mais nove veículos estacionados ao lado da cerca — duas caminhonetes, quatro sedas e os furgões, todos de fabricação americana ou imitações. Carlos estava escondido atrás de um deles. O caminhão-tanque era o menos provável por estar mais distante do portão que dava acesso à casa da guarda e ao túnel.

Jason avançou agachado até a cerca baixa. O pandemônio continuava ensurdecador atrás dele. Todos seus músculos e juntas latejavam de dor, sentia câimbras no corpo inteiro! *Não pense nisso, não dê importância.* Você está muito perto, David! Continue. Jason Bourne sabe o que deve fazer. Confie nele!

Aiii! Quando saltou a cerca, o cabo da baioneta embainhada enterrou-se nas suas costas, na altura dos rins. *A dor não existe! Você está muito perto, David — Jason. Obedeça a Jason.*

Os holofotes! As luzes enlouqueceram e começaram a girar rapidamente em círculos cegantes, completamente descontroladas. Para onde Carlos podia ir? Onde podia se esconder? Os holofotes iluminavam tudo quase ao mesmo tempo! Então, de uma passagem que ele não podia ver, saíram dois carros de polícia com as sirenas a todo volume. Homens uniformizados saltaram de todas as portas e, ao contrário de qualquer coisa que ele podia esperar, correram para perto da cerca, atrás dos carros e dos furgões, e um a um, passando de um carro para outro, aproximaram-se do portão aberto que levava à casa da guarda e ao túnel.

Houve uma quebra de espaço, de *tempo*. De *homens*! Os últimos quatro homens saídos dos carros eram agora três — e só alguns momentos depois o quarto reapareceu —, mas não era o mesmo homem —, o uniforme era *diferente*! Jason via os pontos vermelhos e cor de laranja no uniforme e o quepe tinha uma fita dourada, a aba era maior do que a aba do quepe americano, a copa pontuda demais. O que *era*?... De repente Bourne compreendeu. Fragmentos de memória espiralaram, voltando no tempo, para Madri ou Casvieja, quando ele estava seguindo os contratos do Chacal com os falangistas. Era um uniforme *espanhol*! Era isso! Carlos havia se infiltrado no complexo espanhol e com seu russo fluente estava usando o uniforme de oficial para escapar de Novgorod.

Jason ficou de pé com a automática na mão e correu pelo estacionamento, com a mão esquerda tirando o penúltimo sinalizador do bolso da túnica. Puxou o cordão e atirou o cilindro aceso por cima dos carros e da cerca. Benjamin não podia ver esse sinal da casa da guarda, assim não o confundiria com o sinal para fechar os portões. Logo Jason enviaria o sinal combinado — dentro de segundos, talvez — mas por enquanto seria prematuro.

— *Eto srochno!* — rugiu um dos fugitivos, voltando-se rapidamente e em pânico para o cilindro de luz cegante.

— *Skoryeye!* — gritou outro, passando na frente dos três companheiros e correndo para a parte aberta da cerca.

Os holofotes continuavam na sua dança louca. Bourne contou os sete vultos quando, um a um, saíram de trás do último carro e passaram pela abertura, misturando-se à multidão na entrada do túnel. O oitavo homem não apareceu. O uniforme de oficial espanhol não estava em lugar algum. O Chacal estava encurralado!

Agora! Jason atirou o último sinalizador aceso com toda força por cima dos homens e mulheres que corriam para o túnel, provocando protestos, gritos e aumentando o caos. Uma arma automática disparou rapidamente duas vezes e comandos ininteligíveis soaram em russo nos alto-falantes... Outra rajada de balas e a mesma voz continuou, mais alta, mais autoritária. A multidão quase silenciou por um momento, e depois os gritos e brados de desespero recomeçaram mais altos do

que nunca. Bourne virou a cabeça e atônito viu Benjamin de pé no telhado da casa da guarda. O jovem instrutor gritava no microfone, pedindo que seguissem suas instruções, que Jason não podia compreender... Mas, fossem quais fossem, foram obedecidas! Aos poucos, tomando impulso, aquela gente apavorada mudou de direção — e como uma só pessoa, começou a correr de volta para a rua! Benjamin acendeu o sinalizador e o sacudiu no ar, apontando para o norte. Era o seu sinal para Jason. O túnel estava fechado e a multidão dispersa sem que Benjamin tivesse feito uso da sua AK-47. O instrutor havia descoberto um meio melhor.

Bourne deitou no chão, examinando a parte de baixo de cada veículo à luz do sinalizador... Viu as pernas — com *botas*. Atrás do terceiro automóvel à esquerda, a uns vinte metros da abertura na cerca que levava ao túnel. Carlos era todo *seu*! O fim estava próximo! Não há *tempo*! *Faça o que tem de fazer e faça depressa*! Pôs a arma no chão e com a granada na mão direita tirou o pino, apanhou a 47 com a mão esquerda e levantando-se, correu para os carros. A uns dez metros, mergulhou outra vez para o chão, girou o corpo de lado e atirou a granada sob o primeiro carro. Assim que a granada saiu da sua mão, Jason percebeu que havia cometido um erro terrível! As pernas sob o carro não se moveram — as botas ficaram onde estavam porque eram apenas isso, *botas*! Jason girou o corpo para a direita, rolando furiosamente nas pedras cortantes, protegendo o rosto, dobrando as pernas contra o peito.

A explosão foi ensurdecadora e os estilhaços mortais subiram para o céu noturno, cintilando nos fachos de luz dos holofotes. Fragmentos de metal atingiram os braços e as pernas de Jason. Mexa-se, *mexa-se*, gritou a voz em sua mente. Jason ficou de joelhos, depois de pé no meio da fumaça do carro em chamas. Nesse momento, o chão de cascalho explodiu em volta dele. Correu em ziguezague para a proteção do veículo mais próximo, um furgão quadrado. Jason foi atingido duas vezes, no ombro e no quadril! Girou o corpo para o lado do carro no momento exato em que o pára-brisa traseiro explodiu.

— Você não é *páreo* para mim, Jason Bourne! — gritou Carlos, o Chacal atirando com sua automática. — Nunca *foi*! Você é um farsante, uma *fraude*!

— Que seja — rugiu Bourne. — Pois então venha me pegar!

Jason correu para a porta esquerda da frente do furgão, abriu-a, voltou para a parte de trás e se agachou, com o rosto encostado no carro, o Colt 45 pronto para atirar. O sinalizador apagou, com um silvo longo, e o Chacal parou de atirar. Bourne compreendeu. Carlos estava na frente da porta aberta, inseguro, indeciso... só tinha alguns segundos para resolver. Então de fechou a porta do furgão com o cano da arma. *Agora*!

Jason saltou para o lado do furgão, atirando no uniforme espanhol. A arma voou da mão do Chacal. *Um, dois, três*. As cápsulas saltavam no ar — e então tudo

parou! As explosões foram substituídas por um estalido seco. A arma de Jason falhou! Carlos saltou para apanhar sua arma no chão com o braço esquerdo imóvel e sangrando, mas a mão direita forte ainda. Agarrou a arma como um animal enlouquecido.

Bourne tirou a baioneta da bainha e saltou para a frente, tentando acertar com a lâmina o braço direito do Chacal. *Tarde demais!* Carlos apontou a arma! Jason atirou-se para a frente e segurou o cano quente da automática — não largue, não largue! *Você não pode largar! Gire o cano para o lado! Para a esquerda! Use a baioneta — não, não use! Deixe cair a baioneta! Use as duas mãos!* As ordens conflitantes colidiram em sua mente, *loucura*. Jason não tinha mais fôlego, não tinha forças, não conseguia focalizar a vista — o *ombro*. Como Bourne, o Chacal fora ferido no ombro direito!

Fique firme! Alcance o ombro dele, mas *fique firmei* Num último e desesperado impulso, Bourne avançou e atirou Carlos contra o lado do furgão, esbarrando no ombro ferido do Chacal. Carlos gritou, deixou cair a arma e com o pé a empurrou para baixo do veículo.

De repente, um golpe, vindo Jason não sabia de onde, o atingiu, e foi como se sua cabeça tivesse sido aberta ao meio. Então compreendeu. Tinha escorregado no cascalho coberto de sangue e batido a cabeça na grade de metal do furgão. Não importava — *nada* importava! Carlos, o Chacal, estava fugindo! No meio da confusão, não seria difícil para ele sair de Novgorod. Tudo aquilo para *nada!*

Mas Jason tinha ainda uma granada. Por que não? Bourne tirou o pino e atirou a granada por cima do furgão, no meio do estacionamento. Seguiu-se a explosão e Jason levantou-se. Talvez Benjamin, ouvindo a explosão, compreendesse que devia dirigir a atenção para aquela área.

Cambaleando, quase sem poder andar, Jason dirigiu-se para a abertura na cerca que levava à casa da guarda e ao túnel. *Oh, Deus, Marie, eu falhei! Eu sinto muito. Nada! Tudo isso por nada!* E então, como se todo Novgorod estivesse rindo dele, viu que alguém abria as portas do túnel, convidando o Chacal para a liberdade.

— *Archie...?* — A voz atônita de Benjamin flutuou sobre os sons do rio, e Jason viu o jovem soviético correndo para ele. — Cristo santíssimo, pensei que você estivesse *morto*.

— Então você abriu os portões e deixou fugir o homem que me executou — gritou Jason. — Por que não pediu uma limusine para ele?

— Sugiro que olhe outra vez, professor — respondeu Benjamin, ofegante, parando na frente de Bourne, examinando o rosto com equimoses e a roupa ensangüentada. — A idade enfraqueceu seus olhos.

— O quê?

— Você quer portões, pois terá portões. — O instrutor gritou uma ordem, em

russo, para alguém na casa da guarda. Segundos depois as pesadas portas de ferro desceram outra vez, cobrindo a entrada do túnel. Mas havia alguma coisa estranha. Bourne não tinha visto as portas abaixadas antes, porém não eram o que tinha imaginado. Pareciam... inchadas, distorcidas. — Vidro — disse Benjamin.

— Vidro? — perguntou Jason.

— Nas duas extremidades do túnel, paredes de vidro com quinze centímetros de espessura, hermeticamente fechadas.

— Do que você está falando?

O russo não precisou explicar. De repente, como uma série de ondas gigantescas contra o vidro de um aquário, o Rio Volkhov invadiu o túnel. Então, no meio da massa líquida revolta e violenta apareceu um objeto... uma coisa, uma forma, um *corpo*! Bourne arregalou os olhos e abriu a boca para o grito de horror que não conseguiu emitir. Reunindo as forças que lhe restavam ele correu, caindo duas vezes de joelhos, ganhando velocidade a cada passo, na direção da parede maciça de vidro que fechava a entrada do túnel. Ofegante, apoiou as duas mãos no vidro e assistiu à cena macabra a poucos centímetros dos seus olhos. O corpo grotesco de Carlos, o Chacal, com o uniforme espanhol, ia e vinha, batendo nas grades de aço do portão, o rosto contraído cheio de ódio, os olhos esgazeados maldizendo a morte que o reclamava.

Os olhos frios de Bourne assistiam satisfeitos, seus lábios apertados numa linha fina e rígida, o rosto de um matador, um matador entre matadores, o vencedor. Por um momento, David Webb apareceu, com olhar suave, lábios entreabertos, o rosto de um homem que havia tirado dos seus ombros o peso d'um mundo que ele detestava.

— Ele se foi, Archie — observou Benjamin ao lado dele. — O miserável não pode voltar.

— Você inundou o túnel — disse Bourne simplesmente. — Como sabia que era ele?

— Você não tinha uma automática, mas ele sim. Francamente, pensei que a profecia de Krupkin ia — como posso dizer — se realizar. Você estava morto e seu assassino ia procurar o caminho mais fácil. O uniforme dele confirmou minhas suspeitas. Tudo fazia sentido, de repente, desde o complexo “espanhol”.

— Como conseguiu afastar o povo?

— Eu disse que iam mandar barcas para apanhá-los e levá-los para o outro lado do rio — a uns três quilômetros ao norte... Por falar em Krupkin, preciso sair daqui. *Agora*. Venha, o heliporto fica a seiscentos metros. Usaremos o jipe. Depressa, pelo amor de Deus!

— Instruções de Krupkin?

— De um leito de hospital, ele estava furioso e chocado.

— Por quê?

— Acho melhor você saber. Alguém, no círculo rarefeito — Krupkin não sabe quem —, deu ordens para impedir sua saída de Novgorod a qualquer custo. Para ser mais claro, ninguém podia imaginar que todo o maldito Novgorod explodisse em chamas, e esse é nosso meio de escape.

— *Nosso?*

— Não sou seu executor, outra pessoa quer matá-lo. Eu não sei nada a respeito e, nesta confusão, jamais vou saber.

— *Espere* um pouco. Para onde o helicóptero vai me levar?

— Cruze os dedos, professor e peça para que Krupkin e seu amigo americano saibam o que estão fazendo. O helicóptero vai levá-lo para Yelsk, e de lá, um avião o leva para Zomosc, do outro lado da fronteira polonesa, onde um satélite ingrato permitiu a instalação de um posto de escuta da CIA.

— Cristo, mas é ainda território do bloco soviético.

— O que entendi é que sua gente vai estar preparada. Boa sorte.

— Ben — disse Jason, olhando atentamente para o jovem.

— Por que está fazendo isto? Está desobedecendo uma ordem direta...

— Não *recebi* ordem nenhuma! — interrompeu o russo.

— E mesmo que tivesse recebido não sou um robô. Você tinha um trato e cumpriu sua parte... Além disso, se houver uma chance para minha mãe...

— Há mais do que uma chance — interrompeu Bourne.

— Venha, vamos embora! Estamos perdendo tempo. Yelsk e Zomosc são apenas o começo para você. Terá de enfrentar uma jornada longa e perigosa, Archie.

PÔR-DO-SOL, e a noite descia sobre as ilhas de Montserrat, transformando-as em retalhos verde-escuros, no meio do mar azul e cintilante, e da infundável garoa de espuma branca que se erguia dos recifes de coral, tudo banhado pela luz alaranjada e diáfana do horizonte do Caribe. Na ilha Tranqüilidade as luzes se acendiam, uma depois da outra, e os vultos se moviam dentro das casas e nas varandas iluminadas pelos últimos raios do sol. As brisas suaves espalhavam o perfume dos hibiscos e das poinsettias pela folhagem tropical e um barco pesqueiro solitário dirigia-se para a terra, com sua carga de peixe para a cozinha do hotel.

Brendan Patrick Pierre Prefontaine levou sua garrafa de Perrier para a varanda da Vila Dezessete, onde Johnny St. Jacques, encostado na grade, tomava seu rum e tônica.

— Em quanto tempo você acha que pode reabrir o hotel? — perguntou o ex-juiz de Boston, sentando-se ao lado da mesa de ferro batido.

— Os danos estruturais podem ser consertados em algumas semanas — respondeu o dono do Hotel Tranqüilidade —, mas o efeito psicológico do que aconteceu aqui vai demorar mais tempo para desaparecer, muito mais tempo.

— Quanto tempo?

— Vou esperar uns quatro ou cinco meses para enviar os primeiros folhetos — será tarde para as reservas da estação, mas Marie concorda. Fazer qualquer coisa antes, além de parecer de mau gosto, pode servir apenas para reacender as fofocas... Terroristas, traficantes de drogas, governo corrupto na ilha — não queremos e não merecemos isso.

— Bem, como eu já disse, posso pagar minha estadia — disse o ex-juiz do tribunal federal distrital de Massachusetts. — Talvez não os seus preços de temporada, meu caro, mas o suficiente para cobrir as despesas de uma vila, mais um pouco para a caixinha do hotel.

— E como eu já disse, esqueça. Eu. lhe devo mais do que posso pagar. Tranqüilidade é todo seu, pelo tempo que quiser. — St. Jacques olhou para o barco pesqueiro e depois sentou-se de frente para Prefontaine. — Eu me preocupo com o povo da ilha, nos botes e na praia. Antes, três barcos nos traziam o peixe fresquinho. Agora é só um para nós e para o que restou do pessoal do hotel — todos recebendo metade do salário.

— Então você precisa do meu dinheiro.

— Ora, juiz, que *dinheiro*? Não quero parecer impertinente, mas Washington

me deu todas as informações a seu respeito. Há anos você vive do que ganha nas ruas.

— Ah, sim, Washington — disse Prefontaine, erguendo o copo para o céu laranja e azul. — Como sempre, está a doze passos do crime — vinte passos no que se refere à *sua* própria criminalidade.

— Do que está falando?

— De Randolph Gates, é disso que estou falando — *de quem* estou falando.

— Aquele miserável de Boston! O que pôs o Chacal na pista de David?

— O novo Randolph Gates, comoventemente reformado, Johnny. Reformado em tudo, exceto no que se refere à restituição do dinheiro que deve, devo acrescentar... Conservando ainda a mente e a consciência que eu conheci em Harvard há muitos anos. Não o mais brilhante, não o melhor, mas com a habilidade literária e de oratória que imitam um brilhantismo que jamais existiu.

— Mais uma vez, de que diabo você está falando?

— Eu o visitei há alguns dias no centro de reabilitação, em Minnesota, ou Michigan, não me lembro, porque viajei de primeira classe e serviam quantos drinques fossem pedidos. Seja como for, nós conversamos e concluímos nosso acordo. Ele mudou de *lado*, Johnny. Agora vai lutar — legalmente — pelo povo, *não* para os conglomerados que compram e vendem só no *papel*. Disse que vai atacar agora os aventureiros e os agentes que fizeram milhões nos mercados e custaram milhares e milhares de empregos.

— Como ele pode fazer isso?

— Ele esteve lá. Ele fez tudo, conhece todos os truques e está disposto a usar seus talentos consideráveis para isso.

— Por que ele vai fazer isso?

— Porque reconquistou Edith.

— Quem, em nome de Deus, é *Edith*?

— A mulher dele... Na verdade, eu ainda a amo. Desde que nos conhecemos, mas naquele tempo, um juiz com mulher e filho, por mais repulsivos que eles fossem, não podia pensar nessas coisas. Randy, o Grande, nunca a mereceu. Talvez agora ele compense os anos perdidos.

— Isso é muito interessante, mas o que tem a ver com nossos planos?

— Será que eu já disse que Lord Randolph Gates fez muito dinheiro durante esses anos perdidos mas muito lucrativos?

— Várias vezes. E daí?

— Bem, reconhecendo que os serviços prestados por mim resolveram a situação de perigo de vida em que ele se encontrava, sendo que a ameaça vinha de Paris, ele se convenceu da necessidade de me recompensar. Especialmente por causa das coisas que eu sei... Você compreende, depois de algumas lutas sangrentas nos

tribunais, acho que ele vai se candidatar a uma cátedra de juiz. Muito mais alta do que a minha, estou certo.

— *E daí?*

— Daí que, se eu ficar calado, sair de Boston, não soltar a língua, e ficar longe da bebida, seu banco vai me enviar cinqüenta mil dólares por ano pelo resto da minha vida.

— *Jesus Cristo!*

— Exatamente o que eu disse para mim mesmo quando ele concordou. Até fui à missa, pela primeira vez em trinta e tantos anos.

— Você não pode, no entanto, voltar para casa.

— Para casa? —, Prefontaine riu baixinho. — Era mesmo minha casa? Não importa, acho que encontrei outra. Um cavalheiro chamado Peter Holland, da CIA, deu-me uma recomendação para Sir Henry Sykes, aqui em Montserrat, o qual, por sua vez, me apresentou a um advogado londrino aposentado chamado Jonathan Lemuel, nativo da ilha. Estamos nos dando muito bem, mas nenhum de nós está preparado para um tipo diferente de “lar”. Podemos abrir uma firma de consultas, especialista em direito de importação e exportação, nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha. É claro que precisamos nos atualizar, estudar um pouco, mas podemos fazer isso. Espero ficar aqui por muitos anos.

St. Jacques levantou-se rapidamente para apanhar outro drinque, olhando desconfiado para o ex-juiz.

Morris Panov caminhou penosa e cuidadosamente do quarto até a sala de estar da Vila Dezoito, onde Alex Conklin estava sentado numa cadeira de rodas. As ataduras no peito do psiquiatra apareciam através da fazenda fina da *guayabera* branca. Iam até o braço esquerdo, abaixo do cotovelo.

— Levei quase quarenta minutos para enfiar a manga desta coisa inútil — queixou-se ele, zangado.

— Devia ter me chamado — disse Alex, girando a cadeira que estava perto do telefone. — Eu ainda sei manejar bem esta coisa. É claro que tive uns dois anos de experiência antes da minha bota de Quasímodo.

— Muito obrigado, mas prefiro me vestir sozinho — como acho que você preferiu andar sozinho quando colocou a prótese.

— Essa é a primeira lição, doutor. Espero que haja alguma coisa a respeito nos seus livros.

— Há, sim. Chama-se estupidez cretina, ou se preferir, obstinada.

— Não, não é — disse o ex-agente, olhando para Panov que estava se sentando devagar.

— Não... não é — concordou Mo, retribuindo o olhar. — A primeira lição é independência. Pegue toda que puder e continue tentando pegar mais.

— Tem um lado bom, também — disse Alex, ajeitando a atadura do pescoço e sorrindo. — Fica cada vez mais fácil, não mais difícil. A gente aprende novos truques todos os dias. É espantoso o que nossas células cinzentas podem inventar.

— Diga-me, então. Preciso explorar esse campo algum dia... Você estava falando no telefone, com quem?

— Holland. Os fios estão quentes em todos os canais secretos entre Moscou e Washington, os telefones dos dois lados quase paralisados com medo de serem responsabilizados por qualquer vazamento do código.

— Medusa?

— Você nunca ouviu esse nome. *Eu* nunca ouvi esse nome, e ninguém que conhecemos *já* ouviu esse nome. Já houve muita carnificina no mercado internacional — para não falar de alguns baldes de sangue verdadeiro — para questionar agora a sanidade das instituições que controlam os dois governos, os quais, evidentemente, pecaram por estupidez crassa.

— Que tal, simplesmente culpados? — perguntou Panov.

— Há muito poucos no topo para garantir a destruição do todo — esse foi o veredicto de Langley e da Praça Dzerzhinsky. Os chefões do Departamento de Estado e do Conselho dos Ministros do Kremlin concordam. Não adianta nada perseguir ou expor a extensão da conduta ilegal — o que acha disso, *conduta ilegal*? Assassinato, seqüestro, extorsão e corrupção em larga escala, os dois lados do Atlântico fazendo uso do crime organizado, tudo isso vai ser convenientemente etiquetado de “conduta ilegal”! Dizem que é melhor salvar o que podemos com a maior discrição e rapidez possíveis.

— Isso é obsceno.

— Isso é a realidade, doutor. Você está prestes a assistir a uma das maiores farsas da história moderna entre duas potências soberanas... E a verdadeira obscenidade está no fato de que talvez eles estejam certos. Se a Medusa fosse totalmente exposta — e é o único modo pelo qual poderia ser exposta —, o povo, com justa indignação, expulsaria os miseráveis, muitos deles os homens errados, manchados só por associação. Esse tipo de coisa cria verdadeiros vácuos nos altos postos, e esta não é a hora para vácuos de qualquer tipo. Melhor os demônios conhecidos do que os desconhecidos que virão depois.

— Então, o que vai acontecer?

— Negociação — disse Conklin, pensativamente. — As operações da Medusa cobrem uma área tão extensa, geográfica e estruturalmente falando, que é quase impossível desfazer completamente a rede. Moscou vai mandar Ogilvie de volta com uma equipe de analistas financeiros que junto com os nossos vão começar o desmantelamento da organização. Holland prevê uma minirreunião econômica de cúpula, muito discreta, com a presença de ministros das finanças da OTAN e dos

países do bloco oriental. Sempre que os bens da Medusa possam se manter independentemente ou possam ser absorvidos por suas economias individuais, isso será feito por meio de acordos restritos entre todas as partes. A questão principal é evitar pânico financeiro com o fechamento em massa de fábricas e das companhias de venda de matéria-prima.

— O que enterraria para sempre a Medusa — disse Panov. — É também a história, não registrada, não reconhecida, como tem sido desde o começo.

— Acima de tudo isso — concordou Alex —, por omissão e comissão sobra muita coisa para todos.

— E homens como Burton ou os Chefes da Junta, e Atkinson em Londres?

— Nada mais que mensageiros e testas-de-ferro. Estão afastados por motivos de saúde, e pode acreditar, eles compreendem.

Com uma careta, Panov ajeitou o corpo dolorido na cadeira.

— Não compensa seus crimes, mas o Chacal prestou um serviço, não acha? Se você não estivesse caçando Carlos, não teria encontrado a Medusa.

— A coincidência do mal, Mo — disse Conklin. — Não estou pensando em recomendar uma medalha póstuma.

— Eu diria que é mais do que coincidência — observou Panov, balançando a cabeça. — Em última análise, David estava certo. Forçada ou não, existia a conexão. Alguém da Medusa fez com que um assassino, ou assassinos, usando o nome de Jason Bourne, eliminasse um alvo muito visível no território do Chacal. Essa pessoa sabia exatamente o que estava fazendo.

— Está falando de Teagarten, é claro.

— Sim. Uma vez que Bourne estava na lista de morte da Medusa, nosso traidor patético, DeSole, teve de contar o que sabia sobre a operação Treadstone, talvez sem conhecer esse nome, mas conhecendo os fatos essenciais. Quando souberam que Jason — David — estava em Paris, usaram o roteiro original, ou seja, Bourne contra o Chacal. Matando Teagarten daquele modo, estavam certos de ter recrutado o parceiro mais mortal que podiam encontrar para localizar e assassinar David.

— Isso nós sabemos. E daí?

— Alex, você não vê? Pensando em tudo isso, Bruxelas foi o começo do fim e no fim David usou aquela acusação falsa para avisar Marie que ele estava vivo, para que Marie dissesse a Holland que ele estava vivo. O mapa com a cidade de Anderlecht marcada com um círculo vermelho.

— Ele deu esperanças, foi isso. Eu não confio muito em esperança, Mo.

— Ele fez mais do que dar esperança. Aquela mensagem fez com que Holland preparasse todas as estações da Europa para esperar Jason Bourne, assassino, e usar todos os meios possíveis para trazê-lo de volta.

— Funcionou. Às vezes esse tipo de coisa não funciona.

— Funcionou porque algumas semanas atrás um homem chamado Jason Bourne compreendeu que para caçar Carlos precisava criar uma conexão entre ele e o Chacal, uma conexão há muito esquecida que tinha de voltar à superfície. Ele *conseguiu*, você conseguiu!

— De um modo muito indireto e complicado — admitiu Conklin. — Estávamos procurando, nada mais. Possibilidades, probabilidades, abstrações — era só o que tínhamos.

— Abstrações? — perguntou Panov. — Um termo erradamente interpretado como passivo. Tem idéia da revolução que as abstrações podem provocar na mente?

— Eu nem sei do que você está falando.

— Aquelas células cinzentas, Alex. Elas ficam malucas, girando como minúsculas bolas de pingue-pongue, procurando passagem nos túneis minúsculos, atraídas pelas próprias compulsões.

— Agora estou boiando.

— Você mesmo disse, a coincidência do mal. Mas eu sugiro outro condutor — o *ímã* do mal. Foi isso que você e David criaram, e dentro do campo magnético estava a Medusa.

Conklin girou a cadeira e foi para a varanda, para o brilho alaranjado que descia no horizonte, além das ilhas verde-escuras de Montserrat.

— Eu gostaria que tudo fosse tão simples como você diz, Mo — falou rapidamente. — Mas infelizmente não é.

— Explique.

— Krupkin é um homem morto.

— *O quê?*

— Eu lamento o amigo e um inimigo fantástico. Ele possibilitou tudo para nós e no fim fez o que era certo, não o que lhe ordenaram. Permitiu que David vivesse e agora está pagando por isso.

— O que aconteceu com ele?

— Segundo Holland, ele desapareceu do hospital em Moscou há cinco dias — simplesmente pegou suas roupas e saiu. Ninguém sabe como fez isso, nem para onde foi, mas uma hora depois da sua partida, o KGB chegou para prendê-lo e levá-lo para a Lubyanka.

— Então não o apanharam...

— Mas vão apanhar. Quando o Kremlin dá uma ordem de Alerta Negro, todas as estradas, estações de trens, aeroportos e postos de fronteiras são colocados sob um microscópio. Os incentivos são irresistíveis. Quem o deixar sair passa dez anos num gulag. É uma questão de tempo. *Droga!*

Bateram na porta e Panov disse:

— Está aberta, porque é mais fácil. Entre.

Entrou o subgerente, Sr. Pritchard, imaculadamente vestido, precedido por uma mesa de serviço de quarto que ele podia empurrar sem se curvar nem um milímetro. Com um sorriso imenso anunciou sua presença e sua missão.

— Buckingham Pritchard, às suas ordens, cavalheiros. Eu trago alguns petiscos do mar para sua reunião colegial, antes da refeição da noite, cujo preparo eu assisti pessoalmente ao lado do *chef* que, todos sabem, é propenso a erros sem a orientação experiente que tive o maior prazer de fornecer.

— Colegial? — disse Alex. — Deixei a droga de colégio há quase 35 anos.

— Obviamente não restou nada, no que concerne às nuances da língua inglesa — murmurou Morris Panov. — *Diga-me*, Sr. Pritchard, não está com um calor horrível dentro dessas roupas? *Eu estou suando como um porco.*

— Nenhuma nuance, apenas um chavão não provado — resmungou Conklin.

— Eu não transpiro, senhor — respondeu o subgerente.

— Aposto minha aposentadoria como você “transpirou” quando o Sr. St. Jacques voltou de Washington — disse Alex. — Cristo santíssimo, Johnny um “terrorista”!

— O incidente já foi esquecido, senhor — disse Pritchard estoicamente. — O Sr. Saint Jay e Sir Henry compreenderam que meu brilhante tio e eu estávamos pensando somente no bem das crianças.

— Sei, sei, sei — observou Conklin.

— Vou preparar os canapés, cavalheiros, e verificar o gelo. Os outros estarão aqui dentro de alguns minutos.

— Muita bondade sua — disse Panov.

Encostado na grade da varanda, David Webb observava Marie que terminava de ler uma história para o filho. A imponente Sra. Cooper cochilava numa poltrona. A cabeça de cabelos negros com fios branco-prateados oscilava sobre o peito generoso como se esperasse a todo momento ouvir o choro da pequena Alison no quarto ao lado. As cadências da voz suave de Marie interpretavam os personagens e o sentido da história, como provavam os olhos atentos e os lábios entreabertos de Jamie. Se não fosse por sua mente analítica que ouvia música nos números, ela podia ser uma atriz, pensou David. Marie tinha os atributos superficiais dessa profissão — um belo rosto, uma presença marcante, o *sine qua non* que fazia silenciar homens e mulheres quando aparecia em algum lugar.

— Papai, você pode ler para mim amanhã?

A história terminou, Jamie saltou do sofá e a Sra. Cooper abriu os olhos.

— Eu quis ler esta noite — defendeu-se David.

— Bem, é que ainda você cheira esquisito — disse o garoto, franzindo a testa.

— Seu pai não tem nenhum cheiro, Jamie, eu já disse — explicou Marie, com um sorriso. — É o remédio que o médico mandou usar nos machucados.

— Ele cheira, sim.

— Não se pode discutir com uma mente analítica quando ela está certa, não concorda? — disse David.

— É muito cedo para ir dormir, mamãe! Posso acordar Alison e ela vai começar a chorar outra vez.

— Eu sei, meu bem, mas papai e eu temos de visitar seus tios...

— É meu novo avô! — exclamou o garoto com entusiasmo. — O vovô Brendan disse que vai me ensinar a ser juiz algum dia.

— Que Deus te ajude, Jamie — disse a Sra. Cooper.

— Aquele homem se veste como um pavão na época do acasalamento.

— Você pode ir ver televisão no nosso quarto — disse Marie rapidamente. — Mas só por meia hora...

— *Puxa!*

— Está bem, talvez uma hora, mas a Sra. Cooper escolhe os programas.

— Obrigado, mamãe! — Jamie correu para o quarto dos pais seguido pela Sra. Cooper.

— Bem, eu posso ficar um pouco com ele — disse Marie, levantando-se.

— Não, Miss Marie — protestou a Sra. Cooper. — Fique com seu marido. Esse homem está sentindo muita dor e não diz nada. — Ela saiu da sala.

— É verdade, meu bem? — perguntou Marie. — Você está sentindo dor?

— Detesto destruir o mito da incontestável percepção de uma grande dama, mas ela está errada.

— Por que você tem de usar tantas palavras, quando uma seria suficiente?

— Porque sou supostamente um erudito estudioso» Nós, os acadêmicos, jamais tomamos o caminho direto porque não nos oferece nenhum desvio para o caso de estarmos errados. O que você é, uma antiintelectual?

— Não — respondeu Marie. — Como vê, esse é um “declarativo” simples de uma só palavra.

— O que é um “declarativo”? — perguntou Webb. Ele a tomou nos braços e beijaram-se longa e amorosamente.

— É o caminho mais curto para a verdade — disse Marie, inclinando a cabeça para trás para olhar para o marido. — Nada de desvios, nada de circunlóquios, apenas fatos. Como: cinco mais cinco são dez, não nove ou onze, mas dez.

— Você é um dez.

— Isso é banal, mas eu aceito... Você *está* menos tenso, posso senti-lo outra vez. Jason Bourne está desaparecendo, não está?

— Quase completamente. Enquanto você estava com Alison, Ed McAllister, da Agência de Segurança Nacional, me telefonou. A mãe de Benjamin está a caminho de Moscou.

— Ora, isso é *maravilhoso*, David.

— Mac e eu rimos no telefone e enquanto estávamos rindo, eu lembrei que nunca tinha visto nem ouvido McAllister rir assim. Foi muito bom.

— Ele mal disfarçava o sentimento de culpa — era evidente. Foi ele quem nos mandou para Hong Kong e nunca se perdoou por isso. Agora você está de volta, vivo e livre. Não sei se *eu* posso perdoá-lo, mas pelo menos não vou mais desligar cada vez que ele telefonar.

— Mac vai gostar disso. Na verdade, eu disse para ele telefonar, que você era até capaz de convidá-lo para jantar qualquer dia destes.

— Eu não fui tão longe.

— A mãe de Benjamin? Aquele garoto salvou minha vida.

— Talvez um pequeno ajantarado.

— Tire as mãos de cima de mim, mulher. Dentro de quinze segundos vou expulsar Jamie e a Sra. Cooper do nosso quarto e exigir meus direitos de marido.

— É uma tentação, Átila, mas acho que Johnny está à nossa espera. Dois indivíduos rabugentos e um ex-juiz superimaginativo são mais do que um rancheiro do Ontário pode agüentar.

— Eu gosto de todos eles.

— Eu também. Vamos.

O sol do Caribe desapareceu e só uma névoa alaranjada iluminava o horizonte. As chamas das velas dentro dos vidros protetores estavam firmes, apontando para o alto, a fumaça espiralando acima delas, sua luz aconchegante desenhando sombras na varanda da Vila Dezoito. A conversa era também agradável e descontraída — os sobreviventes comemorando sua libertação do pesadelo.

— Eu expliquei enfaticamente para Dandy Randy que a doutrina de *stare decisis* tem de ser questionada, se o tempo alterou as interpretações existentes quando foram determinadas as decisões originais — disse Prefontaine. — Mudança, *mudança* — o resultado inevitável do calendário.

— Isso é tão óbvio. Não posso imaginar ninguém discutindo esse assunto — disse Alex.

— Oh, Inunde-os-Portões fazia sempre uso disso, confundindo os jurados com sua erudição e confundindo seus colegas com *múltipla decisis*.

— Espelhos e fumaça — disse Marie, rindo. — Fazemos o mesmo em economia. Lembra-se, Johnny, quando eu disse isso?

— Não compreendi nem uma palavra. E ainda não compreendo.

— Nada de espelhos ou de fumaça no campo da medicina — disse Panov. — Pelo menos, não onde os laboratórios são monitorados e os exploradores dos produtos farmacêuticos são proibidos. Avanços legítimos são validados todos os dias na medicina.

— Sob muitos aspectos é o objetivo básico da nossa Constituição — continuou o ex-juiz. — É como se nossos Fundadores tivessem lido Nostradamus mas não quisessem admitir suas frivolidades, ou talvez tivessem estudado os desenhos dos aparelhos voadores de Da Vinci. Compreenderam que não poderiam legislar para o futuro, pois não tinham idéia de como seria, nem o que a sociedade iria precisar para sua futura liberdade. Eles criaram omissões brilhantes.

— Não aceitas como tais pelo brilhante Randolph Gates, se não me falha a memória — disse Conklin.

— Oh, ele vai mudar depressa, agora — afirmou Prefontaine, com uma risada. — Ele sempre foi o companheiro jurado do vento e é bastante esperto para ajustar as velas quando precisa navegar contra ele.

— Muitas vezes eu fico pensando o que aconteceu com a mulher da lanchonete casada com um homem chamado “Bronk” — disse o psiquiatra.

— Tente imaginar uma casa pequena com cerca de madeira, *et cetera* — sugeriu Alex. — Assim é mais fácil.

— Que mulher de caminhoneiro? — perguntou St. Jacques.

— Esquece, Johnny, eu prefiro não saber — disse Marie.

— Ou aquele filho da mãe de médico do exército que me encheu de Amital — insistiu Panov.

— Está dirigindo uma clínica em Leavenworth — disse Conklin. — Eu me esqueci de dizer... São tantos, tão loucos. E Krupkin. O maluco velho Kruppie, com sua elegância e tudo. Devemos muito a ele, mas não podemos ajudar.

Por um breve momento, todos pensaram no homem que corajosamente tinha desafiado um sistema monolítico que exigia a morte de David Webb, que estava agora encostado na grade da varanda olhando para o mar escuro, de certo modo separado física e mentalmente dos outros. Ia levar tempo, ele estava certo. Jason Bourne tinha de desaparecer, tinha de *abandoná-lo*. Quando? *Não agora!* Saída da noite que acabava de chegar, a loucura recomeçou! O ruído de vários motores quebrou o silêncio do céu como ziguezagues furiosos de relâmpagos. Três helicópteros militares mergulharam na direção do cais de Tranquilidade, varrendo a costa com rajadas de balas, enquanto um potente barco de corrida passava pelos recifes, na direção da praia. St. Jacques estava no intercom.

— *Alarme na praia!* — gritou ele. — Apanhem suas armas!

— Cristo, o Chacal está *morto* — gritou Conklin.

— Seus malditos *discípulos* não estão — disse Jason Bourne, sem o menor vestígio de David Webb no rosto ou na voz, empurrando Marie para o chão e tirando uma arma do cinto, uma arma cuja existência Marie ignorava. — Disseram a eles que ele estava aqui!

— É loucura!

— Isso é *Carlos!* — respondeu Jason, correndo para a varanda. — Ele os possui! Eles pertencem a Carlos para sempre.

— *Merda!* — rugiu Alex, manejando a cadeira de rodas e puxando Panov para longe da mesa e das velas.

De repente, ouviram os estalidos de estática e o piloto de um dos helicópteros disse, no alto-falante a todo volume:

— Você viu o que fizemos na praia, *mon*. Vamos parti-lo pelo meio se não desligar seu motor!... Assim é melhor, *mon*. Deixe as ondas o levarem para a praia — *só as ondas*, nada de motor e saiam os dois para o convés com as mãos para fora, sobre a amurada! Façam isso *agora!*

Os holofotes dos dois helicópteros iluminaram o barco, enquanto o primeiro descia na praia com os rotores girando, levantando areia. Quatro homens desceram com as armas apontadas para o barco. Os que estavam na Vila Dezoito olhavam atônitos a cena na praia.

— *Pritchard!* — gritou St. Jacques. — Traga-me o binóculo!

— Está em minhas mãos, Sr. St. Jay — oh, aqui está. — O subgerente entregou o potente binóculo para seu patrão. — Eu consegui limpar as lentes, senhor!

— O que você está vendo? — Bourne perguntou rapidamente.

— Não sei. Dois homens.

— Um belo *exército!* — disse Conklin.

— Deixe ver — ordenou Jason, tirando o binóculo das mãos do cunhado.

— O que é, David? — gritou Marie, vendo o espanto no rosto do marido.

— É Krupkin — disse ele.

Sentado à mesa branca de ferro, com o rosto muito pálido — todo ele, pois tinha tirado a barba — Krupkin recusou-se a falar antes de terminar seu terceiro *brandy*. Como Panov, Conklin e David Webb, estava ferido, evidentemente sofrendo dores atrozes, e como os outros, ele procurava não demonstrar, pois o que o futuro prometia era muito melhor do que o que havia ficado para trás. Parecia se aborrecer profundamente cada vez que olhava para a roupa de qualidade inferior que estava usando, mas erguia os ombros em silêncio, como dizendo que logo estaria de volta ao seu esplendor. Suas primeiras palavras foram para o velho Brendan Prefontaine, examinando a *guayabera* cor de pêssego e a calça azul-real do ex-juiz.

— Gosto dessa roupa — disse, com admiração. — Muito tropical e de bom gosto para o clima.

— Obrigado.

As apresentações foram feitas e o soviético viu-se à frente de uma cerrada barragem de perguntas. Ergueu as mãos, como o Papa no balcão da Praça São Pedro e disse:

— Não vou aborrecer nem perturbar ninguém com os detalhes triviais da minha

fuga da Mãe-Rússia, a não ser para dizer que estou enojado com o alto preço da corrupção e nunca vou me esquecer, nem vou perdoar, as acomodações imundas que fui obrigado a suportar em troca das exorbitantes quantias que gastei... Dito isso, graças a Deus pelo Crédit Suisse e por aqueles lindos cupons verdes que eles emitem.

— Conte o que aconteceu — disse Marie.

— *Você*, minha cara senhora, é ainda é mais bonita do que imaginei. Se nos tivéssemos conhecido em Paris eu a teria roubado deste maltrapilho dickensiano que chama de marido. *Nossa*. Vejam que cabelo glorioso!

— Ele provavelmente não sabe dizer a cor do meu cabelo — disse Marie, sorrindo. — Você será a ameaça que vou manter sobre a cabeça dele.

— Porém, para a idade, ele é muito competente.

— Isso porque eu o faço tomar uma porção de pílulas, Dimitri, de todo tipo. Agora, conte o que aconteceu.

— O que *aconteceu*? Eles me descobriram, foi isso que aconteceu! Confiscaram minha bela casa em Genebra! Agora é um anexo da embaixada soviética. É de cortar o coração!

— Acho que minha mulher está falando deste pobre camponês — disse Webb. — Você estava no hospital em Moscou e descobriu o que alguém tinha reservado para mim — ou seja, a minha execução. Então, você mandou Benjamin me tirar de Novgorod.

— Eu tenho algumas fontes, erros são cometidos nos altos postos e não vou incriminar ninguém citando nomes. Simplesmente foi uma coisa errada. Se aprendemos alguma coisa em Nuremberg, foi que ordens obscenas não devem ser obedecidas. Essa lição atravessa fronteiras e penetra em muitas mentes. Nós, na Rússia, sofremos mais, muito mais do que qualquer pessoa na América, durante a guerra. Alguns lembram ainda, e não vamos imitar o inimigo.

— Falou muito bem — disse Prefontaine, erguendo o copo de Perrier para o soviético. — No fim das contas, nós todos fazemos parte da mesma raça humana, pensante e capaz de sentir, não é mesmo?

— Bem — disse Krupkin, tomando a quarta dose de *brandy*. — Além dessa observação atraente, mas muito usada, existem divisões de compromissos, juiz. Não sérios, é claro, mas assim mesmo, variados. Por exemplo, embora minha casa no lago de Genebra não seja mais minha, minha conta nas Ilhas Caimã continua intensamente pessoal. A propósito, a que distância ficam as Caimã daqui?

— Mais ou menos mil e quinhentos quilômetros a oeste — respondeu St. Jacques. — Um jato saindo de Antigua o leva até lá em pouco mais de três horas.

— Foi o que pensei — disse Krupkin. — Quando estávamos no hospital, em Moscou, Alex falava sempre da Ilha Tranquilidade e de Montserrat, por isso

verifiquei no mapa da biblioteca do hospital. Tudo parece seguir seu curso... A propósito, os homens no barco, não vão ser muito severos com eles, vão? Meus papéis escandalosamente falsos estão em ordem.

— O crime que ele cometeu foi ter aparecido assim, não trazer você até aqui.

— Eu estava com pressa, quero dizer, correndo para salvar a vida.

— Já expliquei ao governo da ilha que você é um velho amigo do meu cunhado.

— Ótimo. Muito bom.

— O que você vai fazer, Dimitri? — perguntou Marie.

— Minhas opções são limitadas, eu acho. Nosso urso russo tem mais garras do que as pernas de uma centopéia e além disso conta com uma rede global de computadores. Tenho de ficar enterrado por muito tempo enquanto vou construindo uma nova existência. Desde o nascimento, é claro. — Krupkin voltou-se para St. Jacques. — Seria possível me alugar uma dessas lindas vilas, Sr. St. Jacques?

— Depois do que fez por David e por minha irmã, nem precisa perguntar. Nossa casa é sua casa, Sr. Krupkin, toda ela.

— Quanta bondade. É claro que primeiro tenho de ir até as Caimã onde, me disseram, há excelentes alfaiates, depois, talvez um pequeno iate e em seguida um negócio também pequeno que se possa provar que foi originário da Terra do Fogo ou das Malvinas, ou de outro lugar esquecido de Deus onde por pouco dinheiro se consegue uma identidade e um passado obscuro, mas extremamente legal. Depois que tudo isso estiver funcionando, há um médico em Buenos Aires que faz maravilhas com impressões digitais — um processo indolor, segundo me disseram — e depois uma pequena cirurgia plástica — o Rio tem o melhor, vocês sabem, muito melhor que os de Nova York — só para alterar o perfil e talvez remover alguns anos... Nestes últimos dias e noites não fiz outra coisa senão pensar e planejar, suportando situações que não quero descrever na frente da Sra. Webb.

— Você esteve pensando de verdade — concordou Marie, impressionada. — E por favor, me chame de Marie. Como vou ameaçá-lo com sua imagem se eu sou a Sra. Webb?

— Ah, a adorável Marie!

— E esses seus planos adoráveis? — perguntou Conklin. — Quanto tempo vai precisar para realizar tudo?

— Imagine, você fazer essa pergunta! — Krupkin olhou para Alex, atônito.

— Achei melhor perguntar — disse Alex.

— *Você*, que foi o instrumento da criação da história da vida da maior criação que o mundo do terrorismo internacional já conheceu? O incomparável Jason Bourne?

— Se está me incluindo nisso — disse Webb —, eu estou fora. Minha

especialidade é decoração de interiores.

— Quanto tempo, Kruppie?

— Ora, tenha paciência, homem, você estava treinando um recruta para uma única missão. *Eu* vou mudar uma vida inteira!

— Quanto tempo?

— Diga você, Alex. Agora estamos falando da minha vida. Por mais insignificante que ela possa ser na ordem geopolítica das coisas, ainda é a minha vida.

— Tudo que ele precisar — disse David Webb, com Jason Bourne, invisível, espiando por cima do seu ombro.

— Dois anos para fazer bem, três para fazer melhor — disse Dimitri Krupkin.

— São seus — disse Marie.

— *Pritchard!* — disse St. Jacques. — Por favor me dê um drinque.

EPÍLOGO

ELES CAMINHAVAM pela praia enluarada, ora se tocando, ora se afastando, o constrangimento alternando-se com a intimidade, como se o mundo que os havia separado não os tivesse libertado de sua órbita terrível, puxando-os constantemente para seu núcleo flamejante.

— Você estava com uma arma — disse Marie suavemente. — Eu nem fazia idéia. Odeio armas.

— Eu também. Não estou muito certo, mas acho que nem sabia que tinha uma. Ela apenas estava lá.

— Reflexo? Compulsão?

— Os dois, eu creio. Mas não importa. Eu não a usei.

— Mas queria usar, não queria?

— Também não estou certo. Se você e as crianças fossem ameaçadas, é claro que eu usaria, mas não acredito que seja capaz de atirar indiscriminadamente.

— Tem certeza, David? Será que a mera sugestão de perigo para nós não vai fazer você atirar em sombras?

Passos. Na areia! Ondas batendo contra a inequívoca intrusão do ser humano, uma quebra no fluxo do ritmo natural — sons que Jason Bourne conhecia de centenas de praias! Ele girou o corpo, levantou Marie pela cintura e a atirou com violência para fora da linha de tiro, ao mesmo tempo abaixando-se com a arma na mão.

— Por favor, não me mate, David — disse Morris Panov, iluminando a cena, com sua lanterna. — Simplesmente não teria nenhum sentido. — Jesus, Mo — exclamou Webb. — O que você estava fazendo?

— Tentando encontrá-los, nada mais... Quer fazer o favor de ajudar Marie?

Webb obedeceu, ajudando Marie a se levantar, os dois quase cegos com a luz da lanterna.

— Meu Deus, você é o *espião*! — exclamou Jason Bourne, erguendo a arma. — Você sabia de todos os meus movimentos.

— No *quê*? — gritou o psiquiatra, jogando a lanterna no chão. — Se acredita nisso, por que não me mata, seu *filho da mãe*?

— Eu não sei, Mo, não sei mais nada... — David inclinou a cabeça para trás, num gesto de dor.

— Pois então, chore até não poder mais, seu miserável. Chore como nunca chorou *antes*! Jason Bourne está morto, cremado em Moscou e é assim que tem de

ser. Ou você aceita isso ou não quero me preocupar mais com você! Entendeu isso, sua *criação* brilhante e arrogante? Você fez o que tinha de ser feito, e *acabou!*

Webb caiu de joelhos com os olhos cheios de lágrimas, tremendo, em completo silêncio.

— Vamos ficar bem, Mo — disse Marie, ajoelhando ao lado do marido, amparando-o.

— Eu sei disso — respondeu Panov, balançando a cabeça afirmativamente à luz da lanterna caída no chão. — Duas vidas numa mente, nós não podemos imaginar o que é isso. Mas acabou. Acabou de verdade.

Fim

Este *ePub* teve como base a digitalização em *Doc* feita por Yuna para o grupo **Toca Digital**.

Para este arquivo utilizei uma capa norte-americana, na formatação coincidi alguns detalhes com a capa para manter a estética.

Maio de 2014

LeYtor

^[1] *Snake eyes* — olhos de cobra. No jogo de dados, dois pontos, um resultado perdedor. (N. da T.)

^[2] Alusão à frase “entre Cila e Caribde”, que significa entre dois perigos inevitáveis. (N. da T.)

^[3] WASP — branco, anglo-saxão, protestante, geralmente designando a classe rica, conservadora e privilegiada dos Estados Unidos. (N. da T.)

Table of Contents

PRÓLOGO

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35

[36](#)

[37](#)

[38](#)

[39](#)

[40](#)

[41](#)

[42](#)

[EPÍLOGO](#)